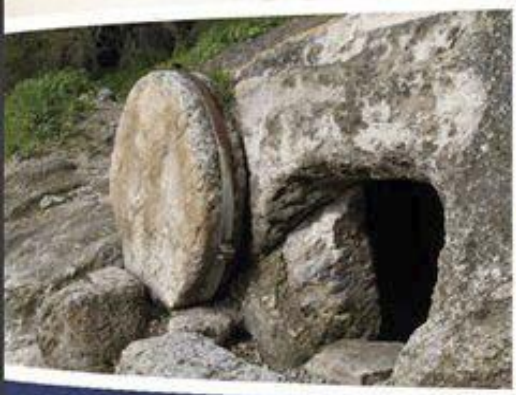
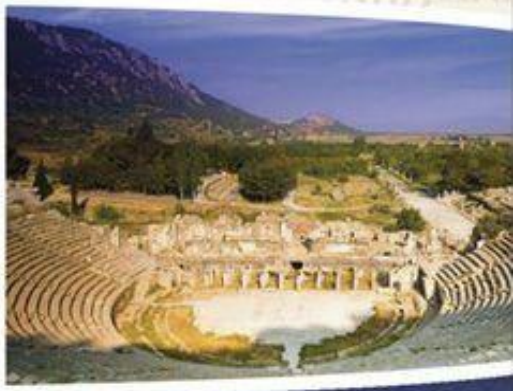
TEACH THE TEXT
COMMENTARY SERIES

ROMANS





C. Marvin Pate

Mark L. Strauss *and* John H. Walton, *General Editors*

TEACH THE TEXT COMMENTARY SERIES

John H. Walton
Old Testament General Editor

Mark L. Strauss
New Testament General Editor

When complete, the TEACH THE TEXT COMMENTARY SERIES *will include the following volumes:*

Old Testament Volumes

Genesis ..... Richard S. Hess
Exodus ..... T. Desmond Alexander
Leviticus and Numbers ..... Joe M. Sprinkle
Deuteronomy ..... Michael A. Grisanti
Joshua ..... Kenneth A. Mathews
Judges ..... Kenneth C. Way
Ruth and Esther ..... Andrew J. Schmutzer
1 & 2 Samuel ..... Robert B. Chisholm Jr.
1 & 2 Kings ..... David W. Baker
1 & 2 Chronicles ..... Robert R. Duke
Ezra and Nehemiah ..... Douglas J. E. Nykolaishen
Esther ..... (see *Ruth*)
Job ..... Daniel J. Estes
Psalms, two volumes ..... C. Hassell Bullock
Proverbs ..... Richard L. Schultz
Ecclesiastes and Song of Songs ... Edward M. Curtis
Isaiah ..... Frederick J. Mabie
Jeremiah and Lamentations .. J. Daniel Hays
Ezekiel ..... John W. Hilber
Daniel ..... Ronald W. Pierce
The Minor Prophets ..... Douglas Stuart

New Testament Volumes

Matthew ..... Jeannine K. Brown
Mark ..... Grant R. Osborne
Luke ..... R. T. France
John and 1–3 John ..... David L. Turner
Acts ..... David E. Garland
Romans ..... C. Marvin Pate
1 Corinthians ..... Preben Vang
2 Corinthians ..... Moyer V. Hubbard
Galatians and Ephesians ..... Roy E. Ciampa
Philippians, Colossians, and Philemon ..... Linda L. Belleville
1 & 2 Thessalonians, 1 & 2 Timothy, and Titus ..... Philip H. Towner
Hebrews ..... Jon C. Laansma
James, 1 & 2 Peter, and Jude ..... Jim Samra
1–3 John ..... (see *John*)
Revelation ..... J. Scott Duvall

Para ver quais títulos estão disponíveis, visite o site da série em

www.teachthetextseries.com.



TEACH THE TEXT
COMMENTARY SERIES

Romans

C. Marvin Pate

Mark L. Strauss and John H. Walton
General Editors

Rosalie de Rosset
Associate Editor



BakerBooks
a division of Baker Publishing Group
Grand Rapids, Michigan

© 2013 por C. Marvin Pate
Seções de legendas e ilustração de texto © 2013 por Baker Publishing Group

Publicado por Baker Books
uma divisão do Baker Publishing Group
PO Box 6287, Grand Rapids, MI 49516-6287
www.bakerbooks.com

Edição de e-book criada em 2013

Correções de e-book 20/09/2013

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou
transmitido em qualquer forma ou por qualquer meio - por exemplo, eletrônico, fotocópia, gravação - sem a permissão prévia por escrito do editor. A única exceção são breves citações em resenhas impressas.

ISBN 978-1-4412-4127-6

Os dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso estão arquivados na Biblioteca do Congresso, Washington, DC.

Salvo indicação em contrário, as citações das Escrituras são da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®. NIV®. Copyright © 1973, 1978, 1984, 2011 por Biblica, Inc. ™ Usado com permissão da Zondervan. Todos os direitos reservados no mundo inteiro.

www.zondervan.com

As citações das escrituras marcadas como ESV são da Bíblia Sagrada, English Standard Version® (ESV®), copyright © 2001 por Crossway, um ministério de publicação da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados. ESV Text Edition: 2007.

As citações bíblicas marcadas com NRSV são da Nova Versão Padrão Revisada da Bíblia, copyright © 1989, da Divisão de Educação Cristã do Conselho Nacional de Igrejas de Cristo nos Estados Unidos da América. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Contrato de licença de fonte “Perspective Sans”: http://www.fontsquirrel.com/license/Perspective-Sans.

Conteúdo

Cobrir eu
Página da série
ii
Folha de rosto
iii
Página de direitos autorais 4
Bem-vindo à série Ensine o Comentário de Texto vii
Introdução à série de comentários para ensinar o texto
ix
Prefácio XI
Abreviações xii

Introdução aos Romanos 1
Romanos 1: 1-7 16
O Evangelho de Deus em Cristo por meio de Paulo
Romanos 1: 8-15 22
A obediência da fé dos gentios
Romanos 1: 16-17 28
O Evangelho da Libertação
Romanos 1: 18-32 34
A história de Israel e a história dos gentios
Romanos 2: 1-11 40
A história de Israel agora e depois
Romanos 2: 12-16 46
A história dos gentios agora e depois
Romanos 2: 17-24 52
Paulo reinterpreta a história de Israel
Romanos 2: 25-29 58

Os Gentios e a Restauração de Israel
Romanos 3: 1-8 64
A Fidelidade de Deus e as Maldições da Aliança sobre Israel Romanos 3: 9-20 70
O mundo inteiro está sob as maldições da aliança
Romanos 3: 21-26 76
A justiça salvadora de Deus e a restauração de Israel
Informações Adicionais 82
Sacrifício | Redenção | Uso de material tradicional por PauloRomanos 3: 27-31 84
Orgulhar-se da Lei versus Justificação pela Fé
Informações Adicionais 90
Fé e Lei em Paulo
Romanos 4: 1-8 92
A história de Abraão versus a história de Israel
Romanos 4: 9-17a 98
A Aliança Abraâmica versus a Aliança Mosaica
Romanos 4: 17b-25 104
Fé, Abraão e o cristão
Romanos 5: 1-4 110
As Bênçãos da Nova Aliança: Paz e Esperança
Romanos 5: 5-11 116
As Bênçãos da Nova Aliança: Amor
Romanos 5: 12-14 122
Adão, a Lei e a Maldição da Aliança
Romanos 5: 15-21 128
A Nova Humanidade como uma Bênção da Nova Aliança
Romanos 6: 1-7 134
Novo Domínio como uma Bênção da Nova Aliança: Morto para o Pecado
Informações Adicionais 140
Os Antecedentes do Batismo Cristão

Romanos 6: 8-14 142

Novo Domínio como Bênção da Nova Aliança: Vivo para Deus Romanos 6: 15-23 148

O Novo Domínio do Cristão: Dedicado à Justiça

Romanos 7: 1-12 154

Liberdade da lei por meio de Cristo, escravidão à lei por meio de Adão

Romanos 7: 13-25 160

“Desventurado Homem Que Eu Sou”: Batalha das Duas Idades dentro do Cristão

Romanos 8: 1-17 166

O Espírito Santo e as Bênçãos da Nova Aliança

Romanos 8: 18-30 172

O Espírito e a Glória da Era Vinda e da Nova Aliança

Romanos 8: 31-39 178

Justificação diante de Deus por causa do Amor de Cristo

Romanos 9: 1-5 184

Israel e as maldições atuais e as bênçãos passadas da aliança

Romanos 9: 6-29 190

Maldições da Aliança para Israel, Bênçãos da Aliança para os Gentios

Romanos 9: 30-10: 5 196

A reversão das maldições e bênçãos deuteronômicas: substituindo a lei pela fé

Informações Adicionais 202

Antecedentes Deuteronômicos | Zealotry | Telos

Romanos 10: 6-21 204

A reversão das maldições e bênçãos deuteronômicas: Justiça pela fé

Romanos 11: 1-10 210

Exílio para Israel Nacional, Restauração para Israel Espiritual

Romanos 11: 11-24 216

A bondade e severidade de Deus

Romanos 11: 25-32 222

O mistério e a misericórdia de Deus

Romanos 11: 33-36 228
O Plano Divino de Salvação
Romanos 12: 1-2 234
Testemunhas da Nova Aliança
Romanos 12: 3-8 240
Serviço na Comunidade da Nova Aliança
Informações Adicionais 246
O pano de fundo das imagens corporais de Paul
Romanos 12: 9-21 248
A Ética de Amor da Nova Aliança
Romanos 13: 1-7 254
Deus e Governo
Romanos 13: 8-14 260
Ética e Escatologia
Romanos 14: 1-12 266
“Fraco e forte” deve se dar bem
Romanos 14: 13-23 272
Cristãos fortes e fracos: a nova e a velha aliança
Romanos 15: 1-13 278
A Unidade dos Fortes e Fracos e a Nova Aliança
Romanos 15: 14-21 284
Paulo, o apóstolo da nova aliança com os gentios
Romanos 15: 22-29 290
Coleção de Paulo para Jerusalém e missão na Espanha
Romanos 15: 30-33 296
Maldições para os incrédulos, bênçãos para os
crentes Romanos 16: 1-2 302
Paulo, Phoebe, Patrocínio e Espanha
Romanos 16: 3-16 308
Saudações de Paulo às Igrejas Romanas
Romanos 16: 17-20 314
Maldições para os Falsos Professores, Bênçãos para os Cristãos Romanos

Romanos 16: 21-23 320

Saudações aos cristãos romanos dos colegas de trabalho de Paulo em Corinto

Romanos 16: 25-27 326

The Doxology

Notas 333

Bibliografia 343

Créditos de imagem 348

Contribuidores 349

Índice de Assuntos 350

Contracapa 357

Bem-vindo à série Ensine o Comentário de Texto

Por que outra série de comentários? Essa foi a pergunta que os editores gerais colocada quando a Baker Books nos pediu para produzir esta série. Existe algo que podemos oferecer aos pastores e professores que não está sendo oferecido por outra série de comentários, ou que pode ser oferecido de uma forma mais útil? Depois de pesquisar cuidadosamente as necessidades dos pastores que ensinam o texto semanalmente, concluímos que sim, mais pode ser feito; este comentário foi cuidadosamente elaborado para preencher uma lacuna importante.

O tecnicismo dos comentários modernos muitas vezes sobrecarrega os leitores com detalhes que são tangenciais ao objetivo principal do texto. As discussões sobre a crítica da fonte e da redação, bem como pesquisas detalhadas da literatura secundária, parecem muito distantes da pregação e do ensino da Palavra. Em vez de se aprofundar em discussões técnicas, os pastores costumam recorrer a comentários devocionais, que podem conter fraquezas exegéticas, fazer mau uso das línguas grega e hebraica e carecer de sofisticação hermenêutica. É necessário um comentário que utilize o melhor da erudição bíblica, mas também apresente o material em um formato claro, conciso, atraente e fácil de usar.

Este comentário foi elaborado com esse propósito - fornecer uma referência pronta para a exposição do texto bíblico, dando acesso fácil às informações de que um pastor precisa para comunicar o texto de maneira eficaz. Para esse fim, o comentário é dividido em unidades de pregação cuidadosamente selecionadas, cada uma coberta em seis páginas (com contagens de palavras cuidadosamente reguladas tanto na passagem como um todo e em cada subseção). Pastores e professores engajados na preparação semanal, portanto, sabem que lerão aproximadamente a mesma quantidade de material

semanalmente.

Cada passagem começa com um resumo conciso da mensagem central, ou "Grande Ideia", da passagem e uma lista de seus temas principais. Isso é seguido por uma interpretação mais detalhada do texto, incluindo o contexto literário da passagem, o material de fundo histórico e as percepções interpretativas. Embora se baseie no melhor da erudição bíblica, este material é claro, conciso e direto ao ponto. O material técnico é reduzido ao mínimo, com notas finais apontando o leitor para

discussão mais detalhada e recursos adicionais.

Um segundo foco principal deste comentário é o próprio processo de pregação e ensino. Poucos comentários hoje ajudam o pastor / professor a passar do significado do texto para sua comunicação eficaz. Nosso objetivo é preencher essa lacuna. Além de interpretar o texto na seção "Compreendendo o texto", cada unidade de seis páginas contém uma seção "Ensinando o texto" e uma seção "Ilustrando o texto". A seção de ensino aponta para os principais temas teológicos da passagem e maneiras de comunicar esses temas para o público de hoje. A seção de ilustração fornece idéias e exemplos para manter o interesse dos ouvintes e conectar a mensagem à vida diária.

O formato criativo deste comentário surge de nossa crença de que a Bíblia não é apenas um registro dos procedimentos de Deus no passado, mas é a Palavra viva de Deus, "viva e ativa" e "mais afiada do que qualquer espada de dois gumes" (Hb 4:12). Nossa oração é que este comentário ajude a liberar esse poder transformador para a glória de Deus.

Os Editores Gerais

Introdução à série de comentários para ensinar o texto

Esta série foi projetada para fornecer uma referência pronta para o ensino do texto bíblico, dando fácil acesso às informações que são necessárias para comunicar uma passagem com eficácia. Para tanto, o comentário é cuidadosamente dividido em unidades que são fiéis às idéias dos autores bíblicos e de comprimento apropriado para ensino ou pregação.

As seguintes seções padrão são oferecidas em cada unidade.

1 Grande ideia. Para cada unidade, o comentário identifica o tema principal, ou "Grande Ideia", que impulsiona a passagem e o comentário.

2 Temas chave. Junto com a Grande Idéia, o comentário aborda de forma pontual as idéias-chave apresentadas na passagem.

3 Entendendo o Texto. Esta seção enfoca a exegese do texto e inclui várias seções.

uma. O texto em contexto. Aqui, o autor dá uma breve explicação sobre como a unidade se encaixa no fluxo do texto em torno dela, incluindo referência à estratégia retórica do livro e a contribuição da unidade para o propósito do livro.

b. Esboço / estrutura. Para alguns gêneros literários (por exemplo, epístolas), um breve esboço exegético pode ser fornecido para guiar o leitor através da estrutura e do fluxo da passagem.

c. Antecedentes históricos e culturais. Esta seção aborda informações históricas e culturais de fundo que podem iluminar um versículo ou passagem.

d. Insights interpretativos. Esta seção fornece as informações necessárias para um entendimento claro da passagem. A intenção do autor é ser altamente seletivo e conciso, em vez de exaustivo e

expansivo.

e. Insights Teológicos. Nesta seção muito breve, o comentário identifica alguns insights teológicos cuidadosamente selecionados sobre a passagem.

4 Ensinando o Texto. Sob este segundo título principal, o comentário oferece orientação para o ensino do texto. Nesta seção, o autor apresenta os principais temas e aplicações da passagem. Eles estão cuidadosamente vinculados à Grande Ideia e são representados nos Temas-Chave.

5 Ilustrando o Texto. Aqui, o comentário fornece sugestões de onde as ilustrações úteis podem ser encontradas em campos como literatura, entretenimento, história ou biografia. O objetivo deles é fornecer idéias gerais para ilustrar os temas-chave da passagem e, portanto, servir como um catalisador para ilustrar o texto com eficácia.

Prefácio

É uma alegria ser incluído na série Ensine o Texto de Baker. Não consigo pensar em nenhum outro livro bíblico sobre o qual eu preferiria escrever um comentário do que a carta de Paulo aos Romanos, e é um privilégio ser solicitado a fazê-lo. Oro para que o leitor se emocione com a mensagem deste mais importante dos escritos de Paulo.

Nenhum livro é um esforço independente; certamente não este. Existem inúmeras pessoas que ajudaram a tornar meu sonho deste manuscrito uma realidade. Aqui, menciono apenas alguns. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Mark Strauss por estender-me o convite para participar desta série. Mark é um editor "em quem me compraz" (para citar o texto bíblico)! Sua experiência, percepção e paciência me ajudaram a manter o curso neste projeto, e sou profundamente grato a ele por isso. Em seguida, estou muito satisfeito por ter feito este trabalho em colaboração com uma ex-colega minha, uma pessoa muito estimada - Rosalie de Rosset. O Dr. de Rosset é um professor astuto que possui um domínio maravilhoso tanto da literatura quanto da teologia. É, portanto, uma honra para mim que ela, junto com Mark Eckel, tenha feito as seções de cada capítulo que eram ilustrativas e de natureza prática. E depois,

Além disso, desejo expressar minha gratidão à minha aluna de trabalho-estudo - a sra. Jennifer Hill. Jennifer digitou grande parte deste manuscrito, cumprindo assim a tarefa quase impossível de ler minha caligrafia! Também estou feliz em dizer que Jennifer e seu marido Jason estão se preparando agora mesmo para servir ao Senhor como missionários internacionais. Finalmente, é uma bênção contínua trabalhar em uma instituição tão boa como a Universidade Batista de Ouachita. A

administração, o corpo docente e especialmente os alunos merecem muitos agradecimentos por criar um ambiente que fomenta o amor a Deus e o amor pelo aprendizado. Minha esperança é que este comentário sobre Romanos reflita essas paixões.

C. Marvin Pate
Cadeira de Teologia Cristã
Pruet School of Christian Studies

Ouachita Baptist University
30 de março de 2012

Abreviações

Em geral

b.	nascido
ca.	cerca de
cf.	conferir , comparar
cap (s).	capítulo (s)
d.	faleceu
por exemplo	exempli gratia , por exemplo
esp.	especialmente
ET	tradução do inglês
mg.	margem
sv	sub verbo , sob a palavra
v (v).	verso (s)

Tipos e versões de textos antigos

LXX	Septuaginta
MT	Texto Massorético

Versões Modernas

ESV	Versão Padrão em Inglês
NASB	New American Standard Bible
NIV	Nova Versão Internacional

Apócrifos e Septuaginta

Adicionar. Esth.	Adições a Ester
Bar.	Baruch
Jdt.	Judith
1 Macc.	1 Macabeus
2 Macc.	2 macabeus
4 Macc.	4 macabeus
Senhor.	Sirach
Para B.	Tobit
Wis.	Sabedoria de Salomão

Pseudepígrafa do Velho Testamento

Apoc. Ab.	Apocalipse de Abraão
Apoc. Mos.	Apocalipse de Moisés
2 Bar.	2 Baruch (apocalipse siríaco)
3 Bar.	3 Baruch (apocalipse grego)
4 Bar.	4 Baruch (Paraleipomena Jeremiou)
1 En.	1 Enoch (Apocalipse Etíope)
2 En.	2 Enoch (apocalipse eslavo)
Jos. Asen.	Joseph e Aseneth
Jub.	Jubileus
LAB	Liber antiquitatum biblicarum (Pseudo-Philo)
LAE	Vida de Adão e Eva
Deixar. Aris.	Carta de Aristeas
Pss. Sol.	Salmos de Salomão
Sib. Ou.	Oráculos Sibilinos
T. Benj.	Testamento de benjamin
T. Jud.	Testamento de Judá
T. Levi	Testamento de Levi
T. Reub.	Testamento de Reuben
T. Zeb.	Testamento de Zebulom

Pergaminhos do Mar Morto

CD	Documento de Damasco
1QHa	Hodayota
1QM	War Scroll
1QpHab	Pesher Habakkuk
1QS	Regra da Comunidade
1QSa	Regra da Congregação
4QMMT	Carta Halakhic
4T171 (4QpPsa)	Salmos Peshera
4T174 (4QFlor)	Florilegium

Mishná e Talmud

b.	Talmud Babilônico
m.	Mishná
t.	Tosefta
y.	Jerusalém Talmud

'Abod. Zar.	'Abodah Zarah

'Abot	'Abot
Bruxa.	Hagigah
Ker.	Kerithot
Ned.	Nedarim
Shabb.	Shabat
Sanh.	Sinédrio
Yad.	Yadayim

Textos Targumic

Tg. Neof.	Targum Neofiti
Tg. Yer.	Targum Yerushalmi

Outras obras rabínicas

Mek.	Mekilta
Pesiq. Rab.	Pesiqta Rabbati
Rab.	Rabbah

Padres Apostólicos

1 Clem.	1 clemente
Ign. Eph.	Inácio, Para os Efésios
Ign. Magn.	Inácio, Para os magnesianos
Mart. Pol.	Martírio de Policarpo

Obras Gregas e Latinas

Aristóteles	
Eth. nic.	Ética a Nicômaco (Ethica nicomachea)
Pol.	Política (Politica)
Agostinho	
Conf.	Confissões (Confessionum libri XIII)
Julian	Contra Julian (Contra Julianum)
Spir. Deixar.	O Espírito e a Carta (De spiritu et littera)
Columela	
Ferrugem.	Na Agricultura (De re rustica)
Epicteto	
Disco.	Discursos (dissertações)
Eurípides	
Andr.	Andrômaca
Eusébio	
Hist. eccl.	História Eclesiástica (Historia ecclesiastica)
Horace	

Sentado.	Sátiras (Satirae)
Irineu	
Haer.	Contra as heresias (Adversus haereses)
João crisóstomo	
Hom. ROM.	Homilias na Epístola de Paulo aos Romanos
Josefo	
Ag. Ap.	Contra Apion (Contra Apionem)
Formiga.	Antiguidades judaicas (Antiquitates judaicae)
JW	Guerra Judaica (Bellum judaicum)
Vida	A Vida (Vita)
Juvenal	
Sentado.	Sátiras (Satirae)
Livy	
Hist.	História de Roma (Ab urbe condita libri)
Marco Aurélio	
Medit.	Meditações
Ovid	
Cura	A cura para o amor (Remedia amoris)
Metam.	Metamorfoses
Palladius	
Insit.	Sobre a enxertia de árvores (De insitione)
Philo	
Abraham	Sobre a vida de Abraão (De Abrahamo)
Querubim	No Querubim (De Querubim)
Criação	Sobre a criação do mundo (De opificio mundi)
Decálogo	No Decálogo (De decalogo)
Embaixada	Na Embaixada de Gaius (Legatio ad Gaium)
Moisés	Sobre a vida de Moisés (De vita Mosis)
Posteridade	Sobre a posteridade de Caim (De posteritate Caini)
Espec. Leis	Sobre as Leis Especiais (De specialibus legibus)
Virtudes	Sobre as virtudes (De virtutibus)
Plutarco	
Mor.	Moralia
Pseudo-Aristóteles	
Cosmos	No Cosmos (De mundo)
Pseudo-Lucian	
Como em.	Asinus (Lucius, ou o asno)
Sêneca	
Raiva	Com raiva (De ira)

Mor. Ep.	Epístolas morais (Epistulae morales)
Suetônio	
Claudius	Vida de Claudius (Divus Claudius)
Tácito	
Ann.	Anais (Annales)
Hist.	Histórias (Historiae)
Xenofonte	
Cyr.	Ciropédia

Fontes secundárias

ANF	Pais Ante-Nicenos
BDAG	Bauer, W., FW Danker, WF Arndt e FW Gingrich. Léxico Grego-Inglês de o Novo Testamento e Outra Literatura Cristã Primitiva.3ª ed. Chicago, 1999
NPNF[1]	Padres Nicenos e Pós-Necenos , Série 1
PL	Patrologia latina [= Patrologiae cursus completus: Series latina]. Editado por J.-P. Migne. 217 vols. Paris, 1844-64
Str-B	Strack, HL e P. Billerbeck. Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch. 6 vols. Munique, 1922-61
TDNT	Dicionário Teológico do Novo Testamento. Editado por G. Kittel e G. Friedrich. Traduzido por GW Bromiley. 10 vols. Grand Rapids, 1964-76

Introdução aos Romanos

Ao lado de Jesus Cristo, o apóstolo Paulo é sem dúvida a figura mais importante da fé cristã. Sua vida, cartas e teologia moldaram indelevelmente o cristianismo nos últimos dois milênios. Alguns dos maiores líderes da igreja concederam um lugar exaltado ao apóstolo dos gentios: Pedro o honrou (2 Pedro 3: 15-16); Agostinho apelou para ele; Luther o reverenciou; Wesley encontrou segurança nele; Barth trovejou por causa dele; e os proponentes da "Velha Perspectiva" e da "Nova Perspectiva" em relação a Paulo igualmente o exaltam como seus próprios.

[1] E não é surpresa que essas pessoas e movimentos, mais cedo ou mais tarde, basearam seus

compreensão de Paulo em sua magnum opus - Romanos. Paulo e Romanos: um combinação imbatível que dá o golpe final para qualquer justiça voltada para as obras diante de Deus; um remédio calmante para a alma que anseia pela paz com Deus; e uma proclamação esperançosa de que Deus começou a colocar o mundo em dia com ele mesmo. Um comentário sobre Romanos é, portanto, muito apropriado. Claro, já existem miríades de obras sobre Romanos que remontam aos pais da igreja primitiva, mas ainda assim, cada nova geração merece uma nova audição desta antiga obra-prima que Paulo escreveu em algum lugar entre 55 e 58 DC. Embora assustadora, essa é a alegria tarefa que este presente estudo tenta realizar. Antes de uma introdução à carta de Paulo aos cristãos em Roma, entretanto, alguns comentários são necessários sobre o homem Paulo: os contornos de seu mundo, a extensão de suas cartas e o centro de seu pensamento.

Paulo, o homem: seu (s) mundo (s), suas cartas e sua teologia

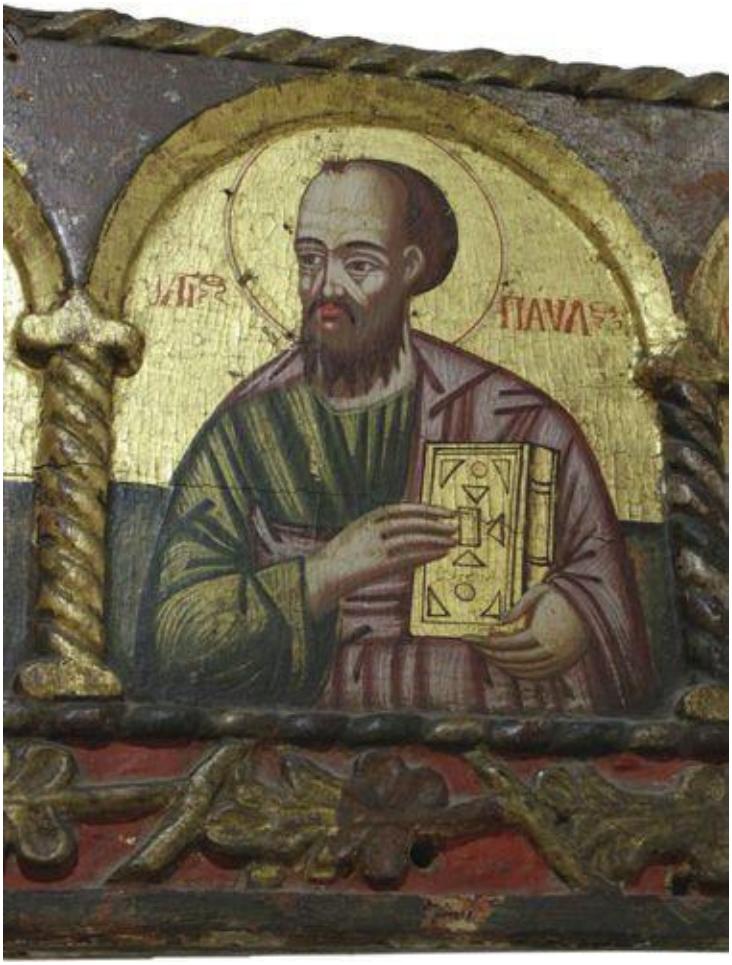
Paul's World (s)

Paulo era um produto de três mundos: greco-romano, judeu e cristão. Essas influências impactaram Paul em significância crescente, como círculos concêntricos. Na periferia do mundo de Paulo estava a esfera de influência greco-romana. Como a maioria dos viajantes do Império Romano em meados do primeiro século DC, Paulo falava a linguagem comercial legada às massas de sua época

—Koine (comum) grego. O grego koiné era uma mistura de grego clássico dialetos e línguas nativas dos povos conquistados no domínio de Alexandre, o Grande (ca. 330 aC). O grego koiné era uma língua padrão usada para cultura e comércio, assim como o inglês é em nossos dias. A influência da cultura grega sobre Paulo é evidente também na maneira como ele se valeu das antigas tradições filosóficas gregas clássicas, como platonismo, estoicismo e epicurismo. Paulo também utilizou as ferramentas da retórica grega, como a diatribe, a linguagem do tolo e a

peristasiacatálogo (uma lista de aflições). E, claro, o conceito de polis(cidade) e até mesmo a democracia tiveram uma influência constante nas experiências diárias de Paulo. A poderosa Roma obviamente lançou sua longa sombra sobre as províncias romanas, e Paulo fez muito uso de suas contribuições:

pax romana(paz de Roma), provocada pelo reinado de César Augusto (ca. 31 AC-14 DC) em um mundo dilacerado pela guerra civil e aterrorizado por piratas no mar e bandidos na terra; uma infraestrutura abrangente e robusta; e um sistema de jurisprudência imparcial que transcendeu a política mesquinha das cidades locais. De fato, a última amenidade mencionada garantiu a Paulo uma audiência com a corte de Roma, onde o apóstolo estava destinado e determinado a visitar.



Um ícone de Paulo de uma peça maior intitulada Cristo e os Doze Apóstolos tirado de uma igreja ortodoxa do século XIX DC na região de Antalya, na Turquia.

Mas Paulo nasceu como Saulo - um judeu de nascimento e criação. Embora criado na cidade gentia de Tarso, Paulo provavelmente foi levado por seus pais quando jovem a Jerusalém para ser treinado como rabino (Atos 22: 2-3). Lá ele superou seus pares em seu entendimento da Torá e da tradição oral dos fariseus, e em seu amor pela terra de Israel. Na verdade, Paulo era tão zelosamente judeu que se dedicou a reprimir o mais novo grupo marginal do judaísmo, os seguidores de Jesus. O zelo de Paulo por Moisés, a aversão à influência dos gentios no judaísmo e o ódio a Jesus o levaram ao ponto de violência contra a igreja. Ele relata sua paixão pelo judaísmo e desprezo pela igreja, especialmente em Gálatas 1: 13-14; Filipenses 3: 4-6; e 1 Timóteo 1:13 (cf. Atos 9: 1-2).

No entanto, uma coisa “engraçada” aconteceu com Paulo, o fariseu, a caminho de Damasco para perseguir os cristãos: ele foi salvo por meio de um encontro com Jesus ressuscitado (Gl 1: 15-16; Fp 3: 7-11; cf. Atos 9: 3-18; 22: 2-21; 26: 4-23).

Lá, Paulo se rendeu ao Jesus crucificado, que não era outro senão o glorioso Cristo, e, em um toque divino, Paulo, o destruidor dos gentios, estava lá e então foi chamado para ser um apóstolo para as nações. Em um piscar de olhos, Paulo trocou a lei de Moisés pela fé em Cristo, o ódio aos não judeus por amor à igreja, a terra de Israel pelo reino de Deus e a circuncisão e a antiga aliança pela cruz do Calvário. O encontro de Paulo com Jesus ressuscitado foi nada menos que uma conversão e um chamado.

[2] Na verdade, Deus separou Paulo para pregar aos gentios o evangelho de Jesus Cristo foi o cumprimento da conversão do tempo do fim das nações predita pelos profetas do Antigo Testamento como Isaías e Miquéias.

[3]

Cartas de paulo

Treze cartas do Novo Testamento são atribuídas a Paulo e, tradicionalmente, elas são agrupadas em quatro categorias: primeiras epístolas (1-2 Tessalonicenses); epístolas principais (Gálatas [que alguns pensam ser a primeira carta de Paulo], Romanos, 1-

2 Coríntios); epístolas de prisão (Filipenses, Efésios, Colossenses, Filemom); as epístolas pastorais (1-2 Timóteo, Tito).

A abordagem tradicional às cartas de Paulo, entretanto, tem sido vigorosamente desafiada por estudiosos menos conservadores durante o último século. Esses estudiosos atribuem apenas sete das chamadas Epístolas Paulinas ao próprio apóstolo: Gálatas, Romanos, 1–2 Coríntios, 1 Tessalonicenses, Filipenses e Filêmon; o resto, eles pensam, foi escrito pelos alunos de Paulo após a morte do apóstolo por volta de 64 DC. Portanto, argumenta-se que os últimos escritos “pseudônimos” não devem receber atenção séria ao discernir a teologia de Paulo. Esta ala da bolsa paulina baseia sua afirmação essencialmente em três argumentos. Primeiro, o vocabulário das cartas disputáveis difere daquele das epístolas paulinas indisputáveis. Segundo, a história presumida pelas epístolas pastorais não corresponde aos eventos das cartas de Paulo nem aos relatos das viagens de Paulo conforme registrados em Atos. Terceiro, a teologia das cartas pseudônimas está em desacordo com as incontestáveis Epístolas Paulinas.

Visto que a autoria de Paulo em Romanos é indiscutível, um comentário sobre Romanos não precisa incluir uma discussão completa sobre a questão de quantas cartas Paulo realmente escreveu, mas devemos pelo menos notar de passagem as respostas tradicionais aos argumentos anteriores. Em primeiro lugar, as diferenças de vocabulário entre as cartas disputadas e indiscutíveis de Paulo podem ser explicadas pelo uso de diferentes secretários para suas cartas (Rom. 16:22 nomeia Tertius como um deles) e pelo vocabulário diferente necessário para abordar o várias circunstâncias de cada igreja para a qual ele escreveu. Em segundo lugar, há uma boa razão para postular o

teoria de que Paulo foi libertado de seu cativeiro romano registrado em Atos 28 (ca. 62 DC), após o qual ele conduziu uma viagem missionária à Espanha (ver Rom. 15) e talvez em outro lugar, mas depois foi preso com Pedro e outros cristãos para ser julgado pelo imperador Nero em Roma. Lá, a tradição confiável nos diz, Paulo e Pedro foram martirizados por sua fé em Cristo (cerca de 64 DC). De fato, o fato de Lucas, por vezes companheiro missionário de Paulo e autor de Atos, não registrar a morte de Paulo em Atos 28 aponta decididamente em direção a essa teoria. Terceiro, a teologia geral das cartas contestadas de Paulo - a sobreposição das duas eras (veja abaixo) - é também o motor das incontestáveis Epístolas Paulinas, como mais de um estudioso observou. E se esse for o caso para o principal tema do pensamento de Paulo,

[4] 

No sopé do Monte Capitolino, que domina o Fórum Romano, está uma prisão construída do século VII ao VI AC e usada até o século IV DC. Atualmente localizada nos níveis mais baixos da igreja de San Guiseppe dei Falegnami, é conhecida como Prisão Mamertina. A lenda afirma que Paulo e Pedro foram detidos aqui enquanto aguardavam a execução.

Teologia de Paulo

Quatro opções principais competiram como o centro proposto do pensamento de Paulo: justificação pela fé; a teoria de Tübingen; a abordagem da história das religiões; e escatologia judaica. Minha discussão desses temas parte do pressuposto de que, se a chave do pensamento do apóstolo Paulo pode ser identificada, aí encontramos um quadro de referência para interpretar suas cartas.

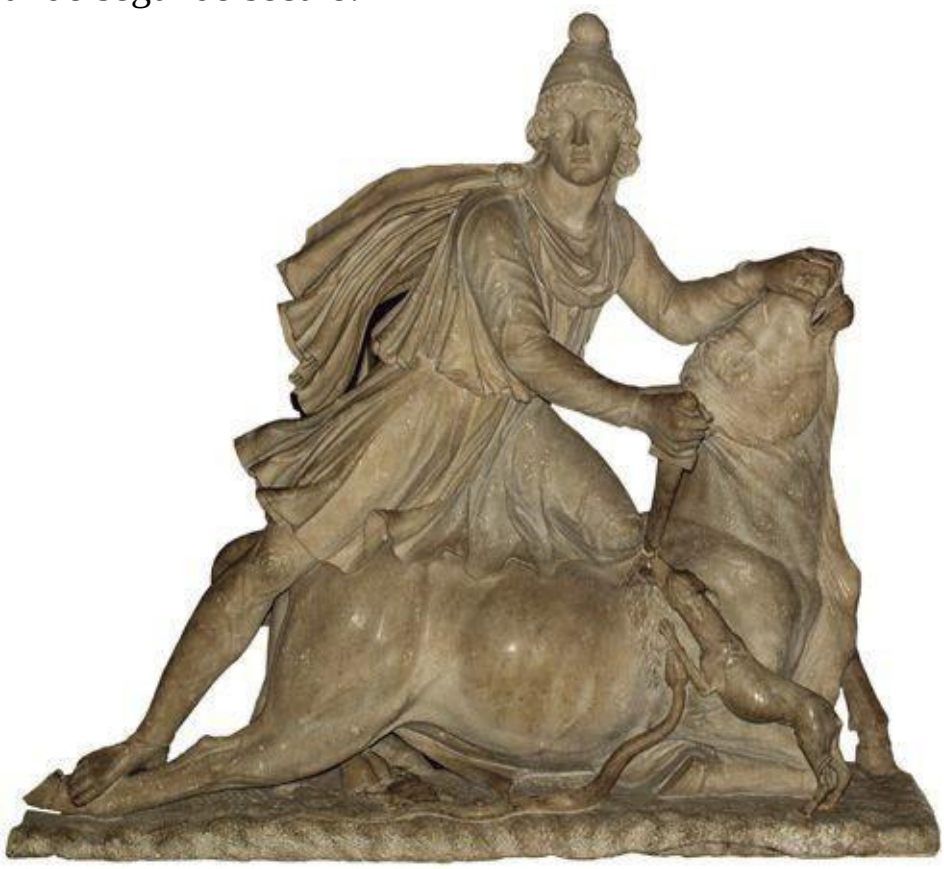
Com a Reforma Protestante, a justificação pela fé se tornou o principal candidato a ser o centro da teologia de Paulo (pelo menos entre os não católicos), especialmente quando se leva em consideração Gálatas, Romanos e Filipenses (capítulo 3). A tese dessas cartas é que o pecador é declarado justo diante de Deus pela simples fé em Jesus Cristo, não pelas obras da lei de Moisés, a Torá. Certamente, a justificação pela fé é uma peça importante na teologia de Paulo, como veremos repetidamente na carta aos Romanos. No entanto, os estudiosos paulinos do século passado observaram corretamente que, embora a justificação seja importante para Paulo, ela não está presente no restante de seus escritos. Em vez disso, a doutrina da justificação pela fé parece ter sido um ensino que Paulo explicou e defendeu em resposta à influência dos judaizantes sobre alguns, mas não todas, das igrejas para as quais ele escreveu. Em outras palavras, a apologética de Paulo pela justificação pela fé foi uma polêmica contra o falso ensino dos judaizantes de que a salvação vem pela fé em Cristo mais obediência à Torá. A justificação pela fé muito provavelmente não é, então, o tema abrangente que dirige o corpus paulino.

A teoria de Tübingen leva o nome da universidade daquela cidade alemã e estava associada a um dos principais professores de teologia dessa instituição, FC Baur.

[5]Em meados do século XIX, Baur afirmou que a chave para entender Paulo, e de fato todo o Novo Testamento, é ver que uma guerra civil teológica corre em suas páginas: Paulo e a mensagem da justificação pela fé versus Pedro e a mensagem de justificação pela fé mais as obras da Torá (os judaizantes). Coube ao trabalho anônimo de Atos no segundo século pintar um retrato idílico da igreja primitiva em que Paulo e Pedro aparecem como

os melhores amigos. Embora a teoria de Tübingen tenha desfrutado de enorme popularidade entre os intérpretes do Novo Testamento na Europa durante o século XIX e a primeira parte do século XX, sua influência praticamente desapareceu na segunda metade do século XX, graças a duas considerações. Primeiro, os estudiosos reconheceram a teoria de Baur pelo que realmente era, uma imposição ao Novo Testamento da filosofia dialética de Hegel: tese (mensagem de Paulo) versus antítese (mensagem de Pedro) resultando em uma síntese (reconciliação dos dois em Atos). Em outras palavras, a teologia de Paulo e do Novo Testamento foi distorcida por uma imposição de

categorias sobre ele. Em segundo lugar, menos estudiosos hoje duvidam que Lucas escreveu Atos e que o fez no final do primeiro século, não na metade para o final do segundo século.



Paulo desenvolveu sua teologia sob a orientação do Espírito Santo enquanto vivia em um Império Romano politeísta que era bastante tolerante com a religião e tendia a absorver vários sistemas de crenças em seu próprio sistema pagão. À medida que a adoração de deuses e deusas estatais se tornou mais uma observância ritual do que uma convicção religiosa, surgiram várias religiões misteriosas. Aquele que ganharia destaque no final do primeiro século DC foi o culto de Mitras. Os pontos de encontro dos seguidores do Mitraísmo geralmente continham uma imagem de Mitras preparando-se para sacrificar o touro divino, como aquele mostrado aqui a partir do século II DC.

Na primeira metade do século XX, outra hipótese sobre o centro da teologia de Paulo surgiu da escola de história das religiões. Embora houvesse vários construtos sob a égide dessa abordagem, eles compartilhavam a ideia comum de que Paulo desistiu de sua fé judaica pela

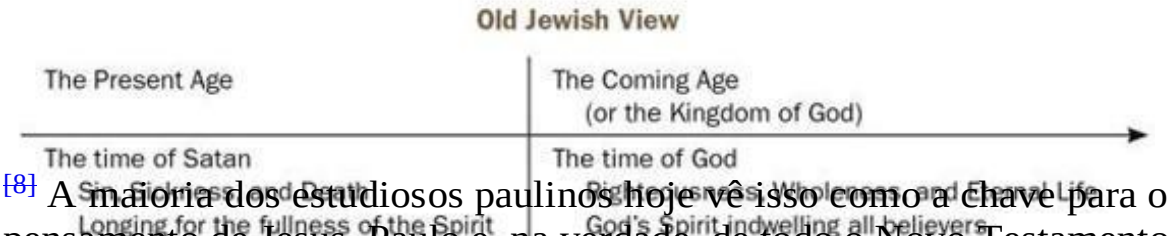
religião helenística (grega), sejam religiões de mistério gregas (então Richard Reitzenstein), misticismo helenístico (então Adolf Deissmann), ou Gnosticismo platônico (portanto, Rudolf Bultmann).

[6] Hoje, a abordagem da história das religiões ainda é defendida por alguns

estudiosos do perfil (por exemplo, o Jesus Seminar, Elaine Pagels, Bart Ehrman), mas a maioria dos estudiosos afirma que Paulo era fiel à sua herança judaica e que a influência helenística estava na periferia, não no centro, de sua teologia. Isso é assim mesmo depois de notarmos devidamente a interpenetração do Helenismo e do Judaísmo no primeiro século.

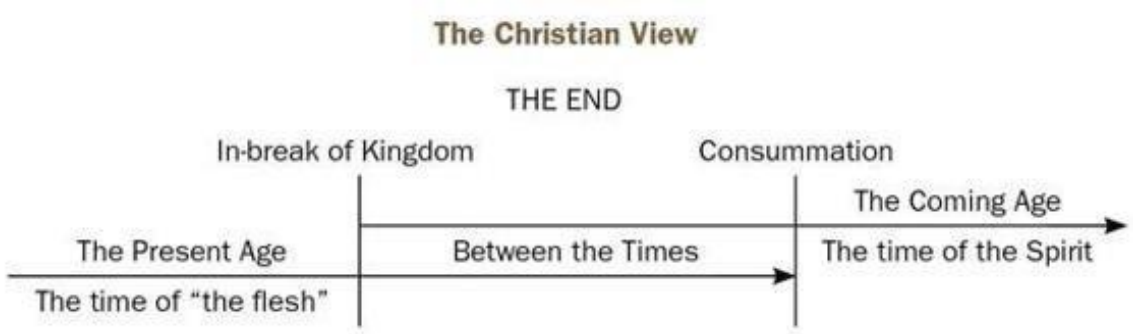
[7]

O quarto candidato ao centro do pensamento de Paulo é a escatologia judaica, mas de forma revisada. Albert Schweitzer no início do século XX convenceu a maioria dos estudiosos do Novo Testamento de que a estrutura de duas idades dos escritos do Judaísmo do Segundo Templo (Judaísmo no tempo entre a reconstrução do segundo templo em Jerusalém em 519 AC e sua destruição pelos Romanos em DC 70) era a chave não apenas para a mensagem de Jesus, mas também para a teologia de Paulo. O judaísmo apocalíptico era uma vertente dominante da teologia judaica na época de Jesus, ensinando que a história se divide em duas eras: a era atual de pecado e tristeza causada pela queda de Adão e a era vindoura do reino de Deus, um período de justiça sem precedentes e paz; e seria o Messias quem estabeleceria o último.



[8] A maioria dos estudiosos paulinos hoje vê isso como a chave para o pensamento de Jesus, Paulo e, na verdade, de todo o Novo Testamento.
[9] E com isso eu concordo. Mas há uma diferença significativa entre o antigo cenário judaico de duas idades e o Novo Testamento: enquanto o primeiro esperava que as duas idades fossem consecutivas (quando o Messias vier, ele substituirá completamente esta era pela que virá), o O último afirma que as duas idades são agora simultâneas; ou seja, eles se sobrepõem. Assim, com a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, a era por vir (reino de Deus) irrompeu nesta era presente, mas não a encerrou. Isso é frequentemente rotulado de “escatologia inaugurada”, que sustenta que com a primeira vinda de Cristo a era por vir já amanheceu, mas sua conclusão ainda aguarda a

segunda vinda de Cristo. Os dois gráficos a seguir ilustram a estrutura judaica de duas idades e a modificação feita por Jesus:



Para nossos propósitos, o livro de Romanos atesta a importância da a sobreposição das duas idades para a compreensão do conceito de justificação pela fé de Paulo: a fé em Jesus Cristo à parte das obras da Torá projeta a justificação do pecador por Deus no tempo do fim na era presente. Terei muito mais a dizer sobre isso no próprio comentário; por enquanto, simplesmente observo que a escatologia inaugurada (a chave para a teologia de Paulo) e a justificação pela fé são almas gêmeas no livro de Romanos.

Com o pano de fundo anterior em mente, podemos agora nos voltar para uma introdução da carta de Paulo aos Romanos.

A Carta aos Romanos

Esta introdução ao livro de Romanos seguirá o procedimento usual por discutindo sua importância na história da igreja, composição, data e local de escrita, destinatários, tema, propósito e gênero / esboço. Esses comentários iniciais, no entanto, trarão alguns resultados surpreendentes, principalmente no que diz respeito aos três últimos itens mencionados. Esperançosamente, essas novas observações lançarão luz considerável sobre a carta como um todo.

A Importância dos Romanos na História da Igreja

O livro de Romanos, mais do que quase qualquer outro livro bíblico, tem moldou dramaticamente a história da igreja. Isso não é surpreendente, visto que Romanos é a explicação mais sistemática do evangelho de Jesus Cristo que o Novo Testamento contém. Podemos nos lembrar aqui de alguns dos indivíduos mencionados anteriormente a esse respeito, cujas vidas foram transformadas para sempre pela mensagem de Romanos. Agostinho (o pai da igreja do século V) finalmente encontrou paz com Deus depois de ler Romanos 13:14: "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não penseis em como satisfazer os desejos da carne." Esse desafio era exatamente o que o jovem e inquieto Agostinho precisava, e ele passou a

tornou-se talvez o teólogo mais importante da igreja desde o próprio Paulo.

Martinho Lutero em 1517 chegou a uma compreensão totalmente nova da justiça de Deus quando meditou em Romanos 1:17: “Porque no evangelho se revela a justiça de Deus - uma justiça que é pela fé do princípio ao fim, assim como é está escrito: 'Os justos viverão pela fé.' ”Ouça o testemunho de Lutero sobre sua conversão com base neste novo entendimento da justiça divina iluminada por este versículo:

> Embora eu vivesse como um monge sem censura, sentia que era um pecador diante de Deus com uma consciência extremamente perturbada. Não pude acreditar que ele ficou aplacado com a minha satisfação. Eu não amei sim, odiei o Deus justo que pune pecadores
>
> ..... Enfim, pela misericórdia de Deus,. . . Comecei a entender que a justiça de Deus é aquela pela qual o justo vive por um dom de Deus, ou seja,
>
> pela fé ..... Aqui eu senti que havia nascido de novo e tinha entrado no paraíso através de portões.. E eu exaltei minha palavra mais doce com um amor tão grande quanto o ódio com que eu tinha antes odiava a palavra 'justiça de Deus'.[10]

Da mesma forma, Romanos 1:17 mudou John Wesley, pois a mera leitura do comentário de Lutero sobre aquele versículo na Capela de Aldersgate em uma noite em 1738 trouxe a Wesley uma garantia de salvação que há muito tempo o havia iludido. Wesley escreveu sobre aquele momento: “Meu coração estava estranhamente aquecido. Eu senti que confiava em Cristo; Cristo somente para a salvação. ”

[11]

A conversão de Karl Barth da teologia liberal para um tipo mais conservador de cristianismo (conhecido como neo-ortodoxia) resultou de seus sermões sobre o livro de Romanos. Seu comentário de 1919 sobre Romanos, que declarou essa mudança de perspectiva, marcou uma época. Barth, armado com a mensagem dos romanos, sozinho causou o fim da teologia liberal da velha guarda.

Além dos luminares espirituais que acabamos de mencionar, podemos apenas imaginar o grande número de pessoas que se tornaram crentes em Jesus Cristo por viajarem pela "estrada de Romanos" (Rom. 3:23; 6:23; 10: 9-10, 13), o presente autor incluído.

Sim, o livro de Romanos mudou a vida de milhões de pessoas e governou o próprio curso da história da igreja. Merece, portanto, nosso respeito e até reverência.

A composição dos romanos

Qual era a aparência original dos romanos? Isto é, como foi quando deixou as mãos de Paulo e seu escriba profissional, Tertius? Quatro respostas foram dadas a esta pergunta ao longo dos anos.

Primeiro, o herege do século II Marcião disse que os romanos originalmente consistia nos capítulos 1-14. Mas é óbvio que Marcion tinha grande interesse em propor essa teoria em particular. Foi a igreja de Roma que marcou

Marcião um herege por volta de 150 DC, e Romanos 15-16 complementa o Cristãos lá em Roma. Além disso, Marcião foi declarado herege porque argumentou a favor do reconhecimento das cartas de Paulo e de algumas outras partes do Novo Testamento como Escritura Cristã, mas não do Antigo Testamento. Romanos 15-16 baseia-se fortemente de forma positiva no Velho Testamento.

Uma segunda visão é que Romanos terminava originalmente no capítulo 15, mas depois da morte de Paulo um editor adicionou o capítulo 16, redirecionando assim a carta de Roma para Éfeso. Por que Éfeso? Porque o capítulo 16 contém saudações a várias pessoas que Paulo conhecia, mas como Paulo poderia conhecê-los se nunca tivesse estado em Roma? É mais provável, segundo essa teoria, que essas sejam pessoas de quem o apóstolo fez amizade em Éfeso, uma cidade onde passou três anos ministrando (Atos 19). Mas essa hipótese ignora uma consideração-chave: Paulo provavelmente encontrou as pessoas saudadas em Romanos 16 durante suas várias viagens missionárias, e ele as menciona aqui para preparar o caminho para sua chegada iminente à capital. Em outras palavras, as saudações no capítulo 16 apontam para Roma como o destino da carta, cuja composição vai do capítulo 1 ao 16.



Romanos foi escrito por Paulo e seu escriba profissional, Tertius (Rom. 16:22). Os materiais de escrita durante esse período incluíam uma caneta para escrever em placas de cera e caneta e tinta para escrever em superfícies como papiro, papel vegetal, tábuas ou cerâmica. Na foto, uma caneta e um tinteiro de bronze romano (primeiro século DC).

Terceiro, a opinião da maioria hoje é que Romanos foi originalmente de 1: 1 para 16:23, excluindo assim a doxologia em 16: 25-27. Os muitos estudiosos que têm essa visão o fazem por duas razões: (1) a doxologia ocorre em diferentes lugares nos manuscritos gregos de Romanos (por exemplo, depois de 14:23 ou 15:33 ou 16:23); (2) a linguagem é litúrgica, semelhante a Efésios 1: 1-14, e muitos eruditos paulinos não acreditam que Paulo escreveu Efésios. Mas há razões de peso para sustentar que a doxologia é original para Romanos e ocorreu no final da carta, onde é encontrada em traduções inglesas hoje. (1) Embora a doxologia ocorra em diferentes lugares em alguns manuscritos gregos, ela é encontrada após

Romanos 16:23 na maioria dos melhores textos gregos. (2) O tema teológico da doxologia - a obediência dos gentios - corresponde ao tema de Romanos 1: 1-7, formando assim um

inclusiopara a carta como um todo e sinalizando um dos propósitos principais da carta (veja a discussão a seguir e também nas seções de comentários em Rom. 1: 1-7; 16: 25-27). (3) Para aqueles como eu que aceitam a autoria paulina de Efésios, não representa nenhum problema que o estilo litúrgico da doxologia em Romanos 16: 25-27 corresponda a Efésios 1: 1-14 e em outros lugares.

Quarto, embora seja uma visão minoritária, estou do lado daqueles que argumentam que

Romanos parecia no início como é hoje no texto em inglês: começou em 1: 1 e terminou em 16:27.

A data e o local da escrita de Romanos

Há pouco debate hoje sobre a data e o local da escrita de Romanos. A maioria dos estudiosos concorda que Paulo escreveu a carta em algum lugar entre 55 e 58 DC, em sua terceira viagem missionária. Esta conclusão é baseada em duas considerações: a interseção de dois eventos na segunda viagem missionária de Paulo com a cronologia romana e a interseção dos comentários de Paulo em Romanos com o livro de Atos. Primeiro, de acordo com Atos 18, que registra eventos da segunda viagem missionária de Paulo (que ocorreu antes de Paulo escrever Romanos), Paulo apareceu diante de Gálio, procônsul romano de Corinto (Atos 18: 12-17). De acordo com os registros romanos (a inscrição de Gálio em particular), Gálio foi procônsul de Corinto em 51-52 DC. Observe que o imperador romano Cláudio expulsou todos os judeus de Roma em 49 DC (ver Suetônio,

Claudius25,4; Atos 18: 2), mas após a morte do imperador em 54 DC, os

judeus foram autorizados a retornar a Roma. De fato, em Romanos 16: 3, Paulo cumprimenta Priscila e Áquila, um casal judeu que havia sido expulso de Roma em 49 DC, mas que agora se mudou de volta para a cidade, presumivelmente depois de 54 DC. Tudo isso quer dizer que Paulo não poderia escreveram Romanos antes de 52 DC ou antes de 54 DC. Em segundo lugar, Atos 18: 23-21: 16 registra a terceira viagem missionária de Paulo, incluindo uma estadia de três anos em Éfeso. A maioria dos estudiosos paulinos acredita que Paulo escreveu 1-2 Coríntios de Éfeso, por volta de 55 DC. Essas duas cartas falam sobre o plano de Paulo de cobrar da igreja de Corinto e de outros uma oferta pelos santos pobres em Jerusalém (1 Cor. 16: 1 -4; 2 Cor. 8-9). Na época em que Paulo escreveu aos cristãos romanos, as igrejas das províncias da Macedônia e Acaia (nas quais Corinto estava localizada) haviam cumprido sua promessa de fazer tal coleta (Rom. 15: 25-27). Assim, Romanos deve ter sido escrito depois de 55 DC, a data das cartas de Corinto. Das considerações anteriores chega-se a uma data para o

escrito de Romanos não antes de 55 DC. Mas de onde tiramos a data de 58 DC para Romanos? O próximo ponto fornece a resposta.



A maioria dos estudiosos concorda que Paulo escreveu o livro de Romanos em Corinto entre 55 e 58 DC durante sua terceira viagem missionária. Aqui, são mostrados os vestígios arqueológicos do templo de Apolo, na antiga Corinto, com o Acrocorinto, sua acrópole, ao fundo.

É comumente aceito que após sua estadia em Éfeso de aproximadamente dois anos e meio (ver Atos 19: 8-10), Paulo viajou para Corinto para uma estadia de três meses (Atos 20: 1-3), e de lá escreveu Romanos. Romanos 16: 1 indica que Paulo estava escrevendo de Corinto, visto que ele recomenda Febe, uma residente de Cencréia, que ficava perto de Corinto, às congregações de Roma. Além disso, Paulo menciona Erasto em Romanos 16:23, o mesmo Erasto que era o diretor das obras públicas de Corinto. Gaio, que providenciou hospedagem para Paulo, provavelmente também veio de Corinto (Rom. 16:23). Se de fato Paulo estava escrevendo a carta de Romanos de Corinto, então o ano 58 DC parece estabelecido como a data externa para sua composição.

Os Destinatários dos Romanos

É claro a partir de Romanos que os destinatários da carta incluem cristãos judeus e gentios, pois ambos os grupos são abordados em todo o documento (1: 1-16; 2: 1-3: 20; 9-11; 14: 1- 15:13). A igreja do quarto século

pai mais tarde chamou Ambrosiastro, sem dúvida foi preciso ao dizer que a igreja em Roma não foi fundada por nenhum apóstolo (é óbvio que Paulo não tinha visitado Roma ainda, nem Pedro ou qualquer outro apóstolo, pois a prática de Paulo não era construir sobre qualquer outro fundamento do apóstolo [ver Rom. 15: 20-21]).

[12]Muito provavelmente, foi fundada por judeus romanos que se converteram em Jerusalém no dia de Pentecostes (Atos 2) e voltaram para casa, para as sinagogas em Roma, com sua fé recém-descoberta em Jesus, o Messias. Também é provável que esses cristãos judeus levaram os gentios tementes a Deus que adoravam em suas sinagogas a Cristo. Os tementes a Deus eram gentios que passaram a crer no único Deus de Israel, mas não se submeteram à circuncisão ou a toda a lei de Moisés.

[13]



O busto do imperador Cláudio, que governou o Império Romano de 41 a 54 DC

Então, em algum lugar entre 30 e 55 DC, o Cristianismo se estabeleceu em Roma, com os crentes provavelmente se reunindo em até cinco igrejas domiciliares e cortiços (ver Rom. 16: 5, 10-11, 14-15) e com uma freqüência de talvez algumas centenas (uma grande igreja doméstica poderia acomodar cinquenta pessoas para adoração). A partir disso, podemos ver como os crentes romanos poderiam ter se tornado polarizados

em "fracos" (possivelmente cristãos judeus) e "fortes" (possivelmente gentios Cristãos) facções (veja Rom. 14: 1-15: 13), uma vez que se reuniram em vários locais. Além disso, a maioria dos estudiosos hoje pensa que o elemento cristão gentio nas igrejas domésticas tornou-se dominante quando os judeus (judeus cristãos incluídos) foram expulsos de Roma em 49 DC por Cláudio. Suetônio (

Claudius 25.4) relata que o imperador romano expulsou os judeus de Roma naquela época porque eles estavam discutindo sobre o homem Cresto, cujo nome provavelmente era uma corruptela do grego

Christos, que significa "Cristo". O historiador romano do início do segundo século, sem dúvida, estava se referindo à controvérsia entre judeus cristãos e não-cristãos sobre se Jesus era ou não o Cristo. Como Roma não fazia distinção entre judeus cristãos e judeus não cristãos, mas considerava todos eles judeus, Cláudio expulsou todos eles. Como observado acima, os judeus não foram autorizados a retornar a Roma até depois da morte de Cláudio em 54 DC. Naquela época, os cristãos judeus voltavam para suas casas ou prédios residenciais agora dominados por cristãos gentios, criando uma relação tensa entre os dois grupos (ver Rom. 9-11).

O tema dos romanos

Quase todos os comentaristas de Romanos consideram 1: 16-17 como o tema da carta:

> Pois não tenho vergonha do evangelho, porque é o poder de Deus que traz a salvação a todo aquele que crê: primeiro ao judeu, depois aos gentios. Pois no evangelho a justiça de Deus é revelada - uma justiça que é pela fé do princípio ao fim, assim como está escrito: “O justo viverá pela fé” [Hab. 2: 4].

Além disso, no entanto, há muito debate sobre o que esses versículos realmente significam. Três perguntas deixam os estudiosos perplexos: O que

Paulo quer dizer com “justiça de Deus”? O que significa a frase “de fé em fé” (NVI: “pela fé, do princípio ao fim”)? Qual é o entendimento de Paulo sobre Habacuque 2: 4? Tratarei mais detalhadamente de Romanos 1: 16-17 mais adiante na seção de comentários, mas aqui eu inclino minha mão quanto ao que acho que Paulo quer dizer nesses versículos críticos. Paulo está se baseando no tema da história de Israel.

Simplificando, a história de Israel é quádrupla na narrativa do Antigo Testamento: (1) a bênção prometida por Deus sobre Israel se a nação o obedecesse; (2) os repetidos pecados de Israel contra Deus; (3) a resposta de Deus ao enviar Israel ao exílio, à Assíria em 722 aC e depois à Babilônia em 587/586 aC; (4) A promessa inabalável de Deus de que Israel será restaurado à sua terra se se arrepender. Na minha opinião, cada palavra-chave em Romanos 1: 16-17 está enraizada no quarto ponto desta história: a restauração prometida por Israel. Assim, as palavras "evangelho", "poder" e "salvação" seriam

imediatamente trouxeram à mente Isaías 40-66 e a promessa do bom notícias de que Deus restaurará Israel à sua terra; isso é nada menos do que o poder de Deus para salvar seu povo e será uma demonstração da justiça de Deus (por exemplo, Isaías 46:13; 51: 5-8). E quando Israel for restaurado a Deus e à terra, então as nações do mundo passarão a acreditar no Deus de Israel e entrarão em Jerusalém para adorá-lo (por exemplo, Isaías 2: 2-4; Miq. 4: 1-3) . Em outras palavras, "primeiro para o judeu" viria a restauração / salvação, e "depois para os gentios". Nesse ínterim, no entanto, de acordo com Habacuque 2: 4, o judeu fiel deve esperar com fé no Senhor pelo dia da restauração de Israel, obedecendo à Torá.

Em Romanos 1: 16-17, no entanto, Paulo ajusta ou qualifica a maneira como Israel entendia essa história do Antigo Testamento. Para o apóstolo dos gentios, as boas novas do poder da salvação e da justiça de Deus não são a restauração física e geográfica dos judeus à sua terra natal, mas sim a conversão espiritual dos pecadores precisamente porque eles param de confiar nas obras da lei de Moisés e coloque sua fé somente em Jesus Cristo. Além disso, Paulo inverte a ordem da restauração de Israel e da conversão dos gentios: primeiro vem a conversão dos gentios e depois a restauração de Israel (veja meus comentários sobre, por exemplo, Rm 1: 1-15; 11: 25-27).

[14]

O propósito dos romanos

Embora o debate continue quanto ao motivo pelo qual Paulo escreveu sua magnífica carta aos Romanos, o próprio apóstolo não deixa o leitor em dúvida quanto ao seu propósito: Paulo foi divinamente chamado para liderar o caminho para trazer a conversão das nações no tempo do fim, uma missão na qual a igreja em Roma deveria desempenhar um papel crítico (veja Rom. 1: 1-15; 15: 14-33; 16: 25-27). Assim, Roma seria o último grande ponto de parada antes de o apóstolo lançar a etapa final de sua missão escatológica à

Espanha, o fim do mundo então conhecido (veja novamente Rm 15: 14-33).

[15]Mas para obter o apoio dos cristãos em Roma, a capital do Império Romano, Paulo teve que cumprir duas tarefas. Primeiro, ele teve que motivar os cristãos judeus e gentios em Roma a começarem a se dar bem novamente (veja especialmente Rom. 9-11; 14-15); caso contrário, a igreja não estaria suficientemente unida para apoiá-lo financeira e espiritualmente em sua missão na Espanha. Em segundo lugar, mesmo antes disso, ele teve que convencer os cristãos romanos de que era um apóstolo legítimo e, portanto, digno de seu apoio. Douglas Moo aponta esse aspecto dos romanos muito bem:

> O destino final de Paulo é a Espanha. Como ele claramente sugere em 15:24, ele está vindo a Roma, entre outras coisas, para conseguir que os romanos o ajudem nessa missão. Mas Paulo nunca foi a Roma. Além disso, ele é uma figura controversa na igreja primitiva. Como um judeu fiel e o "homem de referência" de Deus na abertura da missão aos gentios, ele tem estado constantemente sob suspeita. Cristãos judeus pensaram que ele

estava revelando muito da velha tradição, enquanto os cristãos gentios pensavam que ele ainda era muito judeu. Muitos boatos falsos sobre o que ele ensina e faz giram em torno dele (cf. 3: 8). Paulo, portanto, provavelmente sabe que terá que limpar o ar se espera que os romanos o apoiem

ele. Desse modo, . . . ele escreve Romanos para esclarecer exatamente em que ele acredita.[16]



Durante o primeiro século DC, o Império Romano controlou uma vasta área. Ela atingiu seu tamanho máximo por volta de 117 DC sob o imperador Trajano. Estendeu-se ao norte até a atual Grã-Bretanha e ao oeste até a Espanha, estendeu-se por partes do Norte da África e Egito ao sul, e atingiu a fronteira do Império Parta com a Arábia no leste. Paulo desejava pregar o evangelho na extremidade ocidental do mundo então conhecido, a Espanha.

Paulo, portanto, escreve Romanos para defender seu evangelho da graça de Deus por meio de Cristo, argumentando que está enraizado no Antigo Testamento (Rom. 2-5), fornecendo a isenção de que não é antinomiano na ética (a graça de Deus não é uma licença para pecar [então Rom. 6-8]), e oferecendo um futuro para Israel (Rom. 9-11). Todas essas preocupações teriam ajudado a acalmar os temores dos cristãos judeus em Roma de que Paulo era antijudaico. Mas, a partir dos mesmos capítulos, os cristãos gentios em Roma teriam dado boas-vindas ao ensino de Paulo

de que os gentios são

salvo pela fé em Cristo à parte da lei, e que a conversão das nações é uma parte significativa do plano de Deus.

Em outras palavras, ver Romanos como a declaração doutrinária oficial de Paulo

projetado para apresentá-lo às congregações em Roma com o propósito de reunir seu apoio para a conversão das nações no tempo do fim parece explique bem o conteúdo da carta. Continuarei voltando a esse propósito à medida que avançamos no comentário.

Exemplo de um Tratado de Suzerain-Vassal Hitita

Preâmbulo:[uma] Estas são as palavras do Sol Mursilis, o grande rei, o rei da terra de Hatti, o valente, o favorito do deus da tempestade, o filho de Suppiluliumas, o grande rei, o rei da terra de Hatti.

Prólogo histórico: Aziras, seu avô, Duppi-Tessub, se rebelou contra meu pai, mas submetido novamente ao meu pai Quando meu pai se tornou um deus (ou seja, morreu), e eu me sentei o trono de meu pai, Aziras se comportou comigo da mesma forma que ele se comportou com meu pai ..... Quando seu pai morreu, de acordo com a palavra do seu pai eu não te deixei cair

Estipulações: Com meu amigo você será um amigo, e com meu inimigo você será um inimigo... Se você enviar um homem para aquele inimigo e informá-lo da seguinte forma: "Um exército e quadrigários de as terras Hatti estão a caminho, fique atento! " você age em desrespeito ao seu juramento Se alguém profere palavras hostis ao rei da terra de Hatti antes de você, Duppi-Tessub, você não deve ocultar seu nome do rei .....Se algum dos deportados da terra de Nuhassi ou dos deportados do país de Kinza que meu pai removeu e eu removi, escapar e vier até você, se você não o prender e devolvê-lo ao rei da terra Hatti. . . você age em desrespeito ao seu juramento.

Cláusula do Documento: (Para ser colocado no templo)

Apelo às Testemunhas: O deus-sol do céu, a deusa-sol de Arinna, o deus-tempestade da Paraíso . . . Ishtar de Nínive, Ishtar de Nínive, Ishtar de Hattarina . Ninlil, as montanhas, os rios, as nascentes, as nuvens - que sejam testemunhas deste tratado e do juramento.

Maldições e bênçãos:As palavras do tratado e o juramento que estão inscritos nesta placa - caso Duppi-Tessub não os honre, que esses deuses do juramento destruam Duppi-Tessub junto com sua pessoa, sua esposa, seu filho, seu neto, sua casa, sua terra e junto com tudo o que ele possui. Mas se Duppi-Tessub honra as palavras do tratado e o juramento que estão inscritos nesta placa, que os deuses do juramento o protejam junto com sua pessoa, sua esposa, seu filho, seu neto, sua casa, seu país.

[uma]Tratado pode ser encontrado em Boadt, Lendo o Antigo Testamento, 179.

O gênero / esboço dos romanos

O gênero ou tipo de literatura ao qual Romanos pertence é um tópico fortemente contestado. É uma carta (como, por conveniência, rotulei várias vezes até agora nesta introdução), visto que tem uma estrutura epistolar (1:

1-15; 15: 14-16: 23)? Mas se for assim, por que a maior parte de Romanos (1: 16-15: 13) não trata dos detalhes da congregação local em Roma? Afinal, as outras cartas de Paulo o fazem com suas respectivas igrejas e, de fato, as cartas antigas como um todo também lidavam com as situações específicas de seus destinatários. Romanos é, portanto, um tratado, uma vez que

é uma declaração pública da teologia do evangelho de Paulo? Isso faria com que mais como discursos públicos antigos, que apresentavam seu assunto para um um público mais amplo. Mas por que, então, usar a estrutura privada / epistolar de Romanos relacionando isso às congregações em Roma? Talvez Romanos seja um discurso retórico inspirado nos antigos manuais de retórica. Mas, em caso afirmativo, que padrão retórico é: demonstrativo, deliberativo ou persuasivo? O fato de que nenhum consenso emergiu entre aqueles que categorizam Romanos como discurso retórico não augura nada de bom, ao que parece, para essa abordagem para identificar o gênero dos Romanos.



A maioria dos tratados hititas entre suserano e vassalo compartilham os mesmos componentes básicos. Na foto está o tratado entre Suppiluliuma e Hukkana do século XIII AC. Ele contém um preâmbulo, estipulações, testemunhos divinos e maldições e bênçãos.

Eu sugiro que existe um gênero mais próximo para entender o tipo de literatura a que Romanos pertence: a estrutura / formato da aliança que é

penetrante no Antigo Testamento e é especialmente claro no livro de Deuteronômio (ao qual Paulo se baseia cerca de dez vezes em Romanos). Há muito se reconhece que o livro de Deuteronômio combina perfeitamente com o antigo tratado entre suserano e vassalo hitita, e um olhar mais atento sobre esse pano de fundo pode ajudar a iluminar a estrutura da aliança construída em Deuteronômio e desenhada por Paulo em Romanos. O tratado de suserano-vassalo hitita nos leva de volta na história ao segundo milênio AC. Naquela época, no que é a atual Turquia oriental, o Império Hitita governava o Levante (antiga Síria e Israel) nos anos 1400-1200 aC. Essa civilização foi descoberta em 1906 por arqueólogos que descobriram, entre outras coisas, numerosos exemplos de um contrato entre o rei hitita e seu povo, agora conhecido como o tratado de suserano-vassalo hitita. Nestes documentos de contrato entre o rei e seu império, seis componentes podem ser identificados. O primeiro era o "preâmbulo", uma declaração que identifica o nome do rei hitita. Em segundo lugar, veio o "prólogo histórico", que continha uma descrição resumida da relação do rei com seu povo, geralmente sua proteção anterior a eles. Terceiro, seguiram-se as "estipulações" da aliança, especialmente o que o rei esperava de seu povo se continuasse a desfrutar de sua provisão e proteção. Quarto, um componente fascinante, as "bênçãos e maldições", seguiam, por meio das quais o contrato ou tratado pronunciava bênçãos sobre o povo se obedecesse às estipulações do rei, mas maldições sobre ele se não obedecesse. Quinto, a "cláusula do documento" era uma declaração notificando as partes interessadas de que uma cópia do documento seria colocada em um local público para que todos pudessem ver, geralmente um templo. Sexto, o rei do tratado hitita apelou a seus deuses para ratificar ou testemunhar o tratado; em outras palavras, os deuses foram "testemunhas" do tratado. Embora sua ordem possa variar, esses componentes foram bastante corrigidos (consulte a barra lateral para obter um exemplo).

[17]

Da década de 1950 em diante, os estudiosos demonstraram que os seis componentes do tratado de vassalo-suserano hitita correspondem ao livro de Deuteronômio (ver tabela 1):

1 Preâmbulo (Deut. 1: 1-5), o que acentua o nome mais íntimo de Deus: Yahweh.

2 Prólogo Histórico (Deut. 1: 6-3: 29), que fornece um maravilhoso descrição dos atos salvadores de Yahweh em nome de Israel.

3 Estipulações (Deuteronômio 4-26), que se dividem em duas classificações: a Dez Mandamentos (Deuteronômio 4-11) e os mandamentos gerais especificado em termos do relacionamento de Israel com Deus e os outros (caps. 12-26).

4 Maldições e bênçãos (Deut. 27-30), o primeiro pronunciado pelos levitas no Monte Ebal, caso Israel se mostre desobediente às ordens de Yahweh estipulações, e este último pronunciado pelos sacerdotes no Monte Gerizim deve Israel prova ser obediente. As bênçãos e maldições se alternam como um coro antifonal, culminando em Deuteronômio 30: 15-20, que apresenta a tradição dos "dois caminhos": o caminho da obediência e as bênçãos da aliança, e o caminho da desobediência e maldições da aliança.

5 Cláusula do Documento (Deut. 31: 9, 24-26), que especifica que a lei sobre o tábuas de pedra devem ser colocadas dentro da arca do pacto para sua proteção. Na verdade, Josué 24 lembra os israelitas nos dias de Josué que a lei de Moisés, agora em um livro, deve ser lembrado colocando uma pedra de público testemunha.

6 Apelo às Testemunhas (Deut. 31: 26-32: 47), onde Yahweh apela para não divindades pagãs, uma vez que só ele é Deus, mas antes para a história, que é um testemunhar a fidelidade de Deus à sua aliança com Israel.

Tabela 1: A Estrutura do Tratado Hitita de Deuteronômio

Tratado Hitita		Deuteronômio
1	Preâmbulo	1: 1-5
2	Prólogo Histórico	1: 6-3: 29
3	Estipulações	4: 1-26: 19
4	Maldições /	27: 1-30: 20
5	Cláusula do	31: 9, 24-26
6	Apelo às	31: 26-32: 47

Minha alegação neste comentário é que o livro de Romanos segue surpreendentemente a forma de aliança de Deuteronômio (que por sua vez é baseada no formato de tratado / aliança de suserano-vassalo hitita), exceto que Paulo qualifica a antiga aliança de Moisés e a substitui por a nova aliança em Cristo. A Tabela 2, mostrando a estrutura do pacto-tratado em Romanos à medida que a antiga aliança é substituída pela nova, servirá como nosso esboço básico de Romanos, que será revelado em mais detalhes à medida que avançamos pelo próprio texto.

Tabela 2: Antiga Aliança substituída pela Nova Aliança em Romanos

Antiga Aliança de israel	Nova Aliança em Romanos
1. Preâmbulo	Romanos 1: 1-15 (Cristo, o Filho de Deus e a conversão dos gentios antes do restauração de Israel)

2. Histórico Cristo)	Romanos 1: 16-17 (espiritual, não físico ou geográfico, restauração em Prólogo
3. Estipulações	Romanos 1: 18-4: 25 (pela fé em Cristo, não na lei de Moisés)
4. Bênçãos	Romanos 5-8 (bênçãos sobre gentios crentes)
5. Maldições	Romanos 9-11 (maldições sobre o Israel incrédulo)
6. Apelar para Testemunhas	Romanos 12: 1-15: 13 (renovação da cerimônia da aliança)
7. Documento Cláusula	Romanos 15: 14-16: 27 (em uma carta, não em pedra)

O Evangelho de Deus em Cristo por meio de Paulo

Grande ideia Paulo, o apóstolo dos gentios, foi divinamente escolhido para pregar o evangelho de Deus em Cristo, o cumprimento do tempo do fim do duplo Promessa do Antigo Testamento da restauração de Israel e da conversão dos gentios.

Temas principais de Romanos 1: 1-7

Paulo foi chamado por Deus para ser um apóstolo, especialmente para os gentios (1: 1, 5-7).
A mensagem de Paulo é o evangelho de Deus em Cristo, que é o fim dos tempos cumprimento da dupla promessa do Antigo Testamento da restauração de Israel (1: 2-4) e da conversão dos gentios (1: 5-7).
Mas Paulo inverte a ordem: primeiro vem a conversão dos gentios e depois a restauração de Israel (compare 1: 1-7 com 11: 25-27). Paulo utiliza a seção do preâmbulo do formato da aliança do Antigo Testamento.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 1: 1-7 constitui a primeira metade da introdução de Paulo ao



-
-
-
-

Romanos (1: 8-15 é a segunda metade). A introdução, ou receita, às cartas antigas consistia em três partes: identificação do autor, identificação dos destinatários e uma saudação ou saudação aos destinatários. Assim, essas são as três partes de Romanos 1: 1-7:

1. Remetente: Paulo (1: 1-6)
2. Destinatário: Para aqueles em Roma (1: 7a)
3. Saudação: Graça e paz (1: 7b)

O componente remetente / autor em 1: 1-6 é provavelmente tão extenso porque Paulo está se apresentando aos cristãos em Roma pela primeira vez.

Há um inclusio—Uma ideia inicial de um texto que é declarado, desenvolvido e então retornado na conclusão — para todo o livro de Romanos centrado no "evangelho" (compare 1: 1, 2, 9, 15 com 15:16, 19 ; 16: 25-27). Na verdade, "evangelho" recebe um lugar de destaque, ocorrendo na declaração temática da carta em 1: 16-17. Assim, Paulo desde o início alerta os leitores para o tema da carta: o evangelho de Deus por meio de Jesus Cristo.

Finalmente, 1: 1-7, junto com 1: 8-15, corresponde à seção do preâmbulo do formato da aliança que é tão visível em Deuteronômio. A seção do preâmbulo da estrutura da aliança do Antigo Testamento apresentou Yahweh como o Deus que guarda a aliança de Israel. O mesmo acontece com 1: 1-15, exceto que Paulo iguala Jesus Cristo a Deus, cujo evangelho da nova aliança agora impacta não apenas os judeus, mas também os gentios.

O seguinte esboço guiará o exame de Romanos 1: 1-7:

1. Paulo é chamado para ser um apóstolo do evangelho de Deus em Cristo, que é o cumprimento da dupla promessa do tempo do fim do Antigo Testamento (1: 1)
2. A restauração de Israel (1: 2-4)
3. A conversão de gentios (1: 5-7)

Antecedentes Históricos e Culturais1. As cartas da Grécia Antiga continham três partes: introdução, corpo e conclusão. As cartas do Novo Testamento, incluindo as de Paulo, fazem o mesmo.

2. As "Sagradas Escrituras" a que Paulo se refere em 1: 2 são o Antigo Testamento, que, em sua forma hebraica, é dividida em três seções: Torá (Lei), Nebiim (Profetas) e Ketubim (Escritos). Que Paulo e os outros autores do Novo Testamento seguiram esta divisão tripla do Antigo Testamento é claro (ver Lucas 24:27, 44; cf. em outra literatura judaica antiga o prólogo de Siraque;

4 Esdras

14,37-48; Josefo,Ag. Ap. 1,37-42).



Esta é uma carta escrita entre 97 e 103 DC, que foi encontrada nas ruínas de um forte romano na antiga Vindolanda (atual Chesterholm, Northumberland, Inglaterra). Escrito em um pedaço fino de madeira, começa, “Claudia Severa [remetente] para sua Lepidina [destinatária] saudações”. O corpo da carta é um convite para uma festa de aniversário e termina com a seção de saudação: “Dê minhas saudações ao seu Cerialis. Meu Aelius e meu filho enviam-lhe saudações. Devo esperar por você, irmã. Adeus, irmã, minha querida alma, pois espero prosperar e saudar ”(Klauck,

Carta Antiga, 107). Dois estilos diferentes de caligrafia são evidentes, indicando que a maior parte da carta foi ditada a um escriba e as duas últimas linhas foram escritas pelo próprio remetente.

3. Embora a fonte primária do evangelho de Paulo seja o Antigo Testamento, seu público romano não teria esquecido que a palavra "evangelho" evocava elogios a César Augusto e aos

pax romana, a paz que seu governo trouxe ao mundo mediterrâneo. Este estudo de Romanos mostrará que, assim como Paulo mostra a inadequação da lei do Antigo Testamento para a salvação, ele mina qualquer confiança errada em César. Na verdade, se Paulo conseguir o que quer, sua próxima missão à Espanha pelas mãos do Cristianismo Romano resultará na segunda vinda de Cristo e na derrubada do Império Romano!

4. Em 1: 1-7, Paulo parece lançar-se no papel do Servo Sofredor do livro de Isaías. Observe as seguintes conexões possíveis:

Paulo é um servo (compare 1: 1 com Isa. 42: 1-9; 49: 1-13; 50: 4-11; 52: 13-53: 12).

Paulo é chamado (compare 1: 1, 6-7 com Isa. 41: 9; 42: 6; 43: 1; 45: 3-4; 48:12, 15; 49: 1; 51: 2).
Paulo é um apóstolo enviado (compare 1: 1 com Isaías 6: 8).
Paulo é enviado para compartilhar as boas novas (compare 1: 1-7 com Isa. 40: 9). Paulo é enviado aos gentios (compare 1: 5-7 com Isa. 42: 6-7).

Paulo é enviado aos gentios (compare 1: 5-7 com Isa. 42: 6-7).

Percepções interpretativas 1: 1Paul, um servo. . . um apóstolo. . . separado para o evangelho de Deus.Paulo fornece três descrições de si mesmo. Primeiro, ele é um servo ou escravo (
doulos) de Jesus Cristo. Além da conotação degradante de doulos, Paulo também pode ter pretendido uma alusão positiva à tradição do "servo de Yahweh" do Velho Testamento que foi aplicada a Israel (Ne 1: 6; Isa. 43:10), os profetas (2 Reis 9: 7; 17:23), Moisés (Josué 14: 7; 2 Reis 18:12), Josué (Josué 24:29) e especialmente o Servo Sofredor em Isaías (Isaías 42: 1-9; 49: 1-13; 50: 4-11; 52: 13-53: 12). O uso de Paulo do título menos comum "Cristo Jesus", em vez do mais comum "Jesus Cristo", pode aludir a seu encontro místico com Jesus ressuscitado na estrada para Damasco. Paulo tende a usar "Cristo Jesus" quando

aludindo à sua dramática experiência de conversão. Em segundo lugar, Paulo é chamado para ser apóstolo, o que significa que ele recebeu o mesmo status dos doze discípulos originais. Isso é verdade mesmo que Paulo nunca conhecesse o Jesus histórico. O que importava era que Paulo havia encontrado o Jesus ressuscitado (por exemplo, Gal. 1: 15-18; 1 Cor. 15: 8). Terceiro, Paulo foi separado para o evangelho de Deus. "Separado" provavelmente se refere ao chamado divino de Paulo desde o nascimento para ser um apóstolo de Cristo, um chamado que foi realizado na estrada de Damasco (veja Gl 1: 15-18). Conforme observado anteriormente, o termo "evangelho" tem sua raiz principal na promessa das boas novas da restauração de Israel no tempo do fim (ver especialmente Isaías 40: 9; 52: 7; 61: 1 [cf. Lucas 4: 18]; também Isa. 60: 6; Joel 2:32; Nah. 1:15). Essa mensagem de boas novas também incluía a conversão dos gentios (veja Isa. 2: 2-4; Miq. 4: 1-3; Rom. 9: 25-27; 15: 16-33). Este é o evangelho de "Deus" em Cristo porque se originou no Antigo Testamento como a promessa divina a Israel e é cumprida em Jesus Cristo.

1: 2 o evangelho que ele prometeu de antemão por meio de seus profetas.Os comentaristas concordam que “profetas” aqui se refere a todo o Antigo Testamento. Assim, Paulo está dizendo que o Antigo Testamento dá testemunho profético do evangelho de Deus. Isso pode ser visto já em Gênesis 12: 1-3, onde Deus promete abençoar os descendentes de Abraão (judeus), bem como as nações do mundo (gentios). Na verdade, é assim que Paulo leu Gênesis 12: 1-3 (veja Rom. 4: 9-12; cf. Gal. 3: 6-9). E essa dupla promessa da bênção de Deus sobre os judeus (a restauração de Israel) e os gentios (conversão das nações) recebe o status escatológico em Isaías 40-66. Esta dupla promessa é explicada em Romanos 1: 3-4 a respeito de Israel e em 1: 5-7 a respeito dos gentios. Jesus Cristo é aquele ordenado por Deus para realizar o cumprimento dessas promessas.

1: 3-4descendente de David. . . Filho de Deus. Primeiro, muitos intérpretes acreditam que esses dois versículos consistem em um hino pré-paulino ou credo sobre Jesus porque

das palavras não paulinas aqui (“descendente / semente de Davi,” “Espírito de santidade”) e o paralelismo inerente aos versos. O paralelismo, visto de forma mais clara no texto grego, é o seguinte:

quem veio	quem foi nomeado[18]
da semente de David	Filho de deus no poder
de acordo com a carne	de acordo com o Espírito de santidade (da ressurreição dos mortos)

Em segundo lugar, a chave para interpretar 1: 3-4 é entender o significado do contraste de “carne” (NIV mg.) Versus “Espírito de santidade”. Embora o assunto seja debatido, a melhor visão interpreta a carne / Espírito como o contraste entre a era presente e a que virá. À primeira pertence a carne, neste caso Jesus, o descendente humano de Davi; para o último pertence a era vindoura, a era do Espírito. Paulo mais tarde deixará claro que a humanidade de Jesus é apenas na semelhança da carne pecaminosa (Rom. 8: 3). Embora o significado da frase “Espírito de santidade” seja incerto (aparece apenas aqui no Novo Testamento), a frase grega provavelmente reflete uma construção semítica referindo-se ao Espírito Santo.

Terceiro, à luz dos dois primeiros pontos, podemos concluir que "Filho" / "Filho de Deus" em 1: 3-4 forma um inclusio, significando que o eterno e preexistente Filho de Deus tornou-se humano na forma da semente de Davi e, em sua ressurreição, o Filho (Jesus Cristo) foi elevado a um novo status: o poderosamente exaltado Filho de Deus celestial.

Quarto, a mensagem desta peça cristológica é que em Jesus Cristo a prometida restauração de Israel está começando a se cumprir. Observe as quatro conexões a seguir entre 1: 3-4 e a promessa na literatura judaica do Antigo Testamento e do Segundo Templo da restauração de Israel, apresentada na tabela 1.

[19]

Tabela 1: Jesus Cristo em Romanos 1: 3-4 e a Restauração de Israel

Restauração de Israel	Romanos 1: 3-4: Jesus é o. . .
As boas novas da restauração de Israel (Isa. 40-66)	“Evangelho” (Rom. 1: 1-7)
O Messias davídico restaurará Israel na era por vir (2 Sam. 7: 12-16; Isa. 11: 1, 10; Jer. 23: 5-6; 30: 9; 33: 14-18;	Messias davídico (compare com Rom. 1: 3 com Matt. 1: 1-16; Lucas 1:27, 32,
Israel é o Filho de Deus (Êxodo 4: 22-23; Jr 31: 9; Os 11: 1; Sb 9: 7; 18:13; Jub. 1,24-25;Pss. Sol.17,30; 18,4)	Filho de Deus, o Israel verdadeiro / restaurado (compare Rom. 1: 3-4 com Mat. 4:
A futura restauração de Israel é comparada à ressurreição de os mortos (Isa. 26:19; Eze. 37: 1-14)	um ressuscitado dos mortos (Rom. 1: 4)

1: 5Por meio dele recebemos graça e apostolado. . . obediência que vem da fé.
A descrição de Paulo de seu chamado como "graça e apostolado" sugere que seu encontro na estrada de Damasco com Jesus ressuscitado foi tanto sua conversão a Cristo quanto seu chamado para ser o apóstolo dos gentios. Não devemos eliminar o primeiro deles da equação, como fazem alguns intérpretes. O significado da frase "obediência da fé" ou "obediência que vem da fé" (NVI) é debatido e pode significar que obediência é a expressão da fé ("obediência que é fé"), ou que obediência resulta da fé. Em ambos os casos, essa fé / obediência se refere à promessa do tempo do fim do Antigo Testamento de que os gentios se converterão ao Deus verdadeiro após a restauração de Israel (ver Isa. 2: 2-4; Mq. 4: 1-3; Rom. 9: 25-27; 15: 16-33), exceto que Paulo inverte essa ordem em Romanos 11: 24-27. De fato,

1: 6 E você também.Paulo sugere duas coisas aqui. Primeiro, os cristãos gentios são o grupo dominante sobre a minoria de cristãos judeus nas congregações romanas; portanto, este é o seu comentário a eles (cf. 11: 11-24). Em segundo lugar, eles estão sob a autoridade apostólica de Paulo como o primeiro apóstolo dos gentios.

1: 7 Para todos em Roma.Embora as palavras "em Roma" estejam ausentes em alguns manuscritos antigos, certamente pertencem ao texto original, fornecendo o nome dos destinatários da carta. Paulo aplica três rótulos do Antigo Testamento para Israel aos cristãos gentios em Roma: "chamado" (cf. Deut. 4:37; 10:15; Isa. 41: 9; 48:12), "amado" (cf. Deut. 4:37; 10:15; Isa. 41: 9; 48:12), "amado" (cf. Deut. 4:37; 10:15; veja também Deuteronômio 7: 8; 23: 5), e "santos" (cf. Êxodo 19: 5-6; Levítico 19: 2; Deuteronômio 7: 6). O apóstolo aos gentios, portanto, comunica que

eles são tão parte do povo de Deus quanto Israel.

Não se deve dar muita importância ao fato de que Paulo não se dirige aos cristãos em Roma como “a igreja em Roma”, visto que ele omite esse título na saudação de algumas de suas outras cartas (Filipenses, Colossenses, Efésios).

Paulo oferece a saudação cristã à igreja romana: "graça" e "paz". “Graça” (Charis) é uma adaptação da típica saudação grega (que usa o verbo cadeira), em que Paulo enraíza a graça de Deus em Cristo, e "paz" é uma adaptação da saudação judaica
Shalom, e também vem de Cristo.

Percepções Teológicas Pelo menos quatro percepções teológicas vêm à tona em Romanos 1: 1-7:
(1) Os temas de promessa e cumprimento são a base desses versículos iniciais e, por falar nisso, de toda a carta. (2) Paulo tem o cuidado de sugerir que há apenas

um povo de Deus: judeus crentes e gentios crentes. (3) Paulo lê seu Antigo Testamento messianicamente (como fizeram os outros autores do Novo Testamento): Cristo é seu clímax. (4) Os credos da igreja posteriores sobre as duas naturezas de Jesus Cristo e da Trindade estão implícitos aqui.

Ensinando o Texto

Três aplicações relacionadas ao evangelho para todos os públicos emergem de Romanos 1: 1-7. Primeiro, a orientação teológica do evangelho é o Antigo Testamento. Assim, o evangelho está enraizado no Antigo Testamento, cumprido em Jesus Cristo, o Messias prometido, e articulado por Paulo, o cristão judeu. Perder essa orientação é seguir o caminho do herege Marcião, que afirmava que a Bíblia apresenta dois deuses diferentes, o deus da ira do Antigo Testamento e o deus do amor do Novo Testamento. Um de meus professores costumava dizer que para ser um cristão forte é preciso conhecer o Antigo Testamento. Ele estava certo. O Antigo Testamento demonstra o amor e a justiça de Deus, enquanto o Novo Testamento faz o mesmo.

Em segundo lugar, os benefícios pessoais do evangelho são de tirar o fôlego: paz, amor e santidade de Deus por meio de Cristo. Romanos preencherá os detalhes a respeito dessas bênçãos, mas basta dizer aqui que o amor de Deus em Cristo proporciona aos pecadores paz com Deus quando eles aceitam pela fé que Cristo morreu por seus pecados e ressuscitou para sua justificação.

Terceiro, o escopo evangelístico do evangelho é cósmico. Jesus, o Messias de Israel, é o Salvador do mundo e Senhor do universo. A mensagem de Jesus Cristo não conhece limites. Ela se espalhou de Jerusalém à Judéia e Samaria até os confins do mundo, graças aos ministérios dos treze apóstolos, incluindo o apóstolo Paulo.

Ilustrando o Texto

A orientação teológica do evangelho é o Antigo Testamento.

Educação:Há alguns anos, um comitê do corpo docente de Harvard declarou que "o objetivo de uma educação liberal" era "desestabilizar as suposições, desfamiliarizar o familiar, revelar o que está acontecendo por trás das aparências, desorientar os jovens e ajudá-los para encontrar maneiras de se reorientar. ” Isso implicava um modo de vida holístico que enfatizava o pensamento independente com uma certa dose de ceticismo em relação ao que foi feito antes, incluindo a

Educação. Tal perspectiva está de acordo com a cultura individualista moderna, com seu foco no questionamento, autodescoberta e satisfação pessoal. Uma abordagem mais tradicional da vida é discutida em um livro chamado

Sobre o pensamento institucional
, do cientista político Hugh Heclo, que enfatiza não o que queremos da vida, mas o que ela quer de nós. Heclo escreve: “os institucionalistas se veem como devedores que devem algo, não credores a quem algo é devido”.

[20]

O escopo do evangelho é universal, alcançando judeus e gentios.

Texto do hino: “Todos saúdam o poder do nome de Jesus”, de Edward Perronet. Particularmente relevantes neste texto de Perronet (1726-92) são "Vós, semente escolhida da raça de Israel, Vós resgatados da queda, Salve aquele que te salva por sua graça, E coroá-lo como Senhor de todos ”(estrofe 2); “Que todos os parentes, todas as tribosSobre este baile terrestre, / A Ele toda majestade atribui ”(estrofe 4); e “Exaltar a haste da vara de Jesse” (estrofe 5).

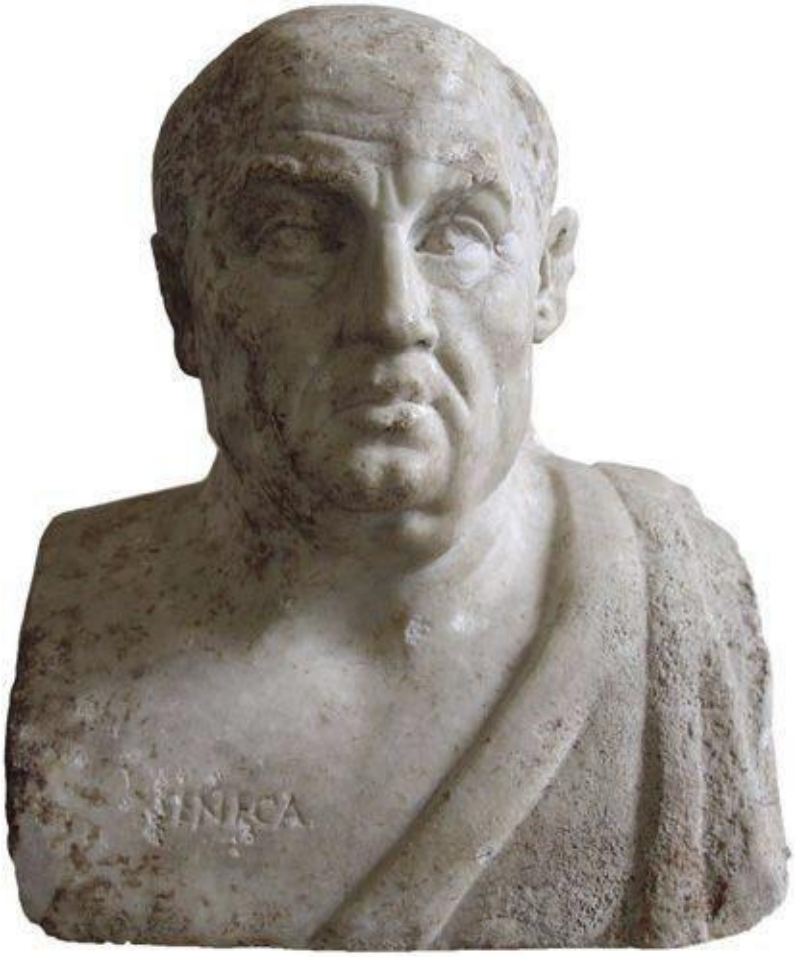
A obediência da fé significa que a justificação e a santificação não devem ser separadas.

Apologética: Toda graça, de Charles Haddon Spurgeon.Nesta obra (1894), Spurgeon ilustra o conceito de obediência da fé, observando que justificação sem santificação não é salvação de forma alguma. “Iria limpar o leproso e deixá-lo morrer de sua doença; isso perdoaria a rebelião e permitiria que o rebelde permanecesse um inimigo de seu rei

.....Pararia o riacho por um tempo, mas deixaria uma fonte aberta de contaminação que mais cedo ou mais tarde estouraria com

aumento de potência. ”[21]

Citar: Sêneca. O filósofo romano Sêneca (ca. 4-65 DC), cuja vida coincidiu com a de Paulo, disse que todas as pessoas estavam olhando para a salvação. O que precisamos, disse ele, é "uma mão abaixada para nos levantar."[22]



Busto de Sêneca, um lado de uma herma de duas cabeças (primeiro ao terceiro século DC)

A obediência da fé dos gentios

Grande ideiaPaulo expande sua convicção de que Deus o chamou para realizar a conversão dos gentios no tempo do fim - isto é, a obediência da fé das nações. Além disso, Paulo também sugere que Deus inverterá a ordem da dupla promessa do Antigo Testamento da futura restauração de Israel e da conversão dos gentios.

Temas principais de Romanos 1: 8-15

A obediência da fé - a conversão dos gentios no tempo do fim - está ocorrendo agora em três fases: a evangelização dos gentios a leste de Roma (1: 8), em Roma (compare 1: 8 com 1: 9-10 , 13-15), e a oeste de Roma, na Espanha, o fim do mundo então conhecido (1.11-12). Isso é nada menos do que a reversão da dupla promessa do Antigo Testamento da restauração de Israel seguida pela conversão dos gentios. Primeiro virá a conversão dos gentios, que será o catalisador para a restauração de Israel (compare 1:13 com 11: 25-27).

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 1: 8-15 é a segunda parte da introdução a Romanos, consistindo no proema - um agradecimento e uma oração.

Assim, 1: 8 é



-
-

A ação de graças de Paulo pelos cristãos romanos, enquanto 1: 9-15 é sua oração por eles.

O tema da obediência da fé dos gentios[23] forma um inclusio enquadrando todo o livro de Romanos, ocorrendo em 1: 5 (cf. 1: 8, 12, 16; 15:18) e concluindo a carta em 16: 25-27. Aqui em 1: 8-15 a obediência da fé dos gentios se desdobra em três estágios: a leste de Roma (1: 8), a própria Roma (compare 1: 8 com 1: 9-10, 13-15) e, finalmente, na Espanha (1: 11-12).

Também sugiro que 1: 8-15 continua a seção de "preâmbulo" da estrutura da aliança que começou com 1: 1.

Antecedentes Históricos e Culturais Um mapa antigo do Império Romano preservado em uma cópia do século XIII conhecida como Tabula Peutingeriana revela o gênio escatológico por trás do plano de Paulo de visitar a Espanha com o propósito de pregar o evangelho. Esse mapa mostra que os antigos acreditavam que Illyricum era um ponto chave de parada no caminho para Roma e que Roma estava a meio caminho da Espanha, o fim do mundo então conhecido. Se compararmos este mapa com Romanos 1: 8-15 e 15: 19-29, chegamos à lógica por trás da paixão de Paulo de ir para a Espanha: tendo acabado de evangelizar Ilírico (a área da moderna Albânia e ex-Iugoslávia), Paulo agora precisava o apoio dos cristãos romanos para conduzir sua missão na Espanha e, assim, trazer a conversão dos restantes gentios. Isso era para trazer "a plenitude dos gentios" logo antes da restauração de Israel (11: 25-27). Robert Jewett coloca desta forma: "O chamado [de Paulo] é estender o evangelho ao 'resto dos gentios,

[24]

Percepções interpretativas 1: 8 sua fé está sendo relatada em todo o mundo.A fé e a obediência dos cristãos romanos a Cristo eram dignas de nota: as pessoas da capital do mundo naquela época haviam se convertido ao cristianismo! Em outras palavras, os gentios em Roma, bem como os gentios a leste de Roma que tinham ouvido o evangelho de Paulo (ver 15: 17-22), foram agora incluídos na categoria de "obediência da fé". Paulo terá mais a dizer sobre o cristianismo romano em 1: 9-10, 13-15.

1: 9 o evangelho de seu Filho. O evangelho é a dupla promessa do tempo do fim do Antigo Testamento a respeito da restauração de Israel e da conversão dos gentios.



O Tabula Peutingerianaé um mapa antigo que revela a lógica por trás da paixão de Paulo em pregar o evangelho na Espanha. Roma e Espanha foram estrategicamente importantes para a conversão dos gentios porque Roma era a capital do mundo antigo e a Espanha marcou o fim do mundo então conhecido. O mapa mostra a rede de estradas romanas com nomes de lugares e pontos de parada com acomodações e rótulos de mares, rios, montanhas e florestas. É um mapa complicado de ler para leitores modernos porque está distorcido na orientação da bússola e não em escala. A porção mostrada aqui mostra a região de Illyricum como a massa de terra mais alta, separada de Roma pelo Mar Adriático. (Detalhe, cópia do original romano, francês, 1265 [velino])

1:11 Posso transmitir a você algum dom espiritual. O “dom espiritual” que Paulo menções aqui não se referem aos dons do Espírito (veja 1 Cor. 12-14; Ef. 4: 11-12); ele tocará nesse tópico em 12: 3-8. Mais provavelmente, Paulo tem em mente em 1.11-12 bênçãos espirituais ou visão espiritual. Esse encorajamento espiritual será recíproco: Paulo abençoará as congregações romanas e elas o abençoarão. Isso é claramente lembrado por 15: 23-29, onde Paulo encoraja os cristãos gentios a apoiar financeiramente seus irmãos e irmãs cristãos judeus mais pobres (em Jerusalém) porque os últimos apoiaram os primeiros espiritualmente ao trazerem o evangelho aos gentios . Na verdade, a palavra "colheita" (

karpos) em 1:13 é a mesma palavra que Paulo usa em 15:28 da coleção dos gentios para os cristãos de Jerusalém. Essa reciprocidade de ministério em 15: 23-29 e em 1: 11-12 tem uma intenção específica: Paulo sabia que a unidade entre cristãos judeus e gentios em Roma era vital para a missão do apóstolo na Espanha. Ele precisava que eles se reconciliassem (ver capítulos 11; 14-15) para que, entre outras razões, eles pudessem fornecer uma frente unificada da qual Paulo pudesse lançar sua missão na Espanha.

1:13 Eu não quero que você fique inconsciente. . . Eu planejei muitas vezes vir para vocês. Como Roma era a capital do império, os cristãos romanos podem ter perguntou mais de uma vez por que Paulo ainda não os tinha visitado. A resposta de Paulo é que ele tem estado tão ocupado evangelizando gentios a leste de Roma (cf. 1.8) que ainda não

teve tempo para visitar a própria Roma (1:10, 13-15; ver novamente 15: 19-29). Na verdade, o mundo dos gentios era o domínio apostólico de Paulo - civilizado (grego / sábio) e incivilizado (bárbaro / tolo). Jewett é mais preciso aqui, argumentando que a Espanha foi ocupada apenas por "bárbaros / tolos".[25]

O versículo 13 começa com a mesma fórmula de divulgação que introduz 11: 25-27: “Não quero que vocês ignorem, irmãos e irmãs.” Visto que o último uso da fórmula iguala o conhecimento de que Paulo está prestes a revelar aos cristãos romanos com o "mistério" de Deus, que a ordem da dupla promessa escatológica do Antigo Testamento da restauração de Israel e da conversão dos gentios está agora invertida, estamos justificados em antecipar esse significado aqui em 1:13. Assim, Paulo está insinuando agora o que tornará mais lúcido mais tarde: como apóstolo dos gentios, ele está evangelizando as nações porque sua conversão precederá, até mesmo acenderá a conversão de Israel ao seu Messias legítimo.



Este monumento funerário mostra várias classes da hierarquia social romana. As grandes figuras mostradas em alto relevo são uma família de libertos e libertas. As figuras menores em relevo raso são os escravos que pertencem à família. O contraste visual destaca a diferença de status social, uma divisão superada pelo evangelho. (Thessaloniki, ca. 50 AC)

Percepções Teológicas Uma série de percepções teológicas emergem de Romanos

1: 8-15. Primeiro, aprendemos com Paulo que nenhum cristão é uma ilha, mas sim uma parte do todo, o corpo de Cristo. Até mesmo o grande Paulo, tão forte em personalidade

e destemido na pregação do evangelho, precisava de outros crentes para ajudá-lo na busca pelo avanço do reino de Deus na terra. O mesmo é verdade para nós. Em segundo lugar, o evangelho de Jesus Cristo é inclusivo por natureza; é uma boa notícia para todos. Nunca deve haver uma sugestão em nossa mensagem de que o evangelho é diferente. Judeus e gentios, homens e mulheres, ricos e pobres, poderosos e fracos, e qualquer uma das outras divisões que as pessoas usam para categorizar este mundo não estão em jogo com o evangelho. Terceiro, o evangelho também é de natureza exclusiva; não há nenhum nome sob o céu pelo qual os humanos possam ser reconciliados com Deus, a não ser o de Jesus Cristo (Atos 4:12). Assim, a "obediência da fé" de que Paulo fala em 1: 8-15 confirma que todo o mundo um dia se prostrará diante de Cristo, o Senhor, para honrá-lo. Isso acontecerá porque as nações aceitam de bom grado a Cristo agora como Salvador e Senhor ou porque serão obrigados a fazê-lo em seu retorno (cf. Fp 2: 9-11). Em quarto lugar, deve-se reconhecer que a campanha intensiva de Paulo para evangelizar os gentios como o catalisador da parusia (veja a barra lateral) não a trouxe durante a vida de Paulo. No entanto, de acordo com o próprio Jesus, o evangelho realmente irá a todo o mundo antes de sua volta (Mt 24:14). Portanto, a mensagem de Paulo estava correta, embora o tempo da parusia tenha sido adiado. Mas a demora da parusia não pareceu incomodar tanto a igreja primitiva, pois ela percebeu que a primeira vinda de Cristo havia posto em movimento a era por vir. Essa garantia sustentou os primeiros cristãos e, portanto, deve governar nossa perspectiva também (veja uma discussão mais aprofundada sobre isso em Rom.

A parusia

O termo “parousia” é a transliteração de uma palavra grega que significa “vinda” ou “presença”. Nos estudos do Novo Testamento, o termo “parousia” é usado para se referir à segunda vinda de Jesus Cristo no final da história. Curiosamente, “parousia” era um termo usado para designar um general romano ou o próprio César. Conforme o general ou imperador se aproximava de uma cidade, o momento de seu aparecimento no horizonte era chamado de "parusia". Ao usar este termo para Jesus, a igreja primitiva pode ter substituído César por Cristo.

Ensinando o Texto

Pelo menos quatro temas em Romanos 1: 8-15 podem ser usados como sermões ou lições. Primeiro, pegar os versículos 8-15 com os versículos 1-7 deixa claro que há apenas um povo de Deus: aqueles cuja fé está em Jesus Cristo. Isso se aplica a judeus e gentios. Não há espaço aqui para uma abordagem de "duas alianças" para o povo de Deus

por meio do qual os gentios são salvos pela fé em Jesus, enquanto os judeus são salvos por serem o povo de Deus do Antigo Testamento e por seguir a lei de Moisés. Paulo corrigirá qualquer noção em 1: 18-11: 36.

Em segundo lugar, a "obediência da fé" significa que a justificação e a santificação nunca devem ser separadas. Como 1: 16-5: 21 indica, a justificação diante de Deus é baseada somente na fé em Jesus Cristo sem esforço humano de qualquer tipo, mas como 6: 1-8: 15 indica, a fé genuína em Cristo resulta em uma vida santa. Quer dizer, a fé leva à obediência.

Terceiro, um tema secundário que, no entanto, é altamente significativo para este discussão de 1: 8-15 é que o evangelho é teológico e social em orientação. A fé em Jesus Cristo resultará no atendimento das necessidades sociais de pessoas. Assim, Paulo exortou os cristãos romanos a ministrar aos pobres cristãos de Jerusalém (compare 1.11-12 com 15.14-22). Não há espaço aqui para opor o evangelho "verdadeiro" (teologia) ao evangelho "social" (atender às necessidades tangíveis da humanidade). O último é a plataforma e a vinculação do primeiro.

Quarto, a Grande Comissão (Mt 28: 19-20) não foi rescindida. Paulo estava comprometido em alcançar o mundo com o evangelho, e assim deveria ser para a igreja moderna. Se a igreja deixar de lado suas divergências mesquinhas, liberando assim sua energia e recursos, então ela realmente pode propagar o evangelho em todo o mundo. E quem sabe? Talvez esse esforço traga o sinal final do tempo antes da volta de Cristo.

Ilustrando o Texto

O evangelho tem orientação teológica e social.

Citar: "I Have a Dream", de Martin Luther King Jr. "Eu tenho um sonho que meus quatro filhos pequenos um dia viverão em uma nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu caráter. " Esse sonho acima de tudo deve ser realizado na igreja, onde não há escravo ou livre, homem ou mulher, judeu ou gentio (Gl 3:28).

Tanto os crentes do Antigo quanto do Novo Testamento foram salvos pela fé.

Citar: “Prefácio à edição completa dos escritos latinos de Lutero”, de Martinho Lutero.

"Eu ansiava muito por entender a epístola de Paulo aos Romanos, e nada se interpôs no caminho, exceto aquela expressão, 'a justiça de Deus', porque entendi que significava aquela justiça pela qual Deus é justo e age com retidão ao punir os injustos

.....Noite e dia eu ponderei até. . .

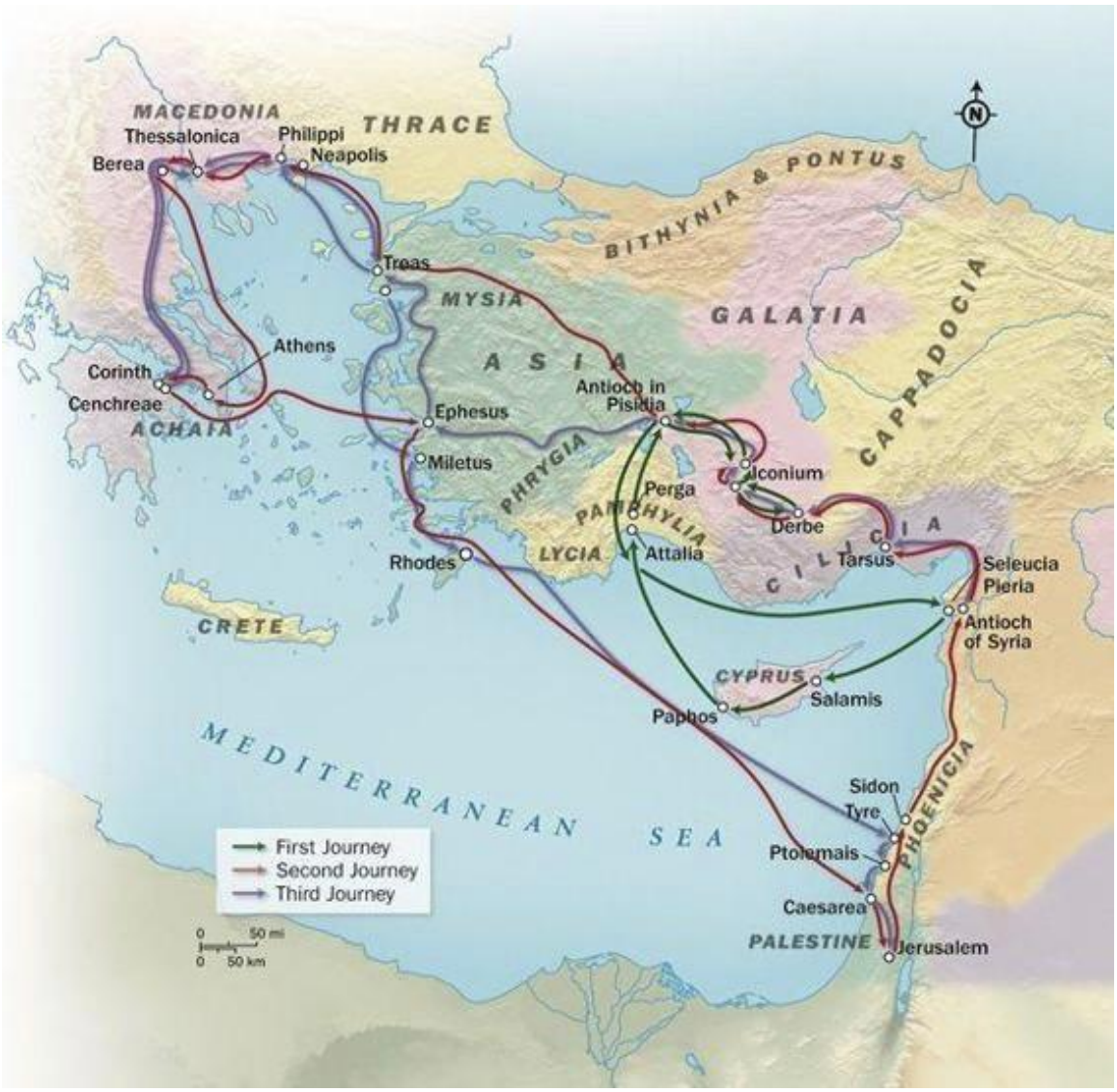
Eu compreendi a verdade de que a justiça de Deus é aquela justiça pela qual, por meio da graça e da misericórdia, ele nos justifica pela fé. Em seguida, senti que havia renascido e passado por portas abertas para o paraíso. Toda a Escritura assumiu um novo significado, e enquanto antes 'a justiça de Deus' me enchia de ódio, agora se tornou para mim inexprimivelmente doce em um amor maior. Esta passagem de Paulo tornou-se para mim uma porta de entrada para o céu. ”[26]

Líderes e leigos devem encorajar a fé uns dos outros na oração e na humildade.

História: “The Time in the City”, de Walter Wangerin.Wangerin (nascido em 1944), um premiado escritor americano que é branco, já serviu como pastor de uma congregação totalmente negra em Evansville, Indiana. Desde então, ele se tornou um romancista, poeta, ensaísta e autor de teologia prática que escreve histórias inesquecíveis que são eminentemente utilizáveis na pregação ou no ensino. Nesta história baseada em sua experiência na igreja em Evansville, Wangerin fala sobre a experiência de ser ordenado e a pureza que sentiu em seu chamado. Ele sentiu que sua “educação havia chegado ao clímax; [seu] conhecimento estava sendo validado. ”

[27]Ele sentiu que o Espírito estava com ele, embora estivesse em uma pequena paróquia com um escritório caseiro. Ele começou a pregar com certo poder. Então, por meio de membros de sua congregação, ele começou a aprender a ouvir, a prestar atenção ao que estavam tentando lhe ensinar. Ele então diz: “Ganhe o seu direito de ser ouvido pela cidade

.....
É um trabalho muito específico. Acontece quando você - com seu próprio sacrifício - entrega seus caminhos ao povo. ”
[28]



A área geográfica coberta pelo apóstolo Paulo durante seus três primeiros missionários as viagens ofereciam muitas oportunidades para ele pregar as boas novas de Jesus aos gentios. Este mapa mostra as rotas que ele percorreu e as cidades nas quais parou. Paulo estava comprometido em alcançar o mundo com o evangelho.

O Evangelho da Libertação

Grande ideia

O evangelho de Jesus Cristo é o estágio final da salvação história, o cumprimento final da dupla promessa do Antigo Testamento da restauração de Israel e da conversão dos gentios.

Temas principais de Romanos 1: 16-17

O evangelho de Jesus Cristo é o último e maior ato divino de salvação e libertação em nome de Israel e, nesse caso, de todo o mundo. O evangelho é primeiro para os judeus e depois para os gentios (compare 1:16 com 2: 1-3: 20; 9-11; 14-15), o que significa que a dupla promessa do Antigo Testamento do tempo do fim da restauração dos judeus e a conversão dos gentios agora está sendo cumprida em Jesus Cristo.

É somente pela fé em Cristo que qualquer pessoa pode receber o evangelho de libertação.

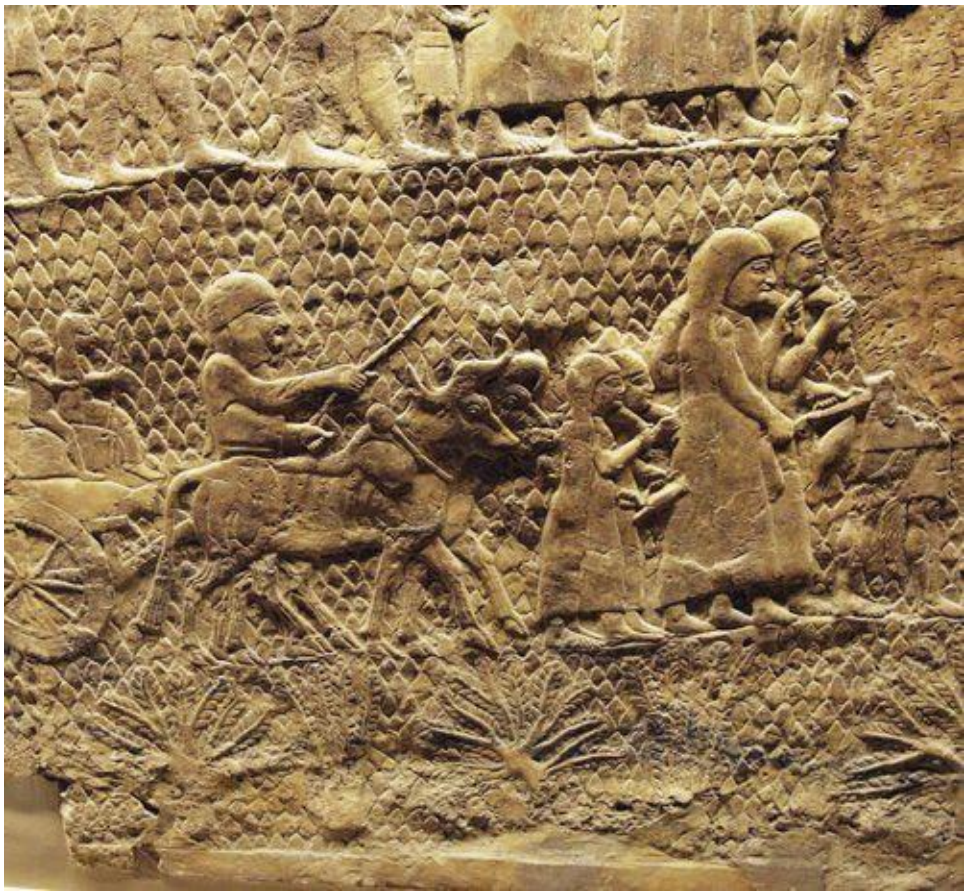
Entendendo o Texto

O Texto em ContextoEm 1:15, Paulo expressou seu profundo desejo de pregar o evangelho em Roma. Agora, em 1: 16-17, ele explica a natureza desse evangelho. Ao fazer isso, 1: 16-17 forma o tema da carta aos Romanos: o evangelho de Jesus Cristo. Como Thomas Schreiner aponta, é este tema que integra a outra chave

idéias em 1: 16-17 e, de fato, em toda a carta: salvação, justificação pela fé e a ordem da salvação (judeus primeiro, depois gentios). Schreiner capta a lógica resultante de 1.15-17: Paulo está ansioso para pregar em Roma (1.15) porque ele não tem vergonha do evangelho (1.16a) e não tem vergonha do evangelho porque é de Deus poder para a salvação (1.16b), e o evangelho é o poder de salvação de Deus porque transmite a justiça de Deus a todos os que crêem (1.17a).
[29]Tudo isso está enraizado em Habacuque 2: 4 (e na história da restauração de Israel conforme proclamada por outros profetas, como Isaías).

Meu argumento é que a estrutura da aliança do Antigo Testamento informa aos Romanos. Vimos acima que 1: 1-15 se encaixa perfeitamente com o componente do preâmbulo do formato do pacto. Agora, sugiro que 1: 16-17 corresponde ao componente do prólogo histórico da estrutura da aliança. A seção do prólogo histórico (ver, por exemplo, Deuteronômio 1: 6-3: 29) ensaia a intervenção de Deus em favor do antigo Israel, muitas vezes relembrando o êxodo e a conquista de Canaã, bem como o retorno de Israel à sua terra natal após o exílio em Babilônia (587/586 aC). Esses eventos os teólogos chamam de "história da salvação" - isto é, os atos de salvação de Deus em nome de Israel. Romanos 1: 16-17 está fazendo quase o mesmo, exceto que transmite a convicção de que o maior ato de libertação de Deus em nome de Israel está acontecendo agora em Jesus Cristo por causa de sua morte e ressurreição (cf. 1: 3-4),

Antecedentes Históricos e Culturais1. Além da estrutura da aliança do Antigo Testamento, um ponto chave no contexto histórico de Romanos 1: 16-17 é a história de Israel. Essa história se desdobra no Antigo Testamento em três estágios: o pecado de idolatria de Israel contra Yahweh; A rejeição de Israel dos profetas de Yahweh que chamaram Israel ao arrependimento e o subseqüente envio de Deus de Israel para o exílio, primeiro para a Assíria em 721 aC e depois para a Babilônia em 587/586 aC; e a promessa do retorno / restauração de Israel à sua pátria caso se arrependam voltando para Deus. É este terceiro estágio que pesa tanto no significado de Romanos 1: 16-17. Vou chamar a atenção para esses três componentes da história de Israel repetidamente em meu tratamento de Romanos.



Deus enviou Israel para o exílio por causa de seu pecado de idolatria, mas de acordo com o seu promessas da aliança, Deus mais tarde restaurou Israel em sua terra natal. A cidade israelita de Laquis foi destruída pelos assírios sob Senaqueribe em 701 aC e novamente pelos babilônios sob Nabucodonosor em 587/586 aC. Senaqueribe conta a história de sua conquista em grandes relevos de parede que foram escavados em seu palácio em Nínive. A seção mostrada aqui mostra famílias israelitas deixando a cidade como exilados.

2. Outro ponto de referência chave para apreciar Romanos 1.16-17 é relacionar sua mensagem à cultura da época, especialmente a mentalidade da capital, Roma. Paulo declara em 1: 15-16 que não se envergonha do evangelho, pois é o poder de Deus para a salvação. Essa afirmação ousada do apóstolo veio em face da execução de Jesus por Roma por meio da crucificação. Na verdade, a cruz de Cristo já havia se tornado motivo de chacota no mundo greco-romano, como

1 Coríntios 1: 18-28 deixa claro. Não muito depois de Paulo, pichações foram encontradas em Roma zombando da cruz de Cristo. Um desenho em uma parede de gesso perto do Circus Maximus retrata um homem adorando o Cristo crucificado, que é retratado como um burro na cruz.

[30]A implicação do desenho é óbvia: adorar um rei crucificado é estúpido! Ao contrário, no entanto, Paulo sabe que o evangelho

do Cristo crucificado é a mensagem mais poderosa do mundo.

Veja a seção “Antecedentes Históricos e Culturais” de Romanos 16: 25-27 (uma passagem que corresponde intimamente com 1: 16-17) abaixo para uma discussão mais aprofundada dos temas de anti-imperialismo, adoração ao imperador e o uso de Paulo de “ linguagem gospel ”.

Percepções interpretativas 1: 16-17Não tenho vergonha do evangelho. . . "O os justos viverão pela fé. ”Três grandes percepções interpretativas emergem desses versos teologicamente densos e muito debatidos. Primeiro, um crescente coro de estudiosos enraíza os principais termos-chave em 1: 16-17 na promessa do Antigo Testamento da restauração de Israel, especialmente conforme apresentado por Isaías.

[31] Observe as conexões estabelecidas na tabela 1.

Tabela 1: Romanos 1: 16-17 e a Restauração de Israel

Romanos 1: 16-17	A restauração de Israel, especialmente conforme registrado em Isaías
"não envergonhado" (compare 1:16 com 9:33; 10:16)	aquele que confia no Senhor não ficará desapontado, isto é, eles irão participar da restauração de Israel (Isa. 28:16)
"Evangelho"	as boas novas do retorno de Israel à sua terra (Is 40: 9; 52: 7; 61: 1; Na 1:15;
"potência"	A ação salvadora de Deus no êxodo, um motivo aplicado ao retorno de Israel de
"salvação"	A libertação de Israel do exílio por Deus (Isa. 12: 2; 25: 9; 46:13; 49: 6; 52: 7,
"justiça"	A fidelidade de Deus à sua aliança restaurando Israel para si mesmo (Is 46:13;
“Revelado”	a restauração de Israel revelará a justiça de Deus e sua fidelidade a sua aliança (Isa. 22:14; 40: 5; 43:12; 53: 1; 56: 1; 65: 1)
"fé"	o justo é aquele que confia no Senhor para tirar Israel do exílio e de volta à sua terra natal (Hab. 2: 4)

Em segundo lugar, o tema da restauração de Israel encontrado em 1: 16-17 assume duas nuances em Romanos: (1) A restauração de Israel testemunhará o estabelecimento de uma nova aliança (compare Rom. 11:27 com Isa. 27: 9; 59: 20-21; e Rom. 2: 14-15; 2:29; 8: 1; 9: 4 com Jer. 31: 31-33; Ez. 36: 24-3). (2) A restauração de Israel incluirá a conversão dos gentios (Isa. 2: 2-4; 52:15; 61: 9-11; 65: 1; Miq. 4: 1-3).

Terceiro, descobrir a história de Israel, especialmente a restauração de Israel, como pano de fundo imediato para 1.16-17 ajuda a resolver três questões críticas: o significado da frase “justiça de Deus”; o significado das palavras “fé em fé”; e como 1:17 se relaciona com Habacuque 2: 4. Essas preocupações agora

“Fé em fé”; e como 1:17 se relaciona com Habacuque 2: 4. Essas preocupações serão agora abordadas brevemente, com a história da restauração de Israel em mente.

1. Muita tinta foi derramada sobre a frase "justiça de Deus", com essencialmente duas interpretações que governam o dia: a visão forense e a visão transformadora.[32] A visão forense entende que a justiça de Deus é a declaração legal de Deus de que o crente em Jesus é justo diante de Deus; isto é, a justiça de Deus é imputada à posição do pecador diante de Deus. O principal suporte para tal perspectiva é encontrado na ênfase de Paulo em Romanos na fé como o único meio de adquirir a justiça de Deus (cf. 1:17; 3: 21-22; 4: 3, 5-6, 9, 11, 13 , 22; 9: 30-31; 10: 3, 4, 6, 10; veja também Gal. 2: 20-21; 3: 6, 21-22;

5: 5; Phil. 3: 9). Com certeza, Paulo se refere à fé como a base para receber a justiça de Deus três vezes somente em Romanos 1: 16-17.

A visão transformadora da frase “justiça de Deus” entende a ação de Deus como transformadora do pecador. Em apoio a esse ponto de vista, pode-se apontar para as palavras do apóstolo em 1:16: o evangelho é o poder salvador de Deus. Além disso, como mencionado antes, todos os termos-chave em Romanos 1: 16-17, incluindo “justiça”, estão essencialmente enraizados nas boas novas de Isaías de que Deus é fiel ao seu povo do pacto, Israel, e os restaurará para si mesmo. Muitos comentaristas modernos são reticentes em escolher entre essas duas opções porque ambas são baseadas em Romanos 1: 16-17 e em suas amarras no Antigo Testamento. Assim, a justiça de Deus é o ato salvador de Deus de cumprir sua promessa de restaurar Israel e converter os gentios com base exclusivamente na fé em Jesus Cristo. Com esta conclusão eu concordo.

2. O que significa a frase "de fé em fé" (NVI: "pela fé desde o primeiro até

último ") significa? Várias explicações foram oferecidas: da fé do Antigo Testamento à fé do Novo Testamento; da fé da lei para a fé do evangelho; da fidelidade de Deus à fé do homem; do começo ao fim, a salvação é pela fé. A última possibilidade mencionada é a mais defendida hoje por causa da ênfase em Romanos 1: 16-17 na fé e no crer. Concordo com essa conclusão e acrescentaria um detalhe importante: para a aliança do Antigo Testamento, guardar a lei de Moisés era a forma de garantir que o israelita permanecesse em um relacionamento correto com Deus,

[33]mas de acordo com Paulo, a pessoa recebe a justiça de Deus crendo em Jesus Cristo, não obedecendo à Torá. Além disso, a restauração de Israel não é mais geográfica em orientação ou exclusiva em membros; antes, é de natureza espiritual e abrange todas as nações.

3. Três perguntas aguardam o leitor de Habacuque 2: 4, conforme citado por Paulo em Romanos 1:17. Primeiro, por que Paulo omite o pronome pessoal "meu" do texto grego (LXX) de Habacuque 2: 4: "Mas os justos viverão de

minha [Deuses]

fidelidade ”(contraste com o texto hebraico [MT]:“ Mas os justos por seu [a A] fé / fidelidade de Israel viverá ”)? A resposta parece ser que Paul quer deixar claro que é a fé do indivíduo que ele tem em mente (portanto, o TM, não a LXX). Em segundo lugar, o que “pela fé” modifica: “o justo / justo pela fé viverá” ou “o justo viverá pela fé”? O primeiro parece estar correto, visto que Romanos 1: 18-4: 25 destaca a fé como o meio para a justificação, e Romanos 5-8 parece enfatizar a vida eterna como o dom da justificação. Terceiro, Habacuque e Paulo estão em desacordo um com o outro? Ou seja, Habacuque 2: 4 afirma que obedecer à lei é a maneira de permanecer em aliança com Deus? Parece haver tensão entre Habacuque e Paulo aqui. Para Habacuque, a obediência à lei é o meio de ser fiel a Deus; para Paulo, a fé em Cristo é o meio para ser justificado. Mas isso não é uma contradição real,

Vemos em tudo isso que Romanos 1: 16-17 corresponde perfeitamente à seção do prólogo histórico do formato da aliança: Deus em Cristo foi fiel às suas promessas do Antigo Testamento a Israel e aos gentios, mas baseado na fé e não na lei .

Percepções Teológicas O leitor de Romanos 1: 16-17 encontra vários verdades teológicas. Primeiro, o evangelho ainda é o poder de Deus para libertar pecadores. Em segundo lugar, Deus é fiel à sua promessa da aliança: ele enviou o Messias para salvar seu povo e além. Terceiro, não há espaço para o anti-semitismo, certamente não na comunidade cristã; mas a lei de Moisés não é mais um marcador de aliança para o povo de Deus pela fé. Quarto, a fé em Jesus Cristo é o meio final para receber a justiça de Deus.

Ensinando o Texto

Os seguintes temas podem ser a base para sermões ou lições a respeito de Romanos 1: 16-17: Primeiro, uma mensagem intitulada “Salvo pela fé” poderia enfatizar que tanto os crentes do Antigo como do Novo Testamento foram salvos pela fé. Isso está em contraste com as gerações anteriores de intérpretes que argumentaram que a salvação no Antigo Testamento era baseada na obediência à lei, enquanto a salvação no Novo Testamento é pela fé em Cristo. O conteúdo da salvação pode ter mudado entre os dois Testamentos - a revelação de Deus por meio de Moisés e a revelação de Deus em Cristo - mas o método de receber essa revelação que leva à salvação em ambos os casos foi baseado na fé.

Em segundo lugar, uma mensagem intitulada "Não se envergonhe do Evangelho" poderia demorar-se no escândalo e paradoxo da cruz: a crucificação de Jesus Cristo pelo pecado do mundo é um pensamento abominável para a maioria dos modernos, mas não deixa de ser o poder e a sabedoria de Deus para a salvação. Como Martinho Lutero proclamou, a cruz é

Deus absconditus
(Deus escondido); isto é, por trás da fraqueza, tolice e pecaminosidade da cruz estão o poder, a sabedoria e a justiça divinas.

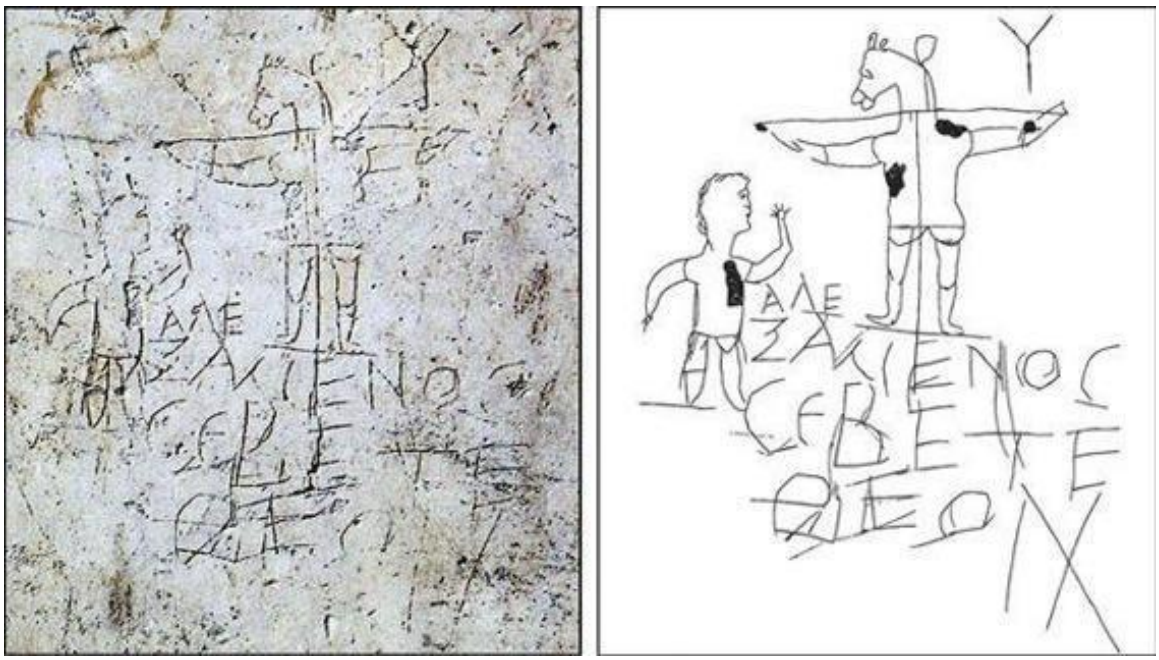
Terceiro, ainda outro sermão / lição baseado em Romanos 1: 16-17 é "O reverso da maldição", lidando com o fato de que o pecado / maldição da lei foi derramado sobre Jesus na cruz, enquanto sua ressurreição dispensa o bênção / restauração da aliança a todos os que crêem.

Quarto, a mensagem “O justo pela fé viverá” poderia explorar como Paulo destaca “pela fé” em Romanos 1: 18-4: 25 e “viverá” em Romanos 5-8. O objetivo de tal mensagem ou lição seria mostrar que Paulo primeiro deixa claro na primeira seção que a justificação diante de Deus é baseada somente na fé em Cristo, enquanto a última seção expõe sobre a vida que resulta da justificação.

Ilustrando o Texto

Embora abominável para muitos, a crucificação é o poder e a sabedoria de Deus para a salvação.

História da arte: Alexamenos Graffito. O graffito Alexamenos, também conhecido como o
Graffito Blasphemo, é uma inscrição esculpida em gesso em uma parede perto do Monte Palatino, em Roma, perto do Circo Máximo. Ele retrata uma figura de aparência humana presa a uma cruz e tendo a cabeça de um burro. A data desta inscrição é provavelmente o início do século III. A inscrição é considerada pela maioria dos estudiosos uma descrição zombeteira de um cristão. Justin Martyr, um apologista cristão, resumiu a visão de Cristo pelas pessoas da época. Eles consideravam uma piada que um homem crucificado seria igualado ao Deus criador eterno. Uma pessoa assim só poderia ser tratada com desdém ou desprezo; ele deve ser um lunático.



O graffito Alexamenos. A inscrição grega no graffito diz: "Alexamenos adora [seu] deus".

Citar: A paixão de Cristo. Neste filme (2004), um poderoso e gráfico retrato do sofrimento e da morte de Jesus, um dos criminosos a ser crucificado com Jesus pergunta a ele: "Por que você abraça a sua cruz, seu tolo?"

Canção: “Scandalon”, de Michael Card. Esta é uma letra poderosa e contemporânea que aborda o escândalo da cruz.

Canção: “Soberano Senhor”, de Phil Mehrens. Esta é outra letra contemporânea que postula o grande paradoxo ensinado aqui.

Os justos (aqueles tornados justos pela fé) viverão.

Filme: Martin Luther. Este clássico filme (1953), produzido em preto e branco, estrela Niall MacGinnis como Lutero. Foi filmado no que então era a Alemanha Ocidental, em estúdios em Wiesbaden, em colaboração com a Igreja Luterana. A atuação é memorável e crua, e a cena em que Lutero descobre o significado e a dimensão da doutrina de que o justo viverá pela fé revela o poder dessa passagem da Escritura. É um retrato cuidadoso e fiel da história de Lutero; a pesquisa foi feita por, entre outros, Theodore Tappert, um estudioso da Reforma, e Jaroslav Pelikan, um estudioso da história da igreja e da história da

teologia. Uma versão mais recente, Luther (2003), tem cenas úteis, mas é, finalmente, menos fiel, mais de um filme biográfico.

A história de Israel e a história dos gentios

Grande ideiaHá muita condenação para os judeus, assim como para os gentios. Nesta passagem, a história de Israel é refletida na história dos gentios - pecado e julgamento para ambos. Mas essas más notícias têm o objetivo de levar tanto ao evangelho, quanto à restauração final dos judeus e à conversão dos gentios.

Temas principais de Romanos 1: 18-32

O tema principal é a acusação de Paulo aos pagãos gentios, mas também aos judeus. As histórias de Gentios / Adão e de Israel têm quatro pontos de comparação:

Vários sinônimos para “verdade” aludem ao conceito estóico de harmonia com o ser divino, bem como aos mandamentos que Deus prescreveu para o mundo em sua aliança com Noé.
Assim como Israel deve guardar as estipulações da lei mosaica para permanecer na aliança com Deus, os gentios devem guardar a lei de Noé para permanecer na aliança de Deus com a criação.

Mas nem Israel nem as nações guardaram as estipulações de Deus; antes, os gentios seguiram a idolatria de Adão e Eva, e Israel caiu na idolatria com o bezerro de ouro.

Consequentemente, Deus "entregou" os gentios para colher os resultados de sua idolatria, assim como Deus entregou Israel aos seus inimigos para adoração

-
-
-
-

deuses estrangeiros.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 1: 18-4: 25 é a unidade de Romanos que corresponde ao componente de estipulação da fórmula da aliança do Antigo Testamento. De acordo com Paulo, a estipulação para receber o evangelho da justiça de Deus - a verdadeira restauração de Israel e conversão das nações - é a fé em Jesus Cristo, não a lei de Moisés ou a lei natural. Ao contrário, ao invés de trazer obediência a Deus, essas estipulações legais realmente provocam a desobediência dentro do coração humano (ver 1:32 a respeito da lei natural, e 3: 19-20 a respeito da Torá). Com isso em mente, 1: 18-32 enfoca a desobediência dos gentios à lei natural (embora os judeus também estejam sob a alçada da condenação de Paulo ali), enquanto 2: 1-3: 8 enfoca a desobediência dos judeus à Torá. Conseqüentemente, todos carecem lamentavelmente da justiça de Deus (3: 9-20).

Romanos 1:18 é o tema-chave que governa 1: 19-3: 20: a ira de Deus recai sobre aqueles que violam sua lei (aqueles que cometem impiedade e maldade), sejam eles gentios que desobedecem à lei natural (1: 19- 32) ou judeus que desobedecem à Torá (2: 1-3: 8). Romanos 1: 19-32 divide-se em duas partes: versículos 19-

21 são uma declaração geral da desobediência dos gentios à lei natural de Deus (mas também com os judeus e a Torá em mente); os versos 22-32 são uma análise detalhada da desobediência dos gentios a Deus (mas também sobre o desprezo dos judeus pela Torá). Esta última seção se divide em três

subseções (vv. 22-24, 25-27, 28-32), cada uma centrada na frase sinistra "Deus os entregou".

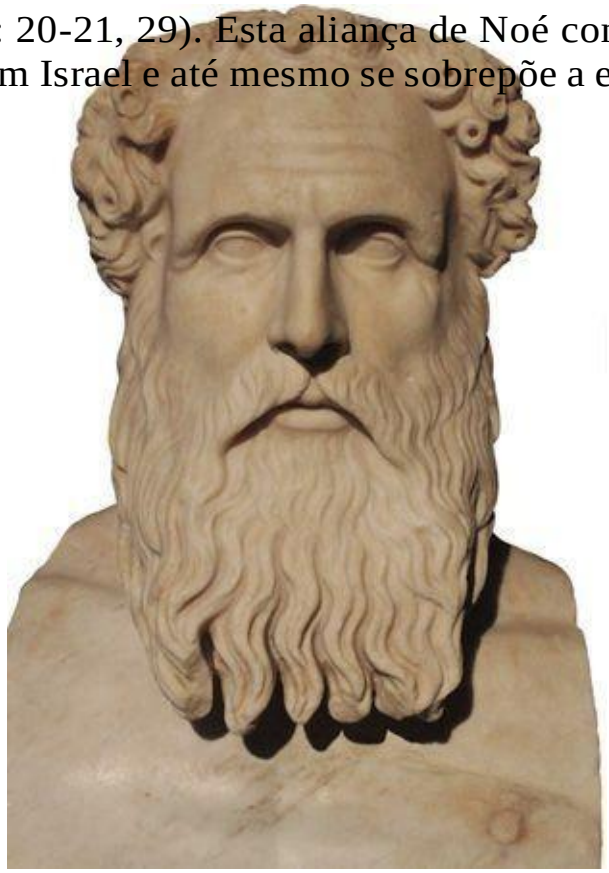
Conforme os judeus liam sobre o pecado e o julgamento dos gentios conforme explicado nesses parágrafos, eles teriam ouvido ecos de sua própria história de pecado e julgamento / exílio. Os quatro pontos de comparação entre os gentios e Israel teriam impressionado os leitores judeus (e gentios) de Romanos 1: 18-32.

1. Os vários sinônimos para “verdade” e frases para descrevê-la ao longo de 1.18-32 - “verdade” (1.18); “O que pode ser conhecido” (1:19); “É manifesto entre eles” (1:19; NVI: “é claro para eles”); Os atributos de divindade e poder de Deus percebidos na criação (1:20); “Conheceu a Deus”, mas não o “glorificou” (1:21); “Trocou a verdade sobre Deus pela mentira” (1:25); “Natural” (1:26); "conhecimento"

(1:28); conhecer o “decreto justo” de Deus (1:32) - alude tanto a um conceito estóico gentio (uma filosofia grega que ensinava que a consciência é o padrão divino residente em todos os humanos) quanto a um conceito judaico, os mandamentos de Noé que Deus prescreveu para o mundo para seguir após o dilúvio (compare com Gênesis 9: 1-17;

Jub.7,20; Atos 15: 20-21, 29). Esta aliança de Noé com o mundo reflete a aliança de Deus com Israel e até mesmo se sobrepõe a ela como a lei natural se sobrepõe

com a lei mosaica.



Zenão de Cítio (ca. 333-262 aC), cujo busto é mostrado aqui, foi o pai de Estoicismo. Os estóicos acreditavam que era possível desenvolver uma percepção natural de Deus observando a beleza e a harmonia do mundo. Eles teriam concordado com a declaração de Paulo em Romanos 1:20 de que o “poder eterno e a natureza divina” de Deus poderiam ser entendidos observando-se sua criação.

2. Assim, assim como Israel deve guardar a lei de Moisés a fim de manter sua aliança com Deus, os gentios também devem guardar a lei de Noé (lei

natural) se quiserem permanecer em sincronia com a aliança de Deus com a criação. Portanto, ambos os convênios continham estipulações.

3. Mas, na verdade, nem Israel nem as nações guardaram os respectivos estipulações para eles. Em vez disso, começando com a queda de Adão (compare Gen. 1-

estipulações para eles. Em vez disso, começando com a queda de Adão (compare Gen. 1-
3 com Rom. 1: 18-32) e continuando após Noé, os gentios continuaram no a idolatria do primeiro casal e Israel (que se imaginava como o substituto de Adão por Deus) não se saíram melhor, caindo na idolatria com o incidente do bezerro de ouro (Êxodo 32; cf. Sl 106: 20; Jr 2:11;) Em outras palavras, o componente pecado da história de Israel e o componente pecado da história dos gentios, ambos enraizados na idolatria, se sobrepõem ou se espelham.

4. Consequentemente, Deus "entregou" os gentios aos resultados de seus idolatria (1:24, 26, 28), assim como Deus entregou Israel aos seus inimigos em julgamento e exílio (compare Rm 1: 22-32 com Êxodo 23:31; Deuteronômio 7:23; “entregue” é uma fórmula estereotipada que descreve Deus entregando Israel aos inimigos). Assim, o componente de julgamento / exílio da história dos gentios (Adão foi julgado e expulso do Éden) e da história de Israel (os judeus foram julgados / expulsos de sua terra natal para a Assíria e Babilônia) teria impressionado o leitor de Romanos 1: 18-32.

Antecedentes Históricos e Culturais 1. Gênesis 1-3, especialmente a queda de Adão, informa a acusação de Paulo aos gentios em Romanos 1: 18-32.

2. Tanto o Antigo Testamento quanto a literatura do Judaísmo do Segundo Templo apontavam para Israel como a pretendida substituição de Adão por Deus,
[34]mas, infelizmente, o ato idólatra de Israel de adorar o bezerro de ouro (Êxodo 32) constituiu sua própria queda semelhante à de Adão. Em outras palavras, Israel, em vez de ser o remédio para o pecado de Adão, agora também foi manchado por ele.

[35] Paulo concorda com isso em Romanos 1: 18-32.



Duas vezes em Romanos 1: 18-32, Paulo se refere à maldade da idolatria. Em 1:23 ele fala sobre pessoas trocando "a glória do Deus imortal por imagens feitas para se parecer com um ser humano mortal e pássaros e animais e répteis." Em 1:25, eles "adoraram e serviram a coisas criadas em vez do Criador". Aqui está uma estatueta de um deus em um touro, onde o touro funciona como um pedestal para a divindade. É da segunda metade do segundo milênio aC.

3. É comumente pensado que o conteúdo do "decreto justo" e seus sinônimos em Romanos 1: 18-32 tocam na fusão judaica das tradições da lei natural estóica e as leis de Noé. O primeiro é mencionado em 1: 19-20 ("invisível / visível" de Deus [

aorata/Kathoratai] atributos [ver Pseudo-Aristóteles, Cosmos 399b.14] e sua "divindade" [theiotēs] [ver Plutarco, Mor. 98A; 665A]) e em 1: 26-27 ("natural" está relacionado à "natureza" [physis], um termo difundido no estoicismo, referindo-se a viver em harmonia com a ordem natural, permitindo que a razão governe a pessoa).

[36] O último conceito, aliança / lei de Noé, era bem conhecido nos dias de Paulo por se referir ao padrão divino pelo qual os gentios seriam considerados responsáveis perante Deus - evitar idolatria, imoralidade e

comer carne sem o sangue drenado dela (cf. Gn. 9: 1-7;

Jub. 7,20-21;
Sib. Ou.4,24-39; Atos 15: 20-21, 29). Romanos 1: 18-32 destaca a aversão à idolatria e imoralidade.

Percepções interpretativas 1:18A ira de Deus. . . contra toda a impiedade e maldade das pessoas, que suprimem a verdade.
A ira de Deus é pessoal, não uma causa e efeito impessoal construída no universo para corrigir o comportamento errado. A ira de Deus é justa e pode levar o pecador à misericórdia do arrependimento. Além disso, a ira de Deus é escatológica: já é, mas ainda não. Já está aqui que a ira divina irrompeu na história com a primeira vinda de Cristo, de modo que a forma como as pessoas respondem à revelação de Deus agora (1:18) é como o julgamento será para eles no último dia (2: 5, 8 ; 3: 5; 5: 9; cf. 1 Tes. 1:10; 5: 9).

A verdade que os gentios suprimem é a lei natural adotada no judaísmo como a lei / aliança de Noé. Pode-se ouvir nesta história de Israel refletida na história dos gentios - pecado e julgamento. As nações pecaram contra Deus, e por isso ele as entregou às consequências desastrosas de sua idolatria. Da mesma forma, Deus entregou Israel aos seus inimigos em pagamento por sua idolatria.

1: 21-24 Deus os entregou nos desejos pecaminosos de seus corações.Três vezes em 1: 22-32 Paulo diz que Deus entregou os gentios para julgamento. Em 1: 21-24 há uma conexão implícita entre idolatria e imoralidade. O ponto principal para Paulo é que a ira de Deus sobre aqueles que o rejeitam como o Criador freqüentemente assume a forma de permitir que as pessoas sofram as consequências de conseguirem o que desejam. Em outras palavras, tornamo-nos como aquilo que adoramos.

1: 26-27Deus os entregou a concupiscências vergonhosas. . . a devida penalidade por seu erro.
Pela segunda vez, Paulo diz que Deus entregou / entregou os gentios ao julgamento, desta vez com referência à perversão sexual - homossexualidade e lesbianismo. O apóstolo dos gentios não mede palavras sobre o comportamento homossexual; é o produto da ira de Deus. Pode ser que devamos ver uma conexão entre a imoralidade geral mencionada em 1:24 e as relações entre pessoas do mesmo sexo detalhadas em 1: 26-27; o abandono contínuo de si mesmo à imoralidade em geral pode ser uma ladeira escorregadia para atividades sexuais mais perversas. E, para Paulo, tudo isso começa com a idolatria: trocar a adoração do Criador pela adoração da

criatura é convidar a troca de relações sexuais normais por relações não naturais.

1: 28-32Deus os entregou a uma mente depravada. . . Embora eles saibam O justo decreto de Deus.Pela terceira e última vez, Paulo diz que Deus entregou os gentios à sua ira, e em 1: 29-32 ele detalha suas ofensas na forma de uma lista de vícios. Os catálogos de vícios eram bem conhecidos no mundo antigo, especialmente entre os estóicos. Eles também foram adotados no Judaísmo (por exemplo, Sb 14: 25-26; 4 Macc. 1: 26-27; 2:15; 1QS 4,9-11) e no Cristianismo primitivo (por exemplo, Marcos 7: 21-22; 1 Cor. 5: 10-11; 6: 9-10; Gal. 5: 19-21).

[37]Como Douglas Moo observa, os vícios em Romanos 1: 29-32 caem em uma estrutura tripla: (1) os primeiros quatro são gerais em escopo (“maldade, maldade, ganância, depravação”); (2) os próximos cinco

giram em torno da inveja (“inveja, assassinato, contenda, engano, malícia”); (3) os últimos doze começam com duas calúnias retratando ("fofocas, caluniadores"), passam para quatro enfocando a arrogância ("Odiadores de Deus, insolentes, arrogantes, orgulhosos") e concluem com seis que são menos intimamente relacionados (“Inventores do mal, desobedientes aos pais, sem sentido, sem fé, sem coração, implacável”). A maioria dos pecados nesta lista de vícios são de natureza social e ameaçam desfazer a estrutura da civilização.

[38]O “decreto justo” não é a Torá mencionada em 2:26 e 8: 4, mas sim a lei natural / lei Noéica. No entanto, ela se sobrepõe à lei de Moisés. Assim, o leitor judeu teria ouvido ecos da história de Israel aqui na história dos gentios em Romanos 1: 18-32.

Percepções Teológicas Poderosas percepções teológicas confrontam o leitor de Romanos 1: 18-32. Primeiro, Deus é amoroso e justo. Sem o primeiro, Deus seria severo; sem o último, Deus estaria apaixonado. De acordo com Romanos 3:26, na cruz de Cristo, o amor e a justiça de Deus foram finalmente reconciliados. Em segundo lugar, por séculos, protestantes e católicos têm debatido se os humanos podem conhecer a Deus de uma forma salvadora com base apenas no testemunho da criação e na consciência. Os católicos tendem a dizer sim, enquanto os protestantes tendem a dizer não. A primeira posição é chamada de "teologia natural" e a última "revelação natural". É claro que Paulo não acredita na teologia natural, visto que ele argumenta em 1: 18-32 que a humanidade de forma consistente e sem desculpa rejeita a mensagem da criação de que Deus é, e que ele é poderoso e, portanto, merece

nossa adoração. Terceiro, Paulo também deixa claro em 1: 18-32 que ele não tolera relações entre pessoas do mesmo sexo; na verdade, o apóstolo dos gentios condena a prática. Além disso, Paulo parece dizer que o próprio comportamento é o julgamento de Deus sobre aqueles que trocam a adoração a ele pela adoração da criatura. Mas Paulo não tem esperança para aqueles que estão envolvidos neste estilo de vida? Essa perspectiva vai além do aviso de Paulo. É mais provável que Paulo espere que aqueles que estão envolvidos nessa vida se cansem de suas consequências e se voltem para Deus em busca de perdão e cura.



Os romanos tinham um panteão completo de deuses aos quais ofereciam sacrifícios e adoração. Aqui está um busto de Minerva, deusa da sabedoria, uma imagem "feita para se parecer com um ser humano mortal" (Romanos 1:23), datado entre 50 e 150 DC.

Ensinando o Texto

Vários títulos / idéias de sermões facilmente se apresentam em Romanos 1: 18-32. Primeiro, “Pecadores nas mãos de um Deus irado” é um tópico de sermão que certamente suscitará qualquer coisa, menos uma resposta neutra dos ouvintes. Lembro-me bem de ter lido o famoso sermão de Jonathan Edwards pela primeira vez em uma aula de inglês do ensino médio. Falar sobre Deus segurando pecadores sobre o fogo do inferno como alguém que assa um inseto sobre uma chama certamente chamou minha atenção! Mas a imagem é, na realidade, uma caricatura, porque a teologia de Edwards era muito mais ampla do que aquele sermão, abrangendo o amor de Deus também, e porque a metáfora falha em equilibrar a ira de Deus com seu amor. Mas, no final do dia, Paulo e a Bíblia como um todo não se esquivam de pregar a santidade e a ira de Deus contra o pecado.

Em segundo lugar, outro tópico controverso do sermão baseado em 1: 18-32 é “Casamento entre pessoas do mesmo sexo e Paulo”. Embora Paulo não se refira especificamente ao casamento do mesmo sexo nesta passagem, sua injunção aqui contra relacionamentos lésbicos e homossexuais é clara. E se Paulo viveu no século vinte e um, ele

relacionamentos são claros. E se Paulo viveu no século vinte e um, ele sem dúvida, aplicaria essa proibição ao casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Terceiro, relacionado ao debate sobre a teologia natural em relação a 1: 18-32, um poderia pregar ou ensinar sobre o tópico “Os pagãos estão perdidos?” Aqueles religiosos
tradições em favor da teologia natural estariam inclinadas a responder não a isso pergunta. Assim, um famoso teólogo jesuíta, Karl Rahner, argumentou na última século que mesmo uma pessoa que só reconhece um divino interior
a transcendência é aceita por Deus. Tal pessoa Rahner rotulou de "cristão anônimo". Mas aqueles que rejeitam a teologia natural argumentam que a pessoa é aceita por Deus apenas por receber seu Filho como salvador.

Quarto, em uma nota um pouco mais pluralista, um sermão intitulado “Terreno Comum: Ética Universal e Romanos 1: 18-32” pode ser atraente para o público pós-moderno. O objetivo aqui pode ser identificar semelhanças morais entre as principais religiões do mundo na esperança de estabelecer uma ampla base de regras pelas quais várias sociedades possam conviver. Romanos 1: 18-32 explica essa ética negativamente.

Ilustrando o Texto

Deus é amoroso e justo.

Sermão Clássico: “Pecadores nas mãos de um Deus irado”, de Jonathan Edwards. Pode-se colocar este famoso sermão (1741) em exibição na igreja, fazer com que os membros da congregação leiam o sermão inteiro (facilmente disponível online) antes do domingo em que este texto é pregado, ler ou fazer com que os membros da congregação leiam selecionados porções em voz alta durante o sermão (também podem ser disponibilizadas no boletim), e pergunte se é isso que Paulo tem em mente em Romanos 1: 18-32 quando fala sobre a ira de Deus.

Filme: Onde os Fracos Não Tem Vez; Um homem sério.Pode ser útil apresentar ao público clipes de qualquer um desses filmes (2007, 2009) de

Ethan e Joel Coen, nos quais a ausência de Deus é palpavelmente vista por meio de violência aleatória que fica impune. No caso de

Um homem sério, o protagonista, Larry, sofre tremendas dúvidas sobre a bondade de Deus em face da perda crescente. Larry não consegue compreender por que foi alvo de infortúnios que crescem em intensidade. O rabino não tem resposta e, quando finalmente há evidência de transcendência, ela vem na forma de um tornado caindo sobre a casa, o que parece um julgamento final. Depois de apresentar a premissa à sua congregação, você pode mostrar ou descrever um clipe de filme, e o público pode ser solicitado a defender a declaração de Paulo.

Paulo não tolera relações entre pessoas do mesmo sexo.

Gráfico: Comparando Romanos com Leis Modernas. Embora seja necessário estar preparado para o que se segue, porque pode ser provocativo, pode-se criar um gráfico colocando Romanos 1: 18-32 ao lado das leis estaduais que aprovam os casamentos do mesmo sexo e pedir ao público que reaja à diferença entre os dois.

Os humanos não dão ouvidos à mensagem da criação de que Deus é poderoso e merece adoração.

Literatura: A última batalha, por CS Lewis. Este último livro (1956) de The A série Chronicles of Narnia descreve uma cena em que o pagão Emeth encontra Lord Aslan. Emeth descobre que seu serviço ao deus Tash foi, na verdade, um serviço ao Deus verdadeiro. Pode-se perguntar ao público: esta é uma forma de teologia natural? Se sim, você concorda ou discorda da perspectiva de Lewis? Para preencher a perspectiva de Lewis, seria útil referir-se a A Abolição do Homem, em que Lewis aborda o mesmo assunto.

A história de Israel agora e depois

Grande ideiaPaulo torna explícita a história de Israel. Obediência ao deus a lei foi exigida para que Israel permanecesse em um relacionamento de aliança com Deus. Mas Israel repetidamente quebrou a lei e, conseqüentemente, o julgamento divino caiu sobre os judeus. Além disso, o julgamento de Deus cairá sobre os judeus individualmente no dia final do ajuste de contas, se eles não se arrependerem ao aceitar Jesus como o Messias.

Temas principais de Romanos 2: 1-11

Não há parcialidade com Deus, nenhum padrão duplo na maneira como Deus julga tanto os gentios quanto os judeus, que é de acordo com as obras.
Várias conexões importantes com a aliança do Antigo Testamento emergem no argumento de Paulo sobre o julgamento de Deus.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Ao colocar Romanos 2: 1-11 em seu contexto literário, focamos a partir do grande quadro de 1: 18-3: 20, que condena toda a humanidade, para a condenação de Paulo de um grupo de pessoas, os judeus.

O tema de Romanos 1: 18-3: 20, como observado anteriormente, é que a ira de Deus (1:18) está sobre os gentios por quebrar as estipulações da aliança de Noé (1: 19-32) e sobre os judeus por quebrar as estipulações da aliança mosaica (2: 1-3: 8). Portanto, não há dúvida de que 3: 9-20 acusa toda a humanidade porque



-
-

(2: 1-3: 8). Portanto, não há dúvida de que 3: 9-20 acusa toda a humanidade porque falha em manter a aliança com Deus.

Romanos 2 completa os detalhes da condenação de Paulo aos judeus em seus dias. Eles desobedecem à Torá, a estipulação da aliança mosaica (2: 1-16), que cancela a própria validade de sua circuncisão, que é o sinal final da aliança com Deus (2: 17-29).

Romanos 2: 1-16 enfoca a quebra da Torá pelos judeus. Esses versículos se dividem em três parágrafos:

1. Israel não está isento da ira de Deus, uma vez que desobedece a Torá (2: 1-5).
2. Deus é imparcial e julgará gentios e judeus de acordo com a verdade - isto é, de acordo com suas obras (2: 6-11).
3. Os gentios não estão isentos da ira de Deus, uma vez que desobedecem naturalmente
lei / lei de Noé (2.12-16).

Romanos 2: 1-11 tem uma série de conexões com a aliança do Antigo Testamento:

1 "O dia da ira de Deus" (2: 5; cf. 2:16) chega ao "dia do Senhor" tradição tão prevalente no Antigo Testamento, especialmente a ideia no profetas que, por causa do pecado de Israel contra a aliança, o suposto dia vindouro do poder do Senhor em favor de seu povo se voltaria contra eles (por exemplo, Isaías 2:11, 17, 20; Joel 1:15; 2: 2; Amós 5:18; 8: 9; Sof. 1:15, 18 ["o dia daORDcólera de '"]). A punição associada ao dia da ira do Senhor sobre Israel é a atualização das maldições da aliança (ver Deuteronômio 28-30).

2. O contraste gritante em 2: 1-11 entre a ira divina sobre aqueles que desobedecem ao
Torá e vida eterna para aqueles que obedecem a Torá está enraizada na componentes de bênçãos / maldições do pacto articulado pela primeira vez em
Deuteronômio 27-30, com Deuteronômio 30: 15-20 encapsulando aqueles
destinos contrastantes.
3. Os termos "bondade" (2: 4) e "teimosia" (2: 5) levam a pessoa de volta ao
aliança: a primeira se refere à fidelidade de Deus à sua aliança com Israel
(por exemplo, Sb 15: 1),[39] enquanto o segundo se refere ao Antigo

Testamento de Israel

repetida dureza de coração para com as estipulações de sua aliança com Deus

(começando em Deut. 9:27).

4 "Armazenar ira contra si mesmo" (2: 5) inverte o conceito judaico de que obedecer a Torá armazenou para si e para outros israelitas um tesouro de

méritos (por exemplo, Tob. 4: 9-10; Pss. Sol. 9,3-5; 4 Esdras6,5; 7,77; 2 Bar.14.12) afirmando ao contrário que tentar obter mérito diante de Deus pela obediência à Torá, na verdade reserva a ira de uma pessoa no futuro. James Dunn expressa isso bem: “O piedoso interlocutor presume que, por sua fidelidade ao convênio, está acumulando um tesouro no céu; mas por não reconhecer a necessidade de um arrependimento mais radical, ele na verdade não está acumulando 'bem', nem 'vida', mas ira. ”
[40]

5. Essas conexões de aliança iluminam o que Paulo quer dizer em 2: 1, 3 quando ele acusa os judeus de cometerem “as mesmas coisas” que os gentios: os mesmos pecados de idolatria (1: 19-27) e injustiça social (1: 28-32) dos quais as nações são culpadas também são cometidos pelos judeus. E quando alguém se lembra que os profetas do Antigo Testamento constantemente trovejaram contra Israel por cometer os dois pecados de idolatria e injustiça e, assim, quebrar as estipulações da aliança (por exemplo, Isaías, Amós, Miquéias), pode-se apreciar melhor a natureza dos pecados de Israel aqui apontado por Paulo.



A ocupação romana da terra de Israel foi considerada por muitos judeus como parte do julgamento de Deus. Marcus Antonius Felix foi o procurador romano da província da Judéia de 52 a 59 dC Ele foi um administrador pouco eficiente, governando em uma época em que o descontentamento e a rebelião estavam aumentando na área controlada pelos romanos da Palestina. Ele foi acusado de providenciar o assassinato do sumo sacerdote em Jerusalém e usou tropas romanas quando necessário para reprimir levantes mais organizados. Essas moedas

foram cunhados durante seu tempo no poder.

Antecedentes Históricos e Culturais O principal histórico e cultural o pano de fundo de Romanos 2: 1-11 é a história de Israel conforme refletida na Antiga Testamento e no Judaísmo do Segundo Templo, especialmente os componentes do pecado e do julgamento / exílio (embora o aspecto da restauração esteja implícito em 2: 4 e mais tarde explícito em 11: 25-27). Três nuances em Romanos 2: 1-11 ecoam essa história.

1. Como observado acima, o duplo pecado de Israel contra a aliança com Deus foi idolatria e injustiça. Miquéias fornece uma ilustração clássica de como os profetas protestaram contra Israel por fazer isso. Em Miquéias 1: 1-7, aquele profeta avisa que o Senhor virá para julgar Israel por causa de suas transgressões, notadamente a idolatria: "Todos os seus ídolos serão despedaçados; . . . Vou destruir suas imagens "(1: 7). E Miquéias 6: 8 afirma que a outra estipulação da aliança de Israel com Deus é a justiça social: "Ele te mostrou, ó mortal, o que é bom. E o que o L

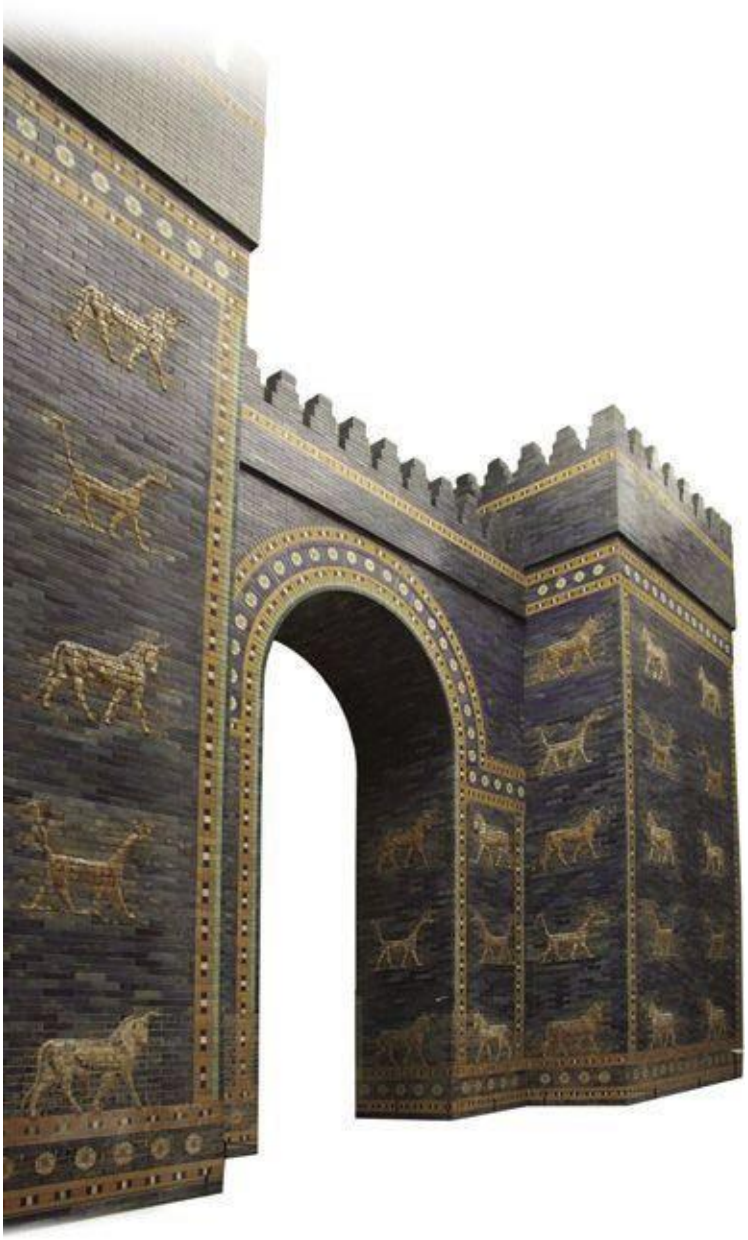
ORD

exige de você? Para agir com justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com o seu Deus ". Então, em Miquéias 6: 9-7: 7, o profeta explica os atos de injustiça social da parte de Israel contra outros judeus que anularam sua aliança com Deus.

2. No Antigo Testamento, muitos em Israel trabalharam sob a suposição de que sua eleição como povo escolhido de Deus os isentou do julgamento divino mesmo se pecassem, uma noção com a qual os profetas imploraram para discordar (por exemplo, Isa. 2: 6-4: 1; Jer. 2-35; Ez. 1-24) . No entanto, mesmo depois dos exílios assírios e babilônios, a noção da inviolabilidade de Israel persistiu. Uma das expressões mais famosas disso, e que muitos comentaristas acreditam ser mencionada por Paulo em Romanos 2: 4, é a Sabedoria de Salomão 15: 1-2: "Mas tu, nosso Deus, és bom e verdadeiro, paciente, e governando todas as coisas com misericórdia. Pois mesmo se pecarmos, somos seus. " É exatamente essa noção que Paulo rejeita em Romanos 2: 1-11.

3. Romanos 2: 4-5 anuncia um “duplo golpe” sobre os judeus: a ira de Deus já caiu sobre Israel na história por meio de exílios passados (Assíria e Babilônia) e exílio presente (ocupação romana) (uma visão refletida, por exemplo, , os Manuscritos do Mar Morto, Baruch, Tobit, Sirach, 2 Macabeus,

Salmos de Salomão),[41]
e a ira de Deus também cairá sobre os judeus no dia final do julgamento, porque eles não crêem em Jesus, o Messias, que fornece a verdadeira restauração a Deus.



Construído durante o reinado de Nabucodonosor (605-562 aC) na cidade de Babilônia, o Portão de Ishtar com sua bela e elaborada decoração representava o poder dos deuses babilônios e seu rei. Os babilônios foram o instrumento de julgamento de Deus sobre os israelitas com duas deportações em massa dos residentes de Judá. A primeira ocorreu em 597 AC e a segunda após a destruição de Jerusalém em 587/586 AC.

Percepções interpretativas 2: 1-3Você, portanto, não tem desculpa. . . você que passa o julgamento faz as mesmas coisas. Embora alguns comentaristas pensem que Paulo agora se dirige aos gentios “morais” em 2: 1-11 em contraste com

os gentios "pagãos" em 1: 18-32,

a maioria acredita, em vez disso, que Paulo está voltando sua atenção para os judeus (cf. 2.17). Existem várias razões para esta posição. Primeiro, o senso de direito à misericórdia divina referido em 2: 4 é mais característico dos judeus do que dos gentios (lembre-se de meus comentários anteriores sobre Sb 15: 1-2 em relação a Rom. 2: 4). Em segundo lugar, de fato, há pontos notáveis de contato entre Romanos 2 e Sabedoria de Salomão 12-15 que confirmam a mentalidade judaica aqui em 2: 1-11. Terceiro, Paul's

apelo direto ao "judeu" em 2:17 não indica que ele está apresentando um novo público.

A chave para entender Romanos 2: 1-5 é ver os dois componentes da história de Israel em jogo ali. A primeira é que Israel pecou contra as estipulações da Torá, tanto em termos de idolatria quanto de injustiça. Esses pecados são as "mesmas coisas" (mencionadas três vezes em 2: 1-3) que os gentios cometem. E, visto que Israel comete os mesmos pecados que os gentios cometem, Israel também será responsabilizado perante Deus, que julga toda a humanidade pelo mesmo padrão da verdade.

2: 4-5você mostra desprezo pelas riquezas de sua bondade. . . acumulando ira contra si mesmo.

Esses dois versículos tocam no segundo componente da história de Israel: o julgamento de Deus e o exílio de Israel por não se arrepender de sua idolatria e injustiça. O versículo 4 lembra o aspecto "já" desse julgamento, os exílios passados e presentes de Israel (assírio, babilônico, romano), enquanto o versículo 5 adverte sobre o aspecto "ainda não", o julgamento futuro de Israel e o exílio final no tribunal de Deus em o último dia. Mas há esperança para Israel: se eles se arrependerem, eles experimentarão um relacionamento restaurado com Deus (implícito, se Israel aceitar Jesus como o Messias [ver 11: 25-27]).

2: 6-11 Deus “retribuirá a cada pessoa de acordo com o que ela fez”. Romanos 2: 6-11 forma um quiasma:

Um Deus julgará a todos com equidade (v. 6).

B. Aqueles que fazem o bem alcançarão a vida eterna (v. 7).

C. Aqueles que fazem o mal sofrerão ira e ira (v. 8).

C′ Aqueles que fazem o mal sofrerão problemas e angústia (v. 9).

B′Aqueles que fazem o bem receberão glória, honra, paz (v. 10). UMA′ Deus julga imparcialmente (v. 11).[42]

Torna-se claro a partir dessa estrutura que a mensagem de Paulo é simples: Deus é justo e julgará judeus e gentios de acordo com suas obras. Aqueles que vivem uma vida de boas obras entrarão na vida eterna, mas aqueles que vivem uma vida de maldade entrarão no julgamento divino. Como observado anteriormente, este contraste poderoso, mas simples, nos destinos lembra Deuteronômio 27-30, especialmente 30: 15-20 e o

contraste nos destinos lembra Deuteronômio 27-30, especialmente 30: 15-20 e o Tradição de "duas vias" especificada lá: se Israel obedecer às estipulações da Torá, eles experimentarão a bênção da aliança, que é a vida, mas se eles desconsiderarem a Torá, eles experimentarão a maldição da aliança, que é a ira em a forma de exílio (cf. 30.4-5).

Mas o ensino em Romanos 2: 6-11 contradiz o evangelho de Paulo de que a justificação diante de Deus no julgamento final depende unicamente da fé e não das obras (Rom. 1: 16-17)? Não quando se mantém em mente o propósito geral de Romanos 1.18-3.20, que é que Paulo quer mostrar que a aceitação diante de um Deus justo é baseada em

perfeitamenteseguindo sua lei, o que, de fato, ninguém pode fazer, nem mesmo os judeus. Enfrentar essa realidade, Paulo espera, levará o pecador para os braços da graça e misericórdia de Deus em Jesus Cristo (veja Rom. 3: 21-4: 25).

Percepções TeológicasUma série de percepções nos encontra em Romanos 2: 1-11. Primeiro,
profissão sem prática não impressiona a Deus. Nem convence aqueles que observam o estilo de vida das pessoas religiosas. Se professamos ser crentes, devemos apoiar essa profissão com a forma como vivemos; caso contrário, merecemos corretamente para nós o nome de "hipócrita". Em segundo lugar, é reconfortante saber que no último dia do ajuste de contas, a verdade vencerá. Toda inconsistência, duplicidade e hipocrisia não enganarão o Deus Todo-Poderoso. Terceiro, a bondade de Deus pode, no entanto, superar os caminhos dúbios de uma pessoa. Essa graça pode trazer verdadeiro arrependimento dentro de nós e resultar em uma caminhada cristã consistente.

Ensinando o Texto

Pelo menos dois títulos de sermões / lições que chamam a atenção aparecem em Romanos 2: 1-11: primeiro, “A Hipocrisia da Humanidade e a Imparcialidade de Deus”; segundo, "A Bondade de Deus nos leva ao

arrependimento." Com relação à primeira ideia do sermão, Paulo se preocupa com os judeus que apontam os pecados dos gentios que esses próprios judeus estão cometendo. Alguém é lembrado aqui da escoriação de Jesus aos fariseus nos Evangelhos que não viviam de acordo com o código mosaico que eles esperavam que seus compatriotas seguissem. E na sociedade moderna, alguns pregadores bem conhecidos no passado recente criticaram suas congregações por causa dos pecados que eram os próprios pecados que os próprios pregadores estavam cometendo. Os repórteres chamam essa hipocrisia de “pregar contra os próprios demônios.

Com relação à segunda ideia do sermão, os antigos judeus interpretaram erroneamente a falta de julgamento imediato de Deus sobre eles como significando que Deus não iria julgá-los de forma alguma porque eles eram o povo de Deus. Mas, na realidade, os judeus dos dias de Paulo estavam experimentando a proverbial calmaria antes da tempestade. Parte da razão para aquela calma antes do julgamento cair veio da misericórdia e graça de Deus. Ele estava dando ao seu povo do Velho Testamento tempo para se arrepender. Eu tinha um barbeiro em

Chicago que viveu uma vida selvagem apesar de ser casado e ter filhos. Ele era um moderno que festejava e tomava pílulas. Mas uma manhã ele me contou sobre uma experiência incrível que teve recentemente. Ele disse que de repente a sensação das bênçãos de Deus em sua vida o oprimiu - uma esposa fiel, filhos adoráveis, segurança financeira. O barbeiro se sentiu tão convencido da bondade de Deus para com ele que caiu de joelhos e se arrependeu de seu estilo de vida selvagem. Naquele momento, ele se comprometeu com Deus e sua família. A misericórdia de Deus o levou ao arrependimento.

Ilustrando o Texto

Ao contrário dos humanos, Deus julga a todos imparcialmente na verdade.

Bíblia: Pode-se referir-se a 2 Samuel 12: 1-7, onde Nathan usa uma parábola para expor os pecados sórdidos de Davi, e Amós 1-2, em que o Senhor delineia os pecados do mundo gentio e então passa a censurar também Judá e Israel. Ambos fornecem histórias famosas de “pegadinhas” que lembram Romanos 2: 1-11.

Televisão: 24.Um drama inovador e aclamado na televisão, estrelado por Kiefer Sutherland, esta série de suspense foi indicada para um total de 68

prêmios Emmy, vencendo por série dramática de destaque em 2006. Durante a sétima temporada, a personagem Allison Taylor é inaugurada como presidente da nos Estados Unidos e preside os episódios subsequentes. Durante esta temporada, sua filha, que foi uma de suas chefes de gabinete, mais tarde faz justiça com as próprias mãos contra a vontade de sua mãe e arquiteta o assassinato de outro personagem (Jonas) para vingar a morte de seu irmão. Embora ela ame a filha, o presidente não fará concessões por ela e continuará a defender a lei e a mandará prendê-la. O marido do presidente, cambaleando de tristeza pela perda dos dois filhos, discorda dela e, no episódio culminante, a deixa.

A bondade de Deus nos leva ao arrependimento.

Filme: A missão. Este filme premiado e duradouro (1986) é estrelado por Jeremy Irons e Robert De Niro e apresenta uma cinematografia exuberante e vencedora do Oscar. Também inclui uma das grandes cenas cinematográficas de arrependimento e perdão. A história examina os eventos em torno do Tratado de Madrid em 1750, quando a Espanha cedeu parte da América do Sul a Portugal. Duas forças europeias conquistam os nativos sul-americanos para os caminhos imperialistas. Os saqueadores querem extrair riquezas e escravos do Novo Mundo; os missionários querem converter o

povos indígenas ao cristianismo e conquistar suas almas. Mendoza (interpretado por De Niro) é um explorador que se dedica ao comércio de escravos. Depois de matar seu irmão em um acesso de raiva - uma história de Caim e Abel - ele definha deprimido na prisão até que um padre local, o padre Gabriel (interpretado por Irons), o alcança em sua cela. Eventualmente quebrado e querendo fazer penitência, Mendoza repetidamente sobe as Cataratas do Iguaçu com uma bolsa pesada nas costas carregada com símbolos de seu passado - armadura, espada e assim por diante. Os índios Guarani, observando-o de cima das quedas onde vivem, a princípio querem matá-lo, mas finalmente liberam seu fardo e mostram-lhe o perdão total. Mendoza, completamente dominado pela bondade de Deus que vê neste ato, chora e depois vai viver com eles. Mais tarde, ele os defende, à custa de sua vida, contra aqueles que fariam o que ele havia feito anteriormente. Vale a pena mostrar o clipe de sua escalada na cachoeira.

A história dos gentios agora e depois

Grande ideia

Os gentios, como os israelitas, fazem parte da história. Eles pecam
contra a lei natural e, conseqüentemente, estão sujeitos a julgamento agora em uma consciência acusadora e mais tarde no grande dia do ajuste de contas. Mais particularmente, assim como os gentios ocasionalmente obedecem à Torá, visto que ela se sobrepõe à lei natural, mas são condenados por não obedecer a todas as revelações de Deus, assim os judeus que obedecem à Torá apenas ocasionalmente são condenados diante de Deus.

Temas principais de Romanos 2: 12-16

A lei (de Moisés) é mencionada pela primeira vez em Romanos.
A lei natural / lei Noéica e a Torá se sobrepõem (uma interseção semelhante ao que os teólogos chamam de "graça comum"). Ou seja, a revelação natural de Deus na criação e na consciência é consistente com a revelação especial de Deus - Antigo e Novo Testamentos - mas muito menos definitiva.

Os gentios às vezes obedecem à lei natural de Deus, mas nem sempre. Portanto, eles estão condenados (uma conclusão com a qual os judeus nos dias de Paulo teriam concordado). Mas nem os judeus são justificados por Deus, a menos que guardem perfeitamente todos os 613 mandamentos da Torá (uma conclusão que teria horrorizado os leitores

judeus de Paulo).

Entendendo o Texto

-
-
-

O Texto em ContextoO leitor se lembrará de que Romanos 2: 1-16 está dividido em três parágrafos: versículos 1-5, 6-11, 12-16. Os versículos 6-11 mostram que, porque Deus é imparcial, ele julgará tanto judeus quanto gentios de acordo com suas obras. Mas os versos 1-5 afirmam que os judeus são culpados diante de Deus porque não guardam a Torá e, portanto, o julgamento foi feito sobre a nação de Israel (esta é a história de Israel). Agora, os versículos 12-16 farão um caso semelhante contra os gentios. Porque eles não guardam a lei natural mesmo quando ela se cruza com a Torá, o julgamento divino se instalou sobre os gentios (esta é a história dos gentios).

Antecedentes Históricos e Culturais Duas influências gregas são aparentes em Romanos 2: 12-16: o uso da diatribe e o emprego do termo "consciência".

1. Os comentaristas há muito observam a influência do estilo de debate conhecido como “diatribe” em Romanos 2: 1-3: 8. Os gregos antigos usavam diatribe nos debates. Nesse estilo de argumentação, o proponente de uma posição antecipou as críticas dos oponentes levantando esses pontos antes deles, seja na forma de objeções diretas ou como perguntas colocadas na boca de um interlocutor. Ao antecipar e depois responder às críticas e argumentos dos oponentes, o proponente foi capaz de detê-los no passe, por assim dizer. A diatribe consistia em três partes: abordar explicitamente ou implicitamente os oponentes, levantar suas críticas e depois responder a essas críticas.

[43]Paulo emprega a técnica de diatribe contra os judeus que rejeitaram Jesus como o Messias em Romanos 2: 1-3: 20 em três lugares: 2: 1-11; 2: 17-24; 3: 1-8. Essas ocasiões podem ser resumidas em forma de gráfico, conforme mostrado na tabela 1.

Tabela 1: Uso de Diatribe por Paulo em Romanos 2-3

Componentes Diatribe	Romanos 2: 1-11	Romanos 2: 17-24	Romanos 3: 1-8
Interlocutor judeu	2: 1-2 (implícito):	2:17 (explícito): judeu	3: 1 (explícito): incrédulo
Paulo endereços	judaico incrédulo		
Argumentos pelo oponentes	2: 3-4 (levantado por Paulo): Você acha que você é como isento de julgamento de Deus.	2: 17-20 (levantado por Paul): Você se gabar de sua aliança relacionamento com Deus como você superior aos gentios.	3: 1-3 (levantado diretamente pelo interlocutor): Segundo você, Paulo, não há vantagem em ser judeu e, portanto, Deus quebrou seu promessas a Israel, seu povo escolhido.
Respostas de Paulo	2: 5-6: Mas para atrasar o arrependimento agora é para armazenar	2:24: Mas você hipocritamente cometer os mesmos pecados que faço Gentios e, portanto, invalidam	3: 4-8: Mas Deus é verdadeiro e fiel.

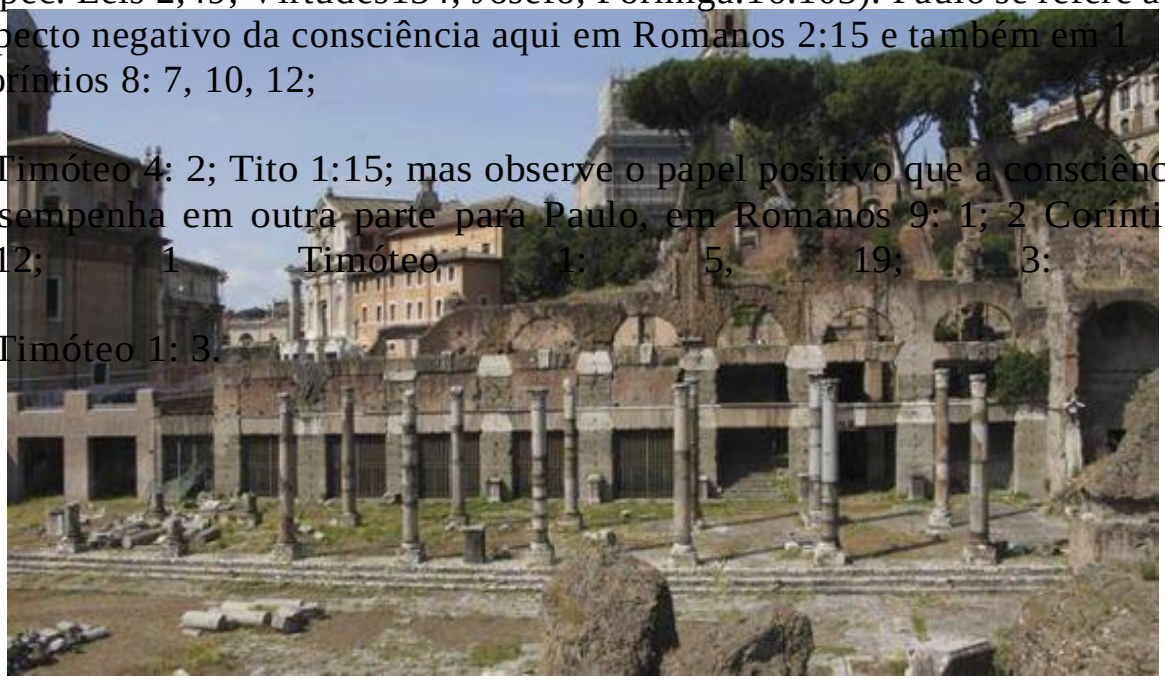
	ira para o futuro.	sua circuncisão, o Velho Sinal do testamento da aliança.	

É interessante, em contraste, que Paulo não usa o estilo diatribe ao lidar com o assunto da condição pecaminosa dos gentios em 1: 19-32, aqui em 2: 12-16 e em 2: 25-29, presumivelmente porque seus argumentos não precipitariam qualquer protesto dos gentios. Isto é, o que Paulo diz sobre a condição perdida dos gentios nas três passagens acima aparentemente causaria pouco choque da parte deles em contraste com a reação vociferante dos judeus à acusação de Paulo em 2: 1-11; 2: 17-24; 3: 1-8.

2. "Consciência" (Syneidēsis [2:15]) era um conceito grego, especialmente a ideia estóica de que a consciência é o mecanismo moral dentro dos humanos que os convence de más ações (por exemplo, Sêneca,

Raiva 3.36.1;Mor. Ep.28,10). O judaísmo helenístico adotou esta nuance em seu uso do termo (por exemplo, Sb 17:11; Filo,

Espec. Leis 2,49; Virtudes134; Josefo, Formiga.16.103). Paulo se refere a este aspecto negativo da consciência aqui em Romanos 2:15 e também em 1 Coríntios 8: 7, 10, 12;



1 Timóteo 4: 2; Tito 1:15; mas observe o papel positivo que a consciência desempenha em outra parte para Paulo, em Romanos 9: 1; 2 Coríntios 1:12; 1 Timóteo 1: 5, 19; 3: 9;

2 Timóteo 1: 3.

A diatribe foi uma técnica de ensino usada por Paulo ao abordar os argumentos de Judeus incrédulos em Romanos 2 e 3. Era um estilo de debate herdado do filósofos e sofistas da Grécia antiga. Os professores reuniam um grupo de alunos, muitas vezes instruindo-os em um ambiente público, como um stoa, ginásio ou mercado.

Aqui estão os vestígios arqueológicos do Fórum de César em Roma. Construída por volta de 46 aC, foi destruída por um incêndio e reconstruída várias vezes durante o século III dC. As colunas normalmente sustentavam uma área de pórtico coberto, proporcionando um lugar para o discurso público e privado.

Percepções interpretativas 2: 12-14 Todos os que pecam sem a lei também perecerão sem a lei.
O tema de 2: 12-16 é a história dos gentios, que é uma imagem espelhada da história de Israel: o pecado contra a revelação de Deus e o subsequente julgamento. O pecado dos gentios é tratado por Paulo em 2: 12-14, e seu julgamento é coberto em 2: 15-16. O ponto de Paulo em 2:12 é que, porque Deus é imparcial, tanto gentios quanto judeus serão julgados com base na quantidade de revelação à qual

eles têm acesso: para os gentios, a lei natural (embora se sobreponha à Torá [ver 2:14]); para os judeus, a Torá. O critério do julgamento divino é obedecer / fazer a revelação de Deus, não apenas ouvi-la (2:13). Podemos antecipar em 2:13 as declarações de Paulo, feitas posteriormente em 3:20; 4: 14-15; 7: 5 e também em 3:23; 10: 5, que obedecer / cumprir a lei significa segui-la perfeitamente - algo que nenhum ser humano pode fazer, a não ser que a lei incite o indivíduo a pecar. Na verdade, 1: 19-32 já colocou os gentios sob acusação por desobedecer à luz que eles têm na criação, e 2: 1-11 fez o mesmo com os judeus porque eles não viveram de acordo com a luz da lei de Moisés.

A visão majoritária de 2: 14-15 é que Paulo está lidando com gentios não-cristãos que, embora ocasionalmente obedecendo à Torá conforme ela se cruza com a lei natural / lei Noé como revelada na criação e na consciência, não obedecem a totalidade de A revelação especial de Deus na Torá e, portanto, ainda estão perdidos (uma conclusão com a qual a maioria dos judeus teria concordado). Uma minoria vocal de comentaristas, no

entanto, afirma que os gentios em 2: 12-16 são cristãos gentios que, em virtude da fé em Jesus e no Espírito que habita em nós, são participantes da nova aliança.

[44] A Tabela 2 apresenta essas duas visões, destacando o conflito entre elas em relação às questões específicas em 2: 14-15.

Em minha opinião, a leitura que mostra Paulo tendo gentios não cristãos em mente tem um argumento muito melhor do que sua visão rival. Isso é confirmado por algo aparentemente não observado em muitos comentários: um arranjo quiástico governando 2:14 que distingue duas leis, Torá e lei natural.

Um gentio não tem a lei (Torá)
    B eles fazem por natureza as coisas exigidas
(lei natural)
    B′ eles são uma lei (lei natural) para si mesmos
A′ eles não têm a lei (Torá)

Tabela 2: Gentios não-cristãos ou cristãos em Romanos 2: 14-15

Gentios Não Cristãos	Gentios cristãos
Os versículos 14-15 acompanham o versículo 12a = não cristão Gentios que pecam sem a lei (Torá).	Os versículos 14-15 vão com o versículo 13 = cristão Gentios que obedecem à lei de Moisés desde o coração, a nova aliança prometida (compare v. 15 com Jer. 31: 31-33; cf. Ezek. 36:
No versículo 14 physei (“Por natureza”) pertence ao verbo "Faz" (poiōsin): “Fazer, por natureza, as coisas exigidas pelo lei." Isso se refere aos gentios não-cristãos que ocasionalmente obedecer a Torá conforme ela se	No versículo 14 physei (“Por natureza”) pertence a o verbo "não tenho" (mē echonta): "de a natureza não tem a lei. ” Isso se refere a Cristãos gentios que, por raça, não têm a Torá, mas, no entanto, obedece a Torá por
A lei é uma lei natural que se sobrepõe à lei de	A lei é apenas a lei de Moisés, não a lei
A ênfase está no julgamento divino de não-cristãos Gentios, cujas consciências principalmente os condenam de desobedecendo a lei natural, um antegozo do próximo	A ênfase está na justificação divina de Cristãos gentios, cuja fé em Jesus e andar no Espírito cumpre a intenção do Código do mosaico.

2: 15-16 os requisitos da lei estão escritos em seus corações. Os versos 15-16 anunciam o julgamento divino sobre os gentios não cristãos, que apenas ocasionalmente obedecem à Torá quando a lei natural se cruza com ela. O versículo 15 declara que tal julgamento ocorre agora na história toda vez que um gentio é convencido pela consciência de fazer o errado, embora a consciência aprove as ações do gentio quando elas estiverem certas, embora isso possa acontecer ocasionalmente. E o versículo 16 fornece o anúncio agourento de que os gentios não-cristãos também enfrentarão o julgamento final no dia do ajuste de contas divino. Na tabela 3, vemos como a história dos gentios reflete a história de Israel.

Tabela 3: A História dos Gentios e a História de Israel

História de Israel em Romanos 2: 1-11	História dos Gentios em Romanos 2:
Versículos 1-3, 6-11: Judeus não-cristãos pecam porque não cumprir totalmente com a Torá.	Versículos 12-14: Gentios não cristãos pecado em que eles não cumprem totalmente com

Versículos 4-5: Judeus não-cristãos estão sendo julgados agora em história através da ocupação romana da terra de Israel (cf. o exilados assírios e babilônios anteriores) e será finalmente	Versículos 15-16: Gentios não-cristãos são julgados agora na história por meio de seus

À luz de 2: 12-16a, alguém se pergunta como em 2: 16b Paulo poderia chamar essas notícias
"Evangelho." A resposta se desdobrará no curso de seu argumento em 2: 17-3: 31: as más notícias do julgamento sobre o pecado que recaem sobre toda a raça humana são designadas por Deus para conduzir as pessoas às boas novas da justificação pela fé em Cristo sozinho.

Percepções Teológicas Uma série de verdades teológicas emergem em Romanos 2: 12-16. Em primeiro lugar, todas as pessoas têm um testemunho de Deus: judeus na Torá, e gentios na lei natural (a criação diz que existe um Deus e que ele é poderoso, e a consciência indica a santidade de Deus, o sentido de "dever "Em cada coração). Em segundo lugar, o critério para ser justificado diante de Deus é a perfeição, tanto no que diz respeito à lei natural e até mesmo em relação à Torá. Terceiro, o verdadeiro desafio para obedecer à lei é a condição humana - depravação do coração, como Paulo explicará mais tarde em 3: 9-20. Quarto, o dia do julgamento está chegando; é tão certo quanto o próprio Deus. E naquele dia todos os erros serão corrigidos, pois todo o mundo ficará em silêncio diante do juiz de toda a realidade. Quinto, parece que haverá graus de julgamento e recompensa no céu,

Ensinando o Texto

Pelo menos dois tópicos de superfície de pregação / ensino para o leitor de Romanos 2: 12-
16. O primeiro pode ser intitulado "Uma Lei para Si Mesmo: Graça Comum como Testemunha de Deus no Mundo". A mensagem aqui é que Deus falou a todos os grupos de pessoas do mundo por meio de sua lei natural na criação e na consciência humana. Portanto, todos são indesculpáveis diante de Deus. A ideia de graça comum, em uma nota mais positiva, também explica o bem no mundo que os humanos fazem porque foram criados à imagem de Deus e,

portanto, têm algum conhecimento dele. Isso veio à mente para mim como um estudante de graduação em uma grande universidade secular. Fiquei intimidado com o brilho e a graciosidade de meus professores não cristãos; seu conhecimento e bondade me envergonhavam, mesmo como cristão. Mas um dia percebi que esses indivíduos, embora não fossem religiosos, foram criados à imagem de Deus e dotados da graça comum.

Em segundo lugar, um tópico ameaçador de discussão ou pregação inspirado em 2: 12-16 seria intitulado “Tudo ou nada! Lei de Deus e Dia do Julgamento. ” A mensagem de mau presságio aqui é que qualquer um que espera ser aceito por Deus no dia do julgamento com base na obediência à sua lei, é melhor certificar-se de segui-la

perfeitamente porque esse é o único padrão que Deus aceita. Mas a maneira eminentemente mais fácil de ser justificado diante de Deus é receber pela fé a perfeita justiça de Jesus Cristo, o único que cumpriu a lei de Moisés (ver Rom. 10: 4). Um colega meu de ensino tentou ilustrar este princípio oferecendo aos seus alunos matriculados em um curso de Romanos uma escolha para o exame final: eles poderiam escolher entre fazer o teste (um teste muito difícil!) Ou aceitar como um presente de o professor uma nota "A". O professor ficou chocado com o fato de a maioria dos alunos não querer o presente; em vez disso, eles queriam fazer isso da "maneira antiga" - aprender! Parece haver algo sobre nós, seres humanos, que nos impele a querer merecer nossa posição diante de Deus, em vez de aceitá-la como um presente em Cristo.

Ilustrando o Texto

Deus fala a todas as pessoas por meio da lei natural na criação e em suas consciências.

Ética:Pode-se colocar lado a lado as várias éticas que as principais religiões do mundo defendem para ver se há algo em comum entre elas. Esses valores encontrados talvez possam servir como uma ética comum para se viver em um mundo diversificado em perspectivas religiosas.

Filosofia: Immanuel Kant. Pode-se encontrar no "imperativo categórico" de Kant uma defesa prática da ideia de que existe um senso de dever / consciência dentro de cada ser humano.

Apologética: Mero Cristianismo, por CS Lewis. No livro 1 deste renomado trabalho (1952) Lewis usa analogias vívidas para ilustrar o princípio da lei natural. Livro Teológico: Eternidade em seus corações, por Don Richardson. A premissa básica deste livro (1981) é que Deus, em sua misericórdia, permitiu que todas as culturas do mundo retivessem uma parte

da verdade.

O dia do julgamento, em que as obras de cada indivíduo serão julgadas, está chegando.

Literatura: O inferno, de Dante Alighieri. Para mostrar o poder de julgamento, pode ser bom encontrar uma ilustração pictórica da Inferno, como as gravuras clássicas de Gustave Doré ilustrando os nove círculos do inferno. O poema de Dante começa na noite anterior à Sexta-feira Santa do ano 1300. Dante está perdido em uma floresta escura (muitas vezes interpretado como pecado) e não consegue encontrar o caminho certo para a salvação (simbolizado pelo sol atrás da montanha). Virgil vem em seu auxílio e o guia em uma jornada ao submundo. Lá ele vê que os pecados individuais são punidos de forma simbolicamente apropriada à sua natureza. Cartomantes, para

por exemplo, têm que andar com a cabeça para trás, cegos para o que vem pela frente, por causa da preocupação da vida em conhecer o futuro.

Arte: O Último Julgamento, de Hieronymus Bosch.A pintura de Bosch, criada algum tempo depois de 1482, é um tríptico cujo painel do meio reflete uma visão vívida de pessoas sofrendo com os horrores do inferno. Outra obra que exibe tema semelhante é a escultura

Os portões do inferno, por Auguste Rodin, inspirado em parte por Dante's Inferno.



Os portões do inferno, esculpido por Auguste Rodin (1880-1917)

Paulo reinterpreta a história de Israel

Grande ideia Paulo inverte o papel que a lei desempenhou como estipulação da antiga aliança. Ele argumenta que a própria tentativa de obedecer à lei está mantendo Israel em cativeiro. Isso porque a obsessão com a Torá desviou os judeus de aceitar Jesus como o Messias e de ver que a lei foi cumprida nele e concluída na cruz.

Tema principal de Romanos 2: 17-24

Romanos 2: 17-29 é dominado pela lei de Moisés como a estipulação da antiga aliança (vv. 17-24) e a circuncisão como o sinal dessa aliança (vv. 25-29). Estes temas gêmeos de lei e circuncisão informaram o entendimento do antigo Israel de sua aliança com Yahweh, enquanto Israel acreditava que eles se tornaram o povo de Deus pela fé e, portanto, entraram nessa aliança, foi sua obediência à Torá que manteve os judeus naquele relacionamento com Deus. Os estudiosos da Bíblia chamam essa dinâmica de "nomismo pactual" (veja a barra lateral). No entanto, Paulo discorda dessa perspectiva.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 2: 17-24, junto com 2: 25-29, enfoca os temas gêmeos da lei de Moisés como a estipulação do Antigo Testamento



-

aliança e circuncisão como o sinal dessa aliança. Podemos dividir 2: 17-24 em três pontos. O tema da desobediência de Israel em relação à lei em 2: 21a,

23 forma um inclusio para 2: 21-23.

1. O orgulho de Israel na lei de Moisés (2.17-20)
    uma. É a estipulação da aliança de Israel com Deus (2:17)
    b. Ele fornece instruções divinas para Israel (2:18)
    c. Isso torna Israel o professor dos gentios (2: 19-20)
2. A flagrante desobediência de Israel ao Decálogo (2: 21-23)
    uma. Roubo (2:21)
    b. Adultério (2: 22a)
    c. Idolatria (2: 22b)
3. O exílio de Israel (2:24)

Antecedentes Históricos e Culturais 1. Paulo retoma o estilo de diatribe de argumentação em Romanos 2: 17-24, que enfoca a hipocrisia da jactância judaica na Torá. É interessante que o uso estóico da diatribe também pudesse apontar jactos hipócritas de outros estóicos que não estavam realmente seguindo os princípios estóicos aceitáveis (ver Epicteto,

Disco.2,19-20; 3,7, 17).[45]

2. Conforme mencionado no "Tema Principal" e discutido mais adiante na barra lateral, "nomismo da aliança" provavelmente é um rótulo preciso para a perspectiva da aliança e da lei que se encontra na literatura judaica do Segundo Templo, seja na teocrática, apocalíptica, helenística Círculos judeus, ou mesmo sectários.

[46]E, no entanto, parece-me que Paulo acreditava totalmente que o nomismo da aliança (a ideia de que os judeus entraram na aliança com Yahweh pela fé, mas permaneceram na aliança cumprindo a Torá) ainda era legalista. Mais especificamente, Paulo parece ter sentido que o nomismo da aliança era sinérgico - os humanos cooperam com Deus em sua salvação - e, portanto, legalista. Assim, permanecer na aliança aderindo à Torá é tentar ser aceito por Deus com base no mérito de alguém.

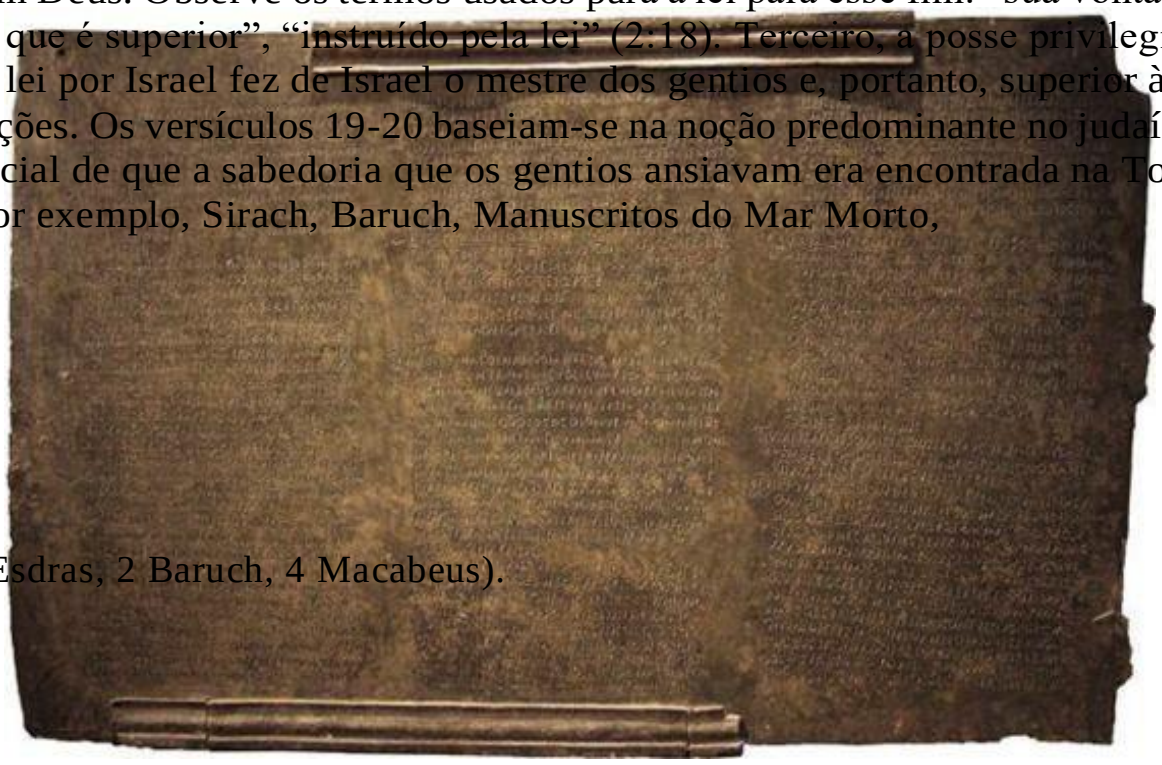
[47]

Percepções interpretativas 2: 17-20se você se considera um judeu; se você confiar na lei e se gabar em Deus.
Esses versículos constituem o primeiro dos três pontos do argumento de Paulo em 2: 17-24 (o primeiro ponto sendo a desobediência de Israel à lei). Os versos 17-20 também oferecem três comentários sobre a lei de Moisés. Primeiro, em 2:17 o “judeu” se gabava de estar de posse da lei como estipulação da aliança de Israel com Deus. “Judeu” (

Jehuda) é um jogo com a palavra "elogio" (Judá) a Deus (cf. 2:29) e está conectado em 2:17 com "vangloriar-se", mas de uma forma irônica - judeus ("louvor

a Deus ")“ gabam-se ”de estarem de acordo com a lei, mas não a obedecem. Mais especificamente, os judeus se gabavam de possuir a Torá como o sinal de que eram o povo escolhido de Deus; isto é, eles desfrutaram de um relacionamento de aliança com Deus. Mas o uso de Paulo da palavra “vangloriar-se” por Israel possuir a lei não augura nada de bom para sua espiritualidade, pois em outros lugares “vangloriar-se” é um termo pejorativo em Romanos quando se refere a pessoas que exibem seus méritos diante de Deus para ganhar seu favor (3 : 27; 4: 2; 11:18).

[48]Aqui, então, está uma indicação clara de que o antigo Israel pensava em seu relacionamento com Deus como um nomismo da aliança (cf. Rom. 9: 4). Em segundo lugar, a lei de Moisés instruiu Israel em seu relacionamento com Deus. Observe os termos usados para a lei para esse fim: “sua vontade”, “o que é superior”, “instruído pela lei” (2:18). Terceiro, a posse privilegiada da lei por Israel fez de Israel o mestre dos gentios e, portanto, superior às nações. Os versículos 19-20 baseiam-se na noção predominante no judaísmo inicial de que a sabedoria que os gentios ansiavam era encontrada na Torá (por exemplo, Sirach, Baruch, Manuscritos do Mar Morto,



4 Esdras, 2 Baruch, 4 Macabeus).

Esta é a primeira de quatro mesas de bronze escavadas conhecidas como Lex Ursonensis encontrado em
Urso antigo, Espanha. Originalmente parte de um trabalho maior conhecido como o Lei de colônia
Genetiva Julia, foi a carta para o assentamento romano de Urso na Espanha, 47-44 aC. Como uma constituição, descreve como o governo deve operar. De interesse para os leitores de Romanos é o parágrafo 72, que trata do dinheiro trazido aos templos como uma oferta sagrada. Ele decreta que este dinheiro não deve ser usado para qualquer outro propósito

mesmo se houver um excedente. Até mesmo a lei romana mostrou preocupação em “roubar” do templo (cf. Rom. 2:22).

2: 21-23 Você que se vangloria da lei, você desonra a Deus quebrando a lei? O problema da inconsistência entre profissão e prática forma um inclusio para 2: 21-23: “Tu, pois, que ensinas a outros, não te ensinas a ti mesmo?” (v. 21a) e "Você que se vangloria da lei, você desonra a Deus ao transgredir a lei?" (v. 23). Entre o versículo 21a e o versículo 23, estão listados três pecados específicos que Paulo acusa seus compatriotas de cometerem hipocritamente: roubo, adultério e idolatria. O primeiro pecado é claramente literal. O segundo pecado também parece ser literal, embora alguns pensem que Paulo aqui se refere ao adultério espiritual da idolatria de que os profetas do Antigo Testamento acusaram Israel. Mas isso parece improvável à luz do pecado da idolatria mencionado a seguir.

A natureza do terceiro pecado é debatida: como poderia “roubar templos” ser um ato de idolatria? Três possibilidades são sugeridas pelos comentaristas. Primeiro, roubar templos pode ser literal. Assim, há algumas evidências, embora escassas, de que os judeus antigos roubaram templos pagãos por dinheiro. Relacionado a isso está a teoria de que os judeus naquela época estavam relaxando as restrições ao uso de metais preciosos de artigos idólatras (cf. Deuteronômio 7:26). Nesse caso, Paulo estaria dizendo que tal prática contradiz a aversão judaica à idolatria. Em segundo lugar, Paul poderia ser

apontando a hipocrisia de alguns judeus que não pagaram o imposto anual do templo de Jerusalém (ver
Pss. Sol. 8,11-13; T. Levi14,5). Terceiro, “roubar templos” pode ser uma forma simbólica de se referir ao sacrilégio de transformar a própria lei em uma prática idólatra. Como diz Don Garlington, “[roubo de templos] é o apego idólatra de Israel à própria lei. . . sua insistência tenaz de que a Torá é a provisão definitiva de Deus para a vida eterna e, portanto, seu apego à lei como um objeto de confiança com exclusão de Cristo. ”

[49] Estou inclinado a seguir esta última sugestão, especialmente à luz da ironia que permeia 2: 17-29 (veja abaixo).



Um imposto do templo de meio siclo era cobrado todos os anos de homens judeus com 20 anos ou mais, não importa onde vivessem. O siclo de Tiro, mostrado aqui, é do primeiro século DC e era a principal moeda de prata usada para pagar o imposto do templo.

02:24 Como está escrito: "O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por sua causa."Paulo aqui cita Isaías 52: 5 LXX, que aponta o dedo da culpa para Israel porque seu pecado contra Deus, resultando em seu exílio na Babilônia, levou as nações a falar mal de Deus. Esta é uma indicação clara de que a história de Israel - seu pecado e exílio - está na frente e no centro do argumento de Paulo em Romanos 2. Mas também há uma ironia potente em 2:24, como há em 2: 17-29, que apóia fortemente minha leitura desses versos.

Com isso em mente, olhamos aqui para seis exemplos de ironia em 2: 17-29 que se combinam para dar a impressão de que Paulo pensava que Israel ainda estava no exílio precisamente porque eles tentaram guardar a Torá.

1. Embora os judeus se vangloriassem na lei, eles não eram melhores do que os gentios, uma vez que os judeus hipócrita / ironicamente pecaram contra essa mesma lei (2: 17-24).

2. Consequentemente, o "judeu", cujo nome significa "louvor a Deus" e cujo
missão era converter os gentios à adoração do único Deus verdadeiro,

inversamente trouxe desonra a Deus aos olhos das nações (2:24).

3. Embora Israel tivesse retornado à sua terra, eles ainda estavam no exílio, sendo sob ocupação romana e, pior, alienado do próprio Deus (2:24).

4. (Cristãos) Gentios (ver discussão de 2: 25-29 abaixo) são participantes de a nova aliança, enquanto os judeus (não-cristãos) permanecem na antiga e ineficaz aliança.

5. A sugestão acima mencionada, que apoio, que roubar templos era o sacrilégio de ser obcecado pela Torá para que ela mesma se tornasse idólatra (2:22) é obviamente irônico. Essa ironia seria intensificada para Paul leitores porque os rabinos antigos afirmavam que Israel havia abandonado a idolatria desde o retorno para casa do exílio na Babilônia.

6. Muitos comentaristas se perguntam por que Paulo acusa todos os judeus de cometer pecados como roubo, adultério e idolatria, quando certamente nem todos os judeus cometiam.[50] Mas, suponho, o problema aqui não é a frequência ou a abrangência dos pecados cometido, mas sim a flagrância dos três pecados cometidos. Para, ao lado de assassinato, esses três pecados contra o Decálogo (Dez Mandamentos) teria sido considerado por qualquer judeu como o mais sério. E aqui está a ironia de tudo: é precisamente a lei de Moisés que incitou os judeus a cometer tais pecados flagrantes.

Todas combinadas, as seis ironias sugerem que Paulo acreditava que Israel ainda estava no exílio não porque desobedeceu à Torá, mas precisamente porque tentou obedecê-la. Esta foi realmente uma leitura subversiva da história de Israel a respeito da estipulação da lei de Moisés.

Nomismo pactual

EP Sanders cunhou pela primeira vez o termo "nomismo pactual" em seu livro Paulo e o Judaísmo Palestino.
Lá, ele argumentou que os estudiosos paulinos interpretaram erroneamente o judaísmo antigo como "legalista" - salvação pelas obras - e que, de fato, tanto o Antigo Testamento quanto o judaísmo primitivo ensinavam que Israel entrou na aliança com Deus pela fé, mas permaneceu nessa aliança ao observar a Torá . Entrar na aliança pela fé estava ligado a três celebrações principais: Páscoa, quando todos os judeus se viam como salvos por Deus no êxodo; circuncisão, quando o homem judeu era circuncidado; e a

bar Mitzvah ou bat mitzvah,quando o judeu masculino e feminino (respectivamente) se colocaram sob a autoridade da Torá. A visão de Sanders é a base da Nova Perspectiva sobre Paulo, que vê Paulo contrastando uma confiança nacionalista na posse da lei com a obediência à lei pela fé. A frase crítica neste debate é "as obras da lei" (veja mais adiante o comentário sobre Rom. 3: 9-20).

Percepções Teológicas Uma série de percepções teológicas vêm à tona em Romanos 2: 17-
24. Primeiro, quando se trata da espiritualidade de alguém, é necessária muita humildade para transmitir essa espiritualidade. Caso contrário, alguém pode ser visto como um indivíduo “mais santo do que você”. Além disso, relacionado a isso está a necessidade de adequar a prática à profissão. Isso nos faz lembrar do sábio conselho dado por Francisco de Assis: pregar continuamente o evangelho por meio de atos de amor e bondade e, quando necessário, por meio de palavras. Em segundo lugar, até mesmo a palavra inspirada de Deus - a Bíblia - pode se tornar um objeto de idolatria se a adoramos em vez de seu autor divino. Terceiro, o pecado é tão tortuoso que pode usar os santos mandamentos de Deus para incitar a desobediência dentro de uma pessoa (compare 2: 17-24 com 7: 7-14).

Ensinando o Texto

Vários pontos-chave de ensino para lições ou sermões podem ser extraídos de Romanos 2: 17-24. O primeiro é “Tua Palavra é uma luz e uma lâmpada”. A natureza inspirada e instrutiva do Antigo Testamento, tanto para os cristãos quanto para os judeus, é uma mensagem importante a ser aprendida nesses versículos. É preciso dizer que Paulo não é marcionita. Ele ama as Escrituras Judaicas (= o Antigo Testamento) e as respeita como a Palavra de Deus. Mas para Paulo, a Palavra do Senhor é dialética: convence para que possa levar pecadores ao evangelho. É lembrado aqui as três famosas metáforas de Martinho Lutero para a lei. A lei é um espelho que mostra aos pecadores quem eles realmente são diante de Deus. A lei é um martelo que esmaga a arrogância humana quando os humanos veem quem são diante de Deus. Mas a lei também é uma máscara: por trás dessa máscara está a misericórdia de Deus,



Judeus modernos leram um rolo da Torá no Muro Ocidental do monte do templo em Jerusalém, mostrando seu amor e respeito pelas Escrituras Judaicas (o Antigo Testamento).

Um segundo sermão, “Pecado, Natureza Humana e a Lei: O Triunvirato do Mal”, poderia comunicar a ideia de que nem mesmo a Torá pode impedir o pecado de usar a própria lei para incitar a natureza humana a pecar contra Deus. No final das contas, esta é a perspectiva de Paulo a respeito da lei: em última análise, não é culpa da lei que pecamos; antes, é nossa própria natureza pecaminosa que desrespeita os mandamentos de Deus.

Terceiro, neste ponto do argumento de Paulo em Romanos, um sermão pode se encaixar com o título “Cristo e a História de Israel: Como Jesus, o Messias, Abraçou Nosso Pecado e Exílio Para Que Poderíamos Ser Restaurados para Deus”. Tal mensagem serviria para lembrar ao público

que a falha de Israel diante de Deus era, entretanto, uma parte do plano de Deus para a salvação porque o pecado de Israel moveu a história da salvação junto com a chegada de Jesus, o Messias, cuja morte

cumpriu os mandamentos do Antigo Testamento e vestiu o pecador com a justiça de Deus.

Ilustrando o Texto

O julgamento é baseado na violação da lei; Os judeus não são poupados por serem judeus.

Histórias pessoais:Bill Hybels, pastor sênior da Willow Creek Community Church perto de Chicago, Illinois, certa vez começou um sermão sobre os Dez Mandamentos entrando no palco da igreja e olhando silenciosamente para o Decálogo postado para que todos vissem. (O Decálogo também pode ser impresso em um encarte de boletim.) Em seguida, ele confessou: "Sim, em meu coração quebrei cada um dos Dez Mandamentos!" O choque da audiência naquele dia teria se igualado ao choque da audiência judaica de Paulo nesta passagem.

Canção: "Harper Valley PTA", de Tom T. Hall. Você pode usar a letra dessa música "antiga, mas boa", que mostra a hipocrisia de acusar os outros dos mesmos pecados que você está cometendo.

A Torá não pode impedir o pecado de usar a lei para incitar a natureza humana contra Deus.

Literatura: O progresso do peregrino, por John Bunyan. No início O progresso do peregrino
(1678), na seção intitulada "A Casa do Intérprete", Cristão recebe sua instrução teológica antes de colocar seu fardo na cruz. A instrução consiste em sete cenas, cinco de ensino e duas de julgamento. Em uma das cenas de ensino, Cristão é conduzido pelo Intérprete, seu guia e professor, a uma sala cheia de poeira. O intérprete pede que um homem venha e varra, mas quando ele faz isso, a poeira voa densa, sufocando Christian. O intérprete então chama uma mulher que está perto para trazer água, com a qual ela borrifa e lava o quarto, depois do qual é limpo e agradável. O intérprete então explica ao cristão que a sala cheia de pó é o coração humano, onde a lei (o varredor) levantou a poeira do pecado original e da corrupção interior que contamina a alma e o espírito.

É idólatra adorar a Bíblia e não a Deus.

Referência Teológica: Karl Barth.Sobre este assunto, pode-se fornecer algumas citações de Barth. GK Beale fornece essa lista em seu livro de 2008 A erosão da inerrância no evangelicalismo: respondendo a novas

Desafios para a autoridade bíblica, embora deva ser acrescentado que Beale discorda de Barth.

Metáforas humanas: Já foi dito que adorar a Bíblia e não a Deus é como amar uma certidão de casamento em vez da do cônjuge, como amar uma certidão de nascimento em vez do filho.

Literatura: “The Birthmark,” de Nathaniel Hawthorne.Este famoso autor americano (1804-64) conta a história de um cientista que se casa com uma bela mulher cuja beleza está marcada, ele acredita, por uma marca de nascença, em forma de mão, em sua bochecha. Ele está obcecado em remover a marca de nascença, tentando inventar uma substância química que o faça. Ele consegue e, adormecendo a mulher, administra a solução. No final, a marca se foi, mas ela morreu. Ele tem adorado no altar da perfeição em vez de amar sua esposa.

Os Gentios e a Restauração de Israel

Grande ideia

Se em 2: 1-24 Paulo argumentou que a tentativa de Israel de manter o

A Torá resulta em pecado e exílio contínuos. Nestes versículos, o apóstolo dos gentios ofende todas as sensibilidades judaicas ao afirmar que os gentios (cristãos) são parte do povo da nova aliança, cuja conversão a Cristo constitui uma parte da tão esperada restauração de Israel .

Temas principais de Romanos 2: 25-29

O fracasso de Israel em guardar toda a lei de Moisés nega a circuncisão, o sinal da relação pactual dos judeus com Deus.

O cumprimento da intenção (implícita) da Torá pelos cristãos gentios pela fé em Jesus Cristo e pela habitação do Espírito Santo os torna o povo da nova aliança de Deus, uma parte da verdadeira restauração de Israel.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoEm Romanos 2: 17-29, Paulo critica as duas marcas da relação de aliança de Israel com Deus: a lei como a estipulação da aliança e a circuncisão como o sinal dessa aliança. Nós olhamos o primeiro de



-
-

estes estão na última unidade (2: 17-24), e agora voltamos em 2: 25-29 para a crítica incomum de Paulo à circuncisão. Visto que os gentios aparecem mais claramente em 2: 25-29, não devemos nos surpreender que Paulo não use mais o estilo de argumentação diatribe. Ele usa esse estilo ao se dirigir ao seu principal parceiro de debate, o judeu incrédulo. Assim, a diatribe de Paulo será retomada em 3: 1-8 contra aquele grupo-alvo.

A melhor maneira de delinear 2: 25-29 é colocar em forma de gráfico os contrastes contínuos que Paulo faz entre judeus incrédulos e gentios cristãos (ver tabela 1).

Tabela 1: Judeus descrentes e gentios cristãos

Judeus incrédulos	Gentios cristãos
Quebrar a lei de Moisés (v. 25)	Cumprir a intenção da lei de Moisés (vv. 26-27)
Circuncisão externa, física (vv. 25, 27-28)	Interior, circuncisão do coração (vv. 26, 29)
Carta / lei (v. 29)	Espírito / intenção da lei (v. 29)
Pense que eles julgarão os gentios no último dia (v. 27)	Julgará os judeus no último dia (v. 27)
Não será justificado por Deus no último dia - maldições da aliança (v. 27)	Será justificado por Deus no último dia - aliança bênçãos (v. 27)
Não faça jus ao seu nome, o que significa “Louvai a Deus” (v. 25)	Louvará a Deus (v. 29)
Conseqüência: o Israel físico não é mais o povo da aliança de Deus porque, ironicamente, eles	Resultado: os cristãos gentios fazem parte do novo povo da aliança de Deus por causa de sua fé em Cristo

Antecedentes Históricos e Culturais 1. A circuncisão foi instituída por Deus como o sinal de sua aliança com Israel, começando em Gênesis 17: 9-14 e continuando por todo o Antigo Testamento e além.

2. "Circuncisão do coração" é uma frase usada no Antigo Testamento para expressar o desejo de que um dia Israel obedecerá a Deus de coração; isto é, eles inscreverão os mandamentos na pedra em sua vida (Dt 10:16; 30: 6; Jr 4: 4; 9: 25-26; Ez 44: 9; ver também 1QpHab 11,13; 1QS 5.5; Jub.1,23). Tal esperança estava conectada com a chegada do Espírito Santo e a conseqüente nova aliança (Jr 31: 31-34; Ez 36: 26-27).

3. Havia dois tipos de gentios nos dias de Paulo que abraçavam o Deus de Israel: o prosélito e o temente a Deus. O primeiro era um gentio que se tornou judeu ao ser circuncidado e batizado. Ao fazer isso, esse gentio se submeteu à totalidade da lei mosaica.

[51] O segundo tipo de gentio que abraçou aquele

o verdadeiro Deus era o temente ou adorador de Deus (ver Atos 10: 2, 22; 13:16, 26; 16:14; 18: 7), que provavelmente representava uma parte significativa da igreja em Roma na época da carta de Paulo aos Romanos. Este grupo não aceitou a circuncisão e, conseqüentemente, eles se submeteram apenas aos mandamentos de Noé (veja a discussão de Rom. 2: 12-16). Essas pessoas podiam assistir aos serviços da sinagoga, mas eram obrigadas a sentar-se em um espaço separado e não eram consideradas judias.

Percepções interpretativas 2: 25-29 uma pessoa é um judeu interiormente. Dentro Romanos 2: 25-29 encontramos seis contrastes principais, realmente inversões de papéis, entre judeus incrédulos e gentios cristãos: Primeiro, o judeu incrédulo continua a quebrar a lei de Moisés (2:25) enquanto o gentio cristão, ironicamente, cumpre a intenção (implícita) da lei de Moisés por meio da fé em Jesus Cristo e da habitação do Espírito Santo (2: 26-27). Para Paulo, o judeu quebra a Torá ao deixar de segui-la perfeitamente (lembre-se de meus comentários anteriores a respeito de Romanos 2: 12-16). Além disso, ao insistir em seguir a lei desde a vinda do Messias, o judeu também sente falta da natureza temporária da Torá, que deveria preparar o mundo para a chegada do Messias (ver Rom. 3: 21-31; 9: 30-10: 4; cf. Gal. 3: 19-25). Que o “incircunciso” (

akrobystia = “Prepúcio” [2:26]) refere-se aos gentios é claro a partir de textos judaicos como 1 Macabeus 1:15;

Jubileus15,33-34, e sem dúvida é um rótulo depreciativo. Paulo pretende que o leitor iguale esses gentios aos cristãos (em oposição aos gentios não-cristãos em 2: 12-16). Isso fica relativamente claro porque Paulo aplica a linguagem da nova aliança a eles: “circuncisão do coração” (2:29); habitada pelo Santo “Espírito” (2:29); eles cumprem os "requisitos justos da lei" (

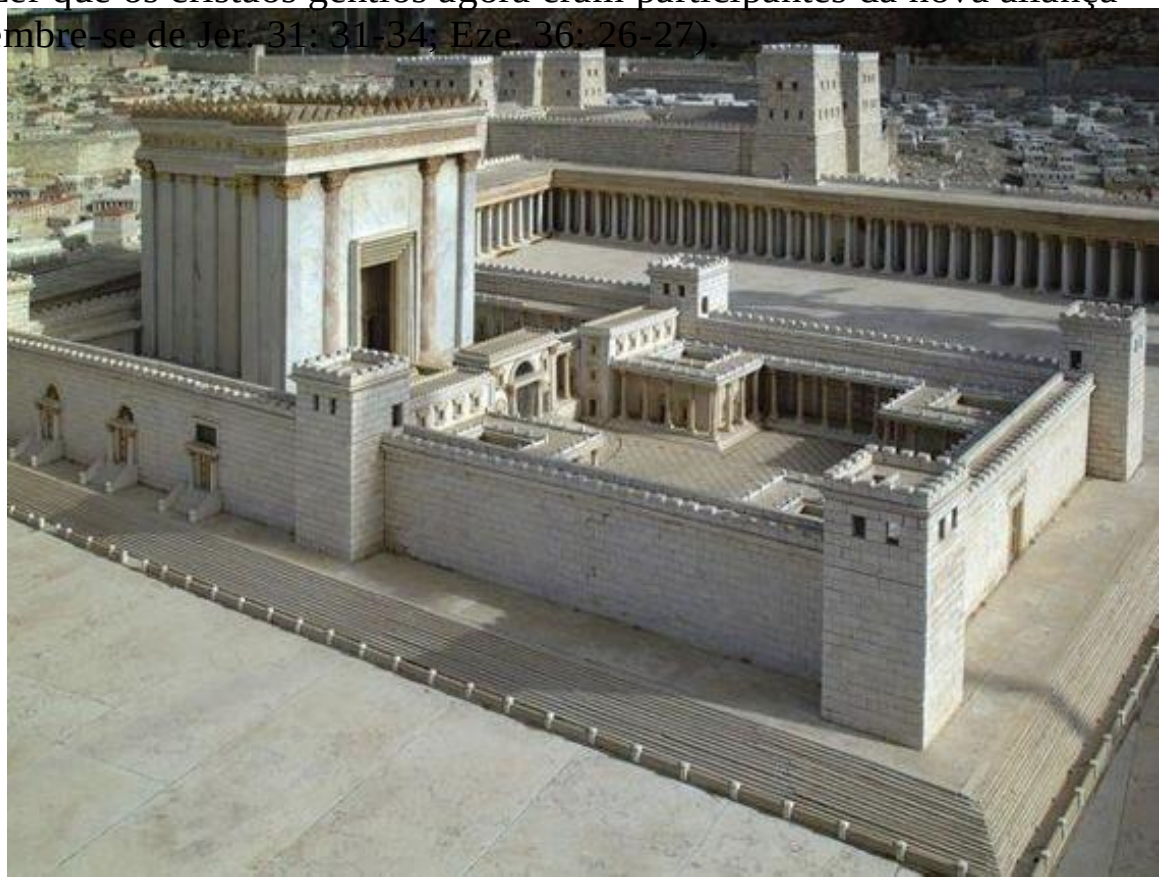
ta dikaiōmata tou nomou[2:26]; cf. “Obedece à lei” [2:27]), que corresponde à descrição dos cristãos em Romanos 8: 4 que, agora que Cristo substituiu a lei, cumprem o propósito da lei pela fé em Jesus o Messias e pelo poder de o Espírito Santo residente. Que esses gentios são cristãos é confirmado ainda mais pelo uso de Paulo de

logisthēsetai ("Considerado" ou "contado") deles (2:26), o que antecipa o uso posterior de Paulo do termo

logizomai para aqueles que são considerados justificados por Deus com base na fé (3:28; 4: 3-6, 8-11, 22-24; 9: 8).

Em segundo lugar, Paulo caracteriza os judeus descrentes como sendo circuncidados apenas na carne; isto é, eles são judeus apenas externamente (2:25, 27-28). A desobediência de Israel à lei (e ao evangelho) tornou seu rito mais sagrado, a circuncisão, inválido; é como se eles fossem incircuncisos. Tal acusação de Paulo teria trazido à mente o decreto do governante sírio Antíoco IV Epifânio de que os judeus cessassem a prática da circuncisão. A crítica de Paulo à circuncisão seria

também trouxeram à mente aqueles judeus que chegaram a ponto de ter seu prepúcio substituído cirurgicamente (um procedimento chamado epispasmos) para que os gentios não os ridicularizassem (veja novamente 1 Mac. 1:15; Jub.15,33-34). Desnecessário dizer que o fato de Paulo rotular aqui os judeus como "incircuncisos" teria sido uma palavra de luta para a nação de Israel. Isso era o mesmo que dizer que Israel não era mais o povo da aliança de Deus. Além disso, Paulo teve a audácia de rotular os cristãos gentios como "circuncidados de coração" (2:29 [cf. 2:26]). Isso era o mesmo que dizer que os cristãos gentios agora eram participantes da nova aliança (lembre-se de Jer. 31: 31-34; Eze. 36: 26-27).



O complexo do templo em Jerusalém foi talvez o ponto focal para a preocupação judaica em guardar a lei. Os judeus viajavam para cá para celebrar os festivais e trazer as ofertas prescritas pela lei. Os professores da lei se reuniram aqui para ensinar a lei e para debater quais comportamentos eram necessários para "guardar a lei". O templo que estava em operação desde a época de Jesus até sua destruição em 70 DC foi construído por Herodes, o Grande. Esta foto mostra o templo de Herodes e

uma parte de seu pátio norte como parte da reconstrução da cidade de Jerusalém do século I dC em exibição no Museu de Israel em Jerusalém.

Terceiro, Paulo contrasta ainda mais a desobediência judaica da lei com os gentios obediência à intenção da lei, rotulando o primeiro como a "letra" e o último como o "Espírito". Três pontos de vista surgiram entre os estudiosos paulinos sobre a identificação do contraste entre "carta" (

vovó) e “espírito” (
pneuma) (1) Uma visão mais antiga é que Paulo está se referindo a uma distinção entre ler o Antigo Testamento literalmente (a “letra”) e lê-lo alegoricamente (“espírito”). Mas essa visão é equivocada, pois Paulo aqui está falando sobre justificação, não hermenêutica. (2) Uma visão mais recente - a Nova Perspectiva sobre Paulo - é que Paulo está contrastando uma confiança nacionalista na posse da lei com uma observância da Torá guiada pelo Espírito. Mas esta tradução falha no fato de que para Paulo, a frase "obras da lei" não se refere aos marcadores da aliança nacional judaica de circuncisão, guarda do sábado e observação das categorias kosher, mas sim às obras da Torá no total (veja a discussão de Rom. 3:20). (3) A maioria dos intérpretes de Romanos 2: 29 ver corretamente neste versículo um contraste entre a totalidade da Torá (a “letra”) e a habitação do Espírito Santo e a entrada na nova aliança através da fé em Cristo (“o Espírito”). Com isso eu concordo.

Quarto, era uma expectativa comum dentro do Judaísmo do Segundo Templo que os judeus julgariam as nações injustas no dia final do ajuste de contas (Sb 3: 8; 1 En.91,12; 98,12;Apoc. Ab. 29,19-21), mas Paulo mantém essa expectativa em sua cabeça, afirmando que os gentios justos (feitos pela fé em Cristo) julgarão os judeus não-cristãos no último dia.

Quinto, e decorrente do contraste anterior, os judeus não cristãos sofrerão as maldições da aliança no dia do julgamento, enquanto os cristãos gentios desfrutarão as bênçãos da aliança.[52]

Sexto, o descrente "judeu" (2:17, 25) - o termo é um jogo de palavras “Louvor” (2:29) - trouxe qualquer coisa, exceto louvor a Deus entre os gentios (lembre-se de meus comentários anteriores em 2:24), enquanto o

gentio cristão recebeu louvor de Deus e (implícito) fez com que o nome de Deus fosse elogiado entre os gentios (2:29). Aqui temos uma alusão à conversão dos gentios no tempo do fim prometida no Antigo Testamento e agora sendo cumprida em Cristo e sua nova aliança.

O resultado dos seis anteriores contrastes entre judeus incrédulos e Cristãos gentios é que, para Paulo, os primeiros ainda estão em pecado e exílio porque tentam obedecer à lei, enquanto os últimos agora desfrutam da nova aliança
verdadeira restauração de Israel porque sua fé está em Cristo. Ironicamente, o último grupo cumpre a intenção da lei por meio do poder da habitação do Espírito Santo. Estes são aqueles a quem Paulo anteriormente se referiu como constituindo a obediência

fé dos gentios, a conversão do tempo do fim das nações a Cristo

antes da restauração de Israel (veja novamente Rom. 1: 1-16). Na verdade, Paulo parece sugerir que os gentios (e judeus) convertidos representam a verdadeira restauração de Israel antes da conversão daquela nação a Cristo (ver Rom. 11: 1-27).

Antes de concluir meus comentários interpretativos sobre Romanos 2: 25-29, ofereço uma sugestão de por que Paulo lida com gentios não-cristãos (em 2: 12-16) e gentios cristãos (em 2: 25-29): ambas as categorias são necessários para espelhar a história de Israel. Por um lado, os gentios não-cristãos, que seguem partes da Torá no sentido de que obedecem partes da lei natural / lei Noé, mas, no entanto, estão perdidos, espelham o pecado de Israel e o exílio diante de Deus devido ao seu fracasso em seguir a Torá perfeitamente (2: 12-16). Mas, por outro lado, os cristãos gentios, que pela fé em Jesus o Messias e no poder do Espírito residente, acabam obedecendo a tudo o que a lei vislumbrou em primeiro lugar (mesmo que esteja cumprida desde a vinda de Cristo), espelhe a parte da história da restauração de Israel (2: 25-29).

Romanos 2: 1-16	Romanos 2: 17-29
2.1-11: Judeus incrédulos estão em pecado e exílio.	2: 17-24: Judeus descrentes estão em pecado e exílio (= não
2: 12-16: Gentios descrentes refletem o pecado de Israel	2: 25-29: Os crentes gentios são a verdadeira restauração em

Percepções TeológicasTrês verdades teológicas de Romanos 2: 25-29 impressionam o leitor. Primeiro, não há espaço neste texto ou em qualquer outro lugar nas cartas de Paulo para a “teoria das duas alianças”, que ensina que os judeus são, e continuam a ser, salvos pela prática da lei, enquanto os gentios são salvos pela fé em Cristo.

[53]Paulo certamente argumenta em 2: 25-29, como ele fará em Romanos, que há apenas um relacionamento de aliança com Deus, e é baseado exclusivamente na fé em Jesus Cristo. A nova aliança em Cristo substituiu

permanentemente a antiga aliança, cuja estipulação é a lei de Moisés. Em segundo lugar, a fé em Cristo e na habitação do Espírito Santo cumpre os requisitos para os quais a Torá foi dada pela primeira vez. Paulo confirmará essa declaração em Romanos 8: 4; 10: 4, e ele especificará o que ele quer dizer com “requisitos da lei” (2:26) em Romanos 13: 8-10: amar o próximo e amar a Deus supremamente (cf. Lv 19:18; Mt 5 : 43-48; 19:19; 22: 34-40; Marcos 12: 28-33; Lucas 10: 25-28; Gal. 5:14; Tiago 2: 8). Terceiro, a nova aliança foi instituída por Cristo (compare Rom. 2: 25-29 com 2 Cor. 3: 1-4: 6).

Ensinando o Texto

A melhor maneira de pregar ou ensinar Romanos 2: 25-29 é intitular a apresentação algo como “Os gentios e a restauração de Israel” e use os contrastes entre judeus incrédulos e gentios cristãos na tabela 1 como a base do sermão ou lição. Assim, (1) ironicamente, os judeus não guardam a lei, enquanto os cristãos gentios cumprem o propósito da lei sem serem escravos dela; (2) a circuncisão, tão importante para a religião dos judeus, é inferior à circuncisão do coração (obediência) que descreve os crentes gentios; (3) essa antítese corresponde ao contraste entre letra / lei (judeus) e Espírito / intenção da lei (gentios cristãos); (4) em vez de judeus julgando gentios no dia do julgamento, o inverso ocorrerá; (5) assim também os judeus não-cristãos receberão as maldições da aliança no dia do julgamento, enquanto os gentios crentes receberão as bênçãos da aliança; (6) Os cristãos gentios vivem para o louvor de Deus, enquanto o judeu (= “louvor a Deus”) que rejeita a Cristo não o fará. Todos esses contrastes aumentam o fato irônico de que os judeus não crentes não são mais o povo da aliança de Deus, enquanto os cristãos gentios fazem parte do povo da nova aliança de Deus. Mas deve ser observado aqui, e Paulo dirá isso mais tarde em Romanos, que esses contrastes não devem ser mal interpretados para significar que o apóstolo é anti-semita em seus comentários. As críticas de Paulo contra seus parentes carnais não são diferentes das críticas mordazes feitas pelos profetas do Antigo Testamento contra o antigo Israel por assumir erroneamente que os judeus eram o povo de Deus com base na nacionalidade e não na obediência a Deus de coração.



Obediência a Deus de coração foi a exortação de Paulo aos crentes romanos, que viviam em uma cidade muito secular e pagã. Os templos aos deuses romanos eram abundantes. Aqui estão os restos do templo de Saturno localizado na extremidade ocidental do fórum romano.

Ilustrando o Texto

Existe apenas um relacionamento de aliança com Deus, baseado na fé em Jesus.

Bíblia: A parábola do filho pródigo (Lucas 15: 11-32). Nesta parábola, o filho perdido pode representar o gentio arrependido, e o irmão mais velho, semelhante ao farisaico, pode representar o judeu descrente.

Bíblia: A parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20: 1-16).Esta parábola ilustra muito bem a inversão de valores e recompensas que ocorrerá no dia do julgamento. Aqueles que trabalharam o dia todo não receberam mais recompensa do que aqueles que começaram a trabalhar no final do dia, pois a avaliação divina é baseada na graça, não nas obras. Jesus resume esta grande reversão em Mateus 20:16: os últimos serão os primeiros (os crentes gentios em Rom. 2: 25-29), e os primeiros serão os últimos

(judeus descrentes em Rom. 2: 25-29).

Bíblia: Filipenses 3: 4-9.O próprio testemunho de Paulo neste texto confirma a verdade desta passagem em Romanos. Antes de sua conversão, Paulo era um fariseu que confiava nas obras da lei (compare Fp 3: 4-6 com os judeus incrédulos em Rom. 2: 25-29), mas depois de sua conversão a Cristo, Paulo confiou exclusivamente na graça de Deus em Cristo (compare Fp 3: 7-9 com os cristãos gentios em Rom. 2: 25-29).

A verdadeira religião que vem de Deus se manifesta na obediência interior e exterior.

Literatura: Matar a esperança, por Harper Lee.Este livro (1960), amplamente conhecido pelo grande público e posteriormente popularizado pela versão cinematográfica (1962), se passa na cidade fictícia de Maycomb, Alabama, na década de 1950 e é baseado nas experiências do autor. É, acreditam alguns críticos, o livro sobre raça mais lido na América. A narrativa central é pertinente a Romanos 2: 25-29, pois conta a história de um homem negro muito gentil, Tom Robinson, que foi falsamente acusado de estuprar uma garota branca pobre e abusada, a quem ele ajudou e que

tentou seduzi-lo por causa de sua solidão. Embora a inocência de Tom seja evidente após sua defesa, e seu acusador seja o bêbado da cidade, um júri branco condena Tom, e ele deve ser enforcado. Através da voz do protagonista, o advogado de Tom, Atticus Finch, que o defende eloquentemente, Harper Lee desafia todas as autoridades em Maycomb: a escola e seus professores, o sistema de justiça criminal e os estabelecimentos religiosos, todos fechados, encravados, e rígido. Maycomb abraça o racismo e ainda tenta sinceramente permanecer uma sociedade decente - uma contradição em termos.

A Fidelidade de Deus e as Maldições da Aliança sobre Israel

Grande ideia A fidelidade de Deus é realmente demonstrada por meio das maldições da aliança sobre Israel.

Temas principais de Romanos 3: 1-8

Israel realmente tem uma vantagem sobre os gentios: eles têm a revelação de Deus, especialmente a promessa das bênçãos da aliança. As maldições da aliança sobre Israel demonstram a fidelidade de Deus nessa eles fazem parte da promessa de Deus a Israel no caso de desobedecerem a ele. Mesmo que as maldições da aliança demonstrem a fidelidade de Deus, porque Deus é o juiz justo, ele ainda deve punir o pecado de Israel.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoEm Romanos 2, Paulo mostrou que a tentativa de Israel de obedecer à lei é, ironicamente, a razão de eles ainda estarem no exílio e sob o julgamento divino. Romanos 3: 1-8, portanto, antecipa, em forma de diatribe, três objeções judaicas a essa noção: (1) não há vantagem em ter a lei, (2) Deus quebrou sua promessa, e (3) Deus é injusto em punir Israel (ver tabela 1).

Antecedentes Históricos e Culturais Além do estilo de diatribe (ver discussão em Rom. 2: 12-16), o pano de fundo principal pertencente a Romanos 3: 1-8 é a noção judaica comum de que Deus é santo e, portanto, o juiz justo sobre o mundo (por exemplo, Gênesis 18:25; Deut. 32: 4; Jó 34: 10-12; Esdras 9:15; Ne. 9: 32-33; Lam. 1:18; Dan. 9:14;

Pss. Sol.2,15-18; cf. ROM. 2: 5; 2 Tes. 1: 5-6). Outra ideia que afeta Romanos 3: 1-8 é o antinomianismo e a noção de que nós

deve pecar para que a graça possa abundar (veja a barra lateral e o comentário sobre Rom. 6: 1).

Percepções interpretativas A melhor maneira de cobrir Romanos 3: 1-8 é seguir o estilo de diatribe que rege esses versículos, especialmente as três objeções judaicas que Paulo responde a respeito de sua tese em Romanos 2 de que a tentativa de Israel de guardar a lei é a razão de serem ainda no exílio e sob julgamento divino.

3: 1-2Que vantagem, então, há em ser judeu. . . ? Muito em todos os sentidos!O protesto do interlocutor judeu em 3: 1 faz sentido se Paulo tem argumentado desde o capítulo 2 que a própria tentativa de Israel de obedecer à Torá é a razão de eles ainda estarem no exílio e sob o julgamento divino. Nessa leitura, a questão da vantagem de ser um judeu com a lei como a estipulação da aliança e a circuncisão como o sinal da aliança em oposição a ser um gentio faz todo o sentido. Mas a resposta de Paulo a tal protesto é surpreendente, pois o leitor preferia esperar que o apóstolo respondesse: "Não há vantagem em ser judeu!" Em vez disso, Paulo responde que definitivamente há uma vantagem em ser um judeu e não um gentio: os judeus têm acesso aos oráculos (logia) de Deus. Os “oráculos de Deus”, como Douglas Moo observa, referem-se à revelação do Antigo Testamento como um todo e às promessas de Deus a Israel na lei em particular (Números 24: 4, 16; Deuteronômio 4: 8; Salmos 147: 19-20; cf. Rom. 9: 4-5).

[54] A LXX de Números 24: 4, 16 é interessante a este respeito porque lá o oráculo de Balaão, que uma vez tentou amaldiçoar o antigo Israel, mas foi divinamente rejeitado de tal forma que abençoou Israel, é chamado de “oráculos [

logia] de Deus." Que os oráculos de Deus incluem as bênçãos da aliança também é assinalado por Romanos 3: 4, onde Paulo cita o Salmo 51: 4, o registro do arrependimento de Davi e subsequente restauração a Deus, como o antídoto para o pecado e exílio de Israel detalhado no Salmo 50 (ver comentários abaixo em Rom. 3: 4).



Conforme registrado em Deuteronômio 27:13, as tribos de Rúben, Gade, Aser, Zebulom, Dã e Naftali deveriam estar no Monte. Ebal, onde os levitas pronunciavam as maldições da aliança. Aqui está uma vista do Monte. Ebal do Monte. Gerezim.

3: 3-4A infidelidade deles anulará a fidelidade de Deus? De jeito nenhum!O detrator de Paulo rebate que Israel está experimentando tudo, menos as bênçãos da aliança; em vez disso, eles estão enfrentando as maldições da aliança. E se eles estão sofrendo as maldições da aliança, então Deus não cancelou sua aliança com Israel e, portanto, quebrou sua promessa a eles? A reação de Paulo a tal pergunta é enfática:

mē genoito(“Que nunca seja!”). Paulo então prossegue dizendo que ao invés das maldições da aliança cancelando a aliança de Deus com Israel e, assim, quebrando sua promessa com eles, essas mesmas maldições provam que Deus é fiel à sua promessa a Israel precisamente porque não só Deus prometeu abençoar Israel se eles obedeciam a Torá, mas também Deus prometeu disciplinar Israel se eles quebrassem a lei divina. De qualquer forma, bênção ou maldição, Deus manteve sua promessa aos judeus a respeito da aliança.

Mas há algo mais na resposta de Paulo em 3: 4 que os comentaristas parecem ignorar: ao citar o Salmo 51: 4 - a confissão de Davi de que Deus é justo em julgar seu pecado, em um salmo que segue a história do pecado e exílio de Israel no Salmo 50— Paulo encontra no Rei Davi a receita para a restauração de Israel. Ou seja, Davi responde ao seu pecado da maneira que Israel deveria responder ao seu pecado e exílio, que é se arrepender e, assim, ser restaurado a Yahweh. Este pano de fundo leva à conclusão de que Romanos 3: 4 explora a tradição bíblica que sustenta

restauração para Israel se eles se arrependerem voltando para Deus. Em outras palavras, uma das razões pelas quais Deus envia as maldições da aliança sobre Israel é para

motive-os a voltar para ele. Outra razão é abordada mais tarde por Paulo em Romanos 11: 11-24: enquanto Israel está sob as maldições da aliança, a porta está aberta para os gentios se voltarem para Deus.

Tabela 1: Objeções judaicas em Romanos 3: 1-8 e as respostas de Paulo

Objeção do Interlocutor	Resposta de Paulo
1. Não há vantagem em termos a lei como a estipulação da aliança e circuncisão como o sinal da aliança (3: 1).	Sim, há uma vantagem em ser judeu: os judeus têm os oráculos / revelação de Deus, especialmente o prometido
2. Se a nossa tentativa de cumprir a lei está trazendo sobre as maldições da aliança, em vez do bênçãos da aliança, então Deus deve ter quebrou sua promessa de manter sua aliança conosco, e ele é infiel (3: 3).	Não, porque as maldições da aliança têm dois propósitos: (1) eles provam que Deus é fiel às suas promessas de Israel, mesmo que seja para fazer cumprir a aliança maldições; (2) eles são projetados para trazer Israel para
3. Mas se a aliança de Israel maldições / injustiça, mentiras e maldade acentuam A justiça, a verdade e a bondade de Deus, então Deus é injusto ao punir Israel (3: 5-8). Em outro	Não, porque Deus é santo por natureza como juiz sobre o mundo e, portanto, deve punir o pecado (3: 6-8).

3: 5-8Deus é injusto em trazer sua ira sobre nós? . . . Certamente não!Em 3: 5-8, Paulo responde à saraivada final de protestos de seu sparring judeu, embora Paulo provavelmente crie a objeção por si mesmo, como fez em 3: 1-4. A objeção procede da seguinte forma: se a injustiça, mentira e maldade de Israel (todos sinônimos de pecados contra a aliança) fazem com que a justiça, a verdade e a bondade de Deus pareçam boas, então Deus é injusto em julgar Israel. Esta reclamação é equivalente a antinomianismo (isto é, vamos pecar para que a graça possa abundar [cf. Rom. 6: 1]). A resposta enfática de Paulo em 3: 6 (

mē genoito[“Que nunca seja!”; NIV: “Certamente que não!”]) Se ofende com a própria noção de que Deus toleraria o pecado. Em vez disso, Deus é o juiz justo do mundo e deve punir o pecado mesmo que isso supostamente o faça parecer bom.

Percepções TeológicasTrês percepções teológicas emergem deste texto. Primeiro, Deus é santo e deve julgar o pecado, mesmo que, em contraste, o pecado humano acentue a justiça de Deus. Em segundo lugar, os humanos, portanto, são responsáveis por seus pecados. Terceiro, daqueles a quem muito é dado, muito é exigido. Este princípio se aplica tanto ao antigo Israel quanto à moderna sociedade ocidental, com bênçãos como liberdade, riqueza material e amplo acesso e estudo da Palavra de Deus.

Antinomianismo

Antinomianismo é baseado em duas palavras gregas -anti (“Contra”) e nomos("lei"). É essencialmente significa que, visto que uma pessoa está sob a graça, ela não é obrigada a viver pela lei ou pela moralidade. É claro que parte do público judeu de Romanos acusou o evangelho de Paulo de ser antinomiano. Em outras palavras, a mensagem de Paulo supostamente era que o cristão não estava mais sob as restrições da moralidade. Mas o próprio Paulo critica tal rótulo (veja Rom. 3: 1-8; 6: 1). E, de uma forma positiva, o apóstolo se baseia favoravelmente nos Dez Mandamentos como regra para a vida (veja Rom. 13: 8-10). A verdadeira questão neste debate, de acordo com Paulo, é o que melhor induz um estilo de vida santo - a graça e o poder do Espírito ou a Torá? Para Paulo, é graça. Podemos acrescentar que alguns intérpretes de Paulo aparentemente estavam desfilando seu evangelho como antinomiano nas congregações de Tiago, o meio-irmão de Jesus (pelo menos, é assim que alguns teólogos entendem Tiago 2: 14-26).

Ensinando o Texto

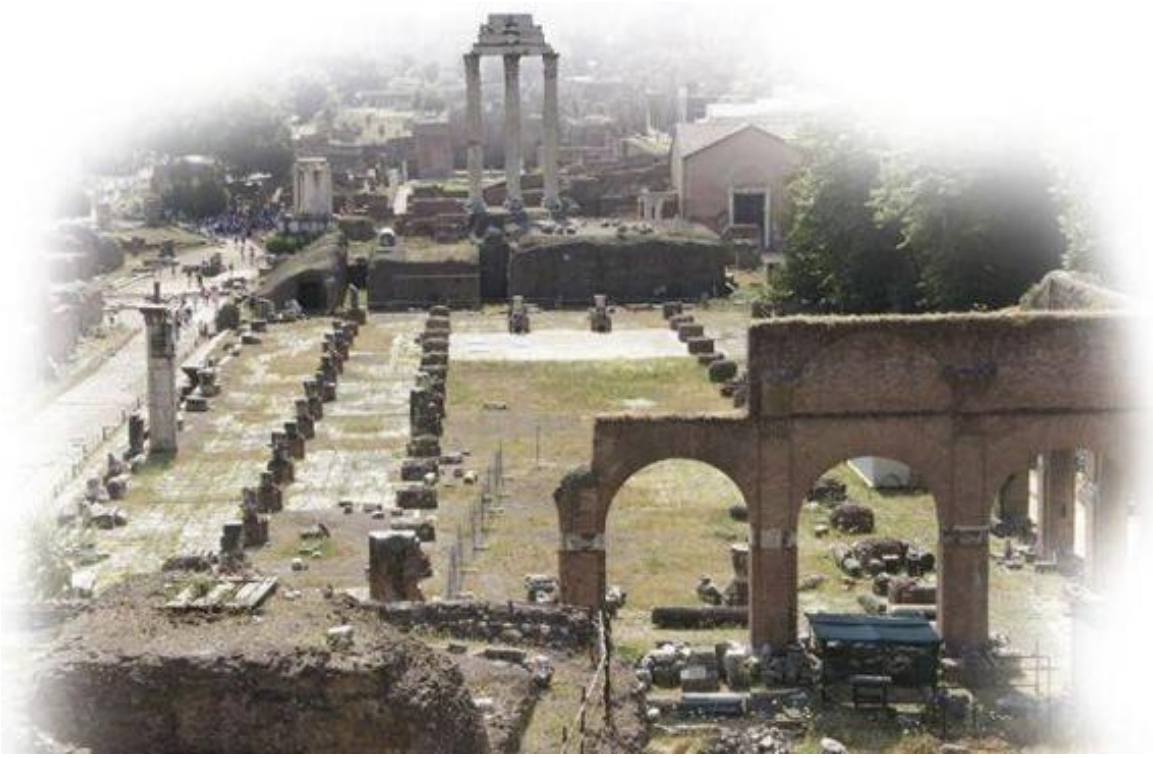
As três respostas de Paulo às três objeções colocadas em Romanos 3: 1-8 resultam em sermões / lições poderosas. Primeiro, em 3: 1-2 aprendemos, como observado acima, que Deus responsabiliza aqueles que foram abençoados com muito - desde o antigo Israel até o moderno Ocidente. Relacionado a este princípio, três áreas em relação aos cristãos ocidentais em particular requerem mudanças. (1) O envolvimento na igreja no mundo ocidental é tratado de forma muito casual, até o ponto de os crentes não comparecerem aos cultos. Este triste estado de coisas pode ser corrigido se os cristãos forem informados sobre o envolvimento da igreja entre os crentes que vivem sob regimes totalitários que de bom grado se colocam em perigo para adorar a Deus.

(2) Nem a leitura da Bíblia recebe a atenção que merece, mesmo no chamado Cinturão da Bíblia nos Estados Unidos. Os crentes modernos fariam bem em estudar como foi caro para os cristãos no passado traduzir e transmitir nosso texto sagrado, custo medido pelo derramamento de seu sangue. (3) Visto que Deus obviamente abençoou o cristianismo ocidental financeiramente, cabe a nós, nesta parte do mundo, doar para missões até o ponto de sacrifício.

Em segundo lugar, de 3: 3-4 aprendemos que Deus disciplina aqueles a quem ama, seja o povo de Deus do Antigo Testamento ou o povo de Deus do Novo Testamento. Deus é o criador do "amor duro" quando se trata de seus filhos. Tal disciplina demonstra a preocupação de Deus por nós de maneira muito semelhante à disciplina dos pais sobre seus filhos e filhas mostra seu amor por eles.

Terceiro, em 3: 5-8 aprendemos que o juiz divino sobre o mundo está vindo para executar sua justiça. Cabe a todos nós, portanto, nos prepararmos para encontrar nosso Deus. E a melhor maneira de se preparar para o encontro com Deus é revestindo-se da justiça de Cristo, que é recebida pela fé em sua morte expiatória no

Cruz.



Estes são os poucos vestígios arqueológicos da Basílica Júlia localizada no extremidade sudoeste do Fórum Romano. Paulo pode ter recebido sua sentença de morte neste edifício. Tudo o que pode ser visto hoje são algumas paredes de tijolos, os degraus do pódio e a planta baixa do edifício marcada por bases de colunas. Sua construção começou em

54 AC sob Júlio César e foi concluído durante o reinado de Augusto (12 AC-12 DC). Era um grande edifício público projetado com um salão central coberto de três andares e pórticos abobadados. Servia como ponto de encontro, continha escritórios do governo, lojas e, talvez, o mais importante, tribunais civis.

Ilustrando o Texto

Deus responsabiliza aqueles que foram abençoados com muito.

Biografia / Autobiografia: Deus administra meu negócio, por Albert W. Lorimer;
Motorista de homens e montanhas, de RG LeTourneau.Nestes dois livros (1941,1960), aprendemos sobre LeTourneau (1888-1969), que se tornou o maior construtor de máquinas de terraplenagem da história, produzindo 70% das máquinas de terraplenagem do exército durante a Segunda Guerra Mundial. Ele falou de Deus como sendo o presidente de seu conselho. Ele também foi o fundador da LeTourneau University. A maioria

importante, ele evitou a vida nobre, dando 90 por cento de sua renda a Deus. Ele disse que não poderia "dar mais do que Deus".

Literatura: Grandes Expectativas, de Charles Dickens.Neste romance (1861), uma das obras mais acessíveis de Dickens, o protagonista Pip, nascido na pobreza, herda uma grande soma de dinheiro de um benfeitor desconhecido, levando-o a uma vida confortável. Ele se torna orgulhoso e indolente, desprezando suas raízes, até que dois eventos ocorram. Primeiro, ele descobre que seu benfeitor é um presidiário a quem ele ajudou involuntariamente anos antes. Envergonhado da fonte de sua riqueza, Pip está,

no entanto, levou à humildade e à generosidade pelo exemplo de fidelidade e gratidão do condenado. Em segundo lugar, o marido de sua irmã, Joe, uma imagem de bondade e bondade, que foi rejeitado por Pip quando teve sucesso, cuida de Pip de volta à saúde durante uma doença grave, sem pedir nada em troca, nem mesmo sua amizade. Pip, então, aprende as lições de responsabilidade. Existem vários filmes e versões para a televisão do romance. Duas versões para a televisão, a minissérie com Anthony Hopkins (1989) e o

Masterpiece Theatre versão (2011), contém clipes dessas cenas.

Deus disciplina seu povo, a quem ele ama - tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Literatura: A mulher sábia, por George MacDonald.Esta poderosa história infantil (1875) é um retrato clássico e citável de um Deus justo e disciplinador, escrito por MacDonald (1824-1905), o inovador da fantasia moderna do século XIX, cujo trabalho influenciaria CS Lewis. Nessa história, duas crianças foram estragadas de maneiras diferentes por pais insensatos. No meio de ambas as vidas vem a mulher sábia (um retrato de Deus - onisciente, onipresente, possuidor de poderes sobrenaturais), que os leva embora e coloca cada um em um rigoroso regime de disciplina, feito sob medida para que a criança seja redimido de uma deformidade da alma. Preocupada mais com seu desenvolvimento moral do que com seu conforto, a mulher sábia ama os filhos, mas permite-lhes muito sofrimento. Em sua disciplina, a mulher sábia sabe, está seu potencial de purificação. Ambos devem ser salvos da auto-absorção,

Filme: O milagreiro.Neste conhecido e amado filme (1962), que ganhou as duas atrizes principais do Oscar, Anne Sullivan (interpretada por Anne Bancroft) usa o amor duro para abrir caminho para os surdos e cegos Helen Keller (interpretada inesquecivelmente por Patty Duke) . No que foi chamado de “The Breakfast Scene”, Anne Sullivan entende a necessidade de trazer Keller, a quem foi permitido se comportar de forma selvagem e violenta, sob controle e em um modo de vida civilizado. Mais e mais Sullivan deve superar a vida selvagem de Keller

comportamento até que ela seja levada à submissão de comer corretamente. É uma competição de vontades; a vontade teimosa deve ser ensinada.

O mundo inteiro está sob as maldições da aliança

Grande ideia Israel não se sai melhor do que os gentios em ser escravizado a pecado, porque o pecado desperta a desobediência por meio da lei. Em outras palavras, tanto judeus quanto gentios estão sob as maldições da aliança.

Temas principais de Romanos 3: 9-20

Tanto judeus como gentios estão sob o poder do pecado.
O pecado distorce todos os aspectos do que significa ser humano.
Resumindo, o pecado trouxe “depravação total” na raça humana.
O pecado distorceu até mesmo a sagrada lei de Deus, a Torá, de modo que é um catalisador para desobedecer a Deus na medida em que incita a carne a dizer não aos mandamentos divinos. Quer dizer, a própria lei está sob a influência do pecado.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 3: 9-20 é o clímax do argumento de Paulo em 1: 18-3: 8, concluindo que tanto judeus quanto gentios estão sob o pecado (implícito) porque eles tentam manter a estipulação da lei da antiga aliança (judeus por via da Torá, os gentios por meio da sobreposição da lei

natural / lei Noéica com a Torá).



-
-
-

Tanto judeus quanto gentios, entretanto, são culpados diante de Deus porque estão escravizados ao pecado.

Em Romanos 3: 9-20, Paulo retrata o mundo em julgamento diante de Deus no tribunal celestial. O seguinte esboço desdobra a cena dramática:

1. A Carga: Todos estão sob o pecado (3.9).
2. A evidência: A depravação total da humanidade (3.10-18). A evidência é citada em vários textos do Antigo Testamento que descrevem os ímpios (judeus ou gentios) perseguindo o judeu justo.
    uma. Salmo 14: 1-3 (3: 10-12)
    b. Salmo 5: 9 (3: 13a)
    c. Salmo 140: 3b (3: 13b)
    d. Salmo 10: 7 (3: 14-16)
    e. Isaías 59: 7-8a (3:17)
    f. Salmo 36: 1b (3:18)
3. O Veredicto: Todos são culpados diante de Deus. Ninguém será justificado pelo
obras da lei (Paulo dá a entender que isso ocorre porque a própria lei está sob o pecado e, portanto, motiva a desobediência ao invés da obediência) (3: 19-20).

Antecedentes Históricos e Culturais Várias considerações histórico-culturais são fundamentais aqui porque, embora Romanos 3: 9-20 possa parecer claro o suficiente para o leitor, teólogos recentes questionaram sua interpretação mais tradicional.

1. O rótulo de "depravação total" não é definido da mesma forma por todos os cristãos
tradições. Alguns entendem que a ideia significa que a humanidade é pecaminosa até o âmago de seu ser e, portanto, incapaz de fazer o bem. Outros argumentam que a depravação total significa que os humanos têm propensão a pecar, mas também têm uma consciência que pode orientá-los na direção certa; não é automático que um ser humano vá pecar. Além disso, essa abordagem apela para o fato de que a imagem de Deus e a graça comum residem em todos e podem capacitar alguém a resistir ao pecado.
2. Relacionado à discussão anterior, particularmente conforme informa Romanos 3: 9-20, o Judaísmo do Segundo Templo sustentava a doutrina das inclinações boas e más (cf. 4 Mac. 2: 21-23;

4 Esdras3,20-27; 7,70-74). Ou seja, dentro de cada ser humano existem duas inclinações igualmente poderosas: uma para obedecer a Deus (Yetzer Hatob) e um para desobedecer a Deus (
Yetzer hará) Mas de acordo com teólogos judeus, aproximadamente na época de Paulo, meditar na Torá resultou no lado individual com a boa inclinação. Em um tour de force, Paulo argumenta exatamente o oposto em Romanos 3: 9-20 e em outros lugares (ver Rom. 4: 14-15; 7: 5, 7-12; 1 Cor. 15:56; Gal. 2:16 ; 3: 10-13, 22; 4: 3, 8-11, 21-31; 5: 1-12): confiar na Torá é despertar a má inclinação. É por isso que, diz Paulo em Romanos 3: 19-20, ninguém será justificado em

o julgamento final diante de Deus pelas obras da lei, porque, por mais boa e bem intencionada que seja a Torá, ela apenas desperta o pecado dentro do indivíduo, não a obediência. E isso ocorre porque a própria lei está sob o poder do pecado.



Aqui, são mostrados os restos da sinagoga do século IV DC em Hammath Tiberíades, com seu belo piso de mosaico. Objetos de rituais judaicos, a arca, candeeiros, incensários (panelas de incenso), shofares e

arbah minim(associado à Festa dos Tabernáculos) representado no mosaico são lembretes das atividades que aconteceram no templo em Jerusalém, quando os judeus tentaram seguir a lei de Moisés. No entanto, Romanos 3:20 aponta que "ninguém será declarado justo aos olhos de Deus pelas obras da lei".

3. A frase importantíssima de Paulo em Romanos 3:20, "pelas obras da lei" (ex ergōn nomou
[cf. ROM. 3:28; Garota. 2:16; 3: 2, 5, 10]), leva o leitor a um campo minado de interpretação, com duas visões principais disputando a aceitação entre os estudiosos do Novo Testamento. A antiga visão desta frase, defendida por gente como Agostinho, Lutero e Calvino, era que por "obras da lei" Paulo se referia à lei de Moisés em sua totalidade e que ninguém é capaz de manter toda a Torá em ordem para ser justificado diante de Deus no último dia. Mas

com um artigo inovador em 1963 por Krister Stendahl, "O Apóstolo Paulo e a Consciência Introspectiva do Ocidente", uma nova interpretação da visão de Paulo da lei começou a surgir: antes e depois de se tornar um cristão, Paulo manteve uma visão positiva do Torá. Foi apenas a exegese luterana que deu a falsa

impressão de que Paulo tinha uma visão negativa da lei. Três estudiosos em particular seguiram o caminho de interpretação de Paulo por Stendahl, e nasceu a Nova Perspectiva sobre Paulo. Eu listo esses três estudiosos na tabela 1, que consiste em seus respectivos slogans e posições, além da crítica recente da perspectiva tradicional / antiga a essas posições.

[55] As restrições de espaço não permitem uma elaboração posterior, exceto para dizer, com Moo, "Acho, no entanto, que com nuances adequadas, o ponto de vista tradicional continua a ser a melhor explicação da polêmica paulina."

[56]

Percepções interpretativas 3: 9 Judeus e gentios estão todos sob o poder do pecado. O versículo 9 começa a conclusão de Paulo para sua argumentação em 1: 18-3: 8 no sentido de que a vantagem do judeu sobre o gentio não cristão é inútil porque, assim como o gentio pagão, o judeu desobedece a Deus, até mesmo a revelação especial da Torá. Isso ocorre porque ambos estão sob a influência do pecado.

3: 10-18 "Não há um justo, nem mesmo um."Aqui encontramos a declaração clássica de "depravação total", a convicção de que todos os aspectos dos humanos são afetados pelo pecado: suas mentes (vv. 10a-11); suas ações (v. 12); suas palavras (vv. 13-14a); seus relacionamentos (vv. 14b-17); sua atitude para com Deus (v. 18). O esboço acima, listando as citações de Paulo de Salmos e Isaías, mostra a subestrutura do Velho Testamento de 3: 10-18, que condena as ações más dos inimigos de Deus para com os justos. Mas em 3: 10-18 todos os humanos são classificados como ímpios, e nenhum é classificado como justo, então, tudo é pecado.

3:19 para que toda boca seja silenciada.O primeiro uso da palavra "lei" em 3:19 provavelmente indica a revelação do Antigo Testamento, uma vez que seu antecedente é a coleção de versículos de Salmos e Isaías que Paulo acabou de citar em 3: 10-18. Paulo pode usar "lei" com referência ao próprio cânon do Velho Testamento (veja 1 Cor. 9: 8, 9; 14:21, 34; Gal. 4: 21b). Mas

o segundo uso de “lei” em 3:19 sem dúvida se refere à lei de Moisés. Combinando as duas nuances da lei em 3:19, Paulo diz que a revelação de Deus no Antigo Testamento já anunciou que todos - judeus e gentios - quebraram a estipulação da antiga aliança. Ou, como Douglas Moo coloca, Paulo fornece em 3:19 um argumento do "maior para o menor" (veja a discussão sobre

qal wahomerabaixo sob o “Contexto Histórico e Cultural” de Rom. 4: 1-8): se os judeus, o povo escolhido de Deus, não podem ser excluídos do escopo da tirania do pecado, então certamente os gentios também não podem.

[57]Devemos também notar que a frase “debaixo da lei” em 3:19 é paralela com “debaixo do pecado” em 3: 9, implicando fortemente que os dois estão em sintonia para estimular os humanos a pecar. Paulo torna esta conexão mais específica em 3:20.

3:20 por meio da lei, nos tornamos conscientes de nosso pecado. Aqui é onde Paul's argumento vem conduzindo desde 1:18: ninguém pode guardar a lei perfeitamente o suficiente

(não gentios em relação à lei natural / lei de Noé, não judeus em relação à Torá) de modo que a obediência de alguém merece favor diante de Deus. Isso ocorre porque a lei revela o coração pecaminoso de cada indivíduo e mostra o quanto cada um está aquém da justiça divina (ver Rom. 3:23). Mais do que isso, de acordo com versículos como Romanos 7: 5 ("as paixões pecaminosas [são] despertadas pela lei"), a lei de Deus realmente motiva as pessoas a desafiar os mandamentos de Deus. Tudo isso, é claro, são notícias muito ruins. Mas essas más notícias, como Romanos 3: 21-31 continuará a dizer, têm o objetivo de conduzir o pecador ao evangelho da graça de Deus em Cristo. Em outras palavras, a estipulação da nova aliança não é a lei de Moisés, mas

antes, fé em Jesus Cristo. Esta é uma notícia maravilhosa para judeus e gentios, e Paulo desenvolverá isso em Romanos 3: 21-4: 25.

Podemos fazer uma pausa para especular por que Paulo chegou a essa conclusão chocante sobre a lei. Os teólogos deram duas sugestões. Primeiro, talvez a conversão de Paulo operada por Deus o tenha levado a perceber que havia ferido, talvez até matado, pessoas inocentes (os cristãos de Jerusalém a quem Paulo pré-cristão perseguiu) em nome da lei (ver Atos 8: 1- 3). Em segundo lugar, ainda mais chocante, Paulo, após sua conversão, pode ter percebido que a lei puniu Jesus Cristo injustamente na cruz (veja Gálatas 3: 10-13).

Percepções TeológicasTrês percepções teológicas emergem em Romanos 3: 9-20. Primeiro, a depravação total parece ser uma doutrina bíblica, baseada no Antigo Testamento e desenvolvida por Paulo (veja novamente o uso de Paulo dos Salmos e dos textos de Isaías em 3: 10-18). Isso não exclui, entretanto, a graça comum de Deus realizando coisas maravilhosas por meio da humanidade pecadora. Em segundo lugar, estar sob a lei é estar sob o pecado. Ou, como eu coloquei em meu tratamento de Romanos 2: 1-3: 20, para Israel até mesmo tentar guardar a lei engendra o pecado contra a aliança e, portanto, os mantém no exílio e aguardando o julgamento de Deus. Terceiro, todas essas más notícias são pretendidas por Paulo para motivar judeus e gentios a trocar suas "boas obras" pelo evangelho de Cristo.

Ensinando o Texto

Um sermão ou título de lição interessante baseado em Romanos 3: 9-20 é "Vamos Respeitar um Pouco a Depravação!" Nesse sermão / lição, pode-se primeiro eliminar algumas das razões mais populares que explicam por que o mundo está em tal bagunça - capitalismo (tão argumentado pelos socialistas), socialismo (tão argumentado pelos capitalistas), desenvolvimento evolucionário impedido (ações erradas são pensadas ser simplesmente o efeito residual do comportamento animal que os humanos eventualmente irão superar), o

efeito residual do comportamento animal que os humanos acabarão superando), o fracasso da química do cérebro (assim argumentado por alguns neurocientistas), dogmatismo (especialmente por parte de extremistas religiosos; assim argumentado por secularistas) - e então apresentar a explicação bíblica: o coração do problema é o problema do coração. Ou seja, começando com a desobediência de Adão e Eva ao mandamento divino no jardim do Éden, a natureza pecaminosa foi legada à raça humana. Essa propensão latente dentro de todos nós de desprezar a lei de Deus está no cerne de todo pecado e mal.



Adão e Eva tentam se esconder atrás de folhas de figueira depois de sucumbirem à tentação, neste relevo no sarcófago de Junius Bassus (d. 359 DC). Como resultado da desobediência de Adão e Eva ao mandamento de Deus no jardim do Éden, a raça humana foi dotada de uma natureza pecaminosa.

Um segundo sermão enraizado em Romanos 3: 9-20 poderia ser mais exegético: “Não pelas obras da lei”. Esta mensagem poderia deixar de lado as explicações mais recentes da frase de Paulo em Romanos 3: 20— “nomismo da aliança”, “nacional

marcadores ”,“ justiça corporativa ”- defendendo, em vez disso, a visão tradicional de que“ obras da lei ”é a totalidade do sistema mosaico (se o apresentador concordar com a visão tradicional sobre Paulo e a lei). O leitor se lembrará de que o nomismo da aliança, conforme descrito por Sanders, afirma que o Judaísmo do Segundo Templo não era uma religião legalista, mas sim baseada na graça - graça para entrar na aliança com Deus e trabalhar para permanecer nesse relacionamento. Relacionado a isso, a teoria de Dunn é que Paulo em Romanos e Gálatas não está criticando a lei de Moisés em si, mas apenas os marcadores nacionais da circuncisão, as leis dietéticas e a guarda do sábado. Essa perspectiva é exclusivista, impedindo os gentios de entrar na aliança judaica com Deus. A visão corporativa de Wright sobre a justificação diz que a justificação pela fé é o que o povo de Deus experimenta, não tanto o pecador individual entrando em um relacionamento correto com Deus. Mas certamente esses três pontos de vista nascidos da Nova Perspectiva de Paulo não fazem justiça à frase do apóstolo "obras da lei". O significado mais direto desta frase indica a lei de Moisés em sua totalidade. Paulo, portanto, refuta uma abordagem sinérgica / legalista para a justificação que era generalizada no Judaísmo do Segundo Templo.

Ilustrando o Texto

O coração de toda a humanidade é depravado.

Literatura: senhor das Moscas, por William Golding.Escrito por um autor britânico vencedor do Prêmio Nobel, este romance (1954) às vezes é visto como uma alegoria ou fábula. Um grupo de estudantes britânicos está preso,

sem adultos, em uma ilha tropical após a queda de seu avião. Deixados sozinhos em um lugar paradisíaco, longe da civilização moderna, essas crianças bem educadas regressam a um estado primitivo. Dois dos meninos tentam estabelecer um sistema democrático de governo para sobreviver. No entanto, outro menino fica obcecado por outras atividades e perde de vista a visão democrática. Logo, essas crianças "normais" se tornam corrompidas e capazes de grande destruição, até mesmo assassinato. Alguns críticos sugeriram que a história é uma resposta a outras obras da época, nas quais os autores mostraram acreditar na bondade inerente da natureza humana. A depravação, Golding parece sugerir, faz parte da composição da humanidade, manifestando-se até mesmo em crianças. Existem duas versões de filmes (1963, 1990), a partir das quais as cenas-chave podem ser mostradas. Um trabalho semelhante é o conto "The Destructors", de Graham Greene, no qual as crianças que viviam em Londres após a Segunda Guerra Mundial pervertem o dom da criação para destruir.

O pecado causa alienação de Deus, de si mesmo e dos outros.

Visual:Usando círculos concêntricos para ilustrar, começando com um pequeno círculo, desenhe um gráfico para mostrar que os humanos estão alienados de Deus, causando problemas espirituais. Isso então afasta os humanos de si mesmos, causando problemas psicológicos. Em seguida, eles são alienados de outros indivíduos, causando problemas locais, e os grupos são alienados de outros grupos, causando problemas sociais. Finalmente, os humanos em uma sociedade são alienados daqueles em outras sociedades, causando problemas globais.

Literatura: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa, por CS Lewis. No quarto capítulo deste livro (1950), vê-se o movimento descendente de Edmundo depois de seguir seu coração perverso e vir para o domínio branco O poder da bruxa. Ele se torna progressivamente autocentrado em seu desejo pelo deleite turco. Ele foge do controle, tornando-se finalmente indiscreto, vaidoso, anti-social e alienado de todos, incluindo seus próprios irmãos, a quem, em seu autocentramento, ele trai e põe em perigo. Resumindo, ele não consegue pensar em nada além de seu vício em si mesmo e na gratificação instantânea. Este é um excelente estudo sobre o poder alienante do pecado. Há também uma versão cinematográfica de 2005 do livro.

A justiça salvadora de Deus e a restauração de Israel

Grande ideiaPaulo antecipa aqui nos versículos 21-26 a famosa pergunta de Martinho Lutero: “Como posso eu, um pecador, estar diante de um Deus santo?” A resposta do apóstolo é que na cruz de Jesus Cristo, a justiça julgadora de Deus (sua santidade) é reconciliada com a justiça salvadora de Deus (sua misericórdia) de forma que Deus é ao mesmo tempo justo e justificador daquele cuja fé está em Jesus.

Temas principais de Romanos 3: 21-26

A restauração de Israel pela nova aliança é superior à antiga. Esta nova aliança tem como estipulação a fé em Cristo, não a lei de Moisés.

A restauração de Israel pela nova aliança inclui gentios, que até superam os judeus.
Embora o sistema sacrificial do Antigo Testamento tenha servido ao propósito de Deus no Antigo Testamento, ele se tornou obsoleto e ineficaz à luz do sacrifício expiatório de Cristo na cruz.

A lei é impotente para efetuar a obediência e trazer a salvação, deixando os pecadores enfrentando a justiça julgadora de Deus, mas em Jesus Cristo o poder de Deus para a salvação foi revelado, revelando a justiça salvadora de Deus.



-
-
-
-
-

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 1: 17-18 sinalizou dois aspectos da divina justiça: justiça salvadora e justiça julgadora. Paulo tratou do último em 1: 19-3: 20, demonstrando que até mesmo a tentativa de obedecer à lei traz a ira divina e o exílio espiritual. Agora, Paulo pretende mostrar que a justiça salvadora de Deus foi manifestada na morte de Jesus e deve ser recebida somente pela fé; na cruz, a justiça julgadora de Deus (3: 25-26) e a justiça salvadora (3: 21-24) foram reconciliadas.

Paulo se baseia em uma série de contrastes entre o julgamento de Deus e a justiça salvadora, mostrada na tabela 1.

Antecedentes Históricos e CulturaisUma série de considerações fornecem ao leitor a base necessária para melhor interpretar esta passagem. Apenas o primeiro é mencionado aqui; o outro, considerações mais técnicas aparecem em “Informações adicionais” no final desta unidade.

“A Lei e os Profetas” (3:21) era uma forma característica de se referir à dupla divisão do Antigo Testamento no Judaísmo do Segundo Templo, se não a todas as três divisões: Lei, Profetas e Escritos[58](ver 2 Macc. 2: 2-3, 13; 15: 9; o prólogo de Sirach; 4 Macc. 18:10; 4QMMT 95-96; Mat. 11:13 // Lucas 16:16; Mat. 5: 17; 7:12; 22:40; Lucas 24:44; João 1:45; Atos 13:15; 24:14; 28:23). Somente aqui Paulo se refere ao Antigo Testamento dessa maneira. Em outro lugar, ele tem outras designações (por exemplo, “lei”, “profetas”, “Escritura”).



Uma vez que o sangue de Cristo foi derramado na cruz, não havia mais necessidade do Antigo Sistema sacrificial testamentário, que exigia altares como este encontrado e reconstruído em Beersheba, Israel. Como parte do ritual relacionado com a oferta pelo pecado, sangue era aspergido nas pontas do altar.

Percepções interpretativas 3:21 Mas agora, à parte da lei, a justiça de Deus se tornou conhecida.
"Mas agora" marca a mudança escatológica entre esta era e a que viria; entre a velha e a nova aliança; entre a velha era do domínio do pecado e a nova era em Cristo da salvação que começou na cruz (cf. Ef 2.13; Colossenses 1.22).

"Justiça de Deus" (3:21) é o termo teológico chave em 3: 21-26. O substantivo "retidão" (dikaiosynē) ocorre quatro vezes (vv. 21, 22, 25, 26), o verbo "tornar justo" (dikaioō) duas vezes (vv. 24, 26), e o adjetivo "justo" (Dikaios) uma vez (v. 26). Como mencionado anteriormente, há dois aspectos da justiça divina nesses versículos: a justiça salvadora de Deus (3: 21-24) e sua justiça de julgamento (3: 25-26). No versículo 21, temos o primeiro contraste entre o julgamento de Deus e a justiça salvadora: a velha aliança pertence à primeira, enquanto a nova aliança pertence à última. Mas a declaração de Paulo de que, de fato, a justiça salvadora de Deus também foi atestada no Antigo Testamento adverte contra a noção (mais tarde adotada por Marcião) de que somente a ira de Deus foi

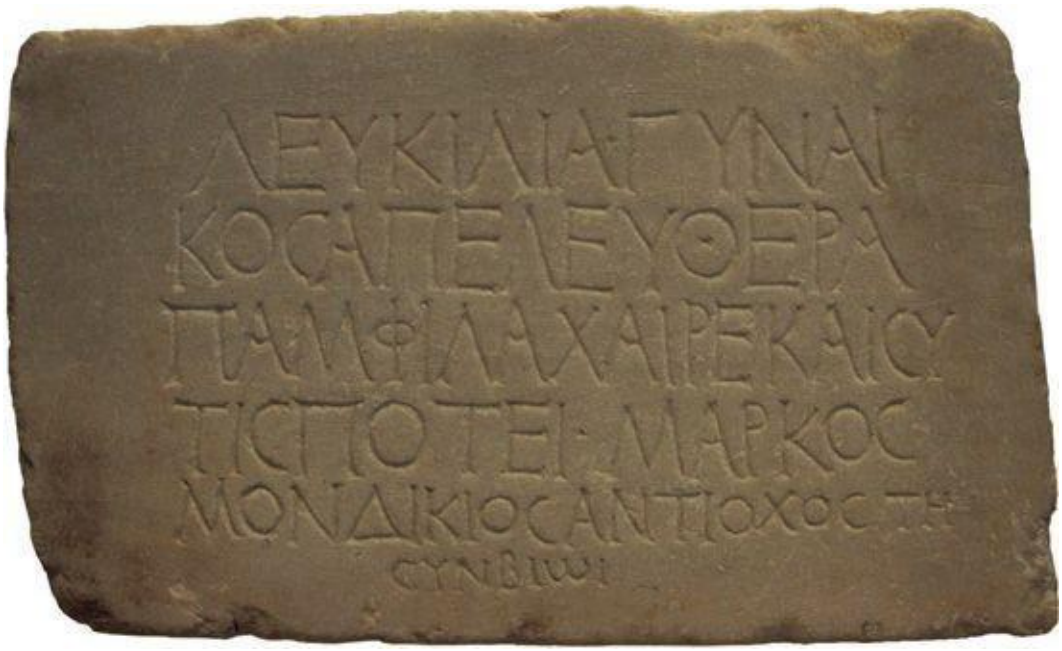
manifestado no Antigo Testamento e apenas seu amor foi mostrado no Novo Testamento. Sobre a justiça de Deus à parte da Torá que é testemunhada na "Lei e os Profetas", veja mais adiante o comentário em Romanos 3: 27-31.

3:22a justiça é dada por meio da fé em Jesus Cristo a todos os que crêem. . . Judeu e gentio.
Um dos dois contrastes que Paulo aborda é que enquanto a estipulação da antiga aliança era a lei de Moisés (3:21), a estipulação da nova aliança é a fé em Jesus Cristo (3:22). O segundo contraste é que a antiga aliança pertencia apenas aos judeus, mas a nova aliança inclui os gentios (3: 23-24). Mas Paulo parece ir mais fundo quando faz os dois contrastes: a nova aliança não inclui a antiga aliança (ao contrário do Antigo Testamento, que parece ter antecipado a incorporação da velha aliança na nova aliança), e a conversão de os gentios precede a restauração de Israel, até mesmo a substitui em certa medida. (Embora, como Rom. 11 deixe claro, os cristãos judeus representam uma restauração parcial de Israel no presente,

3:23 pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.Duas peças da teologia de Adão de Paulo surgem aqui. Primeiro, o tempo aoristo do verbo Hēmarton
("Pecaram") sem dúvida alude à queda de Adão e Eva no jardim do Éden (ver Rom. 5: 12-21; cf. 1: 18-32). Assim, de alguma forma misteriosa, toda a humanidade foi impactada pelo pecado de Adão (veja o comentário em Rom. 5: 12-14). Em segundo lugar, a referência de Paulo à queda de toda a humanidade (

Hysterountai ["Aquém"] é um tempo presente usado de forma gnômica, indicando algo que está constantemente acontecendo) provavelmente alude à perda da glória divina do primeiro casal por causa de seu pecado no paraíso (ver Gênesis 1: 26-28; Sl. 8: 4-8;

Apoc. Mos. 21,6; 3 Bar.4,16; 1QS
4,22-23; CD 3.19-20; 4Q171 3.1-2) bem como a esperança escatológica da restauração dessa glória.[59]



Em Romanos 3:24, Paulo diz: “todos são justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que veio por Cristo Jesus”. A palavra grega traduzida como “redenção” era usada para descrever o processo pelo qual os escravos podiam comprar sua liberdade. Na cultura romana, os escravos podiam ser libertados de várias maneiras. Eles poderiam ser libertados diretamente por seus senhores ou poderiam ganhar dinheiro (o equivalente ao preço de compra) para, eventualmente, comprar sua liberdade. Homens livres podem comprar a liberdade de escravas para se casar com elas. Os escravos libertos tinham então o status de libertus (liberto) ou Liberta(liberta). Esta inscrição do primeiro século DC de Thessaloniki é um memorial à libertação de uma escrava por sua amante.

3: 25-26 Deus apresentou Cristo como um sacrifício de expiação [propiciação] . . . para demonstrar sua justiça.A morte de Jesus reconciliou com Deus julgar e salvar a justiça (veja a seção “O Texto no Contexto” acima e a tabela 1). De acordo com Paulo, o sistema sacrificial do Antigo Testamento (neste caso, o Dia da Expiação) era temporário e insuficiente para pagar totalmente os pecados de Israel (e ainda mais os pecados dos gentios, que não tinham acesso ao Antigo Testamento sistema sacrificial como fizeram os judeus). Mas isso estava de acordo com o plano divino. Os sacrifícios da antiga aliança simplesmente anteciparam a expiação completa e final de Jesus. Deus, portanto, poderia olhar além do Antigo Testamento

sistema sacrificial à cruz. Em outras palavras, o perdão completo dos pecados do antigo Israel dependia da vinda do sacrifício de Cristo. Aqui está o contraste final em 3: 21-26: o aspecto de julgamento da justiça de Deus sob a antiga aliança (em que os pecados de Israel não foram totalmente perdoados) encontra sua contrapartida no aspecto salvador da justiça de Deus na cruz (onde o pecado está

totalmente perdoado). Assim, a morte de Jesus demonstra que Deus é justo (julgando a justiça) e justificador (justiça salvadora).

Fé em / de Jesus Cristo

Como deve a frase dia pisteōs Iēsou Christouem Romanos 3:22 ser traduzido? Se o genitivo Iēsou Christoué objetivo (com Cristo como o objeto da fé), então a tradução é "fé em Jesus Cristo". Esta é a opinião da maioria.

Uma visão mais recente é que o genitivo é subjetivo (com Cristo como o sujeito da fé), assim exigindo a tradução "a fé / fidelidade de Jesus Cristo."[uma] A diferença é significativa porque com "fé de Jesus Cristo ", a ênfase em 3:22 está na obra de Cristo na cruz, enquanto" fé dentro Jesus Cristo "envolve fé pessoal em Cristo. Visto que o genitivo grego poderia ter qualquer significado aqui, os argumentos para a leitura subjetiva podem ser reduzidos a dois: (1) se "fé em Jesus Cristo" é o que Paulo quis dizer, isso tornaria as seguintes palavras, "para todos aqueles que acreditam , "Redundante, mas" fé em Jesus Cristo "não; (2) como se pode dizer que a justiça de Deus se manifesta na fé humana?

Mas esses dois argumentos não são convincentes. Com relação ao primeiro, a ênfase em "para todos os que acreditam" não está em "acreditar", mas em "todos" - ou seja, a oportunidade universal para que todos acreditem. O segundo argumento opõe indevidamente a manifestação da justiça de Deus na cruz de Cristo contra a recepção dessa mensagem pelo indivíduo. À luz dessas respostas, parece que a melhor tradução em 3:22 é "fé em Jesus Cristo". Somado a esses argumentos está o fato de que Romanos e Gálatas estão cheios de referências à fé do crente em Cristo, mas não há nada inequívoco referência nas cartas de Paulo à "fé em Cristo".[b]

[uma] Richard Hays popularizou a visão da "fé em Jesus Cristo"; ver o dele Fé de jesus cristo.

[b] Veja Schreiner, Romanos, 185, para uma lista de referências. Para uma crítica penetrante da posição de Hays, consulte Dunn, "Once More, Pistis Christou, "Que convenceu muitos.

Percepções TeológicasUma série de verdades nos confrontam em Romanos 3: 21-26. Primeiro, Deus é justo e justificador, santo e amoroso. A cruz demonstra que é assim. Segundo, Deus é justo: se todos pecaram e carecem de sua justiça, então, por meio da fé em Jesus Cristo, todos podem ser salvos. Como diz o velho ditado, "O terreno ao pé da cruz é plano." Terceiro, o principal ponto teológico que Paulo apresenta aqui é que a prometida restauração de Israel está ocorrendo agora em Cristo. Várias

noções deixam isso claro: a justiça de Deus é sua fidelidade à aliança com Israel; a redenção do exílio e do julgamento agora está disponível em Cristo; a antecipação na lei e nos profetas da libertação de Israel está aqui, e com ela a nova aliança. Mesmo assim, Paulo revela algumas surpresas com relação à restauração de Israel. A tão esperada nova aliança significa uma ruptura com a antiga aliança. A restauração de Israel é baseada na fé em Jesus Cristo, não na lei de Moisés e seu sistema de sacrifício. O

a restauração de Israel inclui gentios; na verdade, desde os dias de Paulo até os nossos, é
composto principalmente de gentios. Finalmente, os judeus que não crêem em Cristo permanecem sob o aspecto do julgamento da justiça de Deus.

Ensinando o Texto

Alguns sermões / lições vêm à mente ao contemplar Romanos 3: 21-26. Um é um sermão intitulado "O Cristianismo é uma religião de matadouro?" Lembro-me bem de ter ouvido esse sermão quando era adolescente. O pregador captou a aversão que muitos modernos sentem pela cruz de Cristo. E ainda assim, Paulo seria o primeiro a dizer: “Sem sangue, sem perdão”. Hoje, no entanto, até mesmo alguns evangélicos estão chamando a morte sacrificial de Cristo um caso de "abuso cósmico de crianças". Relacionado a essa crítica, CH Dodd rejeitou o termo “propiciação” como um termo apropriado para a morte de Jesus porque ele sentiu que tal conceito apresentava Deus como inconstante e sanguinário, derivado da representação dos deuses gregos antigos. Em vez de,

[60]Mas, em face de todas essas críticas, as Escrituras não se acovardam de apresentar a morte de Jesus como violenta e sacrificial, nem deveriam os cristãos. A morte de Cristo foi sua escolha voluntária, não algo forçado sobre ele. Nesse aspecto, ele era muito parecido com um soldado que se oferece para ser colocado em perigo para proteger a pátria. E assim como aquele soldado que é morto em ação paga o preço supremo pelo bem dos outros, Jesus pagou o último sacrifício pelo bem do relacionamento dos outros com Deus. A morte de Jesus na cruz também é um lembrete gritante de que a santidade de Deus não deve ser considerada levianamente. Todos nós teremos que enfrentar esse Deus justo um dia, e a única maneira de encontrar aceitação nele é abraçar o Filho de Deus, que estava disposto a ser abandonado por Deus na cruz para que nunca tenhamos que enfrentar essa realidade agourenta .



“Deus apresentou Cristo como um sacrifício de expiação, pelo derramamento de seu sangue - para ser recebido pela fé” (Rom. 3:25).

Outro sermão deste texto é “A Justiça de Deus: Todos estão perdidos e tudo pode ser encontrado”. Este sermão enfatiza que a salvação pela graça por meio da fé na morte expiatória de Jesus é a única maneira justa para toda a humanidade encontrar paz com Deus. Deus não discrimina neste assunto tão importante: se a observância da Torá fosse o único caminho para a salvação, então os gentios seriam desqualificados desde o início. E, apesar de possuírem a lei de Moisés pelos judeus, esse grupo de pessoas na verdade não se enquadra no padrão perfeito da lei do Antigo Testamento e, portanto, também fica aquém da justiça de Deus. Portanto, o ponto de Paulo é que Deus oferece justificação eqüitativa a todos.

Ilustrando o Texto

Deus é justo e justificador, santo e amoroso, visto através da cruz.

História da Igreja:Uma ideia é falar sobre o herege do século II Marcião, sua aversão ao Velho Testamento e sua divisão de Deus em duas divindades: o deus da ira do Velho Testamento e o deus do amor do Novo Testamento. Pode-se contrastar isso com Romanos 3: 21-26. Como sugerido acima, um sermão poderia ser pregado intitulado "O Cristianismo é uma religião de matadouro?" Marcion observou uma vasta diferença entre o Deus representado no Antigo Testamento e o Deus de Jesus no Novo Testamento. Sua resposta foi rejeitar o Deus do Antigo Testamento, vendo-o como o criador de um mundo mau. Marcion então construiu a primeira lista registrada de textos do Novo Testamento, basicamente seu cânon pessoal. Ele excluiu todo o Antigo Testamento, e do Novo Testamento reteve apenas as cartas de Paulo e o Evangelho de Lucas. Além disso,

2 Tes. 1: 6-8). Este é o cânone heterodoxo que levou os pais da igreja a começar a nomear os documentos “aceitos”. A influência de Marcion foi significativa o suficiente para que seu ensino fosse refutado por vários pais da igreja, incluindo Justino, Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes e Tertuliano.

Bíblia:Pode-se contar a história do Dia da Expiação conforme encontrada em Levítico 16: em um dia de cada ano, o sumo sacerdote espalhava o sangue de um bode morto no propiciatório no Santo dos Santos e, em seguida, enviava um segundo bode, associado ao de Israel pecado, no deserto, para nunca mais ser visto novamente. O bode expiatório simbolizou o perdão dos pecados de toda a nação por um ano. As imagens informam graficamente a morte de Cristo.

Porque Deus é justo, todos os que estão perdidos podem ser encontrados.

Literatura: Chora, a pátria amada e Tarde demais para o falaropo, por Alan Paton. Dentro Chora, a pátria amada (1948), um romance sobre o social injusto estruturas na África do Sul, Theophilus Msimangu, um padre, diz: “A tragédia não é que as coisas estejam quebradas. A tragédia é que eles não foram consertados novamente. ” Dentro

Tarde demais para o falaropo(1953), também ambientado na África do Sul, o protagonista, Pieter van Vlaanderen, é um jovem policial talentoso e bonito que é atormentado pela escuridão interna e pela tentação sexual provocada pelo rompimento de seu relacionamento com seu pai. Ele não pode encontrar misericórdia na face de Deus. Um domingo na igreja, o ministro prega um sermão poderoso, defendendo a esperança para todos, um sermão que afeta profundamente o atormentado Pieter. Isso parece

no capítulo 10 e pode ser lido em voz alta, pois é curto.

Apologética: Mero Cristianismo, por CS Lewis.No capítulo 5 do livro 1 desta renomada obra (1952), Lewis aborda o problema dos perdidos e tem algumas coisas citáveis a dizer sobre o caráter de Deus. Todo o livro 1 é útil.

Sacrifício | Redenção | Uso de Paul de Material Tradicional

Primeiro, uma importante tradição informando a linguagem do sacrifício de Paulo em Romanos 3: 25-26, especialmente sua escolha da palavra hilastērionem 3:25, é o Dia da Expiação. Cerca de setenta e cinco anos atrás, CH Dodd discordou que hilastērion referia-se ao propiciatório, a cobertura sobre a arca do pacto onde Yahweh aceitava o sacrifício do sumo sacerdote no Dia da Expiação pelos pecados de Israel (ver Lev. 16: 2 LXX; também Heb. 9: 5).

[61] Leon Morris, no entanto, convenceu muitos contra Dodd.
[62] Dodd argumentou que hilastērionnão deve ser traduzido como "propiciação" porque transmite a ideia de que Deus era como os deuses gregos, sanguinário e caprichoso. Em vez disso, deve ser traduzido como "expiação", um termo mais geral para perdão. Morris demonstrou, ao contrário, que no Antigo Testamento hilastērion realmente transmite a ideia do apaziguamento da ira de Deus por meio do sacrifício de animais e, portanto, deve ser traduzido como "propiciação".

[63] Além disso, Morris mostrou que Dodd negligenciou o fato de que Romanos 3: 25-26 indica que foi Deus quem iniciou o processo de perdão, algo completamente diferente das divindades da religião grega.

Em segundo lugar, a palavra grega apolitrosis ("Redenção") em Romanos 3:24 remonta à LXX à libertação de Israel do Egito (por exemplo, Deuteronômio 7: 8; 9:26; 15:15; 24:18), bem como à libertação de Israel do

babilônio exílio (Is 41:14; 43: 1, 14; 44: 22-24; 51:11; 52: 3; 62:12; 63: 9).[64]Em outras palavras, “redenção” poderia ser um sinônimo para a restauração de Israel, que é, sem dúvida, como Paulo usa o termo em Romanos 3:24. Um problema com a palavra “redenção” é se ela envolve um preço de resgate. Thomas Schreiner oferece dois argumentos decisivos que sim:

(1) Paulo diz que somos justificados “gratuitamente” pela graça de Deus por meio da redenção que está em Cristo (3:24), o que implica um preço pago gratuitamente pelo pecador - a morte de Jesus; (2) a linguagem sacrificial em 3: 25-26 invoca a oferta de um animal (pagando um preço com o sangue de sua vida), ao qual Paulo

compara a morte de Cristo (compare Rom. 3: 24-26 com Ef. 1: 7; veja também Atos 20:28; 1 Cor. 6:20; 7:23). Essas considerações levam à conclusão de que a morte de Cristo foi o preço pago para satisfazer a justa ira de Deus pelo pecado. No entanto, ao aceitar essa conclusão, não é necessário subscrever a teoria patrística de que o resgate que Cristo pagou foi para Satanás.

[65] Está claro em Romanos 3: 24-26 que a redenção começa e termina com Deus, não com alguma força dualística.

Terceiro, o leitor de Romanos 3: 21-26 precisa estar ciente do debate durante a última geração sobre se Paulo está aqui se baseando em material tradicional. Este é o caso de 1: 3-4, onde Paulo mostra sua concordância com a cristologia da igreja primitiva citando um hino cristão primitivo. É também a situação para 3: 21-26? A teoria é que 3: 21-24 é paulino, mas 3: 25-26a é pré-paulino. Aqueles que apóiam este ponto de vista apontam para duas idéias "não paulinas" nestes versos:

(1) a linguagem sacrificial de 3:25, especialmente “fé em seu sangue”; (2) Deus negligenciou pecados cometidos no Antigo Testamento. O resultado disso O argumento é que Paulo corrige um hino que enfatizava Deus tornando os pecadores justos consigo mesmo, introduzindo a noção de que a morte de Cristo fez mais do que isso: apaziguou a ira de Deus contra a humanidade.

[66]O cerne da questão é que Paulo introduz o aspecto de julgamento da justiça divina em um credo que enfatizava apenas o aspecto salvador da justiça de Deus. Esses argumentos parecem ser válidos, mas se alguém aceita Efésios 1: 7 como Paulino e o relato de Atos 20:28 como confiável, então se referir à morte de Jesus como um sacrifício “sangrento” não é nada anti-Paulino. Além disso, o fato de que apenas uma vez em suas cartas Paulo menciona a passagem de Deus sobre os pecados do passado não precisa impedir essa menção como sendo de Paulo. Mas o mais importante, já em Romanos 1: 17-18 (que ninguém pensa ser pré-paulino), vemos Paulo justapondo a salvação de Deus e o julgamento da justiça. Na verdade, para Paulo, ambos são necessários para apresentar o caráter de Deus, que é santo e amoroso (então 3: 26b). Não há necessidade, portanto, de recorrer à teoria de

Romanos 3:

Orgulhar-se da Lei versus Justificação pela Fé

Grande ideia Esses versículos contêm três contrastes entre gloriar-se na lei de Moisés e justificação pela fé somente em Cristo: gloriar-se no legalismo individual versus justificação pela fé e aceitação diante de Deus; gabando-se de exclusivismo nacional versus justificação pela fé e monoteísmo; gloriar-se na velha aliança versus justificação pela fé e na nova aliança.

Temas principais de Romanos 3: 27-31

Paulo tem em mente três nuances em relação a nomos: “Princípio”, “lei de Moisés” e “convênio”.
Paulo ataca tanto o orgulho individual diante de Deus com base na obediência à Torá (3: 27-28) quanto o exclusivismo nacional baseado na circuncisão, guarda do sábado e leis dietéticas (3: 29-31). A base da jactância nacional de Israel que Paulo critica não são apenas os três marcadores da aliança, mas toda a Torá.

Entendendo o Texto

-
-

O Texto em ContextoRomanos 3: 27-31 é uma passagem de transição. Aponta retrocedendo à argumentação de Paulo em 1: 18-3: 26, reiterando que a justificação diante de Deus está condicionado na fé em Cristo e não nas obras da lei. E aguarda a argumentação de Paulo em 4: 1-23 que Abraão, o fundador dos judeus, foi aceito por Deus com base na fé cerca de quatrocentos anos antes do advento da lei de Moisés.

O tema de Romanos 3: 27-31 é que gloriar-se na lei é a antítese da justificação pela fé. Três contrastes transmitem essa mensagem:

1. Gozando de legalismo individual versus justificação pela fé e aceitação diante de Deus (3: 27-28)
    uma. Lei (3: 27a)
    b. Fé (3.27b) b
    ′. Fé (3: 28a) a
    ′. Lei (3: 28b)
2. Ostentando o exclusivismo nacional (judaico) versus justificação pela fé e monoteísmo (3: 29-30)
3. Ostentando a antiga aliança versus justificação pela fé e a nova aliança (3:31)



Jebel Musa, nas montanhas do Sinai, é o local tradicional onde Moisés recebeu a lei de Deus. Paulo avisa seu público judeu que eles não podem se gabar de seus

observância da lei.

Antecedentes Históricos e Culturais 1. Como Simon Gathercole demonstrou perceptivelmente com relação a Romanos 3: 27-31, contra a Nova Perspectiva de Paulo, a literatura do Judaísmo do Segundo Templo está repleta de jactância individual diante de Deus baseada na observância de toda a Torá - ostentação, nada menos, em antecipação ao dia do julgamento (por exemplo, 2 Macabeus,

Testamento de Jó, Oráculos Sibilinos
, Salmos de Salomão, 4 Esdras, 2 Baruch, Pergaminhos do Mar Morto). Em outras palavras, a ostentação no judaísmo dos dias de Paulo ia muito além do orgulho nacional judaico nos três marcadores da aliança (circuncisão, sábado, dieta). E é a ostentação individual em toda a Torá que Paulo condena em Romanos 3: 27-28.

[67]

2. Romanos 3: 29-30 baseia-se no princípio fundamental do Judaísmo: Deus é um - monoteísmo. Assim, os judeus recitavam o Shemá (em hebraico para "ouvir", a primeira palavra de Deuteronômio 6: 4) todos os dias: "Ouve, ó Israel: o LORD [Yahweh] nosso Deus, o LORDé um . . . " (Deut. 6: 4-5).

3. Dois convênios estão em ação em Romanos 3: 27-31; 4: 1-23: a aliança abraâmica e a aliança mosaica. Para Paulo, esses dois estão em tensão, e o primeiro antecipa o evangelho, a nova aliança (ver tabela 1).

Tabela 1: A Aliança Abraâmica e a Aliança Mosaica

Aliança Abraâmica (Gênesis 12-50)	Aliança Mosaica (Êxodo 20; Deuteronômio; Josué 24)
Com base na fé do indivíduo	Baseado na lei de Moisés
Enraizado na graça de Deus	Enraizado nas obras de um indivíduo
Incondicional (Deus prometeu manter seu aliança com Abraão, independentemente do ser humano	Condicional (a resposta de Israel determinou se a nação experimentaria as bênçãos da aliança)

Percepções interpretativas 3: 27-28Onde, então, está a ostentação? Ele está excluído. Por causa de qual lei [nomos]? A lei que exige funciona? Não, por causa da lei [nomos] que exige fé. . . uma pessoa é justificada pela fé independentemente das obras da lei [nomos]

.[68]Esses versículos mostram que se gabar do legalismo individual é a antítese da justificação pela fé. Isso é visto no quiasma que esses versos formam:

Uma Lei (de Moisés) (v. 27a)
B Fé (em Jesus Cristo) (v. 27b)

B′ Fé (em Jesus Cristo) (v. 28a)
A′ Lei (de Moisés) (v. 28b)

Existem duas opiniões padrão sobre o significado de nomos (“Lei” ou “Princípio”) em 3: 27-31 (v. 27 [2x], v. 28, v. 31 [2x]). Alguns pensam que “lei” nos versículos 27, 28, 31 se refere à lei de Moisés. [69] Outros pensam que se pretendem duas nuances diferentes da lei: "lei de Moisés" (v. 27 [a primeira instância], v. 28, v. 31 [ambas as vezes]) e “princípio” (v. 27 [a segunda ocorrência]). [70] Eu sugiro ao invés que nomos, ambas as vezes em 3:27, significa "princípio", mas dois princípios diferentes: o princípio de obedecer às obras da Torá (v. 27a) versus o princípio da justificação pela fé (v. 27b). Muitos comentaristas que tomam nomos aqui, tanto como a lei de Moisés (v. 27a) e o princípio da fé (v. 27b) ou como a lei de Moisés, em ambos os casos, falta o paralelismo antitético e o duplo significado de nomos em 3:27:

Versículo 27a: princípio (nomos) de obras (da Torá) (cf. v. 28b)
contra
Versículo 27b: princípio (nomos) de fé (cf. v. 28a)

Nesta leitura, em 3: 27-28 Paulo está resumindo seu argumento em 1: 18-3: 26: nenhum indivíduo pode se gabar diante de Deus a respeito da obediência à lei de Moisés porque ninguém pode seguir a lei perfeitamente o suficiente para ser aceito por Deus no dia do julgamento. Mais do que isso, a lei estimula a desobediência, e não a obediência, a Deus em primeiro lugar. Os versículos 27-28 acrescentam mais um detalhe vital ao argumento de Paulo: a própria lei desperta o orgulho individual diante de Deus e dos outros. Em vez disso, é somente pela fé em Cristo que alguém será justificado diante de Deus.

3: 29-30Ou Deus é o Deus apenas dos judeus? Ele não é o Deus dos

gentios também?Aqui, Paulo volta sua atenção para criticar o exclusivismo nacional judeu.[71]Os judeus se imaginavam melhores do que os gentios porque adoravam o único Deus verdadeiro e possuíam sua lei. Em 3: 29-30 Paulo vira este argumento de cabeça para baixo: monoteísmo significa que o único Deus verdadeiro está unindo toda a humanidade (judeu [circuncidado] e gentio [incircunciso]) com base na justificação pela fé em Cristo (veja o extenso argumento de Paulo em Rom. 4: 1-25). Em outras palavras, para Paulo, a justificação pela fé está enraizada no monoteísmo. Nesse cenário, não há mais espaço para a lei de Moisés. Ele dividiu a humanidade, mas a justificação pela fé une a humanidade. Isso ocorre porque todos podem ter fé em Jesus, enquanto apenas uma nação (Israel) pode reivindicar a lei de Moisés.



Paulo usa a crença judaica em um Deus para apresentar seu caso de justificação pela fé. Ambos os conceitos seriam contrários ao modo de pensar romano. Os romanos adoravam muitos deuses, e era um ritual adequado que ganhava o favor dos deuses, não um bom comportamento ou crença correta. Aqui está um relevo de Júpiter (100-150 DC), o deus principal do panteão romano. A inscrição foi traduzida como "Júpiter, o melhor e o maior, o principal e o mais excelente".

3:31 Nós, então, anulamos a lei [nomos]por esta fé? De jeito nenhum! Em vez disso, defendemos a lei [nomos].Este versículo gerou três interpretações principais, às quais adicionarei uma quarta. Primeiro, a perspectiva mais tradicional de Paulo vê um problema com sua declaração aqui sobre a fé que estabelece a lei de Moisés. Até agora, em Romanos, o apóstolo não disse quase nada de positivo a respeito da Torá, mas agora de repente ele parece afirmar que a fé estabelece a lei. Como assim? Essa visão responde que Paulo está falando não sobre a lei de Moisés em si, mas sim sobre a intenção ou comandos da Torá. À luz de Romanos 2: 25-29; 8: 4; 13: 8-10 (que parece dizer algo semelhante: fé em Cristo e na

a habitação do Espírito capacita o cristão a fazer ainda melhor do que a Torá,

ou seja, para cumprir a intenção divina por trás da Torá em primeiro lugar, sem se atolar em suas 613 leis específicas), este pode muito bem ser o caso. Uma segunda visão tradicional é que Paulo não está fazendo um comentário positivo sobre a lei em 3:31, mas sim dizendo que o propósito da Torá é estritamente negativo: trazer toda a humanidade aquém da justiça de Deus e, assim, conduzir todas as pessoas ao evangelho (cf. Rom. 3: 19-26; Gal. 3: 1-4: 7). Isso também é perfeitamente possível. Terceiro, a Nova Perspectiva argumenta que

nomosé a lei de Moisés em 3: 27-31, e Paulo não está criticando a lei, mas sim o uso impróprio dela, pelo qual os marcadores da aliança judaica são usados para marginalizar os gentios em seu relacionamento com Deus. Esta visão parece-me infundada na medida em que não reconhece que Paulo está usando

nomos de mais de uma maneira nesses versículos, e em 3: 27-28 ele está atacando o orgulho individual diante de Deus, não apenas o exclusivismo nacional.

Uma quarta visão de 3:31 é refletida em minha tradução sugerida: “Anulamos então a antiga aliança [
nomos] pela fé? Que nunca seja! [Implícito: a fé não precisava anular a antiga aliança porque a própria lei de Moisés já fazia isso incitando os humanos a pecar contra Deus.] Em vez disso, estabelecemos a nova aliança [

nomos] pela fé." Aqui, nomos significa "aliança" e, como em 3:27, Paulo está usando
nomos em paralelismo antitético e com duplo sentido:

> Versículo 31a: não anulamos a antiga aliança (nomos) pela fé (implícito: a própria lei de Moisés fez isso incitando o pecado)
> Versículo 31b: em vez disso, estabelecemos a nova aliança (nomos) pela fé

Vários fatores me levam a esta tradução. (1) A lei era a estipulação da aliança para Israel; as duas ideias andaram de mãos dadas. Na verdade, a Nova Perspectiva assume que Paulo está falando sobre os marcadores da "aliança" em 3: 29-

30. (2) Minha suspeita de que Paulo está continuando a pensar sobre a aliança em 3:31 parece confirmada por sua escolha da palavra "estabelecer" (
histēmi), que é usado na LXX para estabelecer a aliança (Deuteronômio 28:69 [29: 1 ET]; 1 Sam. 15:13;

2 Cron. 35: 19a), incluindo a nova aliança (Jer. 42:14, 16 [35:14, 16 ET]). Em outras palavras, se Paulo dissesse em 3:31 que a fé estabelece a aliança, teria lembrado seus leitores judeus da frase do Antigo Testamento "a lei estabelece a aliança". (3) Aqui, o paralelismo antitético surge em 3:31: a outra palavra que Paulo usa de

nomos em 3:31 (além de "estabelecer") é "anular" (
katargeō), que em 2 Coríntios 3: 1-4: 6 Paulo usa quatro vezes em relação ao fim da antiga aliança à luz da chegada da nova aliança em Cristo (2 Coríntios 3: 7, 11, 13, 14). Assim, parece que Paulo sinaliza pelas duas palavras “anular” e “estabelecer” a antítese entre a velha e a nova aliança.

(4) Imediatamente após 3:31 está a discussão de Paulo sobre o contraste entre as alianças abraâmica e mosaica. (5) Visto que Paulo usa a palavra nomosde duas maneiras diferentes em 3: 27-28 ("princípio" [2x no v. 27] e "Torá" [v. 28]), não seria surpreendente que ele continuasse a oferecer outra nuance da palavra em 3 : 31 (“aliança”). Isso quer dizer que Paulo faz um jogo com a palavra

nomosao longo de 3: 27-31: “princípio” (v. 27), “Torá” (v. 28) e “aliança” (v. 31). (6) O verbo katargeōtambém é usado em Romanos 4:14 da promessa a Abraão - a aliança abraâmica - como sendo nula se essa promessa / aliança for baseada na lei de Moisés. (7) Esta leitura proposta significaria que Paulo é perfeitamente consistente com sua apresentação negativa da lei de Moisés em Romanos 1.18-3.31. Essas sete considerações se combinam para sugerir que 3:31 contém um terceiro contraste entre vangloriar-se na lei e justificação pela fé: a primeira não é apropriada, uma vez que a velha aliança acabou; apenas o último é o caminho para a nova aliança.

Percepções TeológicasMesmo sendo uma passagem curta, Romanos 3: 27-31 está cheio de profundas verdades teológicas. Primeiro, o orgulho individual diante de Deus por causa de suas supostas boas obras é um beco sem saída espiritualmente. Tal arrogância apenas afasta a pessoa de Deus, porque tentar combinar a justiça de alguém com a de Deus é um empreendimento sem esperança. Em segundo lugar, orgulhar-se de sua suposta superioridade nacional sobre os outros também pode levar a um atoleiro nos relacionamentos. O patriotismo não está errado, mas pode dar errado e trazer resultados desastrosos. O que podemos aprender com essas duas percepções teológicas é que a humildade diante de Deus e dos outros é a melhor maneira de passar pela vida. Terceiro, o plano divino para a salvação é baseado na fé, começando com o Antigo Testamento e continuando até o Novo Testamento. A aliança abraâmica (compare Rom. 3: 29-30 com Rom. 4) revelou que a aceitação diante de Deus é baseada na fé; na verdade, os verdadeiros filhos de Abraão são aqueles que são salvos pela fé, não pela lei de Moisés. Por que, então, Deus deu a Torá a Israel? No final das contas, era para levar tanto

judeus quanto gentios a acreditarem em Jesus (compare Rm 1: 18-4: 25 com Gálatas 3: 1-4: 7). Quarto, o argumento abrangente que Paulo apresenta em Romanos 1.18-3.31 é que a estipulação da nova aliança é a fé em Jesus Cristo, não na lei de Moisés.

Ensinando o Texto

A melhor maneira de pregar ou ensinar Romanos 3: 27-31 é intitular a mensagem algo como “Nada de se gabar diante de Deus” e simplesmente explicar os três contrastes entre se gabar na lei de Moisés e a justificação pela fé. Primeiro,

o legalismo individual constitui um obstáculo para a justificação pela fé, porque a maioria das pessoas nesta categoria são religiosas por natureza e, portanto, presumem que suas boas obras - freqüência à igreja / sinagoga / mesquita, ajudar os outros, viver uma vida moralmente correta e assim por diante - irão ganhá-los salvação. Na verdade, o evangelismo cristão expõe tal suposição infundada quando perguntam a uma pessoa: "Se você estivesse diante de Deus hoje e ele perguntasse por que ele deveria deixá-lo entrar no céu, o que você diria?" A maioria das pessoas na categoria de legalismo individual apontará as boas obras em suas vidas como base para sua justificativa no dia do julgamento. O desafio do evangelista cristão é livrar essas pessoas de confiar em seus próprios méritos diante de um Deus perfeito.

Em segundo lugar, milhões de pessoas confiam em sua identidade nacional para serem justificadas por Deus. Pensa-se especialmente nos americanos que afirmam que seu país é uma nação cristã e, portanto, herdaram as bênçãos dessa fé, incluindo a aceitação diante de Deus. Mas Paulo e Jesus negaram veementemente que alguém nasce crente por ter nascido em Israel (compare Rm 3: 29-30 com João 1: 11-13), e o mesmo argumento pode ser feito para a América.

Terceiro, Paulo contrasta a velha aliança com a nova aliança em 3:31. Visto que a lei e a velha aliança falharam em justificar os humanos diante de Deus, a nova aliança recebida pela fé somente em Cristo é a única forma legítima de ser aceito por Deus.

Ilustrando o Texto

Vangloriar-se diante de Deus por causa das supostas boas obras de alguém é uma rua sem saída.

Literatura: O vento nos Salgueiros, por Kenneth Grahame. Este britânico clássico infantil (1908) apresenta quatro personagens coloridos, Castor, Rato, Toupeira,
e Toad. Toad é um personagem orgulhoso e obcecado por si mesmo que se gaba de si mesmo
incessantemente, inventando boas obras que ele fez, até mesmo compondo canções para sua glória, e tomando decisões autodestrutivas. O livro é

engraçado, sábio e cheio de camaradagem enquanto os amigos tentam resgatar Toad de si mesmo. Uma passagem deste livro pode ser lida para crianças ou adultos durante o culto, especialmente para um sermão infantil.

A humildade perante Deus e os outros é o caminho a seguir pela vida.

Livro Teológico: Um pequeno exercício para jovens teólogos, por Helmut Thielicke.Thielicke (1908-86), teólogo e pastor alemão que serviu como professor de teologia sistemática na Universidade de Hamburgo, fala diretamente a jovens teólogos sobre os perigos inerentes em seu estágio de vida. Do

importância da humildade, ele escreve,

> A verdade nos seduz muito facilmente para uma espécie de alegria de posse: eu compreendi isso e aquilo, aprendi, entendi. Conhecimento é poder. Eu sou, portanto, mais do que o outro homem que não sabe disso e daquilo. Tenho maiores possibilidades e tentações. Qualquer um que lida com a verdade. . . sucumbe facilmente à psicologia do possuidor. Mas o amor é o oposto da vontade de
>
> possuir. É uma entrega de si mesmo. Ele não se vangloria, mas se humilha.[72]

Poesia: “A Oração Vespertina do Apologista”, de CS Lewis. Neste poema Lewis pede para ser libertado de todas as suas "derrotas coxas", de todas as suas "vitórias", de sua "inteligência", coisas que fazem o público "rir" e os anjos "chorarem". Ele também pede para ser libertado de todas as suas provas da divindade de Deus e ser libertado da confiança em si mesmo, de seus pensamentos e de sua “trapaça”.

Fé e Lei em Paulo

Relacionado à questão do significado de nomos e as diferentes abordagens entre a velha e a nova perspectiva em relação a Paulo está o desafio de explicar a relação entre fé e lei em Romanos 3: 27-31 (cf. 3:21) e, de fato, em todas as cartas de Paulo. A questão é esta: eles estão positivamente relacionados ou não? A literatura sobre o assunto é vasta e incômoda, mas podemos identificar cerca de seis construções a respeito da relação entre fé e lei. O espaço permite apenas, em forma de tabela, uma lista das opções e minha própria visão (ver tabela 1).

[73]

Tabela 1: Seis Construtos sobre a Relação entre Fé e Lei

Nome do Construto	Explicação da construção	Fraqueza do Construto
Tradicional (Antigo Dispensacionalismo)	que o Antigo Testamento ensina legalismo (ver Rom. Graça do Novo Testamento (justificação pela fé somente em Cristo).	Legalismo do Antigo Testamento (salvação pelas obras da lei) versus salvação pela fé à parte do 3:21; 4: 1-23).
Covenantal Nomismo	O Antigo Testamento não ensina que legalismo; em vez disso, ensina entrou na aliança pela fé e permaneceu na aliança por obedecendo a lei.	Mas Paulo diz são salvos pela fé em Cristo à parte do Torá.
Modificado Teoria Judaizante	Paulo ensinou que os judeus são salvos por obedecendo a toda a Torá, enquanto os gentios são salvos obedecendo ao resumo moral das leis da Torá / Noé.	
Two-Covenant Teoria	deveriam Paulo ensinou que os judeus continue a ser salvo obedecendo a Torá, como diz o Antigo Testamento, mas que os gentios	uma

Mas Paulo declara que a velha aliança / sistema Mosaico era baseado no legalismo (veja Rom. 2: 1-3: 20; 7: 1-13; 8: 1-4; 9: 30-10: 5). E o nomismo da aliança ainda é legalista porque é

sinérgico.

Mas Romanos 1: 18-3: 26; 9: 30-10: 5, por exemplo, deixa claro que Paulo acredita que tanto judeus quanto gentios podem ser justificados diante de Deus somente pela fé em Cristo sozinho, à parte das obras dos

lei.

Mas vimos que Romanos 1.18-3.20 apresenta exatamente o ponto oposto: os judeus não são salvos pela obediência à Torá, e os gentios não são salvos pela obediência aos mandamentos de Noé. Ambos

Judeus e gentios são salvos por confiar em Cristo

		sozinho.
Lei / Evangelho Lutero	A famosa lei / evangelho de hermenêutica afirma que a Bíblia transmite duas palavras básicas de Deus: lei = convicção e evangelho = graça, com um dirigindo dialeticamente o leitor	Esta abordagem venerável da Bíblia tem muito a recomendá-la, mas não explica, em última análise, por que Paulo não atribui explicitamente graça à Torá e a lei ao evangelho, qual seria de esperar se os dois estivessem em uma relação dialética.
Abraâmico Pacto versus Pacto do Mosaico	para o outro. Esta mensagem dupla ocorre ao longo de ambos os Testamentos. Paulo lê as Escrituras (= o Antigo Testamento), diferentes abordagens para a de acordo com a aliança abraâmica, a aceitação diante de Deus é baseada na fé na graça de Deus, mas de acordo com a aliança mosaica, a salvação é baseada nas obras da lei. O primeiro leva precedência sobre o último, enquanto o último serve ao propósito divino de conduzir os pecadores ao evangelho (veja Rom. 4: 1-23; Gal. 3: 6-29).	Não vejo fraqueza nesta construção; na verdade, parece ser uma abordagem melhor do que as perspectivas tradicionais e novas sobre Paulo. É melhor do que a perspectiva tradicional de Paulo porque essa abordagem vê apenas a lei / funciona no Antigo Testamento, não graça, ao passo que minha abordagem vê graça / fé no Antigo Testamento (= aliança abraâmica). Minha abordagem também é melhor do que a Nova Perspectiva de Paulo porque essa abordagem vê apenas graça no Antigo Testamento, não legalismo, enquanto minha abordagem (que, é claro, eu não criei) vê legalismo no Antigo Testamento (= aliança mosaica).

[uma] Então, Nanos, Mistério dos romanos. Nanos acredita que isso é o que Paulo quer dizer com “obediência dos gentios” em Romanos. No entanto, argumentei que Paulo não diz nada do tipo: a "obediência dos gentios" significa gentios que crêem em Jesus Cristo à parte tanto da Torá quanto das leis de Noé, como minha exegese de Romanos 1: 18-3: 26 consistentemente demonstrado.

Romanos 4: 1

A história de Abraão versus a história de Israel

Grande ideiaAo contrário da aliança mosaica, baseada na obediência à Torá, a aliança abraâmica é baseada na fé. Abraão se torna a principal testemunha de Paulo de que a justificação é somente pela fé. Paulo apresenta cinco argumentos para refutar a visão comumente aceita de que Abraão foi justificado por suas boas obras: teológica (4: 1-5), hermenêutica (4: 6-8), histórica (4: 9-12), lógica (4: 13-17a), e experimental (4: 17b-25).

- ## Temas principais de Romanos 4: 1-8

- Abraão foi justificado pela fé. Isso é assim teologicamente, no sentido de articular a compreensão espiritual da fé de Abraão, e hermenêuticamente, em termos de como se deve interpretar a
- combinação de Paulo dos versículos do Antigo Testamento.

A aliança abraâmica está em contraste com a aliança mosaica: a primeira é baseada na fé e para todas as nações, enquanto a última é baseada em obras e é exclusiva de Israel.
A aliança abraâmica está em continuidade com o evangelho do novo aliança em que os dois são baseados na fé e fornecem bênçãos para todas as nações.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoO contexto geral de Romanos 4 é que continua a discussão de 3: 27-31: o último afirma que a justificação é pela fé, enquanto o primeiro ilustra esse princípio da vida de Abraão. Podemos correlacionar essas duas passagens desta forma:

1. A justificação é pela fé (3: 27-28; 4: 1-8)
2. A justificação pela fé é para judeus e gentios (3: 29-30; 4: 9-17)

Texto	Fé	Trabalho
3:31	Nova aliança (compare 3:31 com 4:	Antiga Aliança
4:	Aliança abraâmica (4: 1-23)	Aliança de

Mais especificamente, Romanos 4: 1-8 revela os dois primeiros argumentos de Paulo de que Abraão foi aceito por Deus pela fé:

1. Argumento teológico (4: 1-5)
    uma. Negativamente, Abraão não tinha mérito diante de Deus (4: 1-2)
    b. Positivamente, Abraão foi considerado justo pela graça de Deus (4: 3-5)
2. Argumento hermenêutico -Gezerah Shawah (4: 6-8)
    uma. Gênesis 15: 6 (4: 6 [cf. 4: 3, 5])
    b. Salmo 32: 1-2 (4: 7-8)

Antecedentes Históricos e Culturais Dois itens-chave informam Romanos 4: a alta estima de Abraão no Velho Testamento e no Judaísmo do Segundo Templo, e as regras do Rabino Hillel para interpretar as Escrituras.

1. Três pontos sobre Abraão são indispensáveis para interpretar Romanos 4. (a) Abraão foi reverenciado pelos judeus como o pai do povo judeu (Gênesis 12-22; Salmos 105: 6; Isaías 41: 8). (b) Abraão foi pensado para ter obedecido a Torá com antecedência e, portanto, ter sido justificado por suas boas obras (por exemplo, Sir. 44: 19-20; 1 Mac. 2:52;

Jub.19,8-9; 23,9-10; CD 3.2-4). (c) Em uma série de textos judaicos antigos, Gênesis 15: 6 (Abraão creu na promessa de Deus de lhe dar uma semente inumerável e, portanto, Deus considerou que Abraão era justo) foi interpretado através das lentes de Gênesis 17 (a instituição da circuncisão de Abraão como um ato de obediência a Deus) ou Gênesis 22 (oferta de Abraão de Isaque) para mostrar que Abraão foi declarado justo porque obedeceu ao

Torá com antecedência.[74]Em Romanos 4, Paulo discorda do segundo e do terceiro pontos. Assim, Paulo nega que Abraão foi justificado por suas obras e dá prioridade a Gênesis 15: 6 sobre Gênesis 17 e Gênesis 22.

2. Rabinos como Paulo aprenderam sete regras desenvolvidas por Hillel, um importante rabino do primeiro século aC, para interpretar as Escrituras (veja a barra lateral). Em Romanos, Paulo usa duas dessas regras: qal wahomer (o que se aplica em um caso menos importante certamente se aplicará em um caso mais importante) e
Gezerah Shawah
(onde as mesmas palavras são aplicadas a dois casos separados, segue-se que as mesmas considerações se aplicam a ambos).

Percepções interpretativas 4: 1-2Se . . . Abraão foi justificado pelas obras, ele teve algo para se orgulhar - mas não diante de Deus.Romanos 4: 1-8 apresenta os dois primeiros argumentos dos cinco de Paulo no capítulo 4 de que Abraão foi justificado pela fé e não pelas obras. Os versos 1-5 contêm o argumento teológico, enquanto os versos 6-8 desenvolvem o argumento hermenêutico. Com relação ao argumento teológico, há duas visões conflitantes sobre o que Paulo está criticando em 4: 1-5, especialmente no que diz respeito à frase "justificado pelas obras".

A visão tradicional é que Paulo está afirmando, em contraste com a visão prevalecente no Judaísmo do Segundo Templo, que a declaração de Deus de Abraão como justo não foi baseada nas boas obras do patriarca. Em outras palavras, o apóstolo está questionando o legalismo individual como meio de aceitação diante de Deus, assim como fez em 3: 27-31. Mas a Nova Perspectiva sobre Paulo argumenta ao contrário que “obras” em 4: 2 são marcadores da aliança de Israel que manifestam exclusividade para com os gentios. Esta escola de pensamento baseia seu caso em dois pontos: (1) visto que Paulo está falando sobre Abraão em 4: 1-23, começando com 4: 1-8, ele deve estar atacando o nacionalismo judaico, não o legalismo individual; (2) A discussão de Paulo sobre a circuncisão em 4:

[75]

A perspectiva tradicional contrapõe esses dois argumentos da seguinte maneira. Primeiro, em 4: 1-5 Paulo não está tanto estourando o balão do orgulho judaico em Abraão como a fonte de sua superioridade sobre os gentios, mas sim descartando o mérito individual da parte de Abraão diante de Deus. E se Abraão, o pai do povo judeu, não pode ser justificado pelas obras, então tampouco o podem seus descendentes. Ambos podem ser aceitos por Deus apenas com base em sua graça e na fé do pecador. Em segundo lugar, as obras em 4: 2, e quanto a isso em Romanos 4, não têm nada a ver com a Torá. A questão das obras, em vez disso, pertence a Abraão, que viveu quatrocentos anos antes da entrega da Torá (compare 4: 1-5 com 4: 9-17), e à confissão de Davi de seu pecado (falta de obras [4: 6 -8]).

Além disso, apenas a circuncisão é mencionada em Romanos 4 e não a guarda do sábado ou as leis dietéticas. Portanto, acredito que a visão tradicional aqui está correta. Para recapitular 4: 1-2: do lado negativo, Abraão não tinha nenhum mérito diante de Deus.

4: 3-5 “Abraão creu em Deus, e isso foi creditado a ele como justiça.” Aqui temos o lado positivo do argumento teológico de Paulo a respeito de Abraão: ele foi justificado diante de Deus pela fé. Em outras palavras, Abraão não poderia salvar a si mesmo (4: 1-2), mas Deus poderia salvá-lo (4: 3-5). O versículo 3 cita Gênesis 15: 6, um texto elaborado posteriormente em cada seção de Romanos 4 (vv. 3-8, 9-12, 13-23). A palavra grega

logizomaitambém é difundido em Romanos 4 (vv. 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 22, 23, 24). Esse termo (traduzido de várias maneiras em Rom. 4 como "creditado", "calculado", "contado", "imputado", "declarado", todos os quais são essencialmente o mesmo) foi usado em linguagem comercial para se referir ao pagamento a uma pessoa para serviço prestado (por exemplo, Tucídides, 2.40.4;



4 Esdras8,31-36). O ponto de Paulo em 4: 4, então, é que se Abraão tivesse realizado um serviço religioso exemplar a Deus, então Deus seria obrigado a remunerá-lo salvando-o. Mas, muito pelo contrário, diz Paulo, Abraão não realizou tal serviço; antes, ele foi considerado justo simplesmente por crer na promessa de Deus de fazer dele uma grande nação (Gênesis 15: 6; Rom. 4: 3).

Abraão foi declarado justo não por suas obras, mas por sua fé. Este mosaico bizantino do século VI mostra, à esquerda, Abraão mostrando hospitalidade aos três visitantes

que trazem a mensagem de Deus de que Sara dará à luz um filho e, à direita, o sacrifício de Abraão de Isaque.

Em 4: 5, Paulo amplia o argumento teológico de 4: 1-4 (ninguém, nem mesmo Abraão, viveu uma vida boa o suficiente para obrigar Deus a salvá-los, declarando o que era impensável para a mente judaica: Deus justifica o ímpio (para o cânon da justiça judaica que Deus não justifica o ímpio, veja Êxodo 23: 7 ; Prov. 17:15; 24:24; Isa. 5:23; Sir. 42: 2; Cd 1.19; para a convicção do Antigo Testamento de que os pecadores estão fora da aliança com Deus, ver Sal. 1: 1, 5; 36 : 34 LXX [37:34 ET]; Prov. 11:31; 12: 12-13; Ezequiel 33: 8-11; cf. Sir. 7: 16-17; 9: 11-12; 41: 5- 8).

[76]E, se a audaciosa afirmação de Paulo de que Deus justifica o ímpio pela fé não era revoltante o suficiente, o apóstolo continua indicando que o próprio Abraão era ímpio e, portanto, não tinha esperança de obrigar Deus a salvá-lo; sua única esperança era ser considerado por Deus como justo pela fé.

[77]Assim, o ponto teológico de Paulo em 4: 1-5 é que Abraão era um pecador e, portanto, Deus não era obrigado a justificá-lo; em vez disso, Deus salvou o pai do povo judeu somente por causa da graça divina, que Abraão recebeu pela fé, independentemente de qualquer boa obra.

As sete regras de interpretação bíblica de Hillel

1 Qal wahomer—O que se aplica em um caso menos importante certamente se aplicará em um caso mais importante, ou

afirmado de outra forma, se o argumento maior é verdadeiro, então quanto mais o argumento menor é verdadeiro

(embora note que Paulo pode inverter esta ordem de pesado / maior para leve / menor, como ele faz em Romanos 5

e 11; veja meus comentários lá).

2 Gezerah shawah- analogia verbal de um versículo para outro: onde as mesmas palavras são aplicadas a dois casos separados, segue-se que as mesmas considerações se aplicam a ambos.

3 Binyan ab mikathub 'ehad- construindo uma família a partir de um único texto: quando a mesma frase é encontrada em várias passagens, uma consideração encontrada em uma delas se aplica a todas elas.

4 Binyan ab mishene kethubim- construir uma família a partir de dois textos: um princípio é estabelecido por relacionar dois textos; o princípio pode então ser aplicado a outras passagens.

5 Kelal upherat—O geral e o particular: um princípio geral pode ser restringido por um particularização dela em outro verso; ou, inversamente, uma regra particular pode ser estendida a um princípio geral.

6 Kayoze bo bemaqom 'aher—Como é encontrado em outro lugar: uma dificuldade em um texto pode ser resolvida por compará-lo com outro que tenha pontos de semelhança geral (embora não necessariamente verbal).

7 Dabar halamed me'inyano—Um significado estabelecido por seu

contexto.[uma]

[uma]Veja Bowker, Targums e literatura rabínica, 315.

4: 6-8 “Bem-aventurado aquele cujo pecado o Senhor nunca contará contra eles.”

Em 4: 6-8, o rabino Paulo utiliza a regra hermenêutica do rabino Hillel conhecida como
Gezerah Shawahpara fazer o ponto controverso de que Abraão era um pecador e, portanto, só poderia ser justificado diante de Deus pela fé. De acordo com
Gezerah Shawah
, se a mesma palavra-chave ocorre em dois textos do Antigo Testamento, mesmo se distantes um do outro contextualmente (muitas vezes a palavra particular ocorreu no Pentateuco e nos Escritos, como é o caso aqui em Rom. 4: 6-8 [Gênesis . 15: 6; Sal. 32: 1-2]), então esses dois textos devem ser lidos como mutuamente interpretativos:

> Gênesis 15: 6 LXX: “Abraão creu em Deus, e isso foi creditado [logizomai] para ele como justiça ”(Rom. 4: 6 [cf. 4: 3, 5])
> Salmo 31: 1-2 LXX (32: 1-2 ET): “Bem-aventurado aquele cujo pecado o Senhor nunca contará [logizomai] contra ele ”(Rom. 4: 7-8)

Desde a palavra-chave, logizomai, ocorre em Gênesis 15: 6 e Salmos 32: 1-2, Paulo, usando o princípio de
Gezerah Shawah, interpreta Gênesis 15: 6 através das lentes do Salmo 32: 1-2 assim: Abraão sendo creditado / considerado justo diante de Deus (Gênesis 15: 6) significa que Deus não creditou / contou contra Abraão seu pecado (Salmo 32: 1-2, referindo-se ao perdão de Deus pelos pecados de adultério e assassinato de Davi [ver 2 Sam. 11]). Tudo isso para dizer que Abraão foi justificado diante de Deus pela fé, não pelas obras. Na verdade, Abraão era um pecador cuja única esperança era a graça de Deus recebida pela fé. Assim, o argumento hermenêutico de Paulo em 4: 6-

8 reforça seu argumento teológico em 4: 1-5.

Percepções Teológicas Vários insights teológicos saltam para o leitor de Romanos 4: 1-8. Primeiro, Deus não é devedor de ninguém. Em outras palavras, ninguém pode viver uma vida exemplar o suficiente para forçar a mão de Deus a salvá-los: nem Abraão, nem Davi, nem Paulo, nem ninguém. Em vez disso, Deus oferece sua salvação em Cristo gratuitamente a todos os que a receberem como um presente. Em segundo lugar, relacionado ao ponto anterior, a fé não é uma obra. Em vez disso, é receber a justiça de Deus como um dom imerecido. Terceiro, o termo de Paulo

logizomaiindica que Deus declara, não torna, uma pessoa justa que recebe a Cristo como Salvador. Tecnicamente falando, justificação é Deus creditando na "conta" do pecador a justiça de Cristo; ainda não é santificação, pela qual Deus torna o pecador justo ao longo da vida

processo de transformação espiritual (Rom. 6: 1-8: 16 discute a santificação, como veremos mais tarde). Quarto, exceto pelo pecado de rejeitar a Cristo, não há pecado que Deus não possa perdoar por meio de Cristo, nem mesmo adultério e assassinato, como Davi testifica no Salmo 32: 1-2.

Ensinando o Texto

Duas idéias para sermões me impressionam em Romanos 4: 1-8. “Devedor de ninguém” (baseado em 4: 1-5) poderia fazer o poderoso, mas indescritível, apontar que a salvação é baseada não em obras humanas, mas somente na graça de Deus recebida pela fé. Foram feitas pesquisas nas quais os transeuntes são questionados se sabem que estão indo para o céu e por quê. Os resultados geralmente são desanimadores; muitos respondem listando suas obras religiosas como base para a salvação. Outro sermão que poderia ser proferido em Romanos 4: 1-8 é “Nenhum Pecado Muito Grande: Romanos 4: 6-8”, com referência a Deus perdoando Davi por seus atos detestáveis de adultério e assassinato. Davi, é claro, ainda teve que pagar as consequências de seus pecados (perda de um bebê, rebelião e morte de outro filho, rebelião em seu reino), mas Deus perdoou Davi, a quem Deus via como "um homem segundo seu próprio coração" (1 Sam. 13:14).



A capa deste livro de marfim mostra Davi ditando os Salmos (décimo ao décimo primeiro século DE ANÚNCIOS). Paulo cita Davi do Salmo 32 para deixar claro que Deus graciosamente perdoa pecados em Cristo: “Bem-aventurados aqueles cujas transgressões são perdoadas, e cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado aquele cujo pecado o Senhor nunca contará contra eles ”(Rom. 4: 7-8).

Ilustrando o Texto

Como Abraão, recebemos a justiça de Deus como um presente imerecido por meio da fé.

Letra da música: A canção de ambas as crianças “Pai Abraão” e o grande hino “Minha fé encontrou um lugar de descanso”
ilustram o tema da justificação pela fé e podem ser usados para alcançar todos os elementos da congregação. Particularmente apropriado é o primeiro verso do hino: "Minha fé encontrou um lugar de descanso,

não em dispositivo nem credo. Eu confio naquele que vive sempre, / suas feridas por mim implorarão. "

Biografia: Escritor escocês JM Barrie, autor de Peter Pan, contou uma história sobre outro escritor escocês, Robert Louis Stevenson, autor de Ilha do Tesouro.

Quando Stevenson se mudou para a ilha de Samoa no final de sua vida, ele

construiu uma pequena cabana antes de se mudar para uma casa maior. Na primeira noite que passou na casa maior, ele estava se sentindo muito cansado e arrependido por não ter tido a antecipação de pedir a seu criado que lhe trouxesse café e fumo. Mais ou menos nessa hora, o criado entrou com uma bandeja com o café e o fumo. Stevenson disse a ele em sua língua nativa: "Grande é a sua premeditação." O menino o corrigiu: “Grande é o amor”.

~~[78]~~

Não há pecado que Deus não possa perdoar por meio de Cristo.

Filme: O Silêncio dos Inocentes; Onde os Fracos Não Tem Vez; O Cavaleiro das Trevas. Parece útil, no interesse do frescor, ilustrar este ponto descrevendo os personagens principais desses filmes conhecidos (ou outros como eles) e, em seguida, perguntar ao público se eles acham que Cristo poderia perdoar um canibal (

O Silêncio dos Inocentes
[1991]), um assassino psicopata (Onde os Fracos Não Tem Vez [2007]), um ser humano implacavelmente empenhado na destruição (
O Cavaleiro das Trevas[2008]). Nestes filmes (amplamente vistos por jovens, especialmente
O Cavaleiro das Trevas) os personagens principais são puramente malignos. O mais antigo,
O Silêncio dos Inocentes, foi incluído devido ao amplo conhecimento do público sobre o terrível personagem Hannibal Lecter. Muitas vezes, filmes como esses são caricaturados ou tratados com leviandade. Na verdade, os estudantes universitários tiveram concursos parecidos em que um prêmio é dado para o melhor

Cavaleiro das Trevasfantasia. Seria bom despertar a reflexão sobre a realidade do mal humano e a capacidade de Cristo de perdoar.

Romanos 4: 9-1

A Aliança Abraâmica versus a Aliança Mosaica

Grande ideiaO argumento histórico de Paulo: Abraão foi considerado justo antes de sua circuncisão (que no judaísmo se tornou o sinal da lei mosaica), então ele é o pai de todos os crentes, à parte da lei. O argumento lógico de Paulo: Os meios para realizar a promessa de Deus a Abraão não se baseiam na lei, mas somente na fé. A aliança abraâmica é, portanto, superior à aliança mosaica.

- Temas principais de Romanos 4: 9-17a
-

- Paulo contrapõe a aliança de Abraão à aliança de Moisés. Os judeus e gentios cuja fé está em Cristo são a verdadeira semente ou descendentes de Abraão.
- A lei de Moisés incita o coração à desobediência, ao passo que a promessa engendra fé e obediência (para a primeira, ver 4: 13-15; para a última, ver 4: 17b-25).
  A promessa de Deus a Abraão é o tema principal desta passagem. Paulo aborda isso em três etapas: a definição dessa promessa; um ponto negativo sobre a Torá e a promessa abraâmica; um ponto positivo sobre a fé e essa promessa.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Em geral, Romanos 4: 9-17a continua a argumentação de que Abraão foi justificado pela fé, acrescentando mais duas evidências: o argumento histórico (vv. 9-12) e o argumento lógico (vv. 13-17a). O outro lado é que Romanos 4 oferece quatro contrastes entre a aliança com Abraão e sua contraparte, a aliança com Moisés, conforme visto na tabela 1.

Mais especificamente, Romanos 4: 9-17a fornece argumentos históricos e lógicos de que Abraão foi justificado pela fé. O argumento histórico (4: 9-12) pode ser delineado assim:

1. A base bíblica (4: 9)
2. A prioridade histórica (4.10-11a)
3. O princípio espiritual (4.11b-12)

O argumento lógico (4: 13-17a) pode ser delineado assim:

1. A promessa a Abraão definida (4.13a)
2. A promessa a Abraão não era pela lei (4.13b-15)
3. A promessa a Abraão foi pela fé (4: 16-17a)

Antecedentes Históricos e Culturais1. A visão tradicional (especialmente no Pentateuco e no Judaísmo do Segundo Templo) era que Abraão era o pai daqueles comprometidos com a Torá; isto é, Abraão guardou a Torá com antecedência ao se submeter obedientemente à ordem divina de ser circuncidado (Gênesis 17), e o mesmo deve acontecer com todos os judeus.

[79] Além disso, o judaísmo poderia prontamente abraçar o pensamento de Abraão como o pai dos gentios se eles se tornassem prosélitos por serem

circuncidado.[80]Tudo isso levado à futura restauração de Israel. Com os profetas do Antigo Testamento, no entanto, uma nova visão dos convênios abraâmicos e mosaicos começou a emergir: o último vindo para significar o pecado e o exílio de Israel, o primeiro sendo reconhecido como a base

para a esperança de Israel para a restauração e a consequente conversão dos gentios (ver, por exemplo, 2 Reis 13:23; Dan. 7-9, onde Daniel retrata a restauração do exílio do pecado de Israel em termos da história cósmica das nações para o efeito de que o cumprimento da promessa abraâmica será levado pelo novo Adão, o Filho do Homem celestial).

[81] Paulo se alinha com os profetas.

2. A declaração de Paulo da promessa de que Abraão seria o herdeiro do mundo (em Rom. 4:13) combina três garantias que Deus deu a Abraão em

Gênesis 12: 1-3: seus descendentes seriam uma grande nação; eles herdariam a terra (de Israel); e Abraão seria uma bênção para todos os povos. Mais tarde, no Antigo Testamento, é indicado que Israel herdará não apenas sua própria terra, mas também o mundo (por exemplo, Isa. 55: 3-5). Isso era visto no antigo judaísmo como o cumprimento de Gênesis 1: 26-28 e a ordem de Deus a Adão para subjugar a terra.

[82]

Tabela 1: As Alianças Abraâmica e Mosaica em Romanos 4

Romanos	Aliança Abraâmica	Pacto do Mosaico
4: 1-5	Abraão foi justificado pela fé.	O indivíduo é salvo pelas obras do Torá.
4: 6-8	Paulo separa Gênesis 15 de Gênesis 17 e / ou Gênesis 22.	O Pentateuco e o Judaísmo do Segundo Templo combine Gênesis 15 com Gênesis 17 e / ou
4: 9-12	Paulo (como os profetas do Antigo Testamento) sustenta que há descontinuidade entre os promessa divina de que Abraão será o pai de muitas nações e o divino	O Pentateuco e o Judaísmo do Segundo Templo mantido há continuidade entre o promessa divina de que Abraão será o pai de muitas nações e o comando divino de que
4: 13-25	De acordo com Paulo, a lei de Moisés incita desobediência (vv. 13-17a), enquanto o promessa gera fé e obediência	A lei engendra obediência a Deus, o base da promessa divina a Abraão.

Percepções interpretativas 4: 9Esta bem-aventurança é apenas para os circuncidados. . . ? Dentro
4: 9-12 Paulo apresenta o argumento histórico de que Abraão foi justificado pela fé. O argumento consiste em três partes (conforme descrito acima): a base bíblica (v. 9), a prioridade histórica (vv. 10-11a) e o princípio espiritual (vv. 11b-12). O versículo 9a pega carona em 4: 6-8 e a declaração de Davi citada ali de que Deus perdoa pecados. Uma interpretação rabínica do Salmo 32: 1-2 era que tal perdão se aplicava apenas a Israel (

Pesiq. Rab. 45.185b), uma opinião provavelmente sustentada nos dias de Paulo.
[83]Mas 4: 9b se refere a Gênesis 15: 6, lembrando ao leitor que Abraão foi considerado justo pela fé. Romanos 4: 9, então, é a segunda metade do uso de

Paulo de

Gezerah Shawah, com Gênesis 15: 6 lançando luz sobre Salmo 32: 1-2, assim como Salmo 32: 1-2 em Romanos 4: 6-8 lança luz sobre Gênesis 15: 6 em Romanos 4: 3, 5, 6. Assim, Salmo 32: 1-2 e a bem-aventurança do perdão (4: 9a) são interpretados através das lentes de Gênesis 15: 6 (4: 9b) para dizer que a bem-aventurança de ser creditado como justo pela fé (= perdão dos pecados) se aplica a ambos judeus e gentios (como a fé de Abraão [Rom. 4: 10-12] e contra a restrição rabínica dessa fé aos judeus).

4: 10-11a foi creditado. . . depois que ele foi circuncidado, ou antes? Romanos

4: 10-11a é o cerne do argumento histórico de Paulo de que Abraão foi justificado pela fé e não pelas obras da lei. O versículo 10 deixa claro que Abraão foi considerado justo pela fé (Gênesis 15: 6) antes (vinte e nove anos antes, no cálculo judaico) de dar o rito da circuncisão (Gênesis 17; mais tarde reconhecido como o sinal do Aliança mosaico, uma conexão feita em 1-2 Macc.).

[84]Para Paulo, a circuncisão é um sinal de que Abraão havia sido justificado pela fé, não um sinal de que ele guardou a Torá (4: 11a). Paulo, portanto, introduz uma descontinuidade entre a fé e a circuncisão (no sentido de que a circuncisão não era a base da fé, mas sim o sinal posterior de que a fé já havia ocorrido e que antes da circuncisão), do tipo que era conhecido apenas pelos profetas do Antigo Testamento (ver Jr 4: 4; 9:25; cf. já em Dt.10: 16; 30: 6). Todas as outras expressões do Judaísmo mantiveram continuidade entre a fé de Abraão e a circuncisão, entre as alianças de Abraão e Moisés, começando com Deuteronômio 10:16; 30: 6. Mas Paulo afirma em 4: 10-11a que a prioridade cronológica da fé sobre a circuncisão rejeita a noção de que Abraão guardou a Torá com antecedência ao se submeter à circuncisão. Em outras palavras,



Abraão é reverenciado por judeus, cristãos e muçulmanos. Seu local de sepultamento foi um local de peregrinação para essas três religiões. Ainda hoje, os turistas visitam a Tumba do Patriarcas, onde podem ver o cenotáfio de Abraão. Este túmulo vazio funciona como um monumento a Abraão e data do século IX DC.

4: 11b-12 ele é o pai de todos os que acreditam.Paulo explica em 4: 11b-12 o princípio espiritual que guia a história de Abraão: fé, não as obras da lei. Porque Abraão foi creditado como justo diante de Deus somente pela fé, todas as pessoas que têm fé (em Cristo), tanto judeus quanto gentios, são filhos de Abraão. Observe o paralelo entre 4: 11b e 4:12: tanto os incircuncisos / cristãos gentios quanto os circuncidados / cristãos judeus são filhos de Abraão pela fé, o que significa que a justiça é creditada a eles pela fé.

[85]

4: 13a a promessa de que ele seria o herdeiro do mundo.Romanos 4: 13-17a fornece o argumento lógico para o caso de Paulo de que Abraão foi justificado pela fé. O versículo 13a define a promessa que Deus deu a Abraão: Deus faria de Abraão o herdeiro do mundo. O substantivo "promessa" (

epangelia) ocorre quatro vezes em 4.13-22 (vv. 13, 14, 16, 20; cf. v. 21), sinalizando o tema principal desses versículos. Como observamos anteriormente, a promessa de que Abraão seria o herdeiro do mundo é uma combinação das garantias fundamentais que Deus fez a Abraão em Gênesis 12: 1-3. Além disso, Gênesis 12 implica que o domínio de Adão sobre o mundo agora foi devolvido a Abraão. Paulo interpreta isso como significando que Abraão é o pai daqueles que têm fé em Cristo; isto é, os cristãos, tanto judeus como gentios em todo o mundo, são descendentes de Abraão. Além disso, a terra física de Israel é substituída pelo reino de Deus no coração de seu povo (ver Rom. 14:17). Não judeus governando gentios, mas os dois juntos reinando em Cristo, cumprem a promessa de Deus a Abraão de que ele herdaria a terra.

Convênios e seus sinais

Existem vários convênios na Bíblia, cada um com seu respectivo sinal (veja o gráfico abaixo). Três questões de interpretação surgem com essas alianças.

(1) Esses convênios são de natureza diferente? Alguns dispensacionalistas tendem a dizer sim. O A aliança mosaica / sinaítica, argumenta-se, é baseada na salvação pelas obras, enquanto as outras alianças são baseadas na fé. Teólogos reformados e a Nova Perspectiva de Paulo dizem que não, todas as alianças da Bíblia são apenas nuances diferentes da mesma aliança de fé.

(2) Quais das alianças são incondicionais (os humanos não precisam obedecer à estipulação do aliança, visto que Deus mantém a aliança unilateralmente), e quais são condicionais (os humanos devem obedecer a fim de manter a aliança)? Esta questão é controversa e sugiro o seguinte:

Pacto	Assinar	Condições
Noahic (Gênesis 9: 8-17)	arco-íris	Incondicional
Abraâmico (Gênesis 12: 1-3; 15: 9-21; 17: 1-22)		Circuncisão Incondicional
Mosaico / Sinaítico (Êxodo 19-24)	Sábado / circuncisão	Condicional

Davídico (2 Sam. 7: 5-16)	Descendente eterno	Incondicional
Nova Aliança (Jer. 31: 31-34; Eze. 36: 24-32; o Novo Testamento)	Batismo no Novo Testamento (ver Colossenses 2: 11-12)	Incondicional

(3) Qual é a relação do sinal com a aliança? Esta questão está centrada na nova aliança e no batismo: se o batismo é sacramental. Ou seja, o sinal (batismo) participa da realidade que representa (nova aliança / salvação)? As tradições cristãs estão divididas sobre esta questão. Por sua vez, Paulo enfatiza a fé como a pré-condição para o batismo (veja Rom. 6: 1-14).

4: 13b-15se os que dependem da lei são herdeiros,. . . a promessa é inútil.O aspecto negativo do argumento lógico de Paulo aparece aqui. Se a justiça vem pelas obras da lei, então a justiça pela fé é anulada e a promessa é anulada porque a lei desperta a ira e, portanto, a transgressão. A palavra que Paulo usa aqui para anular (NVI: "sem valor") a promessa (aliança de Abraão) é

katargeō, que, sugeri anteriormente, Paulo aplica à antiga aliança em Romanos 3:31. Aqui, Paulo sugere que a nova aliança seria anulada pela lei de Moisés, se fosse realmente o caminho da salvação. Certamente é errado interpretar esses versículos como nada mais do que uma crítica de Paulo ao nacionalismo judaico.[86]É verdade que Paulo é contra a exclusão judaica dos gentios da aliança abraâmica, mas os judeus excluem os gentios precisamente porque exigem adesão a toda a Torá. Assim, Paulo está condenando tanto o exclusivismo quanto o legalismo (cf. 3: 27-31).

4: 16-17a Portanto, a promessa vem pela fé. Paulo aqui apresenta o aspecto positivo de seu argumento lógico. Visto que a promessa a Abraão é baseada na fé e na graça, tanto judeus quanto gentios podem ter a justiça de Deus. Embora isso seja debatido, as palavras "não apenas para aqueles que são da lei, mas também para aqueles que são da fé de Abraão" provavelmente significam que a semente de Abraão não é apenas o judeu ("não apenas para aqueles que são de a lei ”), mas o judeu cuja fé está em Cristo (“ mas também para os que são da fé de Abraão ”; cf. 4:12). Além disso, as palavras “fé de Abraão. . . pai de todos nós ”certamente inclui os cristãos gentios como descendência espiritual de Abraão (cf. 4:11). Simplificando, a promessa de Deus de fazer de Abraão um pai de muitas nações (Rm 4: 17a; Gn 17: 5) falhou se estiver enraizada na lei de Moisés, uma vez que ninguém pode obedecer à Torá; na verdade, a lei leva o coração à desobediência. Portanto, a promessa falhou e é totalmente ilógica. Mas se a promessa a Abraão é baseada na fé, então todos podem participar dela. Isso é lógico.

Percepções TeológicasPelo menos duas verdades poderosas estão embutidas em Romanos 4: 9-17a. Primeiro, para Paulo, a aliança abraâmica, não a aliança mosaica, contém

a esperança mais realista para a restauração de Israel e a conversão dos gentios. Isso ocorre porque a promessa divina a Abraão é baseada na fé, não nas obras e, portanto, é o prenúncio legítimo da nova aliança. Em segundo lugar, Romanos 4: 9-17a (cf. Gal. 3: 6-29) revela que o evangelho de Cristo foi antecipado na aliança de Deus com Abraão no sentido de que é baseado na fé e é inclusivo. Isso está em contraste com a aliança mosaica, que é legalista e exclusivista. Se a aliança abraâmica transmite a promessa da graça de Deus para judeus e gentios, qual é, então, o propósito da aliança mosaica / sinaítica? A lei de Moisés foi dada por Deus para convencer a humanidade de seu pecado e, assim, conduzir as pessoas ao evangelho da graça de Deus em Cristo. O reformador Martinho Lutero reconheceu isso há muito tempo.

Ensinando o Texto

Alguns sermões vêm à mente em Romanos 4: 9-17a. O primeiro, baseado em 4: 9-12, poderia cobrir o argumento histórico. Isso seguiria o esboço acima para essa seção: a base bíblica (v. 9), a prioridade histórica (vv. 10-11a) e o princípio espiritual (vv. 11b-12). O primeiro ponto termina a conexão de Paulo de Gênesis 15: 6 e Salmo 32: 1-2 e mostra que judeus e gentios são salvos pela fé. O segundo ponto calcula que a salvação pela fé veio vinte e nove anos antes da circuncisão. O terceiro ponto demonstra que as pessoas de fé são os verdadeiros filhos de Abraão.

Em segundo lugar, um sermão baseado em Romanos 4: 13-17 poderia cobrir os três pontos do esboço seguido acima: a promessa a Abraão definida (v. 13a); a promessa a Abraão não era pela lei (vv. 13b-15); a promessa a

Abraão foi pela fé (vv. 16-17a). A mensagem pode ser intitulada “Dê-me aquela religião dos velhos tempos”. O primeiro ponto sugere que os cristãos - aqueles cuja fé está apenas em Cristo para a salvação - são o cumprimento da promessa que Deus fez a Abraão. E, no entanto, em nenhum lugar a igreja está mais dividida do que na manhã de domingo. Judeus messiânicos e cristãos gentios se reúnem em locais separados, assim como brancos e negros, sem mencionar os ricos e os pobres. Cristãos de todas as raças, origens e status precisam realizar a promessa cumprida de Deus a Abraão unindo-se em sua adoração. O segundo e o terceiro pontos se combinam para deixar claro que não apenas o nacionalismo está fora de lugar no cumprimento da promessa abraâmica, mas também o é o legalismo. A fé de Abraão precedeu a lei e, portanto, a supera no plano de Deus. É importante que os crentes judeus, em particular, estejam vigilantes em relação à sua venerável herança religiosa. Eles legitimamente permanecem judeus e podem muito bem celebrar, pois

exemplo, as festas do Senhor do Antigo Testamento, como a Páscoa, mas de um perspectiva de fé em Cristo como o cumprimento da Torá. Além disso, os crentes judeus vão querer ser sensíveis aos seus irmãos gentios na fé e cuidadosos para não impor a eles a cultura judaica.



No judaísmo hoje, a maioria pratica Brit Milah (Pacto da Circuncisão) quando um menino nasce. Como nos tempos bíblicos, identifica o indivíduo com a aliança que Deus fez originalmente com Abraão. É realizado com muita cerimônia durante o dia do oitavo dia de vida do menino por um mohel (circuncidador ritual). Um sandek (semelhante a um padrinho) segura o bebê durante a circuncisão, bênçãos são recitadas e o bebê recebe seu nome hebraico. No passado, ferramentas elegantes foram criadas para esta ocasião especial. A foto mostra uma coleção deles: facas afiadas, escudos e taças para a bênção do vinho.

Ilustrando o Texto

Muitas religiões dizem que Abraão é seu pai, mas apenas os cristãos são sua verdadeira semente.

Notícia: Ann Holmes Redding, ordenada sacerdote episcopal em 1984, fez uma profissão de fé no Islã em 2006 e afirma ser cristã e muçulmana. Por causa de sua decisão, ela foi deposta como sacerdote em 2009. Ela diz: “Eu olho através de Jesus e vejo Alá”. Como isso pode se comparar ou contrastar com Romanos 4: 9-17a?

Nenhuma cerimônia física pode produzir a mudança espiritual que vem pela graça.

Autobiografia espiritual: The Journal of John Wesley, por John Wesley. Nisso

jornal Wesley (1703-91), que foi influenciado por Martinho Lutero, dá uma conta de sua compreensão de que somente a graça mudaria seu comportamento. Isso apesar do fato de que ele realizou obras cada vez maiores de abnegação e caridade (entrar nas ordens sagradas, livrar-se de "conhecidos insignificantes", estudar mais, visitar os pobres e enfermos, livrar-se de "todos os supérfluos" e perder “Nenhuma ocasião para fazer o bem” apenas para ser aconselhado que “as obras exteriores não são nada”). O que ele percebeu foi que estava empenhado em sua própria justiça, “zelosamente inculcado pelos escritores místicos”, “batendo no ar” por assim dizer.

[87]

Biografia / Filme: Nos relatos da vida de Martinho Lutero, ele é visto como fazendo pesada penitência, sofrendo auto-flagelação e deitado no chão de pedra para alcançar a santidade. Nenhum desses atos lhe traz paz, que ele encontra apenas sendo justificado pela fé. Na biografia do filme de 1953 Martin Luther (veja a seção “Ilustrando o Texto” para Rom. 1: 16-17), estrelando Niall McGinnis, há uma cena que retrata a miséria e a autopunição de Lutero.

Romanos 4: 17b-2

Fé, Abraão e o cristão

Grande ideia

Abraão e a justificação cristã experimentam antes Deus da mesma forma: fé na promessa de Deus, à parte das obras. Para Abraão, foi a fé em Deus e a promessa de que ele seria o pai de muitas nações. Para o cristão, é a fé em Deus e na promessa de que a morte e ressurreição de Jesus expiará nossos pecados, nos considerando justos diante de Deus.

Temas principais de Romanos 4: 17b-25

- O tema principal é que Abraão e o cristão são justificados diante de Deus pela fé. Três aspectos desta fé são delineados:
-

- Seu objeto é o Deus do impossível.
  Sua fonte é a promessa de Deus. A promessa de Deus desperta a fé e a obediência no indivíduo. A lei, porém, incita a desobediência. O resultado é que, visto que a promessa de Deus faz com que a fé cresça em uma pessoa, Deus é glorificado porque a justificação não está baseada no esforço humano, mas sim na graça de Deus.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoEm Romanos 4, Paulo apresenta cinco argumentos de que Abraão foi justificado pela fé. Ele desenvolveu os argumentos teológicos (4: 1-5), hermenêuticos (4: 6-8), históricos (4: 9-12) e lógicos (4: 13-17a) e agora passa para o argumento experimental (4: 17b-22). O apóstolo afirma que Abraão (4: 17b-22) e o cristão (4: 23-25) experimentam a justificação diante de Deus da mesma maneira: pela fé, à parte das obras.

1. A fé de Abraão na promessa de Deus de que ele seria o pai de muitas nações (4.17b-22)

uma. O objeto da fé de Abraão: O Deus do impossível (4: 17b-19)

eu. Ressurreição: Vida após a morte (4: 17b)

ii. Criação: algo do nada (4: 17b)

iii. Procriação: Uma criança de um casal de idosos (4: 18-19)

b. A fonte da fé de Abraão: a promessa de Deus (4: 20-21)

c. O resultado da fé de Abraão: Justificação à parte das obras humanas para a glória de Deus (4:22)

2. A fé do cristão na promessa de Deus de que a justificação é baseada na morte expiatória e ressurreição de Jesus (4: 23-25)

uma. O objeto da fé do cristão: o Deus do impossível, que ressuscitou Jesus dos mortos (4: 24b)

b. A fonte da fé do cristão: a promessa de Deus de que a morte e ressurreição de Jesus expia nossos pecados (4:25)

c. O resultado da fé do cristão: Justificação à parte das obras humanas para a glória de Deus (4: 23-24a, 25b)

Antecedentes Históricos e Culturais 1. O poder de Deus para ressuscitar os mortos (ver Rm 4: 17b) era uma crença acalentada pela maioria dos judeus antigos (ver Dt 32:39;

1 Sam. 2: 6; Para B. 13: 2; Sab. 16:13; cf. ROM. 8:11; 1 Cor. 15:22, 36, 45).
2 Creatio ex nihilo (criação do nada), uma doutrina sustentada na antiga Judaísmo (ver Philo,Espec. Leis4,187; 2 Macc. 7:28; 2 Bar.21,4; 48,8; Mek. Exod. 18,3; 21,37; 22,22; cf. Heb. 11: 3), é provavelmente mencionado em Romanos 4: 17b. Aqueles que não veem uma alusão aqui argumentam que as palavras "como se fossem" (

hōs onta) expressam a hipotética (a convocação de Deus daquilo que ainda

não existe - o cumprimento da promessa a Abraão ainda era futuro para

ele), não o real (o mundo que Deus já trouxe à existência). Mas as palavras hōs onta pode ser usado com uma qualidade ou realidade real (ver BDAG, III.1).

Insights interpretativos 4: 17b-19[88] o Deus que dá vida aos mortos e dá vida a coisas que não existiam.
Romanos 4: 17b-22 começa o argumento experimental de Paulo em 4: 17b-25 no sentido de que Abraão (vv. 17b-22) e Cristãos (vv. 23-25) experimentam aceitação diante de Deus da mesma maneira: pela fé, à parte das obras. O mesmo esboço também se aplica a Abraão e ao cristão nesta passagem: ambos têm o mesmo objeto de fé, fonte de fé e resultado de fé. A diferença entre os dois é que a promessa de Deus a Abraão era que ele seria o pai de muitas nações, enquanto a promessa de Deus aos cristãos é que eles são considerados justos diante dele com base na morte expiatória e ressurreição de Jesus Cristo. Romanos 4: 17b-19 apresenta o objeto da fé de Abraão: o Deus do impossível. Abraão acreditava no Deus associado a três feitos miraculosos: ressurreição física (v. 17b), que transforma a vida na morte;

creatio ex nihilo) (v. 17b; consulte “Contexto Histórico e Cultural,” acima); e procriação em nome de um casal idoso em Abraão e Sara (vv. 18-19).



Em Gênesis 18, Abraão oferece hospitalidade a três visitantes. Esta cena é ilustrada nesta capital do século XII DC a partir de um claustro catalão. Enquanto comem juntos, um dos visitantes diz: “Com certeza voltarei para falar com você nesta época do ano que vem, e Sara, sua esposa, terá um filho” (v. 10). Abraão acreditava que Deus tinha o poder de cumprir sua promessa, que foi cumprida quando Isaque nasceu, filho de Sara.

A chave para entender 4: 18-19 é notar que a abertura paradoxal declaração, “contra toda esperança, creu Abraão na esperança”, rege os versículos 18-19. "Contra toda esperança" refere-se à perspectiva meramente humana, que disse a Abraão que a promessa divina de que ele estava para ter um filho e seria o

antepassado de muitas nações (observe “Assim será a sua descendência” em Gênesis 15: 5 [cf. 17: 5]) era ridículo porque ele e Sara eram muito velhos para ter filhos (ver Gênesis 17:17). Em termos de procriação, seus corpos estavam praticamente mortos. Mas, apesar das probabilidades insuperáveis, Abraão “acreditou na esperança” no Deus do impossível. Essa foi a perspectiva divina que guiou Abraão. A fé de Abraão na promessa de Deus nunca vacilou.
[89]

4: 20-21 ele não vacilou por causa da incredulidade a respeito da promessa de Deus.Em 4: 20-21, Paulo quer deixar claro que a promessa de Deus a Abraão gerou ou criou a fé de Abraão. Duas questões indicam isso. Primeiro, as palavras "promessa" (

epangelia[v. 20]) e "prometido" (tempo perfeito de epangeloma [v. 21]) formar um inclusioem torno do versículo 20b, “Abraão foi fortalecido na fé”. Essa estrutura parece sinalizar que a fé de Abraão foi gerada pela promessa de Deus, com os dois pontos externos iluminando o ponto médio. Segundo, o verbo

enedynamōthē(“Foi fortalecido” [v. 20]) é provavelmente um passivo divino, o que significa que a voz passiva indica que Deus é o autor da ação. Nesse caso, a tradução “foi fortalecido na fé” implica que a promessa de Deus criou e fortaleceu a fé de Abraão.

[90]Isso, junto com a próxima consideração, em 4:22, descarta que a fé de Abraão fosse de alguma forma meritória. Assim, a fonte da fé de Abraão foi a promessa divina e o poder de cumprir essa promessa.

4:22 É por isso que "isso foi creditado a ele como justiça".Este versículo explica o resultado da fé de Abraão: ele foi considerado justo diante de Deus (novamente cf. Gn 15: 6). Isso, por sua vez, glorificou a graça de Deus (compare 4:20 com 4:16). Pode-se ver nesta primeira metade do argumento experimental de Paulo: a fé de Abraão no Deus do impossível (4: 17b-19) nasceu da promessa divina (4: 20-21), não do mérito ou obra de Abraão . Portanto, a experiência da justificação de Abraão mostra que somente a graça de Deus deve ser glorificada e não as obras humanas (4:22).

O Messias Sofredor

Os intérpretes de Romanos quase universalmente concordam que em 4:25 Paulo faz alusão ao Servo Sofredor de Isaías 53. Isto é, Paulo vê Jesus como o Servo Sofredor, que foi entregue por nossos pecados. Se combinarmos Romanos 4:25 com 1: 3-4 (Jesus, o Messias davídico), descobriremos que Paulo, como outros escritores do Novo Testamento, identifica Jesus como o Messias sofredor.

Isso gerou um debate entre os estudiosos da Bíblia. O judaísmo pré-cristão esperava um sofrimento Messias? A noção não parece vir à tona no Antigo Testamento ou em quaisquer textos pré-cristãos.[uma] A verdade mais provável é que o Judaísmo pré-cristão identificou Israel, não o Messias, com o Servo Sofredor. Foi o gênio de Jesus combinar primeiro as duas figuras do Messias davídico e do Servo Sofredor em si mesmo para forjar um novo personagem: o Messias sofredor.

[uma]Para mais informações sobre este debate, consulte Kennard, Messias jesus, 325-26n24, e a extensa bibliografia lá.

4: 23-25 para nós que cremos naquele que ressuscitou Jesus nosso Senhor dentre os mortos.
O cristão experimenta a justificação diante de Deus da mesma maneira: pela fé, à parte das obras. A esse respeito, o esboço de três pontos em 4: 17b-22 aplicado a Abraão (ver "O Texto no Contexto", acima) pertence ao cristão em 4: 23-

25. Assim, de acordo com 4: 24b, o objeto da fé do cristão é o Deus do impossível - neste caso, o Deus que ressuscitou Jesus, o Senhor dos mortos (cf. 1: 3-4). E de acordo com 4:25, a fonte da fé do cristão é a promessa (implícita) de Deus de que todo aquele que crê na morte expiatória e na ressurreição de Jesus será justificado por Deus.

[91]A primeira, a morte expiatória e a ressurreição de Jesus, gera ou cria a última, a fé do crente em Deus. Finalmente, 4: 23-24a, 25b explicam o resultado da fé do cristão: o cristão é considerado justo diante de Deus com base na morte expiatória e na ressurreição de Jesus. Nisto reside a segunda metade do argumento experimental de Paulo: como com Abraão, a crença do cristão no Deus do impossível (4: 24b) nasceu da promessa de Deus (4:25) e, portanto, não do mérito ou obras humanas (4: 23-24a, 25b). Assim, o

A salvação do cristão é baseada somente na graça de Deus. Em outras palavras, Deus só deve ser glorificado para a nossa justificação porque é baseada na sua graça (cf. 5: 1-3, onde as palavras “justificação”, “graça” e “glória” combinam para expressar o mesmo sentimento).[92]



Aqui está uma tumba do primeiro século DC da Baixa Galiléia com uma pedra que rola. Os escritores dos Evangelhos nos dizem que o corpo de Jesus foi colocado em uma tumba e uma pedra rolou em sua entrada. No terceiro dia, Jesus ressuscitou. Paulo escreve em Romanos 4:24: “Deus creditará a justiça - para nós, que cremos naquele que ressuscitou Jesus nosso Senhor dentre os mortos. “

Percepções Teológicas Pelo menos três percepções teológicas emergem em Romanos 4: 17b-25. Primeiro, a aliança abraâmica e a nova aliança (mesmo no Antigo Testamento) eram baseadas na fé, ao contrário da aliança mosaica, que, se não inicialmente, certamente com o tempo passou a ser vista legalmente pelos judeus (contra a Nova Perspectiva de Paulo) O evangelho de Jesus Cristo também está enraizado na fé. Em outras palavras, a mensagem de Paulo em Romanos 4 é que a fé como meio de salvação não é nova com sua mensagem de justificação; já era assim com

Abraão e com o anseio dos profetas por uma nova aliança. Em segundo lugar, relacionado à observação anterior, a fé não é uma obra; a fé é o dom de Deus aos humanos para que possam responder ao chamado do evangelho (compare Rm 4: 17b-25 com Ef 2: 8-9). Terceiro, e relacionado aos dois pontos anteriores, a palavra "ligar" (

kaleō) em 4: 17b é considerado pelos calvinistas como envolvendo a "chamada eficaz" / "graça irresistível" de Deus, por meio da qual o convite de Deus, até mesmo a convocação de, uma pessoa para participar de

a salvação não pode ser resistida. Isso, por sua vez, está conectado à soberania divina e

eleição, um tópico que enfrentaremos de frente em Romanos 9.

Ensinando o Texto

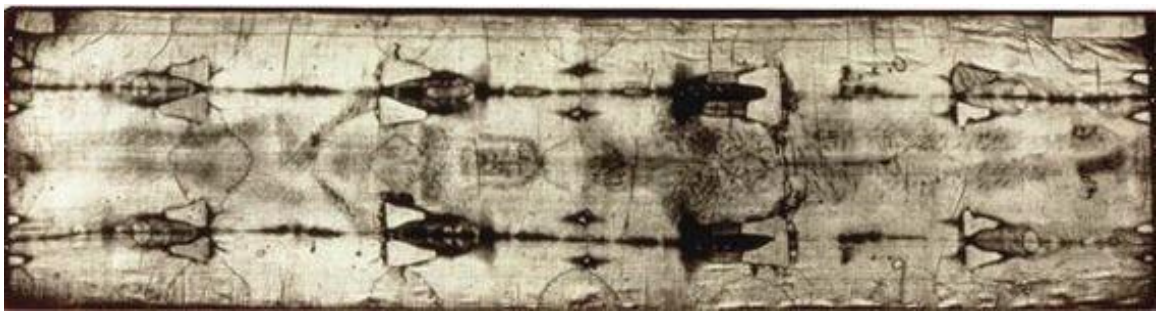
Para Romanos 4: 17b-25, "O Deus do Impossível" é um sermão / lição que poderia desenvolver as quatro impossibilidades que Deus realizou: criação, procriação, ressurreição e justificação. O primeiro desses quatro milagres Deus fez do nada. Quando se trata da origem do universo, existem realmente apenas duas possibilidades: ou a matéria é eterna ou Deus é eterno. Embora no passado alguns cientistas e filósofos defendessem o primeiro, atualmente a teoria do Big Bang é favorável à afirmação de que o universo realmente teve um começo. E tal argumento é um bom presságio para aqueles de nós que acreditam que Deus criou o cosmos. Simplificando, Deus chamando o universo a existir do nada é um milagre, uma impossibilidade humana, que a tradição judaico-cristã preza, e por boas razões.

O segundo milagre que Deus fez em favor de Abraão e Sara. Para ajudar as pessoas a valorizar a fé de Abraão e Sara na promessa de procriação de Deus, um pregador colocou desta forma: seria como se hoje um marido de cem anos e sua esposa de noventa anos estivessem tão confiantes de que Deus estava indo para lhes dar um filho nato que eles compraram uma casa ao lado de uma escola primária para preparar sua chegada.

O terceiro milagre, ressurreição, Deus fez por Jesus. Seu corpo estava morto e enterrado, mas Deus falou a palavra e ressuscitou seu Filho. Recentemente, alguns cientistas afirmaram ter resolvido o mistério do Sudário de Torino, o suposto pano mortuário de Jesus. Depois de meses reexaminando a mortalha, eles concluíram que ela retratava o rosto ressuscitado de Jesus, mas sobreposto ao rosto crucificado do Jesus histórico. Se esses cientistas provassem estar corretos, pela primeira vez nós, humanos,

veríamos agora como o Jesus histórico e o Cristo da fé se encontram: na interseção da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

O quarto milagre é a justificação, por meio da qual Deus chama a justiça do nada em nome do pecador cuja fé está em Cristo.



O Sudário de Turim

Ilustrando o Texto

Deus faz o impossível: criação, procriação, ressurreição e justificação.

Texto do hino: "Todas as Criaturas de Nosso Deus e Rei", de Francisco de Assis.
Francisco (1181 / 82-1226), um devoto monge italiano, escreveu o texto deste grande hino. A música foi adicionada muito mais tarde. O hino ecoa o amor de Francisco pelo mundo criado por Deus; observa que toda a criação obtém sua vida de Deus e deve viver na dependência, dando glória a Deus. "Que todas as coisas o seu Criador o abençoe / e o adore com humildade."

Poesia: "A Criação", de James Weldon Johnson.O breve relato de Johnson da obra de Deus na história da criação do Gênesis é cheio de energia e deleite. Pretende ser poético, não teológico, mas certamente é utilizável. O público adora.

A relação entre fé e fato é complementar.

Bíblia: Compare a fé de Abraão e Sara conforme descrito em Hebreus 11: 8-19 com a descrição de Paulo em Romanos 4: 17b-25.

Autobiografia espiritual:Veja as histórias de conversão de indivíduos conhecidos que já foram ateus ou agnósticos, mas que se converteram ao teísmo e até ao cristianismo. Existe uma gama de possibilidades aqui. Aqui estão alguns exemplos: Agostinho,
Confissões; CS Lewis (professor, apologista, escritor), Surpreso com a alegria; Malcolm Muggeridge (jornalista), Jesus redescoberto; Josh McDowell (apologista cristão),
Do Ceticismo à Fé; Anthony Flew (filósofo),Existe um Deus: como o ateu

mais famoso do mundo mudou de ideia; Lee Strobbel (jornalista), O caso de Cristo.

Citar: John Calvin.

> Vamos lembrar também que a condição de todos nós é a mesma de Abraão. Todas as coisas ao redor

nós estamos em oposição às promessas de Deus: Ele promete a imortalidade; estamos cercados com mortalidade e corrupção: Ele declara que nos considera justos; estamos cobertos de pecados: Ele testifica que é propício e bondoso para conosco; julgamentos externos ameaçam Sua ira. O que precisa ser feito? Devemos, com os olhos fechados, passar por nós mesmos, e por todas as coisas relacionadas a nós, para que nada possa

atrapalhar ou impedir-nos de crer que Deus é verdadeiro.[93]

As Bênçãos da Nova Aliança: Paz e Ter esperança

Grande ideia

Romanos 5: 1-11 apresenta três bênçãos da nova aliança: paz, esperança e amor (o amor será abordado na próxima unidade).

Temas principais de Romanos 5: 1-4

A paz com Deus é uma bênção da nova aliança por meio de Jesus Cristo. A esperança é uma bênção da nova aliança, embora, surpreendentemente, esteja associada ao sofrimento.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 5 tem sido muito debatido em termos de seu contexto: pertence a 1: 18-4: 25 ou começa uma nova unidade? [94]A maioria dos estudiosos de hoje acredita que, embora o capítulo 5 conecte de volta a 1: 18-4: 25 (uma vez que o tópico da justificação tão difundido ocorre também em 5: 1, 9, 16-19, 21), muito provavelmente começa uma nova unidade que termina em 8:39. Vários argumentos indicam que esse é o caso. Primeiro, as palavras iniciais de 5: 1, "visto que fomos justificados pela fé", resumem o tema de 1: 18-4: 25 enquanto prepara o caminho para um novo tópico. Em segundo lugar, o tom polêmico de 1: 18-4: 25 é substituído no capítulo 5 por um

de camaradagem, sinalizado pelo uso de Paul da primeira pessoa do plural. Terceiro, o prevalência do vocabulário-chave de Romanos 1: 17 - "os justos desejarão viver de fé"- indica que uma mudança no foco ocorre entre 1: 18-4: 25 e 5: 1-8: 39. Assim, as palavras "fé" e "acreditar" dominam 1: 18-4: 25, enquanto "vida" e "viver" permeiam 5: 1-8: 39.[95] O gráfico fornece os detalhes:

	1: 18-4:	5: 1-8:
Fé /	33x	3x
Viver a	2x	24x

Concordo com esta avaliação de que o capítulo 5 inicia uma nova unidade. Além disso, parece-me que a prevalência de "viver / viver" em 5: 1-8: 39 sugere que Paulo está pensando nesses capítulos da vida da nova aliança - isto é, as bênçãos da nova aliança. Ele descreve esta vida como consistindo em sete bênçãos correspondentes às bênçãos da aliança do Velho Testamento (os capítulos 9-11 estão relacionados com as maldições da aliança). As bênçãos da nova aliança são baseadas na estipulação da fé em Cristo à parte da lei de Moisés. Na tabela 1, portanto, resumo sete bênçãos da aliança apresentadas por Paulo nesta nova unidade.

Com esse contexto em mente, sugiro o seguinte esboço para Romanos 5: 1-4 (observe que os versículos 2b-4 formam um quiasma, sugerindo que a esperança está condicionada ao sofrimento):

1. Paz com Deus (por meio da justificação) (5: 1-2a)
2. Esperança (por meio do sofrimento) (5: 2b-4)
    uma. Esperança da glória de Deus (5: 2b)

    b. Sofrimento (5: 3-4a)
    uma′. Esperança (da glória de Deus) (5: 4b)

Antecedentes Históricos e Culturais 1. Romanos 5: 1-8: 39, como vimos acima, aproveita o formato do convênio, principalmente a seção de bênçãos do convênio. Isso se conecta com a história de Israel - pecado, exílio e especialmente restauração. Por causa do pecado de Israel, Deus derramou

sobre aquela nação as maldições da aliança na forma de exílio. Mesmo assim, Deus sempre fez a promessa a Israel de que, se eles se arrependessem, ele restauraria a eles as bênçãos da aliança. Para Paulo, essas bênçãos estão aqui agora em Cristo para aqueles que acreditam nele.

2. O termo prosagōgē (NIV: “acesso”) em 5: 2a provavelmente tem dois fundos. O primeiro pode ser cúltico, em termos do adorador judeu vindo para

Deus no templo (o termo não ocorre na LXX, mas tem um paralelo nos Manuscritos do Mar Morto [1QS 11.13-15]). Em segundo lugar, e mais pronunciado, nos dias de Paulo, o termo teria evocado acesso por meio do camareiro real à presença do rei (ver Xenofonte,

Cyr. 7.5.45). Traduzir prosagōgē como "introdução" ou "acesso" é uma questão de debate, mas a primeira tradução pode implicar que os cristãos ganharam entrada diante de Deus apenas uma vez, enquanto o

a segunda tradução indica o aparecimento contínuo diante de Deus.

3. O tema da glória através do sofrimento (ver 5: 2b-4) tem dois antecedentes: Adâmico e escatológico. O primeiro tem a ver com a esperança acalentada no Judaísmo do Segundo Templo de que o sofrimento justo restauraria a glória perdida de Adão (por exemplo, 1QS 4.22-23; CD 3.20; 1QH

uma 4,15; 2 Baruch; 4 Esdras)[96] Em segundo lugar, o termo de Paulo para "sofrimento" em 5: 3,
thlipsis, pode simplesmente indicar sofrimento causado por circunstâncias externas, mas mais provavelmente se refere à tribulação dos últimos dias (compare, por exemplo, Dan. 12: 1 LXX; Marcos 13:19, 24; Ap. 6-19 com 2 Coríntios . 1: 4, 8; 2: 4; 1 Tes. 1: 6; 2 Tes. 1: 4), como argumentei em outro lugar.

[97]Essas duas origens - adâmica e escatológica - estão relacionadas: a crença emergiu no Judaísmo do Segundo Templo de que aqueles que sofreram a tribulação do tempo do fim por causa da justiça herdariam a glória perdida de Adão. Paulo parece estar usando esses antecedentes para dizer que os cristãos garantem a glória perdida de Adão para si mesmos enquanto sofrem por Cristo na tribulação dos últimos dias. Também vemos em 5: 2b-4 a tensão “já, mas ainda não”: os cristãos têm a esperança agora (o “já”) de que compartilharão da glória de Cristo em seu retorno (o “ainda não”).

Percepções interpretativas 5: 1-2atemos paz com Deus. . . esta graça na qual estamos agora
.[98]Os versículos 1-2a dão a primeira bênção da nova aliança pertencente ao cristão: paz com Deus baseada na justificação pela fé. Observamos acima que esta paz é a paz associada à nova aliança. E essa paz é baseada na estipulação da fé no Senhor Jesus Cristo (observe que o título completo é usado aqui). O acesso, ou aceitação, que os crentes têm com Deus em Cristo é sua participação no estado de graça. Os Manuscritos do Mar Morto são interessantes a este respeito, pois falam da entrada no "pacto da graça" (1QS 1.8; cf. 1QH

uma12,21-22; 15,30-31).[99]Isso parece ser o que Paulo tem em mente ao usar a descrição incomum "esta graça em que agora nos encontramos". Por meio da fé em Cristo, os crentes entraram na nova aliança da graça.



Os imperadores romanos podem ter trazido breves períodos de paz para o Império Romano, mas o foco de Paulo em Romanos é a paz com Deus por meio de Jesus Cristo. Esta é uma moeda de bronze cunhada durante a época de Nero (54-68 DC). Retrata o Templo de Jano com portas fechadas e as palavras PACE P (opuli) R (omani) TERRA MARIQ (ue) PARTA IANVM CLVSIT, que foi traduzido, "A paz do povo romano foi estabelecida na terra e no mar, ele fechou (o templo de) Janus. " Na Roma antiga, o Templo de Janus estava localizado perto do Fórum Romano. Desde o tempo de Augusto

tornou-se prática dos imperadores abrir as portas em tempos de guerra e fechá-las em tempos de paz. Nero fechou as portas em 66 DC após a derrota dos partos, e as moedas foram cunhadas para comemorar esse evento.

5: 2b-4nós nos gloriamos na esperança da glória de Deus. . . nós também nos gloriamos em nosso sofrimentos.Aqui está a segunda bênção da nova aliança: esperança. Observamos acima que 5: 2b-4 forma um quiasma, indicando que a esperança está condicionada ao sofrimento. Esses versos também formam uma retórica

gradação, por meio do qual as palavras são repetidas criando um efeito culminante: "sofrimento", "perseverança", "caráter", todos crescendo em "esperança" (cf. Tiago 1: 2-4; 2 Pedro 1: 6-7). Também observamos anteriormente que essa ideia de sofrimento que leva à esperança da glória de Deus é adâmica e escatológica. O sofrimento durante a tribulação do tempo do fim por causa da justiça restaurará a glória perdida de Adão ao crente. É interessante que Paulo justapõe o sofrimento e a nova aliança em 2 Coríntios: o primeiro em 4: 7-5: 21, o último em 3: 1-4: 6. Na verdade, o sofrimento por Jesus provou que Paulo era um verdadeiro apóstolo da nova aliança, ao

mesmo tempo que identifica o verdadeiro cristão (veja Rm 8: 16-17).



Paulo encoraja os crentes sofredores a “se gloriarem em nossos sofrimentos, porque sabemos que o sofrimento produz perseverança; perseverança, caráter; e caráter, esperança ”(Rom. 5: 3-4). O Circus Maximus foi um lugar onde os cristãos sofreram terrivelmente por sua fé por meio da criatividade e brutalidade romanas, especialmente sob o imperador Nero. Localizada entre as colinas do Palatino e do Aventino, era usada principalmente para corridas de bigas. A estrutura foi continuamente ampliada e eventualmente comportou cerca de duzentas mil pessoas, que podiam assistir a até doze carros correndo ao mesmo tempo. Esta vista aérea de um

seção da moderna cidade de Roma mostra os restos do Circo Máximo em primeiro plano.

Percepções Teológicas Pelo menos dois insights teológicos podem ser obtidos a partir Romanos 5: 1-4. Primeiro, a metáfora da reconciliação de Paulo (v. 11) forma um inclusio
com justificação (v. 1) de modo que os dois conceitos são apenas faces diferentes da mesma moeda. A reconciliação, com seu toque pessoal, fornece um bom equilíbrio para a linguagem jurídica de justificação que ele usa desde 1:17. Afinal, Deus é o Pai dos cristãos e eles estão em paz com ele. Em segundo lugar, o sofrimento não nega o fato de que uma pessoa é um verdadeiro cristão. Ao contrário do "evangelho da saúde e riqueza", que declara que o bem-estar e a prosperidade são prova de

fé cristã genuína, Paulo afirma que é o sofrimento que marca a verdadeira Cristãos, porque em suas aflições eles se identificam com a cruz.
Além disso, as provações são destinadas por Deus aos cristãos maduros e, portanto, devem ser bem-vindas. Por outro lado, Paulo não está promovendo o masoquismo. Os cristãos não precisam causar seus próprios problemas, nem devem saborear a dor que o sofrimento inflige. Na verdade, a esperança final para os cristãos é a ressurreição do corpo e a libertação de todas as feridas (veja Rm 8: 16-30).

Ensinando o Texto

Ao ensinar ou pregar Romanos 5: 1-4, é útil dividir as duas principais pontos acima em duas mensagens. O primeiro é “Romanos 5: 1-2a: Paz com Deus; Dois aspectos. ” Isso desenvolveria os dois aspectos da aceitação de Deus do crente em Cristo, justificação (5: 1) e reconciliação (5:11), visto que são ideias complementares. Como tal, a paz com Deus concede ao crente uma nova posição legal diante de Deus, bem como um relacionamento restaurado com ele. Ambos os aspectos são necessários. O primeiro sem o último forneceria um relacionamento correto, mas frio, ao passo que o último sem o primeiro não satisfaria o caráter santo de Deus. Felizmente, não precisamos escolher entre os dois, pois são lados diferentes da mesma moeda. A segunda mensagem é “Romanos 5: 2b-4: Esperança em Deus - sem dor, sem ganho”. Dois pontos emergem desses versículos: o sofrimento prova que alguém é verdadeiramente cristão e o sofrimento amadurece o cristão. Jesus disse que devemos nos alegrar se sofrermos por causa do seu nome, porque isso indica que estamos pegando sua cruz e o seguindo. Os crentes que vivem nas democracias modernas sabem pouco sobre esse aspecto da vida cristã, mas os seguidores de Jesus que vivem sob regimes totalitários ou teocracias extremistas experimentam tal aflição diariamente por causa de sua fé cristã. Alguém pode se perguntar o que pode esperar os crentes no Ocidente à medida que o cristianismo diminui em tamanho e influência. O outro aspecto positivo sobre o sofrimento por Cristo é que as dificuldades tornam os cristãos mais fortes em sua fé. Quanto mais Deus nos vê por meio de nossas aflições, mais aprendemos a confiar nele; e quanto mais confiamos nele, mais crescemos espiritualmente.

Ilustrando o Texto

A paz com Deus vem por meio da justificação e da reconciliação, que ele inicia.

Poesia: “O Cão do Céu”, de Francis Thompson.Thompson (1859-1907) foi um poeta e ensaísta que lutou ao longo da vida contra o vício do ópio. Seu poema “O Cão do Céu” é uma narrativa poderosa do trabalho firme, majestoso, mas intransigente de Deus que busca e reconcilia em sua vida. Embora o poeta fuja dele, Deus permanece sem pressa e imperturbável até que finalmente o perseguido compreende que este é o verdadeiro amor de um Deus determinado. Valeria a pena ler em voz alta várias das estrofes memoráveis e freqüentemente citadas.

O sofrimento permite ao cristão amadurecer e se identificar com a cruz.

Filme: Molokai: A História do Padre Damien.Este comovente filme (1999) conta a verdadeira história do Padre Damien (1840-89), um padre católico da Bélgica que se ofereceu para ir à ilha de Molokai para ministrar aos leprosos abandonados, vivendo na miséria e necessidade. Ele foi o primeiro sacerdote a ir para Molokai. Embora advertido por seu bispo para não tocar em leprosos, ele arriscou sua saúde e sua vida para alcançá-los e, eventualmente, ele próprio contraiu lepra. Sua influência foi de longo alcance; seus pedidos de ajuda para essas pessoas foram ouvidos. Seu ministério agora é freqüentemente citado como um exemplo de como a sociedade deve cuidar de pessoas com HIV / AIDS.



Uma foto do Padre Damien tirada pouco antes de morrer em 1889

Testemunho pessoal:Por mais de 25 anos, minha esposa sofreu de uma doença crônica rara. Embora ao longo dos anos eu (Marvin) tentasse

compreendê-la e confortá-la, como eu não tinha realmente a condição, não conseguia me relacionar com sua dor. Então, cerca de treze anos atrás, decidi pedir ao Senhor que me permitisse pegar a mesma doença para que pudesse me identificar significativamente com ela. E o Senhor respondeu a essa oração. Cerca de dois anos depois, fui diagnosticado com uma doença rara de minha esposa. Agora, eu realmente me identifico com seu sofrimento e posso servir melhor

sua. Meu sofrimento permitiu que eu me identificasse com sua aflição.

As Bênçãos da Nova Aliança: Amor

Grande ideiaA unidade anterior tratou das bênçãos da aliança de paz e esperança em 5: 1-4. Nesta unidade, examinamos a bênção da aliança de amor em 5: 5-11. O amor é a hesed de Deus - a fidelidade de Deus que guarda a aliança para com seu povo, que é confirmada pela habitação do Espírito Santo e, acima de tudo, pela morte de Cristo.

Tema principal de Romanos 5: 5-11

Paulo expressa o amor de Deus em termos trinitários: a fonte do amor divino é Deus Pai; o meio de demonstração de amor de Deus é o Espírito Santo; a prova do amor de Deus é a morte de Cristo.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Podemos delinear Romanos 5: 5-11, a bênção da aliança de amor, assim:

1. A fonte do amor é Deus (5: 5a)
2. O meio de amor é o Espírito interior (5: 5b)
3. A prova do amor é a morte de Cristo (5: 6-11)
    uma. A morte de Cristo foi escatológica (5: 6)

b. A morte de Cristo foi sacrificial (5: 7-8)



-

b. A morte de Cristo foi sacrificial (5: 7-8)
c. A morte de Cristo fornece segurança eterna (5: 9-11)

Antecedentes Históricos e Culturais 1. O sofrimento e a morte de Cristo como retratado em Romanos 5: 6-11 lembra dois temas judaicos. O primeiro é o velho Sistema sacrificial testamentário, ao qual Paulo alude em 5: 6-8: Cristo morreu "por" (
hiper[4x]) nós. A preposição hiper significa "em nome de" e está relacionado a outro termo usado para a morte de Cristo no Novo Testamento,
anti, significando "no lugar de." A morte de Cristo pelo pecador e no lugar dele se baseia na imagem de um animal sendo sacrificado em nome do adorador para a remissão dos pecados. Em segundo lugar, como James Dunn mostra, a morte sacrificial de Cristo também é retratada contra o pano de fundo dos mártires macabeus, cujas mortes foram vistas como expiação pelos pecados do antigo Israel (2 Mac. 7: 9; 8:21; 4 Mac. 1: 8, 10).

~~[100]~~

2. As palavras "muito mais" em 5: 9, 10, 15, 17 indicam que Paulo está usando outra técnica hermenêutica rabínica, qal wahomer(leve e pesado) (veja, na unidade em Rom. 4: 1-8, a barra lateral sobre as regras de interpretação bíblica do Rabino Hillel). Este é um argumento da premissa maior para a premissa menor. Aplicado a 5: 9-10, o argumento é assim:

Premissa principal: nos justificou no passado (5: 9a)

Premissa secundária: nos entregará no futuro (5: 9b)

Premissa principal: nos reconciliou no passado (5: 10a)
Premissa secundária: nos entregará no futuro (5: 10b)

O argumento, então, diz o seguinte: se Deus nos justificou / reconciliou como pecadores no passado (a coisa realmente difícil de fazer), então Deus certamente nos manterá eternamente seguros no futuro (algo que é relativamente fácil comparado a nos salvar pecadores no passado). Também se pode ver no paralelismo de 5: 9-10 que a justificação e a reconciliação estão se referindo à mesma realidade - aceitação diante de

Deus - mas usando metáforas diferentes.



Os gregos não acreditavam que alguém pudesse ter um relacionamento pessoal com os deuses do panteão grego. Este relevo votivo mostra uma reunião de deuses gregos (400-350 aC). Zeus está no centro superior com Perséfone e depois Hades, movendo-se no sentido horário. Ao lado de Zeus no sentido anti-horário está Pan. A máscara do deus do rio Achelous está sobre a mesa. Os outros deuses não podem ser identificados.

3. O termo "reconciliação" (verbo Katallassō; substantivo Katallagē) em 5: 10-11 tem uma história muito interessante que lança uma luz maravilhosa sobre esses versículos. “Reconciliação” não é usada na literatura grega antiga para os humanos serem restaurados às divindades que eles adoravam, uma vez que a mentalidade dos gregos em relação à religião era que não se podia ter um relacionamento pessoal com o panteão grego de deuses. A LXX é um avanço óbvio sobre o pensamento grego clássico, pois os humanos podem se reconciliar com Deus porque podem ter um relacionamento pessoal com ele. Mas nos lugares onde “reconciliação” é usada para humanos e Deus, é uniformemente o caso que os humanos devem iniciar essa restauração obedecendo mais uma vez à Torá (2 Mac. 1: 5; 7:33; 8:29). Mas aqui em Romanos 5: 5-11 (cf. 2 Cor. 5: 18-21), Paulo declara que Deus é aquele que iniciou nossa reconciliação com ele, enviando seu Filho para morrer por nós,

Percepções interpretativas 5: 5 O amor de Deus foi derramado em nossos corações

por meio do Espírito Santo.Em 5: 5-11 encontramos a terceira bênção da nova aliança discutida em 5: 1-11: amor. Toda a Trindade está envolvida no amor de Deus pelo crente: a fonte do amor é Deus Pai (v. 5a); o meio de amor é a habitação do Espírito Santo (v. 5b); a prova do amor é a morte de Cristo (vv. 6-11). Quanto à fonte do amor, a frase grega de Paulo é

hē agapē tou theou

("O amor de Deus"). Com base no fluxo do pensamento de Paulo em 5: 5-11, é inegável que aqui o genitivo ("de Deus") é subjetivo (= o amor de Deus por nós) ao invés de objetivo (= nosso amor por Deus). Deus o Pai é o iniciador de nossa salvação, assim como foi para o antigo Israel (Deuteronômio 4:37; 10:15; veja também Deuteronômio 7: 8; 23: 5). Foi o puro amor de Deus que chamou Israel para uma aliança com ele, e foi Deus

hesed—Amor fiel — que manteve a aliança com Israel. Yahweh não desqualificou Israel; Israel se desqualificou de ser o povo permanente de Deus quebrando as estipulações da aliança. Agora, o amor da aliança de Deus repousa sobre a igreja, composta principalmente de gentios.

O meio de amor é a habitação do Espírito Santo (5: 5b). Muitos comentaristas observam corretamente que a cláusula "o amor de Deus foi derramado em nossos corações" deve ser equiparada à habitação do Espírito Santo. Assim, o Espírito Santo é o meio subjetivo pelo qual Deus comunica seu amor pelos cristãos. E não deve ser esquecido nesta discussão a conexão bem conhecida entre 5: 5 e o derramamento do Espírito no dia de Pentecostes, a inauguração da nova aliança (compare Atos 2: 17-18 com Joel 2:28 -29).

5: 6-8na hora certa. . . Quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós.

Em 5: 6-11, Paulo apresenta a prova do amor de Deus por nós: a morte de Cristo. Paulo aqui se baseia em três aspectos da morte de Cristo: é escatológica (v. 6), é sacrificial (vv. 7-8) e fornece segurança eterna (vv. 9-11). A palavra

Kairos

("Hora certa") em 5: 6 indica mais do que "hora" comum (cronos) Aqui Kairos
explora a crença da igreja primitiva de que a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo inaugurou a era por vir, a nova aliança (ver Rom. 13: 11-14). A morte de Jesus significou a derrota desta era presente com sua impotência diante do pecado e abriu o reino de Deus para os pecadores. Os versos 7-8 indicam que a morte de Jesus foi sacrificial; era "em nome de" (

hiper) pecadores. Tem havido muito debate sobre esses dois versículos, se Paulo aqui diferencia uma pessoa justa de uma pessoa boa em relação à morte de Cristo. Eles podem ser sinônimos, ou o primeiro pode ser uma pessoa moralmente correta e o último um benfeitor. De qualquer forma, a questão é a mesma: a maioria das pessoas não morreria por uma pessoa respeitada e honesta, muito menos por um pecador. Mas foi exatamente isso que Cristo fez. Ele morreu por nós quando ainda éramos pecadores.



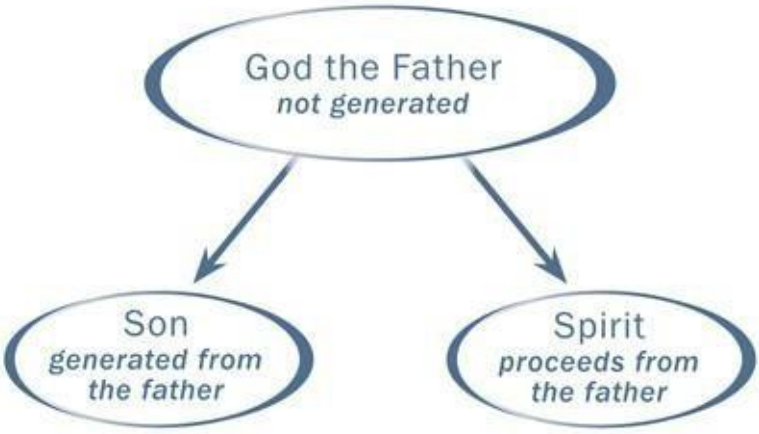
Em Israel, as ofertas pelo pecado eram trazidas por indivíduos ou pelo sacerdote em nome da comunidade. Os animais sacrificados pelo pecado eram geralmente touros ou cabras, conforme prescrito pela lei mosaica. Este relevo de Zincirli (século VIII aC) mostra um homem carregando uma gazela nos ombros, talvez trazendo-a como um sacrifício.

5: 9-11justificado por seu sangue. . . salvo da ira de Deus. Versos 9-11 destacar o aspecto eterno da morte de Cristo no que se refere à morte do crente garantia no dia do julgamento. Como mencionado acima, Paulo usa o qal wahomer
técnica interpretativa em 5: 9-10 no sentido de que se Deus já cumpriu a tarefa realmente difícil de nos justificar / reconciliar-nos como pecadores consigo mesmo, então preservando o cristão espiritualmente no dia do julgamento ("salvo da ira de Deus" / "salvo por meio de sua vida ”) é uma tarefa relativamente fácil em comparação. Esta mensagem assegura aos crentes que eles estão eternamente seguros em Cristo. Em 5:11, o leitor volta a 5: 1 regozijando-se por os crentes se reconciliarem com Deus, o outro lado da justificação. O primeiro é relacional, enquanto o segundo é legal, mas ambos transmitem a verdade de que os cristãos são aceitos por Deus em Cristo.

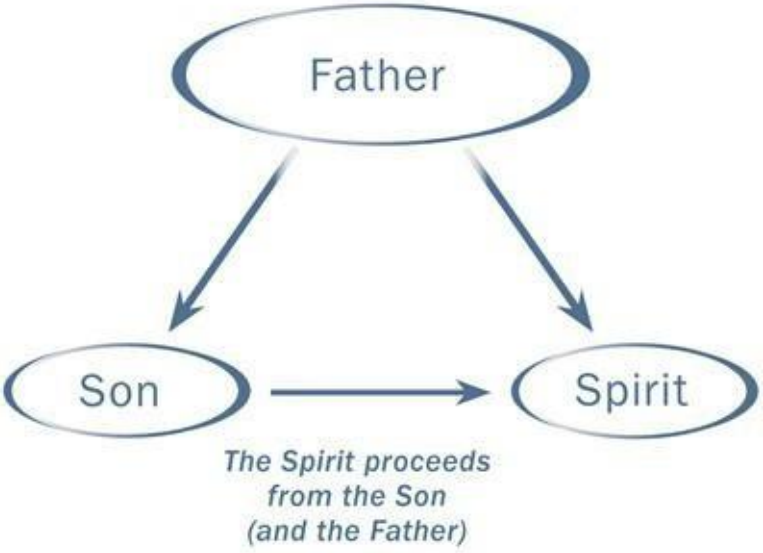
O Debate Filioque

O filioque (Latim para "e [de] o filho") debate centra-se em se o Espírito procede apenas do Pai (portanto a Igreja Ortodoxa Grega) ou de ambos o Pai e o filho(então Agostinho e a Igreja Ocidental). As seguintes ilustrações representam as duas posições:

Igreja Ortodoxa Grega



Agostinho e a Igreja Ocidental



O argumento de Agostinho “completa” melhor a Trindade do que a visão ortodoxa grega.

Percepções Teológicas Duas percepções importantes podem ser vistas em Romanos 5: 5-11.

Primeiro, Deus é o iniciador da justificação e reconciliação. Foi seu amor pela humanidade que o motivou a enviar seu Filho para morrer por nossos pecados. Em segundo lugar, o destino eterno do cristão está seguro em Cristo. Visto que Deus nos salvou como pecadores, ele nos manterá como seus filhos por toda a eternidade.[101]

Ensinando o Texto

Uma mensagem nesta unidade é “Romanos 5: 5-11: O Amor da Trindade”. Este tópico poderia simplesmente usar três subpontos acima: a fonte do amor é Deus Pai; o meio de amor é o Espírito Santo; a prova do amor é a morte de Cristo. Agostinho pensou que o amor está na base do relacionamento da Trindade, pois o Espírito procede tanto do Pai quanto do Filho (para grande irritação da Igreja Ortodoxa Grega, que argumenta que o Espírito procede apenas do Pai [ver a barra lateral]) Aqui em Romanos 5: 5-11, Paulo nos fornece talvez a menção mais explícita do delineamento dos papéis amorosos do Pai, do Filho e do Espírito Santo para com a humanidade. Deus Pai é o autor do amor. O amor que ele compartilha com o Filho e o Espírito, ele também demonstra criando o mundo como objeto de seu amor. Na verdade, Deus amou o mundo a ponto de estar disposto a desistir de seu Filho - isto é, negar seu amor a seu Filho na cruz. A morte de Cristo na cruz pela humanidade obviamente revelou seu imenso amor pelos pecadores. Esse amor não apenas absorveu o pecado de um mundo hostil, mas também estava disposto a sofrer o abandono divino e a hostilidade, mesmo que apenas por um tempo. E o Espírito Santo é aquele que transcende o tempo para trazer à consciência do pecador a profundidade do amor demonstrado na cruz, tornando a morte de Jesus uma realidade existencial. Esse amor não apenas absorveu o pecado de um mundo hostil, mas também estava disposto a sofrer o abandono divino e a hostilidade, mesmo que apenas por um tempo. E o Espírito Santo é aquele que transcende o tempo para trazer à consciência do pecador a profundidade do amor demonstrado na cruz, tornando a morte de Jesus uma realidade existencial. Esse amor não apenas absorveu o pecado de um mundo hostil, mas também estava disposto a sofrer o abandono divino e a hostilidade, mesmo que apenas por um tempo. E o Espírito Santo é aquele que transcende o tempo para trazer à consciência do pecador a profundidade do amor demonstrado na cruz, tornando a morte de Jesus uma realidade existencial. Esse amor não apenas absorveu o pecado de um mundo hostil, mas também estava disposto a sofrer o abandono divino e a hostilidade, mesmo que apenas por um tempo. E o Espírito Santo é aquele que transcende o tempo para trazer à consciência do pecador a profundidade do amor demonstrado na cruz, tornando a morte de Jesus uma realidade existencial.

Ilustrando o Texto

A Trindade mostra a fonte (Pai), meio (Espírito) e prova (Filho) do amor.

Texto do hino: “O Amor de Deus”, de Frederick M. Lehman.Lehman (1868-1953) escreveu esta canção em 1917 em Pasadena, Califórnia. O texto é baseado em um poema judeu chamado

Haddamut, escrito em aramaico em 1050 por Meir Ben Isaac Nehorai, um cantor em Worms, Alemanha. O poema do cantor foi traduzido para pelo menos dezoito idiomas. O hino é um belo testemunho do amor de Deus, usando metáforas para ilustrar, e se resume no refrão: “Ó amor de Deus, quão rico e puro! / Quão imensurável e forte!

Será para sempre

aguentar A canção dos santos e dos anjos. ”

Arte: A Trindade, de Lucas Cranach, o Velho.Pintor e gravador alemão da Renascença, Cranach (1472-1553) é famoso por seus desenhos em xilogravura da primeira edição do Novo Testamento alemão e pelos retratos de Martinho Lutero, que era um amigo próximo. Dentro A Trindade, poderosa pintura a óleo sobre madeira, Deus Pai, coroado e vestido de rei, levanta-se de pé segurando o flácido Cristo crucificado, em cujo joelho esquerdo está pousado o Espírito Santo, em forma de pomba com asas desenroladas. Em torno da borda da pintura estão jovens anjos olhando. É uma ilustração visual intrigante (veja a foto).



Detalhe de A Trindade, por Lucas Cranach, o Velho (1472-1553)

Os crentes estão eternamente seguros em Cristo.

História: “Oração de um soldado confederado”, autor desconhecido. Esta oração é

atribuído a um soldado confederado cansado da batalha cujo corpo foi encontrado perto do final da Guerra Civil. Em seu poema, ele expressa a ironia de que em resposta a tudo que ele pediu a Deus foi dado o oposto, o que criou nele compaixão, crescimento e bênção.

> Pedi força a Deus, para que eu pudesse alcançar;
> Fui enfraquecido para aprender a obedecer com humildade. Pedi saúde para fazer coisas maiores; Recebi enfermidade para fazer coisas melhores. Pedi riquezas para ser feliz; Recebi pobreza para ser sábio. Pedi poder para receber o louvor dos homens; Recebi fraqueza, para que pudesse sentir a necessidade de Deus. Eu pedi todas as coisas para aproveitar a vida; Foi-me dada a vida para desfrutar de todas as coisas. Não recebi nada do que pedi, mas tudo que esperava. Quase apesar de mim, minhas orações não ditas foram respondidas. Estou entre todos os homens mais ricamente abençoados.

O amor é a base do relacionamento da Trindade.

Livro: The Shack, por William P. Young. Este romance best-seller (2007) tem capturou a imaginação dos cristãos ao retratar as três pessoas do Trinity como em um relacionamento dinâmico e amoroso um com o outro. O livro foi recomendado por alguns estudiosos bíblicos proeminentes, como Eugene Peterson, que o chama O progresso do peregrinopara o nosso tempo, e denunciado por outros, como James DeYoung, que o vê como incrustado de erros que atingem o coração do evangelho. Assim, a abordagem do livro sobre o relacionamento do Espírito Santo com o crente pode valer a pena prosseguir por meio de discussão e educação.

Além disso, a comunhão da Trindade retratada em The Shack toca em A visão de Agostinho sobre o filioque debate mencionado acima em que o Espírito procedendo do Pai e do Filho "completa" a Trindade. Além disso, Agostinho disse que o Espírito Santo é o amor que conecta Pai e Filho. Assim é que

The Shack dramatiza a aparência do Espírito como amor que une Pai e Filho e como o Espírito pode ser experimentado pelo crente.

Adão, a Lei e a Maldição da Aliança

Grande ideiaPaulo apresenta outra bênção da nova aliança: os cristãos são parte da nova humanidade criada por Cristo, o último Adão. O pecado e a morte, instigados pela lei da velha aliança, começaram com a queda do primeiro Adão. Esta é a maldição da aliança. Mas Cristo desfez as consequências do pecado de Adão obedecendo a Deus e, assim, criando a nova humanidade.

Temas principais de Romanos 5: 12-14

A morte, tanto física quanto espiritual, é o resultado do pecado, e tanto o pecado quanto a morte começaram com Adão.
Adão é o representante da velha humanidade, enquanto Cristo, o último Adão, é o representante da nova humanidade.
Visto que Adão é o representante da velha humanidade, seu pecado e morte impactam a todos.
A lei que Adão quebrou foi a Torá antes de sua inscrição por Moisés.
Mais particularmente, Adam transgrediu a Torá para todos. Na verdade, a lei de Moisés como a estipulação da antiga aliança provocou Adão ao pecado, o que resultou em morte. Esta é a maldição da aliança.



-
-
-
-
-

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 5: 12-21 continua o tema iniciado em 5: 1-11: as bênçãos da nova aliança substituíram a antiga aliança ineficaz. As bênçãos especificadas em 5: 1-11 são paz, esperança e amor. Aqui em 5: 12-21 a bênção da nova aliança é a nova humanidade em Cristo, o último Adão. Romanos 5: 12-21 divide-se em duas unidades: versos 12-14 e versos 15-21. Os versos 12-14 relatam como o mundo se tornou inimigo de Deus: o pecado de Adão (e o pecado de Eva, embora Paulo não a mencione aqui; mas veja 2 Coríntios 11: 3; 1 Timóteo 2: 13-14) tornou o mundo hostil a Deus. Os versículos 15-21 proclamam como é que a humanidade está sendo reconciliada com Deus: a obediência de Cristo a Deus está levando muitos à fé nele. Os versículos 12-14 se desdobram em dois pontos:

1. Adão como o originador do pecado e da morte (5:12)
2. A lei da antiga aliança como a instigadora do pecado de Adão (5: 13-14)

Antecedentes Históricos e Culturais 1. A primeira peça importante de a informação de fundo é o ensino judaico sobre Adão e a queda. Embora o Judaísmo do Segundo Templo pudesse culpar outros culpados por perpetrar a queda da raça humana (Satanás [Sb 2: 23-24]; os Vigilantes, que eram anjos caídos [

1 En.6-36; cf. Gn 6: 1-7]; Eva [senhor. 25:24; LAE 44;Apoc. Mos.14; 32]), mais frequentemente do que não colocava a culpa diretamente nos ombros de Adão com base em Gênesis 2-3 (por exemplo, 1QS 4.22-23; CD 3.20; 1QH

uma 4,15; 4 Esdras 4,30; 2 Bar. 23,4;
48,42). Paulo concorda com o sentimento aqui em 5: 12-14 (cf. 1 Cor. 15: 21-22).
2. O antigo fenômeno hebraico conhecido como “personalidade corporativa” pode muito bem estar em jogo aqui. Personalidade corporativa é a ideia de que as ações de uma pessoa representam muitas. Josué 7: 1-26

ilustra isso na maneira como atribui o pecado de Acã a todo o Israel (daí sua derrota na batalha de Ai) e na maneira como toda a família de Acã foi punida com ele. Aqui Acã, como Adão, cometeu ações consideradas como sendo as ações daqueles que ele representou.

[102] Hebreus 7:10 parece tocar no mesmo conceito quando fala de Levi estando nos lombos de Abraão quando ele deu o dízimo a Melquisedeque. Que Paulo tem algo semelhante em mente em Romanos 5: 12-21 é sugerido por seu uso de “um” (12x) e “os muitos” (9x), termos comuns no antigo Judaísmo para designar as ações representativas de um indivíduo. A própria estrutura de 5: 12-21, que contrasta as duas cabeças da raça humana, Adão e Cristo, também sugere essa ideia de personalidade corporativa.

Percepções interpretativas 5:12 o pecado entrou no mundo através de um homem.[103] Eu sugiro que 5: 12-14 defende que a lei da antiga aliança ocasionou o pecado de Adão e a subsequente maldição que lançou sobre toda a humanidade. Em 5:12, Paulo afirma que Adão é o originador do pecado e da morte. Isso fica claro no versículo 12a. Mas uma tempestade de controvérsias centrou-se na tradução e no significado de duas palavras gregas,
eph 'hō, que ocorre no versículo 12b. Existem quatro visões principais do significado desta frase, descritas na tabela 1.

Tabela 1: Quatro pontos de vista sobre o significado de eph 'hō em Romanos 5:12

Pelagius (monge do quinto século que se opôs ao conceito de pecado original)	Agostinho (quinto-bispo do século que opôs-se a Pelágio)	João calvino (século dezesseis Reformador quem introduziu um “meio termo ”no discussão: o pecador natureza)	Douglas Moo (comentarista moderno quem representa muitos que argumentam que 5:12
eph 'hō = contração de epi toutō hoti ("Sobre isso"), que deve ser traduzido como "Porque"	eph 'hō = preposição e pronome (“em ele ”), que deveria ser traduzido como “em	eph 'hō = contração de epi toutō hoti ("Sobre isso"), qual deveria ser traduzido como “porque”	eph 'hō = contração de epi toutō hoti ("Sobre isso"), qual deveria ser traduzido como "Porque"
Pelágio entendeu que isso significava que O pecado de Adão afetou apenas a si mesmo, e que todo ser humano desde Adão escolheu pecar. Desse modo, não há pecado original que	Agostinho argumentou por isso que tudo de a humanidade era biologicamente em Adam quando ele caiu no Jardim. Assim, cada	Calvin argumentou que Paulo está baseando o reino universal de morte sobre o pecador natureza que o ato de Adão	Moo argumenta que “Porque todos pecaram” significa que a humanidade estava em solidariedade com O pecado de Adão
Veja Agostinho, Duas Epístolas dos Pelagianos, 4.4.7 (para ambos os pontos de vista dele e de Pelágio); Calvin, Institutos			

Acho que Moo está correto. A visão de Pelágio tem a tradução correta, mas não pode explicar como é que todo ser humano desde Adão, por vontade pessoal, repetiu seu pecado. Ao contrário, deve haver alguma conexão entre Adão e a humanidade, de modo que esta siga seus passos. A tradução de Agostinho é sem dúvida incorreta. Calvino apresenta uma ideia, a natureza pecaminosa, que pode muito bem ser verdade, mas não é mais do que uma implicação no texto.

5: 13-14o pecado estava no mundo antes da lei. . . a morte reinou desde a época de Adão até a época de Moisés.O segundo ponto de Paulo é que a lei de Moisés, a estipulação da antiga aliança, foi a ocasião para o pecado de Adão. A melhor maneira

desenvolver esta tese é estabelecer as sete etapas em que ela se baseia.

1. A morte reinou de Adão a Moisés por causa do pecado de Adão.

2. O pecado pressupõe que uma lei foi violada. Observe que a lógica de Paulo retrocede de Moisés a Adão:

Moisés	Humanidade	Adão
Lei inscrita	Morte governou	Pecado contra a lei antes de sua inscrição

3. A lei que Adão quebrou foi a Torá antes de ser inscrita por Moisés. Romanos 7: 7-12 enfatiza esse ponto, pois era uma suposição comum no Judaísmo do Segundo Templo que o mandamento que Adão e Eva quebraram era o de não cobiçar (ter o conhecimento do bem e do mal e, assim, ser como Deus), e que tal comando resumia toda a Torá. James Dunn coloca desta forma: “Assim, o mandamento que Adão recebeu ('Não comereis', Gênesis 2:17) poderia ser visto não como uma regra isolada, mas como uma expressão da Torá, e ao quebrá-la, Adão pode-se dizer que violou os estatutos (plural) de Deus

.....A forma mais antiga desse ensino pode muito bem ser já em Paulo. Paulo, em sua repetida equação de 'o mandamento' com '(a) lei' em [Romanos 7] vv. 8, 9 e 12, muito provavelmente mostra sua familiaridade com ele. ”

~~[104]~~

4. Foi a transgressão de Adão contra a Torá, a estipulação do antigo aliança, que trouxe a maldição divina - isto é, a maldição da aliança: morte, não vida.



As cenas da queda de Adão e Eva e de Moisés recebendo a lei estão gravadas uma ao lado da outra na tampa do sarcófago da Roma do século IV DC. A lei que Adão quebrou foi a Torá antes de ser inscrita por Moisés.

5. Se Paulo realmente quer dizer em 5: 13-14 que foi a Torá que Adão quebrou, então, o significado da próxima cláusula - que a humanidade não cometeu o mesmo pecado que a transgressão de Adão da ordem de não cobiçar - é resolvido. Embora a humanidade entre Adão e Moisés não pudesse ter pecado contra a Torá, Adão pecou, e ele o fez como representante de todos. Assim, em solidariedade com Adão, a humanidade quebrou a Torá e agora sofre a maldição da antiga aliança, que é a morte.

6. O antigo Israel se via como o novo Adão e pensava que sua obediência à lei de Moisés resultaria em uma nova humanidade; isto é, Israel foi o último / Adão escatológico.
[105]Mas em Romanos 1:23, Paulo deu a entender que Israel ainda estava no velho Adão, como evidenciado por sua adoração ao bezerro de ouro, mesmo quando Moisés apresentava a lei de Deus a eles. Além disso, como argumentei em outro lugar, Paulo em 1 Coríntios 10: 6-10 sugere que a lei da antiga aliança instigou a idolatria de Israel no deserto.

[106]Gálatas 3:19; Romanos 4:15; 5:20; 7: 7-12 concorda com Romanos 5: 13-14 que a lei de Moisés como a estipulação da antiga aliança leva alguém à desobediência, não à obediência. Tudo isso é para dizer que Paulo cria que a lei de Moisés e a velha aliança ainda estão em Adão e participam da velha humanidade.

[107]

7. Mas a lei de Moisés é parte do plano divino, pois, ao aumentar o pecado, prepara o caminho para o verdadeiro e último Adão,[~~108~~]Jesus Cristo. Cristo, não Israel, é o fundador da nova humanidade, cuja obediência a Deus desfez o trágico legado do primeiro Adão. É por isso que Paulo pode dizer que Adão é um tipo ou padrão daquele que está por vir,[~~109~~] porque ambos os homens são representantes universais.

Percepções Teológicas Duas percepções teológicas principais confrontam o leitor em Romanos 5: 12-14. Primeiro, a explicação bíblica da origem do mal / pecado é a queda de Adão e Eva. Essa visão, é claro, presume que aqueles dois eram pessoas reais. Em segundo lugar, o pecado é tanto individual quanto corporativo por natureza. Em relação a este último, ninguém está isento da rede do pecado que influencia a sociedade. Herdamos o abuso, a tragédia, a desvantagem e a disfunção, sem falar nas consequências das escolhas erradas dos outros. Mas o poder do evangelho é capaz de nos libertar das algemas das gerações anteriores e, na verdade, de nossos próprios erros e pecados. Como participantes da nova humanidade em Cristo, temos o poder de tomar decisões salutares que honram a Deus e ajudam os outros.

Ensinando o Texto

Alguns sermões vêm à mente em Romanos 5: 12-14. O primeiro é "O que há de errado com o mundo?" Aqui é possível resumir teorias sobre a origem do mal (marxista, ateísta / evolucionária e oriental / dualista) e discutir e defender a visão bíblica. Assim, o marxismo argumenta que o capitalismo é a raiz de todo mal porque divide a humanidade em ricos e pobres. E um dia surgirá uma sociedade sem classes na qual os bens materiais serão distribuídos igualmente a todos. A evolução ateísta tenta acalmar nossos medos sobre o mal, afirmando que a má ação da parte dos humanos é um comportamento animal residual que se extinguirá talvez em alguns milhões de anos mais. A religião oriental, com seu princípio de yin e yang, acredita que o bem e o mal são inerentes ao universo e, de fato, estão dualisticamente relacionados. Um não pode ter um sem ter o outro. A tradição judaico-cristã baseada na Bíblia, entretanto, argumenta que Deus criou os primeiros humanos com uma vontade, e com essa vontade Adão e Eva escolheram desobedecer a Deus. Esta é a origem do mal, e essa escolha primitiva tem assombrado a humanidade desde então.

Em segundo lugar, alguém pode falar desta passagem sobre o tópico “Adão, Eu e a 'Maçã' na Árvore”. Esta mensagem pode destacar as dimensões individuais e corporativas do pecado mencionadas acima. Mas mesmo assumindo a precisão da discussão acima a respeito da influência da interseção do indivíduo

e decisões corporativas sobre nós, no final do dia todos nós apareceremos diante de Deus e seremos avaliados com base nas decisões que tomamos, e não com base em como as escolhas de outros afetaram nossas vidas.

Ilustrando o Texto

A origem do mal / pecado é a queda de Adão e Eva.

Teoria Popular:Conforme observado na seção "Ensinando o Texto", pode-se contrastar a posição bíblica sobre a origem do mal com as teorias marxista, ateísta / evolucionária e oriental / dualista. Citações de fontes primárias podem ser mostradas ou impressas.

Literatura: Paraíso Perdido, de John Milton. Este poema épico de John Milton (1608-74) foi publicado pela primeira vez em 1667 em dez livros. O livro 9 conta a história da queda e o arrependimento que se segue. É legível e emocionalmente envolvente. Leva o leitor a ver e até sentir o "antes e depois" e o horror do pecado.

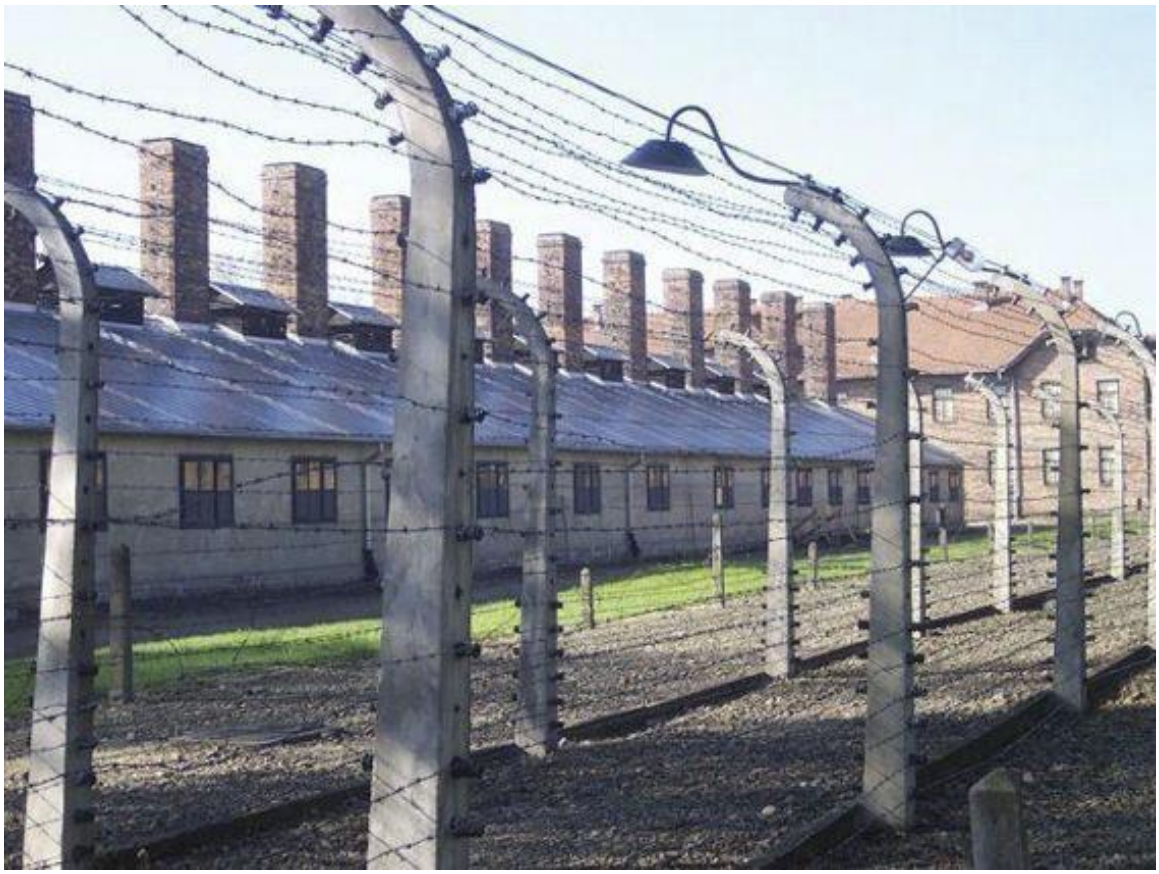
O pecado é tanto individual quanto corporativo por natureza.

Notícia:Pode-se levar o público a pensar sobre alguns dos CEOs de nossos dias (por exemplo, Bernie Madoff, que fraudou muitas pessoas em seus fundos de aposentadoria) cujas decisões individuais representaram um desastre para milhões. Outro exemplo é o incendiário que ateia fogo que queima milhares de hectares, destrói centenas de casas e até tira vidas.

História:Relatos de fontes primárias sobre o Holocausto (cartas, relatos de testemunhas oculares e memórias) mostram a natureza terrível do mal corporativo. Dois desses recursos são
O Diário de Anne Frank (1947) e Viktor Frankl's A busca do homem por um significado (1946).

Filme: Julgamento em Nuremberg.Este drama de 1961, dirigido por Stanley Kramer, gira em torno de um tribunal militar no qual quatro juízes nazistas são acusados de crimes contra a humanidade por suas atividades durante o regime de Hitler. O presidente do tribunal, Dan Haywood (interpretado por Spencer Tracy), faz um esforço para compreender como o réu Ernst Janning (interpretado por Burt Lancaster) poderia ter proferido sentenças resultando em genocídio e como o povo alemão poderia ter ignorado o Holocausto. A

forma como os indivíduos são coniventes com os crimes do Estado é o foco do filme.



Seção preservada da cerca de arame farpado e quartel em Auschwitz, o maior dos campos de concentração erguidos pelo regime nazista. Aqui, os prisioneiros nazistas forneceram trabalho forçado para empresas nazistas. Foi também um local de matança com câmara de gás e crematório. Foi aqui que Josef Mengele realizou seus horríveis experimentos médicos. Mais de um milhão de pessoas morreram nos três campos que compunham o complexo de Auschwitz. O Holocausto ainda permanece fresco nas mentes do mundo ocidental como um exemplo de mal corporativo.

Literatura: “The Lottery”, de Shirley Jackson. Este conto de Jackson (1916-65), publicado em O Nova-iorquino em 1948, despertou grande polêmica após a sua publicação. A história se passa em uma pequena aldeia onde as pessoas estão fortemente unidas e a tradição reina suprema. Um evento anual é realizado no qual um indivíduo da cidade é selecionado aleatoriamente para ser apedrejado brutalmente por amigos e familiares. Esse ritual, que visa garantir uma boa colheita, existe há mais de setenta e sete anos e é praticado por todos na cidade. O tom da história é quase alegre, às vezes festivo, e mostra o poder do mal corporativo.

Romanos 5: 15-

A Nova Humanidade como uma Bênção da Nova Aliança

Grande ideiaPaulo contrasta Cristo, o último Adão, com o primeiro Adão. Esse contraste revela que Cristo inaugurou a nova humanidade, uma bênção da nova aliança. Ao fazer isso, Cristo derrotou o pecado e a morte que caracterizavam a velha humanidade e a velha aliança. Cristo garantiu a vida da nova aliança para aqueles que acreditam nele.

- Temas principais de Romanos 5: 15-21

Paulo reverte as bênçãos e maldições deuteronômicas: aqueles que tentam obedecer à lei seguem o primeiro Adão, experimentando sua
- transgressão e morte, enquanto aqueles que crêem em Cristo, o último Adão, à parte da lei, experimentam sua justiça e vida. O último é o amanhecer da nova humanidade, uma bênção da nova aliança.
- Romanos 5: 12-14 e 5: 20-21 contêm um padrão paradigmático contrastante:
  - Adão: A lei de Moisés levou ao pecado, que o levou à morte (vv. 12-14)
  - Cristo: a graça conduz à justiça, que conduz à vida (vv. 20-21)

Romanos 5: 12-14 e 5: 20-21 formam um inclusio para 5: 15-19, projetando o padrão anterior nos versículos 15-19.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 5: 15-21 qualifica a declaração de conclusão de Paulo em 5:14 de que Adão é um tipo [110]de Cristo. Assim, por um lado, Adão é um tipo de Cristo no sentido de que sua ação, como a de Cristo, teve um impacto universal (v. 14). Por outro lado, Paulo quer mostrar como Cristo é diametralmente oposto a Adão (vv. 15-21).

Os versículos 12-14 e os versículos 20-21 formam um inclusio para os versículos 15-19, de modo que o padrão paradigmático contrastante entre Adão (vv. 12-14) e Cristo (vv. 20-21) estrutura os versículos 15-21,[111] conforme mostrado na tabela 1.

Portanto, o padrão de causa e efeito que governa 5: 15-19 é o resultado do contraste entre Adão (a lei levou ao pecado, que levou à morte [5: 12-14]) e Cristo (a graça levou à justiça, que levou à vida [5: 20-21]). O padrão de causa e efeito resultante é mostrado na tabela 2.

Além da macroestrutura precedente do texto, há pelo menos duas características individuais em Romanos 5: 15-21 que exigem comentários. Em primeiro lugar, 5: 13-17 é um anacoluto (interrupção) que contém dois apartes feitos por Paulo. (1) Os versículos 13-14, como vimos na unidade anterior, especificam a relação entre o pecado e a morte que Adão legou ao mundo (v. 12). (2) Os versículos 15-17 qualificam como é que Adão é um tipo de Cristo (portanto, v. 14): ambos cometeram ações que continuam a ter consequências universais. Além dessa comparação, no entanto, Adão e Cristo não têm nada em comum. Em segundo lugar, Paulo usa qal wahomer (veja a barra lateral na unidade em Rom. 4: 1-8) no versículo 15 e no versículo 17 (como ele fez antes, nos vv. 9-10), que é indicado ao leitor pelas palavras “quanto mais. ”

Tabela 2: O padrão de causa e efeito em Romanos 5: 15-19

5h15	A transgressão de Adão resultou em morte.	A graça de Deus se expressou no dom de Cristo (sua morte), que resulta em vida (implícito no v. 15, mas declarado nos vv. 17, 18, 21).

5:16	O único pecado de Adão se transformou em uma bola de neve de muitos pecados e, portanto, o julgamento e condenação de muitos.	O dom de Deus (a graça de Deus por meio de um ato de Cristo de obediência: sua morte na cruz) superou a bola de neve efeito do pecado na raça humana, trazendo justificação para vários.
5:17	A transgressão de Adão trouxe morte e, portanto, mostrou vida para ser apenas temporário.	A graça de Deus através do dom de Cristo dá vida eterna ("Eterno" está implícito no v. 17, mas é declarado no v. 21).
5:18	A transgressão de Adão trouxe condenação ao humano corrida.	A justa obediência de Cristo a Deus trouxe justificação para a nova humanidade.
5:19	O único ato de transgressão de Adão	O único ato de obediência de Cristo (na cruz) fez com que muitos

fez muitos pecadores. justo.

Antecedentes Históricos e Culturais O pano de fundo principal para Romanos 5: 15-21 é, eu sugiro, Deuteronômio 27-30. No Monte Ebal, os levitas pronunciavam as maldições do pacto se Israel se mostrasse desobediente, enquanto no Monte Gerizim os sacerdotes pronunciavam as bênçãos do pacto se Israel fosse obediente às estipulações de Yahweh. As bênçãos e maldições se alternam como um coro antifonal, culminando em Deuteronômio 30: 15-20, que apresenta a tradição dos "dois caminhos": o caminho da obediência e bênçãos da aliança, e o caminho da desobediência e maldições da aliança. Eu sugiro (e defenderei na próxima seção) que a maneira como Romanos 5: 15-21 contrasta o terrível efeito do pecado de Adão com a bênção da justiça de Cristo é uma reminiscência dos pronunciamentos de bênçãos e maldições da aliança sobre o antigo Israel em Deuteronômio 27-30. A diferença é que Paulo inverte radicalmente os dois: maldições estão sobre aqueles que tentam seguir a Torá, mas as bênçãos estão sobre aqueles cuja fé está em Cristo. Quer dizer, os pecados contra os quais Deuteronômio 27-30 adverte Israel não podem ser evitados guardando a Torá, pois a natureza pecaminosa não se submeterá à lei divina. É preciso fé em Cristo para produzir obediência genuína a Deus e, assim, garantir as bênçãos da aliança que Deuteronômio promete.

Percepções interpretativas 5:15 Mas o presente não é como a transgressão.O versículo 15 começa a série de contrastes entre os dois Adams. Presumo as duas tabelas acima conforme avançamos em 5: 15-21. Com base em Deuteronômio 27-30 e na tradição que ele gerou (a tradição

Deuteronomista), o Judaísmo do Segundo Templo se agarrou à esperança de que, depois que Israel foi enviado ao exílio por quebrar a estipulação da antiga aliança, o compromisso renovado dos judeus com a Torá seria seja o

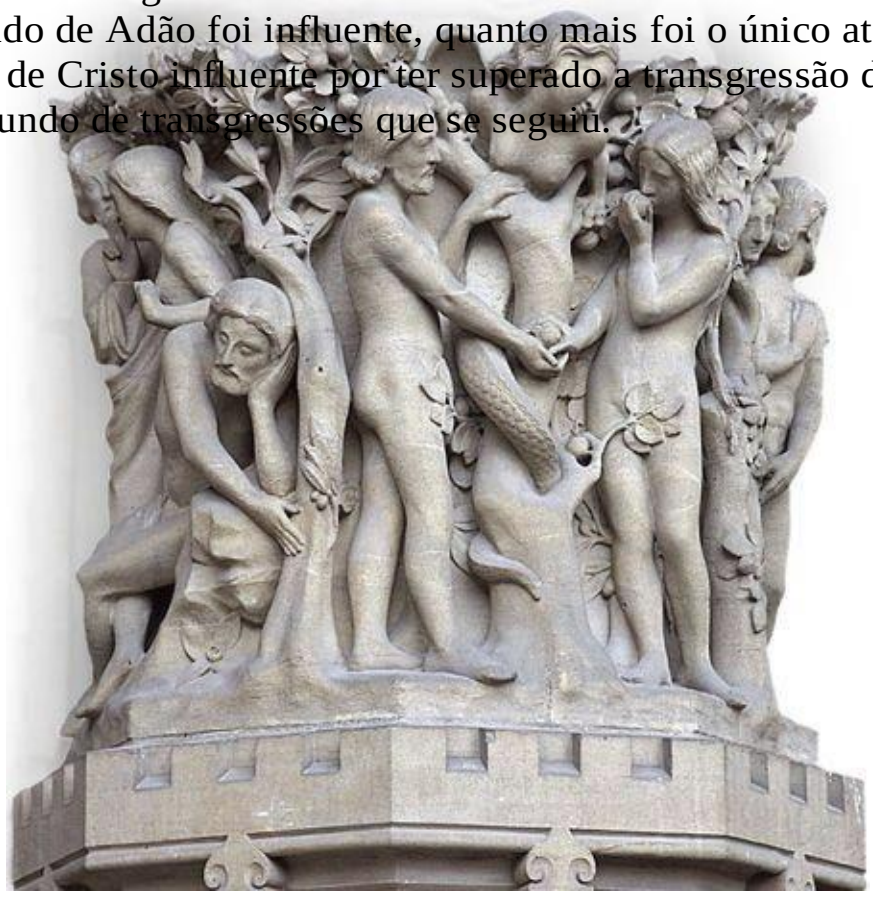
ocasião para Deus enviar o Messias para estabelecer a nova aliança e a reino de Deus (ver CD 3.12-21; 1QH^{uma} 9,32; 2 Bar.17,4-18,2; 51,3-7; 4 Esdras 7,51, 89, 97; Pirke Abot2,8; 6,7; cf. Jer. 31: 31-34; Ezek. 36: 24-31). Paulo inverte essa mensagem em 5.15 (cf. v. 20): era realmente a lei do antigo aliança que provocou Adão a transgredi-la em primeiro lugar, e que levou à morte para a velha humanidade. Em contraste, a graça de Deus por meio do dom da morte obediente de Cristo na cruz (que tanto cumpriu quanto extinguiu a lei [ver 10: 4]) revestiu de justiça aqueles que crêem nele. Isso levou à bênção da vida da nova aliança que transborda para a nova humanidade em Cristo. Robert Jewett mostrou que os termos de Paulo para o

a beneficência de Deus mencionada em 5:15 (“graça”, “dádiva”, “transbordada”) atrai a esperança judaica para a era por vir porque restauraria o paraíso perdido (Isaías 25: 6-8; 27: 6; 65: 17-25; Ezequiel 47: 9-12; Amós 9:13; 4 Esdras8,52). Para Paulo, o Messias realmente veio e criou uma nova humanidade e um novo paraíso.[112] Além disso, tudo isso é baseado na graça, não na lei.

5:16 Nem pode o dom de Deus ser comparado com o resultado do pecado de um homem.

As palavras "quanto mais" em 5:15 indicam que Paulo está engajado em um qal wahomer
argumento, que é explicado agora em 5:16: o único ato de obediência de Cristo não superou meramente o único ato de desobediência de Adão, como se fosse um movimento olho por olho; antes, a obediência de Cristo venceu o efeito bola de neve do pecado de Adão, pelo qual o mundo inteiro continuou sua transgressão. Parafraseando Paulo em 5: 15-16: se o único ato de pecado de Adão foi influente, quanto mais foi o único ato de obediência de Cristo influente por ter superado a transgressão de Adão e todo um mundo de transgressões que se seguiu.

[113]



A tentação e a queda de Adão e Eva estão representadas neste pedestal de estátua (1210-20 DC) na catedral de Notre Dame, em Paris.

5:17quanto mais vai. . . o dom da justiça reina em vida.Gênesis 1: 26-28 diz que Deus concedeu a Adão e Eva o domínio sobre a terra. Quando o primeiro casal caiu, essa bênção acabou indo para Israel (compare Gênesis 12: 1-3 com 1: 26-28).

[114]Mas o incidente do bezerro de ouro demonstrou que, infelizmente, Israel também estava em Adão e sofreu por sua desobediência (veja novamente Rm 1:23). De acordo com Paulo, a lei estranhamente está na origem do problema, incitando Adão e Israel a pecar (cf. novamente v. 20). Em vez de ter domínio sobre a terra, aqueles dois estão sob o domínio da morte junto com a velha humanidade. Mas Jesus Cristo, o último Adão, pela graça de Deus oferece sua justiça e vida subsequente para aqueles que crêem nele, à parte da lei. O versículo 17 também testemunha o uso de Paulo de um

qal wahomerargumento: se a vida de Adão apenas provou ser temporária, como é evidenciado pela entrada da morte no mundo, quanto mais é a vida que Cristo oferece aos seus seguidores eterna, invulnerável à morte (cf. v. 17 e observação de Paulo) no v. 21 que a vida de Cristo é eterna). Ao concluir meus comentários sobre 5:17, devo mencionar que, ao contrário do que alguns afirmam, Romanos 5: 12-21 não ensina universalismo - a noção de que Deus salva a todos por causa da morte de Jesus. Tal sentimento é refutado pelas palavras de Paulo em 5:17: as bênçãos de Cristo pertencem apenas àqueles que se apropriam da graça de Deus pessoalmente.

5:18 um ato justo resultou em justificação e vida para todas as pessoas. Versículo 18 retoma 5:12, completando o contraste que Paulo começou ali:

> (A lei) incitou a transgressão de Adão, que trouxe condenação (morte) ao mundo (cf. 12-14).

(Graça) enviou justiça (a morte obediente de Cristo), que trouxe justificação e vida para aqueles que crêem nele.

Muitos comentaristas apontam corretamente que a "justificação" é o presente posse do crente (o aspecto “já”), enquanto “vida” é a vida eterna que aguarda a consumação escatológica (o aspecto “ainda não”).

5:19 muitos serão feitos justos.O Judaísmo antigo alimentava a ilusão de que obedecer à Torá tornaria alguém justo, e Paulo rebate que a mera tentativa de obedecer à Torá torna alguém pecador, porque esse esforço é em si um ato de arrogância à luz do advento do evangelho. Em vez disso, a fé em Cristo é o meio divinamente prescrito para se tornar justo.[115]A referência à obediência de Cristo, sem dúvida, se refere à sua morte na cruz (cf. Fp 2: 8), ao invés de sua vida obediente como um todo. Isso ocorre porque Paulo alude a Isaías 53:11 em 5:19. O Servo Sofredor tornou “muitos” justos com sua morte, assim como Cristo fez com sua morte.

5: 20-21 onde o pecado aumentou, a graça aumentou ainda mais. Os versículos 20-21 concluem o parágrafo de contrastes entre Cristo e Adão. A lei (da antiga aliança) instigou Adão a pecar, o que resultou na morte do que agora é a velha humanidade. Mas a graça de Deus por meio de Cristo produz justiça na nova humanidade, que é a vida eterna da nova aliança. Três breves pontos sobre esses versículos estão em ordem. Primeiro, o NIV "foi trazido" (

pareisēlthen) é melhor traduzido como "inserido". O mesmo verbo ocorre em Gálatas 2: 4, onde

descreve a entrada dos judaizantes em Antioquia para empurrar a Torá para os gentios. Sem dúvida, a mesma conotação negativa do verbo é pretendida aqui por Paulo; a lei entrou com um propósito negativo: aumentar a transgressão (usado aqui como um termo genérico para transgressões). Isso leva ao segundo ponto: a lei foi projetada por Deus para incitar o pecado, que ganhou força na história humana, culminando na crucificação de Jesus. Terceiro, a frase “vida eterna” é mais tipicamente joanina do que paulina. Para João, a vida eterna está aqui e agora em Cristo. Para Paulo, a vida espiritual em Cristo começa agora (ver, por exemplo, 5: 17-18; 6: 4) e um dia superará a morte física. Esta última nuance informa o uso de “vida eterna” em 5:21.

Percepções TeológicasDuas percepções teológicas são centrais em Romanos 5: 15-21. Primeiro, a lei e a velha aliança levam ao pecado, que leva à morte para a velha humanidade, enquanto a nova aliança da graça de Deus em Cristo leva à justiça, que leva à vida eterna para a nova humanidade. Em segundo lugar, a morte obediente de Cristo na cruz venceu o pecado e a morte de Adão, provendo para a nova humanidade a justificação e a vida espiritual agora e a vida eterna mais tarde.



A morte obediente de Cristo na cruz não foi fácil. Os escritores dos Evangelhos, especialmente Lucas (Lucas 22: 40-46), falam de seu angustiado momento de oração no jardim do Getsêmani na noite de sua prisão. Este bosque de antigas oliveiras adjacente à Igreja de Todas as Nações é um dos locais tradicionais do jardim do Getsêmani.

Ensinando o Texto

Um sermão sobre Romanos 5: 15-21 poderia ser "Último Adão versus Primeiro Adão". Aqui, o palestrante pode usar a tabela 1, fornecida na seção "O texto no contexto" acima, para cobrir os contrastes correntes entre os dois Adams. Assim, o pecado do primeiro Adão trouxe a morte, espiritual e fisicamente, enquanto Cristo, o último Adão, venceu essa morte por sua própria morte obediente, para que seus seguidores pudessem viver eternamente (5:15). E o último Adão, por sua vida e morte obediente, mais do que igualou o efeito crescente do pecado do primeiro Adão, trazendo justificação para muitos (5:16). No entanto, essa ação de Cristo não deve ser mal interpretada como universalismo - o ensino de que a morte e ressurreição de Cristo foram tão eficazes que todos agora são salvos, mesmo sem fé pessoal. Nesta visão, tudo o que a igreja precisa fazer é ir a todo o mundo (ou não) e anunciar que todos são justificados por causa do evento de Cristo, quer acreditem ou não por si mesmos. Em contraste, a vida que procedeu do primeiro Adão é apenas temporária por causa do pecado do primeiro casal, mas a vida que o último Adão

é apenas temporário por causa do pecado do primeiro casal, mas a vida que o último Adão dá àqueles que crêem nele é eterna (5:17). Os dois Adões são autores de dois estados espirituais: condenação para aqueles sob a égide do primeiro Adão, mas justificação para aqueles em Cristo, o fundador da nova raça humana (5:18). O pecado do primeiro Adão propagou uma raça de pecadores, enquanto o último Adão criou uma raça de justos.

Ilustrando o Texto

Enquanto a ofensa de Adão trouxe morte a todos, a obediência de Cristo trouxe vida.

Filme: Para acabar com todas as guerras.Este filme (2001) é baseado na história verídica de Ernest Gordon, ex-reitor da capela da Universidade de Princeton que, como soldado escocês durante a Segunda Guerra Mundial, passou três anos em um campo de prisioneiros de guerra japonês. No relato, quatro prisioneiros de guerra aliados são tratados brutalmente por seus captores japoneses enquanto são forçados a construir uma rodovia através da selva birmanesa. O que eles demonstram é um grande sacrifício pessoal em face de circunstâncias impossíveis, mostrando o poder do perdão sobre o ódio e a realidade da paz de Deus em meio à tragédia. Um prisioneiro do filme, Dusty Miller, é uma figura forte e cristã, cuja fé e serenidade persistentes em face da crueldade frustram os guardas japoneses e amparam seus camaradas.

Livro infantil: Esperança para as flores, por Trina Paulus. Este livro simples, publicado em 1972, ainda tem grande apelo. Ele abre com um grande grupo de lagartas pisando umas nas outras em um esforço para escalar uma coluna de lagarta, sem nenhuma ideia do que está no topo. Em contraste, outra lagarta, chamada Stripe, se junta a eles, apenas para descobrir que ela deve seguir Yellow, uma borboleta que não é pega na escalada, mas que pode voar. No final, Stripe e Yellow voam acima da terra enquanto as outras lagartas continuam escalando arduamente. Isso pode ilustrar a diferença entre condenação e justificação.

A humanidade pode escolher um de dois destinos espirituais: morte ou vida.

Filme: Homem morto andando. Este filme de 1995, que ganhou vários Oscar nomeações, baseia-se no livro homônimo da Irmã Helen Prejean. Conta a história do relacionamento que ela desenvolveu com Matthew Poncelet, um prisioneiro no corredor da morte por estupro e assassinato. A freira trabalha para obter a suspensão da execução (que é negada) para o prisioneiro, que se diz inocente, embora seja arrogante e racista. Em um momento dramático no final do filme, ambientado nas horas finais antes de sua execução, Helen Prejean implora a esse pecador endurecido que admita sua culpa, que escolha entre a morte e a vida, para dizer as palavras. Esta

é uma cena poderosa para ilustrar a escolha entre a vida espiritual e a morte.

Poesia: “The Road Not Taken”, de Robert Frost.Este poema (1916) foi muito mal compreendido pelos leitores, incluindo leitores cristãos que tentaram compará-lo aos dois caminhos oferecidos nas Escrituras, um estreito e outro amplo. Em vez disso, Frost estava fazendo uma declaração existencial sobre a escolha (observe a palavra “suspiro” no poema). O autor deve escolher um dos dois caminhos que se encontram à sua frente, ambos os quais parecem bonitos, e ele percebe que haverá consequências para o seu

escolha. O suspiro pode ser de alívio ou tristeza. O poema é muito útil para este ponto escriturístico.

Novo Domínio como uma Bênção do Novo Pacto: Morto para o pecado

Grande ideia No capítulo 6, Paulo apresenta outra bênção: novo domínio. O primeiro Adão perdeu seu domínio sobre a terra. Mas Cristo, o último Adão, inaugurou uma nova era e uma nova aliança, restaurando o domínio perdido. Os crentes entram nesse novo domínio unindo-se à morte e ressurreição de Cristo: eles se tornam mortos para o pecado e vivos para Deus.

Temas principais de Romanos 6: 1-7

A lógica de 6: 1-14 pode ser expressa em um silogismo:

> Cristo morreu para o pecado;
> Cristãos morreram com Cristo;
> assim, os cristãos morreram para o pecado.[uma]

A santificação flui da justificação.

Duas idades se sobrepõem: a era vindoura amanheceu (o indicativo de justificação), mas está incompleta (o imperativo da santificação).

Três tempos de salvação estão entrelaçados: passado (jurídico / justificação), presente (moral / santificação), futuro (escatológico).

A antiga aliança é caracterizada pela escravidão ao pecado e à morte, mas a nova aliança é caracterizada pelo domínio sobre o pecado e novidade de vida.

[uma]Para esta lógica, veja Moo, Epístola aos Romanos, 354.



-
-
-
-
-

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Enquanto Romanos 3: 21-5: 21 desenvolveu o tema de justificação, Romanos 6: 1-8: 16 é dedicado ao tópico da santificação.[116] Por um lado, justificação e santificação devem ser distinguidas, como mostra a tabela 1. Por outro lado, justificação e santificação não devem ser completamente separadas, uma vez que a última flui da primeira, como 6: 1-14 demonstra.

Tabela 1: A distinção entre justificação e santificação

Justificação	Santificação
Jurídico: declarado justo	Moral: feito justo
Decisão instantânea	Crescimento ao longo da vida
Justiça imputada: o cristão de pé / posição diante de Deus	Justiça transmitida: a do cristão andar / praticar diante de Deus
Modo indicativo: você está justificado	Modo imperativo: aja como tal
União com Cristo em sua morte / ressurreição	Comunhão com Cristo no presente

Romanos 5: 20-21 e 6:14 formam um inclusio para 6: 1-13:

Uma Lei / antiga aliança desperta o pecado, que resulta em morte (5: 20-21)

B Graça / nova aliança une os crentes com Cristo morte / ressurreição, que resulta em domínio sobre o pecado e novidade de vida (6: 1-13)

UMA′ A lei / antiga aliança escraviza ao pecado (e à morte) (6:14)

Romanos 6: 1-14 pode ser resumido da seguinte forma:

1. O indicativo da vida cristã: morremos e ressuscitamos com Cristo (6: 1-10)

uma. A questão: devemos pecar para que a graça possa aumentar? (6: 1)[117]

b. A resposta: Não, porque aquele que morreu para o pecado não pode continuar a viver em pecado (6: 2)

c. A explicação (6: 3-10)

eu. Os cristãos morreram para o pecado em união com a morte de Cristo (6: 3-5)

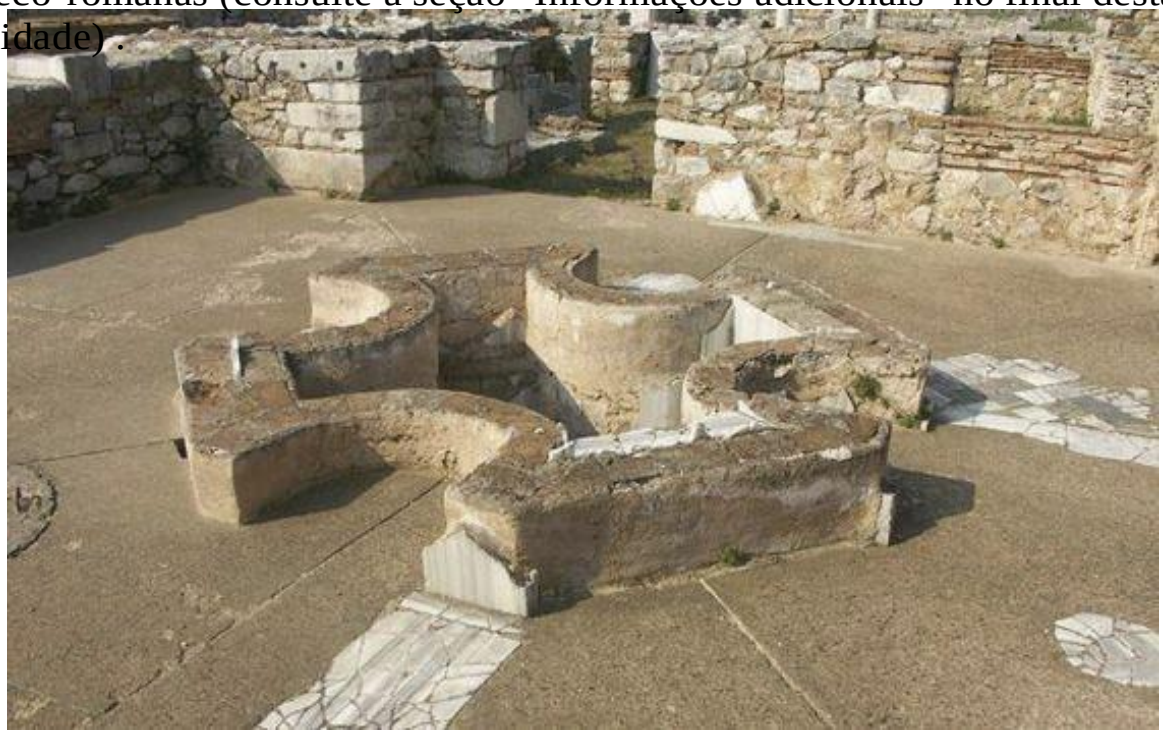
ii. O domínio dos cristãos sobre o pecado está em união com a vida de Cristo (6: 6-10)[118]

2. O imperativo da vida cristã: agora viva como ela (6: 11-13)

3. Conclusão: Estamos sob a graça, não a lei (6:14)

Os versos 1-7 são discutidos abaixo; os versículos 8-14 serão tratados na próxima unidade.

Antecedentes Históricos e Culturais A principal característica histórico-cultural mais ou menos contemporâneo do Novo Testamento que informa Romanos 6: 1-14 é a prática do batismo como um rito de entrada em uma comunidade religiosa. Pelo menos quatro grupos religiosos exigiram o batismo de seus novos prosélitos: o judaísmo rabínico, a comunidade dos Manuscritos do Mar Morto, os seguidores de João Batista e as religiões de mistério greco-romanas (consulte a seção "Informações adicionais" no final desta unidade) .



Os restos mortais de um batistério de uma igreja do século VI DC em Filipos

Percepções interpretativas 6: 1 Continuaremos pecando para que a graça aumente?

Paulo aqui afirma a questão: o fato de Deus nos perdoar por sua graça significa que devemos continuar pecando para que a graça de Deus seja exaltada em continuarmos a

perdoe-nos? Este problema surge de seus comentários em 5: 20-21: o pecado aumenta transgredir, mas a graça mais do que compensa o pecado. Sem dúvida, os judeus ou mesmo os cristãos judeus que Paulo encontrou nas sinagogas levantaram essa questão a respeito do entendimento do apóstolo sobre a graça e a lei.

6: 2De jeito nenhum! Somos aqueles que morreram para o pecado. A resposta de Paul é dele
apaixonado mē genoito(“Que nunca seja!”). Visto que os cristãos morreram para o pecado, como eles poderiam continuar a viver em pecado? “Viver em pecado” é mais bem compreendido através da lente da sobreposição das duas idades. (1) A era vindoura amanheceu; portanto, os cristãos foram libertos da prática habitual do pecado - isto é, do poder e domínio do pecado. (2) A era vindoura ainda não está completa; portanto, os cristãos ocasionalmente podem pecar em sua luta contra a contínua presença do pecado nesta era.

6: 3-4todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos. . . enterrado com ele através do batismo
.[119]Os versículos 3-10 fornecem a explicação de Paulo sobre os cristãos terem morrido e ressuscitado com Cristo. Os versículos 3-7 enfatizam que os cristãos morreram para o pecado em união com a morte de Cristo, enquanto os versículos 8-10 destacam que os cristãos foram ressuscitados para uma nova vida em união com a ressurreição de Cristo. Os versos 3-4 oferecem um pensamento profundo: os cristãos morreram com Cristo na cruz e foram sepultados com ele por meio de sua experiência atual de batismo.

[120]Paulo pode dizer que os crentes morreram e foram sepultados com Cristo porque Deus é eterno e atemporal; portanto, passado, presente e futuro estão diante dele ao mesmo tempo. Assim, Deus vê os cristãos (no futuro da cruz) como se eles estivessem na cruz com Cristo (no passado). Além disso, a morte com Cristo no passado é realizada para os cristãos em seu batismo atual.

[121]

Há um fundamento Adâmico para 6: 3-5: o domínio perdido do primeiro

Adão - vida e glória - está sendo restaurado ao crente em Cristo. Israel não se saiu melhor do que Adão. As últimas palavras em 6: 4 indicam isto: “para que também nós andemos em novidade de vida” (NRSV). Como observa James Dunn, "ande" (

peripateō) é uma metáfora do Antigo Testamento para obedecer à lei e aos estatutos de Moisés, que supostamente trazia vida; em vez disso, tais tentativas trouxeram morte para Israel.

[122] Mas, de acordo com Paulo, a fé em Cristo remove a pessoa da desobediência e morte da antiga aliança e coloca a pessoa na nova aliança, onde há obediência e vida.

[123]

6: 5unido a ele em uma morte como a dele. . . unido a ele em uma ressurreição como a dele.

O versículo 5 pede dois comentários. Primeiro, morrendo na "semelhança" (

homoiōma) da morte de Cristo provavelmente significa que a participação do cristão na morte de Cristo é real, mas não uma correspondência exata, porque Cristo não morreu por seus próprios pecados (ele não tinha nenhum). Em vez disso, Cristo, o perfeito, levou nossos pecados

sobre si mesmo a fim de nos dar sua justiça (veja 2 Coríntios 5:21). Segundo, estar unido a Cristo em sua ressurreição atesta a sobreposição das duas eras. Assim, a ressurreição de Cristo inaugurou a era por vir e, portanto, os cristãos têm vida de ressurreição (uma "ressurreição espiritual") agora; entretanto, o corpo do crente não será ressuscitado até o retorno do Senhor. Até então, o cristão também vive nesta era, uma indicação de que a era por vir ainda não está totalmente aqui.

Misticismo "Em Cristo"

O misticismo "em Cristo" de Paulo se manifesta em Romanos 6: 3-11 de duas maneiras: syn- ("com") palavras e na frase real "em Cristo Jesus" (v. 11). "Em Cristo" ou algo semelhante ocorre cerca de 164 vezes nas cartas de Paulo, significando a união espiritual do crente com Cristo: Cristo está no crente e o crente está em Cristo. Na cruz, Cristo absorveu o pecado do cristão e deu sua justiça ao crente. As qualidades e habilidades de Cristo fluem para o cristão ao longo de sua vida. Adolf Deissmann popularizou essa noção de misticismo "em Cristo" em seu livro

Paulo:
Um estudo em história social e religiosa, embora eu acredite que Deissmann exagerou em seu caso.[uma] Relacionados a isso estão os de Paulo syn- palavras em 6: 4-8, que sem dúvida são suas moedas: "enterrado com"
(synetaphēmen[v. 4]); "Unido com" (sinfito[v. 5]); "Morreu com" (apethanomen syn) Cristo (v. 8); "Crucificado com" (synestaurōthē[v. 6]); "viver com" (Syzēsomen[v. 8]).

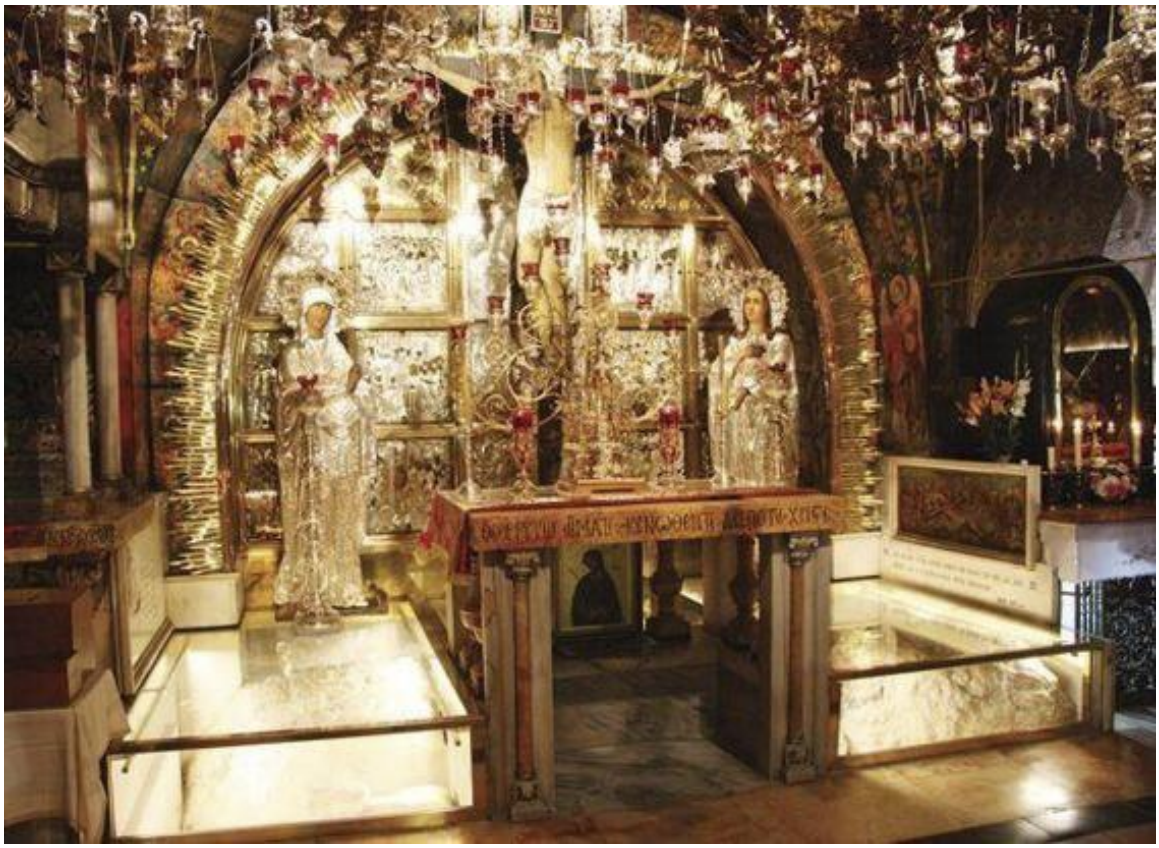
[uma]Deissmann, Paulo, 137-42; veja Pate, Fim dos tempos, 26-27.

6: 6 nosso antigo eu foi crucificado com ele para que o corpo governado pelo pecado pudesse ser eliminado.

Os versículos 6 a 10 destacam o fato de que os cristãos foram elevados à novidade de vida em união com a ressurreição de Cristo. O "velho homem" (literalmente, "velho homem") é o primeiro Adão (cf. Colossenses 3: 9; Efésios 4:22), cuja ação primordial colocou esta era sob o domínio e governo do pecado. A morte e ressurreição de Cristo derrotou a tirania do pecado e deu início à era vindoura e à justiça. Porque o crente está unido à morte e ressurreição de Cristo, o corpo do pecado pode ser eliminado. "Corpo governado pelo pecado" não se refere apenas ao corpo físico, nem sugere que o corpo humano seja pecado. Em vez disso, o corpo é o instrumento ou veículo pelo qual os humanos vivem no mundo e por meio do qual o pecado (ou a justiça) opera (ver 6: 12-13). Paulo declara que a

influência do pecado sobre o ser humano como corpo neste mundo está quebrada.

katargeō, que significa “tornar impotente e ineficaz”, como vimos várias vezes antes. Assim, a lei, a velha aliança e o pecado não têm mais domínio sobre o crente.



A rocha do Calvário, local tradicional da crucificação de Cristo, está localizada sob a Capela Grega, mostrada aqui, na Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém.

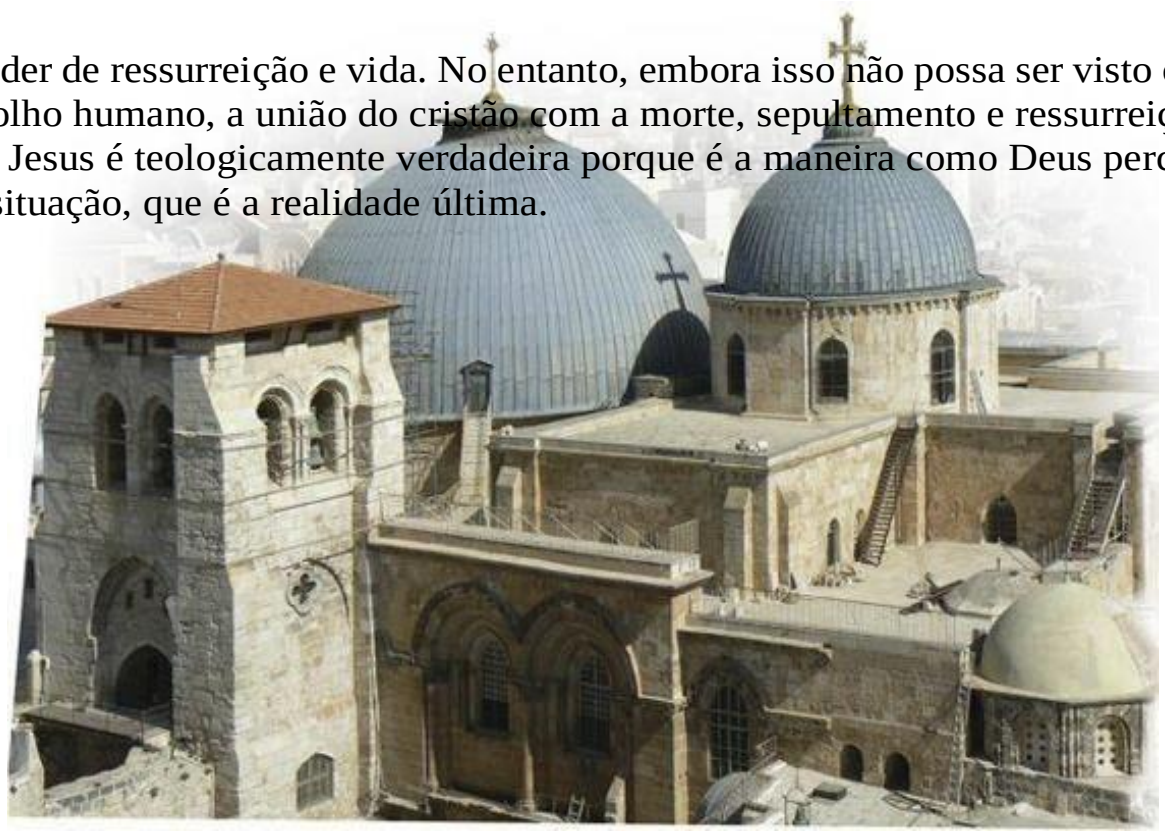
6: 7 todo aquele que morreu foi libertado do pecado. O versículo 7 pode refletir uma máxima rabínica geral: "Quando um homem morre, ele fica livre de cumprir a lei" (b. Shabb.151b [ver Str-B 3: 232]). Se for assim, Paulo o aplica especificamente aos cristãos: em sua união com a morte e ressurreição de Cristo, eles foram libertos[124] do pecado e da lei.

Percepções TeológicasPelo menos duas idéias teológicas importantes emergem de Romanos 6: 1-7. Primeiro, o indicativo de justificação precede o imperativo de santificação. Caso contrário, a santificação pode degenerar em legalismo. Em segundo lugar, não há dúvida de que Paulo e os primeiros cristãos teriam ficado surpresos ao encontrar um cristão não batizado. Não que não houvesse nenhum; é apenas que a expectativa normal teria sido que os crentes se identificassem publicamente como seguidores de Jesus ao serem batizados (cf. Rom. 10: 9-10).

Ensinando o Texto

Um sermão apropriado baseado em Romanos 6: 1-14 é "Torne-se o que você é!" Aqui, o palestrante poderia fazer os dois primeiros pontos mostrados no esboço acima: o indicativo da vida cristã (6: 1-10) e o imperativo da vida cristã (6: 11-14). Ambos os princípios requerem fé para serem colocados em ação. O primeiro, o indicativo, exige que os cristãos acreditem em algo que não podem ver: estão mortos com Cristo na cruz, sepultados com ele, e agora vivos em sua

poder de ressurreição e vida. No entanto, embora isso não possa ser visto com o olho humano, a união do cristão com a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus é teologicamente verdadeira porque é a maneira como Deus percebe a situação, que é a realidade última.



A Igreja do Santo Sepulcro, na cidade velha de Jerusalém, foi construída em torno dos locais tradicionais da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus.

O segundo princípio, o imperativo, também requer fé da parte do cristão, porque viver a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo depende da vontade, não dos sentimentos. Assim, quando os crentes são tentados, eles devem desejar o seu caminho

por meio da solicitação, contando com o Espírito Santo para guiá-los. Ou quando os cristãos têm tarefas dadas por Deus, eles devem executá-las, estejam ou não entusiasmados com elas, o tempo todo dependendo da força de Deus para capacitá-los. Ou quando os crentes enfrentam provações assustadoras, pela fé eles devem suportar essas aflições sabendo que Deus os ajudará. E assim é que os cristãos precisam se tornar o que são em Cristo. Deus apresenta-nos tarefas e provas e permite-nos enfrentar as tentações para desenvolver a nossa fé, que traduz o indicativo em imperativo.

Ilustrando o Texto

A santificação deve ser construída sobre o fundamento da justificação.

Citações:Duas declarações bem conhecidas de duas figuras literárias famosas podem ser contrastadas com o ensino de um catecismo cristão. O cético do Iluminismo Voltaire (1694-1778) disse certa vez com sarcasmo: “Deus perdoará; isso é problema dele. ” No perspicaz oratório de Natal do poeta WH Auden (1907-73)

Por enquanto
, Herodes contempla as implicações de Deus vir à Terra como uma criança. Justiça, ele pensa, será substituída por “Piedade”, perturbando o que ele vê como a ordem natural: “Gosto de cometer crimes. Deus gosta de perdoá-los. Na verdade, o mundo é admiravelmente organizado. ” Em nítido contraste, o Catecismo Maior de Westminster pergunta: "Em que a justificação e a santificação diferem?" Ele responde: “Embora a santificação esteja inseparavelmente ligada à justificação, ainda assim eles diferem, em que Deus, na justificação, imputa a justiça de Cristo; na santificação, seu Espírito infunde graça e capacita para o exercício dela; no primeiro, o pecado é perdoado; na outra, é subjugado ”(Questão 77).

O cristão deve fazer progresso espiritual.

Literatura: O progresso do peregrino, por John Bunyan. Dentro O progresso do peregrino (1678), depois que Christian foi para a cruz, perdeu seu fardo e adormeceu na Colina da Dificuldade como um fracasso, ele vem para um tempo de descanso na Bela Casa. Aqui, ele é bem alimentado, orientado e espiritualmente encorajado por quatro mulheres: Discrição, Piedade, Caridade e Prudência. As mulheres também lhe fazem perguntas incisivas sobre de onde ele veio, como ele pensa sobre seu passado e assim por diante, a fim de saber onde ele está em sua vida cristã e marcar seu progresso em preparação para o que está por vir.

Televisão: A boa esposa.Na primeira temporada deste show, o episódio "Heart" tem alguns diálogos que normalmente não são ouvidos em programas populares de televisão. Peter

Florrick, um homem politicamente conectado e marido de Alicia Florrick, tem caiu sexualmente várias vezes e foi preso por mau uso do dinheiro público. Ele agora está em prisão domiciliar e está tentando cortejar um pastor negro, Isaiah Easton, para fazer pontos com a comunidade negra. Em vez disso, Isaías aborda Pedro sobre sua condição espiritual, eventualmente encurralando-o e dizendo que ele deve querer mudar; isso virá por meio de conhecer Jesus e permitir que Jesus efetue uma transformação interna completa. Caso contrário, o pastor garante a Pedro, seu casamento não vai sarar, nem vai dar certo na vida.

Os Antecedentes do Cristão Batismo

Várias questões de fundo fornecem uma visão adicional sobre a prática cristã do batismo.

Primeiro, o judaísmo rabínico exigia que os gentios que queriam se tornar judeus fossem circuncidados, abraçassem toda a Torá e fossem batizados (b. Ker.9a). Isso estava em contraste com os requisitos menos rigorosos para os tementes a Deus, aqueles gentios que adoravam o Deus de Israel e tinham que se submeter apenas às leis de Noé ou a um resumo da Torá.

Em segundo lugar, os Manuscritos do Mar Morto são fascinantes em termos de comparação dos

Essênios[125] prática do batismo com a da igreja do Novo Testamento, especialmente porque ambas as comunidades afirmaram já estar participando da nova aliança (ver CD 6.19; 19.33-34; Lucas 22:20; 1 Cor. 11:25; 2 Cor. 3: 1-4: 6; Heb. 8-9) Os prosélitos essênios foram iniciados na comunhão submetendo-se ao batismo, como os primeiros cristãos. Dois documentos fundamentais dos essênios - o

Regra da Comunidade (1QS) e o Documento de Damasco(CD) (ambos ca. 150 aC) - indica que os essênios celebravam o batismo do iniciado como um ritual da nova aliança (por exemplo, 1QS 3.4-9; 4.20-22; 5.13-14). Na verdade, toda a comunidade renovou anualmente seu compromisso com Deus, renovando a nova aliança. Observe, conforme mostrado na tabela 1, como todos os componentes da aliança de Deuteronômio informam esses dois documentos, que é uma reminiscência do meu esboço de Romanos (ver “O Gênero / Esboço de Romanos” na introdução).

Terceiro, há uma forte possibilidade de que João Batista, que forneceu um precedente direto para a inclusão do batismo na mensagem cristã (Mateus 3; Marcos 1: 1-11; Lucas 3: 1-22; João 1: 29- 34 implicitamente), uma vez que pertencia à comunidade essênia.[126] Nesse caso, sua mensagem de um batismo de arrependimento aos judeus pode ter se originado com os essênios, que também exigiam que os iniciados judeus fossem batizados, uma prática normalmente reservada aos gentios.

Quarto, costumava ser moda entre os estudiosos enraizar a mensagem de Paulo de batismo nas religiões de mistério. Richard Reitzenstein e Wilhelm Bousset alegou que religiões tão abrangentes como os mistérios de Elêusis e o cultos de Ísis e Osíris, Átis e Mitras compartilhavam dois pontos em comum com a mensagem do batismo de Paulo (e a Ceia do Senhor): ambos focavam na morte e ressurreição de seus respectivos deuses / deusas, e ambos ensinavam que o iniciado entra em união mística com esses deuses / deusas participando dos sacramentos do batismo e da refeição sagrada.

[127]Paulo, portanto, pegou emprestado seu conceito de batismo das religiões de mistério. Mas os estudos mais recentes descartaram corretamente essa visão, em pelo menos cinco motivos. (1) As mortes das divindades misteriosas não foram vicárias, enquanto para Paulo, a morte de Cristo foi expiatória. (2) As divindades de mistério não morreram voluntariamente, mas Cristo sim. (3) As divindades eram figuras mitológicas, mas Jesus Cristo era uma pessoa histórica. (4) Não havia uma estrutura apocalíptica para as religiões de mistério, mas a escatologia desempenha um papel central em como Paulo interpreta a morte e ressurreição de Jesus. (5) As religiões de mistério nunca realmente ensinaram que suas divindades foram ressuscitadas; em vez disso, eles foram ressuscitados. Não é assim para Paulo e a igreja primitiva: a ressurreição corporal de Jesus Cristo foi o alicerce da fé cristã.

[128]



Em primeiro plano, estão os degraus que conduzem a um banho ritual conhecido como miqvah (Mikveh) localizado nas escavações arqueológicas da comunidade de Qumran perto do Mar Morto em Israel. A pureza ritual poderia ser restaurada mergulhando-se completamente na "água viva", como rios, nascentes, o oceano ou banhos, como este, que coletavam água aceitável. Os Manuscritos do Mar Morto, que documentam as práticas de batismo dos essênios, foram encontrados em cavernas próximas a este sítio arqueológico.

Novo Domínio como uma Bênção do Novo Pacto: Viva para Deus

Grande ideia Na unidade anterior, vimos que no capítulo 6 Paulo apresenta outra bênção: o novo domínio inaugurado por Cristo. Os crentes entram nesse novo domínio unindo-se à morte e ressurreição de Cristo: eles se tornam mortos para o pecado, vivos para Deus. Agora, Paulo exorta os crentes a viverem uma vida condizente com sua condição de aqueles que foram trazidos da morte para a vida.

Temas principais de Romanos 6: 8-14

No batismo, os crentes participam da morte de Cristo, morrendo para o pecado, mas também participam de sua ressurreição, vivendo para Deus.
Embora os crentes ainda não tenham um corpo de ressurreição, eles compartilham A vida de ressurreição de Cristo agora em virtude de sua união com ele.
Porque os crentes compartilham a vida de ressurreição de Cristo agora (o indicativo), e porque estão sob a graça, não a lei, eles devem viver como instrumentos de justiça, não do pecado (o imperativo).

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Veja Romanos 6: 1-7 para um esboço de Romanos 6: 1-14.

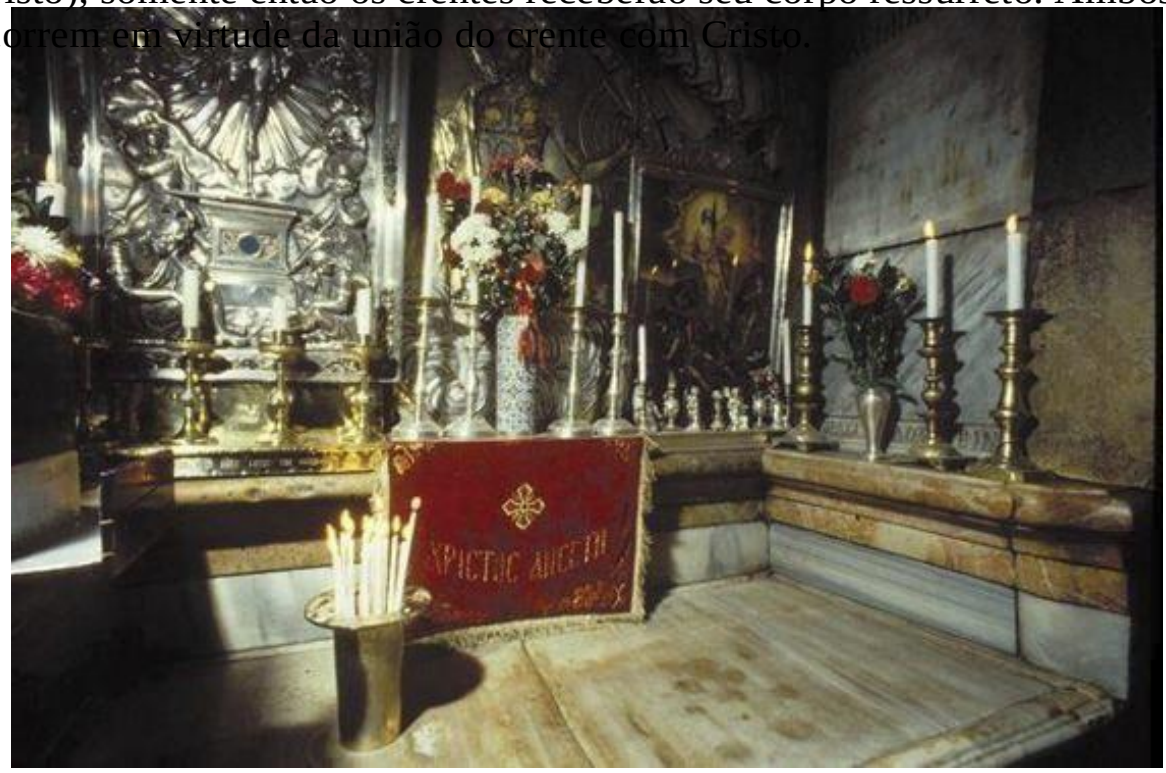


-
-
-

Antecedentes Históricos e Culturais O leitor deve consultar a seção "Antecedentes históricos e culturais" apresentada em Romanos 6: 1-7 e as "Visões adicionais" após essa unidade.

Percepções interpretativas 6: 8se morrêssemos com Cristo. . . nós também vamos morar com ele.

O versículo 8 enfoca os crentes. Este versículo, como 6: 5, explora a sobreposição das duas eras: a era vindoura veio com a morte e ressurreição de Cristo e, portanto, os cristãos compartilham de sua vida de ressurreição agora. Mas a era por vir não será completa até a parousia (o retorno de Cristo); somente então os crentes receberão seu corpo ressurreto. Ambos ocorrem em virtude da união do crente com Cristo.



A Igreja do Santo Sepulcro, ou Igreja da Ressurreição, na Cidade Velha de Jerusalém é o local tradicional da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus. Foi danificado, destruído e reconstruído desde a sua construção inicial por Constantino no século IV DC. Hoje, na rotunda sob a cúpula está a edícula, uma pequena construção que cobre o local do túmulo de Cristo. Dentro da edícula, uma laje de mármore, retratada aqui em primeiro plano, cobre o local tradicional onde o corpo de Jesus ficou até que ele ressuscitou dos mortos.

6: 9-10 A morte que ele morreu, ele morreu para o pecado de uma vez por todas. Os versículos 9 a 10 enfocam Cristo e enraízam o novo domínio do cristão sobre o pecado na morte de Cristo e

ressurreição. “Ele morreu para o pecado” não sugere que Cristo era pecador e morreu por causa disso. Em vez disso, reflete o mesmo sentimento que vimos em 6: 5 e a "semelhança" (

homoiōma) da sua morte: Cristo morreu pelos nossos pecados; ele não tinha pecados próprios. “Uma vez por todas” refere-se ao fato de que a morte de Cristo de uma vez por todas expiou o pecado. Isso é frequentemente referido pelos teólogos como "a obra consumada de Cristo na cruz".

6: 11-13 considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus.Os versos 11-13 registram tanto o indicativo quanto o imperativo da vida cristã: visto que os crentes são contados como mortos, sepultados e ressuscitados com Cristo, eles devem andar em novidade de vida. Em outras palavras, eles

deve se tornar (imperativo) o que eles
estão(indicativo). Ou, mais precisamente, eles deveriam se tornar o que estão se tornando. Paulo usa quatro imperativos nos versos 11-13: "considere-se" morto para

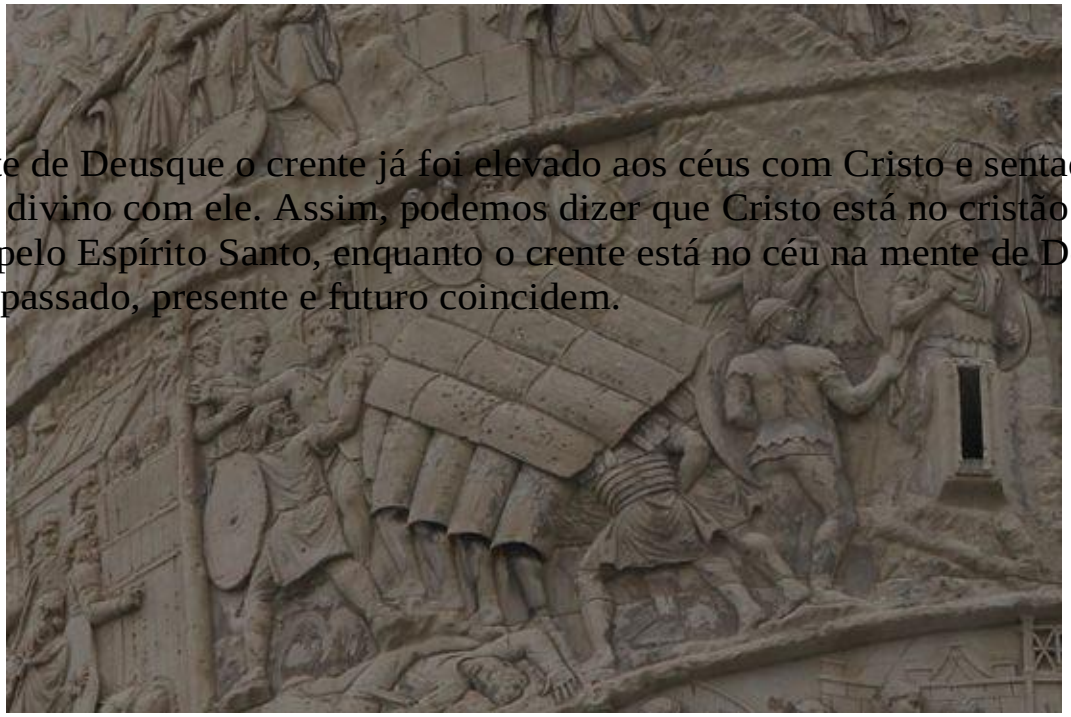
pecado, mas vivo para Deus (v. 11); “Não deixe o pecado reinar” em sua vida presente (v. 12); “Não ofereça” nenhuma parte de si mesmo ao pecado (v. 13); “Ofereça” todo o seu ser a Deus (v. 13). “Contar” é a mesma palavra,
logizomai, usado em 4: 1-8 de Deus contando como justos aqueles que crêem em sua promessa. A mesma ideia está presente aqui em 6.11: Os cristãos devem acreditar que é verdade que morreram e ressuscitaram com Cristo para uma nova vida. Aqui vemos que não é apenas a justificação pela fé, mas também a santificação também é pela fé. A fé é necessária para viver uma vida santa porque o cristão ainda vive nesta era de luta.

6h14 você não está sob a lei, mas sob a graça. O versículo 14 com 5: 20-21 forma um inclusiopara 6: 1-13 a título de contraste. O padrão é o mesmo que vimos em 5: 12-21: a lei leva ao pecado, que leva à morte.[~~129~~] Em contraste, a graça leva à justiça, que leva à vida.

Percepções Teológicas Duas percepções teológicas cobrem bem Romanos 6: 8-14.

Primeiro, o cristão está em união com Cristo por meio do Espírito. Tal conexão significa que o crente tem uma vida espiritual paralela: estamos simultaneamente nesta terra enquanto espiritualmente em Cristo no céu (compare 6: 8-13 com Ef 2: 4-7; Colossenses 3: 1-4). Isso não é dissociação psicológica ou esquizofrenia médica, mas uma realidade metafísica para o crente. Tornar-se cônscio de nossa união com Cristo realmente nos torna pessoas melhores aqui neste mundo. Mas o que exatamente significa dizer que o cristão está em união com Cristo? Por outro lado, a união do cristão com Cristo não deve ser interpretada literalmente, como quando alguns teólogos do passado afirmaram que o crente é absorvido por Cristo, o que produz uma forma de existência etérea e leve. Mas por outro lado,

reduzido a mera linguagem figurativa, como ainda mais estudiosos do Novo Testamento estão propensos a fazer hoje. Para entender melhor o misticismo de Paulo refletido em sua frase “em Cristo”, devemos nos voltar para Efésios 1: 1-2: 7. Lá, lemos que o crente tem um passado, um presente e um futuro na mente de Deus. Assim, Deus escolheu o cristão e a igreja na eternidade passada. E Deus elevou o crente ao céu com Cristo em sua ressurreição. Além disso, na era vindoura no céu, Deus exibirá o cristão como um troféu da graça divina. Embora esses três tempos sejam sequenciais para a perspectiva humana, com Deus eles estão simultaneamente diante dele. E parece que esta é a chave para entender nossa união com Cristo. Está no



mente de Deusque o crente já foi elevado aos céus com Cristo e sentado no trono divino com ele. Assim, podemos dizer que Cristo está no cristão na terra pelo Espírito Santo, enquanto o crente está no céu na mente de Deus, onde passado, presente e futuro coincidem.

Este relevo na coluna de Trajano, concluído em 113 DC, mostra soldados romanos usando a formação de tartaruga como tática de batalha. A disciplina estrita no treinamento de um soldado, individualmente e como parte de uma unidade, produziu a força de combate bem-sucedida que caracterizou as legiões romanas. Foi preciso prática e trabalho em equipe para aprender a produzir essa formação, que protegia uma unidade de soldados por todos os lados.

Em segundo lugar, a disciplina é a chave para viver com sucesso a vida cristã. O pano de fundo militarista de Romanos 6: 12-14 atesta esse princípio. Ascendente

antes do raiar do dia, regimes rigorosos de exercícios, exercícios práticos intermináveis, livres da vida civil e comprometidos com o país até a morte - esses são os métodos dos soldados disciplinados. E esse deve ser o caso do seguidor da cruz de Cristo. Dou aulas para jovens em uma universidade cristã e uma das primeiras coisas que compartilho com eles no início de um curso é este axioma espiritual: a disciplina é a chave para viver para o Senhor (e para passar no curso!). Eu os desafio a ousar acreditar que a disciplina leva ao deleite, que a fidelidade traz satisfação e que a obediência resulta em alegria.

Essas duas percepções teológicas estão muito relacionadas: valer-se de nossa união com Cristo e seu Espírito é a maneira de nos tornarmos disciplinados na vida cristã. Disciplina sem união com Jesus degenera na energia da carne, mas através do poder da habitação do Espírito de Cristo, os crentes descobrem os recursos de que precisam para dizer não ao pecado e sim a Deus.

Guerra Espiritual

Em Romanos 6: 12-14, Paulo emprega três idéias com conotações militaristas. (1) Os verbos "ser o senhor sobre" (kyrieuō[v. 14]) e "reinar" (basileuō[v. 12]) denotam um monarca governando um reino. (2) O termo "instrumentos" (melos[v. 13]) provavelmente indica armas de guerra, referindo-se ao corpo do crente como um instrumento de justiça a serviço do reino de Deus. (3) A ênfase na obediência também sugere um ambiente militar. Assim, 6: 12-14 (cf. vv. 4b, 6b, 11) provavelmente se baseia em um tema familiar aos primeiros escritores apocalípticos judeus e cristãos: no final dos tempos os santos de Deus farão guerra contra os filhos do mal (ver Dan. 7:12; 1QM 15; Rev. 19). Para Paulo, entretanto, a briga do crente não é contra carne e sangue, mas sim contra os inimigos espirituais de Deus (veja Efésios 6: 10-16). O que Romanos 6: 12-13 apresenta assim é uma guerra santa espiritual interna entre o domínio do pecado e o reino de Deus (daí a injunção para os cristãos se alinharem com as forças da justiça).

Ensinando o Texto

Ao ensinar a visão teológica da união com Cristo, o palestrante pode querer discutir Romanos 6: 8-14 em conjunto com Efésios 1: 1-2: 7 e Colossenses 3: 1-4, ambos os quais tratam da espiritualidade paralela do cristão vida no céu. O professor poderia usar minha sugestão de que a eleição passada dos crentes, seu reinado presente em Cristo no céu e seu futuro louvor para a glória de Deus, o Pai celestial, estão na mente de Deus, diante de quem todos os tempos estão presentes ao mesmo tempo. Isso pode acalmar qualquer medo de que Paulo ou Cristãos sejam mentalmente desequilibrados

na tentativa de descrever sua associação íntima com Cristo por seu Espírito! Mais uma vez, a chave para tudo isso é que o cristão acredite nessa realidade espiritual, mesmo que não a sinta. Eu usaria o poema comovente “Footprints in the Sand” para esclarecer o último comentário. Mesmo quando o autor daquela peça expressou preocupação a Deus de que havia apenas um conjunto de pegadas na areia durante os piores momentos da vida, na verdade era porque Deus estava carregando o autor. De maneira semelhante, à medida que os crentes dão um passo de fé para cumprir suas tarefas, resistir às tentações e suportar suas provações, muitas vezes é apenas depois que essas ações são concluídas que os cristãos percebem que Deus estava com eles o tempo todo, capacitando todos os seus Passo.

Ao levar para casa a lição de que a disciplina é a chave para a vida cristã, o professor poderia ler em estilo staccato os imperativos nos versículos 11-13: “Considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus!” “Não deixe o pecado reinar” em sua vida presente! “Não ofereça” o seu corpo ao pecado! “Mas, antes, oferecem-se a Deus!” Pronunciar esses comandos dessa forma dá a impressão de que o público está em um acampamento de treinamento. Isso pode ser reforçado ao listar as imagens militaristas nos versículos 12-14: "sê senhor", "reina", "instrumentos de justiça", "obediência". O efeito de pronunciar esses comandos e imagens militares com o tom de um sargento instrutor pode dar vida à passagem. Recitar um hino como “Avante os soldados cristãos” pode despertar ainda mais a congregação para uma nova disciplina de ser soldados da cruz. Além disso, o professor desta passagem pode encorajar os ouvintes que depois de um tempo a disciplina se torna um estilo de vida, uma questão de hábito. Hábitos difíceis, mas bons, que desenvolvemos com o tempo, tornam-se uma segunda natureza para nós, e nos sentimos incompletos quando os negligenciamos, por mais breve que seja.

Ilustrando o Texto

Os cristãos são chamados à união com Cristo.

Filme: Avatar.O filme vencedor do Oscar de James Cameron (2009) fornece uma bela ilustração para compreender a vida espiritual paralela do cristão em união com Cristo. O personagem principal do filme passa por uma luta moral para decidir entre ser fiel às ordens de seu comandante militar de realocar à força o povo “Na'vi” e defender essas criaturas que ele agora ama. Essa luta é intensificada pelo fato de que o herói da história pode mudar de seu corpo terreno para o corpo incrível do Avatar. Porém, quanto mais ele vive em seu universo paralelo recém-descoberto, mais ele deseja deixar seu frágil corpo terreno.

Isso é semelhante aos cristãos que vivem a vida na terra com todas as suas lutas, enquanto desejam assumir sua existência celestial. Eles estão presos entre dois mundos, duas idades. Mas quanto mais os crentes se concentram em sua existência espiritual no céu na mente de Deus, mais efetivamente eles podem servir a Cristo e sua igreja na terra.

A disciplina é a chave para a vida cristã.

Testemunho pessoal: Uma experiência profunda no início da minha vida me ensinou (Marvin) a importância da disciplina na vida cristã. Quando aos dezesseis anos senti que o Senhor estava me chamando para o ministério, pensei que, se eu fosse pregar a Bíblia, precisava começar a estudar a Bíblia por mim mesmo e não depender apenas dos sermões do pregador ou de livretos devocionais. Então comecei a me levantar uma hora mais cedo todos os dias para ler e meditar na Bíblia e depois orar. Fiz isso por cerca de um ano, mas sem tirar nada dos meus tempos de estudo. Eu queria interromper meu tempo devocional com o Senhor em várias manhãs porque parecia muito seco. Mesmo assim, mantive meu plano devocional diário por um ano inteiro, sem nenhuma mudança perceptível.

Depois daquele primeiro ano de estudo da Bíblia, no entanto, algo incrível aconteceu - a Bíblia e a oração ganharam vida para mim! Na verdade, meu estudo da Bíblia se tornou tão emocionante que comecei a fazer anotações em cada versículo que contemplava, acabando por preencher cadernos inteiros de um livro bíblico após o outro. Às vezes penso que o Senhor estava me testando durante aquele primeiro ano para ver se eu realmente falava sério. Pelo poder do Espírito, permaneci disciplinado durante os momentos enfadonhos de meus primeiros estudos devocionais, que eventualmente deram lugar ao que por quarenta e dois anos se tornou a parte mais significativa do meu dia. E aquela conversa matinal com Deus, por sua vez, aumentou a disciplina espiritual em minha vida. Acredito que fará o

mesmo com os outros.

Texto do hino: “Avante Soldados Cristãos ”, de Sabine Baring-Gould.

Avante, soldados cristãos,
marchando para a guerra,
com a cruz de Jesus
acontecendo antes.
Cristo, o Mestre real,
lidera contra o inimigo;
avante para a batalha
veja seus estandartes
irem!

Avante, soldados cristãos,
marchando para a guerra,

com a cruz de Jesus
acontecendo antes.

Ao sinal do triunfo
A hoste de Satanás foge;
então, soldados cristãos,
para a vitória!
As fundações do inferno
estremecem com o grito
de louvor; irmãos,
levantem suas vozes,
elevem seus hinos.

Avante, soldados cristãos,
marchando para a guerra,
com a cruz de Jesus
acontecendo antes.

Romanos 6: 15-

O Novo Domínio do Cristão: dedicada para a justiça

Grande ideia O contraste familiar que vai de 5:12 a 6:14 continua em 6: 15-23: a lei de Moisés não pode resgatar do pecado, que leva à morte, mas a graça de Deus em Cristo engendra a justiça, que leva à vida eterna. O novo componente desse contraste em 6: 15-23 é o uso que Paulo faz da metáfora da escravidão.

Temas principais de Romanos 6: 15-23

- Não há meio-termo quando se trata de escravidão espiritual: ou alguém é escravizado pelo mestre do pecado ou é cativado pelo mestre
- da justiça.

- Estar sob a lei de Moisés significa estar em escravidão ao pecado, o que resulta em morte eterna, mas estar sob a graça de Deus em Cristo traz justiça, que resulta em vida eterna.

O indicativo de libertação do pecado leva ao imperativo de dedicação à justiça.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 6: 15-23 continua a enumeração de Paulo, iniciada em 6: 1-14, das bênçãos do novo domínio como parte da nova aliança. Romanos 6: 1-14 foi dedicado à libertação do crente da lei, do pecado e da morte em virtude da união com a morte e ressurreição de Cristo. Agora 6: 15-23 discute como a dedicação à justiça incumbe aos crentes como participantes no novo domínio. O esboço geral de 6: 15-23 é bastante semelhante a 6: 1-14:

1. A pergunta: Visto que os cristãos não estão sob a lei, eles podem viver em pecado? (6: 15a)
2. A resposta: absolutamente não! (6: 15b)
3. A explicação: Todo mundo tem um mestre, seja o pecado ou a justiça (6:16)
4. A aplicação: Escolha ser um escravo da justiça (6: 17-23)

Mais especificamente, sugiro que o versículo 15 e o versículo 23 formam um inclusio para os versículos 15-23:

> Não sob a lei, mas sob a graça (6:15)
> Não sob o salário do pecado (provocado pela lei), mas sob o dom da vida eterna (provocado pela graça de Deus em Cristo) (6:23)

O resultado líquido disso inclusioé que ela imprime os versículos 16-22 intermediários com um contraste agora familiar: a lei traz o pecado, que leva à morte, mas a graça traz obediência / justiça, que leva à vida eterna. Este contraste básico sustenta as antíteses que ocorrem nos versos 15-23, conforme apresentado na tabela 1.

Tabela 1: As Antíteses em Romanos 6: 15-23

6h15 (inclusio	Escravos da (sob) lei de Moisés	Escravos da (sob) graça	
6h16	Escravos do pecado e da morte	Escravos da obediência e justiça	
6h17	Passado: escravos do pecado	Presente: obediente de coração	Indicativo

6h18	Passado: escravos do pecado	Presente: libertados para serem escravos de	Indicativo
6h19	Passado: você ofereceu seus corpos ao pecado	Presente: ofereça seus corpos para santificação / santidade	Imperativo
6: 20-22	Passado: escravos do pecado, fruto da impureza,	Presente: escravos de Deus, libertados para	Indicativo
6h23 (inclusio	Salário do pecado (provocado pelo	Dom de Deus (graça em Cristo) traz vida eterna	

Antecedentes Históricos e Culturais Os principais históricos e culturais
O pano de fundo para Romanos 6: 15-23 é a antiga instituição da escravidão. A escravidão era uma realidade básica na sociedade greco-romana, atingindo sua maior proporção nos primeiros séculos aC e dC. De acordo com várias estimativas, de um quinto a um terço da população era escravizado. As revoltas de escravos na Itália e na Sicília no final da república confirmam o descontentamento social generalizado na época. O relato de Cato sobre o trabalho escravo na agricultura revela uma mentalidade de capataz que lembra a escravidão antes da Guerra Civil nos Estados Unidos. Sêneca relata que uma proposta do Senado romano de que os escravos deviam seguir um código de vestimenta distinto foi derrotada para que os escravos não descobrissem quão numerosos eles eram. A escravidão era uma instituição desprezível, desvalorizando a dignidade do ser humano. O status legal de um escravo era o de uma “coisa.

Pol. 1.2.4-5) e disse "um escravo é uma ferramenta viva e a ferramenta um escravo sem vida" (
Eth. nic.8.2). Em suma, o escravo estava sujeito ao poder absoluto do mestre. Embora o cristianismo primitivo não desafiasse oficialmente a escravidão (fazer isso seria invocar a ira da poderosa Roma contra os cristãos), o evangelho semeou as sementes que contribuíram para a derrubada daquela instituição hedionda. Na verdade, a afirmação de Paulo em Gálatas 3:28 de que em Cristo não há "nem escravo nem livre", sua responsabilização dos senhores em Efésios 6: 5-9, e seu forte incentivo a Filêmon para deixar seu escravo Onésimo ir livre, espero que contribua para a queda da escravidão.

Percepções interpretativas 6:15 Devemos pecar porque não estamos sob a lei, mas sob a graça?

A questão aqui é muito semelhante a 6: 1: ambos os versículos expõem uma inferência equivocada da mensagem de Paulo da justificação pela fé à parte das obras da lei de que não importa como os cristãos vivem, visto que estão sob a graça. A diferença entre os dois versículos é que a suposição em 6: 1 erra ao sugerir que quanto mais pecamos, mais a graça de Deus aumenta, enquanto a perspectiva em 6:15 se desvia ao assumir que, uma vez que os crentes não estão mais sob a lei, eles não têm a obrigação de viver uma vida santa (cf. 3: 5-8). Robert Jewett observa que a frase "sob a lei" provavelmente se originou como um slogan cunhado pelos judaizantes na crise da Galácia que seguiu a interpretação rabínica de Êxodo 19:17 e Deuteronômio 4:11 no sentido de que a lei estava pendurada de forma ameaçadora sobre suas cabeças.

[131]Como vimos antes e veremos novamente em 6:23, o padrão que Paulo presume em 6:15 é este: a lei leva ao pecado, que traz a morte; por outro lado, a graça de Deus em Cristo traz obediência e justiça, que levam à vida. Mas a graça não deve ser transformada em licenciosidade; daí a resposta mordaz de Paulo à questão de se um crente não tem obrigação de viver uma vida santa:

mē genoito (“Que

nunca seja! ”). Ou seja, ao contrário, os cristãos são obrigados a viver vidas santas.

6h16 vocês são escravos daquele a quem obedecem. Aqui Paulo explica sua resposta em 6:15: não há meio-termo quando se trata de pecado ou justiça, pois alguém é escravo do pecado ou escravo da santidade. Muitos comentaristas notam que a frase

eis hypakoēn(“Para obediência”) ocorre aqui e em Romanos 1: 5; 15:18; 16:26, em cada caso como uma abreviação para a "obediência da fé" dos gentios. Thomas Schreiner capta o significado disso: “A libertação dos cristãos romanos do poder do pecado cumpre as promessas de libertação de Deus feitas a Israel no AT. Israel não estaria mais no exílio quando seus pecados fossem perdoados e eles estivessem livres da escravidão de outras nações (cf. Dn 9). Os crentes em Cristo já experimentaram a liberdade e a alegria prometidas no AT. ”

[132] Em outras palavras, os gentios agora estão experimentando a conversão do tempo do fim prometida no Antigo Testamento, e esta

antesa restauração de Israel. Na verdade, os cristãos gentios estão participando da verdadeira restauração de Israel.

6h17 embora você costumava ser escravo do pecado. Paulo aponta para a história de conversão de sua audiência para apoiar o princípio em 6:16: no passado, os cristãos romanos eram escravos do pecado, mas agora em Cristo eles são escravos da obediência. Como RAJ Gagnon observa, dois contrastes entre a antiga aliança e a nova aliança são mencionados nas frases "obedecido de todo o coração" e "a forma de ensino". A primeira contrasta a antiga aliança e sua lei escrita em tábuas de pedra com a nova aliança e a obediência a Deus de coração por causa da habitação do Espírito Santo.

[133] O último é o typos didachēs, o tipo ou marca de ensino ao qual os crentes são entregues (um passivo divino para Deus): a obediência a Deus pela fé à parte das obras da lei cumpre a promessa da nova aliança, e esta

pelos gentios!

[134]

6h18 Você foi libertado do pecado. Como em 6:17, Paulo expressa a conversão dos cristãos romanos em um tom indicativo: sua ruptura com a escravidão ao pecado se manifesta em sua escravidão presente à justiça.

6h19 oferecem-se como escravos da justiça. Agora Paul emprega o humor imperativo para desafiar seu público a continuar a ser escravo da santidade. Dois comentários podem ser feitos sobre este versículo. Em primeiro lugar, Paulo fala no sentido geral em 6: 19a: porque a natureza humana é fraca na compreensão de assuntos espirituais (neste caso, a obrigação que incumbe aos cristãos de viver uma vida santa), analogias imperfeitas podem ajudar a iluminar a verdade teológica (neste caso a metáfora da escravidão).

[135] Em segundo lugar, agora que Paulo deixou claro em Romanos 1-5 que a justiça é imputada aos crentes à parte de seus próprios méritos, o apóstolo não tem escrúpulos em dizer em 6: 19b que a justiça produz resultados éticos: santificação ou santidade (
hagiasmos)



Esta escultura em pedra representando um escultor trabalhando é de um relevo maior em um sarcófago que mostra a oficina de um escultor (Éfeso, século II dC). Em Roma, muitos dos artesãos qualificados eram escravos que antes eram prisioneiros de guerra que praticavam esses ofícios em seus países de origem. Paulo usa a metáfora da escravidão para ajudar seus leitores a pensar sobre o que tem domínio sobre eles - pecado ou justiça - e os desafia a serem escravos da justiça.

6h21 Que benefício [fruto] você colheu naquela época das coisas de que agora se envergonha?[136]Em 6: 20-22, Paulo retorna ao estado de espírito indicativo, contrastando o estilo de vida de impureza e vergonha dos cristãos romanos com sua dedicação atual à santidade / santificação. Eu sugiro que a "fruta" (

karpos) da impureza que Paulo tinha em mente em 6:21 foi estimulado pela lei de Moisés, visto que ele usa a mesma palavra para a obra da lei em 7: 5: "Porque quando estávamos no reino da carne, as paixões pecaminosas despertados pela lei estavam agindo em nós, de modo que demos frutos para a morte ".

6h23 Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna.

Jewett

faz um comentário importante sobre o contraste aqui entre os salários ou ganhos (opção) do pecado como sendo a morte e o dom de Deus como sendo a vida eterna: "Na visão de Paulo, esses dons [salvação e misericórdia] foram concedidos independentemente de alguém ter cumprido ou não os requisitos da lei. Em Romanos 4: 4, isso estava relacionado à questão dos

salários [

misthos] de uma maneira que fornece a premissa de 6:23: para aquele que trabalha, seu salário não é contado como um presente, mas como seu devido. ”

[137]Eu concordo, e sugiro que "o salário do pecado" na mente de Paulo está relacionado às "obras da lei", pelas quais ninguém será justificado, porque a lei revela, até mesmo estimula, o pecado (3: 19-20) Se eu estiver correto neste ponto, então 6:23

na verdade, forma um inclusio com 6:15: a lei leva ao pecado, que traz a morte, mas a graça leva à justiça, que traz a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor. [138]

Percepções Teológicas Três percepções teológicas me impressionam ao ler Romanos 6: 15-23. Primeiro, como Jesus disse: “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mateus 6:24). Paulo concorda, pois todos os humanos servem a um de dois senhores: o pecado ou a justiça. A antecipação do resultado desses dois domínios - o pecado traz a morte e a justiça traz a vida - deve ser uma motivação ampla para escolher a última regra. Em segundo lugar, ser libertado do pecado pela graça deve motivar alguém a ser dedicado à santidade. Terceiro, nem o legalismo nem a licenciosidade devem caracterizar os cristãos; antes, o que deve caracterizá-los é a fé que leva à santificação.

Ensinando o Texto

Dois temas de sermões vêm à mente com base em Romanos 6: 15-23. O primeiro é “De quem é você escravo?” Este título provocativo pode levar à discussão do padrão familiar que observamos várias vezes agora: a lei leva ao pecado, que leva à morte, mas a graça traz justiça, que traz vida. O tratado incisivo de Martinho Lutero contra Erasmo,

Na escravidão da vontade(1525), rejeitou a tentativa de Erasmus de orientar um meio-termo entre a ênfase de Agostinho na depravação total e a de Pelágio no livre arbítrio - isto é, que os humanos têm a capacidade de se voltar ou se afastar da salvação. Lutero escreveu: “Não aceitamos nem aprovamos esse meio-termo

.....Devemos, portanto, sair de tudo e negar completamente o livre arbítrio, referindo tudo a Deus ”.
[139]Parece que os sentimentos de Paulo estão com Lutero, visto que, de

acordo com o apóstolo, a vontade humana tem apenas a capacidade de desobedecer à lei (especialmente se a lei incitar a vontade de rebelião em primeiro lugar). Em segundo lugar, "O que aconteceu na cruz permanece na cruz!" é um sermão que transmite um duplo significado: nossos pecados foram sepultados com Cristo na cruz para que ninguém possa trazê-los de volta para nos envergonhar, e nosso estilo de vida pecaminoso deve permanecer uma coisa do passado, sepultado na cruz. Aqui, novamente, há tensão entre o indicativo e o imperativo. O primeiro explora o fato de que a morte de Jesus foi por nossos pecados, seu sepultamento removeu esses pecados do alcance humano e sua ressurreição é uma prova positiva de que Deus aceitou o sacrifício de seu Filho por nossos pecados.



O deus grego Dionísio, incorporado ao panteão romano e renomeado Baco, é representado por este busto de terracota de Roma (50-100 DC). Ele era o deus do vinho e de todas as farras que ocorrem com o excesso de indulgência. Os festivais para homenageá-lo muitas vezes se transformavam em orgias, e o Senado Romano proibiu essas celebrações no século II aC. Talvez alguns dos crentes romanos tenham sido escravos da impureza por participarem da adoração a Báquias antes de suas conversões.

Ilustrando o Texto

Todos servem a um senhor: pecado ou justiça; Não há meio termo.

Filme: As Duas Torres. Este filme (2002) é a segunda parcela da adaptação cinematográfica do romance de JRR Tolkien
O senhor dos Anéis. A cena que mostra a luta entre o bem e o mal no personagem de Gollum é poderosa. Gollum foi originalmente chamado de Sméagol, um hobbit do povo do Rio, mas mais tarde é chamado de Gollum porque ele tem o hábito de fazer um "barulho horrível de engolir em sua garganta". Gollum viveu mais do que o esperado porque ele possuiu o Um

Anel. Tornou-se sua obsessão, e ele a persegue por décadas depois de perdê-la para Bilbo Bolseiro. Essa obsessão causou uma cisão em sua personalidade. Enquanto seu um lado, Sméagol, tem vagas lembranças de beleza, amor e amizade, Gollum, seu outro lado, é enganoso e violento. Então, as personalidades duplas de Sméagol começam a conversar, até mesmo lutando entre si. A batalha é pungente e ilustra vividamente o princípio de que o bem e o mal não podem coexistir confortavelmente, que não existe meio-termo. Gollum perde a batalha para o mal.

A libertação do pecado motiva o crente a se comprometer com a santidade.

Literatura: Um conto de duas cidades, de Charles Dickens.O conhecido romance (1859), ambientado em Londres e Paris antes e durante a Revolução Francesa, acompanha a vida de seus personagens principais por meio de uma série de eventos, muitos deles catastróficos. Sydney Carton, um astuto advogado britânico, se esforça para redimir sua vida mal vivida por amor à esposa de um virtuoso aristocrata francês que foi vítima dos excessos da Revolução Francesa. Em um ato de amor sacrificial, Carton no final das contas dá sua vida pelo marido para que o casal possa escapar juntos. Embora Dickens raramente mencione Deus, e nunca como uma força salvadora pessoal, seus livros frequentemente contam histórias de redenção.

Liberdade da lei por meio de Cristo, escravidão à lei por meio de Adão

Grande ideiaPaulo enfoca a relação da lei mosaica com o novo domínio em Cristo. Um contraste gritante emerge: liberdade da lei por causa da união com Cristo versus escravidão à lei por causa da união com Adão. Essa relação é paradoxal: a união com Cristo e com Adão pertencem ao cristão (7: 13-25 explicará isso).

Temas principais de Romanos 7: 1-12

Paulo usa a analogia da morte de um cônjuge em casamento para ilustrar a morte do crente para a lei em virtude de estar unido a Cristo (7: 1-6). Paulo se baseia na história da desobediência de Adão à lei para comunicar a contínua união da humanidade com Adão (7: 7-12).

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 6:23 declara que o cristão está em união com Cristo e, portanto, livre da lei. Isso é ilustrado em 7: 1-6. Mas as coisas

não são tão simples. Porque esta era é dominada pelo pecado de Adão, a lei e a morte permanecem uma realidade presente (7: 7-12).

Podemos delinear 7: 1-6 da seguinte forma:



-
-

Podemos delinear 7: 1-6 da seguinte forma:

Romanos 7:	Lei	Graça
7: 1-4a	Vinculado ao velho	Unidos com o novo marido
7: 4b-5	Fruto da morte	Fruto da vida
7: 6	Carta / antiga aliança	Espírito / nova aliança

Para esboçar 7: 7-11 (v. 12 é uma declaração conclusiva que qualifica os vv. 1-11), eu escolhi usar comparações com a narrativa de Adão, especialmente Gênesis 2-3. Essas comparações são mostradas na tabela 1.

Tabela 1: Romanos 7: 7-11 e a Narrativa de Adão em Gênesis 2-3

Romanos 7: 7-11	Gênesis 2-3
7: 7: “Não cobiçarás.”	3: 1-6: Adão e Eva desejavam ser como Deus e quebrou o mandamento de Deus de não comer da árvore de
7: 8: O pecado é personificado.	3: 1-6: A serpente personifica o pecado.
7: 9a: “Eu estava vivo sem a lei.”	1: 26-2: 14: Apenas Adão e Eva estavam vivos antes do advento da lei, mandamento de Deus de não comer
7: 9b-10: “Eu morri.”	2:17: Deus avisa que se o casal comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, eles morrerão (o que
7:11: “Pecado. . . enganado [exapataō] eu ”(cf. 2 Cor. 11: 3; 1 Tim. 2:14). (O verbo exapataō é	3:13 LXX: “A serpente enganou [apataō] Eu [Véspera]."

Antecedentes Históricos e CulturaisA visão judaica do casamento diferia do entendimento greco-romano dessa instituição. De acordo com a lei judaica, apenas o marido podia se divorciar de sua esposa (ver Deuteronômio 24: 1) e, portanto, a mulher estava ligada a seu marido enquanto ele vivesse; na lei romana, qualquer um dos cônjuges podia iniciar o divórcio.

~~[140]~~ É claro que na ilustração usada em Romanos 7: 1-6, o homem tem todas as cartas do relacionamento conjugal, já que a mulher não é livre para casar novamente até que seu marido morra.



Quando Paulo usa o casamento para ilustrar a autoridade da lei, ele está pensando no regulamentos de casamento sob a lei mosaica, onde uma mulher estava ligada a ela marido enquanto viveu. Segundo a lei romana, apenas os cidadãos romanos podiam ter um casamento legal, e a esposa permanecia sob a autoridade do pai, e não do marido. Isso tornou o divórcio muito mais fácil, pois a esposa não se tornou membro da família do marido e poderia receber o dote de volta se o casamento terminasse. Na foto, um monumento funerário que mostra um casal com seu filho pequeno (25-50 DC, Roma).

Percepções interpretativas 7: 1-4a a lei tem autoridade sobre alguém apenas enquanto essa pessoa viver.

Os rabinos disseram que uma pessoa que morreu está livre da obrigação para com a lei mosaica (
b. Shabb.30a). Os judeus, é claro, sabiam disso, mas os ex-gentios tementes a Deus, como aqueles que constituíam a maioria das igrejas domésticas romanas, da mesma forma sabiam desse ensino, porque antes de sua conversão a Cristo eles adoravam nas sinagogas. A "lei", então, à qual Paulo se refere em 7: 1 é a Torá. As especificidades da analogia de Paulo com o casamento não são muito claras. Em 7: 1-4a Paulo fala sobre a morte do marido, e então em 7: 4b ele fala sobre a morte de cristãos. Muito provavelmente, Paulo tem em mente as seguintes identificações: lei = primeiro marido; esposa = cristãos; novo marido = Cristo. Em qualquer caso, o ponto de Paulo é claro: os cristãos morreram para a lei quando morreram com Cristo.

7: 4b-5fruto para Deus. . . fruta para a morte.Paulo fala sobre dois tipos diferentes de frutos, um que vem de ser libertado da lei e outro que vem de tentar obedecer à lei. Ele diz claramente que a lei incita o pecado, que traz o fruto da morte (cf. 3: 20-21; 4:15; 5: 12-14, 20). Mas união com Cristo

a ressurreição traz o fruto da justiça e da vida ao crente (lembre-se de 6:15, 20-23).

7: 6 servimos na nova forma do Espírito, e não na velha forma do código escrito.
Como muitos comentaristas observam, este versículo contrasta a lei ineficaz da antiga aliança com a obediência que o Espírito engendra para aqueles na nova aliança (cf. 2:29). Curiosamente, no versículo 5, Paulo usa a mesma palavra que usou antes em relação ao lado negativo da lei:

katargeō(“Trabalhar” [compare 7: 5 com 3:31; 4:14; 6: 6]). Além disso, o termo incomum que Paulo usa para a nova aliança em 6: 4,

kainotēs (NIV: “nova vida”), também ocorre aqui em 7: 6 (NIV: “novo caminho”).

7: 7aA lei é pecaminosa? Certamente não!Neste versículo e em 7:12, Paulo oferece uma avaliação positiva muito necessária da lei de Moisés. Aqui, ele elogia a lei ao mostrar o ponto de vista negativamente. “A lei é pecaminosa?” ele pergunta. De tudo o que ele disse sobre a lei até agora, pode-se esperar que ele responda que sim. Mas Paulo troveja com sua enfática mē genoito-absolutamente não! Em vez de ser pecado, a santa lei de Deus expõe o pecado.

7: 7b se a lei não tivesse dito: “Não cobiçarás”.Seguindo a avaliação positiva de Paulo da lei em 7: 7a está uma autobiografia de sua experiência com a lei, expressa na primeira pessoa do singular, em 7: 7b-12. A identificação do "eu" nestes versículos é debatida (ver barra lateral), mas podemos dizer que em 7: 7b Paulo alude à desobediência de Adão e Eva à Torá em sua forma resumida: "Não cobiçarás." Assim, o quadro geral de 7: 7-12 é que o crente ainda é influenciado pelo reino de Adão e, portanto, luta contra a escravidão à lei.

7: 8Mas pecado. . . produziu em mim todo tipo de cobiça. O versículo 8 descreve o pecado
agindo como uma pessoa e, portanto, claramente traz à mente a personificação do pecado na forma da serpente em Gênesis 3: 1-6. Assim

como a serpente saltou sobre o mandamento de Deus a Adão e Eva de não comer da árvore proibida, criando neles o efeito oposto, o pecado aproveita a oportunidade de usar a santa lei de Deus para incitar nos humanos o oposto da santidade - todo tipo de desejo maligno.



Em Romanos 7: 8, o pecado é personificado, talvez lembrando o leitor da serpente em Gênesis 3: 1-6. A serpente aproveitou a oportunidade proporcionada pela ordem de Deus a Adão e Eva, produzindo neles o desejo de provar o que era proibido. Esta capital de pedra do final do século XII DC de um claustro na Catalunha mostra a serpente com Adão e Eva.

7: 9a Uma vez eu estava vivo sem a lei. As únicas pessoas na história que estavam vivos antes de a lei de Deus ser introduzida no mundo, estavam Adão e Eva, por mais curto que tenha sido esse período. O primeiro casal foi criado e colocado no jardim para cuidar dele (Gn 1: 26-2: 15). Só depois disso Deus deu seu mandamento a respeito da árvore proibida (Gênesis 2: 16-17). O pano de fundo Adâmico de 7: 9a funciona melhor do que a outra teoria importante a respeito da frase "Eu já vivi sem a lei", que reflete o bar mitzvah do judeu que, aos treze anos, foi pronunciado um "filho da Torá". No entanto, os meninos judeus foram instruídos na lei desde os primeiros anos (cf. 2 Tim. 3:15; Josefo,

Ag. Ap.2,178; Philo, Embaixada 115,

210), não apenas começando aos treze anos.

7: 9b-10 o pecado ganhou vida e eu morri. A narrativa de Gênesis 2-3 continua a governar o pensamento de Paulo em 7: 9b-10. Suas palavras "Eu morri" baseiam-se em Gênesis 2:17 e na advertência de Deus ao primeiro casal de que se comessem da árvore do conhecimento do bem e do mal, morreriam. Isso realmente aconteceu: Adão e Eva comeram da árvore restrita e morreram espiritualmente no local (ver Gênesis 3: 7-19). Mais tarde, eles morreram fisicamente, colocando a mortalidade em movimento para a raça humana. O paradoxo é impressionante: o mandamento divino dado para preservar suas vidas espiritual e fisicamente tornou-se, nas mãos da serpente, ocasião para a morte. Além disso, Paulo explora a história de Israel: a lei de Moisés, que deveria trazer vida, na verdade resultou, quando nas mãos do pecado, em morte para aquela nação.

O "eu" de Romanos 7: 7-12

A identificação do "eu" em 7: 7-12 é debatida, mas muitos estudiosos paulinos consideram que significa três experiências. O primeiro referente é o próprio Paulo. Assim, aqui Paulo fala de sua experiência com a lei. Antes de encontrar o Cristo ressuscitado, sua avaliação da lei foi positiva (veja Gálatas 1: 13-14; Fp 3: 3b-6), mas depois desse encontro sua perspectiva mudou. Agora ele via a lei como uma preparação para o evangelho, com o propósito negativo de expor o pecado humano a fim de conduzir as pessoas a Cristo.

Em segundo lugar, o "eu" provavelmente também alude à constante desobediência de Israel à lei no Antigo Testamento. Isso foi assim desde o início no Monte Sinai quando, assim como Moisés estava entregando a lei de Deus, Israel estava adorando o bezerro de ouro.

Terceiro, e mais pronunciado, são ecos de Gênesis 2-3 ao longo de 7: 7-12. Em 7: 7, Paulo volta ao mandamento de Deus no jardim do Éden de que o primeiro casal não comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2:17). Adão e Eva desobedeceram, desejando ser como Deus. As palavras de Paulo aqui podem ser o primeiro registro do que se tornou uma crença bastante difundida na literatura rabínica: a Torá estava presente com Adão no jardim. Na verdade, muitos pensaram que a Torá existia antes da criação (por exemplo,

Tg. Yer. Gen. 3,24;y. Bruxa. 2,77c; Gen. Rab.8.2). Além disso, muitos judeus acreditavam que o mandamento de Deus a Adão era representativo de toda a Torá (por exemplo,
4 Esdras 7,11;Tg. Neof.
Gen. 2.15; Gen. Rab.16,5-6; 24,5;Deut. Rab. 2,25;b. Sanh.56b). Além disso, o Judaísmo do Segundo Templo considerou a cobiça, proibida no décimo mandamento, a raiz de todo o mal (por exemplo, Filo,

Criação 152; Decálogo 142, 150, 153, 173;Apoc. Mos. 19,3;Apoc. Ab.24,10; cf. Tiago 1:15).

7h11pecado . . . me enganou. Paulo usa uma forma intensiva da palavra "enganado" (
exapataō), aplicando a si mesmo uma palavra usada em Gênesis 3:13 LXX (apataō) de Eva no jardim (cf. 2 Cor. 11: 3; 1 Tm. 2:14), tornando ainda mais provável que Gênesis 2-3 continue a pesar no argumento de Paulo em 7: 7-12. Como ele mencionou em 7: 8, o apóstolo repete em 7:11 mais intensamente que a serpente / pecado no jardim e o pecado na humanidade perverteram a santa lei de Deus em desobediência. É difícil dizer exatamente o que Paulo quer dizer com “pecado. . . me enganou ”pervertendo a lei em morte e não em vida. Para Adão e Eva,

significava que a serpente enganou Eva a quebrar o mandamento divino na esperança de que ela e Adão pudessem ser como Deus. Mas essa ação na realidade causou sua morte. E Paulo uma vez pensou (e Israel tragicamente ainda pensava) que alguém poderia obedecer à lei de Deus e viver. Para Paulo, isso foi uma tentativa de ser justificado diante de Deus com base na justiça pelas obras (cf. Rm 9: 3-10: 4). Mas este é o engano do pecado, visto que ninguém pode ser aceito diante de Deus com base nisso.

7h12 a lei é sagrada. O versículo 12 é uma declaração conclusiva que qualifica os versículos 1-
11 e é uma reminiscência do versículo 7. Aqui no versículo 12, Paulo reitera que a lei não é a culpada em trazer desobediência a Deus; o pecado é o perpetrador da desobediência. Em vez disso, a lei (toda a lei de Deus para Moisés) ou mandamento (um comando sumário dessa lei) é santo, justo e bom. A lei se originou do caráter santo de Deus e prescreve uma conduta justa, e é boa porque é aplicável a toda a humanidade, procedendo como o faz do bem supremo - o próprio Deus.

Percepções Teológicas Três percepções teológicas emergem em Romanos 7: 1-12. Primeiro, a união do cristão com Cristo produz um estilo de vida santo, algo que a lei não pode fazer. Em segundo lugar, esta era e a velha aliança ainda tocam o coração do crente. Portanto, a obediência do crente a Deus não será perfeita nesta vida. Terceiro, a lei é santa porque é uma expressão do caráter de Deus. O problema com a lei é que a natureza humana pecaminosa a perverte em instrumento de morte.

Ensinando o Texto

Dois sermões emergem de Romanos 7: 1-12. O primeiro, baseado em 7: 1-6, poderia ser intitulado “Liberdade da Lei por causa da União com Cristo”. O esboço de três pontos no gráfico acima (velho marido versus novo marido; fruto da morte versus fruto da vida; a letra da velha aliança versus o Espírito da nova aliança) guiaria muito bem essa mensagem. Podemos imaginar os relacionamentos antes e depois da lei relativos ao cristão como sendo um casamento abusivo. É um fato bem conhecido e trágico que as mulheres que se envolvem em casamentos abusivos muitas vezes têm grande dificuldade em abandonar o relacionamento. Podemos comparar isso ao crente que deseja voltar ao relacionamento supressivo de viver sob a lei. Somente o fruto da morte aguarda essa decisão.

Em segundo lugar, uma mensagem intitulada “Romanos 7: 7-12 e o sequestro da lei pelo pecado” poderia ser pregada repetindo o argumento de Paulo a respeito desses versículos. O ponto principal a ser feito é que a serpente / pecado transformou a santa lei de Deus em ocasião para o pecado de Adão e Eva. E assim é hoje: o princípio do pecado em todos os humanos distorce as boas leis de Deus em desobediência, até mesmo a idolatria de confiar em nossos próprios bons esforços para nos recomendar a Deus. Portanto, o culpado é o pecado, não a lei.

Ilustrando o Texto

Estamos livres da lei porque nos unimos a Cristo.

Biografia espiritual: A história da vida do clérigo e poeta britânico John Newton (1725-1807) ilustra poderosamente a liberdade encontrada em Cristo, assim como as palavras de seu sempre popular hino “Amazing Grace”.

A juventude de George Müller (1805-98) é provavelmente menos conhecida do que sua vida posterior, quando ele estabeleceu orfanatos na Inglaterra. Muitas vezes ele é considerado o “homem que recebeu coisas de Deus”, já que recebeu muitas respostas às orações ao abrir e manter esses orfanatos. No entanto, sua história é muito mais complexa do que esses relatos dramáticos. Müller passou muitos de seus primeiros anos vivendo um estilo de vida pecaminoso, sem se intimidar nem mesmo com a morte de sua mãe. Convidado certa noite para uma reunião cristã na casa de um amigo, ele experimentou algo que disse ter procurado por toda a vida. Esse foi o início da libertação de Müller da escravidão do pecado.



O túmulo de John Newton está localizado no cemitério da Igreja Paroquial de São Pedro e São Paulo, em Olney, Inglaterra, onde foi coadjutor entre 1764 e 1780. O epitáfio, que ele mesmo compôs, fala de sua transformação a partir de pecador a servo pela misericórdia de Deus. Lê-se: "John Newton, Clerk, antes um infiel e libertino, um servo de escravos na África, foi, pela rica misericórdia de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, preservado, restaurado, perdoado e designado para pregar a fé que ele tinha trabalhou por muito tempo para destruir. ”

O pecado (esta era e a velha aliança) atinge o coração.

Pais da Igreja: De Agostinho Confissões fornece uma ilustração clássica de proibições que despertam nos humanos o desejo de transgredir essas mesmas leis. Agostinho conta sobre uma época em que, ainda menino, se juntou a seus amigos para roubar pêras, não porque eles quisessem que alimentassem os porcos, mas porque queriam o prazer de desobedecer à lei.

Literatura: “The Man That Corrupted Hadleyburg”, de Mark Twain. Esta conto parabólico (1899) conta a história de uma cidade cujo lema é “Não nos deixes cair em tentação”. As pessoas em Hadleyburg vivem presunçosamente, seguras de sua virtude e posição espiritual. Uma noite, um

estranho, em busca de vingança por uma ofensa da cidade, deixa um saco na casa do Sr. e da Sra. Richards, alegando que está cheio de ouro. Ele ordena que o saco seja dado ao homem que supostamente

deu-lhe bons conselhos e vinte dólares em um momento de necessidade. Qualquer um alegando saber qual era o conselho, deve anotá-lo, ele diz ao casal e entregá-lo ao reverendo Burgess, que abrirá o saco em uma reunião pública e encontrará as palavras de conselho reais dentro, junto com o ouro. O ouro será entregue a quem sabe a resposta certa. A tentação que se abate sobre esta cidade revela-se irresistível, e o que se segue é a prova, no pensamento do autor, de que todos podem ser comprados. Uma versão curta de um filme da PBS baseado na história foi lançada em DVD em 2004.

Texto do hino: “Vem, Fonte de Todas as Bênçãos”, de Robert Robinson. Robinson (1735-90) escreve, com o que poderia ser lido como um desespero mudo: “Propenso a vagar, Senhor, sinto isso; Propenso a deixar o Deus que amo. ” À luz dessa realidade, ele clama: “Aqui está o meu coração, ó, pegue e sela-o; Sele-o para os tribunais acima. ”

“Homem miserável que eu sou”: Batalha do Duas Idades dentro do Cristão

Grande ideia Paulo compartilha como a batalha das duas eras é travada dentro dele. A boa lei de Deus expõe o pecado, apenas para que esse pecado o leve a desobedecer à lei, o que resulta em morte. Ele documenta sua luta entre querer obedecer à lei e ser incapaz de fazê-lo porque sua natureza pecaminosa o leva à desobediência.

Temas principais de Romanos 7: 13-25

O tema principal que embasa esta passagem é que a luta dentro de Paulo e do cristão é o resultado da sobreposição das duas eras: o já (a era por vir que amanheceu em Cristo) e o ainda não (esta era ainda é uma realidade presente).

Visto que os cristãos são participantes da era por vir, eles desejam obedecer a Deus. No entanto, como ainda são participantes dessa era, eles têm uma natureza pecaminosa, que luta contra seu desejo de obedecer a Deus.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Antes de delinear Romanos 7: 13-25, devo resumir o



-
-

debate hermenêutico sobre esses versos. Esta passagem enigmática tem gerou pelo menos três interpretações principais: (1) fala de Paulo, e todos Cristãos, apresentam envolvimento com o pecado;[141] (2) refere-se à vida passada de Paulo como rabino, uma vida marcada pela frustração com a lei;[142] ou aponta para os dias pré-conversão de Paulo de descontentamento com a lei, como visto por meio de sua

olhos;[143] (3) baseia-se na vida sob a lei vivida pelos não regenerados.[144] Vou abordá-los brevemente na ordem inversa.

A terceira visão tem contra si o fato inegável de que o tempo presente é usado consistentemente ao longo de 7: 14-25 (em contraste com os tempos passados em 7: 7-13), apontando assim para a experiência cristã presente de Paulo, não para seus dias passados de pré-conversão. Além disso, essa interpretação tropeça em 7: 25b: "Portanto, eu mesmo em minha mente sou um escravo da lei de Deus, mas em minha natureza pecaminosa, um escravo da lei do pecado", uma descrição pungente da experiência contemporânea de Paulo.

A segunda interpretação também é contradita pelo uso sustentado do tempo presente em 7: 14-25, para não mencionar a avaliação positiva de Paulo em outra parte de sua capacidade pré-conversão de guardar a lei (Gl 1:14; Fp 3: 6b).

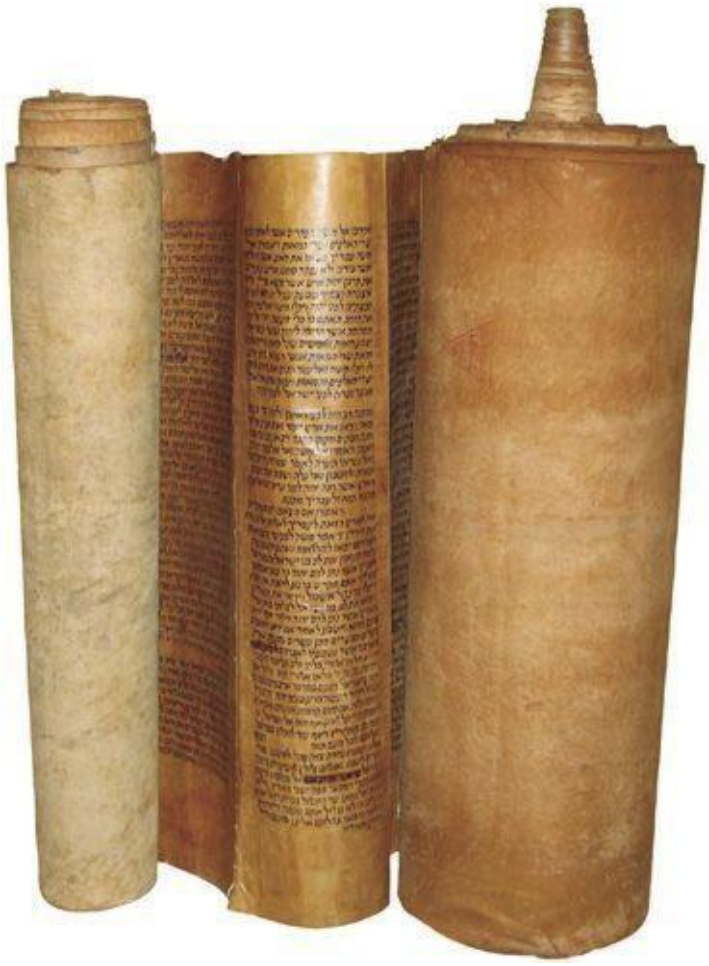
Isso nos deixa com a primeira visão. A única discordância substancial que pode ser expressa contra esse entendimento da passagem é que ela parece pintar um quadro muito negativo da vida cristã, especialmente quando comparada com a presença vitoriosa do Espírito no cristão, conforme registrado em Romanos 8: 1-16. No entanto, essa crítica é mais aparente do que real. Na verdade, 7: 14-25 retrata um lado bom e um lado mau de um cristão, e sua mistura é o resultado da sobreposição das duas eras. Isso produz nos cristãos uma luta profunda entre a obediência e a desobediência a Deus. Dito de outra forma, a tensão escatológica residente nos cristãos é uma evidência de que eles são genuinamente salvos. Isso também explica o "eu" dividido que é difundido em 7: 14-25: não é o dualismo antropológico (o corpo pecaminoso versus a mente), mas sim o dualismo escatológico que informa a luta de Paulo e de todos os cristãos. O crente está preso entre as duas idades, entre querer obedecer a Deus (a era por vir) e não fazê-lo de fato (esta era).

Agora, apresento um esboço de Romanos 7: 13-25:

1. A declaração da tese: A boa lei de Deus traz o pecado à luz apenas para que esse pecado leve Paulo / o cristão a desobedecer à lei de Moisés (7:13)

2. O desenvolvimento da tese (7: 14-24)
    uma. O "eu dividido" (7: 14-20)
    b. As duas leis, um resumo dos vv. 14-20 (7: 21-24)
3. A declaração de transição (7:25)
    uma. Antecipação de Romanos 8 e a vitória sobre o pecado (7: 25a)

uma. Antecipação de Romanos 8 e a vitória sobre o pecado (7: 25a)
b. Resumo de Romanos 7 e a luta contra o pecado (7: 25b)



Este rolo da Torá manuscrito da década de 1740 está em exibição na Sinagoga Ramhal, Acre, Israel. Na passagem anterior, Paulo descreveu a lei como santa porque expressa o caráter de Deus. Aqui ele continua a caracterizar a lei como espiritual e boa.

Romanos 7: 14-20 compara o já e o ainda não conforme estabelecido na tabela 1.

O leitor também pode notar que 7: 14-17 é paralelo a 7: 18-20:

A boa lei contra o pecador Paulo (7:14 // 7:18)
Paulo quer fazer o bem, mas não o faz (7: 15-16 // 7:19) O pecado leva Paulo a fazer o mal (7:17 // 7:20)

Os seguintes paralelos entre as duas leis podem ser vistos em 7: 21-25:

A era por vir já amanheceu - a boa lei da Deus (7: 21a)	Esta era ainda está em vigor - o princípio (poder) do pecado (7: 23a)

Eu quero fazer o bem (7: 21b)	Outra lei está em vigor (7: 23a)
Meu ser interior se deleita na lei de Deus (7:22)	O pecado dentro de mim trava guerra contra o bem e impulsiona eu pecar (7: 23b)
A lei da minha mente (7: 23b)	O corpo da morte (7: 25b)

Antecedentes Históricos e Culturais As principais informações em Romanos 7: 13-25 que encontra paralelos próximos aos dias de Paulo é a luta interna para fazer o bem, apenas para capitular ao mal. O judaísmo teve seu duelo dos dois impulsos (ver, por exemplo,

4 Esdras). O mesmo aconteceu com os escritores greco-romanos. Assim, Ovídio escreveu: “Vejo e aprovo o melhor curso, mas sigo o pior” (Metam.7,21). E Epicteto escreveu: “Todo pecado envolve uma contradição. Pois, visto que aquele que peca não deseja pecar, mas estar certo, é claro que ele não está fazendo o que deseja ”(

Disco.
2.26.1-2; cf. 2.26.4-5). Muito mais distante do entendimento de Paulo está a noção platônica de soma-sema: o corpo é a prisão da alma porque os dois estão em guerra um com o outro.



O tema da luta interna entre boas intenções e ações erradas refletiu

em Romanos 7 pode ser encontrada nos escritos de autores gregos e romanos anteriores. Por exemplo, em Ovídio Metamorfoses, Medéia, enquanto pondera sobre sua atração por Jasão, pondera: "Vejo e aprovo o melhor curso, mas sigo o pior" (Metam. 7,21). Aqui é mostrada uma estátua de Ovídio na Praça de Ovídio, em Constança, Romênia, projetada por Ettore Ferrari em 1887. O poeta romano foi exilado na antiga colônia grega de Tomis, agora Constança, em 8 DC pelo imperador Augusto.

Percepções interpretativas 7:13O que é bom, então, tornou-se morte para mim? De jeito nenhum!
O versículo 13 afirma a tese de 7: 13-25: a lei de Moisés não é culpada por trazer morte à raça humana. Em vez disso, a lei expôs o pecado, apenas para o pecado usar a lei para causar transgressão e morte. A perversão da boa lei de Deus pelo pecado é, portanto, mostrado ser o verdadeiro culpado por trás da morte.

7: 14-20a lei é espiritual; mas eu não sou espiritual. . . Tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não posso realizá-lo.A tese de 7,13 é desenvolvida em 7,14-23, que se divide em duas partes: o “eu” dividido (vv. 14-20) e as duas leis (vv. 21-23). Como os versículos 14-20 contêm paralelos (veja o esboço acima), podemos convenientemente tratar os versículos emparelhados juntos (vv. 14, 18; vv. 15-16, 19; vv. 17, 20).

O versículo 14 afirma que a lei é espiritual, o que significa que sua origem é o Espírito Santo (cf. Sl 19: 7-11;
t. Yad.2,14; ver Str-B 3: 238). Mas Paulo é "carnal" (
sarkinos [NIV: "não espiritual"]), o que significa que Paulo / todos são pecadores (para o mesmo uso de
sarkinos, veja 1 Coríntios. 3: 1). O versículo 18 essencialmente repete os sentimentos de 7.14, onde Paulo contrasta o bom (a lei) com sua natureza pecaminosa.

Os versículos 15-16, 19 enfocam Paulo como o “eu” dividido, querendo fazer o que é certo (obedecer à lei), mas fazendo o que é errado. Eu entendo que esses versículos refletem a luta cristã entre o bem e o mal nascida da sobreposição das duas idades dentro do crente. Os cristãos querem obedecer a Deus porque são cidadãos da era por vir, o reino de Deus. Mas porque os cristãos ainda vivem nesta era de pecado, eles muitas vezes cometem erros.

Os versículos 17, 20 enfocam a culpabilidade do pecado na batalha interna do cristão: é o pecado que leva Paulo e todos os cristãos a fazer o que é errado. Ao dizer isso, Paulo não está evitando a responsabilidade pessoal que todos os crentes têm de resistir ao pecado e fazer o que é certo; ele está simplesmente dizendo que, por si mesmos, os humanos não são páreo para o pecado (mas o Espírito é, como Rom. 8 explicará).

7: 21-23Eu me deleito na lei de Deus; mas vejo outra lei trabalhando em mim.

Versos 21-23 resumem 7: 13-20 enraizando o "eu" dividido nas duas leis que governam o reino espiritual: a lei de Moisés (Deus) e a lei ou poder / princípio de

pecado. Antes de explicar as ações distintas associadas a essas duas leis, devo primeiro mencionar que os intérpretes bíblicos estão divididos sobre se a segunda lei (a do pecado) é a lei mosaica ou, neste caso,

nomosdeve ser traduzido como "princípio" ou "poder". James Dunn, por exemplo, diz que
nomos é a lei mosaica em 7: 13-25.
[145]Ele aceita a lei de Deus (Moisés) para ser agora libertado desta era, e o uso indevido de Israel para criar barreiras sociais. Esta nova

A perspectiva de Paulo é assim:

Essa idade	Idade por vir
A lei de Moisés foi mal usada para produzir o pecado	A lei de Moisés libertou do uso indevido do pecado

Na minha opinião, visto que Romanos 3: 27-31 registra três versões diferentes de nomos (lei de Moisés, princípio / poder e aliança), não vejo razão para nomosnão poderia ser traduzido de maneiras diferentes em 7: 21-23: a lei de Moisés e o princípio / poder do pecado. Assim, 7: 21-23 documenta as duas leis contrastantes: a lei de Deus, que Paulo deseja servir em seu ser interior

mente, contra a lei
princípio do pecado, ao qual Paulo realmente serve em seu corpo de pecado / morte (7:24). A dicotomia de Paul entre o ser interior
mente e corpo do pecadoa morte parece platônica, mas como observamos acima, é mais escatológica na orientação:

Essa idade	Idade por vir
Corpo de pecado / morte (o corpo físico não é	Nova natureza ("ser interior") / mente (sobre a nova natureza, cf. o mal, mas é o instrumento do pecado e da morte) 2 Coríntios. 4:16; Eph. 3:16; sobre a mente renovada, cf. ROM. 12: 1-

2)

Portanto, a luta do cristão parte da realidade de viver simultaneamente nos dois mundos.

7h24 Que homem miserável eu sou! A situação miserável de Paulo e do cristão é o estado de estar dividido entre a era por vir e esta era, entre a nova natureza e a velha natureza.

7h25 Graças a Deus, que me livra por meio de Jesus Cristo nosso Senhor! O versículo 25 é uma declaração de transição: o versículo 25b resume a situação do crente como explicitado em 7: 13-24, enquanto o versículo 25a antecipa a vitória da nova natureza em Cristo pelo poder do Espírito, como é explicado de forma bela em Romanos 8.

Percepções TeológicasEncontramos duas verdades teológicas em Romanos 7: 13-25. Primeiro, a lei de Moisés não é culpada pela morte. Mas, como na ordem da história da salvação a lei ainda pertence a esta era, ela sofre o uso indevido do pecado, resultando em morte. Em segundo lugar, a luta na vida cristã é normal. Isso significa que a entrada da nova natureza no crente na conversão não mais

permite que o pecado fique desimpedido.

Ensinando o Texto

Uma boa ideia de sermão baseada em Romanos 7: 13-25 é desenvolver a de Martinho Lutero
famosa descrição do cristão como simul justus et peccator- santo e pecador ao mesmo tempo. A mensagem poderia discutir o "eu" dividido em 7: 14-20 e as duas leis em 7: 21-24. Com relação ao primeiro, três declarações resumem os comentários de Paulo ali. Primeiro, a lei é boa, mas Paulo (e toda a humanidade) é mau. Em segundo lugar, apesar de tudo, Paulo deseja profundamente fazer o bem. Terceiro, ele faz o mal de qualquer maneira, porque o pecado o leva a fazer isso. A discussão de duas leis em 7: 21-24 registra uma situação semelhante. Assim, porque a era vindoura amanheceu, Paulo e todos os cristãos estão em Cristo e possuem o Espírito e, portanto, têm o desejo e a capacidade de servir a Deus. Mas porque a era por vir não está completa, a lei da carne pecaminosa ainda reside no coração do crente, dificultando a tentativa de obedecer a Deus. Mas, em vez de levar o cristão ao desespero, essa luta sinaliza as boas novas de que o crente é, afinal, um cidadão da era por vir, embora o reino de Deus ainda não esteja completo. Além disso, em Romanos 8, Paulo afirma

que o poder do Espírito que habita em nós pode fazer a diferença na vida do crente para a piedade. O Espírito Santo pode ter sucesso em conduzir os cristãos a uma vida de santidade de uma forma que a lei do Antigo Testamento não conseguia. Isso também é um sinal de que a era por vir amanheceu em Jesus, o Messias.



Quando Paulo fala sobre ser "vendido como escravo do pecado" em Romanos 7:14, ele cria um imagem que seus leitores entenderiam. Esta é a nota de venda de uma escrava de seis meses da Grécia do século III dC. O preço de compra foi de quinze moedas de prata.

Ilustrando o Texto

Os cristãos têm apetite por santidade, mas propensão ao pecado.

Poesia: “Holy Sonnet XIV”, de John Donne. Um dos mais articulados expressões do dilema do cristão é este soneto do poeta metafísico Donne (1572-1631), que também se tornou o reitor da Catedral de São Paulo em 1621. Donne teve uma infância conflituosa, após a qual se converteu. O soneto descreve a luta do crente entre a velha e a nova natureza:

Golpeie meu coração, Deus de três pessoas; para você
Por enquanto, basta bater, respirar, brilhar e procurar consertar; Para que eu possa erguer-me e permanecer, me derrubar e dobrar Sua força, para quebrar, soprar, queimar e me renovar. Eu, como uma cidade usurpada, a outro devido,
Trabalhe para admitir você, mas O, sem fim.
Razão, seu vice-rei em mim, eu deveria
defender, Mas está cativado, e se mostra fraco
ou falso. No entanto, eu te amo
profundamente, e seria amado de bom grado,
Mas estou prometido a seu inimigo;
Divorcie-se de mim, desamarre-se ou
quebre aquele nó de novo, Leve-me para
você, prenda-me, porque eu, Exceto que
você me encante, nunca serei livre

Nem nunca casto, exceto se você me violar.[146]

Filme: A paixão de Cristo. Este filme (2004) é um poderoso e gráfico retrato do sofrimento e da morte de Jesus. Em uma cena, Jesus está orando no jardim do Getsêmani, claramente em grande angústia com a proximidade de sua morte. Nesse momento, Satanás aparece na forma de uma mulher com voz de homem e pergunta a Jesus se ele acredita que um homem pode suportar o peso do pecado de toda a humanidade. A pergunta não é sincera, como as perguntas de Satanás nunca são, e ele mesmo responde dizendo que ninguém pode fazer isso, pois "o fardo é muito pesado". Jesus está de bruços no chão quando uma serpente desliza para fora do manto de Satanás e segue em direção a Jesus, tocando sua mão. Satanás sorri, como se tivesse certeza de que Jesus foi derrotado. Mas Jesus então se levanta do chão e esmaga a cabeça da serpente. Ele ganha uma nova determinação para fazer o que deve:

Filme: O apóstolo.Neste filme (1997), Euliss “Sonny” Dewey (interpretado por Robert Duvall) é uma pregadora carismática casada no Texas com um olhar errante e uma série de outras falhas graves. No entanto, ele continua testemunhando do poder de Deus, eventualmente se mudando para

Louisiana, onde começa uma igreja com uma congregação racialmente integrada. Ele até consegue levar um racista violento ao Senhor. Embora Sonny seja irritantemente falho, parece haver poucas dúvidas de que neste filme Duvall, que escreveu e dirigiu o filme, está explorando a natureza mista dos filhos de Deus.

O Espírito Santo e as Bênçãos da Nova Aliança

Grande ideia

O Judaísmo do Segundo Templo ansiava pelo retorno do Espírito de Deus, como evidenciado em Joel 2: 28-29. O uso do termo "Espírito" por Paulo no capítulo 8 significa que a profecia de Joel se cumpriu. O capítulo está repleto de bênçãos da aliança do Espírito - dadas aos gentios, nada menos, porque eles aceitaram Jesus como o Cristo.

Tema principal de Romanos 8: 1-17

O Espírito Santo concede aos cristãos inúmeras bênçãos do novo aliança: justificação, obediência, habitação, ressurreição, adoção e herança.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 8: 1-17 discute seis bênçãos da nova aliança para o crente que procedem do Espírito: justificação (v. 1), obediência (vv. 2-8, 12-13), habitação (vv. 9-10), ressurreição (v. 11), adoção (vv. 14-16) e herança (v. 17). Romanos 8: 18-30 adiciona mais uma bênção do Espírito da nova aliança, a glória (através do sofrimento), que discutirei na próxima unidade.



-

Antecedentes Históricos e Culturais O pano de fundo do termo "adoção" (Huothesia), que aparece pela primeira vez em Romanos 8:15, é duplo. De acordo com o costume romano, um pai poderia legalmente adotar um menino fora da família do pai como filho. Quando o menino completou treze ou quatorze anos, o pai legou ao filho adotivo a herança do pai.

[147]Além disso, embora a adoção como um ato legal não fosse uma instituição judaica, os judeus às vezes criavam os filhos de outros, tratando-os como seus próprios (Gênesis 15: 2-4; Ester 2: 7; cf. Êxodo 2:10) . Mas ainda mais importante é o fato de que Israel foi adotado como filho de Deus no Antigo Testamento (por exemplo, Êxodo 4:22; Jer. 3:19; 31: 9; Os. 11: 1). Esse pano de fundo pode ser a influência mais próxima em Romanos 8:15.

Percepções interpretativas 8: 1 agora não há condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus.O advérbio “agora” significa que a era por vir amanheceu com a vinda de Cristo e do Espírito. Para os que estão em Cristo, a condenação que a lei trouxe não se aplica mais a eles. Em vez disso, os cristãos agora têm a justificação do tempo do fim. Como vimos em 1:17, a justificação é o ato salvador de Deus associado à restauração de Israel e à nova aliança. Paulo declara em 8: 1 que essa realidade agora pertence aos cristãos gentios.

8: 2-4 a lei do Espírito que dá vida estabeleceu você[148] livre da lei do pecado e da morte.
A identidade das duas leis mencionadas em 8: 2 é muito debatida. Alguns pensam que ambas as ocorrências de
nomosconsulte a Torá. Assim, Paulo estaria contrastando a Torá como o instrumento do pecado e da morte nesta era com a Torá da era por vir, que agora pode ser cumprida pelo poder do Espírito Santo.

[149] Mas a maioria dos comentaristas, acredito corretamente, considera a "lei" do Espírito como o princípio / poder do Espírito (não a Torá),

enquanto a

a segunda lei é a Torá inepta. Vimos Paul usar nomosde maneiras diferentes em 3: 27-31; 7: 21-23, e aparentemente ele faz o mesmo aqui em 8: 2-4. Assim, 8: 2 afirma que o Espírito trouxe a vida da nova aliança, enquanto a Torá da velha aliança traz apenas o pecado e a morte.

O versículo 3 aponta para a razão final para o fracasso da Torá: é incapaz de gerar obediência por causa da natureza pecaminosa dos humanos. Mas Deus resolveu o dilema de como capacitar os humanos a obedecê-lo, enviando seu Filho como humano para derrotar o pecado. A morte sacrificial de Cristo derrotou o pecado e substituiu-o pela obediência do cristão. As profecias da nova aliança do Antigo Testamento (por exemplo, Jr 31: 31-34; Ez 26: 26-28) associavam a nova aliança com a obediência de coração realizada pelo Espírito.



Antes do templo, os israelitas ofereciam seus sacrifícios no tabernáculo de acordo com os requisitos da lei mosaica. Este modelo do tabernáculo em Timna, Israel, mostra o altar fora da tenda de reunião. Porque seguir a lei não poderia vencer o pecado, Deus enviou seu Filho como oferta pelo pecado.

O versículo 4 declara que a esperança é uma realidade presente: os cristãos, pela habitação do Espírito, obedecem ao justo requisito (dikaiōma) da lei. Uma comparação desta declaração com Romanos 13: 8-10 e Gálatas 5:14 sugere que Paulo cria que o amor pelos outros (e Deus) é o cumprimento final da essência da lei (cf. Marcos 12: 28-31).

8: 5-8 A mente governada pela carne é morte, mas a mente governada pelo Espírito é vida e paz.Um gráfico captura melhor os sentimentos de Paulo em 8: 5-8, após o qual apresento três breves comentários. Há um contraste constante nesses versículos entre os dois domínios da carne e do Espírito.

	Carne / Lei	Espírito
8: 5	Natureza pecaminosa:	Natureza espiritual: mentalidade do Espírito
8: 6	Resultado: morte	Resultado: vida
8:	Hostil, desagradável a Deus	(Implícito) Obediente, agradável a Deus (cf.

Primeiro, nesses versículos Paulo fala no modo indicativo, não no imperativo. Assim, ele está descrevendo a realidade espiritual: quem segue a carne desagrada a Deus e morre, mas quem segue o Espírito obedece a

Deus e vive. Segundo, um

a comparação de 8: 5-8 com o capítulo 7 (e mesmo 8: 3-4) deixa claro que é a Torá que incita a carne a pecar (embora o pecado seja o culpado, não a lei). Terceiro, 8: 5-8, portanto, reverte as bênçãos e maldições da velha aliança:

Antiga Aliança	Nova Aliança
A lei leva à morte	Espírito conduz à vida

8: 9-10se de fato o Espírito de Deus vive em você. . . se Cristo está em você.Uma terceira bênção da nova aliança é explicada em 8: 9-10: a habitação do Espírito Santo. A residência do Espírito no cristão deve ser entendida contra o pano de fundo da fórmula da aliança: “Eu habitarei entre os israelitas e serei o seu Deus” (Êxodo 29:45; cf. Êxodo 25: 8; Lv 26 : 12; Jeremias 32:38; Ezequiel 37:27;

2 Cor. 6:16; Rev. 21: 3).

Para Paulo, não há meio-termo: ou alguém tem o Espírito e, portanto, é cristão, ou não tem o Espírito e, portanto, não é cristão (8: 9). O versículo 10 deve ser traduzido como concessivo: “Mas, se Cristo está em vós, embora o vosso corpo esteja sujeito à morte por causa do pecado, o vosso espírito está vivo por causa da justiça” (NIV mg.). O corpo aqui é o veículo do pecado que culminará na morte. No entanto, os cristãos viverão eternamente em um corpo de ressurreição (ver 8:11) porque eles possuem o Espírito Santo, que coloca os crentes em união com a justiça e vida de Cristo.

~~[150]~~

8h11 aquele que ressuscitou Cristo dos mortos também dará vida aos seus corpos mortais.Aqui está a quarta bênção do Espírito da nova aliança: a futura ressurreição do crente. De acordo com Ezequiel 36-37, uma das circunstâncias inerentes à nova aliança será a ressurreição de Israel como nação - isto é, a restauração de Israel. Ao lado da esperança futura da ressurreição nacional de Israel, Daniel 12: 1-3 coloca o corpo de ressurreição individual do crente. A herança judaica de Paulo combinou esses dois aspectos, assim como o apóstolo em Romanos 8:11. O Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos também ressuscitará os cristãos dos mortos. Para Paulo, a ressurreição de Jesus deu início à verdadeira restauração de

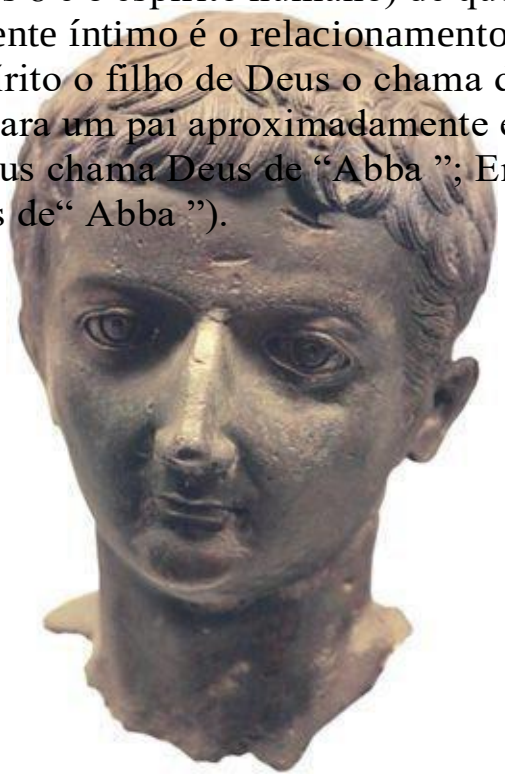
Israel, que inclui os gentios e a esperança futura do corpo da ressurreição.

8: 12-13 se pelo Espírito você matar os erros do corpo, você viverá.Os versículos 12-13 mudam para o lado imperativo da vida cristã: pelo poder do Espírito que habita em nós, os cristãos devem mortificar ou matar os atos da natureza pecaminosa. O padrão é o mesmo aqui que em 8: 5-8: a natureza pecaminosa leva à morte, mas o Espírito capacita os crentes a superar seus desejos pecaminosos e assim viver. Sem dúvida, a Torá ainda está na mente de Paulo em 8: 12-13, em que a lei desperta a natureza pecaminosa, mas o Espírito a derrota.

8: 14-16 Pois aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.

Os versos 14-16 registram uma quinta bênção do Espírito da nova aliança: adoção (
Huothesia) como filhos de Deus (8:15). Vimos anteriormente que o pano de fundo da adoção mais familiar a Paulo foi a adoção de Israel por Deus como seus filhos (Êxodo 4:22; Jr 3:19; Os 11: 1; Rm 9: 4). Além disso, James Scott demonstrou que a restauração de Israel incluiria a restauração de Israel à condição de filho de Deus.

[151]Para Paulo, portanto, aplicar o rótulo "filhos de Deus" aos gentios teria sido dramático: os cristãos gentios estão incluídos na restauração de Israel! O Espírito Santo testifica com o espírito dos cristãos (o único caso em que "espírito" em Romanos 8 é o espírito humano) de que eles são filhos de Deus (8:16). Tão incrivelmente íntimo é o relacionamento do crente com o Pai celestial que pelo Espírito o filho de Deus o chama de "Abba", um termo aramaico de carinho para um pai aproximadamente equivalente a "papai" (em Marcos 14:36 Jesus chama Deus de "Abba "; Em Gálatas 4: 6, os cristãos chamam Deus de" Abba ").



[152]

Aos 46 anos, Tibério foi adotado por Augusto como seu filho e, portanto, herdeiro legítimo. Este busto de bronze de Tibério foi criado para comemorar aquele evento, que ocorreu em 4 dC Tibério se tornou imperador após a morte de Augusto e governou durante a época de Cristo (14-37 dC). Paulo diz aos crentes romanos que o Espírito Santo trouxe sua "adoção à filiação" (Rom. 8:15), que eles são filhos de Deus e, se são filhos, são herdeiros.

8:17 herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se de fato participamos de sua sofrimentos. Aqui Paulo menciona uma sexta bênção do Espírito do novo aliança: herança ("herdeiros" [klēronomos] e “co-herdeiros” [synklēronomos]). No Antigo Testamento, a herança de Israel era a terra de Canaã, mas no Judaísmo do Segundo Templo a herança também era entendida como envolvendo o reino espiritual (4 Mac. 18: 3; Pss. Sol. 14,5-10; 1 En. 40,9; 2 En.9.1). Para Paulo, a herança celestial agora é propriedade do cristão (Ef 1: 1-3) e é o ponto culminante da aliança abraâmica (Gl 3:14, 29), que inclui ser herdeiro do mundo. Mas tal herança gloriosa tem um custo: compartilhar o sofrimento de Cristo; este será o tema de 8: 18-30. Assim, 8:17 serve como uma transição entre 8: 1-16 e 8: 18-30.

Percepções TeológicasAlgumas verdades espirituais se destacam em Romanos 8: 1-17. Primeiro, o Espírito Santo é a chave para a vida cristã, abençoando o crente com justificação, obediência, habitação e a esperança da ressurreição, confirmando a inclusão na família de Deus e tornando os cristãos participantes da herança celestial. Essas bênçãos da nova aliança superam em muito as falhas da antiga aliança. Em segundo lugar, a morte e ressurreição de Jesus Cristo e o Espírito Santo

residência nos crentes concede-lhes intimidade espiritual sem paralelo com Deus como seu Pai, até mesmo como Abbá.

Ensinando o Texto

Talvez o melhor sermão para pregar em Romanos 8: 1-17 seja aquele que cobre as seis bênçãos do Espírito da nova aliança. O ponto de ênfase de tal mensagem é destacar a realidade de que essas seis bênçãos do tempo do fim da nova aliança pertencem agora ao crente. Primeiro, o Espírito é aquele que coloca o pecador em Cristo no momento da fé, momento em que Deus declara essa pessoa justificada em antecipação ao dia do julgamento (8: 1). Em segundo lugar, o Espírito é quem cumpre as profecias da nova aliança: por meio de Cristo ele reside no povo de Deus, dando-lhe o poder de obedecer a

toda a lei de Moisés prevista, mas sem estar sob a lei (8: 2-8 , 12-13). Isto é importante para anotar,

porque Paul não é antinomiano; isto é, ele não defende que o crente não tem responsabilidade de viver uma vida santa. Em vez disso, ele sabe muito bem que a carne é incapaz de obedecer à lei. Somente por meio do Espírito Santo capacitador se encontra a capacidade de agradar a Deus. Terceiro, a presença do Espírito de Deus, como mencionado acima, cumpre a tão esperada promessa do Antigo Testamento de que Deus

Espírito seria derramado além de Israel sobre toda a carne (compare 8: 9-10 com Joel 2: 28-29) - isto é, aqueles que acreditam em Jesus Cristo. Quarto, a presença do Espírito dentro do cristão é o pagamento do futuro corpo de ressurreição a ser dado ao crente na volta de Cristo (compare 8:11 com 2 Coríntios 5: 5; Efésios 1: 13-14) Quinto, a habitação do Espírito dá aos crentes a sensação interior de que Deus é seu Pai celestial (8: 14-16). Sexto, o Espírito também é prova de que os crentes estão destinados à glória celestial, ao mesmo tempo que os capacita a sofrer com Cristo (8:17).



Esta pintura de Duccio di Buoninsegna de Siena (século XIV DC) mostra o Espírito Santo sendo derramado no dia de Pentecostes.

Ilustrando o Texto

Enquanto os cristãos lutam contra a velha natureza, o Espírito Santo os fortalece.

Literatura: O progresso do peregrino, por John Bunyan. Este livro (1678) é

excelente para ilustrar princípios teológicos em Romanos, particularmente aquelas cenas na Casa do Intérprete antes de Cristão perder seu fardo na cruz. Lá

são sete dessas cenas de ensino nesta seção. Em uma delas, Christian vê o Intérprete levar um homem até a porta do Palácio, onde muitos homens estão reunidos, aparentemente querendo entrar. Também na porta estão homens em armaduras aparecendo para impedir sua entrada, agindo de forma ameaçadora e potencialmente prejudicial. Isso intimida aqueles que estão ali, exceto por um homem que, com uma grande expressão de propósito, pede que seu nome seja escrito. Pegando a espada, ele coloca um elmo e avança contra aqueles que querem mantê-lo do lado de fora. A batalha é feroz e o homem está ferido, mas luta até ganhar a entrada e encontrar a glória eterna lá dentro. A lição parece clara; uma guerra feroz pode ser travada entre a velha e a nova natureza, mas prosseguir garantirá a vitória.

O sacrifício de Cristo e a habitação do Espírito nos dão intimidade com Deus Pai.

História:Quando Oliver Cromwell serviu como Lorde Protetor da Inglaterra, um jovem soldado foi condenado à morte quando o toque de recolher tocou. Sua noiva implorou a Cromwell para salvar sua vida dando-lhe um perdão, mas ele recusou. Enquanto o sacristão da igreja puxava repetidamente a corda no toque de recolher, o sino permaneceu em silêncio. A noiva do rapaz havia subido na torre do sino e se enrolado no badalo para evitar que batesse no sino. Ela se recusou a soltar, apesar dos ferimentos que estava sofrendo. Quando ela finalmente desceu para o local da execução, Cromwell, profundamente impressionado por tal amor heróico e sacrificial, comutou a frase. A história é imortalizada em um poema chamado “O toque de recolher não tocará esta noite”, de Rose Hartwick Thorpe, que ilustra vividamente o sacrifício de Cristo na cruz, que também nos impede de julgar.

[153]

Romanos 8: 18-

O Espírito e a Glória da Era Vinda e da Nova Aliança

Grande ideiaPaulo mostra outra bênção do Espírito da nova aliança: glória. Mais particularmente, o Espírito é um sinal da glória da era por vir e da nova aliança. E ainda assim, essa glória ocorre em meio a esta era e sofrimento.

Temas principais de Romanos 8: 18-30

-

- Sofrer com Cristo nesta era assegura ao cristão a glória da era por vir e a
- nova aliança.
- A criação geme pela nova criação.
  Os cristãos gemem pelo corpo da ressurreição.
  O Espírito geme em oração em nome do crente.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto

1. Sofrimento / glória (8:18)
2. Três gemidos (8: 19-27)
    uma. A criação geme (esperança pela revelação dos filhos de Deus) (8: 19-22)
    b. Os crentes gemem (primícias do Espírito / pela esperança fomos salvos) (8: 23-25)
    c. O Espírito geme (o Espírito nos ajuda em nossas fraquezas) (8: 26-27)
3. Sofrimento / glória (8: 28-30)[154]

Cada um desses pontos - sofrimento / glória, o gemido da criação, o gemido dos cristãos e o gemido do Espírito - inclui as bênçãos da era por vir e a nova aliança que já raiou para os cristãos, mas ainda não está completa.



Os primeiros artistas cristãos ocidentais frequentemente representavam Cristo em seu trono governando o mundo, como mostrado nesta reprodução de uma pintura em pergaminho de Haregarius (844-51 DC). Esta representação artística ficou conhecida como Cristo em majestade ou Cristo em Glória. Um dia os crentes compartilharão da glória de Cristo.

Antecedentes Históricos e Culturais 1. Versículos 17-18 e versículos 28-30, preocupado com os temas de sofrimento e glória como eles são, formam um inclusio
em torno de Romanos 8: 19-27. Esses dois temas combinados para formar uma noção proeminente nos escritores apocalípticos judeus, que acreditavam que o sofrimento do povo de Deus na era presente traria glória a eles na era por vir (por exemplo,

1 En.1,2-8; 96,3; 2 Bar. 48,49-50; 51,3-11; 4 Esdras7,15-16, 95-98). Porém, para Paulo, como para os primeiros cristãos, a relação entre sofrimento e glória não era mais consecutiva (uma levaria à outra), mas dialética (uma se confunde com a outra). Por causa da morte e ressurreição de Cristo, a glória da era por vir irrompeu nesta era de sofrimento. Assim, os dois estão entrelaçados na vida do cristão, conforme Romanos 8: 17-

18 deixa claro. A glória de Deus já é possessão do crente, mesmo nesta era de sofrimento. Mas a glória divina é atualmente invisível, residindo no coração do cristão. Somente na parusia (o retorno de Cristo) ela será revelada publicamente no corpo da ressurreição do crente (veja 2 Coríntios 4: 16-5: 10; Fp 3: 20-21; Colossenses 3: 1-4).

Romanos 8: 28-30 apresenta o mesmo padrão: a glória divina é o presente posse do crente, mas coexiste com o sofrimento. O primeiro aspecto é delineado em 8: 29-30, que mostra uma exibição deslumbrante de termos teológicos para descrever o aspecto presente da salvação do cristão ("pré-conhecido", "predestinado", "chamado", "justificado", "glorificado") . Não é por acaso que “glória” (8:30) é o termo usado para concluir essa lista, pois ela retorna o leitor ao pensamento que deu início ao parágrafo (8:17). O

último aspecto, sofrimento, é o antecedente conceitual das palavras “em todas as coisas Deus trabalha para o bem daqueles que. . . foram chamados de acordo com o seu propósito ”(8:28). No contexto, “todas as coisas” são as aflições que Deus usa (8: 17-25) para conformar os crentes à imagem e glória de Cristo (8:29).

[155]

2. Romanos 8:22, à primeira vista, é enigmático: “Sabemos que o todo a criação tem gemido como nas dores do parto até o presente Tempo." Além disso, Paulo atribui qualidades humanas à criação quando afirma: “A criação aguarda com grande expectativa que os filhos de Deus sejam revelados” (8:19 [cf. a descrição semelhante em 8:21]). O anseio do cosmos pela glorificação final do povo de Deus e pela restauração simultânea da terra é um refrão dominante no apocalipticismo judaico e é sucintamente

resumido na expressão moderna Urzeit-Endzeit(“Hora de término do tempo original”). Isso significa que o fim dos tempos, ou a era por vir, recapitulará o cenário paradisíaco do início dos tempos (veja Is 11: 6-8; 65: 17-25; Ez 34: 25-27;

Jub. 1,29; 1 En. 45,4-5; 2 Bar. 32,6; 49; 73,5-7; 4 Esdras6,16; 7,25, 119-26; cf. Rev. 21-22).

Percepções interpretativas 8:18 os sofrimentos presentes não são comparáveis com a glória que será revelada em nós.
O versículo 18 continua o tema do sofrimento que leva à glória de 8:17. Três comentários podem ser feitos sobre este tema. Primeiro, como observado anteriormente, o sofrimento por causa da justiça nesta era que leva à glória da era por vir tem uma orientação apocalíptica. Em segundo lugar, também está enraizado na nova aliança. Paulo deixa isso claro em 2 Coríntios 3: 1-5: 21, onde fala sobre a glória da nova aliança sobre a antiga (3: 1-4: 6), mas diz que essa nova aliança está enraizada no sofrimento (4: 7-5: 21). Terceiro, ao participar do paradigma sofrimento / glória, o cristão participa do sofrimento e da glória de Cristo (compare Rm 8: 17-18 com 2 Cor. 3: 1-5: 21; Fp 3:10, 21; Col. 3: 4;

2 Tes. 2:14; Heb. 2: 7-10).
8: 19-22a criação espera em expectativa ansiosa. . . toda a criação tem gemido.
O tema sofrimento / glória agora é expresso em termos dos gemidos da criação (8: 19-22), do cristão (8: 23-25) e do Espírito (8: 26-27). Com relação ao gemido da criação, a glória futura do mundo não humano está ligada ao retorno de Cristo e à gloriosa ressurreição do corpo que aguarda o crente (8:19, 21b). A suposição aqui é que a nova criação que Cristo traz irá restaurar o paraíso perdido - o

Urzeit-Endzeitpadrão (compare Gn 1-3 com Ap 21-22). Toda a criação tem

gemido naquele dia desde que o pecado de Adão trouxe a maldição divina sobre a terra (compare Rm 8: 20-22 com Gn 3:17).

[156] Talvez, como em Romanos 5: 12-14, devamos ver em Romanos 8: 19-22 a dinâmica da lei da antiga aliança estimulando o pecado de Adão e as maldições resultantes sobre a humanidade, bem como sobre o mundo não humano. Mas já no jardim do Éden, Deus mantinha a esperança de que o Messias viria e restauraria todas as coisas (compare Rm 8:20 com Gn 3:15, o

protoevangelion)[157]

8: 23-25 nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente enquanto esperamos.O gemido do cristão também evoca o paradigma sofrimento / glória. Assim, os crentes gemem porque eles, como a criação, estão sujeitos à maldição de Adão nesta era má. Mas os cristãos também gemem porque sabem que a habitação do Espírito é a prova de que o glorioso corpo da ressurreição certamente os espera. E essa esperança sustenta o crente nesse ínterim (8: 24-25). Portanto, o gemido é tanto negativo (sofrimento nesta era) quanto positivo (glória na era de

venha).[158]

Mais dois comentários podem ser feitos sobre o corpo glorioso do crente, ambos ligados à nova aliança. Primeiro, a futura ressurreição gloriosa foi associada pelos profetas com a restauração de Israel e a chegada da nova aliança (por exemplo, Ezequiel 36-37; Dan. 12: 1-3). Em segundo lugar, Apocalipse 21-22, a descrição quintessencial da futura ressurreição e da nova criação, associa intimamente essas realidades à nova aliança: "A morada de Deus agora é entre o povo, e ele habitará com eles. Eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus "(21: 3). Essa formulação clássica da aliança não está muito distante da doutrina da habitação do Espírito, que fornece certa esperança para a gloriosa ressurreição e nova criação.

8: 26-27o próprio Espírito intercede por nós por meio de gemidos sem palavras. . . de acordo com a vontade de Deus.

Esses versículos misteriosos e maravilhosos mostram que o Espírito Santo que habita em nós geme em nome do crente. Esse gemido, como o da criação e do cristão, é evidência da sobreposição das duas eras. O Espírito geme em nome do crente que sofre nesta era. Mas o gemido do Espírito também é um sinal de que a era por vir já amanheceu. Assim, o Espírito intercede junto ao Pai quando o crente não tem certeza de qual é a vontade de Deus. Este entendimento, ao invés de discurso extático, é provavelmente o que Paulo tem em mente em 8: 26-27. O acesso ao trono de Deus por meio da orientação do Espírito assegura ao cristão que Deus ouve agora e concederá a glória de seu Filho (cf. 8:30).

8:28 em todas as coisas, Deus trabalha para o bem daqueles que o amam.Observamos anteriormente que o paradigma sofrimento / glória imprime 8: 28-30. O “todas as coisas” consiste nos sofrimentos desta época (8,19-27), que Deus usa para conformar o crente à imagem de seu Filho, em cuja glória o crente participa (8:30).

~~[159]~~

8: 29-30aqueles que Deus conheceu de antemão, ele também predestinou. . . aqueles que ele predestinou, ele também chamou; aqueles que ele chamou, ele também justificou; aqueles que ele justificou, ele também glorificou.
O conjunto de termos teológicos nestes versos - "pré-conheceu", "predestinou", “Chamado”, “justificado”, “glorificado” - assegura aos crentes que a graciosa eleição de Deus os verá através do processo de purificação para que se tornem como Cristo, com toda a glória que isso implica. Devemos também notar que várias palavras aqui transmitem uma nuance pactual. Primeiro, “saber de antemão” (8:29) está enraizado no amor da aliança de Deus por Israel (por exemplo, Gênesis 18:19; Êxodo 33:13; Salmos 18:43; Pv 9:10; Jer. 1: 5 ; Os. 13: 4). Em segundo lugar, “amar” a Deus (8:28) é a estipulação da antiga aliança (por exemplo, Êxodo 20: 6; Deuteronômio 5:10; 6: 5; 7: 9; Js 22: 5; 1 Reis 3: 3; Ne. 1: 5). Terceiro, Jesus, o Filho “primogênito” (8:29) alude a Israel como o filho primogênito de Deus (por exemplo, Êxodo

4:22;Pss. Sol. 18,4). Mas Paulo aplica esses termos a Cristo e seus seguidores como participantes da nova aliança.

Conhecimento Divino

O debate grassa sobre a palavra “dantes conheceu” (Rom. 8:29). Isso significa que Deus sabia de antemão ou
escolheude antemão aqueles que seriam salvos? Parece que proginōskōrefere-se à escolha de Deus de antemão (cf. Atos 2:23; Rom. 11: 2; 1 Pedro 1: 2, 20). Outra possibilidade é que Paulo está se referindo à eleição corporativa de Deus - a escolha de Israel ou da igreja. No entanto, à luz de Romanos 9: 6-29 e da escolha de Deus de indivíduos, a visão corporativa da eleição provavelmente está descartada. (Essas três visões de presciência - calvinista, arminiana e corporativa - serão discutidas mais adiante no comentário sobre Romanos 9: 6-29.)

Percepções TeológicasVárias verdades teológicas encorajam o leitor de Romanos 8: 18-30. Primeiro, o sofrimento não nega o fato de que uma pessoa é cristã; antes, prova que a profissão de fé do cristão é genuína. Em segundo lugar, os cristãos devem respeitar não apenas o corpo humano, mas também a criação não humana, pois ambos participarão da nova criação. Terceiro, o Espírito Santo intercede pelos crentes mesmo quando eles não sabem qual é a vontade de Deus. Quarto, a ação salvadora de Deus em favor de seu povo os manterá seguros por toda a eternidade.

Ensinando o Texto

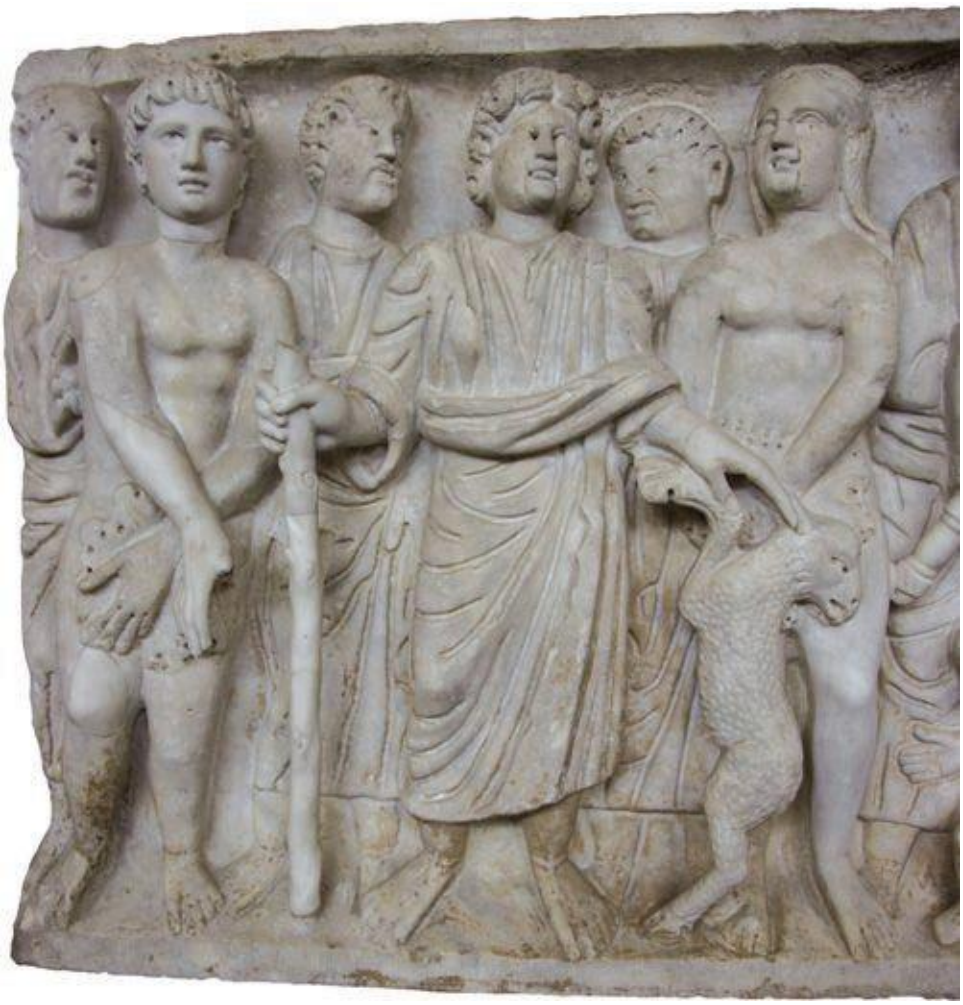
Uma boa maneira de pregar ou ensinar Romanos 8: 18-30 é usar o esboço que eu sugerido (consulte a seção “O Texto em Contexto” acima). O motivo de sofrimento / glória é a chave para interpretar os três gemidos nestes versos porque forma um

inclusiopara o parágrafo: o sofrimento agora nesta era garante a glória da era

por vir. Mas, visto que a sobreposição das duas eras governa o pensamento de Paulo aqui, poderíamos muito bem dizer que a glória da era por vir irrompeu na era presente. Assim, por causa da primeira vinda de Cristo, há um sentido em que a criação inanimada compreende inerentemente que seu próprio destino está ligado à futura ressurreição dos filhos de Deus na parusia. Ou seja, quando Cristo retornar e seus seguidores forem ressuscitados, também a velha criação será transformada no paraíso reconquistado.

Assim, o gemido do cosmos é positivo e negativo: negativo porque a criação sofre sob a maldição do pecado de Adão, mas positiva porque anseia pela nova criação. E os cristãos entendem que o amanhecer do

idade por vir na primeira vinda de Cristo garante para eles um futuro corpo como O corpo glorificado de Jesus. Portanto, o gemido dos crentes é negativo por estarem sujeitos ao pecado de Adão, mas positivo por saberem que seu destino é celestial. Além disso, o gemido do Espírito é um testemunho da sobreposição das duas eras. O Espírito geme dentro dos crentes porque eles lutam sobre o que orar nesta era má. Este é o aspecto negativo do gemido do Espírito. Mas essa intercessão do Espírito em favor dos crentes também é positiva, pois o Pai celestial conhece a mente do Espírito quanto ao que é melhor para cada cristão em luta e responde de acordo.



A criação e a humanidade gemem por causa do pecado de Adão. Em Gênesis 3:17, Deus diz: “Maldita é a terra por tua causa; através do trabalho doloroso, você comerá dela todos os dias de sua vida. ” Esta seção de um sarcófago mostra Deus entregando os símbolos do trabalho a Adão e Eva (330-40 DC).

Ilustrando o Texto

Tanto a criação quanto os cristãos gemem por libertação do sofrimento e da frustração.

Filme: Casulo. Neste filme de ficção científica (1985), os alienígenas são retratados como tendo corpos humanos vestidos de uma forma invisível, mas claramente gloriosa, ilustrando o "agora, mas ainda não".

Poesia: “Quem sou eu?”, De Dietrich Bonhoeffer. Este poema é encontrado em Bonhoeffer's Cartas e papéis da prisão.Bonhoeffer (1906-45) foi um grande pastor, teólogo e escritor alemão que foi martirizado por sua resistência a Adolf Hitler e aos nazistas. Ele é conhecido por sua coragem inabalável enquanto estava em um campo de concentração onde morreu, mas este poema expressa de forma franca e pungente sua angústia e insegurança em meio ao sofrimento.

Poesia: “Sympathy”, de Paul Dunbar. Dunbar (1872-1906) foi o primeiro Afro-americano para ganhar reconhecimento nacional como poeta. Maya angelou (nascida em 1928), uma escritora afro-americana contemporânea, intitulou sua autobiografia
com uma linha deste poema, "Eu sei por que o pássaro enjaulado canta." O poema inteiro pode ser usado como ilustração, mas a última estrofe é particularmente adequada para descrever o sofrimento na vida cristã.

> Eu sei porque o pássaro enjaulado canta, ah eu,
> Quando sua asa está machucada e seu peito dolorido, - Quando ele bate nas barras e fica livre;
> Não é uma canção de alegria ou alegria,
>
> Mas uma oração que ele envia do fundo do coração,
> Mas um apelo, que para o céu ele arremessa - Eu sei por que o pássaro enjaulado canta!

A esperança do cristão está no Espírito, que nos ajuda a orar e intercede por nós.

Filme: A lenda do Bagger Vance.Este filme (2000) conta a história de um jogador de golfe, Rannulph Junuh (interpretado por Matt Damon), que é o melhor que Savannah, na Geórgia, já viu. Ele retorna da Primeira Guerra Mundial traumatizado e vive no limite da vida como um bêbado. Por meio de uma série de eventos, ele é escolhido para participar de um torneio de golfe local. Uma noite, enquanto Junuh está tentando acertar as bolas de golfe, um estranho carregando uma mala aparece, se chama Bagger Vance (interpretado por Will Smith) e diz que será o caddie de Junuh. Ele começa a ajudar Junuh a lidar com o que o assombra e com seu jogo de golfe. Quando

Junuh segue seu sábio conselho, funciona, e Junuh começa a vencer e se firmar, pessoal e profissionalmente. Bagger decide que Junuh não precisa mais dele e

desaparece tão misteriosamente quanto chegou. Alguns críticos notaram que este filme é um bom retrato de como o Espírito Santo entra em nossas vidas em meio a nossos “gemidos” e nos traz o dom da orientação e da paz.

Texto do hino: “Espírito de Deus, Desça sobre Meu Coração”, de George Croly. Neste belo hino, Croly (1780-1860) se dirige muito pessoalmente ao Espírito Santo, pedindo-lhe que "me faça amar-te como devo amar", "tire a obscuridade de minha alma" e dê "a paciência de oração não respondida. ”

Justificação diante de Deus por causa do Amor de Cristo

Grande ideia

Romanos 8: 31-39 forma uma inclusão com Romanos 5: 1-11, resumindo assim as bênçãos da nova aliança delineada em capítulos 5-8. Assim, 8: 31-39, como 5: 1-11, relaciona duas bênçãos sumárias da nova aliança: a justificação diante de Deus (8: 31-34), por causa do amor de Cristo (8: 35-39).

Temas principais de Romanos 8: 31-39

Paulo declara que os cristãos são justificados diante de Deus por meio do sacrifício expiatório de Cristo. Paulo usa vários termos jurídicos para fazer esse ponto: "em nome de", "entregar", "acusar", "justificar", "condenar" e "interceder".

Paulo enraíza a justificação do crente no amor de Cristo e no amor de Deus. “Amor” ocorre três vezes nestes versículos: “amor de Cristo”, “aquele que nos amou” e “amor de Deus. . . em Cristo Jesus. ”

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 8: 31-39, como 5: 1-11, declara que o cristão é



-
-

justificado diante de Deus por causa do sacrifício expiatório de Cristo, que está enraizado no amor de Cristo. Mais especificamente, 8: 31-39 se divide em duas seções:

1. Justificação diante de Deus por causa do sacrifício expiatório de Cristo (8: 31-34)
2. A justificação está enraizada no amor de Cristo e no amor de Deus (8: 35-39)

Antecedentes Históricos e Culturais O principal material de apoio neste unidade é a linguagem jurídica em 8: 31-34, que discutirei na seção "Insights interpretativos".

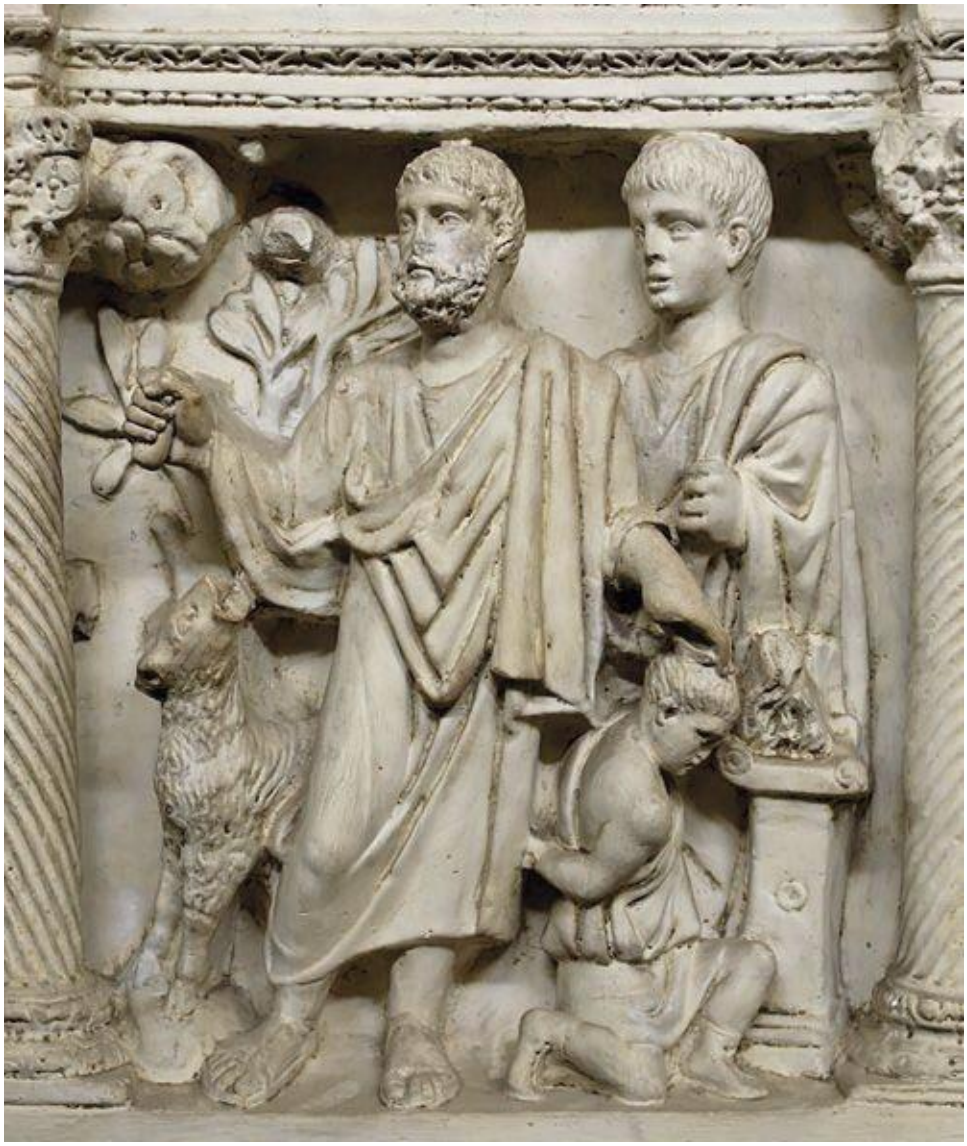
Percepções interpretativas 8:31O que, então, vamos dizer. . . Se Deus é por nós, quem pode ser contra nós?Paulo começa esta seção com duas perguntas. Primeiro, "O quê, então, devemos dizer em resposta a essas coisas? " Aqui, "essas coisas" (tauta) refere-se a tudo o que Paulo tem dito desde o capítulo 5 com respeito às bênçãos da nova aliança. Em segundo lugar, "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" "Para nós" se traduz hiper humô("Em nosso nome"), que Paulo usa regularmente para descrever a expiação vicária de Cristo (ver especialmente 5: 6-8). Aqui hiperaplica-se à obra de Deus em nome dos cristãos. Não importa quem sejam os inimigos dos cristãos, Deus está do lado de seus filhos e os protegerá.

8:32Aquele que não poupou seu próprio Filho. . . como ele também não, junto com ele, graciosamente nos dará todas as coisas?
As palavras "Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes o deu por todos nós" ecoam a oferta de Isaque (Gênesis 22: 1-18). A tradição judaica posterior interpretou a oferta de Abraão de seu filho (conhecida como Aqedah) como uma expiação pelo pecado. além do mais

hiper humôem 8:31, encontramos outra ação jurídica de Deus na frase "desisti dele". O verbo aqui é

paradidōmi, que as predições da paixão do Evangelho pegam em Isaías 53 e aplicam a Jesus. A próxima cláusula em 8:32, "como não nos dará ele também, junto com ele, graciosamente todas as coisas?" é um argumento do "maior ao menor" (lembre-se de nosso tratamento

qal wahomerna discussão de Rom. 4: 1-8): se Deus deu seu Filho por nós (argumento principal), como ele também não nos dará todas as coisas (argumento menor)? Em outras palavras, se Deus não poupou seu Filho por nós, então ele também não nos negará nada que diga respeito à salvação.



O sacrifício de Isaac de um molde feito do sarcófago de Junius Bassus. O
O sarcófago original (359 DC) está no Museu do Tesouro de São Pedro, em Roma. Em Gênesis (22:12, 16), Deus reconhece que Abraão não "reteve" Isaque mesmo quando lhe foi pedido que o sacrificasse. Na Septuaginta, o verbo usado para "reter" em Gênesis 22 é o mesmo usado por Paulo em Romanos 8:32 (NVI: "poupar").

8: 33-34 Quem intentará acusação contra aqueles a quem Deus escolheu? A maneira correta de pontuar 8: 33-34 é debatida, mas a NIV parece oferecer a melhor solução: primeiro pergunta, depois responda; esse padrão ocorre em ambos os versos.

[160] Quatro termos jurídicos ocorrem nestes versos. "Traga uma carga" (enkaleō) é usado nos julgamentos de Paulo (Atos 19:38, 40; 23: 28-29; 26: 2, 7).

[161] "Justificar" (dikaioō) é um termo forense, assim como "condenar" (katakrinō) “Interceda” (entynchanō) é usado em

Hebreus 7:25 da intercessão sacerdotal de Cristo por seus seguidores. Este termo também é usado para anjos intercedendo pelos justos (1 En.13.4) e, mais perto de casa, da intercessão do Espírito pelos crentes (Rom. 8:27). No Novo Testamento, a intercessão de Jesus por seus seguidores à direita de Deus é referenciada com alusão ao Salmo 110: 1, freqüentemente aplicado à sua ascensão (Mt 22:44; 26:64; Atos 2: 33-34; 5 : 31; 7: 55-56; Efésios 1:20; Colossenses 3: 1; Hebreus 1: 3, 13; 8: 1; 10:12; 12: 2; 1 Pedro 3:22). O argumento de Paulo em 8: 33-34 é que se Deus justifica o cristão, e Cristo morreu, ressuscitou e intercede pelo cristão, então quem poderia ter alguma coisa contra os crentes?

8h35 Quem nos separará do amor de Cristo?Anteriormente, chamei a atenção para o amor de Cristo / Deus como sendo o tema de 8: 35-39 (observe os vv. 35, 37, 39). O versículo 35 consiste em um dos

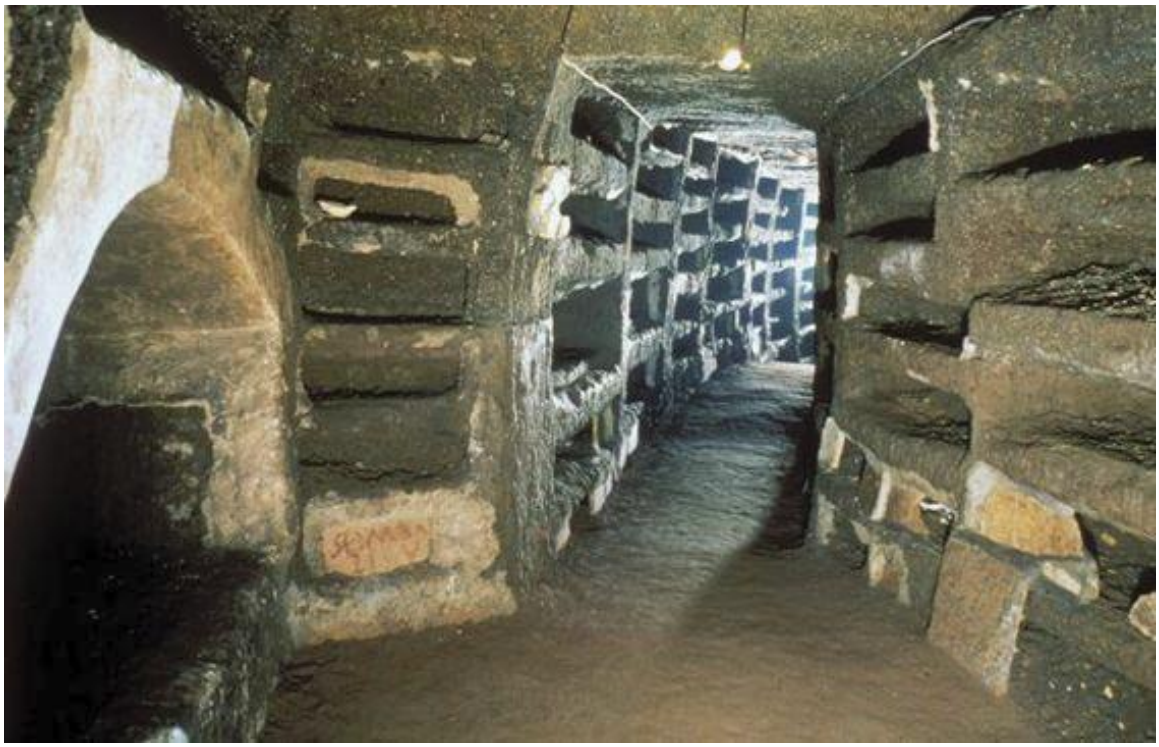
peristasia catálogos (uma lista de aflições) (cf.
2 Cor. 4: 7-16; 6: 3-10; 11: 21-29; 12:10). Todos os itens, exceto o último, são encontrados nas listas de dificuldades apostólicas de Paulo em 2 Coríntios 11: 26-27; 12h10. Essas aflições podem ser provações gerais, mas é mais provável que se refiram às desgraças messiânicas do tempo do fim (veja a barra lateral).[162]

8h36"Por sua causa, enfrentamos a morte o dia todo; somos considerados ovelhas a serem abatidas ".
Paulo cita o Salmo 44:22 (43:23 LXX), de uma passagem que lamenta o sofrimento dos justos. Da mesma forma, o apóstolo deseja que seus leitores saibam que o sofrimento por Cristo é esperado (cf. Rom. 12: 14-21).

8h37 em todas essas coisas somos mais que vencedores, por aquele que nos amou. Paulo assegura ao crente da vitória futura com sua escolha de palavras "mais do que vencedores" (hipernikaō) Nikaō é uma palavra favorita do Apocalipse para o destino vitorioso dos crentes que são fiéis a Cristo, apesar de serem perseguidos por sua fé (por exemplo, 2: 7, 17, 26; 3: 5).

8: 38-39nem morte nem vida. . . nem qualquer outra coisa em toda a criação, será capaz de nos separar do amor de Deus.Os versos 38-39 eliminam qualquer possibilidade de os cristãos serem separados do amor de Deus em Cristo: nem morte nem vida, anjos nem governantes (demônios?), Presente nem futuro, altura ou profundidade (astronômicos, não termos astrológicos), nem qualquer poder , nem nada na criação que Paulo deixe de mencionar. O crente não poderia estar mais seguro. Observe também que Paulo iguala o

amor de Cristo (8:35, 37) ao amor de Deus (8:39), uma indicação de que os dois - Cristo e Deus - são igualmente divinos. Este é o ápice da cristologia.



Paulo diz aos crentes que a morte não pode separá-los do amor de Deus. O judeu população de Roma enterrou seus mortos em nichos de rocha subterrânea para criar tumbas semelhantes aos usados na Palestina. À medida que o cristianismo floresceu, os crentes criaram áreas subterrâneas para enterrar os mortos, mais tarde conhecidas como catacumbas. Você pode ver as passagens e camadas horizontais de sepulturas nesta foto da catacumba de Priscila (segundo ao terceiro século DC). Os arcos acima e entre os túmulos eram frequentemente decorados com símbolos cristãos, e afrescos ou desenhos de histórias bíblicas eram pintados especialmente em áreas onde os ricos ou mártires eram colocados.

Percepções Teológicas Aqui está um bom lugar para resumir as bênçãos da nova aliança que pertencem à igreja, conforme explicitado em Romanos 8. Não podemos fazer melhor do que citar Thomas Schreiner neste ponto:

> Um dos temas marcantes no capítulo 8 é que as bênçãos originalmente prometidas a Israel têm tornar-se a província da igreja. Israel recebeu a promessa do Espírito Santo (Ezequiel 36: 26-27) para que eles pudessem guardar as ordenanças da lei, mas esta promessa se tornou realidade na igreja por meio do dom do Espírito Santo (Rom. 8: 4) . Israel tinha a promessa de uma ressurreição futura (Ezequiel 37), mas Paulo fala da ressurreição dos crentes (Rom. 8: 10-11). Israel era filho de Deus (Êxodo 4:22), mas agora os crentes em Cristo são filhos e filhas de Deus e adotados como seus (Rom. 8: 14-17). A herança futura foi prometida a Israel (Is 60), mas agora está prometida à igreja (Rom. 8:17). Israel foi o povo escolhido de Deus e o único conhecido de antemão entre as nações (Amós 3: 2), mas agora a igreja é considerada conhecida de antemão e escolhida por Deus (Rm 8: 29-30). Yahweh prometeu nunca abandonar Israel (Deuteronômio 31: 6),

cf. também Heb. 13: 5).[~~163~~]

Paul's Peristasis (Aflições) Listas

Existem pelo menos três comparações principais entre as peristasia listas e apocalipticismo judaico, cada um dos quais foi transformado pelo evento de Cristo.

Primeiro, a estrutura paradoxal de Paul's peristasia textos (sofrimento / glória, morte / vida, aflições / libertação, etc.) é o resultado da modificação da estrutura de duas idades do apocalipticismo judaico (por exemplo, 4 Esdras4,27; 7,12, 89; 2 Bar15,8; 48,50) pela morte e ressurreição de Cristo. Ou seja, a era por vir irrompeu na era presente.

Em segundo lugar, o sofrimento que Paulo e todos os cristãos experimentam não é outro senão o desgraças que o apocalipticismo judaico esperava precederiam imediatamente o aparecimento do Messias (4 Esdras7,1-9,14; 1QS 3,23; etc.), embora Paulo acredite que a ressurreição de Jesus trouxe conforto escatológico e alegria em meio a tal aflição. Assim, a tensão escatológica "já" (esperança e alegria) / "ainda não" (desgraças messiânicas) iniciada pelo evento Cristo torna-se o próprio fundamento do conceito de sofrimento de Paulo.

Terceiro, como os apocalípticos judeus, Paulo também vê o sofrimento como pedagógico; é designado por Deus para melhorar, se não purificar, seu povo (ver Sir. 2: 1;
Pss. Sol.13,9; 16,11; etc.). No entanto, para Paulo, isso também é transformado por Cristo no sentido de que sua vitória sobre a morte se torna o padrão divino para o cristão, cuja aflição, portanto, produz vida. Em outras palavras, o sofrimento trabalha a favor, não contra, o crente.

Torna-se aparente a partir desta discussão que não é necessário olhar para o estoicismo como uma forma formativa
elemento no conceito de aflição de Paulo, como fazem alguns estudiosos. Na verdade, existem diferenças significativas entre os dois. Primeiro, Paulo é profundamente afetado por suas dificuldades, ao passo que o sábio estóico não. Em segundo lugar, a confiança de Paulo em tempos de dificuldade está unicamente em Deus, ao passo que a confiança do estóico está em sua própria razão e habilidade. Terceiro, os contrastes de Paulo entre o homem interior e exterior, a existência espiritual e física, e assim por diante, estão enraizados no dualismo escatológico judaico, não antropológico estóico. Ou seja, tal linguagem atesta o impacto da sobreposição das duas épocas sobre a totalidade do ser do cristão. Quarto, ao contrário do sábio estóico, o sofrimento de Paulo beneficia os outros (embora não seja vicário).

Ensinando o Texto

Romanos 8: 31-39 pode ser pregado ou ensinado de acordo com sua dupla divisão: não há condenação por causa da expiação de Cristo (vv. 31-34); não há separação por causa do amor de Cristo (vv. 35-39). O título "Mais do que conquistadores" é adequado para esta passagem magnífica. O primeiro

parágrafo pode ser melhor apresentado como se o público estivesse testemunhando o drama de uma cena de tribunal celestial. O acusado (o pecador) está no banco das testemunhas e é interrogado pelo promotor, Satanás (o acusador), que joga o livro no acusado. O promotor menciona todos os pecados que o acusado já cometeu - em pensamento, palavra e ação. O acusado merece justiça, não misericórdia, inferno e não céu. Quando a acusação termina seu depoimento, o réu aparentemente não tem chance. Mas então o advogado de defesa,

Jesus Cristo fornece sua evidência de por que o réu deve ser absolvido. Ele mostra as mãos e os pés furados com as unhas, a testa cortada por um espinho e o lado furado com a lança. A hinista Eliza Hewitt (1851-1920) colocou bem a defesa:

> Minha fé encontrou um lugar de descanso,
> não em dispositivo ou credo.
> Eu confio naquele que vive sempre,
> suas feridas implorarão por
> mim. Não preciso de outro
> argumento,
> Não preciso de outro apelo;
> É o suficiente que Jesus morreu,
> e que ele morreu por mim.

Deus, o juiz, então pronuncia: "Caso encerrado!"

Em relação a 8: 35-39, pode-se nomear os obstáculos e desafios que Paulo menciona - problemas, dificuldades, perseguição, fome, nudez, perigo, espada, morte / vida, anjos / demônios, presente / futuro, altura / profundidade - e então pergunte ao público se Paulo deixou alguma coisa de fora. Se o público menciona um obstáculo, o locutor pode colocá-lo em uma das categorias mencionadas em 8: 35-39. O ponto, claro, é que absolutamente nada pode se interpor entre o amor de Deus em Cristo e seus filhos.

Ilustrando o Texto

Por causa da expiação de Cristo, não estamos mais sob condenação.

Filme: Camelot.Este filme (1967), uma adaptação do musical de mesmo nome (1960), é baseado nas lendas do Rei Arthur, que defendeu a Grã-Bretanha contra os invasores saxões no início do século VI, segundo histórias e romances medievais. O Rei Arthur reuniu em torno dele os Cavaleiros da Távola Redonda, que eram devotados a um rígido código de honra. Seu cavaleiro de maior confiança, Lancelot, traiu o código e o rei ao ter um caso com a esposa de Artur, Guinevere. Pego em adultério pelo hostil Mordred, filho ilegítimo de Arthur, Lancelot escapa. Guinevere, no entanto, é condenada a ser queimada na fogueira. Todos se perguntam se o rei a

deixará morrer. Mordred canta: “Arthur! Que dilema magnífico

.....Qual será, Arthur? Você mata a Rainha ou mata a lei? " Arthur resolve cumprir a lei, mas olhando enquanto sua amada chega ao local da execução, ele grita: “Não posso! Eu não posso! Eu não posso deixá-la morrer! " até mesmo esperando que Lancelot a salve. Mordred zomba: “Bem, afinal de contas você é humano, não é, Arthur? Humano e indefeso. ” A luta do Rei Arthur por amor humano pode ser comparada à de Deus, que também observou sua amada

Filho foi levado à execução. No entanto, Deus, em contraste, por amor divino suportou a dor, permitindo que seu Filho morresse para que pudéssemos ser libertados.



Paulo foi levado perante o procônsul Gálio neste bēma (ou tribunal) em Corinth. Provavelmente foi de Corinto que Paulo escreveu Romanos. Embora alguns anos depois de ter se apresentado ao procônsul, essa imagem de julgamento mundano ainda estaria fresca em sua mente. Mas ele declara que, em última análise, é Deus quem julgará.

Embora possamos sofrer, nunca seremos separados do amor de Deus.

Autobiografia espiritual: O esconderijo, de Corrie ten Boom, com John e Elizabeth Sherrill.

Esta autobiografia (1971), posteriormente transformada em filme (1975), é o relato de Corrie ten Boom, repleta de histórias sobre sua crescente compreensão do amor de Deus em meio à tragédia. Quatro membros da família ten Boom deram suas vidas por causa de seu trabalho na clandestinidade holandesa durante a Segunda Guerra Mundial, escondendo judeus da perseguição nazista. Corrie e sua irmã foram presas em três campos diferentes, incluindo o notório Ravensbrück, perto de Berlim, o campo onde Betsie ten Boom morreu e do qual Corrie foi libertada. Corrie é famosa pelas palavras que aprendeu com sua irmã: “Não há cova tão

profunda que o amor de Deus não seja ainda mais profunda" e "Deus nos dará o amor para perdoar nossos inimigos".

Texto do hino: “Ó amor que não me deixes ir”, de George Matheson. A história de Matheson (1842-1906), conhecido como “o pregador cego”, é uma ilustração dessa passagem. O mais velho de dezoito filhos, ele se formou na Universidade de Edimburgo com graduação em clássicos, lógica e filosofia. Noivado para se casar, ele descobriu que estava ficando cego. Posteriormente, sua noiva rompeu o noivado. Completamente cego aos vinte anos, Matheson se tornou pastor. Ele disse que o texto deste grande hino era fruto do “mais severo sofrimento mental”. Particularmente comovente é a seguinte estrofe:

Ó alegria que me procuras através
da dor, não posso fechar meu
coração para ti; Eu traço o arco-íris
através da chuva, E sinto que a
promessa não é vã, Essa manhã será
sem lágrimas.

Israel e as maldições atuais e as bênçãos passadas da aliança

Grande ideiaOs capítulos 9-11, que correspondem ao componente de maldições da aliança (capítulos 5-8 enunciam as bênçãos), respondem à pergunta "As promessas de Deus a Israel falharam?" Paulo responde: “Não!” Em 9: 1-5 ele aborda o problema da incredulidade de Israel. Israel antes desfrutava das bênçãos da aliança, mas agora está sob suas maldições por rejeitar o Messias.

Temas principais de Romanos 9: 1-5

Paulo poderia desejar trocar de lugar com Israel de forma que ele ficaria feliz tomar as maldições da aliança para si mesmo ao invés de seus parentes de acordo com a carne.

No passado, Israel desfrutou das bênçãos da aliança antes de ceder às maldições da aliança.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto A fim de situar Romanos 9: 1-5 em seu cenário literário, I deve apresentar brevemente quatro pontos. Primeiro, qual é a relação entre Romanos 9-



-
-

11 e Romanos 1-8? O consenso acadêmico é que Romanos 9-11 constitui uma parte integrante do argumento de Paulo em Romanos de duas maneiras. Se Paulo tivesse deixado seu argumento com Romanos 8, ele teria dado a nítida impressão de que Deus havia terminado com Israel, como de fato ele havia terminado com a antiga aliança. Mas se Deus acabou com Israel, o que dizer das promessas do Antigo Testamento de restaurar Israel no tempo do fim? Além disso, se Deus abandonou seu povo do Antigo Testamento, não poderia ele também abandonar a igreja, o povo da nova aliança? Portanto, Paulo deve demonstrar que Deus cumpriu suas promessas a Israel, pois de fato ele cumprirá suas promessas à igreja.

Em segundo lugar, Romanos 9-11 se desenvolve da seguinte maneira:

1. Introdução (9: 1-5)
2. As promessas de Deus a Israel não falharam (9: 6-29)
3. Os gentios são incluídos nas promessas de Deus (9: 30-11: 10)
4. A futura restauração espiritual de Israel (11: 11-32)
5. Doxologia para Deus (11: 33-36)

Terceiro, um contraste está presente em Romanos 9-11, como James Dunn observou, ao qual correlaciono as maldições e bênçãos da aliança, conforme mostrado na tabela 1.[164]

Quarto, Romanos 9: 1-5 se divide em duas partes:

1. As presentes maldições de Israel sob a aliança (9: 1-3)
2. As bênçãos passadas de Israel sob a aliança (9: 4-5)

Antecedentes Históricos e Culturais 1. O termo que Paulo usa em 9: 3, “Amaldiçoado” é a palavra grega anátema, que na LXX traduz a palavra hebraica
aqui. O aqui era algo dedicado a Deus para ser destruído: ídolos (Levítico 27:28; Deut. 13:17 [13:18 LXX]; Zac. 14:11), Acã (Josué 6: 17-18; 7: 1, 11-13; 22:20; 1 Crônicas 2: 7), Jerusalém por causa de sua idolatria (Isa. 43:28; Mal. 4: 6).

[165]É interessante que cada uma dessas configurações é a da aliança. Assim,

os ídolos quebram a aliança com Deus. O pecado de Acã quebrou a aliança com Deus,

necessitando sua morte e uma cerimônia de renovação da aliança com Deus. A idolatria perpétua de Jerusalém fez com que Deus entregasse a cidade à Babilônia, o involuntário executor das maldições da aliança. Eu direi mais sobre isso nos comentários em 9: 3.

2. Em 9: 4, Paulo chama seus parentes de “israelitas”. Duas observações iluminam

A escolha de Paulo desta palavra. (a) "Israel" foi usado pela primeira vez para Jacó e depois para o
doze tribos (Gênesis 32:28; 35: 10-12). Como tal, era o nome da aliança para os hebreus. Na verdade, “israelita” e “filhos de Israel” eram os nomes preferidos dos hebreus antes do exílio (por exemplo, Salmos 25:22; 53: 6; 130: 7-8; Isaías 49: 3). Após o exílio, os hebreus foram chamados de "judeus" (ver Filo,

Contra flaccus e
Embaixada para Gaius) (b) Paulo usa o nome “judeu” em Romanos 1-3 nove vezes e em Romanos 9-11 apenas duas vezes (9:24; 10:12). Mas ele usa predominantemente o nome “Israel / Israelita” em Romanos 9-11 (9: 6, 27, 31; 10:19, 21; 11: 1, 2, 7, 25, 26). Isso ocorre porque em Romanos 9-11, Paulo está falando como um insider, e o nome “Israel” evoca a sensação de seu povo de ser eleito de Deus, o povo da aliança do Deus único.

[166]

Percepções interpretativas 9: 1-3Eu falo a verdade em Cristo. . . Eu poderia desejar que eu mesmo fosse amaldiçoado.
Os versos 1-3 expressam a profunda preocupação de Paulo por seus parentes judeus. Sem dúvida, Paulo está respondendo aos críticos que o acusaram de ser antijudaico à luz de seu compromisso de evangelizar os gentios. Aqui, Paulo expressa solenemente sua preocupação por Israel, começando com um juramento, declarado tanto positivamente (“Eu falo a verdade em Cristo”) e negativamente (“Não estou mentindo”). Para reforçar a veracidade de seu juramento, Paulo diz que sua consciência é confirmada pelo Espírito Santo. Em seguida, vem sua preocupação: “Tenho uma grande tristeza e uma angústia incessante em meu coração”. Está implícito que sua angústia é porque Israel não aceitou Jesus, o Messias. Em seguida, Paulo expressa a profundidade de sua angústia: ele está disposto a ser amaldiçoado, separado da salvação em Cristo, se isso trouxer de alguma forma seus compatriotas a Cristo. Mas o potencial indicativo

ēuchomēn(“Eu poderia desejar”) indica que tal desejo não é possível. Somente a morte de Cristo pode expiar os outros, e esses outros devem fazer a escolha por si mesmos se aceitam ou não a Cristo. O pedido de Paulo traz à mente o pedido semelhante de Moisés de ser cortado da aliança em vez dos filhos de Israel (Êxodo 32:32).

Eu sugiro que o uso de Paulo da palavra "maldição" (anátema) evoca as maldições da aliança, por cinco razões. Em primeiro lugar, como acabamos de observar, o pedido de Paulo se assemelha ao feito por Moisés, que esperava impedir que Deus separasse seu povo do pacto após a adoração do bezerro de ouro. Em segundo lugar, o lamento de Paulo em 9: 1-3 lembra as lamentações do Antigo Testamento sobre o pecado de Israel, a destruição de Jerusalém e o exílio na Babilônia (Jer. 4:19; 14:17; Lamentações; Dan. 9: 3; cf. T. Jud. 23,1; 4 Esdras8,16; 10,24, 39; 2 Bar.10,5; 35,1-3; 81,2; 4 Bar. 4,10;
6,17). Terceiro, a combinação de Paul de lypē (tristeza) e odin(angústia) ocorre na LXX em Isaías 35:10; 51:11, que prevêem que Israel será restaurado à terra, deixando para trás a tristeza (ambas as vezes

lypē e odinsão usados para traduzir a palavra hebraica que significa “tristeza”) das maldições da aliança do exílio. Quarto,

a palavra grega anátema (“Maldição”) traduz na LXX a palavra hebraica aqui. Esta aqui, ou a proibição de Deus, como observamos acima, agrupa-se em torno de três temas: ídolos, Acã e a destruição de Jerusalém por sua idolatria. Cada um desses temas está conectado ao rompimento da relação da aliança de Deus com Israel. Parece, então, que a "maldição" de Paulo está ligada a esse tema: ele está disposto a trocar de lugar com Israel - ele tomará sobre si a maldição da aliança que repousa sobre seus parentes - para que eles possam receber as bênçãos da nova aliança em Cristo. Em quinto lugar, de fato, em 9: 4-5 ele irá listar as bênçãos passadas da aliança que Israel desfrutou uma vez, mas agora foram substituídas pelas maldições da aliança.

9: 4-5Deles é a adoção à filiação. . . a adoração no templo e o promessas.Os versículos 4-5 apresentam as várias bênçãos associadas a Israel e à aliança do Antigo Testamento. Paulo apresenta a lista com “israelitas”, que, como vimos acima, evoca a ideia de que Israel era o povo eleito de Deus na aliança. A "adoção à filiação" (

Huothesia) refere-se ao sentimento de Israel de ser filho (s) de Deus (Deuteronômio 14: 1; Isa. 43: 6; Jer. 31: 9; Oséias 1:10; cf. Sb 9: 7; Jub.1,24-25). A "glória divina" (
doxa) lembra a gloriosa presença de Deus com Israel no tabernáculo e no templo (Êxodo 16:10; 24: 25-27; 40: 34-35; Lv 9:23; Núm. 14:10). Paulo também pode ter pensado na promessa de que Israel seria a glória entre as nações no tempo do fim (Is 35: 2; 40: 5; 59:19; 60: 1-3; 66: 18-19).

[167]

“Os convênios” (diathēkai) refere-se especialmente à aliança de Deus com Israel (Êxodo 19: 5-6), reafirmada em Deuteronômio 29-31 e Josué 8: 30-35, mas também à aliança com Abraão (Gn 15; 17), a aliança com Davi (2 Sam. 7; 23: 5), e a nova aliança (Jer. 31: 31-34; Eze. 36: 24-27). O "dom da lei" (

nomotésia) foi a carta da aliança de Israel, e o "serviço" (

Latreia) constituiu a adoração do culto do templo (Josué 22:27; 1 Crô. 28:13; cf. 1 Mac. 2:22). As promessas divinas (
epangeliai) são aqueles para os patriarcas (
pateres) - Abraão, Isaque e Jacó - de uma terra e de um povo (Gênesis 12: 1-3; 15; 18:18; 22:18; 26: 4; 28:14; cf. Sir. 44:21; Atos 3:25). O mais importante é "o Messias" (

Ho Christos[observe o uso do título]), que obviamente era judeu. Pode ser que Paulo infere que a promessa do Messias também é uma das promessas divinas a Israel (por exemplo, Gênesis 3:15; 49:10). Há uma combinação estilística encantadora dessas bênçãos: três conjuntos de palavras, cada conjunto terminando nas mesmas letras:

huiothesia / nomothesia; doxa / latreia; diathēkai / epangeliai.



Em Romanos 9: 5, Paulo inclui os patriarcas, por meio dos quais o Messias virá, como uma das bênçãos de Israel. Abraão, o antepassado do povo judeu, comprou a caverna em Machpelah como local de sepultamento para sua esposa, Sara. Por fim, o próprio Abraão, Isaque, Rebeca, José e Lia seriam enterrados lá, e se tornaria um local sagrado. Herodes, o Grande, o reconheceu como tal e encomendou a construção de um grande muro e cenotáfios para homenagear os patriarcas. Esta construção,

conhecido como a Tumba dos Patriarcas, é mostrado aqui. Tumbas subterrâneas existem sob o edifício, mas não foram exaustivamente escavadas.

Percepções TeológicasVárias verdades emergem de Romanos 9: 1-5. Primeiro, aprendemos com o amor de Paulo por Israel que não deveria haver atitude antijudaica entre os cristãos. Os filhos de Israel eram o povo escolhido de Deus e o Salvador era judeu. Em segundo lugar, não obstante, as maldições da aliança permanecem sobre Israel até o momento em que eles recebam Jesus como o Messias. Terceiro, as bênçãos da nova aliança agora repousam sobre a igreja. Os cristãos são filhos de Deus; eles possuem a glória de Deus dentro; eles são participantes dos convênios abraâmicos, davídicos e da nova aliança; eles têm o Espírito habitando por amor à obediência; eles adoram a Deus em verdade e Espírito; e eles têm a promessa final dos patriarcas - Jesus Cristo.

Paulo chama Cristo de “Deus” em Romanos 9: 5?

A declaração final de Paulo em 9: 5 ocasionou um grande debate. Paulo chama Cristo de “Deus” ali?

A questão envolve como o texto grego deve ser pontuado (lembre-se de que os manuscritos originais não tinham pontuação). Existem duas opções principais:[uma]

1 "O Cristo, que é Deus sobre tudo, bendito para sempre!" (cf. NIV). Esta tradução iguala Cristo com Deus, a mais alta cristologia possível.

2 "O Cristo. Deus que é sobre tudo seja bendito para sempre! " (cf. NIV mg.). Esta renderização não eleva Cristo ao status de Deus.

A maioria dos comentaristas prefere a primeira opção, e há várias razões para fazer isso: (a) Cristo segundo a carne (v. 5a) seria equilibrado por Cristo como Deus (v. 5b), como vimos ser o caso em Romanos 1: 3-4; (b) Paulo em outro lugar iguala Cristo a Deus (Fp 2: 6-11) ou o chama de "Deus" (Tito 2:13); (c) a frase participial

ho ōn ("Aquele que é") melhor se refere a "Cristo" como o antecedente;
(d) seria estranho se "bem-aventurado" se referisse a "Deus", visto que "bem-aventurado" normalmente aparece antes de "Deus" em outras fórmulas de bênçãos (por exemplo, Gênesis 9:26; 14:20; Êxodo 18:10; Salmos 28: 6; Lucas

1:68; 2 Cor. 1: 3).[b]

[uma]Veja Dunn, Romanos 9-16, 528-29.

[b]Para um excelente manuseio das evidências, consulte Jewett, Romanos, 567-68.

Ensinando o Texto

Um sermão ou lição inteira pode ser dedicado a Romanos 9: 1-5, intitulado "Maldições atuais e bênçãos passadas: Israel e a Aliança". Eu dividiria a mensagem em suas duas partes constituintes: maldições presentes (9: 1-3) e bênçãos passadas (9: 4-5). Gostaria de concluir a mensagem aplicando as bênçãos da nova aliança aos cristãos, como fiz na seção "Visões teológicas". Assim, as presentes maldições atualmente repousam sobre os judeus não cristãos porque eles fazem da obediência à Torá a estipulação da aliança ao invés da fé em Cristo (9: 1-3). Esta é uma mudança trágica de eventos, especialmente quando nos lembramos de todas as bênçãos do antigo Israel: filhos de Deus; possuidores da glória divina, dos convênios e da lei; observadores do culto do templo; e destinatários das promessas dos patriarcas, especialmente o Messias. Paulo pode oferecer uma chave importante para explicar por que Israel antes desfrutava dessas bênçãos, mas agora está sob as maldições divinas da aliança. Observe que, na lista de bênçãos, os convênios precedem a outorga da lei. Ou seja, Paulo pode estar sugerindo que Israel deveria entrar nos convênios com Deus pela fé e da mesma maneira guardar a lei: pela fé. Em vez disso, os judeus inverteram a

ordem: obedecer à lei para entrar e manter os convênios divinos. De alguma forma, Israel perdeu de vista a fé como estipulação para entrar e manter Em vez disso, os judeus inverteram a ordem: obedecer à lei para entrar e manter os convênios divinos. De alguma forma, Israel perdeu de vista a fé como estipulação para entrar e manter Em vez disso, os judeus inverteram a ordem: obedecer à lei para entrar e manter os convênios divinos. De alguma forma, Israel perdeu de vista a fé como estipulação para entrar e manter

o pacto e o transformou em legalismo. Ironicamente, agora os gentios gostam do bênçãos da nova aliança porque eles entendem que a estipulação para fazer isso é a fé em Cristo, não as obras.



Homens judeus modernos orando no Muro das Lamentações em Jerusalém. Assim como esses, os judeus nos dias de Paulo estavam se esforçando para cumprir totalmente a lei de Moisés.

Ilustrando o Texto

Os cristãos devem respeitar os judeus como povo escolhido de Deus; o Salvador era judeu.

Biografia: A preocupação com os judeus era o fardo de Dietrich Bonhoeffer (1906-45) ligando para a Alemanha nazista. Pastor luterano e teólogo, ele participou do movimento de resistência alemão e participou de várias conspirações para assassinar Adolf Hitler, pelas quais foi preso e depois enforcado. Seu comportamento na prisão foi corajoso e heróico. Oposto ao nazista

regime desde o início, ele ficou desanimado com a complacência do Igreja Luterana Alemã e falou contra ela com força, mesmo discordando com teólogos proeminentes como Karl Barth. Seria muito útil olhar para o material biográfico sobre Bonhoeffer como um exemplo de cristão ("ele poderia desejar ser amaldiçoado") que se levantou pelos judeus, colocando sua vida em risco. Seu próprio

Prisioneiro de Deus: cartas e papéis da prisão(1953) também seria útil. Em 2006, um documentário de longa-metragem sobre sua vida foi ao ar na PBS.

Histórias pessoais:Maximilian Kolbe era um padre polonês que morreu em 1941 como prisioneiro 16.670 em Auschwitz, um dos campos de extermínio nazistas. Quando um prisioneiro escapou do campo, o comandante escolheu outros dez para serem mortos de fome no "bunker da fome" como punição por essa fuga. Um dos dez, Franciszek Gajowniczek, implorou para ser poupado porque tinha mulher e filhos. Com isso, o padre Kolbe deu um passo à frente e pediu para morrer em seu lugar. Ele disse ao comandante: "Ele tem esposa e família. Estou sozinho. Eu sou um padre católico. " Seu pedido foi atendido. Enquanto os dez homens eram conduzidos à morte, o padre Kolbe apoiou um outro prisioneiro que mal conseguia andar. Ninguém saiu do "bunker da fome" com vida, e o padre Kolbe foi o último a morrer.

As maldições da aliança permanecem em Israel até que eles recebam Jesus como o Messias; as bênçãos da nova aliança agora repousam sobre a igreja.

Literatura: Um exame de maldições e feitiços colocados em vários indivíduos em toda a literatura fornece uma comparação interessante com as seções sobre maldições e bênçãos escritas para Israel nas Escrituras (Lv 26-27; Deuteronômio 28-29). A série Harry Potter, por exemplo, usa vários feitiços e maldições. Os feitiços consistem em um gesto feito com a varinha do personagem, combinado com um encantamento falado ou mental. Por exemplo,

Feitiço da morte(a maldição da morte) causa morte instantânea e indolor para quem quer que a maldição atinja. As únicas duas pessoas na série que sobreviveram a essa maldição são Harry Potter e Voldemort. As perguntas a serem feitas sobre maldições e feitiços na literatura podem incluir o seguinte: "Qual foi a razão e a intenção original da maldição?" “Como a maldição foi superada?” e "Qual é a diferença entre a esperança bíblica e a esperança de conto de fadas para superar uma maldição?"

Texto do hino: “Venha, Fonte de Todas as Bênçãos”, de Robert Robinson. Este hino está enraizado na experiência de vida de Robinson (1735-1790). Reflete a história de um homem que recebe uma pena suspensa e, em seguida, luta contra a graça da aliança de Deus por três anos antes de encontrar uma medida de paz.

Histórias em quadrinhos: Um contrato com Deus, de Will Eisner. Eisner (1917-2005) escreveu o que muitos acreditam ser a primeira "história em quadrinhos". Um contrato com Deus (1978) é uma trilogia de histórias ("A Contract with God", "A Life Force" e "Dropsie

Avenue ”) sobre crescer na Grande Depressão. Começa com o conto “Um contrato com Deus”. Aqui Eisner interage com a questão de um Deus vingativo. O pregador ou professor pode usar esta história para explorar a diferença entre "aliança" e "contrato".

Maldições da Aliança para Israel, Bênçãos da Aliança para os Gentios

Grande ideia Respondendo às objeções antecipadas sobre sua apresentação da história da salvação, Paulo mostra que as promessas de Deus eram apenas para o Israel espiritual, e que Deus soberanamente tem misericórdia de quem ele escolhe. No passado, Deus derramou misericórdia sobre Israel, mas ira sobre os gentios. No presente, Deus derrama ira sobre Israel, mas misericórdia sobre os gentios e o remanescente judeu.

Temas principais de Romanos 9: 6-29

As promessas da aliança de Deus no Antigo Testamento foram feitas ao Israel espiritual, não necessariamente ao Israel nacional.
Deus em sua soberania mostra misericórdia para aqueles que não a merecem: Israel no passado, Gentios no presente.
Deus em sua soberania derrama ira sobre aqueles que a merecem: Gentios no passado, Israel no presente.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 9: 6-29 procede das observações de Paulo em 9: 1-5: em



-
-
-

o Israel passado desfrutava das bênçãos da aliança (vv. 4-5), mas no presente Israel está sob as maldições da aliança (vv. 1-3). Isso soou aos ouvidos dos judeus como um fracasso das promessas da aliança de Deus a Israel. Paulo responde a essa crítica em 9: 6-13, e então ele responde a uma segunda crítica em 9: 14-29 de que os caminhos de Deus são injustos. Portanto, 9: 6-29 deve ser delineado assim:

1. Objeção no. 1: As promessas da aliança de Deus a Israel falharam (9.6a).
   A resposta de Paulo: as promessas de Deus não foram dadas ao Israel nacional, mas ao Israel espiritual (9: 6b-13).
2. Objeção nº 2: os caminhos de Deus são injustos; ele escolhe arbitrariamente alguns, mas não outros (9:14).
   A resposta de Paulo: Deus soberanamente escolhe mostrar misericórdia a quem ele deseja, mas tudo se equilibra (9: 15-29).
   uma. Passado: misericórdia de Israel, mas ira para os gentios (9: 15-18)
   b. Presente: misericórdia (bênçãos da aliança) sobre os gentios, mas ira (maldições da aliança) sobre Israel (9: 19-29)

Paulo conclui seu argumento iniciado em Romanos 9: 6-29 em 9: 30-10: 21. O primeiro (9: 6-29) enfatiza a soberania de Deus, enquanto o último (9: 30-10: 21) enfatiza a responsabilidade humana.

Antecedentes Históricos e Culturais Em Romanos 9: 6-29, Paulo se baseia na conceito do remanescente, que percorre toda a Escritura em uma ampla variedade de textos e contextos. A ideia central do conceito / teologia do remanescente é que em meio à apostasia aparentemente total e ao terrível julgamento e / ou destruição conseqüente, Deus sempre teve um grupo pequeno e fiel que ele libertou e trabalhou para trazer a bênção.

Percepções interpretativas 9: 6-9 Não é que a palavra de Deus tenha falhado.O versículo 6a levanta a primeira crítica à visão de Paulo sobre a história da salvação. Os versos 6b-13 fornecem a refutação de Paulo. A crítica, sem dúvida de uma perspectiva judaica, se ressente da afirmação de Paulo de que as maldições da aliança repousam sobre Israel (cf. 9: 1-5). Isso equivale a dizer que as promessas de Deus no Antigo Testamento a Israel sobre as bênçãos da aliança foram revogadas. O versículo 6b afirma sem rodeios a resposta de Paulo: Deus nunca prometeu essas bênçãos a Israel com base somente em sua identidade nacional; antes, a promessa de Deus pertence ao Israel espiritual. Os versos 7-9 ilustram o princípio da seletividade divina: Deus escolheu o Israel espiritual (os verdadeiros filhos de Abraão) do Israel nacional (ilustrado por Ismael). A Tabela 1 mostra as diferenças.

Tabela 1: Os não escolhidos e os escolhidos

Romano	Não escolhido (Mero Nacional de	Escolhido (Israel espiritual)
9: 7-9	Descendentes físicos de Abraão, naturais	verdadeiros filhos de Abraão, filhos da promessa
9: 10-13	Esaú	Jacob
9: 14-18	Faraó / egípcios	Moisés / Israel
9: 19-23	vasos de ira	vasos de misericórdia
9: 24-26	judeus	Gentios (e judeus crentes)
9: 27-29	Israel nacional	remanescente

9: 10-13Os filhos de Rebekah foram concebidos ao mesmo tempo. . . "Amava Jacó, mas odiava Esaú."

Os versos 10-13 fornecem uma segunda ilustração do princípio da eleição de Deus no Antigo Testamento: ele escolheu Jacó para ser o destinatário da aliança contra Esaú. Três pontos acentuam o princípio da eleição de Deus aqui. Primeiro, Jacó e Esaú vieram dos mesmos pais, Rebeca e Isaque (9:10).

[168]Em segundo lugar, Deus escolheu aquele (Jacó) antes mesmo de os gêmeos nascerem. Assim, a escolha de Deus nada teve a ver com as ações dos meninos, sejam boas ou más (9: 11-12b). O propósito de Deus era eleger Jacó como herdeiro da aliança abraâmica. Terceiro, Deus inverteu a lei da primogenitura (o filho mais velho recebe a maior honra e herança) determinando que Esaú, o mais velho, deveria servir a Jacó, o mais jovem. A justificativa para a decisão de Deus foi que ele amava Jacó, mas odiava Esaú (compare 9: 12c com Mal. 1: 2-3). Os termos viscerais "amor" e "ódio" não são emocionais, mas lógicos: Deus aceitou Jacó, mas rejeitou Esaú.

[169]

9: 14-18Deus é injusto? De jeito nenhum! . . . Deus tem misericórdia de quem ele quer

Tenha piedade.O versículo 14 levanta uma segunda crítica à posição de Paulo: se Deus escolhe quem ele deseja para seus propósitos, isso não o torna injusto

e injusto? A resposta imediata de Paulo a essa acusação é seu apaixonado mē genoito (“Que nunca seja!”).

Em seguida, Paulo fornece uma longa resposta lógica em 9: 15-29 à crítica de que Deus é injusto, revelando o contrário que Deus é justo. Em 9: 15-18, ele explica que no passado Deus derramou misericórdia sobre Israel no êxodo enquanto derramava ira sobre os gentios (Faraó e os egípcios). Em 9: 19-29 Paulo explica ainda que no presente Deus derramou ira (as maldições da aliança) sobre Israel enquanto derrama misericórdia (as bênçãos da aliança) sobre os gentios e o remanescente. Torna-se claro a partir disso que Deus não faz acepção de pessoas: ele

derrama ira e misericórdia sobre gentios e judeus.

Os versículos 15-18 destacam como Deus levantou Faraó precisamente para derramar

ira divina sobre ele e os chamados deuses do Egito (compare 9:17 com Êxodo 9:16; 12:12; 14: 4). A maneira como Deus “estabeleceu” Faraó para o julgamento foi endurecendo seu coração para com Deus e os israelitas (compare 9:18 com as cerca de quatorze ocorrências de “endurecer” em Êxodo 4-14). Alguns podem minimizar o fato de que Deus endureceu o coração de Faraó ao opor-se ao fato de que Faraó endureceu seu próprio coração. Mas as primeiras referências a Deus endurecendo o coração de Faraó (por exemplo, Êxodo 4:21; 7: 3) ocorrem antes das primeiras ocorrências de Faraó endurecendo seu próprio coração (Êxodo 8:11, 28). Isso indica que Faraó não se arrependeu porque Deus o predispôs a isso. Mas o propósito de Deus para endurecer o coração de Faraó e destruir seu exército era mostrar poder e misericórdia em favor dos israelitas (9:15 [cf. Êxodo 33:19], 16, 18).



Pouco antes de Deus enviar a praga de granizo sobre os egípcios, ele deu a Moisés palavras para falar ao Faraó, uma parte das quais Paulo cita em Romanos 9:17. Esta cena da sétima praga é uma ilustração do Sarajevo Hagada, um manuscrito hebraico espanhol do século XIV DC. Deus em sua soberania derrama ira e misericórdia.

9: 19-23“Então por que Deus ainda nos culpa? Pois quem é capaz de resistir à sua vontade? ”

Romanos 9: 19-29 revela que o fluxo da ira e misericórdia de Deus pode ser revertido em relação aos grupos de pessoas. Assim, no presente, Deus derramou sua

ira (maldições da aliança) sobre Israel enquanto derrama sua misericórdia (aliança bênçãos) sobre os gentios e apenas uma minoria de judeus (o remanescente). Se 9: 15-18 tem a ver com o êxodo, então 9: 19-29 tem a ver com a aceitação ou rejeição de Cristo.

Romanos 9: 19-23 tem a ver com o julgamento de Deus sobre Israel por (por implicação) rejeitar Jesus o Cristo. O versículo 19 começa a discussão criticando novamente a posição de Paulo: por que Deus deveria punir alguém, já que ele soberanamente dita o destino dos humanos? Paulo responde em 9: 20-23 usando a metáfora do Antigo Testamento de Deus o criador / oleiro e os humanos a criação / barro. Os versículos 20-21 indicam que a criação / barro não tem o direito de questionar os propósitos de Deus, o criador / oleiro. Ao usar essa metáfora, Paulo se baseia em vários textos do Antigo Testamento, cada um dos quais ocorre no contexto do julgamento vindouro e exílio sobre Israel por seus pecados (Is 29:16 [cf. 10:15]; 45: 9; 64 : 8; Jer. 18: 6).

O versículo 22 continua esse tema. Embora Deus tenha esperado pacientemente que Israel se arrependesse, eles nunca o fizeram. Conseqüentemente, Deus entregou Israel à destruição e ao exílio. Essa ira divina foi o cumprimento das maldições da aliança (cf.
1 Tes. 2: 15-16). Esta acusação remonta a 9: 1-5, bem como antecipa 9: 30-10: 4.
[170]O versículo 23, então, alude aos cristãos como sendo os objetos, ou vasos, da misericórdia de Deus (bênçãos da aliança). Essa interpretação é confirmada em 9: 24-26.

9: 24-26 até nós, a quem ele também chamou, não só dos judeus, mas também dos gentios.
Aqui Paulo cita Oséias 2:23 (Rom. 9:25) e Oséias 1:10 (Rom. 9:26). Oséias aplica sua profecia à futura restauração de Israel: embora o exílio tenha transformado Israel em não ser o povo / filho de Deus, a restauração restaurará seu status original. Mas Paulo aplica a profecia de Oséias aos gentios: embora os gentios nos tempos do Antigo Testamento não fossem o povo de Deus e os

filhos da aliança, agora a fé em Cristo (ver 9: 30-33) os constituiu como tais.

9: 27-29 “Apenas o remanescente será salvo”. Paul termina sua catena de Old Citações do testamento em 9: 25-29 citando Isaías 10: 22-23 (cf. Os. 1:10) e Isaías 1: 9. A intenção desses versículos é dizer que quando Deus terminar de julgar Israel, apenas alguns - um remanescente - sobreviverão para retornar à sua terra natal. Paulo interpreta esse remanescente como aqueles poucos judeus que aceitaram a Cristo no primeiro século.

Percepções Teológicas Aqui, levanto brevemente a espinhosa questão de como alguém deve
interpretar o conceito de eleição de Paulo em Romanos 9: 6-29 (para uma discussão mais aprofundada, veja a seção “Ensinando o Texto”). Existem três visões principais sobre a eleição: a visão calvinista, que enfatiza a soberania de Deus; a visão arminiana, que

concentra-se na escolha humana; e a visão corporativa, que propõe sua própria solução para a tensão entre a soberania divina e a responsabilidade humana. A primeira visão argumenta que Deus escolheu desde a eternidade passada quais indivíduos serão salvos ou perdidos. A segunda visão afirma que Deus só sabia de antemão quem escolheria aceitá-lo ou rejeitá-lo. A perspectiva corporativa sugere que Deus escolheu entidades - Israel no Antigo Testamento para ser seu povo e Cristo no Novo Testamento para ser o meio de salvação - e cabe a cada pessoa escolher a entidade que Deus escolheu.

Ensinando o Texto

Romanos 9: 6-29 é um texto muito difícil de pregar e ensinar. Eu iria dividir um mensagem nesta passagem em duas partes: interpretação e aplicação. O a seção de interpretação resume meu esboço de 9: 6-29: (1) a palavra de Deus não falhou, porque suas promessas foram para o Israel espiritual (vv. 6-13); (2) Os caminhos de Deus não são injustos, porque no passado ele julgou os gentios, mas salvou os judeus, enquanto no presente ele julga Israel, mas salva os gentios (vv. 14-29). A seção de aplicação cobre as três visões de Romanos 9: 6-29: Calvinista, Arminiana, corporativa. Agora vamos nos aprofundar um pouco mais nessas visões. Primeiro, há a visão calvinista da eleição, que pode ser resumida pelo acróstico TULIP:

T - depravação total da humanidade
U - predestinação incondicional dos eleitos por Deus
eu - expiação limitada (Cristo morreu apenas pelos eleitos)
eu - graça irresistível (os pecadores não podem resistir ao chamado efetivo de Deus para a salvação)
P - perseverança dos santos

Assim, o calvinista enfoca a eleição soberana de Deus dos salvos (vasos de misericórdia) e dos perdidos (vasos de ira) em Romanos 9: 6-29. Antes mesmo de qualquer pessoa nascer, Deus escolheu na eternidade além daqueles que seriam os eleitos e os não eleitos. Este ponto de vista é chamado de “dupla predestinação”. Obviamente, isso deixa pouco ou nenhum espaço para a escolha humana nessa questão.

Em segundo lugar, a escola de pensamento arminiana discorda da calvinista na questão da eleição. Os Cinco Artigos de Remonstrância é seu

desacordo ponto a ponto com a TULIP (ver tabela 2). Portanto, o arminiano argumenta que Deus sabe quem terá fé nele antes de nascerem, não que Deus escolha quem terá fé nele. Essa visão leva a sério a responsabilidade humana, mas tende a minimizar a soberania divina.

A terceira visão, a visão corporativa, foi popularizada por Karl Barth (Igreja

DogmáticaII / 2). Afirma que Romanos 9: 6-29 ensina que Deus escolhe entidades, não indivíduos. Assim, no Antigo Testamento, Deus escolheu Isaque / Judeus não Ismael / Árabes, e Jacó / Israel não Esaú / Edom, e Moisés / Israel não Faraó / Egito. E cabia a cada indivíduo decidir se se alinharia ou não com o povo corporativo de Deus. No Novo Testamento, Deus escolheu Cristo para ser o salvador, e a dupla predestinação foi cumprida nele: a ira de Deus pelos pecadores foi derramada sobre Cristo na cruz, para que a misericórdia de Deus pudesse ser derramada sobre esses mesmos pecadores. Pode-se ver a partir disso que aqueles que sustentam o entendimento corporativo da eleição afirmam ter resolvido a tensão entre a soberania divina e a responsabilidade humana.

Eu gostaria de ficar do lado da visão corporativa, mas as objeções levantadas por As críticas de Paulo (Rom. 9: 6, 14, 19) são precisamente o que se esperaria se Deus estivesse escolhendo alguns indivíduos para a salvação eterna e outros para a condenação eterna. Não se esperaria que a visão corporativa da eleição gerasse esses protestos.

Além disso, acho que Romanos 9: 6-29 enfoca a soberania de Deus ao eleger indivíduos para seus propósitos, mas que Romanos 9: 30-10: 21 enfoca a responsabilidade humana. Portanto, há uma visão intermediária entre calvinistas e arminianos: Calminianos! De acordo com esse rótulo bastante divertido, Deus soberanamente escolhe o destino dos indivíduos, mas paradoxalmente os humanos têm o poder e a responsabilidade de escolher Cristo por si mesmos. Essas duas verdades opostas não se coadunam com o racionalismo ocidental, mas os antigos hebreus pareciam contentes em aceitar tais antinomias.

Ilustrando o Texto

As promessas de Deus serão cumpridas por meio do verdadeiro remanescente de Israel.

Medicamento: Durante a cirurgia reconstrutiva, "preservando o remanescente" do órgão, tecido ou ligadura original é importante para trazer o paciente de volta à saúde plena. Freqüentemente, parte do processo inclui o enxerto de outro tecido no tecido original. Os médicos acreditam que, ao fazê-lo, permitirão que os corpos dos pacientes aceitem o procedimento.

Histórias pessoais:Harry Ironside conta sobre um homem que foi maravilhosamente salvo e surgiu em uma reunião de classe para testemunhar sua alegria recém-descoberta. Quando ele terminou, o líder da classe legalista disse: “Nosso. . . irmão contou sobre a parte de Deus, mas ele se esqueceu de contar sua parte antes de se converter. Irmão, você não tem mais nada a nos contar sobre isso? ” Sem hesitar, o homem exclamou: “Eu

costa fez minha parte. Eu estava fazendo minha parte fugindo de Deus o mais rápido que pude por trinta anos, e Deus levou atrás de mim até que Ele me derrotou. Essa foi a sua parte. ”
[171] Este é um exemplo de como Deus busca seu povo.

Os caminhos de Deus não são injustos.

Experiência Humana: Muitos professores experimentaram a insistência de um aluno em um
grau superior. O aluno diz ao professor: “Olha, perdi o A por apenas um décimo de ponto.” O professor pode, ocasionalmente, dar a esse aluno o A. O professor pode responder a outro aluno, no entanto, "Não, desculpe, esta é a nota." O professor está errado em reter a nota superior quando solicitado? Não. O professor pode simplesmente optar por dar uma nota superior ou não, com base nas particularidades de cada situação individual. O professor não está errado em nenhum dos casos.

Histórias pessoais:RC Sproul conta sobre alunos questionando sua justiça como professor. Quando ele deu a alguns de seus alunos uma prorrogação para um trabalho final do semestre, eles começaram a achar que sua misericórdia era algo natural. Eles, e alguns outros alunos também, estavam atrasados com o próximo trabalho do semestre. Mais uma vez, ele deu-lhes uma pausa. Quando eles e ainda mais alunos se atrasaram com o trabalho do terceiro semestre, ele finalmente deu o que haviam ganhado, um F. Eles ficaram bravos, e um aluno protestou que não estava sendo justo. Sproul respondeu: “É justiça que você quer? Acho que me lembro que você se atrasou com seu jornal da última vez. Se você insiste na justiça, certamente a conseguirá. Eu não vou apenas dar a você um F para esta tarefa, mas vou mudar sua última nota para o F que você tanto merecia. ” O aluno se desculpou e ficou feliz em aceitar um F em vez de dois. Sproul conclui,

[172]

Romanos 9: 30-10

A Reversão do Deuteronômico Maldições e bênçãos: Substituindo a Lei por Fé

Grande ideiaA questão principal neste texto controverso é o papel da lei à luz da obra de Cristo. Paulo reverte as maldições e bênçãos deuteronômicas: os judeus não cristãos experimentam as maldições deuteronômicas porque tentam ser justificados pela lei, enquanto os gentios crentes são justificados porque sua fé está em Cristo, então a eles pertencem as bênçãos deuteronômicas.

-

Temas principais de Romanos 9: 30-10: 5

-

- As maldições deuteronômicas (aliança) estão sobre o povo de Israel porque eles tentaram se recomendar a Deus obedecendo à lei de Moisés - "justiça da lei".
  As bênçãos deuteronômicas (aliança) repousam sobre os gentios crentes porque eles confiam em Cristo - "fé, justiça".
  Cristo é o fim da lei de Moisés; portanto, todos podem receber a justiça de Deus pela fé em Cristo.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 9: 30-10: 21 forma a segunda unidade em Romanos 9-11 (9: 1-29 é a primeira e 11: 1-32 é a terceira). O tema de Romanos 9: 30-10: 21 é a reversão das maldições e bênçãos deuteronômicas. O primeiro pertence aos judeus não-cristãos (e aos gentios descrentes), enquanto o último se aplica aos gentios cristãos (e também aos judeus cristãos). Esses dois temas formam uma estrutura quiástica simples para Romanos 9: 30-10: 21.

Bênçãos deuteronômicas sobre os gentios por causa da fé, justiça (9:30)
B Maldições deuteronômicas sobre Israel por causa da justiça da lei (9: 31-
10:18)
UMA′ Bênçãos deuteronômicas para os gentios por causa da justiça da fé (10: 19-21)

Podemos convenientemente dividir 9: 30-10: 21 em cinco seções: 9: 30-10: 4; 10: 5; 10: 6-8; 10: 9-13; 10: 14-21. Vou cobrir as duas primeiras dessas seções nesta unidade, deixando 10: 6-21 para a próxima unidade.

Antecedentes Históricos e Culturais Duas peças-chave de fundo informações iluminam Romanos 9: 30-10: 5. Eu simplesmente os listo aqui (para uma discussão mais completa, veja a seção “Visões Adicionais”): (1) a tradição Deuteronômica; (2) A menção de Paulo da palavra “zelo” em Romanos 10: 2 a respeito do compromisso de Israel com a Torá se encaixa em uma tradição histórica do Antigo Testamento e do Judaísmo do Segundo Templo.

Percepções interpretativas 9: 30-10: 4os gentios, que não buscavam a justiça, a obtiveram,. . . mas o povo de Israel, que seguia a lei como o caminho da justiça, não atingiu seu objetivo.

Aqui estão três indicações que se combinam para mostrar que 9: 30-10: 4 reverte as maldições e bênçãos deuteronômicas. Em primeiro lugar, conforme desenvolvemos abaixo, a tradição deuteronômica está embutida no argumento geral dos capítulos 9-11. Em segundo lugar, mais especificamente, observamos anteriormente que 8: 1-16 (cf. capítulo 7) é bem entendido como a reversão de Paulo das maldições e bênçãos deuteronômicas. Terceiro, Paulo

continua a pensar nesse sentido em 9: 25-29, onde, ao citar Oséias 2:23 (v. 25), Oséias 1:10 (v. 26), Isaías 10: 22-23 (v. 27), e Isaías 1:19 (v. 27), ele se baseia nos motivos do exílio (maldições deuteronômicas sobre os infiéis) e no remanescente (deuteronômio

bênçãos para os fiéis). À luz dessas considerações, pode-se entender que 9,30-10,4 transpõe as expectativas judaicas comumente aceitas: de acordo com Paulo, aqueles que não tentam ser justificados pelas obras da lei, mas colocam sua fé somente em Cristo. (Crentes gentios) estão atualmente experimentando as bênçãos deuteronômicas, enquanto aqueles que tentam ser salvos por meio da adesão à Torá (judeus não cristãos) permanecem sob as maldições deuteronômicas. Este contraste irônico vem à tona quando observamos os paralelos em 9: 30-10: 4:

A aquisição da justiça (9:30)
B Falha de Israel em obedecer à lei (9:31)
C A incompreensão da lei por Israel (9: 32-33)
A′ A aquisição da salvação (justiça) (10: 1)
B′ Falha de Israel em obedecer à lei (10: 2)
C′ A incompreensão da lei por Israel (10: 3-4)

Com relação ao primeiro paralelo (9:30; 10: 1), ambos os versículos falam do aquisição da justiça de Deus ou salvação. O primeiro atesta o fato irônico de que os gentios, que não buscam a justiça de Deus por meio da lei mosaica, na verdade receberam essa justiça pela fé (implícito: fé em Cristo). Este último expressa o profundo desejo de Paulo de que Israel também receba a salvação ou a justiça de Deus (implícito: como os gentios já receberam).

O segundo paralelo (9:31; 10: 2) trata da falha de Israel em tentar obedecer à Torá. As primeiras partes de ambos os versículos falam do compromisso de Israel de guardar a lei ("perseguiu a lei como caminho de justiça" [9:31]; "eles são zelosos de Deus" [10: 2]). As segundas partes de ambos os versículos lamentam o fracasso de Israel em alcançar esse objetivo ("não alcançaram a sua meta" [9:31]; "seu zelo não se baseia no conhecimento" [10: 2]).

O terceiro paralelo (9: 32-33; 10: 3-4) expõe o mal-entendido de Israel sobre a lei. Ambos os textos apresentam dois aspectos dessa confusão - um geral, o outro específico. Em geral, Israel falhou em perceber que a intenção divina era que a lei fosse perseguida pela fé, não pelas obras meritórias de alguém (compare 9:32 com 10: 3). Mais especificamente,

Israel perpetua esse erro ao rejeitar Jesus Cristo, que é o cumprimento da lei e o único meio de adquirir a justiça de Deus (compare 9:33 com 10: 4).



As sinagogas proporcionavam um ambiente onde os judeus podiam ler, ensinar e discutir a lei, perseguindo-o como o caminho da justiça (Romanos 9:31). Vestígios arqueológicos da sinagoga de Ostia, Itália (o antigo porto de Roma), revelam dois períodos de construção, o mais antigo datado do primeiro século DC. As sinagogas eram os locais para os judeus se reunirem e os ajudavam a manter sua identidade enquanto estavam cercados pela cultura greco-romana.

Paulo conclui seu argumento em 9: 30-10: 4 contrastando explicitamente a obediência à lei (compare Rom. 10: 5 com Lev. 18: 5) com a justiça que vem pela fé em Cristo (compare com Rom. 10: 6- 8 com Deuteronômio 30: 12-14). Ao fazer isso, ele essencialmente reverte as maldições e bênçãos deuteronômicas, substituindo o nomismo pelo fideísmo (lei com fé) e particularismo pelo universalismo (salvação para os judeus com salvação para todos os que crêem). Estes são os dois resultados que procedem da separação da sabedoria de Paulo (Cristo) e da Torá.

~~[173]~~

Essa leitura de 9: 30-10: 4 no sentido de que Paulo retrata a lei negativamente, no entanto, não se coaduna com alguns estudiosos modernos. Intérpretes como James Dunn veem essa passagem como uma refutação apenas do nacionalismo judaico (circuncisão, sábado e legalismo

alimentar), não a lei em si.

[174]Em outras palavras, eles permitem uma compreensão mais positiva da Torá nesta passagem. Thomas Schreiner, no entanto, fornece uma crítica formidável a essa abordagem mais recente. Primeiro, as “obras” que Paulo menciona em 9:32 não deveriam ser restritas a marcadores nacionalistas judeus. Na verdade, nenhum desses emblemas é sequer mencionado na passagem ou em seu contexto.

[175] Em segundo lugar, para distinguir o nacionalista

retidão dos judeus de sua observância da lei cria uma falsa dicotomia. Os judeus se sentiam superiores aos gentios, não apenas por causa de seu nascimento, mas também por causa de sua obediência à Torá. Terceiro, as palavras hē idia dikaiosynē("Sua própria justiça") em 10: 3 referem-se à justiça nascida das obras em sentido amplo, uma interpretação confirmada pelo texto paralelo, Filipenses 3: 9: "não tendo minha própria justiça que procede da lei, mas o que é pela fé em Cristo ". Essas críticas se combinam para refutar uma tradução positiva da Torá em 9: 30-10: 4.[176]

Como observamos acima, em 10: 4 Paulo reverte as maldições deuteronômicas e bênçãos. Cristo acabou com a lei ao tomar sobre si na cruz as suas maldições (cf. Gal. 3: 10-13), para que aqueles cuja fé está nele possam experimentar a justificação, isto é, as bênçãos da aliança. Nisto, Paulo substitui o nomismo pelo fideísmo. Além disso, o dom da salvação está disponível para judeus e gentios, indicando o escopo universal da mensagem do apóstolo. Para uma discussão mais aprofundada de 10: 4, consulte o terceiro item na seção "Informações adicionais".

10: 5 a justiça que vem da lei.Conforme observado na seção "Percepções Adicionais" a respeito de 10: 4, assim também em relação a 10: 5, duas interpretações básicas emergem a respeito da Torá - uma positiva, a outra negativa. A exegese tradicional desse versículo é que Paulo está usando Levítico 18: 5 negativamente para alertar as pessoas sobre a tentativa de alcançar a justiça obedecendo à lei. Ou seja, qualquer pessoa que pretenda ser aceita diante de Deus seguindo a lei deve estar preparado para obedecê-la perfeitamente ou sofrer suas maldições por desobediência. Mas, é claro, ninguém é capaz de cumprir a lei, pois todos são afetados pelo pecado (veja Rom. 3:20; 7: 5-11). Nem é preciso obedecer à Torá, pois a vinda de Cristo significou o fim dessa abordagem no programa divino (10: 4). Em vez disso, o que é necessário para adquirir a justiça de Deus é a fé em Cristo, como ele é revelado no kerygma (pregação do evangelho) (10: 6-8). Este é o caminho para a vida e as bênçãos deuteronômicas.

Mais recentemente, no entanto, uma renderização positiva de 10: 5 foi oferecida por alguns estudiosos,[177] alegando que descreve a obediência da fé. De acordo com essa abordagem, fazer a Torá é essencial se alguém deseja ter vida, e isso é compatível com a fé em Cristo (10: 6-13). Assim, o deem 10: 6 deve ser traduzido como "e", não "mas", indicando continuidade entre cumprir a lei (10: 5) e a fé em Cristo (10: 6-8). Conseqüentemente, esse ponto de vista argumenta que Paulo interpreta Levítico 18: 5 positivamente.

As críticas de Schreiner a esta abordagem, no entanto, tornam o uso terciário da lei em 10: 5 insustentável.
[178] Primeiro, postular tal visão da lei em 10: 5 significaria que Paulo reverteu radicalmente seu retrato negativo dela em 9: 30-

10: 4, algo que certamente confundiria seus leitores. Em segundo lugar, semelhante à primeira crítica, o contraste entre cumprir a lei e crer em Cristo permeia 9: 30-10: 3. O fato de Paulo mudar repentinamente de marcha e descrever o cumprimento da lei em termos positivos parece muito estranho e, em última instância, refutar o argumento do apóstolo em Romanos de que a salvação é somente pela fé. Terceiro, o paralelo entre 10: 5 ("justiça que vem pela lei") e Filipenses 3: 9 ("não tendo minha própria justiça que vem da lei") é muito próximo para ser negado. Visto que o último é negativo em conotação com relação à lei, é lógico que o primeiro seja. Quarto, o emprego negativo de Paulo de Levítico 18: 5 em Romanos 10: 5 seria consistente com seu uso pejorativo de Levítico 18: 5 em Gálatas 3:13,

[179]que adverte que seguir a lei, ironicamente, invoca as maldições deuteronômicas.

Percepções TeológicasPelo menos duas verdades encontram o leitor de Romanos 9: 30-10: 5. Primeiro, esses versículos, como 9: 1-29 antes deles, lidam com o problema da descrença de Israel em seu Messias. A explicação imediata de Paulo em 9: 1-10: 5 para essa anomalia é que Israel "se pendurou" nas obras da justiça da lei e, conseqüentemente, rejeitou o único caminho para a justiça de Deus: a fé em Jesus Cristo. É por isso que a maioria dos judeus rejeita a Cristo, enquanto muitos gentios o aceitam. A explicação de longo prazo de Paulo para o problema da incredulidade de Israel é que Deus pretende que a aceitação do Messias de Israel pelos gentios deixe os judeus com ciúmes e os converta no final da história (ver capítulo 11). Em segundo lugar, essa conversão em massa dos gentios a Cristo é a obediência da fé (lembre-se 1: 5), a conversão dos gentios no tempo do fim. Mas tal acontecimento é, surpreendentemente, ocorrendo antes da restauração de Israel (cf. 10: 19-20; 11: 25-27). Nesse ínterim, a bênção da vida da nova aliança pertence aos cristãos gentios, enquanto a maldição da morte espiritual da aliança pertence aos judeus não cristãos.

Ensinando o Texto

Uma mensagem ampla vem à mente em relação a Romanos 9: 30-10: 5. Alguém poderia ter uma abordagem geral para 9: 30-10: 5, enfatizando-o como o lado da responsabilidade humana da eleição, enquanto 9: 1-29 reflete o lado divino da eleição. Ambos, eu acho, são verdadeiros. Há mistério embora harmonia. Uma visão que está sendo defendida atualmente afirma harmonizar a soberania divina e a responsabilidade humana. É conhecido como Molinismo. Mais de trezentos anos depois de Tomás de Aquino, um jesuíta espanhol da Contra-Reforma, Luis de Molina (1535-1600), avançou a teoria compatibilista de Aquino da soberania divina e humana

responsabilidade com sua teoria do conhecimento médio (Scientia Media) De acordo com o molinismo, existem três tipos de presciência de Deus. O primeiro nível é o conhecimento natural. Deus conhece todos os mundos possíveis e todas as coisas que os humanos podem fazer. O terceiro nível é o conhecimento real. Deus sabe o que realmente acontecerá no mundo real. Isso é determinado pela escolha livre e soberana de Deus. Entre esses dois níveis está um segundo nível, conhecimento intermediário. Deus sabe o que os humanos fariam em qualquer dado conjunto de circunstâncias; isto é, Deus conhece os contrafactuais (observe, por exemplo, Mt 11:23: "Porque se os milagres que foram feitos em ti tivessem acontecido em Sodoma, teriam permanecido até hoje").

Assim, a soberania de Deus se aplica ao seu conhecimento, o que deixa espaço para a escolha humana. O conceito de conhecimento médio de Molina parece harmonizar a soberania divina e a responsabilidade humana porque permite a Deus exercer o controle providencial das criaturas livres sem restringir o livre exercício de suas vontades. Em virtude de seu conhecimento dos contrafatuais da liberdade das criaturas e sua liberdade de decretar que certas circunstâncias existem e certas criaturas livres sejam colocadas nessas circunstâncias, Deus é capaz de fazer indiretamente que ocorram eventos que ele sabia que aconteceriam como resultado direto de as decisões particulares que essas criaturas tomariam livremente nessas circunstâncias. Em outras palavras, de todos os mundos possíveis que Deus poderia ter criado,

Ilustrando o Texto

Ser o "povo escolhido" não exclui a necessidade de confessar Jesus como Salvador.

Histórias pessoais:O Dr. Michael Rydelnik, professor de estudos judaicos no Moody Bible Institute e filho de sobreviventes do Holocausto, conta a história de seu pai judeu. Quando seu pai, que rompeu todos os laços quando

Michael se tornou cristão, morreu em 1996 em Israel, Michael questionou a teologia que aprendeu que "além da fé consciente em Yeshua [Jesus], todas as pessoas, incluindo meu pai, estariam perdidas para a eternidade."

[180]Rydelnik sabia que, se a admissão ao céu pudesse ser conquistada pelo sofrimento, seu pai deveria estar lá. Ele havia perdido sua primeira esposa, cinco filhos e uma filha adotiva para os fornos em Auschwitz. Ele também sofreu terrivelmente em vários campos de concentração. Mais tarde, ele perderia uma segunda esposa no parto, e uma filha de dois anos de seu terceiro casamento morreu afogada em Berlim. O pai de Rydelnik e sua terceira esposa se mudaram para a América; vinte anos depois, aquela esposa e seu filho Michael e duas filhas aceitaram a fé

em Jesus Cristo. O mais velho Rydelnik então os repudiou e mudou-se para Israel. Entre as conclusões do Dr. Rydelnik estão estas: “O povo judeu, na verdade todas as pessoas, estão perdidas sem fé em Yeshua como seu Redentor” e “O povo judeu e gentios devem ter fé consciente em Yeshua para experimentar o perdão de Deus e receber a promessa da vida no mundo vindouro. ”
~~[181]~~



Esta inscrição do primeiro século DC proíbe os gentios no pátio do templo. Quem entrou pode ser punido com a morte. Foi colocado na cerca que separava o Pátio dos Gentios da área do templo no monte do templo em Jerusalém. Embora os gentios já tenham sido excluídos da presença de Deus no templo, agora todos podem ser salvos pela fé em Jesus Cristo.

Deus está por trás de tudo, mas temos livre arbítrio para aceitar ou rejeitar a oferta de Deus.

Literatura: Os irmãos Karamazov, de Fyodor Dostoyevsky.O capítulo 5 do livro 5 deste famoso romance (1880), "O Grande Inquisidor sobre a Natureza do Homem", levou à conversão de mais de uma personalidade proeminente e pode ser lido coerentemente com o pano de fundo do capítulo 4. Uma história dentro uma história, inclui uma defesa profunda da boca de um agnóstico de um Cristo que não vai manipular nem ser manipulado, mas que busca o amor livre dos indivíduos. Ivan, o irmão agnóstico, diz sobre Cristo: “Você desejou o amor livre do homem, que ele o seguisse livremente, seduzido e cativado por você. Em vez da lei antiga e firme, o homem deveria doravante decidir por si mesmo, com o coração livre, o que é bom e o que é mau, tendo apenas a sua imagem diante de si como guia.

~~[182]~~

Literatura: O grande divórcio, por CS Lewis. No capítulo 11 deste livro (1945) está um conhecido relato em que um "pequeno lagarto vermelho" cavalgando sobre o fantasma

ombro representa luxúria. O que fica claro é que o fantasma deve escolher aceitar ou não a oferta de um anjo para matar o lagarto. O fantasma faz várias desculpas, incluindo que o lagarto está dormindo e não incomodando ninguém, e que o processo vai causar muita dor. Em desespero, ele tenta manipular o anjo, mas o anjo insiste que o fantasma deve pedir-lhe para fazer isso, trazendo sua vontade à submissão.

Antecedentes Deuteronômicos | Zealotry | Telos

Aqui, voltamos a duas preocupações de fundo e a uma outra questão exegética.

1. James Scott identifica o fundamento Deuteronômico de Romanos 9-11, aplicando a este texto a descrição sêxtupla da tradição Deuteronomista desenvolvida por Odil Steck.

[183]Para resumir: Israel tem sido desobediente à lei de Deus ao longo da história (Rom. 9:31; 10:21; cf. cap. 2). Deus enviou seus profetas para chamar Israel ao arrependimento, mas Israel os rejeitou repetidamente, incluindo o próprio Paulo (11: 2-5; 10:16; cf. 15:31). As maldições Deuteronômicas agora repousam sobre Israel na forma de opressão estrangeira (9: 1-3; 10: 3; 11: 1, 5, 10, 16-25; cf. 2: 6-8; 3: 5). Ainda é possível para Israel se arrepender (9:22; 10:16, 19; 11:11, 14; cf. 2: 4-5). Um dia Israel realmente se arrependerá e será restaurado (11: 26-27). A isso eu acrescentaria que Paulo reverte as maldições e bênçãos deuteronômicas em Romanos 9: 30-10: 21. Vemos, então, que a estrutura da aliança, bem como o pano de fundo Deuteronômico, estão profundamente impressos na carta de Paulo aos Romanos,

2. O zelotismo era uma parte importante da herança de Israel. Os exemplos clássicos

eram aqueles que estavam preparados para usar a espada para manter o compromisso de Israel com a Torá e a pureza expressa por serem separados dos gentios.
[184]

"Zelo pela lei" tornou-se o grito de guarda da revolta dos macabeus contra Antíoco IV Epifânio iniciada em 167 AC (1 Mac. 2: 26-27, 50, 58; 2 Mac. 4: 2). Em 66 DC, o movimento zelote incitou Israel à revolta contra Roma. Da mesma forma, o zelo pelas ordenanças (da lei) caracterizou os essênios (por exemplo, 1QS 4.4; 9.23; 1QH

uma 6.14), embora seu zelo fosse direcionado para a guerra espiritual ao invés de física.
[185]Além disso, em seus dias pré-cristãos, Paulo parece ter absorvido o espírito zelote de seus ancestrais judeus. Eu argumentei em outro lugar que o Rabino Paul andou no círculo de escritores de obras judaicas como Sirach,

Baruch, e Salmos de Salomão. Esses escritos são fortemente nacionalistas e nomísticos em perspectiva. Percebe-se neles uma atitude zelota para com a lei e os gentios. Ou seja, se os judeus levassem a sério a lei de Moisés, eles precisariam expulsar os gentios da terra de Israel porque sua falha em seguir a Torá tornava a terra ritualisticamente impura, poluindo assim a Palestina. Mas que mudança na perspectiva de Paulo após sua conversão a Cristo! Paulo se separou com regulamentos tão zelosos, de tal forma que agora Paulo argumentava que a Torá estava terminada no plano de Deus. E se assim fosse, os gentios agora eram convidados a conhecer a Deus por meio da fé em Cristo, não pelos rituais da lei. Sem dúvida, a reviravolta de Paulo em relação à Torá e aos gentios incitou os judeus de mentalidade fanática a se opor a ele. Na verdade, suas cartas ao Gálata, Romano,

3. Aqui eu me aprofundo mais nas nuances da palavra telos (10: 4). Basicamente, duas interpretações dessa palavra foram propostas: “término” e “objetivo” (alguns sugerem um híbrido dos dois). [186] Referir-se ao “término” da lei é mais negativo, enquanto o “objetivo” da lei soa mais positivo, implicando na continuação da Torá na vida dos crentes.

Aqueles que optam pela segunda abordagem apontam para duas considerações principais. Primeiro a palavra telos tem um certo grau de ambigüidade,[187] o que permite o significado de "meta". Segundo, telos, junto com katelaben ("Alcançado" [9:30]) e Ephthasen (“Chegou” [9:31]), evoca imagens raciais,[188] sugerindo o significado de "meta" ou "postagem vencedora". [189]

Quem vê em telos a ideia de terminação ou contador final com dois pontos. Primeiro, no Novo Testamento

telos normalmente transmite um significado temporal (veja especialmente 1Co 1: 8; 10:11; 15:24; 2Co 3:13; 11:15; Fp 3:19).

[190] Em segundo lugar, embora Paulo use imagens de raça, certamente teloscomo meta significa a linha de chegada. Além dessas críticas, uma terceira consideração é necessária. Se, de fato, 10: 5 retrata a lei negativamente, a consistência dita uma tradução semelhante em 10: 4. Na verdade, a palavra de conexão entre 10: 4 e 10: 5,

gar (“Pois, desde”), parece ligar a declaração negativa em 10: 4 com uma observação semelhante em 10: 5.

Romanos 10: 6-

A Reversão do Deuteronômico Maldições e bênçãos: Justiça pela Fé

Grande ideia

Paulo continua em 10: 6-21 sua reversão das maldições e bênçãos deuteronômicas. Os primeiros caíram sobre o Israel desobediente, enquanto os últimos pertencem aos crentes gentios.

Temas principais de Romanos 10: 6-21

- Aqueles que tentam obedecer à lei para obter justiça diante de Deus
- devem segui-la perfeitamente (de acordo com Levítico 18: 5).
  O evangelho está perto de cada um de nós. Portanto, todos têm a
- responsabilidade de acreditar.
  A salvação envolve crer em Jesus Cristo, o Senhor, e confessá-lo aos
- outros.

- Paulo explica a ordem da salvação: um pregador declara as boas novas; é
- ouvido e acreditado; a pessoa invoca o nome do Senhor e é salva.

- No entanto, Israel ouviu, mas não creu no evangelho, enquanto os gentios ouviram e creram.
  A tradição deuteronômica é o tema-chave que informa Romanos 10: 14-21, mas é revertido: os judeus rejeitaram as boas novas e, portanto, sofrem as maldições da aliança, enquanto os gentios aceitam o evangelho e, portanto, desfrutam das bênçãos da aliança.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoEsta unidade aborda as últimas três seções de Romanos 9: 30-10: 21: 10: 6-8; 10: 9-13; e 10: 14-21.

O tema de 10: 6-8 é a proximidade do evangelho. Descreve assim:

1. Justiça pela fé versus a lei (10: 6a)
2. A justiça pela fé está no evangelho (10: 6b-8)

O tema de 10: 9-13 é a certeza da salvação. Ele se divide em duas partes:

1. Os passos para a salvação (10: 9-10)
2. O escopo da salvação (10: 11-13)

O tema de 10: 14-21 são os passos da salvação. Ele responde a duas perguntas:

1. Quais são os passos da salvação? (10: 14-15)
    uma. Um pregador é enviado para declarar as boas novas
    b. A boa notícia é ouvida
    c. A boa notícia é acreditada
    d. O indivíduo invoca o nome do Senhor (cf. 10: 12-13)
2. O que realmente aconteceu? (10: 16-21)
    uma. Israel não acreditou nas boas novas da restauração em Cristo
    b. Os gentios têm crido nas boas novas da restauração em Cristo

Observe também que 10: 19-20 forma um inclusio com 9:30: Os gentios acreditam no evangelho e desfrutam das bênçãos do convênio.

Antecedentes Históricos e Culturais 1. Muitos comentaristas argumentam que Romanos 10: 6-8 joga fora de uma equação valorizada no Judaísmo do Segundo Templo: a sabedoria de Deus está incorporada na Torá (Deuteronômio 30: 12-14; Bar. 4: 1; cf. Filo, Posteridade 84-85; T. Neof.em Deut. 30; também expresso nos Manuscritos do Mar Morto). O resultado do argumento de Paulo em Romanos 10: 6-8 é que Cristo é a sabedoria de Deus que substituiu a lei como meio para a justiça de Deus.[191]

2. O midrash de Paulo (comentário) em Deuteronômio 30: 12-14 em Romanos 10: 6-8 é uma reminiscência do peshermétodo de comentar sobre o Antigo Testamento nos Manuscritos do Mar Morto. Essa literatura cita um texto do Antigo Testamento e depois diz "isto é" ou "isto significa aquilo" (que é a tradução da palavra aramaica

pesher), oferecendo uma leitura escatológica desse texto. Em outras palavras, o

A comunidade da nova aliança de Qumran aplicou as profecias do Antigo Testamento sobre o remanescente a si mesmo como o povo de Deus no tempo do fim (ver, por exemplo, sua Pesharim em Habacuque, Naum, Isaías).[192] Paulo faz algo semelhante em Romanos 10: 6-8. Ele cita Deuteronômio 30: 10-12, e então o aplica a Cristo, a sabedoria de Deus que substituiu a Torá, introduzindo a citação com "isto é" (vv. 6b, 7b, 8b).

3. Mais uma vez, o pano de fundo chave para uma passagem de Romanos é o Tradição deuteronomista. Este cenário do Antigo Testamento influencia fortemente Romanos 10: 14-21. Assim, (a) Deus enviou seus profetas para chamar Israel ao arrependimento (Rom. 10: 14-15, 18); (b) mas Israel persistiu em seu pecado de incredulidade (Rom. 10:16, 18, 21); (c) portanto, Deus julgou Israel enviando aquela nação para o exílio (as maldições da aliança; compare Rom. 10:16, 18, 21 com o cenário exílico de Isaías 52: 7; 53: 1 e a profecia de Deut. 32:21); (d) mas se Israel se arrepender, Deus os restaurará (Isaías 52: 7); no entanto, são os gentios que se arrependem que estão sendo restaurados a Deus - as bênçãos da aliança (Is 65: 1; cf. Deuteronômio 32:21).

Percepções interpretativas 10: 6-8 a justiça que é pela fé. Anteriormente eu discutimos esta passagem com referência à identificação da sabedoria. Aqui eu gostaria de fazer mais dois comentários. Primeiro, 10: 6-8 contrasta com a justiça isto é da fé com 10: 5 e a justiça da lei. Podemos resumir essa antítese de acordo: a lei mosaica prometeu vida àqueles que observassem seus preceitos (Lv 18: 5). No entanto, uma nota sinistra soa em Levítico 26: 14-39, onde já existe a expectativa de que Israel deixará de cumprir as estipulações da aliança. Certamente Paulo, como grande parte do judaísmo, estava ciente dessa eventualidade. Em outras palavras, embora Levítico 18: 5 apresentasse a possibilidade teórica de obediência à lei, na prática ela não cumpriu sua promessa de vida para aqueles que tentaram guardar os mandamentos divinos, porque não cumpriram plenamente. Na realidade, ninguém pode obedecer perfeitamente à Torá. Uma imagem diferente surge, entretanto, em Romanos 10: 6-8, onde a justiça que vem pela fé fala. Essa mensagem de justificação é que a salvação está disponível para todos (10: 6-8) por meio da fé em Cristo (10: 9-13). Este contraste entre fé e lei certamente lança a última em uma luz negativa, não positiva, em 10: 6-8.

Em segundo lugar, o midrash de Paulo em Deuteronômio 30: 12-14 (cf. Bar. 3: 29-30; ver
"Antecedentes históricos e culturais", acima), em que ele substitui a lei pela sabedoria, serve para contrastar as duas. Ou seja, a justiça divina não vem por meio da Torá, mas sim por meio de Cristo, a sabedoria preexistente de Deus, agora encarnada. Com efeito, então, a técnica interpretativa de Paulo serve para dissociar a sabedoria da lei, com dois resultados: ele substitui o nomismo pelo princípio de

fé somente, e particularismo com universalismo.

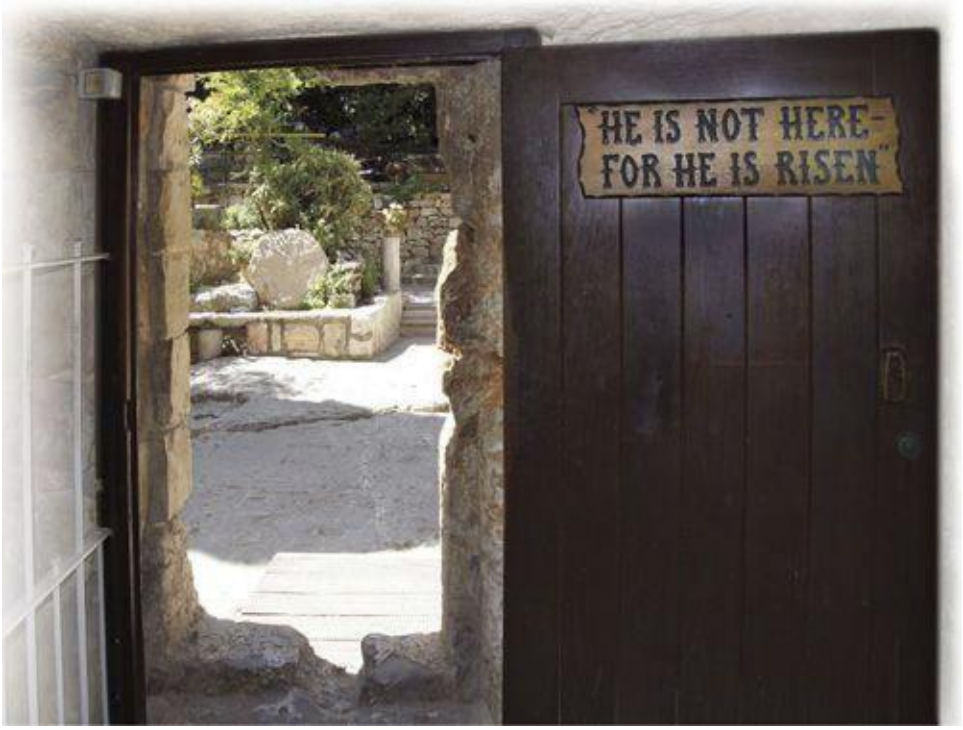
Concluo meus comentários sobre 10: 6-8 observando que até o próprio Moisés, de acordo com Paulo, aparentemente tinha dúvidas de que Israel alcançaria a Deus justiça pela obediência à lei. Assim, se Levítico 18: 5 (ver Rom. 10: 5) e Deuteronômio 30: 12-14 (ver Rom. 10: 6b-8) ditar que Israel precisava obedecer à lei para ter a bênção da aliança de vida, depois, em Deuteronômio 9: 4-5 (ver Rom. 10: 6a: "Não diga em seu coração") Moisés já advertiu os israelitas a não pensarem que foi a justiça deles por meio da lei que lhes deu a terra de Canaã. Foi apenas a misericórdia e o poder de Deus que conseguiu isso. Isso nos lembra de como os convênios abraâmicos e mosaicos eram diferentes. O primeiro era baseado na graça, enquanto o último poderia facilmente levar a uma salvação baseada nas obras. Parece que o próprio Moisés logo percebeu o

impotência espiritual da Torá.

10: 9-10 declare com sua boca, "Jesus é o Senhor," e creia em seu coração.

Os versículos 9-10 fornecem uma visão geral dos passos para a salvação (ver 10: 14-15). Primeiro, o pecador deve crer que Jesus é o Senhor. Ou seja, o pecador deve crer que Deus ressuscitou Jesus dos mortos como prova de que a cruz foi expiatória (lembre-se 4: 24-25). Em segundo lugar, o indivíduo deve confessar publicamente a Jesus como Senhor. Se, como muitos comentaristas sugerem, o pronunciamento "Jesus é o Senhor" foi feito no momento do batismo de alguém, então Paulo estaria dizendo que a salvação é primeiro uma questão de

crer no coração e então tornar essa profissão pública por meio do batismo (cf. Atos 2:38; Rm 6: 1-14; Colossenses 2:12; Tito 3: 5; 1 Pedro 3: 20-22).[193]



O túmulo do jardim é um local próximo ao Portão de Damasco da Cidade Velha de Jerusalém, que muitos acreditam ser o jardim e o sepulcro de José de Arimatéia. Se é autêntico ou não é motivo de debate, mas o próprio site cria uma atmosfera reverente e significativa para os visitantes refletirem sobre a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus. Os visitantes podem entrar na tumba e, ao se virar para sair, ver uma placa lembrando-os "Ele não está aqui - porque ressuscitou".

10: 11-13 "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo." Aqui, Paulo fornece a certeza da salvação. Citando Isaías 28:16 em 10:11, que garante aos judeus que se eles confiarem em Deus, ele os justificará no julgamento, Paulo aplica essa esperança aos cristãos por causa de sua fé em Cristo. Tal garantia é para qualquer um - judeu ou gentio - pois Deus é o mesmo Senhor de ambos (cf. Rom. 3: 29-30). Na verdade, todo aquele que confia em Cristo será salvo, que é a adaptação de Paulo de Joel 2:32. E não deve ser esquecido nesta discussão o fato de que o cenário de Joel 2:32 é o Espírito prometido e restauração, que agora estão cumpridos em Cristo.

10: 14-15 Como, então, eles podem invocar aquele em quem não acreditaram?

Os versículos 14-21 especificam os passos no processo de salvação mencionados em 10: 12-13. Já estabeleci a ordem lógica dessas etapas no esboço acima. Seguimos aqui a ordem exegética, que, por meio de uma série de perguntas retóricas, inverte o processo:

Como eles podem invocar o Senhor para a salvação (cf. vv. 12-13) se eles não o fizeram acreditavano Senhor? (v. 14a)
Mas como eles podem acreditar em alguém que não têm ouviu? (v. 14b) E como eles podem ouvir se alguém não é enviei? (vv. 14b-15)

A citação de Isaías 52: 7 lembra a promessa de Deus de restaurar Israel do exílio (as maldições da aliança). Esta boa nova é, segundo Paulo, a restauração espiritual em Cristo, as bênçãos da nova aliança (cf. Rom. 1: 1-2, 16).

10: 16-21 nem todos os israelitas aceitaram as boas novas. O versículo 16 interrompe o fluxo do pensamento de 10: 14-15, sinalizando que Israel não aceitou as boas novas da restauração, nem durante os dias de Isaías (ver Isaías 53: 1) nem durante os dias de Paulo. Isso porque Israel rejeitou o Servo Sofredor nos dias de Isaías (compare Isaías 53: 1 com Isaías 52: 13-53: 12) e agora Jesus, o último Servo Sofredor. Essas notícias sinistras da rejeição de Israel são retomadas em 10:18. Mas há uma nota positiva em 10:16 que antecipa 10: 19-20. A resposta adequada às boas novas é aceitá-las ou obedecer / acreditar

(Hypēkousan/episteusen) isto. Esta combinação de obediência / fé traz à mente a obediência da fé dos gentios mencionada em Romanos 1: 5 e desenvolvida em Romanos posteriormente. Paulo voltará a esse assunto novamente em 10: 19-20. O versículo 17 especifica o objeto da fé do crente: a palavra, ou o evangelho, de Cristo.

Em 10:18, Paulo usa a linguagem da revelação natural para dizer que o evangelho foi espalhado por todo o mundo (o Império Romano?) (Cf. Salmos 19: 4). Assim, os judeus tiveram ampla oportunidade de ouvir e acreditar nessas boas novas. Ironicamente, porém, foram os gentios, não os judeus, que acreditaram no evangelho de Cristo, assim como Deuteronômio 32:21 (veja Rom. 10:19) e Isaías 65: 1 (veja Rom. 10:20) predisse. Ao aceitar o evangelho, os gentios participam das bênçãos da nova aliança. Esta é a obediência da fé, a conversão dos gentios no tempo do fim. Na verdade, essa conversão em massa dos gentios não apenas precede a restauração de Israel, mas também participa dessa restauração antes de Israel (cf. Rom. 11: 25-27). Lamentavelmente, no entanto, o Israel incrédulo continua a cavar seus calcanhares contra o evangelho (cf. Is 65: 2). Consequentemente,

Percepções Teológicas Três percepções teológicas emergem em Romanos 10: 6-21. Primeiro, a justiça pela fé é a única maneira de agradar a Deus (10: 6-8). Segundo, a justiça pela fé fornece garantia de salvação (10: 9-13). Terceiro, Romanos 10: 14-21 ainda fornece uma motivação poderosa para evangelismo e trabalho missionário

hoje. Os missionários devem pregar as boas novas para aqueles que nunca as ouviram.

Ensinando o Texto

Romanos 10: 6-21 fornece um excelente material para uma mensagem sobre missões, especialmente 10: 12-15 com seus passos para a salvação, que são diretos. Alguém vai a um grupo de pessoas e prega o evangelho para eles; aquelas pessoas ouvem o evangelho e crêem nele, resultando em invocar o nome do Senhor, o que por sua vez resulta em sua salvação (10: 14-21). Mas isso gerou um antigo debate: os perdidos realmente têm que ouvir o evangelho e responder a ele para serem salvos?

As inúmeras respostas a esta pergunta podem ser reduzidas a três. O "Exclusivista" responde sim a essa pergunta. Ninguém pode vir a Deus de outra forma que não seja pelo evangelho de Jesus Cristo. Simplesmente responder apenas à revelação natural - crendo desde a criação e consciência que existe um Deus - sem ouvir e aceitar a revelação especial do evangelho é insuficiente para a salvação. O "inclusivista" responde não à pergunta. Uma pessoa que responde a qualquer luz que possui - revelação geral, não revelação especial - e crê nela (que existe um Deus) e, portanto, vive uma vida moral é aceita por Deus, à parte do evangelho. Isso geralmente é rotulado de visão "cristão anônimo". O "universalista" vai ainda mais longe do que o inclusivista, dizendo que a morte e ressurreição de Jesus foram tão eficazes que salvaram todas as pessoas sem que elas tivessem que confiar em Cristo ou mesmo ouvir o evangelho.

Ilustrando o Texto

Temos uma motivação poderosa para missões e evangelismo.

Biografia: A recente morte de Ralph Winter (1924-2009) nos lembra de sua ênfase estratégica em alcançar não apenas todas as nações com o evangelho, mas também todos os grupos de pessoas. Winter fundou o US Center for World Mission e, logo depois, a William Carey International University sem respaldo financeiro na época e apenas cem dólares para começar. Winter disse: "Estávamos dispostos

falhar porque a meta que sentimos era muito urgente e estratégica. ” No entanto, o centro não falhou e treinou milhares de missionários e apoiou pessoal e trabalhou incansavelmente para levar a visão de alcançar povos escondidos para a igreja mais ampla. Em 2005 TempoA revista incluiu Winter como um dos vinte e cinco evangélicos mais influentes. Em 2008, a Conferência Missionária da América do Norte concedeu-lhe o prêmio de serviço vitalício. “Sem dúvida, Winter terá mais prazer em encontrar os homens e mulheres de todas as tribos, línguas e nações que louvam o nome de Jesus na glória - tudo por causa de sua paixão em espalhar a mensagem de Cristo.”

[194]



Em seu site, o US Center for World Mission se descreve como “uma agência missionária que ajuda a melhorar a tomada de decisões estratégicas e a prática nas fronteiras da missão, superando as barreiras que impedem o reino de Deus de vir entre todos os povos”. O cerne de sua missão e visão é “uma igreja para todos os povos”. (

http://www.uscwm.org/index.php/about/)

Biografia: David Brainerd.Grande estadista missionário, Brainerd (1718-47) trabalhou entre os índios americanos. Ele estava fortemente motivado para o evangelismo. Ele sofreu todos os tipos de angústia, incluindo desconforto físico e desânimo emocional, mas continuou seu trabalho por causa de seu chamado. Tendo esperado muito pelo renascimento entre os nativos americanos, Brainerd

finalmente vi. Em seu diário, ele escreveu: “Foi muito comovente ver os pobres Índios, que outro dia estavam gritando e gritando em suas festas idólatras e brincadeiras bêbadas, agora clamando a Deus com tanta importunação por um interesse em Seu querido Filho ”.[195]

Todo aquele que crê e confessa no Senhor Jesus Cristo será salvo.

Biografia: Christopher Hitchens e Peter Hitchens são irmãos: um é um ateu, o outro um cristão. Depois que Pedro recuperou sua fé cristã, ele escreveu um livro intitulado

A raiva contra Deus: como o ateísmo me levou à fé. Seu irmão mais velho, Christopher, ficou famoso como um defensor acérrimo do ateísmo e escreveu

A posição missionária: Madre Teresa em teoria e prática e seu best-seller, Deus não é grande: como a religião envenena tudo. Peter entende essa lógica; quando adolescente, ele queimou a Bíblia e se rebelou contra tudo que lhe ensinaram que era bom, certo e sagrado. Mas com o tempo, ele parou de evitar igrejas e grandes artes religiosas, deixando-se aberto a mensagens inquietantes do passado. Enquanto olhava para uma pintura do século XV do juízo final, ele ficou comovido. “Essas pessoas não pareciam remotas ou do passado antigo; eles eram minha própria geração. Por estarem nus, eles não foram aprisionados em sua própria idade pelas modas vinculadas ao tempo ”, diz Peter. “Pelo contrário, o cabelo e a postura dos seus rostos eram inteiramente ao estilo da minha época. Eles eram eu e pessoas que conhecia. Tive uma sensação súbita e forte de que a religião é uma coisa dos dias atuais, não aprisionada sob espessas camadas de tempo. Meu grande catálogo de más ações se repetiu rapidamente na minha cabeça. ” Então vieram os juramentos de seus rituais de casamento e os batismos de sua ex-esposa ateísta e de sua filha. Um colega jornalista soube que Peter Hitchens havia retornado à igreja e, com "uma mescla de piedade e horror", perguntou sem rodeios: "Como você pode fazer isso?"

~~[196]~~

Exílio para Israel Nacional, Restauração para Israel Espiritual

Grande ideia

Paulo justapõe dois tipos de Israel: o Israel nacional (11: 7-10) versus o Israel espiritual (11: 1-6). O primeiro permanece no exílio e sob as maldições da aliança, mas o último, como o remanescente, está desfrutando da tão esperada restauração de Israel, bem como das bênçãos da aliança.

Temas principais de Romanos 11: 1-10

Deus não abandonou seu povo da aliança, o Israel espiritual, o remanescente. Mas, por enquanto, o Israel nacional permanece fora das bênçãos da aliança.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 11 passa dos dias de Paulo para um dia no futuro, quando o Israel nacional se converterá a Jesus, o Messias. Naquela época, o Israel nacional se tornará, pela primeira vez, o Israel espiritual. Paulo, portanto, fornece três razões pelas quais Deus não terminou com o Israel étnico. Primeiro, a rejeição de Cristo por Israel é apenas parcial (11:

1-10). Nem todo Israel rejeitou a Cristo. Há um remanescente de Israel que aceitou a Cristo. Em segundo lugar, a rejeição de Israel a Jesus, o



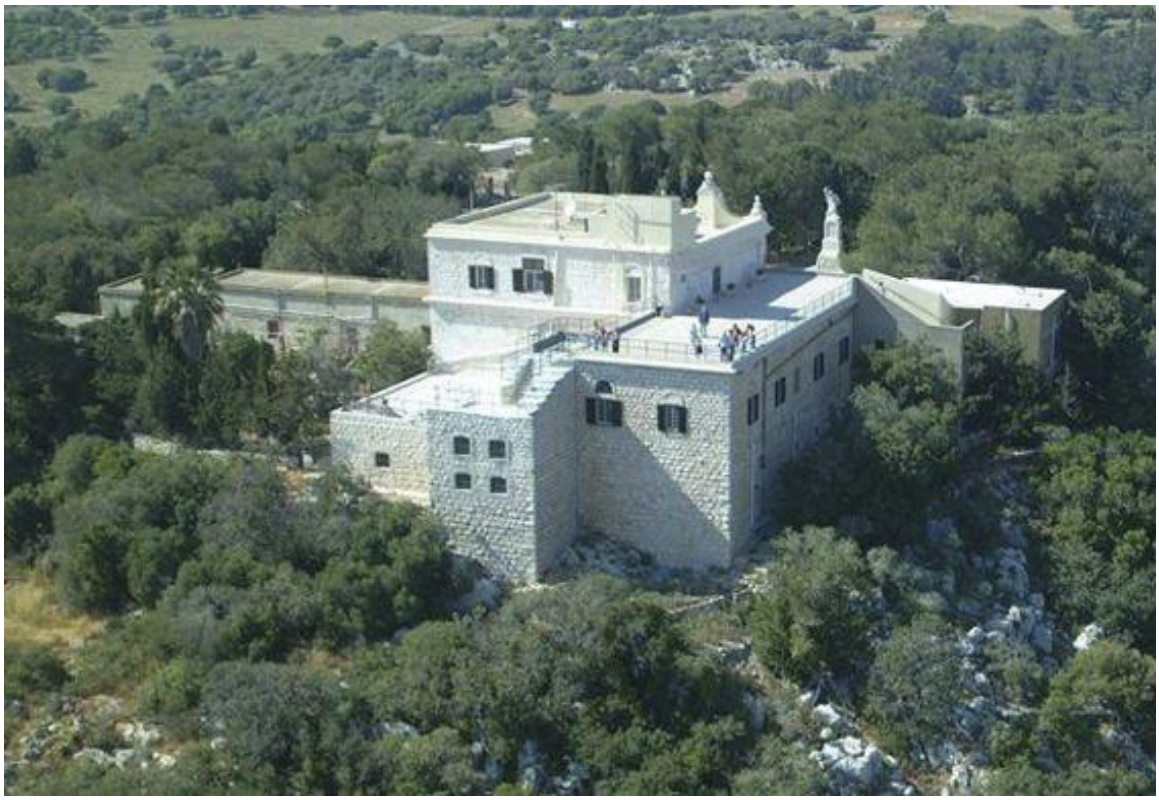
-
-

O Messias realmente serve a um propósito misericordioso. Abriu espaço para a conversão dos gentios no presente (11: 11-24). Terceiro, a rejeição do Messias por Israel é apenas temporária. Chegará o dia em que o Israel étnico aceitará a Cristo (11: 25-32). O pensamento de tudo isso fez com que Paulo explodisse em louvor à sabedoria de Deus em 11: 33-36.

Em Romanos 11: 1-10, Paulo compara o Israel nacional com o Israel espiritual remanescente:

1. O Israel espiritual (o remanescente) é a verdadeira restauração pela graça de Deus (11: 1-
   6).
2. O Israel nacional ainda está exilado de Deus por causa de suas obras ou tentativas
   para guardar a lei (11: 7-10).

Antecedentes Históricos e Culturais O pano de fundo principal de Romanos 11: 1-10 é a narrativa de Elias em 1 Reis 18-19. Lá nós lemos sobre a derrota de Elias e a destruição dos profetas de Baal (o deus da tempestade e cabeça do panteão cananeu de divindades) e sobre Jezabel, a esposa do rei Acabe, e sua ameaça de matar Elias em retribuição por suas ações. Elias foge para salvar sua vida para o Monte Horebe, onde Deus lhe garante que um grupo fiel de sete mil judeus não se curvou a Baal. Estes são os remanescentes fiéis, e Deus cumprirá por meio de Elias e deles seus propósitos para Israel.



O local tradicional da competição de Elias com os profetas de Baal é no Monte Carmelo, onde agora se encontra o mosteiro Mukhraqa (foto aqui). Foi depois da magnífica demonstração do poder de Deus que Elias fugiu da ira de Jezabel. O desanimado Elias dirigiu-se ao Monte Horebe, onde Deus revelou a ele que um remanescente leal ainda existia, alguém que não havia "dobrado os joelhos a Baal" (Rom. 11: 4).

Percepções interpretativas 11: 1-4Deus rejeitou seu povo? . . . "Eu reservei para mim sete mil."

Romanos 11: 1-10 fornece a primeira razão pela qual Deus não abandonou Israel ou, dito de outra forma, porque Deus não terminou com Israel: nem todo Israel rejeitou a Cristo. Os versículos 1-4 asseguram ao leitor que Deus sempre teve um remanescente - judeus fiéis a Deus. Dois exemplos são fornecidos. O primeiro é o próprio Paulo, que é israelita, descendente de Abraão e da tribo de Benjamim. Essas credenciais mostram que Paulo é judeu e, como um

Cristão, ele é um dos remanescentes. Na verdade, os primeiros crentes em Jesus eram judeus e, portanto, também constituíam o remanescente. O

segundo exemplo que Paulo fornece é o remanescente no Antigo Testamento - Elias e os sete mil que permaneceram fiéis a Yahweh quando o resto de Israel aquiesceu à adoração de Baal (compare 11: 3-4 com 1 Reis 19:10, 14 , 18).

11: 5-6há um remanescente escolhido pela graça. . . não pode ser baseado em obras.Os versículos 5-6 deixam claro que a salvação do "remanescente" (leimma) é baseado em

Graça de Deus, não obras (da Torá). Paulo disse algo semelhante em 4: 1-5, onde enfatizou que Deus não é devedor de ninguém. Em outras palavras, a aceitação de Deus de Abraão e do remanescente do Antigo Testamento foi baseada na graça. Da mesma forma, nos dias de Paulo, a salvação ou restauração do remanescente acontece porque eles aceitaram a Cristo em vez de obedecer à lei como meio de justificação.

~~[197]~~

11: 7 O que o povo de Israel buscou tão fervorosamente, eles não obtiveram.Paulo pinta um quadro sombrio da nação de Israel que deixa claro que eles não fazem parte do remanescente. Essa realidade agourenta remonta ao Antigo Testamento. Em 11: 7, Paulo diz que o Israel nacional não é uma parte dos eleitos (o remanescente), porque seu coração foi endurecido. Aqui o verbo

epōrōthēsan
("Foram endurecidos") é um "passivo teológico": Israel foi endurecido a Deus por Deus! Como veremos, Paulo fornece prova disso citando a divisão tripla da Bíblia Hebraica: a Lei, os Profetas e os Escritos.

~~[198]~~

11: 8 "Deus deu-lhes um espírito de estupor, olhos que não podiam ver e ouvidos que não podiam ouvir."No versículo 8, Paulo cita a Lei, em Deuteronômio 29: 5, para demonstrar que Deus induziu um estupor espiritual em Israel de tal forma que eles realmente não viram nem ouviram a verdade a respeito de Deus. O cenário deuteronômico foi o discurso de Moisés a Israel antes de eles cruzarem para a terra prometida. Deuteronômio 29 faz parte das bênçãos e maldições da aliança. Moisés esperava que Israel obedecesse à lei e desfrutasse das bênçãos da aliança. Mas Moisés suspeitou que Israel não faria isso. Deus entorpeceria o coração de Israel para a lei e, conseqüentemente, a nação experimentaria as maldições da aliança. Paulo também se baseia nos profetas, em Isaías 29:10, que mostra que o pior medo de Moisés e Isaías se tornou realidade. Israel é espiritualmente cego para a lei de Deus, e é por isso que eles estão prestes a ser julgados e enviados para o exílio - as maldições da aliança.

11: 9-10“Que a mesa deles se torne uma armadilha. . . e suas costas ficarão dobradas para sempre. ”
Aqui, Paulo cita os Escritos, no Salmo 69: 22-23. A referência é aos inimigos do rei Davi, que um dia serão julgados por Deus por trair Davi. O Salmo 69 desempenhou um papel proeminente na compreensão dos primeiros cristãos de Jesus (cf. Marcos 3:21; 15:23; Lucas 13:35; João 2:17; 15:25; Atos 1:20; Rom. 15: 3 ; Fil. 4: 3; Ap. 3: 5; 16: 1). A nuance aqui é que Jesus, o verdadeiro rei davídico, foi traído por seu povo Israel. Conseqüentemente, Deus lançou um feitiço espiritual de descrença sobre o Israel nacional que resultou no acúmulo sobre eles das maldições da aliança - sujeição ao Império Romano e exílio espiritual de Deus.

~~[199]~~

Percepções Teológicas Vários insights teológicos se abrem para nós em Romanos 11: 1-

10. Primeiro, a salvação é pela graça de Deus, não pelo esforço humano. Em segundo lugar, a escolha soberana de Deus de entorpecer Israel para as coisas de Deus, no contexto de 11: 1-10, provavelmente se refere à nação, não aos indivíduos como 9: 6-29. Terceiro, a rejeição da lei por Israel, o assassinato dos profetas e o subsequente exílio e julgamento, junto com a restauração do remanescente, constituem os temas principais da tradição deuteronômica. Quarto, Deus sempre teve alguns poucos fiéis - um remanescente - que o defendeu contra a maioria que não o fez. Quinto, o fato de que nem todo Israel desobedeceu a Deus indica que a rejeição de Cristo por Israel é parcial. E um dia o Israel nacional abraçará seu Messias (ver 11: 11-15, 25-27).

Ensinando o Texto

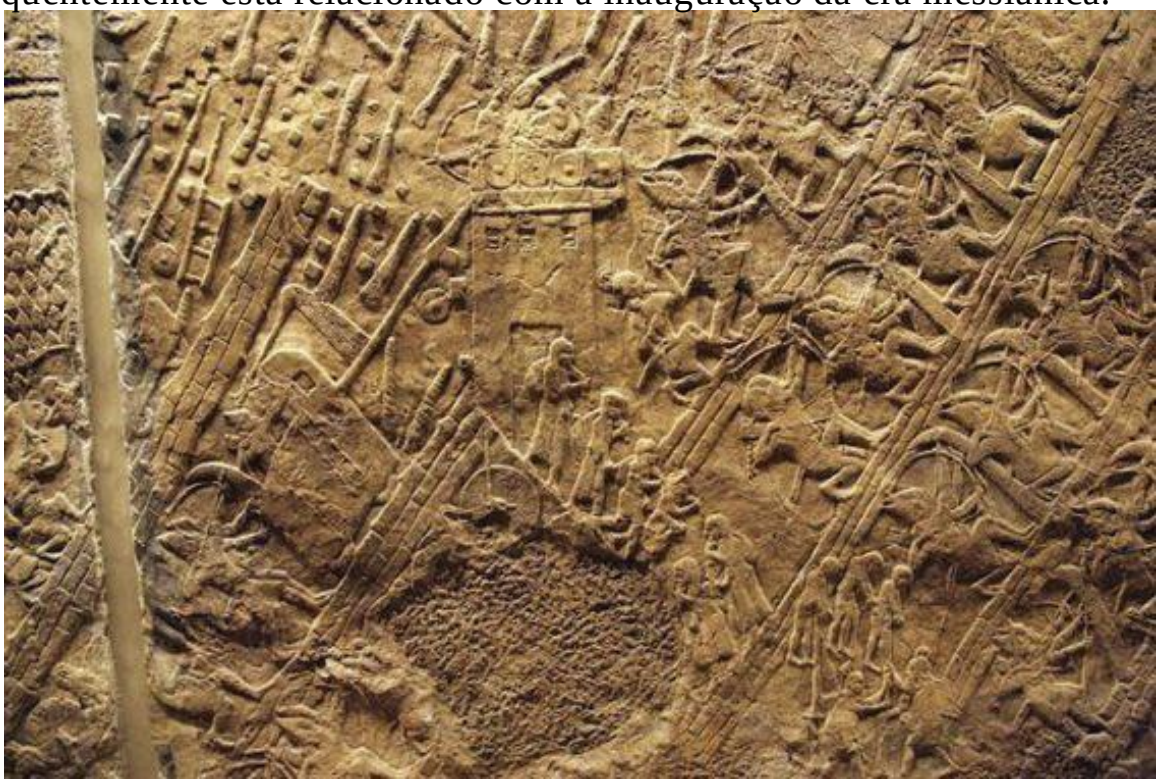
Esta é uma boa oportunidade para uma lição sobre o "remanescente", já que Paulo usa aquele
palavra em 11: 1-10. Embora apareça em uma ampla variedade de textos e contextos, a ideia central do conceito de remanescente ou teologia é que em meio à apostasia aparentemente total e o conseqüente terrível julgamento e / ou destruição, Deus sempre teve um pequeno e fiel grupo que ele entregue e trabalhado para trazer bênçãos.

As primeiras alusões à ideia de um remanescente são introduzidas no livro de Gênesis. Noé e sua família (Gênesis 6-9) são o remanescente que é salvo durante o dilúvio, quando todas as outras pessoas são destruídas no julgamento. Da mesma forma, em Gênesis 45: 6-7, José declara a seus irmãos: “Já faz dois anos que há fome na terra e nos próximos cinco anos não haverá lavrar e colher. Mas Deus me enviou antes de você para preservar para você um remanescente na terra e para salvar suas vidas por uma grande libertação. ”

O tema remanescente aparece em vários outros lugares do Antigo Testamento. Por exemplo, quando Elias reclama com Deus que ele é o único fiel que resta, Deus o corrige apontando que ele manteve um remanescente de sete mil fiéis em meio à apostasia nacional (1 Reis 19: 10-18).

Os profetas do Antigo Testamento continuam o tema remanescente (ver, por exemplo, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Joel). Os profetas proclamam que, visto que Israel / Judá quebrou a aliança, e uma vez que eles se recusaram a se arrepender e se voltar para Deus, o julgamento está chegando. Este julgamento assume a forma de terríveis invasões estrangeiras e destruição, seguidas de exílio do país. Assim, o reino do sul de Judá foi destruído e exilado pelos babilônios em 587/586 AC. Ainda a

os profetas também profetizam esperança e restauração além do julgamento. Eles declaram que muitos serão destruídos no julgamento, mas não todos. Eles profetizam que um remanescente sobreviverá e que Deus operará por meio do remanescente para trazer bênçãos e restauração. Normalmente, o remanescente é identificado como aqueles que vão para o exílio, mas que da mesma forma esperam retornar à terra. O restabelecimento do remanescente freqüentemente está relacionado com a inauguração da era messiânica.



Quando Israel quebrou a aliança com o Senhor, adorando outros deuses, Deus enviou julgamento na forma do exército assírio e, em seguida, o exército babilônico. Cidades foram capturadas e seus residentes mortos ou enviados para o exílio, como mostrado nesta cena de batalha da vitória bem-sucedida de Senaqueribe sobre a cidade de Laquis (700-692 aC). Mesmo assim, Deus preservou um pequeno remanescente que permaneceu na terra ou voltou do exílio, por meio do qual restauraria a nação de Israel e traria bênçãos.

O tema remanescente continua no Novo Testamento, mas não é tão proeminente lá como é nos profetas do Antigo Testamento. O termo "remanescente" não ocorre nos Evangelhos, embora a ideia esteja implícita em vários textos. Assim, em Mateus 7: 13-14 Jesus declara: "Porque larga é a porta e larga é a estrada que conduz à destruição, e muitos passam por ela.

Mas pequeno é o portão e estreita a estrada que conduz à vida, e apenas alguns a encontram. ” Da mesma forma, em Mateus 22:14, Jesus resume sua parábola anterior declarando: “Muitos são convidados, mas poucos são escolhidos”.

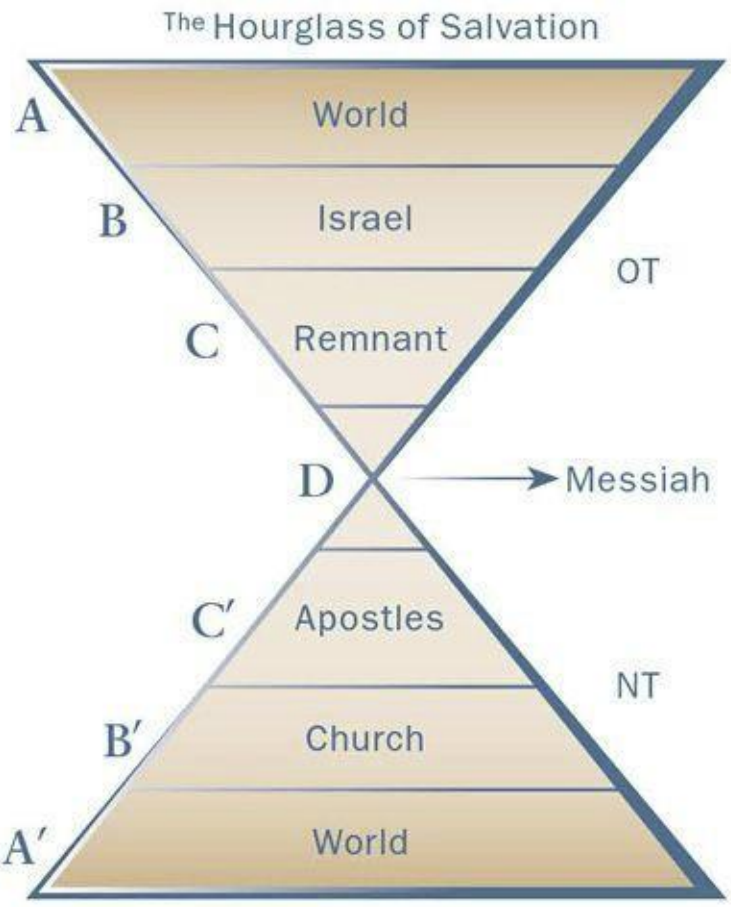
Em Romanos 11, Paulo é muito mais explícito. Ele não apenas usa o termo "remanescente", mas também em 11: 2-5 ele conecta seu argumento especificamente à ideia de remanescente em 1 Reis 19:18 ("reservei para mim sete mil" [11: 4]) . Paulo está apontando as semelhanças entre a apostasia em Israel em

1 Reis 19 e a rejeição paralela do Messias por Israel durante os dias de Paulo. Em ambos os casos, a nação rejeitou a palavra de Deus e seu plano de salvação. Mas em ambas as situações, embora a nação como um todo tenha rejeitado a Deus, Deus mantém um remanescente fiel. Paulo também ressalta que o remanescente é estabelecido pela graça de Deus. Assim, em 11: 5 Paulo explica: “Assim também, no tempo presente, há um remanescente escolhido pela graça”. Na igreja primitiva, esse remanescente consistia de cristãos judeus, como o próprio Paulo. E, na medida em que a igreja como um todo herdou as promessas a Israel, ela também poderia ser incluída na categoria de remanescente (ver novamente Rm 11: 11-24; cf. 1 Pe 2: 5-10; Apocalipse . 7; 14). De fato, Paulo esperava que a conversão dos gentios a Cristo deixasse seus compatriotas judeus com ciúmes para que pudessem “retomar” seu Messias (compare Rm 11: 11-12 com os vv. 25-36). Nesse caso, o Israel nacional se tornaria o remanescente espiritual pela primeira vez na história de Israel, porque “todo o Israel” seria salvo. Ou seja, o Israel nacional e o Israel espiritual seriam um.

Outra maneira de compreender a ideia do remanescente à medida que se desdobra ao longo do

A Bíblia é pensada na forma de uma ampulheta: começando largamente, depois estreitando, depois alargando novamente. Deus criou o mundo inteiro para estar em comunhão com ele, apenas para que sua criação rejeitasse

aquela oferta. Para corrigir este problema, Deus chamou Abraão do paganismo para fazer dele um novo povo, Israel, para adorar a Deus e declará-lo às nações. Infelizmente, Israel com o tempo desobedeceu à lei de Deus, assim como as nações do mundo desobedeceram a Deus por adorar outros deuses. No entanto, o propósito de Deus não foi frustrado por isso, pois ele levantou para si um remanescente, alguns poucos fiéis que permaneceram fiéis a ele - por exemplo, Elias e os posteriores que retornaram a Israel. No entanto, no final do Antigo Testamento, as esperanças de Israel agora repousavam sobre um indivíduo, o Messias, que voltaria os corações dos judeus de volta a Deus e converteria as nações da terra ao único Deus verdadeiro. Acontece que a rejeição de Deus por Israel ao longo do Antigo Testamento na verdade levou ao longo do plano de Deus, pois estreitou seu foco, culminando na expectativa do único Messias. Mas, com o advento de Jesus Cristo, o foco de Deus agora se ampliou, começando com os apóstolos (o início do remanescente no Novo Testamento) e expandindo para incluir a igreja (a substituição de Israel, por mais temporária que seja) ; e um dia ela envolverá o mundo (o que fará o círculo completo da revelação de Deus). com o advento de Jesus Cristo, o foco de Deus agora se ampliou, começando com os apóstolos (o início do remanescente no Novo Testamento) e se expandindo para incluir a igreja (a substituição de Israel, por mais temporária que seja); e um dia ela envolverá o mundo (o que fará o círculo completo da revelação de Deus). com o advento de Jesus Cristo, o foco de Deus agora se ampliou, começando com os apóstolos (o início do remanescente no Novo Testamento) e se expandindo para incluir a igreja (a substituição de Israel, por mais temporária que seja); e um dia ela envolverá o mundo (o que fará o círculo completo da revelação de Deus).



Ilustrando o Texto

Um remanescente de Israel é escolhido pela graça.

Biografia:Muitas pessoas não sabem que os crentes judeus proeminentes em Jesus viveram sua fé abertamente e ainda vivem. Um exemplo é o grande músico Felix Mendelssohn (1809-47), maestro e compositor prolífico. O avô de Mendelssohn era um importante filósofo judeu, mas seu pai, não querendo que Félix e seus irmãos fossem rejeitados, ou pior por serem judeus, fez com que eles se submetessem ao batismo cristão. Mendelssohn abraçou a fé cristã e foi um cristão disciplinado e dedicado pelo resto de sua vida. Muitas pessoas conhecem seu renomado oratório

Elijah, mas poucos parecem saber que ele também compôs um oratório chamado

São Pauloe era rigoroso em certificar-se de que as palavras das escrituras eram precisas, porque a Bíblia era uma parte muito importante de sua vida. Patrick Kavanaugh, em seu livro

A vida espiritual de grandes compositores, fornece informações mais detalhadas sobre Mendelssohn.



Esta estátua de Felix Mendelssohn fica em frente à Igreja de São Tomás em Leipzig, Alemanha. É uma reconstrução de uma estátua originalmente criada por Werner Stein em 1892, que ficava no topo de um monumento em homenagem a Mendelssohn. Em 1936, os nazistas o removeram por causa da herança judaica de Mendelssohn, e provavelmente foi destruído. A nova estátua foi inaugurada em 2008.

Histórias pessoais:O estudioso do Velho Testamento e semita Charles Feinberg (1909-95) conta uma história interessante sobre um clérigo da Igreja da Inglaterra que compareceu a uma reunião de oração matinal em nome de Israel em uma missão judaica de East London. Saindo da reunião, ele conheceu um colega clérigo, que havia assistido a um serviço comemorativo da conversão de São Paulo. Enquanto conversavam, eles contaram um ao outro sobre onde haviam estado. O ministro que esteve no serviço religioso de São Paulo expressou surpresa que seu colega ministro acreditasse na possibilidade de os judeus serem convertidos. "Quem foi São Paulo?" perguntou o simpatizante judeu. O ministro cético respondeu com hesitação: "Suponho que você o consideraria um judeu convertido." “Que música eles tocavam

o serviço?" perguntou o outro ministro. “Ora, Mendelssohn's 'St. Paul, é claro. ” “Quem foi Mendelssohn?” "Ora, um alemão." “Ele era um judeu convertido.” Como Feinberg nota em conclusão: “Este homem não acreditava em judeus convertidos, mas tinha estado em uma igreja dedicada à memória de um judeu convertido; ele compareceu a um serviço em homenagem à conversão desse judeu; ele tinha ouvido música composta por um judeu convertido. ” Ele também observa que "incontável é o número daqueles que através dos séculos receberam o Messias em Israel, para a salvação de suas almas e obtenção da vida eterna."
~~[200]~~

Buscar não é suficiente; até mesmo os judeus requerem a graça soberana de Deus para ter sucesso.

Citar: CS Lewis é a fonte de muitas citações poderosas sobre Deus relacionamento com o povo judeu, sobre seu relacionamento com os gentios, e sobre a graça ativa de Deus e o poder inicial para salvar ambos. Particularmente útil para encontrar essas citações é o livro de Janine Goffar de 1995, O Índice CS Lewis: Um Guia Abrangente para os Escritos e Idéias de Lewis.

A bondade e severidade de Deus

Grande ideiaA rejeição de Israel a Jesus como Messias é a ocasião para Deus mostrar misericórdia aos gentios. Sua conversão, Paulo espera, levará os judeus ao ciúme e, portanto, a aceitar seu Messias. Deus está mostrando bondade para com os gentios, mas severidade para com os judeus que não aceitaram o Messias. No futuro, porém, Deus mostrará bondade para com Israel, mas severidade para com os gentios que caem na descrença.

Temas principais de Romanos 11: 11-24

A atual descrença de Israel em relação ao evangelho se tornou a ocasião para os gentios aceitarem a Cristo.
Mas no futuro, Israel, movido pelo ciúme, aceitará seu Messias legítimo, Jesus.
Não há lugar para anti-semitismo entre os cristãos.
Deus é justo: no Antigo Testamento ele mostrou bondade para com Israel, mas severidade para com os gentios, enquanto no presente ele mostrou bondade para com os gentios, mas severidade para com Israel. A resposta de Deus depende da crença.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 11:11 pega o tema de 11: 1. Tem deus



-
-
-
-

terminou com Israel? Os versos 1-10 fornecem a primeira resposta de Paulo a essa pergunta: não, porque nem todo Israel rejeitou o Messias; ou seja, o remanescente aceitou o evangelho. Agora, 11: 11-24 fornece uma segunda razão pela qual Deus não acabou com o Israel nacional: a descrença de Israel deu aos gentios a oportunidade de aceitar a Cristo, o que por sua vez, Paulo espera, deixará os judeus com ciúmes de "reclamar" seu Messias, Jesus . Romanos 11: 11-24 divide-se em duas partes:

1. O duplo resultado da rejeição de Jesus por Israel (11: 11-16)
    uma. A conversão dos gentios (11: 11a, 12a, 15a)
    b. A conversão subsequente de Israel (11: 11b, 12b-16)
2. Advertência aos gentios para não desprezar os judeus (11: 17-24)
    uma. Os cristãos gentios estão em dívida com a herança judaica (11: 17-18)
    b. Os gentios foram enxertados no povo de Deus por causa da descrença de Israel, não porque os gentios são superiores (11: 19-21)
    c. A bondade e severidade presentes de Deus podem ser revertidas no futuro (11: 22-24)

Antecedentes Históricos e Culturais 1. O primeiro contexto relevante as informações vêm de práticas de horticultura. O argumento de Paulo em 11: 11-24 presume que a oliveira é o único povo de Deus, com os patriarcas representando a raiz / tronco da árvore. Os judeus são os ramos naturais daquela árvore que foram quebrados por causa da descrença. Os cristãos gentios são os ramos selvagens enxertados na árvore. Normalmente, o oposto ocorre na horticultura: um galho saudável e produtivo é enxertado em uma árvore silvestre e improdutiva para lhe trazer saúde. Mas a reversão de Paulo desse processo - um galho selvagem ou não cultivado é enxertado em uma árvore saudável - é atestada em Israel.

~~[201]~~

2. Paulo tem boas razões para sua condenação do anti-semitismo: era muito difundido em seus dias.



As oliveiras eram árvores muito comuns e valiosas na região do Mediterrâneo, e O público de Paulo deveria estar familiarizado com suas características e as práticas de horticultura necessárias para cuidar deles. A oliveira no seu estado selvagem produz azeitonas pequenas e de qualidade inferior, razão pela qual se enxertam ramos produtivos no tronco silvestre para criar variedades cultivadas que produzam uma colheita abundante de frutos.

Percepções interpretativas 11: 11-16 sua rejeição trouxe reconciliação para o mundo.

Os versos 11-16 apresentam o duplo resultado da rejeição de Israel ao seu Messias. O primeiro é a conversão dos gentios. Três frases sinônimas são usadas para descrever esta conversão: tropeço / queda / transgressão de Israel trouxe salvação aos gentios (11: 11a); A transgressão / perda de Israel resultou em riquezas (bênçãos espirituais da salvação [cf. as riquezas da misericórdia e graça de Deus em Romanos 2: 4; 9:23; 11:33; Efésios 1: 7, 18; 2: 7; 3 : 8; Fp 4:17; Colossenses 1:27]) para o mundo / gentios (11: 12a); A rejeição de Israel resultou na reconciliação dos gentios com Deus por meio de Cristo (11: 15a). O fato de os gentios se converterem ao verdadeiro Deus no tempo do fim fazia parte da expectativa judaica (Is 2: 2-3a; 56: 6-7; 60: 1-7; Tob. 13: 11-13; 14: 6-7;

T. Zeb. 9,8; T. Benj. 9,2;Sib. Ou. 3,767-95;Pss. Sol. 17,26-46). Mas o que não era esperado era que a conversão dos gentios ocorreria antes da restauração de Israel. Paulo chama isso de “mistério” em Romanos 11:25. Além disso, esta conversão dos gentios no tempo do fim, Paulo entende ser “a obediência da fé” (Rom. 1: 5).

O segundo resultado da rejeição de Israel a Jesus, o Messias, procede diretamente do primeiro. A conversão dos gentios, Paulo espera, incitará os judeus a

ciúme para “reclamar” seu Messias (11: 11b, 12b-16). O versículo 12 contém um qal wahomer argumento (neste caso, um "maior para menor"; veja a barra lateral na unidade para Rom. 4: 1-8):

> Maior: a transgressão / perda de Israel significa salvação para os gentios.
> Menor: Quanto mais, então, a plenitude / conversão de Israel a Cristo trará riquezas ao mundo.

Os termos “perda” (hēttēma) e “plenitude” (plērōma) têm o mesmo final, criando um paralelo auditivo. Desde a plērōmaem 11:25 significa “número total”, provavelmente significa o mesmo em 11:11: o número total de gentios a serem salvos (11:11) e o número total de judeus a serem salvos (11:25). A implicação é que o número de crentes do remanescente mais a nação de Israel a ser convertida a Jesus no tempo do fim totaliza o número total de judeus destinados à salvação (ver novamente 11: 25-27). O que Paulo quer dizer com maiores “riquezas” para o mundo (11,12) não é declarado até 11,15: vida dentre os mortos ou a ressurreição da humanidade no fim do mundo.

[202]

Os versos 13-14 contêm uma observação entre parênteses de Paulo. Seu ministério para o
Gentios é projetado para deixar os judeus com ciúmes de que os gentios estão aceitando a Cristo e, portanto, motivar os judeus a “retomarem” seu Messias legítimo. Vemos duas coisas nesta declaração. Primeiro, Paulo deseja que seus compatriotas venham a Cristo (cf. 9: 1-3; 10: 1). De forma alguma, Paulo é anti-semita. Em segundo lugar, embora seja debatido, Paulo aparentemente percebeu seu ministério - converter o mundo gentio como um catalisador para a restauração de Israel - como apocalíptico em orientação. Seu apostolado, ele esperava,

traria o retorno de Cristo (lembre-se de minhas observações na introdução e veja meus comentários a seguir em Romanos 15: 22-29).

O versículo 15 fornece outro qal wahomerargumento em uma reafirmação de 11:12: a rejeição de Israel é a reconciliação do mundo (maior); A aceitação de Israel será a vida dos mortos (menor).

Muito provavelmente, devemos interpretar "vida dos mortos" como se referindo ao
ressurreição dos mortos que ocorrerá na parusia, o retorno de Cristo (cf. Mt 25: 31-46; Rm 8:11, 23; 1 Cor. 15: 22-24; Fp 3: 1-10 ; 1 Tes. 4:16; Ap. 20: 4-6), que incluirá a restauração de Israel.

A ilustração em 11: 16 - as primícias da massa sendo sagradas garante que todo o lote será sagrado - baseia-se em Números 15: 17-21, embora o texto de Números não mencione as primícias que tornam o lote sagrado. James Dunn sugere que este último princípio foi derivado da ideia de que o templo transmitia santidade a toda Jerusalém (cf. Ne. 11: 1, 18; Isa. 11: 9; 48: 2; 66:20; Jer. 31: 23, 40; Ezequiel 20:40).

[~~203~~] Muito provavelmente, Paulo quer dizer em 11:16 que o

patriarcas (começando com Abraão) transmitem a Israel as bênçãos do aliança com Deus (cf. 11.28). Em outras palavras, a promessa de Deus aos patriarcas ("as primícias") garante que Israel ("todo o lote") será santo um dia.

11: 17-18 Você não oferece suporte para a raiz, mas a raiz oferece suporte para você.Em 11: 17-24, Paulo avisa os cristãos gentios a não menosprezar Israel por causa de sua atual descrença. O apóstolo aos gentios fornece três razões para este aviso. Os versículos 17-18 fornecem o primeiro destes: os cristãos gentios estão em dívida, até mesmo dependentes, da herança espiritual do povo de Deus do Antigo Testamento. Paulo usa sua agora famosa analogia para ilustrar o ponto. Os cristãos gentios são ramos de oliveira selvagem; Os judeus são os ramos naturais; os patriarcas e a aliança com Deus são a raiz. Assim, os patriarcas e Israel precedem os cristãos gentios como povo de Deus. Os gentios só recentemente se uniram ao único povo de Deus.[~~[204]~~]



O enxerto de uma oliveira na ilha mediterrânea de Maiorca

11: 19-21eles foram interrompidos por causa da incredulidade, e você permanece pela fé. Não seja arrogante.
A segunda razão para a advertência de Paulo aos cristãos gentios para não desprezar Israel é declarada em 11: 19-21: Israel foi arrancado da árvore - o povo de Deus - por causa da incredulidade, não porque os gentios são superiores. Esta atitude orgulhosa do interlocutor gentio em 11:19 é ironicamente semelhante a

a atitude arrogante do interlocutor judeu em Romanos 2. Mas não, diz Paulo, foi a descrença judaica que abriu espaço para os gentios virem à fé. É somente pela fé, não pelas obras, que os cristãos gentios foram enxertados no povo de Deus (cf. 11: 5-6). Na verdade, se os cristãos gentios abandonarem sua confiança em Cristo, eles também, como Israel, serão separados do povo de Deus.

~~[205]~~

11: 22-24 Considere, portanto, a bondade e severidade de Deus.Paulo dá uma terceira razão pela qual os cristãos gentios não deveriam menosprezar os judeus incrédulos: a bondade e severidade de Deus. Assim, no presente, Deus é gentil com os cristãos gentios, mas severo com os judeus incrédulos. Mas no futuro Deus será bom para Israel se eles vierem à fé em Cristo, mas severo com os cristãos gentios se eles não permanecerem na fé. O versículo 24 conclui a terceira razão de Paulo com outra qal wahomer argumento: se Deus enxertou os ramos silvestres (gentios) na árvore do povo de Deus (maior), quanto mais Deus reenquadrará os ramos naturais (judeus) na árvore do povo de Deus, supondo que eles aceitem a Cristo (menor).

~~[206]~~

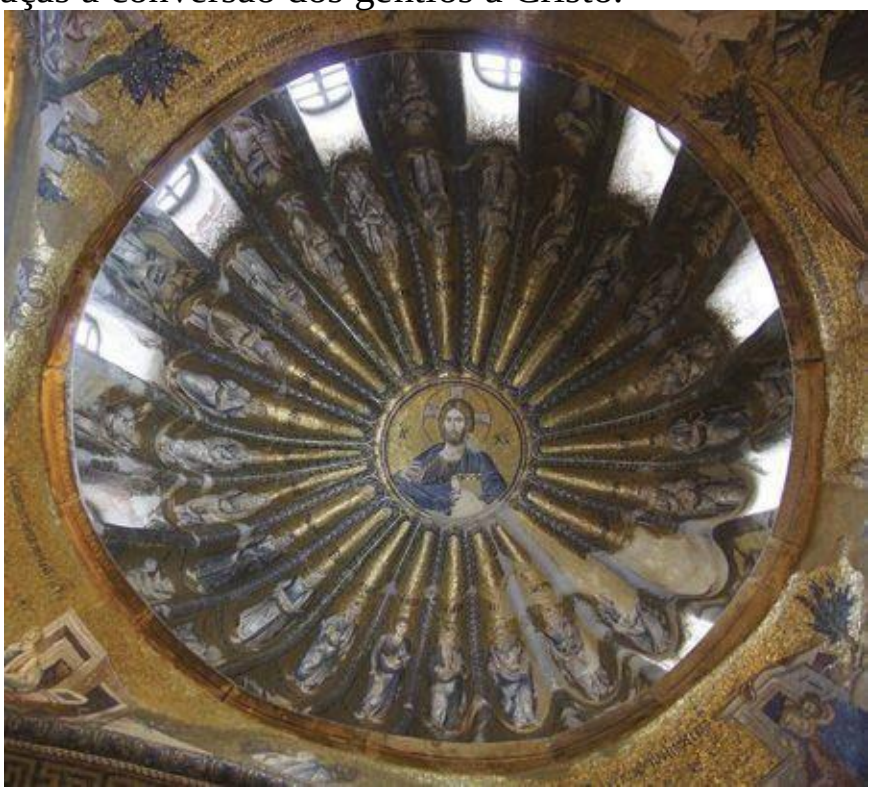
Assim, 11: 11-24 emite um sério aviso aos cristãos gentios: não desprezem os judeus. Paulo espera com esta advertência e seus comentários posteriores nos capítulos 14-15 trazer unidade aos gentios e judeus nas congregações em Roma.

Percepções TeológicasVárias verdades surgem em Romanos 11: 11-24. Primeiro, Deus é justo. No presente, ele mostra severidade para com os judeus e bondade para com os gentios; no futuro, ele mostrará bondade para com Israel e, potencialmente, severidade para com os gentios; tudo isso, claro, é baseado na resposta de alguém a Cristo. Em segundo lugar, há apenas um povo de Deus, aqueles nas eras do Antigo e do Novo Testamento, cuja fé está em Deus, à parte das obras. Terceiro, não há lugar para o anti-semitismo no mundo, e certamente não entre os cristãos. A perseguição aos judeus ao longo da história, incluindo o Holocausto, deveria ser um lembrete gritante para a igreja dos horrores que o anti-semitismo gera. Quarto, por falar nisso, não deve haver preconceito de qualquer tipo na igreja.

Ensinando o Texto

Talvez a melhor maneira de pregar / ensinar Romanos 11: 11-24 seja dividindo-o em duas mensagens. O primeiro sermão é “O duplo resultado da incredulidade de Israel: a conversão dos gentios e o ciúme de Israel” (11: 11-16). A segunda mensagem é “Caros cristãos gentios: Não desprezem os judeus incrédulos” (11: 17-24), com as três razões que Paulo dá: os gentios cristãos devem muito à herança espiritual de Israel (11: 17-18) ; Israel foi removido do

povo de Deus por causa da incredulidade, não porque os gentios são superiores (11: 19-21); e a bondade e severidade de Deus (11: 22-24). A segunda mensagem é autoexplicativa, então o professor pode expandir os dois pontos da primeira mensagem. Assim, a incredulidade de Israel está causando a conversão das nações. Isso precisa ser descompactado da seguinte maneira. O que teria acontecido se a nação de Israel tivesse aceitado a oferta de Jesus como seu salvador? É possível, talvez provável, que Israel então tivesse entronizado Jesus como seu rei em Jerusalém e não o tivesse crucificado. E isso teria restringido a mensagem da salvação de Deus principalmente aos judeus. E o resultado disso teria sido um retorno ao estado de teocracia de Israel do Antigo Testamento. Mas é claro, tal resposta é apenas hipotética porque de fato a liderança judaica em Jerusalém, em aliança com os romanos, rejeitou Jesus e planejou sua morte. Por isso, o evangelho de Cristo não tem fronteiras geográficas. Mas um dia Israel realmente aceitará Jesus como o Messias, graças à conversão dos gentios a Cristo.



A herança espiritual de Israel é refletida na genealogia de Jesus, ilustrada por este bela cúpula de mosaico no Mosteiro de Chora, agora Museu, em Istambul, Turquia. Cristo Pantocrator está no centro. Ao seu redor estão figuras do Antigo Testamento representando ancestrais de Adão a Jacó. O anel inferior inclui os doze filhos de Jacó.

Ilustrando o Texto

A incredulidade de Israel resultou na conversão dos gentios e no ciúme de Israel.

Livro Teológico: Não é do jeito que deveria ser, de Cornelius Plantinga Jr. O autor, professor e ministro Cornelius Plantinga observa: “A inveja quer remover o bem de alguém; o ciúme quer proteger o bem que já tem (às vezes com justiça). ” Alguém poderia usar essas palavras para abordar o ciúme / inveja de Israel.

~~[207]~~

Os judeus são o povo escolhido de Deus, então os gentios devem mostrar-lhes amor e respeito.

História:Existem muitas histórias de amor gentio pelos judeus em tempos difíceis. Fora
Yad Vashem, o museu do Holocausto em Jerusalém, um jardim de árvores é plantado em homenagem aos “gentios justos”, aqueles que arriscaram muito para proteger os judeus, especialmente durante o Holocausto. Uma das árvores plantadas ali é em homenagem a Oskar Schindler, que ajudou a salvar centenas de judeus das câmaras de gás da Alemanha nazista.

Filme: Armas do Espírito.Este documentário premiado (1987) é o comovente relato dos moradores de Le Chambon, na França, muitos deles descendentes de huguenotes franceses, os primeiros protestantes na França católica, que se lembraram da perseguição de seus ancestrais e também acreditaram na injunção bíblica de amar o vizinho como a si mesmo. Liderados por seu pastor, André Trocmé, o povo desta aldeia desafiou os nazistas e acolheu milhares de judeus, dando-lhes abrigo seguro. Nem um único judeu que veio a eles foi rejeitado, e cerca de cinco mil judeus foram salvos. Os aldeões nunca falaram sobre isso até mais tarde, e mesmo então com relutância, vendo seus atos simplesmente como a coisa humana e cristã a fazer.

Romanos 11: 25-

O mistério e a misericórdia de Deus

Grande ideiaPaulo mescla dois grandes temas: mistério e misericórdia. O O mistério de Deus é que a conversão dos gentios no tempo do fim ocorrerá antes da restauração de Israel, a ordem inversa das profecias do Antigo Testamento. O mistério de Deus envolve sua misericórdia tanto para com os gentios quanto para os judeus nestes últimos dias.

Temas principais de Romanos 11: 25-32

- O mistério de Deus é um evento do tempo do fim que Deus compartilhou com Paulo, neste caso relativo à ocorrência da conversão
- das nações antes da restauração de Israel.
  Esse mistério está se desdobrando nestes últimos dias em três etapas: a espiritual endurecimento do coração de Israel; a conversão dos gentios; a
- restauração de Israel.

  O propósito do mistério de Deus é demonstrar sua misericórdia tanto para gentios quanto para judeus.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 11: 25-32 é a grande conclusão dos capítulos 9-11, mostrando que Deus não rejeitou Israel, o tempo todo mostrando misericórdia para com o

nações. Romanos 11: 25-32 divide-se em dois temas inter-relacionados:

1. O mistério de Deus (11: 25-27)
    uma. Definição do mistério (11: 25a)
    b. Delineação do mistério (11: 25b-26a)
        eu. Endurecimento de Israel
        ii. Plenitude de gentios
        iii. Restauração de Israel

    c. Data do mistério (11: 26b-27)
2. A misericórdia de Deus (11: 28-32)
    uma. Problema para misericórdia (11: 28-29)
    b. Procedimento de misericórdia (11: 30-31)
    c. Plano por trás da misericórdia (11:32)

Antecedentes Históricos e CulturaisEmbora não seja especificamente um pano de fundo histórico e cultural, há um debate teológico que assola Romanos 11: 25-27: teologia dispensacionalista versus teologia pactualista. A Tabela 1 destaca as diferenças entre essas duas veneráveis tradições evangélicas.

Tabela 1: Dispensacionalismo versus Convênio

Dispensacionalismo	Convênio
Igreja ≠ Israel	Igreja = Israel
Cumprimento literal da profecia do Antigo Testamento	Cumprimento simbólico da profecia do Antigo Testamento
Sete dispensações	Duas alianças
Inocência	Trabalho
Consciência	Graça
Governo civil	
mosaico	
Igreja	
Tribulação	
Milênio	

O dispensacionalismo acredita que Deus não terminou com Israel. De fato, após o arrebatamento da igreja para o céu, Deus usará a grande tribulação para trazer o Israel étnico à fé em Cristo. Então Cristo retornará para

estabelecer sua milenar

reino de mil anos na terra em Jerusalém. Convênio, ou
A teologia reformada acredita ao contrário que Deus substituiu Israel permanentemente pela igreja (embora alguns dentro deste campo acreditem que os judeus se converterão ao Messias Jesus no final da história). Além disso, o reino milenar é agora, assim como a grande tribulação. A igreja como manifestação do reino de Deus sofrerá a grande tribulação até que Cristo retorne para fazer uma nova criação.

Percepções interpretativas 11: 25-27Não quero que você ignore esse mistério. . . todo o Israel será salvo.
Três pontos podem ser feitos sobre esse mistério: a definição (11: 25a), o delineamento (11: 25b-26a) e a data (11: 26b-27).

Primeiro, a definição de "mistério" (mistério) vem de círculos apocalípticos judaicos. Um mistério é um evento do tempo do fim que Deus revela ao vidente profético (por exemplo, Dan. 2: 18-19, 27-30;

1 En.41,1; 46,2; 103,2; 2 En. 24,3; 4 Esdras 10,38;
12,6-38; 1QS 3,23; 4,18; 9,18; 1QH^{uma}9,21; 10.13). Este pano de fundo, ao invés das religiões de mistério, informa o uso de Paulo do termo “mistério” (por exemplo, Rom. 16: 25-26; 1 Cor. 15: 51-52; 2 Tes. 2: 7). O mistério em Romanos 11: 25-27 é que a dureza espiritual de Israel é a ocasião para a conversão dos gentios, após a qual Israel será restaurado a Deus ao abraçar Jesus, o Messias.

Em segundo lugar, em 11: 25b-26a, esse mistério é delineado em três estágios. O primeiro estágio é a atual cegueira espiritual de Israel para Jesus, o Messias. O endurecimento espiritual de Israel é parcial porque, como vimos em 11: 1-10, há um remanescente de judeus que aceitou a Cristo.
No segundo estágio, a rejeição de Israel a Cristo deu aos gentios o oportunidade de aceitar Jesus. Isso continuará até o número completo (plērōma) chegou. Três comentários sobre esta “plenitude dos gentios” podem ser feitos. Primeiro, a convicção de que Deus elegeu um certo

número de pessoas para entrar em seu reino era difundida no judaísmo do primeiro século e no cristianismo primitivo (

2 Bar. 23,4; 30,2; 75,6; 4 Esdras 4,36-37;Apoc. Ab. 29,17; Rev. 6:11; 7: 4; 14: 1;
1 Clem. 2,4; 59,2; 5 Esdras2,40-41). Em segundo lugar, o Antigo Testamento prediz que no tempo do fim os gentios farão uma peregrinação a Jerusalém para adorar a Deus e venerar Israel (Salmos 22:27; Isaías 2: 2-3; 56: 6-8; 60: 2; Miq . 4: 2; Sof. 3: 9; Zac. 2:11; 14:16; Tob. 13:11; 14: 6-7;

Pss. Sol. 17,34;Sib. Ou. 7.710-20, 772-75;
T. Zeb. 9,8; T. Benj. 9,2; cf. Marcos 11:17; É um. 56:17; 12: 9). Há um contraste aqui. Lucas 21:24 diz que o tempo dos gentios começou com a destruição de Jerusalém (70 DC), mas terminará com a plenitude dos gentios entrando em Jerusalém para louvar a Deus e venerar Israel (Rom. 11: 25-26) . Terceiro, "entrando" (

Eiserchomai) baseia-se na tradição de Jesus sobre entrar no reino

de Deus (por exemplo, Mat. 5:20; 7:21; 19:17; Marcos 9:43, 45, 47; 10:15, 23-25; João 3: 5).

O terceiro estágio do mistério de Paulo é que “todo o Israel será salvo” (11: 26a). Esta última ideia exige um comentário extenso. Três problemas hermenêuticos são levantados no versículo 26.

1. O que significa “Israel”? Se indica o Israel espiritual, então o referente incluiria tanto os gentios quanto os judeus e, portanto, Paulo não está necessariamente dizendo que o Israel nacional será restaurado a Deus. Mas a visão do “Israel espiritual” é improvável, visto que nas outras dez vezes “Israel” é usado em Romanos 9-11 (9: 6 [2x], 27 [2x], 31; 10:19, 21; 11: 2 , 7, 25) referem-se ao Israel étnico. Para o 11:26, é improvável postular um significado diferente.
[208]

2. O que significam as palavras "e, portanto, [minha tradução de kai houtōs] todo o Israel será salvo ”quer dizer? Alguns consideram a frase temporal, “e então”, significando que após o endurecimento espiritual de Israel e a plenitude dos gentios, então todo o Israel será salvo.

[209] Mas uma representação temporal de kai houtōsé raro nos escritos de Paulo. A maioria, portanto, toma a frase comparativamente, significando “e assim” ou “e desta maneira” e referindo-se ao contexto imediato de 11:25. Alguns desses intérpretes continuam a sugerir que 11:26 se refere ao remanescente (incluindo judeus e gentios - isto é, a igreja), descartando assim qualquer conversão futura da nação de Israel.

[210]É preferível, entretanto, tomar o antecedente de 11.26 como os gentios entrando na comunidade de fé, que, quando completada, transforma Israel em Jesus, o Messias. O tempo futuro “vai. . . ser enxertado ”(11:24) e“ será salvo ”(11:26) apóia esta conclusão.

[211] Nesta leitura, 11:26 se refere a um evento que testemunhará uma volta nacional de Israel a Cristo.



Na época em que Paulo estava escrevendo sua carta aos crentes romanos, Marcus Antonius Felix era o procurador romano da Judéia e encarregado de Jerusalém. Nero iria substituí-lo por vários outros administradores, e em 64 DC Gessius Florus foi nomeado para o cargo. Ele passou a instituir políticas que criaram tensões entre as populações grega e judaica de Jerusalém, o que levou à rebelião formal dos judeus em 66 DC. Conhecida como a Primeira Revolta Judaica, a revolta foi esmagada pelo cerco romano de Jerusalém em 70 DC por Titus. Jerusalém foi atacada e grande parte da cidade, incluindo o templo, foi destruída. Um arco foi erguido na entrada sul do Fórum Romano para celebrar essa vitória. Este relevo no arco mostra itens roubados do templo em Jerusalém, incluindo trombetas de prata, a mesa para o pão da Presença,

3. O que significa “todo o Israel”? Três possibilidades principais surgem: (a) Alguns Teólogos da aliança / reformados usam a frase para indicar o Israel espiritual, o eleito de Deus, incluindo cristãos judeus e gentios (isto é, a igreja). Mas

O CEB Cranfield refuta suficientemente essa perspectiva ao expor seu problema. Dizer que a igreja será salva é redundante. (b) Os

dispensacionalistas entendem que as palavras se referem ao Israel nacional, Israel como um todo, embora não necessariamente a cada israelita individualmente. A frase “todo o Israel” é usada em outro lugar para se referir à nação, mas sem necessariamente incluir todos os judeus (veja 1 Sam. 7: 2-5; 25: 1;

1 Reis 12: 1; 2 Cron. 12: 1-5; Dan. 9:11; cf.b. Sanh.10.1). (c) O mais recente

A teoria, proposta por Bruce Longenecker, é a do Israel unificado, que se baseia na segunda possibilidade. Ele escreve,

> Em vez disso, em 11.26 Paulo está pensando exclusivamente em uma entidade étnica e, além disso, nessa entidade como um todo. Ao longo de 9-11, Paulo apresenta os cursos díspares de dois grupos - crentes e descrentes - dentro do Israel étnico. Pelo inclusivo "todos" em 11.26, ele junta os dois grupos. Assim, Paulo espera o tempo em que não apenas o remanescente de Israel que creu, mas também aqueles de Israel que se desviaram do curso de sua incredulidade serão salvos. Quando Paulo fala de "todo o Israel" em 11.26, o que ele tem em mente é um grupo étnico cujos membros atualmente estão divididos de forma cismática. Nesse sentido, seu ponto não é tanto que todos
>
> Israel será salvo, mas aquele tudo
> Israel será salvo.[212]

Em outras palavras, "todo o Israel será salvo" refere-se ao evento futuro da conversão da nação de Israel a Jesus como o Messias, que o unirá com aqueles cristãos judeus (Israel espiritual) durante todo o período da igreja. Verdadeiramente, todo o Israel, o Israel unido, será salvo pela primeira vez.[213]

Devemos notar que a coleção de Paulo da oferta dos gentios a fim de ajudar os santos pobres em Jerusalém (Rom. 15: 25-29; 1 Cor. 16: 1-4; 2 Cor. 8-9) provavelmente também transmite a do apóstolo perspectiva escatológica. O Antigo Testamento que sustenta esta ação, sem dúvida, procedeu da expectativa judaica de uma conversão escatológica e peregrinação dos gentios a Sião (compare Rom. 9: 25-27; 15: 16-33 com Isa. 45:15; 60: 15- 17; Mic. 4:13; Tob. 3:11; 1QM 12.13-15). Só então a união entre judeus e gentios seria completa.

Concluo meus comentários sobre o delineamento do mistério observando que Paulo inverte a expectativa do Antigo Testamento da restauração de Israel seguida pela conversão dos gentios para a conversão dos gentios seguida pela restauração de Israel.

Terceiro, 11: 26b-27 apresenta a ocasião do mistério. Lá, Paulo cita Isaías 59: 20-21 LXX. Esse texto prevê que Deus enviará Israel do exílio para a restauração de sua terra e a renovação da aliança. Paulo interpreta a passagem para predizer que Jesus Cristo retornará à terra do céu (Sião) para converter Israel a si mesmo e estabelecer com aquela nação a nova aliança. Para Paulo, então, a verdadeira restauração de Israel ocorrerá na parusia, o retorno de Cristo.

11: 28-29eles são inimigos por sua causa. . . amado por causa do patriarcas. Aqui Paulo traça um contraste: de acordo com o evangelho, os judeus são inimigos por causa dos gentios, enquanto de acordo com a eleição, os judeus são amado por causa dos patriarcas. Paulo apresenta o problema que enfrenta a misericórdia de Deus vis-à-vis Israel: Israel é amado por causa das promessas divinas aos patriarcas e, portanto, é eleito de Deus (9: 4-5); no entanto, Israel é um inimigo de Deus

porque eles rejeitaram o Messias. Mas Paulo já forneceu o solução para o dilema da incredulidade de Israel: permitiu aos gentios virem a Cristo e, no futuro, o próprio Israel virá a Cristo.

11h30-31já receberam misericórdia. . . pode agora[214] receba misericórdia. Aqui Paulo explica o procedimento segundo o qual a misericórdia de Deus foi e será dispensada, conforme mostrado na tabela 2. Deus mostrou severidade aos gentios no passado, mas mostra misericórdia a eles no presente, enquanto Deus está mostrando severidade a Israel no presente, mas vai mostrar misericórdia a eles no futuro (cf. 11: 11-24).

Tabela 2: O procedimento pelo qual a misericórdia de Deus é dispensada

	Passado	Presente	Futuro
Gentios (11:30)	Desobediente	Misericórdia	
Judeus (11:31)		Desobediente	Misericórdia

11h32 para que ele possa ter misericórdia de todos eles. O plano de Deus tem sido convencer gentios e judeus de seus pecados, a fim de conduzi-los à misericórdia do evangelho (cf. Gl 3.19-25).[215]

Percepções TeológicasVários insights teológicos nos encontram em Romanos 11: 25-32. Primeiro, Deus é justo; ele é misericordioso para com gentios e judeus. Em segundo lugar, Deus usa a lei para expor o pecado com o bom propósito de levar as pessoas ao evangelho. Terceiro, Deus tem um plano para a história que culminará com o retorno de Cristo e o pleno estabelecimento de seu reino.

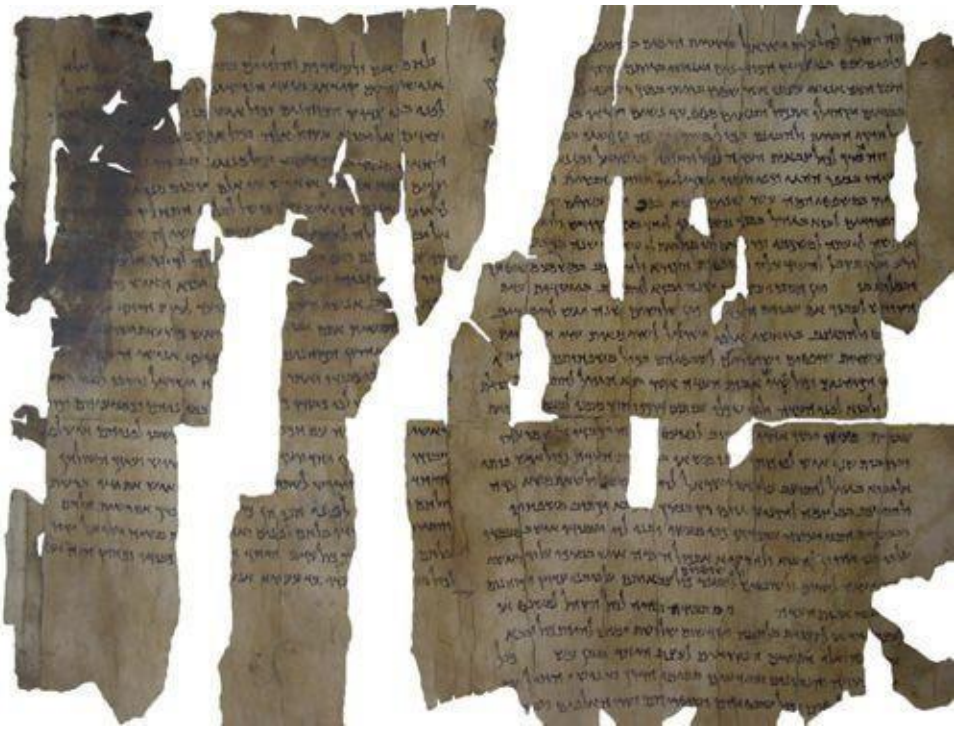
Ensinando o Texto

Romanos 11: 25-32 divide-se bem em dois sermões / lições: o mistério de Deus (vv. 25-27) e a misericórdia de Deus (vv. 28-32). A primeira lição poderia seguir o comentário triplo de Paulo sobre o mistério, que expliquei acima: sua definição, delineamento e data. O segundo sermão poderia simplesmente seguir o esboço sugerido que ofereci em 11: 28-32: o problema da misericórdia, o procedimento da misericórdia e o plano por trás da misericórdia.

Em relação ao primeiro sermão / lição, um mistério, para Paulo, geralmente é um evento apocalíptico agora revelado a ele, o apóstolo do tempo do fim, neste caso o mistério da conversão de Israel a Jesus como o Messias. O problema é que as nações virão primeiro a Cristo, e então a restauração de Israel para

Deus ocorrerá por meio de sua confiança em Jesus. Os caminhos de Deus não são os nossos, nem os seus pensamentos são os nossos

pensamentos; portanto, uma reviravolta divina na história da salvação não deveria surpreender o povo de Deus. O delineamento reflete esse mistério, como vimos acima: atualmente os judeus, como um grupo, rejeitaram seu Messias. Isso permite a conversão atual dos gentios, e então a restauração de Israel acontecerá. E a data da mudança de coração de Israel em relação a Jesus ocorrerá durante os eventos de seu retorno.



A literatura apocalíptica judaica, incluindo entre os Manuscritos do Mar Morto, usa a palavra "Mistério" como um termo teológico técnico que significa um evento do tempo do fim que Deus revela ao vidente profético. Aqui é mostrado um fragmento do Regra da Congregação
(1QSa), registra regras de comportamento na congregação de Israel nos "últimos dias".

Com relação ao segundo sermão / lição, o problema da crença de Israel é grande no Novo Testamento. A resposta de Jesus a esse dilema foi ver Isaías 6: 9-10 como uma profecia da futura rejeição de Israel a Deus e seu Messias (compare Isaías 6: 9-10 com Marcos 4: 11-12). Paulo provavelmente usa essa profecia aqui em Romanos 11: 25-27. O procedimento de Deus em tudo isso é mostrar misericórdia aos gentios agora, assim como ele mostrou misericórdia aos judeus no passado. Assim, o plano geral da história da salvação é que a rejeição de um grupo de pessoas abre o caminho para a salvação de outro. Em outras palavras, a rejeição do evangelho não pega

Deus de surpresa; na verdade, ele usa essa rejeição para avançar seu reino.

Ilustrando o Texto

Devemos respeitar o mistério de Deus.

Bíblia:Os eventos históricos nas Escrituras demonstram a interseção do céu e da terra. Em Gênesis 18, Abraão entretém o céu em forma humana fora de sua tenda. Em 2 Reis 6, Eliseu pede a Iavé que abra os olhos de seu servo para ver o exército angelical em torno do exército sírio físico. Batalhas sobrenaturais impedindo os mensageiros de Deus de entregar uma mensagem são registradas em Daniel 10. A transferência inexplicável de Filipe de um local para outro para evangelismo é encontrada em Atos 8. E em Judas 5-16 a contenda de Satanás pelo corpo de Moisés com o arcanjo Miguel (v. 9), que é usado como um exemplo de colisão de mundos.

Citar:O escritor Flannery O'Connor (1925-64) acreditava que os autores sulistas eram “assombrados por Cristo” - por implicação, uma maneira melhor de ser. Ela disse,

> Descobrimos que o escritor tornou viva alguma experiência que não estamos acostumados a observar todo dia ..... Se o escritor acredita que nossa vida é e permanecerá essencialmente misteriosa, se ele nos olha como seres que existem em uma ordem criada a cujas leis nós respondemos livremente, então o que ele vê na superfície será de interesse para ele apenas como ele pode passe por isso em uma experiência de mistério em si
>
> .....Esse escritor estará interessado no que não entendemos, e não no que fazemos. [216]

A misericórdia de Deus é uma realidade sem fim.

Bíblia: A maior demonstração de misericórdia no Antigo Testamento é a de Davi para Mefibosete em 2 Samuel 9. A prática habitual dos reis vitoriosos era matar os descendentes do governante vencido. Mefibosete antecipou sua própria morte. Davi não apenas deixou o homem viver, mas também, em um extraordinário ato de misericórdia, deu-lhe um lugar à sua mesa.

Bíblia: A parábola de Jesus sobre o servo incompassivo (Mt 18: 23-35) é uma das declarações literárias mais fortes sobre a misericórdia de Deus para com Israel e a rejeição de Israel da salvação dos gentios.

O Plano Divino de Salvação

Grande ideia Paulo oferece um hino de louvor a Deus por seu plano de salvação.

Temas principais de Romanos 11: 33-36

O conteúdo do plano de Deus para a história da salvação é que ele é justo em mostrar ira e misericórdia tanto para judeus quanto para gentios. Esse plano desafia a compreensão humana.
O plano de salvação de Deus é realizado por meio de Jesus Cristo, a sabedoria de Deus, não pela lei de Moisés.
Os participantes do plano de salvação de Deus são aqueles cuja fé está em Cristo.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 11: 33-36 é um hino de louvor ao plano de salvação de Deus; consiste em três estrofes:

1. Três características do plano de Deus: riquezas, sabedoria, conhecimento (11:33)
2. Três perguntas retóricas sobre o plano de Deus (11: 34-35)
    uma. Quem conheceu a mente do Senhor? (11: 34a)
    b. Quem foi o conselheiro do Senhor? (11: 34b)
    c. Quem deu a Deus que Deus deveria retribuir? (11:35)

c. Quem deu a Deus que Deus deveria retribuir? (11:35)

3. Doxologia para o plano de Deus (11:36)

Observe a estrutura quiástica de 11: 33-35:

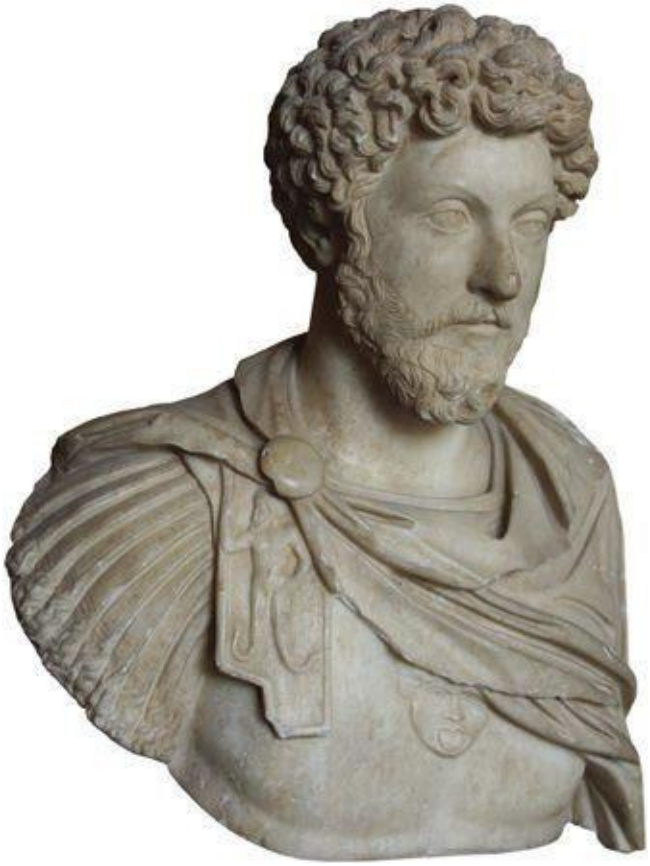
Riquezas (11:33)
Sabedoria B (11:33)
Conhecimento C (11:33)
C′Quem conheceu a mente do Senhor? (11: 34a)
B′Quem foi o conselheiro do Senhor? (11: 34b) A
′Quem deu a Deus que Deus deveria retribuir? (11:35)

Antecedentes Históricos e Culturais 1. Romanos 11:33 está enraizado em judeus apocalipticismo. Assim, por exemplo, 2 Baruch 14,8-9 levanta questões semelhantes às que Paulo levanta em 11:33 com relação ao destino do povo de Deus durante seu exílio (ver também 1 En.63,3; 93,11-14; 4 Esdras4,21; 5,36-40; 8,21). Além disso, a nuance apocalíptica de mistério (11,25) continua a influenciar Paulo em 11,33: a sabedoria indiscutível da história da salvação de Deus foi revelada a Paulo, o vidente apocalíptico (cf. Dn 2: 20-23).

2. As tradições de sabedoria judaica informam Romanos 11: 33-35, particularmente a noção de que a sabedoria de Deus foi revelada a Israel na forma da Torá (Sir. 24:23; Bar. 4: 1).

[217] Na verdade, AT Hanson argumentou de forma convincente que os dois textos do Antigo Testamento citados por Paulo em 11: 34-35 - Isaías 40:13 e Jó 41: 11 - foram conectados na literatura rabínica para dizer que a Torá não é outro senão a sabedoria preexistente de Deus .

[218] Eu argumentei em outro lugar que Paulo sabia bem disso conexão entre Isaías 40:13 e Jó 41:11 e fez uso dela aqui em Romanos 11: 34-35.[219] Mas Romanos 11: 33-35 implora para discordar, argumentando que a Torá está terminada no plano de salvação de Deus (cf. Rom. 10: 4) porque Cristo é a sabedoria preexistente de Deus (cf. Rom. 10: 5-8).



Romanos 11:36 compartilha a linguagem do estoicismo. Marco Aurélio afirma: “Tudo é fruto para mim que as suas estações trazem, ó Natureza: de você são todas as coisas, em você estão todas as coisas, para [eis, “Em”] você todas as coisas retornam ”(Medit.4,23; trans. George Long). A foto mostra o busto de Marco Aurélio (161 DC).

3. Romanos 11:36 compartilha a linguagem do estoicismo, "porque dele, por ele e para ele procedem todas as coisas" (Pseudo-Aristóteles, Cosmos6; Sêneca,Mor. Ep.
65,8; Marcus Aurelius, Medit. 4,23). O judaísmo helenístico tomou emprestado o estóico
linguagem em louvor do único Deus verdadeiro (Philo,Espec. Leis 1.208; Querubim125-56). Paulo continua o padrão judeu helenístico, exceto que ele aplica a linguagem a Deus e a Cristo em outros lugares (1 Coríntios 8: 6; Colossenses 1: 16-17). Na verdade, Paulo provavelmente aplica essa linguagem a Deus e Cristo aqui em Romanos 11:36.

[220]

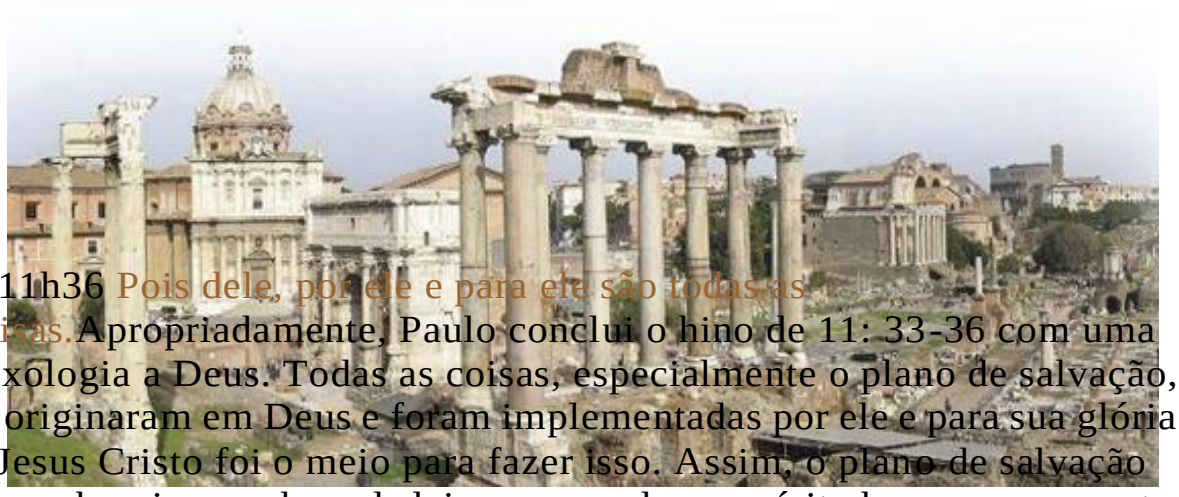
Percepções interpretativas 11:33 Oh, a profundidade das riquezas da sabedoria e

conhecimento de Deus!Romanos 11: 33-36 conclui apropriadamente a visão geral de Paulo da história da salvação nos capítulos 9-11, cuja força motriz é a misericórdia de Deus. O versículo 33 é a primeira estrofe do hino de Paulo ao plano de Deus; ele contém uma descrição tríplice desse plano: "riquezas", "sabedoria" e "conhecimento". Pensar que

A misericórdia de Deus por meio de Cristo está sendo mostrada aos gentios no presente e para
Os judeus no futuro são de tirar o fôlego. Na verdade, este foi o seu plano desde o início, começando no Antigo Testamento e culminando na parusia, o retorno de Cristo. Nenhum humano poderia ter imaginado esse plano; somente Deus poderia revelar isso aos seus, por meio de seu apontador, o apóstolo Paulo, um vidente apocalíptico.

11: 34-35"Quem conheceu a mente do Senhor?" . . . "Quem já deu a Deus?"

Os versos 34-35 constituem a segunda estrofe, que levanta três questões retóricas sobre o plano de Deus. Como observamos acima, a citação composta de Paulo de Isaías 40:13 e Jó 41:11 em 11: 34-35 serve para separar a Torá da sabedoria. Cristo, a sabedoria preexistente de Deus, cumpriu e encerrou a lei de Moisés (veja a barra lateral). É interessante que Isaías 40:13 comece a segunda metade do livro de Isaías. Isaías 1-39 prediz o julgamento e o exílio - as maldições da aliança - sobre Israel por sua desobediência a Yahweh. Mas Isaías 40-66 prediz que Israel se arrependerá e voltará à Torá e a Deus no futuro. Essa será a restauração das bênçãos do convênio. Com isso como a subtrama de 11: 34-35, vemos como Paulo, ao contrário, sugere que a restauração futura de Israel virá porque eles obedecem a Cristo, não à Torá. De fato,



11h36 Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas.Apropriadamente, Paulo conclui o hino de 11: 33-36 com uma doxologia a Deus. Todas as coisas, especialmente o plano de salvação, se originaram em Deus e foram implementadas por ele e para sua glória. E Jesus Cristo foi o meio para fazer isso. Assim, o plano de salvação não se baseia nas obras da lei ou em qualquer mérito humano, mas antes na graça de Deus por meio de Cristo, que é a riqueza, a sabedoria e o conhecimento de Deus.

O Fórum Romano continha muitos templos onde ocorria a adoração pagã. Da esquerda para a direita, as colunas marcam os restos dos seguintes templos: no primeiro plano à esquerda, o Templo de Vespasiano e o Templo de Saturno; no fundo à direita, o Templo de Antonino e Faustina e o Templo de Vesta. A adoração romana era muito prática, séria e ritualística, buscando apaziguar todos os deuses para que nenhum fosse ofendido e que as petições fossem atendidas e o favor do deus concedido. Os poucos hinos que temos refletem essa praticidade. Sua estrutura consiste em uma invocação, uma seção de louvor ao deus - que pode incluir relembrar o poder do deus, feitos poderosos e atos anteriores de bênção - e então talvez uma petição. Um exemplo é o hino a Diana de

Catulo, escrito no primeiro século AC.

Percepções Teológicas Pelo menos três verdades teológicas nos encontram em Romanos 11: 33-
36. Em primeiro lugar, este texto conclui os capítulos 1-11. Romanos 1: 1-15 é o preâmbulo,
identificar Deus por meio de Cristo como o autor do evangelho da salvação. Romanos 1: 16-17 é o prólogo histórico, anunciando que a restauração das bênçãos da aliança por Deus está prevista no evangelho de Cristo. Romanos 1: 18-4: 25 substitui a lei de Moisés como a estipulação da antiga aliança pela fé em Cristo como a estipulação para entrar na nova aliança. Romanos 5-8 registra o fato irônico de que são os cristãos gentios que estão desfrutando das bênçãos da aliança, mas Romanos 9-11 lamenta a realidade de que as maldições da aliança permanecem sobre Israel por causa da rejeição de Jesus, o Messias, que foi gerado por a lei. Mas em 11: 25-32 Paulo revela que a conversão dos gentios é designada por Deus para incitar Israel ao ciúme e assim levá-los a abraçar a Cristo no tempo do fim. Não é de se admirar que Paulo oferece um hino de louvor ao plano de Deus para a história da salvação em 11: 33-36. Em segundo lugar, Deus é santo e misericordioso. E, finalmente, é Jesus Cristo que encontrou o padrão santo de Deus para que ele possa derramar sua misericórdia sobre os pecadores. Terceiro, a boa teologia (como a de Rom. 1-11) sempre deve levar à adoração e glorificação de Deus (11: 33-36).

Cristo, a Sabedoria Preexistente de Deus

Segundo Martin Hengel, foi a exaltação de Jesus como Filho do Homem e Filho de Deus por meio da ressurreição que levou a igreja primitiva a transferir para ele os predicados da sabedoria, especialmente o atributo da preexistência. Hengel descreve esse processo:

> Após a introdução da ideia de preexistência, era natural que o exaltado Filho de Deus também atraísse para si as funções da Sabedoria Judaica como mediador na criação e na salvação. Mesmo a Sabedoria preexistente, que estava conectada com Deus de uma maneira única, não podia mais ser considerada uma entidade independente em oposição ao Ressuscitado e exaltado e superior a ele. Em vez disso, todas as funções da Sabedoria foram transferidas para ele, pois "nele estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Colossenses 2.3). Só assim foi

> insuperável e finalidade da revelação de Deus dentro
> Jesus de Nazaré se expressa de forma final e conclusiva.[uma]

Para Hengel, a consequência lógica de tudo isso, especialmente conforme refletido nos escritos de Paulo, foi a quebra da conexão entre a sabedoria e a lei:

> Se, no entanto, o Filho de Deus entrou na função abrangente da Sabedoria como mediador, então a função da Torá, que foi identificada com a Sabedoria, também foi completamente destruída. Para os judeus, a Torá tinha uma função autorizada e ontologicamente baseada na ordenação do mundo e na salvação. Paulo, o ex-fariseu e escriba, extraiu as últimas consequências radicais aqui. Se outros antes dele ponderassem sobre quais mudanças ocorreram na Torá através da interpretação da verdadeira vontade de Deus na mensagem do Messias Jesus, sua declaração característica 'Cristo é o fim da lei para todo crente para a justiça' (Rom 10.4) expressa de forma fundamental, contra a reivindicação da Torá, a função soteriológica única do crucificado e ressuscitado como a revelação escatológica final e abrangente de Deus. Não apenas Moisés, mas apenas o Cristo de Deus medeia a salvação.[b]

[uma] Hengel, Filho de Deus, 113.

[b] Hengel, Filho de Deus, 115.

Ensinando o Texto

Uma mensagem eficaz em Romanos 11: 33-36 poderia ser intitulada “O Plano Divino de Salvação” e seguiria o esboço de três pontos da estrutura quiástica de 11: 33-35, relacionando cada ponto a Cristo. Primeiro, Cristo, não o mérito humano, é a base das riquezas da graça de Deus. Que Paulo tinha Cristo em mente em 11:33, 35 fica claro na maneira como em outro lugar o apóstolo associa Cristo às riquezas espirituais de Deus (por exemplo, Ef 1: 3-10; Fp 4:19; Colossenses 1: 27). Em outras palavras, as riquezas da salvação de Deus são derramadas sobre os pecadores pela graça de Deus de acordo com sua

riquezas em Cristo Jesus. Em segundo lugar, Cristo é a sabedoria de Deus, o meio da história da salvação, de acordo com 11: 33-34. Lembre-se da ilustração da ampulheta a respeito do remanescente do povo de Deus na Bíblia (veja a seção “Ensinando o Texto” para Rom. 11: 1-10). Nesse diagrama, a história do Antigo Testamento estreitou-se da criação do mundo, ao chamado de Israel, aos poucos fiéis que seguiram Yahweh, à expectativa profética do Messias e, em seguida, expandiu o plano de Deus dos doze discípulos, para a igreja, para o mundo. Terceiro, Cristo é o conhecimento de Deus, a revelação final de seus caminhos misteriosos, de acordo com 11: 33-35. Em Colossenses, Paulo diz que Cristo é a plenitude do conhecimento de Deus (1:27), e Paulo vai ainda mais longe ao afirmar que Cristo é a plenitude do próprio Deus (2: 9). Colocando de outra forma, a chave para o significado da vida é Jesus Cristo. Considerando que antes essa honra poderia ter sido concedida à lei, agora pertence exclusivamente ao Filho de Deus.

Ilustrando o Texto

A mente que busca deve voltar-se para o louvor do coração.

Texto do hino: “Deus se move de maneira misteriosa”, de William Cowper. UMA poeta e hinista renomado, Cowper (1731-1800) passou grande parte de sua vida em depressão profunda e crônica, até mesmo tendo pensamentos suicidas. No entanto, ele nos deixou muitos grandes hinos, entre eles “Deus se move de maneira misteriosa”, que parece uma ilustração apropriada para usar no final dos versos de Romanos que discutem o difícil mistério de Deus, mas concluem com um hino de adoração. Na verdade, não se pode deixar de imaginar se Cowper tinha Romanos 11: 33-36 em mente quando escreveu, na segunda estrofe, “No fundo de minas insondáveis

De habilidade nunca falhando
Ele valoriza seus projetos brilhantes / E realiza Sua vontade soberana. ”

Cristo é a base das riquezas da graça de Deus, não mérito humano.

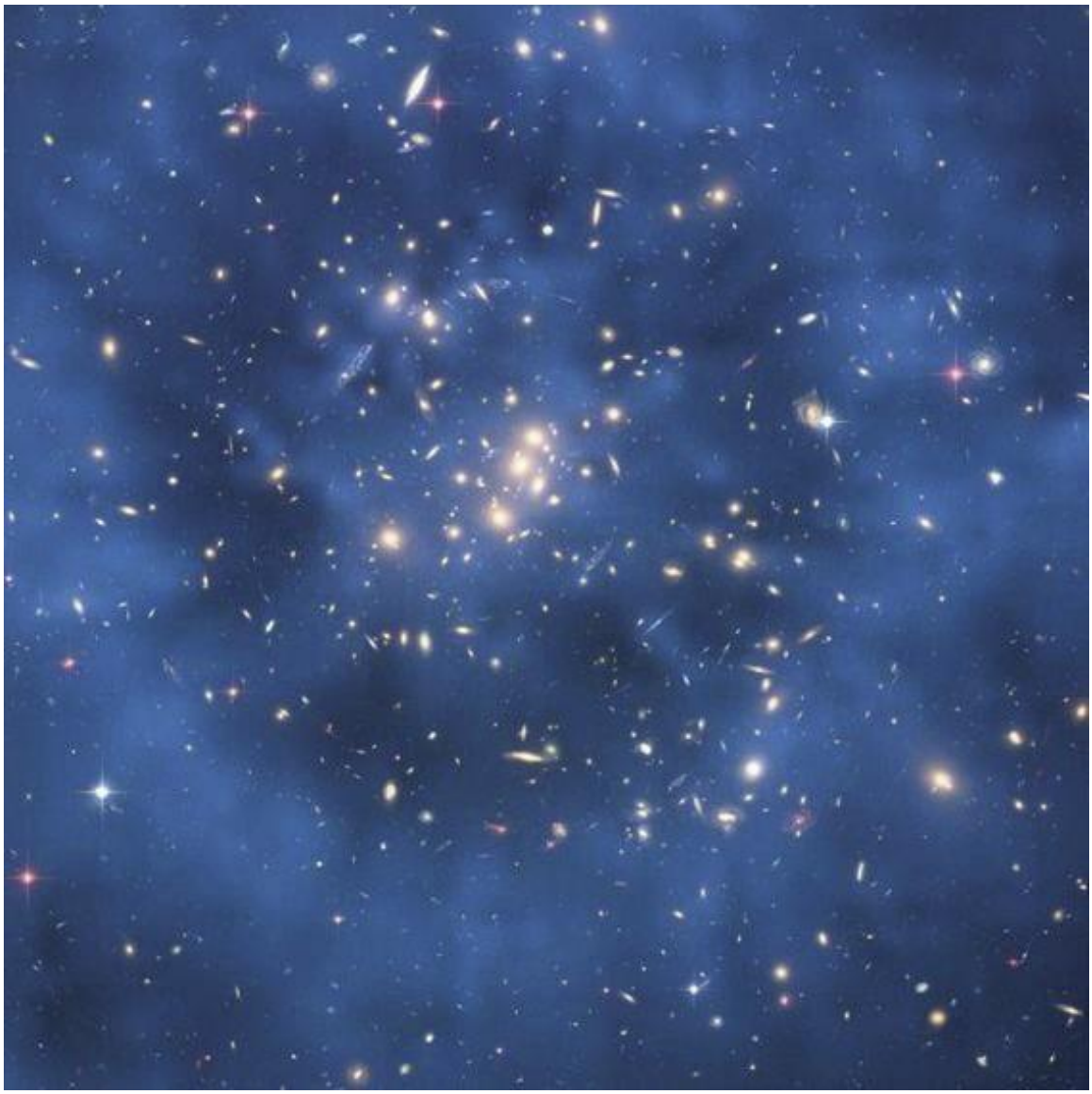
Bíblia: Oséias. O livro de Oséias relata a história de Oséias e sua esposa, Gomer. Oséias é fiel à sua esposa infiel e a perdoa e se reconcilia com ela, apesar de seu frequente abandono voluntário dele e de sua família por atividades adúlteras. Oséias é uma ilustração evocativa da graça de Deus. Ele só é capaz de fazer o que faz por causa da graça com a qual Deus infunde seu espírito para realizar tal obediência à vontade de Deus. Não há nada em Gomer que mereça uma única ação de Oséias; ela é o recipiente da pura graça.

Cristo é o conhecimento de Deus, a revelação final de seus caminhos misteriosos.

Ciência: Usando palavras como "infinito", "mistério" e "maravilha", Maria Spiropulu, um físico experimental da Universidade de Chicago, diz: “Nossa visão das coisas mudou tremendamente nos últimos cinco anos. Estamos totalmente surpresos com o que observamos na natureza. ” Aparentemente, algo desconhecido que exerceu uma grande força gravitacional mantém as galáxias unidas. Os cientistas chamam isso de “matéria escura” e, embora possamos medir sua presença, não podemos vê-la nem senti-la. O físico

teórico David Gross diz que a “teoria das cordas” científica pode explicar todas as partículas e forças que vemos como vibrações do mesmo objeto. “Então, em vez de ter dezenas de partículas”, diz ele, “você tem uma corda. Não sabemos se realmente funciona ainda. Mas tem essa característica maravilhosa de unificar tudo. ”

[221] A ciência pode demonstrar para nós a beleza e a alegria que vêm de explicar o que antes era inexplicável, bem como a maneira como novos conhecimentos podem iluminar a realidade de maneiras novas e às vezes inesperadas.



Embora fosse desconhecido há um século, os cientistas agora afirmam que a matéria escura desempenha um papel central na composição do universo. Embora não possa ser visto, sua força gravitacional distorce a luz das estrelas e galáxias, produzindo evidências visíveis de sua existência. Esta fotografia, do Telescópio Espacial Hubble, mostra um “anel” de matéria escura ao redor de um aglomerado de galáxias distante.

Testemunhas da Nova Aliança

Grande ideia Paulo desafia os crentes a serem testemunhas da nova aliança, distanciando-se desta era e sendo transformados em suas mentes para que possam cumprir a vontade de Deus.

Temas principais de Romanos 12: 1-2

A misericórdia de Deus é a base da santificação e do serviço cristão. A ética cristã consiste em fazer a vontade de Deus, rompendo com a era presente e alinhando-se com a era por vir. A vontade de Deus é no melhor interesse de seu povo.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 12: 1-2 é, em gênero, parenético (exortativo) material. A base do desafio de Paulo aos cristãos romanos (e também a nós) é a misericórdia de Deus - isto é, as bênçãos da nova aliança delineada em 3: 21-11: 36: justificação, santificação, glorificação e assim por diante. Assim, o indicativo é a base do imperativo. À luz dessas misericórdias, Paulo desafia os crentes a viverem a vontade de Deus. A vontade de Deus é expressa em 12.3-15.33: usar os dons espirituais para o corpo de Cristo (12.3-8); ser uma testemunha de Cristo para a sociedade, mesmo que seja perseguido por isso (12: 9-21); obedecendo

o governo (13: 1-7); viver à luz da parusia iminente (13: 8-14); aceitar outros cristãos (14: 1-15: 13); e apoiando evangelismo e missões (15: 14-33). Assim, 12: 1-2 introduz o tema de 12: 3-15: 33: comprometa-se a ser testemunhas da nova aliança. Romanos 12: 1-2 é facilmente delineado:

1. A base do compromisso (12: 1a)
2. O ato de compromisso (12: 1b)
3. Os meios de compromisso (12: 2a)
4. O resultado do compromisso (12: 2b)

Antecedentes Históricos e Culturais 1. A primeira faceta do histórico e o fundo cultural é de natureza escatológica. Paulo se refere a esta "era" (aiōnos) em 12: 2, com referência a este presente século mau. Ele exorta os cristãos a não serem "conformados" (syschēmatizō) para esta idade, mas sim para ser "transformado" (
metamorfoō) pela "renovação" (anakainōsis) da mente. A última injunção - transformada / renovando - alude à era por vir, como muitos comentaristas reconhecem. Portanto, os crentes devem romper diariamente com esta era, renovando seu compromisso com a era por vir.

2. Romanos 12: 1 é repleto de linguagem sacrificial, como muitos comentaristas também reconhecem: “oferecei os vossos corpos como sacrifícios vivos”; “Santo e agradável a Deus”; esta é a "adoração espiritual / razoável" do cristão (

Latreia) Mas eu sugiro que o conceito por trás dessa linguagem de sacrifício é o componente de “testemunho” do formato da aliança. Observe as seguintes conexões entre 12: 1-2 e o convênio.

(a) "Misericórdias" (NIV: "misericórdia") traduz o grego oiktirmoi, que na LXX frequentemente traduz o hebraico Rahamim. No Antigo Testamento, esta palavra hebraica é usada às vezes para se referir à

misericórdia da aliança de Deus com Israel (por exemplo, Deuteronômio 13:17 [13:18 MT]; Salmos 51: 1 [51: 3 MT]; Isa. 47 : 6; Jer. 42:12).

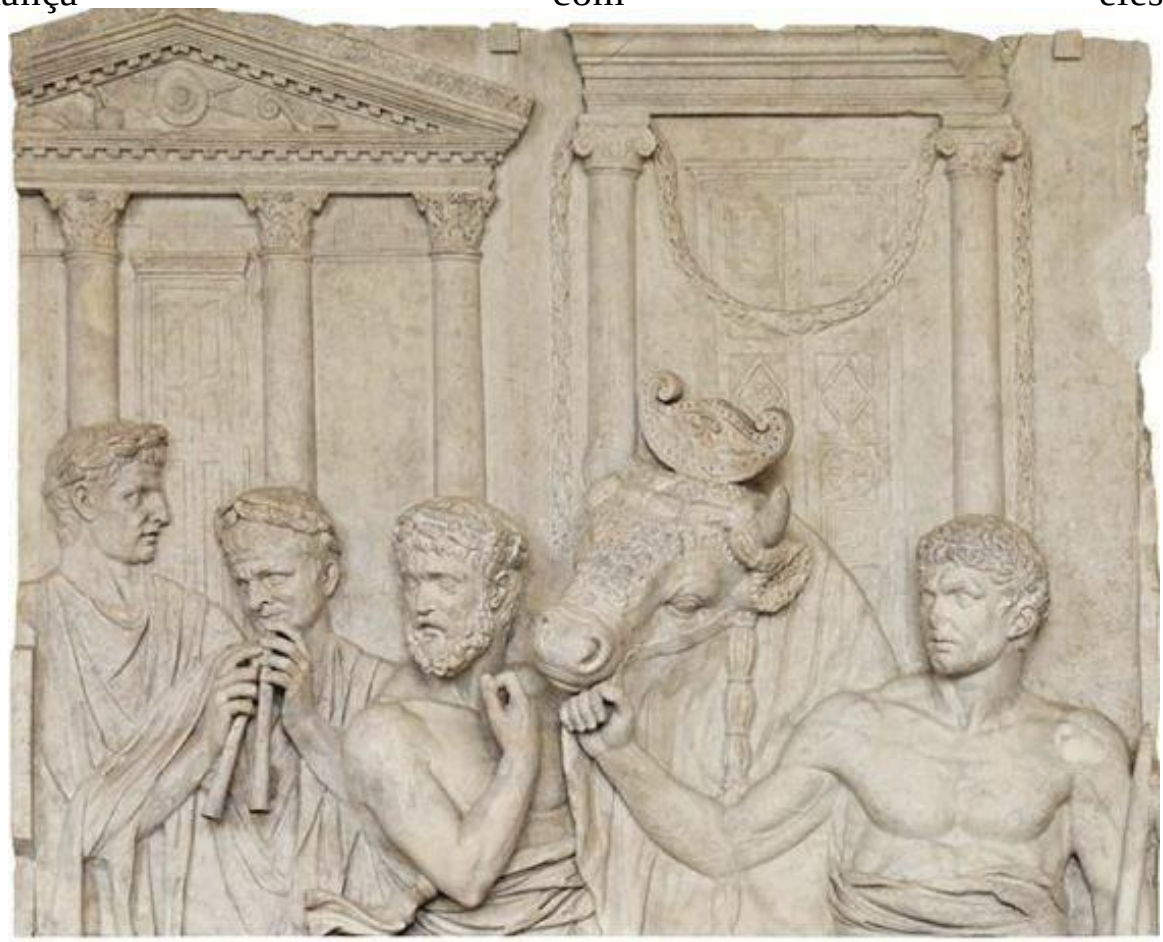
(b) Como observa James Dunn, a menção da renovação da mente é paralela a Jeremias 31: 31-35 e Ezequiel 36: 26-27 - isto é, a obediência à nova aliança operada pelo Espírito Santo.[222]

(c) Além disso, Douglas Moo chama a atenção para a nuance pactual de fazer a "vontade de Deus" (12: 2), identificando isso como a ética da nova aliança. [223]

(d) A linguagem sacrificial de 12: 1 assume um novo significado conforme a vemos através das lentes da aliança. Moisés aspergiu o sangue dos touros sacrificados no

povo de Israel como um sinal de que eles aceitaram os termos da aliança com Yahweh (Êxodo 24: 1-8). Além disso, no serviço de renovação da aliança registrado em Josué 24, os filhos de Israel reafirmaram sua aceitação da aliança com Yahweh, prometendo servi-lo sozinho e, assim, ser "testemunhas" da aliança (Josué 24: 22-27). Em vez de apelar para outros deuses, Josué apela aos hebreus para serem testemunhas de sua aliança com o Deus verdadeiro.

(e) De fato, Romanos 11: 26-27 (citando Isa. 59: 20-21) afirma que no parusia, os pecados de Israel serão removidos e Deus renovará sua aliança com eles.



Os sacrifícios eram uma parte necessária da adoração no mundo romano. Este relevo romano mostra um touro sendo conduzido para o sacrifício (início do século II DC).

Sugiro, então, que em 12: 1-2 Paulo exorta os cristãos a aceitar os termos da nova aliança: obedecer a Deus com uma mente renovada. Isso é o que ele quer dizer ao desafiá-los a serem sacrifícios vivos. O sangue de Cristo, o sacrifício perfeito, os purificou e os incorporou à nova aliança (relembrar

3: 21-31). Agora eles devem dar testemunho dessa aliança sendo obedientes a Deus.

3. Eu sugiro que a teologia de Adão está em ação em 12: 1-2. Desafia Paul Os cristãos devem adorar a Deus com uma mente renovada, em vez de se conformar com esta era maligna iniciada por Adão, que perverte a adoração ao Criador em adoração à criação e que arruína a mente. É razoável que eles adorem a Deus (compare 12: 1-2 com 1: 21-25).[224] As três tradições interligadas anteriores estão resumidas na tabela 1.

Tabela 1: Resumo das três tradições interligadas

Escatologia	Essa idade	A idade por vir
Adão	Primeiro Adão - catalisador para a	Último Adão - gera a verdadeira
Pacto	Testemunhas falhadas da antiga aliança	Testemunhas verdadeiras da nova

Percepções interpretativas 12: 1oferecem seus corpos como um sacrifício vivo. . . sua adoração verdadeira e adequada.

No início deste versículo, o "portanto" (onça) conecta 12: 1-2 com o que precede (3: 21-11: 36). Paulo pode exortar os leitores porque ele é seu apóstolo. O desafio de Paulo é que os cristãos romanos (e todos os crentes) apresentem seus corpos a Deus como um sacrifício vivo. Três palavras pedem um comentário aqui. Primeiro, por seu uso do verbo "oferecer" (

parastēsai), Paulo não está sugerindo que oferecemos nossos corpos apenas uma vez a Deus. Em vez disso, como os verbos em 12: 2 indicam, “oferecer” é uma ação contínua, uma ocorrência diária. Em segundo lugar, “corpos” incluem a pessoa inteira. Terceiro, “sacrifício vivo” pode significar um sacrifício vivo versus um morto. Mas o mais provável é “viver” em uma dimensão espiritual - aqueles que estão espiritualmente vivos em Cristo.

Assim como os sacrifícios do Antigo Testamento deveriam atender aos requisitos divinos, os cristãos também deveriam se apresentar como um sacrifício, "santo e agradável a Deus". Ou seja, o cristão deve viver uma vida santa que agrade a Deus. Logikosé traduzido como “espiritual” no NRSV. Isso é verdade, mas a palavra

logikos tem uma longa história na filosofia grega e no judaísmo helenístico

como significando “razoável” no sentido de apropriado ou adequado. [225] Assim, Paulo declara em 12: 1 que é mais apropriado que os crentes adorem a Deus sendo sacrifícios vivos por ele por causa da misericórdia de Deus para com eles.

Como mencionei acima, as “misericórdias de Deus” atingem as bênçãos da aliança descritas em 3: 21-11: 36: justificação, santificação e glorificação e assim por diante. Na verdade, os capítulos 9-11 são dedicados ao tema da misericórdia de Deus em

história da salvação, tanto para gentios quanto para judeus. Portanto, sugiro que 12: 1 é análogo à cerimônia da aliança em Êxodo 24: 1-8 e Josué 24. Os cristãos devem aceitar os termos da nova aliança dedicando-se a Deus como sacrifícios vivos. Cristo morreu por eles; agora eles devem viver para ele. Assim, 12: 1 contém a base do compromisso cristão (as misericórdias da nova aliança) e o ato contínuo de compromisso (tornam-se sacrifícios vivos a Deus). É isso que significa ser um sacrifício vivo por Deus e, portanto, ser testemunhas da nova aliança.



Para os residentes de Roma, estar em conformidade com essa época significava participar do sistema religioso pagão da época. O Panteão Romano, cujas ruínas são mostradas aqui, foi originalmente encomendado por Marcus Agrippa no século I AC. Após um incêndio, foi reconstruída por Adriano em 126 DC e dedicada como templo e local de sacrifício a todos os deuses romanos cujas estátuas preenchiam os nichos interiores. No século VII DC foi convertida em uma Igreja Católica Romana, hoje conhecida como a igreja de Santa Maria ad Martyres.

12: 2seja transformado pela renovação de sua mente. . . para testar e aprovar qual é a vontade de Deus. Este versículo fornece os meios e o resultado do compromisso com
Cristo. O meio para fazer isso não deve ser conformado (syschēmatizō) até esta idade

mas sim para ser transformado (metamorfoō) para a idade futura (implícita) pela renovação (
anakainōsis) da mente. Os dois verbos são imperativos. Enquanto estudos mais antigos distinguiram esses verbos como conformidade externa e transformação interna, estudos recentes rejeitam corretamente tal distinção. Em vez disso, os dois verbos sugerem um comprometimento total. Assim, os cristãos devem rejeitar continuamente esta era em favor da era vindoura. "Renovando" (

anakainōsis) é similar a kainos
("Novo") com referência à era por vir (2 Cor. 3: 6; 5:17; Gal. 6:15; Ef. 2:15; 4:24). A mente renovada é, com efeito, o coração renovado de obediência prevista pela nova aliança. O resultado de ser um sacrifício vivo é que o cristão descobre e faz a vontade de Deus (12: 2b). "Testar e aprovar" traduz

dokimazō, não no sentido de que Deus precisa de nossa aprovação para que sua vontade seja boa, mas sim de que experimentamos na prática que sua vontade é boa. Vale a pena descobrir a vontade de Deus, pois é boa, aceitável e perfeita. A vontade de Deus, a ética da nova aliança, dirige o caminho certo entre o legalismo e a libertinagem. Em outras palavras, para o cristão, a vontade de Deus não é mais ditada pela Torá, mas é encontrada no discernimento guiado pelo Espírito.

Percepções TeológicasVários insights teológicos podem ser extraídos de Romanos 12: 1-2. Primeiro, o compromisso cristão é baseado na misericórdia de Deus. O imperativo procede do indicativo. Em segundo lugar, servir a Cristo é um sacrifício; significa uma decisão diária de se separar desta era e se alinhar com a era por vir, o reino de Deus. Terceiro, a chave para tudo isso é renovar continuamente a mente para pensar os pensamentos de Deus. Quarto, fazer a vontade de Deus vale o esforço, pois a vontade de Deus é o único caminho a percorrer.

Ensinando o Texto

Eu pregaria / ensinaria Romanos 12: 1-2 seguindo os quatro pontos do esboço acima: a base, ato, meio e resultado do compromisso com Cristo. Primeiro, a base do nosso compromisso cristão é a misericórdia de Deus. Vidas vividas em dedicação a Deus devem ser motivadas pelo que ele fez por nós em Cristo. Caso contrário, a santificação, como a justificação, pode ter uma orientação legalista. No início de meu ministério pastoral, estive envolvido em uma igreja bem-intencionada, mas de estilo farisaico, que se concentrava na aparência externa, não na motivação do coração. Como foi libertador para mim sair daquela tradição excessivamente rígida e entrar em uma igreja amorosa e irênica, uma na qual eu e meus companheiros de congregação crescemos espiritualmente.

Em segundo lugar, o ato de nosso compromisso com Cristo envolve a totalidade de nosso ser.

Em segundo lugar, o ato de nosso compromisso com Cristo envolve a totalidade de nosso ser. Na mente de Paulo, tal compromisso muito possivelmente era paralelo à renovação da cerimônia da aliança do Israel do Antigo Testamento. Em uma nota diferente, os últimos vinte anos testemunharam um debate entre os evangélicos sobre se uma pessoa aceita Jesus somente como Salvador, ou como Salvador e Senhor. À luz da análise oferecida acima, sugiro que alguém vá a Jesus como Salvador e Senhor, mas que o senhorio de Cristo sobre nossas vidas é progressivo; daí a necessidade de nos dedicarmos diariamente a Deus novamente.

Terceiro, o meio para fazer isso é preencher nossas mentes com a palavra de Deus através de devoções diárias. Esse tempo de devoção, sugiro, é melhor cultivado estudando e aplicando um livro da Escritura após o outro. Comecei essa prática ainda adolescente e isso fez toda a diferença no mundo para meu progresso espiritual.

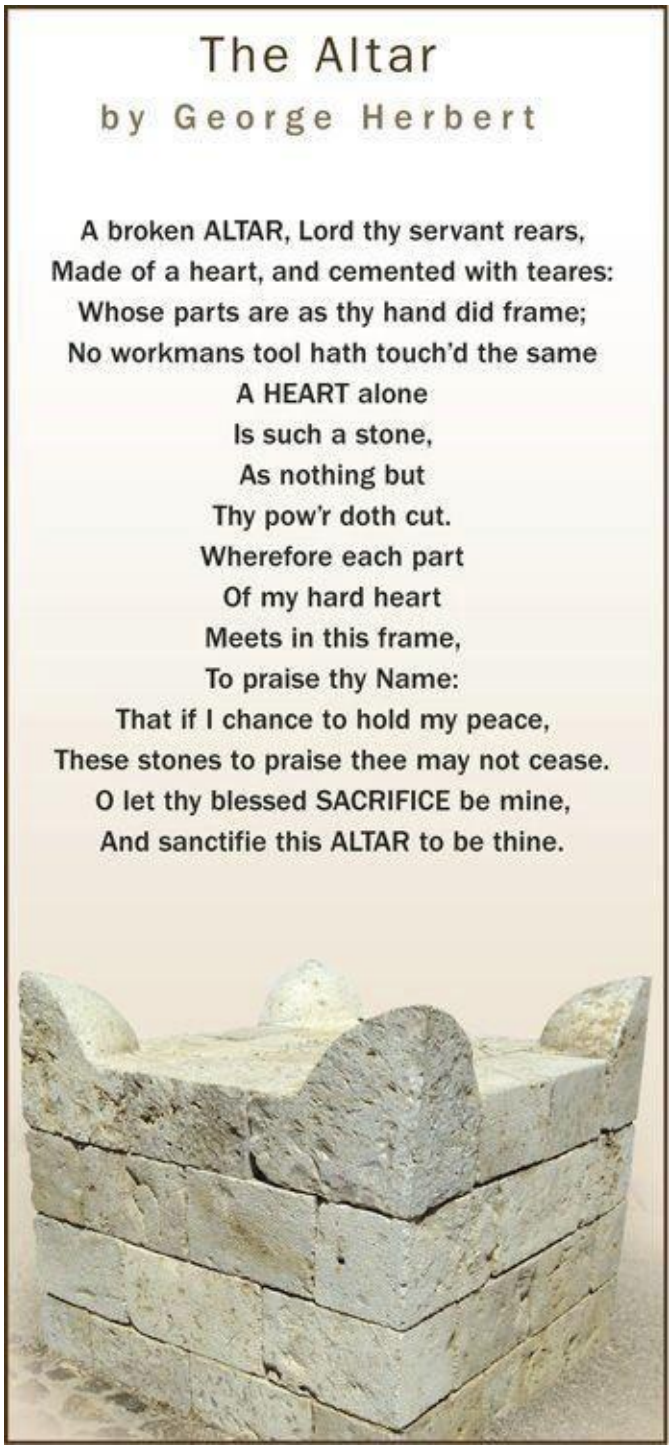
Quarto, o resultado do compromisso diário com Deus em Cristo por meio do poder do Espírito Santo é que nós, como cristãos, descobrimos e fazemos a vontade de Deus, que é o plano perfeito de Deus para nós.

Ilustrando o Texto

A verdadeira adoração é a oferta de nossa vida diária a Deus.

Poesia: “O Altar”, de George Herbert. Herbert, nascido no País de Gales (1593-1633) foi um talentoso poeta, escritor e orador educado em Cambridge que, tendo outrora aspirações a uma vida na corte, acabou se tornando um pároco do interior. Poucas vidas individuais exemplificam tal santidade e devoção. Ele tinha um propósito sincero para com Deus, demonstrado em tudo o que fez e escreveu. Seu conhecido poema “O Altar” é um exemplo de tal devoção e reflete bem os temas de sacrifício, adoração, transformação e renovação encontrados em Romanos 12: 1-2. Consulte também outros poemas que escreveu, seus sermões e sua biografia.

Ensaio: “Tremendous Trifles”, de GK Chesterton. Neste ensaio / história Chesterton (1874-1936) defende a atenção aos eventos comuns do
todos os dias, pelo poder de ver maravilhar-se com o que está ao nosso redor, em vez de sempre ter que olhar além. Como ele escreveu: “O objetivo da minha escola é mostrar quantas coisas extraordinárias até mesmo um homem preguiçoso e comum pode ver, se puder se impulsionar para a única atividade de ver.”



A verdadeira adoração exige uma mudança radical da personalidade interior.

Literatura: A Viagem do Peregrino da Alvorada, por CS Lewis.No capítulo 6, uma seção cativante deste terceiro livro de As Crônicas de Nárnia, Lewis pinta esse processo de mudança como o "desfazer do dragão" do personagem Eustace, que o forçará a abandonar seu orgulho e descrença. Eustace começa como um egoísta

menino que só valoriza fatos e por isso não dá ouvidos aos primos quando falam sobre Nárnia. Um dia, porém, ele é “puxado” para Nárnia e forçado a ficar na companhia de pessoas que entendem que o egoísmo é uma maneira triste de viver. Eustace se torna um dragão - uma criatura solitária que se alimenta de outros dragões, animais e seres humanos - enquanto insiste em "pensamentos gananciosos e de dragão em seu coração". Com o tempo, ele sente o horror de seu eu monstruoso e começa a chorar. Eustace, vestindo escamas de dragão em vez de roupas, começa a se coçar, apenas para encontrar mais peles de dragão por baixo. Desesperadamente, ele se agarra a si mesmo, apenas para encontrar ainda outra camada. Aslan então se oferece para despi-lo e começa a cavar suas garras em Eustace profundamente até que, a dor sendo tão intensa, Eustace pensa que seu coração foi penetrado. Depois que Aslan joga Eustace em uma piscina cristalina, o menino afunda na água pura e descobre que voltou a ser um menino. Seu orgulho se foi. Ele está pronto para adorar Aslan.

Literatura: Paraíso Perdido, de John Milton.No livro 1 deste poema épico Milton (1608-74) fornece uma visão vívida do orgulho que levou Satanás a ser expulso do céu, e o levou a enganar "a mãe da humanidade" e até mesmo a afirmar que é "melhor reinar no inferno do que servir no céu. ” Isso serve como um aviso e ilustra o que esta passagem em Romanos chama o cristão de ser.

Serviço na Comunidade da Nova Aliança

Grande ideia O desafio de Paulo aos crentes em 12: 1-2 para se tornarem vivos
os sacrifícios a Deus têm conteúdo específico em 12: 3-8. Os crentes devem servir uns aos outros na comunidade da nova aliança. Este serviço assume a forma de usar os dons espirituais de alguém para ministrar a outros no corpo de Cristo.

Temas principais de Romanos 12: 3-8

O corpo de Cristo é unidade e diversidade; na verdade, o último contribui para o primeiro.
Deus distribuiu dons espirituais ao seu povo para serem usados no serviço uns aos outros.

Com cada dom vem uma fé divinamente proporcionada para usá-lo.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 12: 3-8 fornece uma maneira prática de os cristãos serem sacrifícios vivos para Deus: servir aos outros na comunidade da nova aliança por meio do exercício dos dons espirituais. Romanos 12:

3-8 pode ser resumido da seguinte forma:

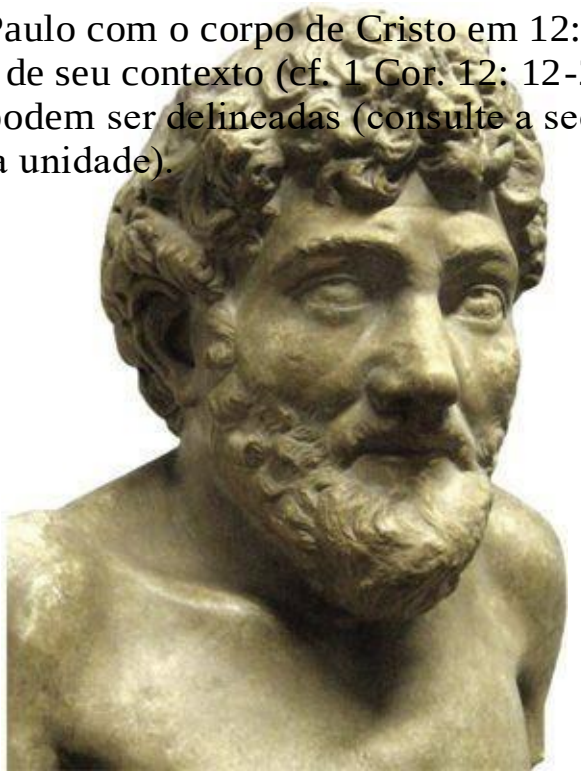


-
-
-

1. A autoridade por trás da exortação de Paulo (12: 3a)
2. O conteúdo da exortação de Paulo (12: 3b)
3. O contexto da exortação de Paulo (12.4-5)
4. O resultado da exortação de Paulo (12: 6-8)

Antecedentes Históricos e Culturais1. A exortação de Paulo aos cristãos para servirem uns aos outros está enraizada na aliança do Antigo Testamento, especialmente em sua estipulação. Não só se esperava que Israel guardasse a lei de Moisés como a estipulação do pacto, mas também uma parte desse requisito envolvia servir a outros judeus, irmãos e irmãs do pacto. É por isso que os profetas do Antigo Testamento freqüentemente trovejavam contra Israel: Israel peca contra Deus por não tratar seus irmãos de maneira correta (veja a ilustração clássica em Miq. 6: 1-7: 7). Daí a ênfase na justiça social pelos profetas.

2. A analogia de Paulo com o corpo de Cristo em 12: 4-5 foi muito discutida em termos de seu contexto (cf. 1 Cor. 12: 12-28; Ef. 4: 7-16; Col. 1:18) . Sete teorias podem ser delineadas (consulte a seção “Insights adicionais” após esta unidade).



De uma estátua original na Coleção de Arte de Villa Albani, Roma (primeiro ao quinto

século DC), este elenco replica o busto de Esopo, o famoso escritor grego de fábulas que viveu no século VI aC. De relevância para Romanos 12 é sua fábula, “A Barriga e os Membros”. Nesta fábula, os membros do corpo decidem entrar em “greve”

porque sentem que a barriga está recebendo toda a comida, sem fazer nenhum trabalho. Como resultado, o corpo fica com fome e enfraquece até que os membros percebam que a barriga estava fazendo o trabalho necessário, afinal. Embora Paulo provavelmente não esteja se referindo a essa fábula em sua analogia da igreja como um corpo, não era uma imagem nova e pode ter sido familiar para seu público.

3. Como um terceiro dado histórico-cultural, apresento alguns dados introdutórios comentários sobre Paulo sobre o assunto dos dons espirituais. Existem três textos-chave sobre o assunto em seus escritos: Romanos 12: 3-8; 1 Coríntios 12-14; Efésios 4: 7-16. Várias observações gerais podem ser feitas a respeito dos presentes. (a) A palavra para "presente" (

carisma) refere-se a uma dotação para os crentes pela graça de Deus, que deve ser usada para a sua glória e o bem dos outros (Rom. 12: 3-8; Ef. 4: 7-16). (b) Os dons são distribuídos aos crentes pelo Espírito; eles são dons “espirituais” (1 Coríntios 12: 10-11; 14: 1). (c) Cada crente possui pelo menos um dom

(1 Cor. 12: 7; Ef. 4: 7). (d) É através da diversidade dos dons que o corpo de Cristo amadurece e é unificado (Rom. 12: 4; 1 Cor. 12: 12-31; Ef. 4: 7-18). (e) Os dons espirituais são escatológicos por natureza e, em particular, são marcados pela dialética do “já, mas ainda não”. Os presentes são um sinal de que
Eschatonjá amanheceu, mas eles devem ser exercidos no amor, que é eterno e, portanto, pertence à consumação dos tempos vindouros. (f) Uma olhada nas listas de dons espirituais nos três textos-chave acima revela que eles não revelam todos os dons espirituais disponíveis para o corpo de Cristo. As listas diferem e se sobrepõem.

Percepções interpretativas 12: 3pela graça que me foi dada, eu digo. . . : Não pense em si mesmo mais do que deveria.
Este versículo contém a autoridade por trás da exortação de Paulo em 12: 3-8

e o conteúdo dessa exortação. Paulo é o apóstolo dos gentios, comissionado para isso pela pura graça de Deus. Essa autoridade divina capacita Paulo a fazer pedidos aos crentes romanos (12: 3a). O conteúdo da exortação de Paulo é este: os membros de sua audiência não devem ter uma opinião exagerada de si mesmos (12: 3b). No texto grego, há um jogo inteligente com a palavra

phroneō (“Pensar”): os crentes romanos deveriam “pensar” (
phroneō) de si mesmos, não com "pensamento elevado" (hiperfroneō), mas sim com "pensamento sensível" (
sōphroneō) O último termo foi usado no mundo grego em contraste com aquele traço desprezado chamado
Hybris("orgulho"). A razão pela qual os cristãos não devem ser arrogantes é que Deus distribuiu a cada crente a medida, ou quantidade (

metron), da fé necessária para usar os respectivos dons.
[226]

12: 4-5 em Cristo nós, embora muitos, formamos um só corpo. Os versos 4-5 explicam o

contexto da exortação de Paulo aos cristãos para não serem arrogantes no uso de seus dons espirituais: o corpo de Cristo. Examinamos anteriormente a noção de que Cristo é o último Adão, cujo corpo é o povo corporativo de Deus (veja as unidades em 5: 12-14; 5: 15-21). Os versículos 4-5 assumem o óbvio, que o corpo humano consiste de muitos membros, cada um com sua respectiva função, mas então acrescenta a profunda verdade de que o corpo de Cristo, a igreja, é composto de muitos membros, cada um com sua própria função espiritual.

12: 6-8 Temos dons diferentes, de acordo com a graça concedida a cada um de nós. Os versos 6-8 dão mais detalhes sobre a exortação de Paulo, pois registram a operação dos dons espirituais no corpo de Cristo. O versículo 6a indica que os dons espirituais (

carisma) são graça (Charis) presentes (dotheisan, "dado"). Além disso, Deus em sua sabedoria mede ou distribui esses dons aos crentes como deseja (

diafora, “Diferentes”), bem como fornece a fé necessária para exercê-los.[227]
Além do particípio de abertura em 12: 6, "tendo" (Echontes), não há verbo em 12: 6-8, o que é refletido na tradução da NRSV, enquanto a NIV fornece os verbos provavelmente pretendidos (“profetizar”, “servir”, “ensinar” etc.).

Sete presentes estão listados, sem nenhum simbolismo intencional acompanhando esse número aqui. Quem tem o dom de profetizar (Prophēteia) deve usá-lo de acordo com a fé dada por Deus (12: 6b). A profecia era um tesouro na igreja primitiva (1 Coríntios 12:28; 14; Efésios 2:20; 4:11). Os profetas falaram espontaneamente à congregação reunida conforme o Espírito lhes concedia que falassem. A igreja então deveria avaliar aquela profecia para ver se ela se encaixava com o ensino apostólico (1 Tes. 5: 19-22). As profecias podem ser preditivas (Atos 21: 10-11) ou declarativas, falando a palavra do Senhor para uma congregação específica (1 Cor. 14: 29-33). Serviço (

diaconia) provavelmente tem a ver com a prestação de assistência financeira e material. Talvez os primeiros diáconos estejam em vista aqui (cf. Atos 6: 1-7). O dom de ensinar (

didaskalia) envolvia explicar o Antigo Testamento à luz da chegada do Messias, transmitir os ditos e obras de Jesus (ver Rom. 12: 9-21) e ensinar o material catequético.

[228] O conteúdo do ensino provavelmente foi baseado na doutrina dos apóstolos (cf. Atos 2:42).

Paraklēsis
é o dom de exortação ou encorajamento para aplicar a verdade de Deus em sua vida. O quinto dom espiritual que Paulo menciona aqui é a generosidade (
haplotēs) ao dar com referência às necessidades tangíveis dos outros. O dom da liderança vem a seguir. O

proistamenosé um líder designado na igreja, seja presbítero ou diácono (1 Tes. 5:12; 1 Tim. 3: 4, 5, 12; 5:17) ou diaconisa (Rom. 16: 1). O sétimo dom espiritual é ter alegria (

hilarotēs) ao mostrar misericórdia para com os outros.



Um dos dons espirituais que Paulo menciona em Romanos é o dom de ensino. Ambrósio e Agostinho são homenageados como dois dos quatro "grandes doutores" originais da igreja ocidental por sua contribuição à igreja como professores de teologia e doutrina. Esta cena em um retábulo de Cambridge por Simone Martini (1320-25 DC) mostra Ambrósio e Agostinho em ambos os lados de Miguel, o arcanjo.

Percepções TeológicasVárias verdades vêm à tona em Romanos 12: 3-8. Primeiro, Deus tem
distribuiu dons espirituais a cada crente. Em segundo lugar, Deus dá a fé necessária para exercer esses dons. Terceiro, porque os dons espirituais estão enraizados na graça de Deus, não há espaço para arrogância ou sentimentos de inferioridade entre os cristãos. Quarto, os dons espirituais devem ser usados para outros, especialmente para a comunidade da nova aliança. Quinto, a diversidade de dons espirituais traz unidade ao corpo de Cristo.

Ensinando o Texto

Algumas abordagens podem ser feitas para pregar ou ensinar Romanos 12: 3-8. Pode-se seguir o esboço de quatro pontos oferecido acima: a autoridade, conteúdo, contexto e resultado da exortação de Paulo. Ou alguém pode

fornecer uma lista dos dons espirituais que Paulo menciona em 1 Coríntios 12-14; Romanos 12: 3-8; Efésios 4: 7-16 e, depois de explicar cada um dos dons, permita que o público

membros para identificar quais podem ser seus respectivos dons. Abaixo, dou alguns detalhes para fazer o último.

Um apóstolo, tecnicamente, era um dos doze apóstolos de Jesus, incluindo também Paulo. No entanto, a palavra "apóstolo" poderia ser usada de forma mais genérica para alguém enviado pelo Senhor para pregar o evangelho. Este último sentido pode abranger missionários.

Um profeta é diretamente inspirado pelo Espírito para dar uma palavra de Deus. Parece que nos cultos de adoração da igreja primitiva, a profecia era parte integrante da revelação de Deus ao seu povo. "Discernimento de espíritos" refere-se ao dom pelo qual alguém tinha a habilidade de detectar atividade demoníaca na vida de um indivíduo ou de sentir falsos ensinamentos. Também pode estar associado ao discernimento da mensagem dos profetas para garantir que a palavra proclamada esteja de acordo com o evangelho. Hoje, as igrejas diferem em sua opinião se Deus ainda fala por meio de profetas ou se Deus fala apenas por meio da Bíblia.

Um professor é perito em explicar a doutrina bíblica. Na época do Novo Testamento, o ensino, assim como a pregação, era dedicado a estudar o Antigo Testamento para ver como Jesus cumpria suas predições messiânicas. Uma "palavra de sabedoria / conhecimento" é um dom pelo qual o Senhor instrui alguém sobre como lidar com um problema específico em uma igreja, talvez no ambiente de adoração. Hoje, às vezes, pensa-se que esses dons estão associados a pessoas bem treinadas na interpretação e aplicação das Escrituras.

Um pastor tanto ensina quanto prega, o tempo todo conduzindo a congregação em direção à maturidade espiritual.

Um evangelista é especialmente bem-sucedido em ganhar outros para Cristo. Mas este chamado particular não elimina o mandato da Grande Comissão de que todos os crentes sejam testemunhas de Cristo também.



Um dos dons espirituais que Paulo menciona em Romanos é o dom da misericórdia. Em outras cartas, Paulo menciona mais especificamente o dom de cura. Este relevo (ca. 1400 DC) mostra os santos Cosmas e Damião tratando os doentes ou feridos, sejam homens ou animais. Esses irmãos gêmeos foram os primeiros médicos cristãos martirizados por sua fé sob Diocleciano. Na Igreja Ortodoxa Oriental, eles são reverenciados como médicos não mercenários porque não recebiam pagamento por seu trabalho, praticando seu ministério de cura por causa de seu amor a Deus e desejo de cuidar das pessoas.

Um exortador é alguém no corpo de Cristo que é bom em desafiar e encorajar os crentes a maiores alturas em seu crescimento espiritual.

Uma pessoa com o dom da fé tem uma visão do plano de Deus para uma igreja ou talvez tenha uma fé incomum na capacidade de cura de Deus. O dom de milagres possivelmente está relacionado a este último dom. A cura é semelhante aos dois dons anteriores, exceto que a cura parece se concentrar nas necessidades humanas.

O dom de línguas, de acordo com Atos 2: 1-8, é uma habilidade sobrenatural de falar em uma língua humana não conhecida pelo falante. No entanto, de acordo com
1 Coríntios 14, línguas é uma habilidade sobrenatural de proferir uma fala extática inteligível para Deus. O dom da interpretação permite que uma pessoa capacitada pelo Espírito traduza esse discurso extático no ambiente de adoração da igreja. De fato, Paulo insistiu que tal interpretação deveria acompanhar o discurso extático para que a congregação pudesse entender

e os incrédulos não interpretassem mal o êxtase como insanidade (compare Atos 2:13 com 1 Cor. 14:23).

O dom de ministério é possivelmente aplicado a alguém que serve ao Senhor e às pessoas nos bastidores, tanto física como espiritual. Administração é a capacidade dos cristãos de liderar as congregações locais. Ser um governante pode envolver o mesmo dom mencionado, embora com foco no

governante pode envolver o mesmo dom mencionado, embora com foco no os próprios líderes. Ser um ajudante pode envolver o mesmo dom que o ministério - ou seja, pode referir-se àqueles que preferem não ser os holofotes ao servirem discretamente à igreja. A misericórdia é um dom adequado para os crentes chamados para servir no campo médico. Dar refere-se aos cristãos que possuem uma habilidade excepcional de ganhar dinheiro e dar uma parte dele de volta ao Senhor; isso deve ser diferenciado da responsabilidade de todo cristão de dar uma parte de sua renda ao Senhor.

Ilustrando o Texto

Todo crente tem dons espirituais e pode exercê-los pela fé.

História: “Hexameron moderno: De Aranea, ”Por Walter Wangerin. Nesta pequena história, Wangerin, que foi mencionado anteriormente no comentário (veja a seção “Ilustrando o Texto” em Rom. 1: 8-15), escreve sobre os hábitos de vida de uma aranha mãe.

~~[229]~~ Wangerin mostra como até mesmo essa criatura humilde, que tendemos a desprezar, usa seus dons nativos para dar vida aos seus descendentes às custas dos seus.

Lembrar que nossos dons espirituais vêm de Deus evita a arrogância e a inferioridade.

Apologética: Mero Cristianismo, por CS Lewis.No capítulo 8 do livro 3, Lewis identifica o orgulho como o pior de todos os pecados e afirma: “O orgulho tem sido a principal causa da miséria em todas as nações e todas as famílias desde o início do mundo”. Na mesma seção, ele também afirma que a solução para o orgulho não é ser uma “pessoa gordurosa e bajuladora que está sempre dizendo que, é claro, não é ninguém”. Em vez disso, a pessoa verdadeiramente humilde será alegre, dando pouco ou nenhum pensamento a si mesma, de uma forma ou de outra. O autor enfatiza quase a mesma coisa na forma de história em

The Screwtape Letters.

Poesia:"Eu não sou ninguém! Quem é você? ", De Emily Dickinson. Neste poema muito curto de apenas oito versos, Dickinson (1830-86) aborda o narcisismo muito prevalente na sociedade, enquanto indica o extremo oposto como um problema potencial.

Eu não sou ninguém! Quem é Você?
Você também não é ninguém?
Então há um par de nós - não diga!
Eles nos baniriam, você sabe.

Como é triste ser alguém!
Que público, como um sapo
Para dizer o seu nome o dia longo

Para um pântano admirado![230]

A diversidade de dons entre os crentes traz unidade ao corpo de Cristo.

Filme: Lugares no coração; É uma vida maravilhosa.Esses filmes têm grande apelo e ambos ilustram lindamente o conceito de indivíduos em comunidades respondendo de maneiras variadas à tristeza e tragédia na vida de seus membros, cada um dando o que pode para resolver as necessidades. Dentro

Lugares no coração
(1984), ambientada no Texas em 1935, uma viúva tenta manter sua fazenda junto com a ajuda de, entre outros, um cego e um afro-americano durante a Grande Depressão. O filme termina como abre, na igreja com música religiosa tocando. O ministro lê 1 Coríntios 13. Enquanto o coro canta, a comunhão é passada de pessoa a pessoa e vemos personagens vivos e mortos compartilhando comunhão. Dentro

É uma vida maravilhosa(1946), um homem que ajudou muitas outras pessoas entra em sérios problemas financeiros quando seu tio perde uma grande soma de dinheiro. O filme termina com toda a comunidade vindo em seu auxílio, cada pessoa contribuindo muito ou pouco para retribuir o dinheiro perdido. Certamente, o que acontece nessas comunidades serve de metáfora para a comunidade cristã.

O pano de fundo do corpo de Paulo

Imagens

Conforme observado na seção “Antecedentes históricos e culturais”, o contexto da analogia de Paulo com o corpo de Cristo em Romanos 12: 4-5 foi muito discutido. Existem sete teorias básicas.

1. Eduard Schweizer chamou a atenção para a visão política, que compara o corpo de Cristo com a ideia grega que associa um grupo político reunido de pessoas a um corpo humano (ver Lívio, Hist. 2,32).[231] Embora essa visão explique o paralelo (comunidade = corpo), ela deixa sem resposta a questão de por que Paulo fala do "corpo de cristo”(Por exemplo, 1 Coríntios 12:27).[232]

2. Wilfred Knox argumentou que a noção do corpo de Cristo e seus membros individuais se originou no "lugar comum estóico do estado como um corpo no qual cada membro tinha sua parte a desempenhar."

[233] Mas, como a teoria política, esta sugestão não pode explicar por que Paulo chama de "corpo
de cristo. ” Ernest Best aponta a esse respeito que a comparação não é entre o corpo e seus membros, mas sim entre os membros como membros do corpo de uma pessoa.

[234]

3. Lucien Cerfaux afirmou que a ideia do corpo de Cristo se originou na celebração da Ceia do Senhor pela igreja.
[235] Mas esta teoria, que iguala o corpo de Cristo ao pão de Cristo, é baseada na suposição de que o ensino de Paulo sobre a Eucaristia é emprestado da crença das religiões de mistério de que participar da refeição da divindade era equivalente a estar unido ao Deus.

[236]

4. Rudolf Bultmann popularizou a posição de que o gnosticismo informava o conceito paulino do corpo de Cristo. Essa visão promoveu o mito do “homem primordial”, um ensino que identificava os indivíduos como pedaços de um homem cósmico e celestial original, que, ao cair na terra, se desintegrou em miríades de corpos humanos. Ao se lembrar de seu estado espiritual original, no entanto, aqueles indivíduos

as peças são finalmente reunidas em um homem primordial.[237] Poucos estudiosos hoje, no entanto, datam esse mito do primeiro século DC.

5. James Dunn enraíza o conceito do corpo de Cristo na adoração carismática da igreja primitiva. À medida que os crentes se reuniam para a adoração e como Deus se manifestava por meio do charismata (dons espirituais), as pessoas se sentiram como um corpo corporativo, unificado em Cristo.[238] Essa sugestão é muito genérica, entretanto, especialmente porque duas outras idéias explicam melhor a frase.

6. WD Davies argumenta com perspicácia que o apocalíptico / rabínico judaico O conceito do corpo corporativo de Adão é o melhor antecedente para a noção do corpo de Cristo.
[239]Ele escreve: “Paulo aceitou a doutrina rabínica tradicional da unidade da humanidade em Adão. Essa doutrina implicava que a própria constituição do corpo físico de Adão e o método de sua formação simbolizavam a verdadeira unidade da humanidade. Nesse único corpo de Adão. . . [todas as pessoas] foram reunidas como homens e mulheres. ”

[240]Há muito para recomendar este ponto de vista, especialmente porque muitos intérpretes vêem Adão por trás das passagens paulinas sobre o corpo de Cristo (compare 1 Cor. 12 com 1 Cor. 15: 44-49; Rom. 12: 4-5 com 12: 1 -2; 5: 12-21; 7: 7-13; 8: 17-25; Col. 1:18 com 1:15; Ef. 4: 7-16 com 1: 15-23; 5: 22-33) A principal objeção é que não há menção explícita do “corpo de Adão” na literatura judaica contemporânea de Paulo. Mas essa objeção pode ser adequadamente satisfeita pela próxima teoria.

7. AJM Wedderburn propõe que as raízes da ideia do corpo de Cristo deriva da antiga crença hebraica de que uma pessoa representa muitos, e muitos são incorporados a um (Gênesis 12: 1-3; compare Gênesis 14: 17-20 com Hb 7: 4-10; Js 7: 16-26).[241]Este relacionamento recíproco leva um longo caminho para a compreensão do corpo de Cristo, e é compatível com a teoria Adâmica de que o primeiro homem é o representante da raça

humana caída (Rom. 5: 12-21). Se for assim, então a igreja, o corpo corporativo de Cristo, não é outro senão o Adão escatológico (1 Coríntios 15:45), a nova humanidade do tempo do fim, que agora apareceu na história humana.

A Ética de Amor da Nova Aliança

Grande ideiaPaulo, como Jesus, diz que a ética da nova aliança é o amor. A tese aqui é simples: ame com sinceridade. Deve-se mostrar amor a Deus, aos irmãos na fé e até mesmo aos não-crentes que perseguem os cristãos. Assim, a ética de Paulo continua o chamado radical de Jesus aos seus discípulos para amarem uns aos outros. Amar os outros é aceitar sacrificialmente a estipulação da nova aliança para amar.

Temas principais de Romanos 12: 9-21

O tema central é a ética do amor da nova aliança.
Os cristãos devem amar a Deus.
Os cristãos devem amar seus companheiros cristãos.
Os cristãos devem até amar os não-cristãos que os perseguem.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 12: 9-21 continua o tema de ser uma pessoa viva sacrifício (12: 1-2) por amar os outros. Romanos 12: 9 e 12:21 formam um inclusiopara os versos intermediários: amar é evitar o mal e apegar-se ao

bem. Embora um esboço sequencial seja difícil de identificar em 12: 9-21, um esboço tópico surge:



-
-
-
-

1. Amar a Deus (12: 11-12)
2. Amar os outros cristãos (12:10, 13, 15, 16)
3. Ame os inimigos (12:14, 17-21)

Antecedentes Históricos e Culturais1. O versículo 13b menciona a importância da hospitalidade na igreja primitiva. Terceiro João 5-8 mostra quão importante era a hospitalidade nos primeiros séculos cristãos para a propagação do evangelho. Havia estalagens, mas eram de má fama; a maioria dos viajantes preferia encontrar hospedagem com amigos, parentes e conhecidos ou aqueles a quem eles traziam cartas de apresentação e recomendação (ver Mat. 10: 9-13; 2 Cor. 3: 1; Heb. 13: 1-2).

2. Paulo fala de perseguição em 12:14, 17-21. Até 64-67 DC, não houve verdadeiro assédio imperial aos primeiros cristãos. Nero mudou isso, entretanto, com sua perseguição aos cristãos em Roma, um precedente seguido por Domiciano depois dele (81-96 DC).

3. Várias tradições informam Romanos 12: 9-21. O primeiro é a sabedoria judaica.[242] O segundo são os ensinamentos de Jesus no Sermão da Montanha / Planície.[243] O terceiro, eu sugiro, é a aliança. O mandamento da nova aliança de Jesus de amar uns aos outros ressoa ao longo desta passagem. Além disso, a tradição dos “dois caminhos” (ver Deuteronômio 30: 15-20) - escolha o bem ou escolha o mal - é repetida em 12: 9, 21. Na verdade, toda a passagem é sobre manifestar o bem, amando a Deus e aos outros e evitando o mal, renunciando ao egoísmo e à vingança (em 12:19, Paulo cita Deuteronômio 32:35, sobre a vingança pertencente a Deus).



Cabeça esculpida do Imperador Nero na Basílica Juliana, Corinto, 60 DC. Nero foi imperador de Roma de 54 a 68 DC. O registro histórico de seu reinado está repleto de contradições, mas não há dúvida de que Nero ordenou a terrível perseguição aos cristãos durante os últimos anos de seu governo.

Percepções interpretativas 12: 9 O amor deve ser sincero. No Novo Testamento, a palavra
agapēpode expressar a forma mais elevada de amor: o compromisso de Deus para com seus filhos (Rom. 5: 5, 8; 8:39; cf. 8:35). O versículo 9 diz que os cristãos devem transmitir esse amor a outros.

[244] (Embora o verbo agapaōtambém pode ser usado para o amor egoísta nos escritos de Paulo e em outros lugares [ver 2 Tim. 4:10; cf. 1 João 2:15], o contexto de

agapēaqui está o amor altruísta.) Amar os outros é apegar-se ao que é bom. Não fazer isso é dar lugar ao egoísmo, à vingança e ao mal. Este último deve ser odiado.

12: 10-12 Seja devotado um ao outro em amor.O versículo 10 é o primeiro de uma série de versículos neste parágrafo que se concentram em amar outros cristãos. O
phil- raiz, usada duas vezes aqui - no amor fraternal (

Filadélfia) mostrando afeto familiar (
philostorgoi) um para o outro - refere-se ao amor familiar.[245]Os cristãos devem tratar uns aos outros como irmãos e irmãs na família de Deus. O versículo 10b é traduzido como "mostrando o caminho uns aos outros em honra" ou "Honrem-se uns aos outros acima de si mesmos." A segunda tradução é considerada por alguns como gerando orgulho ironicamente

- superem um ao outro em mostrar amor. Mas não precisa ser assim. Além disso, a última tradução é paralela a Filipenses 2: 3 (“preferindo com humildade os outros como mais excelentes do que vocês”). Portanto, a segunda tradução provavelmente está correta. A ordem de Paulo aqui de “honrar os outros” (especialmente a família cristã) acima de si mesmo é um corretivo saudável para o egocentrismo natural que nos atormenta a todos, mas não exclui o respeito próprio.

12h11 Nunca falte zelo, mas mantenha seu fervor espiritual.Os versículos 11-12 enfocam em amar a Deus. É verdade que “zelo” e “fervor espiritual” devem caracterizar o amor do cristão pelos irmãos, mas mesmo isso é, em última análise, um ato de serviço ao Senhor. Esse zelo em servir ao Senhor vem de ser energizado pelo Espírito. Atrás de "mantenha seu fervor espiritual" está o verbo

zeō, que significa "borbulhar, ferver". A obra “borbulhar e transbordar” do Espírito Santo no espírito humano é a chave para ser fiel ao Senhor.

12h12Alegre-se na esperança. . . fiel na oração.O versículo 12 também é dirigido por Deus: durante as provações, os cristãos devem colocar sua esperança em Deus. Na verdade, é a oração que lembra os filhos de Deus de seu destino (esperança) quando estão experimentando a fornalha da aflição. A igreja primitiva era devotada à oração (Lucas 18: 1; Atos 1:14; 2:42; 6: 4; 1 Tessalonicenses 5:17; Efésios 6:18; Colossenses 4: 2).

12h13Compartilhe com o povo do Senhor que está em necessidade. Pratique a hospitalidade.O versículo 13 volta a amar os outros, especialmente a família de Deus. Dois atos de amor são especificados: compartilhar com o povo de Deus necessitado e ser hospitaleiro. Os primeiros cristãos demonstraram maravilhosamente caridade uns para com os outros e, além disso, para o mundo que os observava. Em relação à hospitalidade, o progresso do evangelho dependia de lares cristãos abertos aos missionários itinerantes.

12h14Abençoe aqueles que perseguem você. . . não xingue.O versículo 14 enfoca a necessidade dos cristãos amarem os descrentes, mesmo aqueles que perseguem a igreja. Notamos acima os estágios da perseguição ao cristianismo primitivo pelo governo romano. Mas essa perseguição também veio de judeus que se opunham ao evangelho, como Atos e as cartas de Paulo ilustram. Mas, em vez de retaliar, Paulo desafia os crentes a abençoar seus perseguidores, não

amaldiçoá-los. Duas tradições informam este mandamento: o ensino de Jesus (Mateus 5:44; Lucas 6: 27-28) e a aliança. Com relação à aliança, James Dunn aponta que abençoar aqueles que perseguem é um avanço além da atitude do Antigo Testamento (Gênesis 12: 3; 27:29; Números 24: 9; cf. 1QS 2.10; Mat. 5:38 -44).

[246] O lex talionis- a lei do julgamento proporcional ("Só olho por olho e dente por dente") - é levada a um nível novo e diferente por Jesus e Paulo. Quando perseguido, o

Cristão deve responder não com gentileza (amaldiçoá-los), mas com amor (abençoá-los). O
a estipulação de amor da nova aliança eclipsa a lei de retaliação da velha aliança.

12h15Alegrem-se com aqueles que se alegram; chore com aqueles que choram. O versículo 15 usa infinitivos gregos para expressar admoestações para amar outros cristãos: chairein (“Alegrar-se”) e Klaiein("lamentar"). Alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram são maneiras tangíveis de amar a família de Deus. Pode-se achar estranho que Paulo primeiro ordene aos cristãos que se alegrem com os outros. Mas, como observa João Crisóstomo, essa alegria é mais difícil porque "requer um
alma muito nobre, para não só não invejar, mas até sentir prazer com quem é estimado ”(Hom. ROM. 22).[247]



Em Romanos 12:15, Paulo diz aos crentes que “chorem com os que choram”. A história mitológica da morte de Meleager é contada em um painel de um sarcófago romano datado do século II dC, que captura a dor dos que ficaram para trás.

12h16Viva em harmonia . . . Não seja vaidoso. O versículo 16a retorna para particípios para expressar comandos: viver em harmonia e não ser orgulhoso.[248] Humildade e harmonia andam de mãos dadas, enquanto orgulho e presunção geram divisão. Com esses pensamentos, Paulo pode estar abordando o assunto da unidade entre judeus e gentios nas congregações romanas (ver Rom. 14-15). Uma maneira de difundir o

orgulho é se associar com pessoas menos afortunadas (12: 16b).
[249] É por isso que Jesus foi conhecido, e também devem ser seus seguidores.

12: 17-21Não retribua a ninguém mal com mal. . . mas supere o mal com o bem.

Paulo aqui se concentra em como os cristãos devem responder àqueles que os perseguem. Ele começa advertindo os cristãos a não retribuir o mal com o mal (cf. Mt 5: 38-39, 44-45; Lc 6,29,35). Não exigir vingança é uma resposta honrosa, mesmo aos olhos do mundo. O versículo 18 adiciona uma nota realista encorajando os crentes a estarem em paz com os outros sempre que puderem ("se for possível"). Isso deixa aberta a possibilidade de que os crentes não possam estar em paz com seus inimigos o tempo todo.

Assim, por exemplo, não se pode comprometer o evangelho para manter a paz.

Os versículos 19-20 oferecem instruções contrastantes. De acordo com 12:19, os Cristãos
devem deixar seus perseguidores para o Senhor (citando Deuteronômio 32:35, que fala do julgamento de Deus sobre as nações que feriram Israel). [250]Mas 12:20 desafia os cristãos que, embora Deus deva vingar a injustiça perpetrada contra eles, os crentes devem amar seus inimigos de maneiras tangíveis: alimentando-os e dando-lhes de beber (citando Provérbios 25: 21-22). Esses atos de bondade vão "amontoar brasas" sobre as cabeças dos inimigos dos cristãos. A visão mais comum disso é que as ações amorosas dos cristãos criarão em seus perseguidores vergonha e remorso ardentes. O versículo 21 parece confirmar esta interpretação: mostrar amor vence o mal com o bem - as boas ações do crente, mas também a boa resposta (esperançosamente) do inimigo em termos de arrependimento. Além disso, 12,21 nos leva de volta a 12,9: o amor consiste em fazer o bem e evitar o mal. Esta é a ética do amor da nova aliança.

Romanos 12: 9-21 como Parênesis

O suposto gênero de Romanos 12: 9-21 é parênese (admoestação). A parênese, encontrada tanto em escritos gregos quanto judaicos, é caracterizada por encadear admoestações gerais

selecionadas de vários

fontes com falta de preocupação com a sequência de pensamento ou desenvolvimento de um único tema.[uma]Em 12: 9-21, Paulo encadeia admoestações e se vale de várias fontes. Mas, ao contrário de muitos exemplos antigos de parênese, esta passagem tem um tema abrangente - amor - e relaciona as admoestações a um público específico. Portanto, deve-se rotular o gênero de 12: 9-21 como parênese apenas com essas advertências em mente.

[uma]Veja Dibelius, Nova Abordagem; veja também Dibelius, James, 3-11.

Percepções TeológicasVários insights teológicos cumprimentam o leitor de Romanos 12: 9-21. Primeiro, a característica principal da vida cristã é o amor a Deus, à família de Deus e até aos inimigos. Em segundo lugar, se os perpetradores do mal aos cristãos não se arrependerem, Deus vingará seus filhos. Mas essa tarefa pertence a Deus, não aos cristãos. Terceiro, 12: 9-21 delineia como o amor deve ser mostrado: (a) o amor para com Deus se expressa em devoção; (b) amor para com os outros,

especialmente os crentes, é demonstrado pela abnegação; (c) o amor para com os inimigos não é demonstrado por retaliação, mas por cuidar deles com atos de bondade. Este tipo de amor triplo trouxe grande sucesso para a igreja primitiva e o fará também para a igreja moderna.

Ensinando o Texto

Talvez a melhor abordagem para Romanos 12: 9-21 seja tópica. Assim, o título de um sermão poderia ser "O Mandamento da Nova Aliança para Amar": amar a Deus (12: 11-12); amar a família de Deus (12:10, 13, 15, 16); ame seus inimigos (12:14, 17-21).

Primeiro, o Antigo e o Novo Testamento admoestam os crentes a amar o Senhor seu Deus de forma suprema. Na verdade, colocar alguém ou alguma coisa antes dele é idolatria.



Um dos marcos arqueológicos mais famosos de Roma, este anfiteatro romano conhecido como o Coliseu, foi construído ao longo de um período de trinta anos e foi finalmente concluído durante o reinado de Domiciano, muito depois da morte de Paulo. Podia acomodar 45.000 pessoas, que assistiram a espetáculos de gladiadores, como combates, simulações de batalhas marítimas e caça a animais selvagens. Domiciano governou de 81 a 96 DC. Ele era um bom administrador e comandante militar bem-sucedido, mas não era popular no Senado. Ele reinstituiu regras estritas para a prática religiosa. Aqueles que estavam associados às crenças judaicas, que incluíam cristãos,

foram perseguidos. Este é apenas um exemplo de uma época na história da igreja em que as palavras de Paulo nesta passagem a respeito da atitude e ação dos cristãos para com seus inimigos seriam difíceis de colocar em prática.

Em segundo lugar, 12: 13a admoesta os crentes a compartilhar com os necessitados, sejam cristãos ou não crentes. Que os primeiros cristãos o fizeram magnificamente é documentado por Adolf von Harnack em um capítulo intitulado “O Evangelho do Amor e da Caridade”.

[251] Harnack lista pelo menos dez atos de caridade dos primeiros cristãos:
(1) esmolas, (2) apoio de professores e funcionários, (3) apoio de viúvas e órfãos, (4) apoio aos enfermos, enfermos e deficientes, (5) cuidado de prisioneiros e pessoas definhando nas minas, (6) cuidado dos pobres que precisam ser enterrados e dos mortos em geral, (7) cuidado dos escravos, (8) cuidado daqueles que foram visitados por grandes calamidades, (9) trabalho de decoração e insistir no trabalho e (10) cuidar dos irmãos e irmãs em uma jornada (hospitalidade) e das igrejas em situação de pobreza ou perigo.

Terceiro, amar nossos inimigos é mais fácil dizer do que fazer, mas não deixa de ser o caminho do seguidor de Jesus. Somente o céu revelará quantos cristãos oraram sinceramente: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."

Ilustrando o Texto

O amor é mostrado na devoção a Deus e abnegação para com os outros crentes.

Biografia: Muitas biografias foram escritas sobre o artista Vincent van Gogh (1853-90). Sua vida conturbada até se tornou o assunto de Don A popular canção de McLean, “Vincent”, cuja primeira linha, “Starry, starry night”, é emprestada do título de uma das pinturas de van Gogh. Um filme,
Desejo pela vida
(1956), também foi feito sobre ele. Van Gogh começou sua vida querendo ensinar a Bíblia aos pobres e à classe trabalhadora. Em Londres, ele foi para as partes mais escuras da cidade, para os habitantes mais pobres. Ele lia sua Bíblia diariamente, querendo conhecê-la bem. Depois de obter alguma educação teológica, ele assumiu o cargo de missionário em uma cidade extremamente pobre de mineração de carvão na Bélgica, escolhendo compartilhar as condições de vida miseráveis dos mineiros. Ele viveu entre eles, visitando os doentes e

trazendo consolo espiritual. Ele era fanático em seu zelo e abnegação, mas conseqüentemente aqueles que o enviaram o despediram por “minar a dignidade do sacerdócio”. Depois disso, ele se tornou um artista, suas pinturas refletindo seu amor pelas pessoas comuns, os pobres e os sofredores.

O amor pelos inimigos é demonstrado por meio da bondade e do perdão.

História: Para entender melhor a perseguição romana ao cristianismo primitivo, leia a carta de Plínio, o Jovem, ao imperador Trajano (cerca de 113 DC), escrita enquanto ele era governador da Bitínia, que explica como ele interrogou os cristãos.

Cotação: Nelson Mandela. Mandela passou 27 anos na prisão como um resultado de suas tentativas de acabar com o apartheid na África do Sul. Ele foi libertado em 1990. Em 1994 foi eleito presidente do país na primeira eleição aberta, e sua missão para acabar com o apartheid continuou. Mandela disse: “Se há sonhos sobre uma bela África do Sul, também há caminhos que levam a esse objetivo. Duas dessas estradas poderiam ser chamadas de Bondade e Perdão. ” Aqui está um exemplo poderoso para os cristãos aspirarem a perdoar os outros por amor a Cristo.

História verdadeira:Ruby Bridges foi a primeira criança afro-americana a frequentar uma escola primária totalmente branca no sul. Robert Coles, psiquiatra infantil e autor, fala sobre ela em seu livro

Filhos da Crise (1967), e sua história também foi publicada como um livro infantil intitulado

A história de pontes de rubi(1995), escrito por Coles e ilustrado por George Ford. Ruby foi uma das crianças negras que, diante de uma resistência abusiva, mesmo potencialmente violenta, deu início ao processo de desagregação escolar em Nova Orleans. Dia após dia, Ruby era conduzida para a escola sozinha, enquanto os espectadores zombavam dela. Coles ficou profundamente perturbado com a calma da criança e, quando visitou a família, a mãe de Ruby disse-lhe que Ruby orava todas as noites pela turba que a ameaçava e assediava. Quando ele perguntou aos pais por que eles perguntariam isso a Ruby, eles ficaram perplexos e responderam que isso é o que uma pessoa deve fazer, que é a coisa cristã a fazer.

Deus e Governo

Grande ideia

Paulo declara que o governo é uma instituição divina e, portanto, os cristãos devem se submeter à sua autoridade. Ele fornece duas razões pelas quais os crentes devem fazer isso: medo de punição por transgressões e obediência por causa da consciência. A forma específica que esta apresentação deve assumir é o pagamento de impostos. Assim, obedecer às autoridades é outra expressão de ser um sacrifício vivo a Deus.

Temas principais de Romanos 13: 1-7

O governo é divinamente ordenado.
Os cristãos devem obedecer às autoridades governantes porque foram designados por Deus.
Os cristãos deveriam pagar impostos ao governo.
Não obedecer ao governo é um convite à punição.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoMesmo que Romanos 13: 1-7 seja uma parte da exortação cristã geral (cf. 1Tm 2: 1-3; 1 Pedro 2: 13-17) e, portanto,

transcenda o contexto imediato, está conectado a 12: 9 -21 e 13: 8-14 e até mesmo para as igrejas em Roma. Assim, embora 12: 9-21 exija que os cristãos amem os outros,



-
-
-
-

incluindo seus perseguidores, 13: 1-7 deixa claro que Deus vinga aqueles que prejudicam os cristãos e outros por meio do governo. O crente pode encontrar consolo nesse pensamento. Além disso, 13: 8-14 faz muito do alvorecer da era por vir (veja meus comentários nessa unidade); Os cristãos também continuam a viver nesta época e, portanto, devem obedecer às autoridades governantes. E Paulo, sem dúvida, sabia que a cidade de Roma estava ficando impaciente com o imperador e o

senado por causa da pressão dos impostos, então o apóstolo incentiva os cristãos a não se juntarem ao coro de reclamações, mas sim a pagar seus impostos.

Romanos 13: 1-7 se desdobra desta forma:

1. O estabelecimento divino do governo (13: 1-5)
    - uma. A autoridade divina do governo (13: 1-2)
    - b. A responsabilidade do governo (13: 3-4)
        - eu. Promova o bom comportamento (13: 3-4a) ii. Punir o mau comportamento (13: 4b)
    - c. Resumo (13: 5)
2. Responsabilidade humana para com o governo (13: 6-7)
    - uma. Especificamente para pagar impostos (13: 6-7a)
    - b. Geralmente, ser respeitoso (13: 7b)

Antecedentes Históricos e Culturais Dois itens-chave informam Romanos 13: 1-7: a tradição judaica de respeitar o governo e a tributação romana.

1. O Antigo Testamento antecipa Romanos 13: 1-7 em seu reconhecimento de que nenhum governante humano exerce poder exceto por meio da designação de Deus (Pv 8: 15-16; Jr 27: 5-6; Dn 2:21, 37- 38; 4:17, 25, 32; 5:21; Isa. 41: 2-4; 45: 1-7; cf. Sb 6: 1-3; Sir. 4:27; Josefo,

JW2.140). Isso se aplica a líderes de outras nações, de Nabucodonosor (Dan. 4:17) a Ciro (Isa. 45: 1). Portanto, os judeus oraram e sacrificaram a Deus em nome do imperador romano. Ainda assim, no entanto, sempre que governantes estrangeiros ocupando Israel exigiam que os judeus desobedecessem a Deus, Israel se revoltou. Os exemplos mais famosos são a

revolta dos macabeus contra Antíoco IV Epifânio em 167 aC e a revolta contra Roma em 66 dC Pode ser que esta última, estimulada pelo partido zelote judeu em Jerusalém, já estivesse expressando seus protestos em meados de final dos anos 50. Paulo, no entanto, adverte os cristãos romanos contra seguir o exemplo.

2. A ordem de Paulo de que os cristãos paguem seus impostos exige comentários. Romanos 13: 7 usa duas palavras encontradas em documentos extra-bíblicos para impostos -
foros e
telos (Josefo, Formiga. 5,181; 12,182; Vejo TDNT9: 80-81; BDAG, sv teleō 3).

O primeiro corresponde ao termo latino tributum, enquanto o último corresponde a
vectigalia. Tributum refere-se ao imposto direto romano, que incluía impostos de propriedade e de votação.
Vectigaliarefere-se ao imposto indireto, que abrangia alfândega, direitos, taxas de pedágio e taxas de serviços diversos. Sabemos do historiador romano Tácito (

Ann. 13) que as massas atingiram um ponto de ebulição em 58 DC sobre taxas de impostos exorbitantes, tanto que o imperador Nero considerou abandonar o imposto indireto, embora tenha decidido não fazê-lo. Portanto, a carta de Paulo às igrejas romanas tentava manter os cristãos fora do debate, instruindo-os a pagar seus impostos.



Antíoco IV Epifânio, cujo rosto é mostrado nesta moeda, descontou suas frustrações com Roma nos judeus. Ele ordenou um ataque de sábado à cidade de Jerusalém que resultou na morte ou escravidão da maioria de seus habitantes judeus. As muralhas da cidade foram destruídas e sacrifícios pagãos oferecidos no templo, que foi recentemente dedicado a Zeus. Todas as práticas religiosas judaicas foram proibidas. Isso levou à revolta dos Macabeus em 167 aC, que teve sucesso em acabar com a perseguição aos judeus e restaurar o templo para seu uso legítimo.

Percepções interpretativas 13: 1-2 Que todos estejam sujeitos ao governo autoridades. . . o que Deus instituiu. Os versos 1-5 deixam claro que governo é ordenado por Deus e, portanto, é uma instituição divina, como o família e igreja, essenciais para o tecido da sociedade. Portanto, todos (pasa psychē
) deve obedecer ao governo.[252]Isso significa tanto cristão quanto não-cristão, pois sem alguma estrutura de governo, ocorrerá anarquia e violência. "Ser sujeito" (

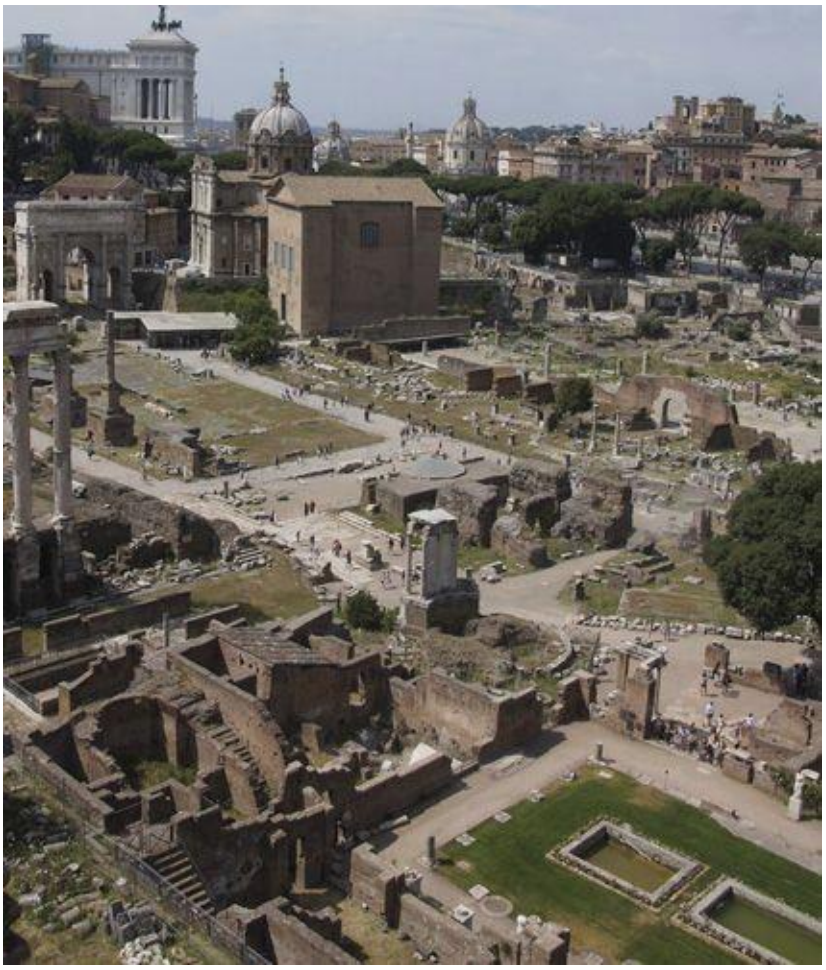
hipotassô) transmite a ideia de ocupar um lugar hierárquico, neste caso situar-se sob o governo. “Autoridades”

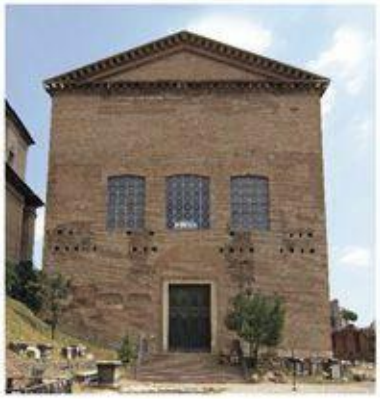
(Exousiai) refere-se a autoridades seculares - governo. Oscar Cullmann popularizou a visão de que as autoridades aqui são seres espirituais que governam as autoridades seculares, e porque Cristo derrotou esses seres espirituais, os cristãos precisam obedecê-los apenas enquanto eles reconhecerem sua submissão a Cristo.

[253]Dois fatos, entretanto, refutam tal teoria. Primeiro, quando Paulo fala de seres espirituais, ele sempre combina "autoridades" com "governantes" (archai), mas em Romanos 13: 1-7 ele usa apenas "autoridades". Em segundo lugar, em nenhum lugar Paulo encoraja os crentes a se submeterem aos seres espirituais, precisamente porque Cristo os derrotou (Colossenses 2:15).

13: 3-4Pois os governantes não têm terror para aqueles que fazem o que é certo. . . Mas se você fizer
errado, tenha medo.Em 13: 3-4, Paulo lista duas responsabilidades que Deus confiou ao governo. Primeiro, de acordo com 13: 3-4a, o governo existe para promover o bom comportamento. Tal comportamento ético e de boa cidadania vem, afirmado negativamente, porque aqueles que desobedecem ao governo desobedecem a Deus e, portanto, serão julgados de acordo. Portanto, para evitar tal punição, os cristãos são admoestados a se submeterem aos poderes constituídos. De fato, de acordo com 13: 3b-4a, fazer o que é certo será recompensado pelas autoridades. Isso é para expor a questão de forma positiva. Não

dúvida Paulo dá a entender que, uma vez que Deus estabeleceu o governo para manter a ordem na sociedade, é Deus quem pune o criminoso e louva o cidadão cumpridor da lei por meio dos governantes seculares. Ao promover o bom comportamento, um oficial atua como "servo" de Deus (diakonos)





Durante o primeiro século DC, o Senado Romano atuou como um órgão consultivo para o imperador. Composto por indivíduos ricos e influentes, seu poder e prestígio eram controlada pelo imperador, que lhe concedeu autoridade para criar legislação e fazer decisões judiciais. O senado administrava o tesouro público de Roma e governava o províncias senatoriais. Aqui é mostrado o Fórum Romano, o centro religioso e assuntos politicos. A Cúria, onde o Senado se reunia para negócios oficiais, é a praça edifício próximo ao topo central da foto (veja também a inserção). Paul diz ao seu público para se submeter às autoridades governamentais.

Além de motivar o bom comportamento dos cidadãos, o governo tem um segunda responsabilidade: punir criminosos (13: 4b). "Carregar a espada" pode se referir ao romano
ius gladii, a autoridade do governo para infligir a morte (ver Tácito, Hist.3,68). Mas, de acordo com AN Sherwin-White, esta prática parece ter sido confinada ao poder dos governadores provinciais romanos de condenar à morte os cidadãos romanos servindo nas forças armadas.

[254]Portanto, “carregar a espada” não seria relevante para a maioria dos cristãos romanos, que não eram cidadãos romanos servindo nas forças armadas. Paulo, então, provavelmente está se referindo ao direito divino do governo de punir o crime em geral. E pode muito bem ser que o Antigo Testamento de Paulo

Os antecedentes o levaram a incluir em “carregar a espada” o direito de infligir a pena de morte (cf. Gênesis 9: 6), embora isso pudesse ser debatido. Ao aplicar a punição, o funcionário do governo é novamente chamado de "servo" (

diakonos) por Paul.

13: 5 não apenas por causa de uma possível punição, mas também por uma questão de consciência.O versículo 5 resume 13: 1-4. O governo é ordenado por Deus para punir os criminosos, e isso deve motivar os cristãos a obedecer. Mais do que isso, os cristãos devem obedecer ao governo por causa da consciência: submeter-se ao governo é se submeter a Deus.

13: 6-7Se você deve impostos, pague impostos; . . . se respeito, então respeito.Os versículos 6-7 listam duas responsabilidades que incumbem aos cristãos (e, nesse caso, a todos os cidadãos) aos governantes seculares. O primeiro é especificamente o pagamento de impostos, sejam eles diretos ou indiretos (lembre-se de meu comentário anterior a esse respeito). Paulo mais uma vez indica que as autoridades seculares são "servas" de Deus (mas desta vez a palavra é

Leitourgos não diakonos) Leitourgia(da qual obtemos a palavra “liturgia”) é um termo cúltico na LXX para serviço a Deus no templo. Os impostos, em parte, pagam os salários dos funcionários do governo, o que, Paulo

sugere, tem a aprovação de Deus (observe a conexão entre os impostos e os funcionários que se dedicam em tempo integral ao seu trabalho, embora a intenção de Paulo na última descrição possa significar que os funcionários se dedicam a governar em geral). Mencionei acima que ambos os impostos diretos (

foros) e impostos indiretos (telos) são pretendidos por Paul. Paulo provavelmente se concentrou nos impostos porque este é o símbolo mais óbvio do domínio do governo sobre seu povo. Nisto, Paulo tinha o selo divino de aprovação de Jesus: “Devolva a César o que é de César” (Marcos 12:17; Mat. 22:21; Lucas 20:25).

A segunda responsabilidade que os cristãos e todos os cidadãos têm para com suas autoridades políticas é mostrar-lhes honra e respeito em geral. Afinal, nossos funcionários, especialmente aqueles na linha de fogo, se colocam em perigo para nos proteger. Portanto, devemos a eles, assim como a Deus que os designou, o máximo em honra e respeito.

Mas o que um cristão deve fazer quando o governo exige desobediência a

Deus? A resposta de Pedro é clara e as ações de Paulo estão de acordo: devemos obedecer a Deus e não aos seres humanos (Atos 5:29). Mas alguns casos não são tão simples. Devemos pagar impostos a um governo que apóia clínicas de aborto? Os cristãos devem ir à guerra em defesa de seu país? A igreja deve apoiar a pena de morte? As respostas para esses dilemas e outros dependerão da consciência individual. No entanto, qualquer crente que se sinta compelido a infringir a lei em nome da justiça e da fé cristã deve fazê-lo de forma não violenta e estar preparado para enfrentar as consequências da desobediência civil. Pelo menos é isso que suspeito que Paul diria sobre o assunto.

Percepções TeológicasVárias verdades teológicas estão contidas em Romanos 13: 1-7. Primeiro, o governo é uma instituição divina. Em segundo lugar, este é o caso até mesmo para governos injustos, uma vez que não ter qualquer forma de governo é gerar anarquia e desastre político. Terceiro, os cristãos devem apoiar seus governos pagando impostos e mostrando respeito a seus funcionários. Quarto, se, entretanto, um regime político exige que os cristãos desobedecem a Deus, eles devem recusar-se respeitosamente a fazê-lo de maneira não violenta e estar preparados para sofrer as consequências.

Ensinando o Texto

O esboço de dois pontos oferecido acima cobre bem Romanos 13: 1-7: “O Divino Estabelecimento do Governo” (vv. 1-5) e “Responsabilidade Humana para com o Governo” (vv. 6-7). Mas provavelmente também devemos considerar um terceiro ponto: há um tempo em que os cristãos devem se opor ao seu governo?

Paulo deixa claro em 13: 1-5 que as autoridades políticas são ordenadas por Deus. E feliz é a nação cujo pressuposto filosófico e compromisso legal é que o governo deve ser dirigido por e para o povo. Mas essa noção abençoada é apenas um desenvolvimento bastante recente na teoria governamental (a Grécia antiga merece algum crédito por esse processo). Paulo escreveu suas palavras (cerca de 55-57 DC) durante o reinado do Imperador Nero (54-68 DC), cujos primeiros cinco anos foram bons para o Império Romano. Depois disso, porém, foi tudo uma ladeira abaixo para

Nero e aqueles a quem ele perseguia e torturava. Pode-se argumentar, então, que, uma vez que Paulo escreveu sua carta às igrejas romanas durante os bons anos de Nero, a ordem do apóstolo de ser obediente ao governo era retratável. No entanto, quando Pedro escreveu sua carta às mesmas igrejas romanas em algum momento entre 64 e 68 DC, no auge das atrocidades de Nero, ele basicamente repetiu as palavras de Paulo para obedecer ao governo, se possível (1 Pedro 2: 13-17). E o próprio Paulo continuou a chamar a igreja para honrar e orar pelo rei e seu

magistrados até sua morte (veja 1 Tim. 2: 1-3). Tudo isso para dizer que a condição imoral de um governo não revoga o chamado apostólico para que os cristãos obedeçam a seus governos (embora veja meus comentários abaixo).

De acordo com o segundo ponto de Paulo em 13: 6-7, os crentes devem respeitar as autoridades e pagar seus impostos. Obviamente, sem o último, o governo não poderia sobreviver. Com relação ao primeiro, os seguidores de Jesus fariam bem em lembrar que as autoridades civis - policiais, bombeiros, soldados e assim por diante - muitas vezes se colocam em perigo para proteger seus cidadãos. Isso certamente deve contar para algo quando se fala daqueles que têm autoridade sobre nós.



Esta moeda de sestércio romano mostra a imagem do imperador Nero. O imperador controlava o tesouro imperial, que pagava todas as despesas associadas à administração e controle das províncias imperiais. Os impostos eram a principal fonte de renda do Império Romano durante o primeiro século DC e eram cobrados dessas províncias conquistadas por Roma. Havia o imposto de propriedade de taxa fixa anual conhecido como

tributum soli (1 por cento na Síria durante a era do Novo Testamento) e o ano tributum capitis,
ou imposto por cabeça, cobrado de indivíduos dentro de uma certa faixa etária (um denário, conforme registrado nos Evangelhos). Roma também arrecadou dinheiro por meio de impostos sobre vendas; impostos sobre herança; pedágios de estradas, pontes e portos; e taxas alfandegárias de importação e exportação. Paulo instrui seus

leitores a pagarem seus impostos.

No entanto, nosso mundo não é perfeito e os governos podem se tornar parte do problema em vez de parte da solução. O que o cristão deve fazer neste caso? Paulo, Pedro e João oferecem alguma orientação inspirada nesse assunto. Paulo diria que devemos orar por nossos oficiais e respeitá-los, mesmo que nos façam mal. Pedro diria que se os cristãos são ordenados a desobedecer a Deus, eles devem discordar respeitosamente e obedecer a Deus. E o apocalipse de João reforça a postura de Pedro, lembrando à igreja que Jesus, não César, é o Senhor.

Este é o melhor que os crentes podem esperar até a parusia e o estabelecimento da única regra perfeita.

Ilustrando o Texto

O governo é uma instituição divina, por isso devemos pagar impostos e respeitar os funcionários.

Bíblia:Use a história de Daniel. Daniel 6: 4 diz: “Então os presidentes e os sátrapas procuraram encontrar fundamento para reclamação contra Daniel com respeito ao reino, mas não puderam encontrar fundamento para reclamação ou qualquer falta, porque ele foi fiel, e sem erro ou falta foi encontrado nele ”(ESV). O que está claro aqui é que Daniel foi respeitoso em sua atitude e conformidade com as expectativas estabelecidas e os líderes do reino em que se encontrava.

Literatura: A milha verde, por Stephen King.O personagem principal deste romance (1996), John Coffey, um presidiário no corredor da morte que possui extraordinários poderes de cura, sempre mostra respeito aos oficiais na prisão, embora enfrente grandes privações e sofrimentos e vá para a morte falsamente acusado. Uma versão em filme foi feita em 1999.

Se um regime exige desobediência a Deus, devemos recusar sem violência e aceitar as consequências.

História: “Carta da Cadeia de Birmingham”, de Martin Luther King Jr.Poucos documentos ilustram tão poderosamente a recusa amorosa de cooperar com os erros perpetrados pelo governo como esta carta escrita em 16 de abril de 1963. Esta resposta a uma declaração publicada crítica de King por oito clérigos brancos do Alabama foi moldada em circunstâncias difíceis. Sem papel para escrever, ele rabiscou nas margens de uma página de jornal. Um assessor contrabandeou o jornal para fora da prisão. King não apenas trabalhou dentro dos parâmetros da lei, mas também realizou manifestações pacíficas contra a discriminação racial. A carta é literária, cheia de ricas metáforas e ilustrações convincentes, um sermão que deixa qualquer leitor com convicção e uma melhor compreensão do papel da coragem na vida do cristão. As passagens desta carta podem ser lidas em voz alta; é uma peça memorável e citável.

Ética e Escatologia

Grande ideia

Ética e escatologia andam de mãos dadas. Porque a era vindoura amanheceu, os cristãos participam da nova aliança; mas porque a era atual continua, os cristãos devem amar os outros e não cuidar da carne. Na verdade, o amanhecer da era por vir em Cristo capacita os crentes a amarem os outros na era presente. A lei do Antigo Testamento não poderia cumprir isso.

Temas principais de Romanos 13: 8-14

A era por vir e a nova aliança amanheceram.
A ética da nova aliança é o amor, que supera a pecaminosidade da carne nesta era, algo que a lei não poderia fazer. O amor cumpre a lei do Antigo Testamento.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 13: 8-14 retoma a discussão de Paulo sobre o amor cristão em 12: 9-21. Ao mesmo tempo, 13: 8-14 antecipa o desafio de Paulo aos cristãos romanos de amarem uns aos

outros em 14: 1-15: 13.

Romanos 13: 8-14 divide-se em duas seções: a ética do amor (vv. 8-10) e o alvorecer do eschaton (vv. 11-14). Os dois parágrafos estão intimamente relacionados:

-
-
-

o amor é o poder da era vindoura, a estipulação da nova aliança; apenas ela, não a lei, pode vencer a carne deste presente século mau.

Eu descrevo essas duas seções desta forma:

1. A ética do amor (13: 8-10)
    uma. O cumprimento da lei e a presença da nova aliança (13: 8, 10)
    b. O amor é o cumprimento da lei na maneira como trata o próximo (13: 8-10)
2. O amanhecer da era por vir (13: 11-14)
    uma. O indicativo da idade por vir (13: 11-12a)
    b. O imperativo necessário para a presente era maligna (13: 12b-14)

Antecedentes Históricos e Culturais Várias tradições informam a ética e escatologia de Paulo em 13: 8-14.

1. A redução da lei por Jesus ao amor a Deus e ao próximo informa a ordem de Paulo de amar os outros (ver Lev. 19:18; Marcos 12: 29-31; Mat. 22: 37-39; Lucas 10: 27-28).

2. A linguagem de Paulo sobre tirar e vestir roupas é considerada por muitos como uma alusão ao batismo cristão primitivo.[255]

3. Romanos 13: 11-14 está totalmente imerso no apocalipticismo judaico. Evald Lövestam aponta para uma série de textos escatológicos judaicos que embasam a passagem.

[256]Eu acrescentaria à discussão de Lövestam que os textos que ele lista são informados por uma leitura apocalíptica da tradição deuteronômica, especialmente o padrão de pecado, exílio e restauração que compõe a história de Israel (ver "O Tema de Romanos" na introdução) . Assim, por exemplo, Amós 5:18, 20 inverte o significado do dia do Senhor para Israel, atribuindo a ele trevas e exílio (maldições deuteronômicas) por causa de seu pecado, não luz e libertação. Um dia, porém, Israel se arrependerá e obedecerá ao Senhor, resultando em restauração e salvação (bênçãos deuteronômicas [Amós 9: 13-15]). Da mesma forma, Isaías 60: 19-20 prevê o levantamento do julgamento de Deus sobre Israel (maldições deuteronômicas) e a subsequente restauração da terra, junto com a nova obediência a Deus.

[257]



Conhecido hoje como San Giovanni in Fonte, ou Batistério de Latrão, este antigo edifício octogonal foi construído no século IV DC por Constantino, o Grande. As paredes são tudo o que resta da estrutura original. Abrigou o primeiro batistério de Roma.

Eu sugiro que o pano de fundo anterior lança uma luz significativa sobre o fundamento judaico de Romanos 13: 8-14: está em consonância com a esperança de que a obediência à Torá nesta era (13: 8-10) trará a era por vir e as bênçãos deuteronômicas (13: 11-14). Paulo, no entanto, inverte essa tradição: apenas aqueles cuja fé está em Cristo, não na lei, e que, portanto, vivem uma vida de amor (13: 8-10) são participantes das bênçãos deuteronômicas da era por vir. Isso é o que significa revestir-se de Cristo (13.14a). Ao fazer isso, os cristãos não oferecem oportunidade para a carne (13: 14b). É possível que por causa da natureza polêmica de 13: 8-13 (Paulo livra seu evangelho da acusação de libertinagem), e porque em outros lugares em Romanos Paulo afirma que a lei não é páreo para a carne, uma vez que realmente desperta o pecado (3:20; 4:15; 7: 7-11; 8: 3), devemos entender que Paulo disse em 13: 14b que seguir a Torá não é a maneira de superar a natureza pecaminosa (contra os judaizantes). Na realidade, as tentativas de seguir a Torá trazem desobediência e as maldições deuteronômicas. Se assim for, a reversão de Paul

provocar a desobediência e as maldições deuteronômicas. Se assim for, a reversão de Paul
o motivo em 13: 8-14 fica claro: a fé em Cristo (que já obedeceu e, portanto, encerrou a Torá) traz as bênçãos Deuteronômicas; mas os esforços para seguir a lei em seu próprio poder não eliminam as maldições deuteronômicas.

Percepções interpretativas 13: 8-10quem ama os outros cumpre a lei. . . o amor é o cumprimento da lei.
Os versos 8-10 apresentam a ética do amor. O conceito-chave neste parágrafo, que o amor é o cumprimento da lei, forma um

inclusio(13: 8, 10). Douglas Moo corretamente aponta que "cumprir" significa para Paulo o cumprimento escatológico da lei, que foi cumprido em Cristo (como argumentei acima).

[258]Os cristãos, portanto, porque estão em Cristo e disseminam seu amor, não precisam se preocupar com nenhum outro mandamento. Romanos 13: 10b forma um

inclusiocom 13: 8b e deve ser lido à mesma luz: o cristão que ama, e que, portanto, faz o que a lei exige (8: 9-10a), trouxe a Torá ao seu ápice. Em outras palavras, a nova aliança chegou e sua ética é o amor.

Mas como isso se relaciona com os mandamentos que Paulo menciona em 13: 9? Existem três pontos de vista. Primeiro, existe a visão tradicional, ou luterana, afirmada acima com referência a Moo. A lei foi consumada em Cristo. O cristão, portanto, não está obrigado a nenhuma parte da lei, certamente não aos aspectos civis e cerimoniais, e nem mesmo ao aspecto moral - os Dez Mandamentos. Em vez disso, o amor de Cristo fluindo através do crente cumpre tudo o que a lei sempre pretendeu (embora Moo talvez permita o papel contínuo da lei na vida cristã à luz da pecaminosidade humana). Em segundo lugar, existe a visão calvinista, que diz que os Dez Mandamentos devem funcionar como um medidor do comportamento do cristão. Isso geralmente é chamado de "terceiro uso" da lei.

[259]Terceiro, James Dunn aborda 13: 8-10 da Nova Perspectiva de Paulo. A maldição da lei foi levantada em Cristo para que agora os crentes possam obedecer à lei no poder do Espírito e guiados pelo amor.

[260] As duas últimas visões parecem perder o significado escatológico das declarações de Paulo em 13: 8, 10 (o amor cumpre a lei): Cristo é o fim da lei.

> Os versículos 9-10 afirmam Levítico 19:18 positivamente, "ame o seu próximo como
> a si mesmo ”e, negativamente,“ o amor não faz mal ao próximo ”. O último lembra a regra de ouro negativa no judaísmo (ver Tob. 4:15; Sir. 10: 6; Deixar. Aris. 168, 207).



Membros da comunidade de Qumran se referiam a si mesmos como "os filhos da luz" e, em seu manuscrito dos Manuscritos do Mar Morto, conhecido como o War Scroll(fragmento mostrado aqui) o escritor profetiza um conflito entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas. Paulo usa terminologia semelhante quando diz aos crentes romanos que “deixem de lado as obras das trevas e vistam a armadura da luz” (Rom. 13:12).

13: 11-14A hora já chegou. . . revistam-se do Senhor Jesus Cristo.
Esses versículos atestam a sobreposição das duas eras na teologia de Paulo. Os versos 11-12a enfatizam o aspecto indicativo da salvação: em virtude do evento Cristo, a era por vir se aproxima e, com ela, a salvação dos crentes. Três pistas temporais em 13:11 confirmam ser este o caso: (1) a palavra "tempo" (

Kairos) é um dos termos escolhidos por Paulo para se referir ao alvorecer do eschaton (cf. Rom. 3:26; 5: 6; 1 Cor. 7:29); (2) as palavras "já a hora" (

hōra ēdē) transmitem uma conotação escatológica definida, inspirando-se na ideia de Daniel de que Deus designou um tempo para cumprir sua promessa da chegada de seu reino (Dan. 8:17, 19; cf. 1 João 2:18; Ap. 3: 3, 10); (3) as palavras “nossa salvação está mais perto agora do que quando cremos pela primeira vez” estão repletas de linguagem escatológica. "Agora" (

nyn) refere-se à presença da era por vir (cf. Rom 3:21; 5: 9; 2 Cor. 6: 2), e “salvação” (
sōtēria) refere-se à integridade redentora e libertação espiritual do cristão,

um processo iniciado pela fé e que logo culminará na parusia. Esta salvação se aproximou "mais perto" (

Engyteron), um termo que lembra a proclamação de Jesus da chegada do reino de Deus, a era por vir (Marcos 1:15; 13: 28-29; cf. Tiago 5: 8; 1 Ped. 4: 7).

O Atraso da Parusia

No passado, vários estudiosos do Novo Testamento afirmaram que Jesus ensinou que voltaria no vida de seus discípulos, o que não ocorreu. Isso supostamente perturbou muito a igreja primitiva. Esse fenômeno é chamado de "atraso da parusia". Mas duas evidências contestam a alegação de que o atraso da parousia foi um problema generalizado para os primeiros cristãos. (1) Jesus permitiu um atraso em seu retorno (veja as parábolas do servo fiel, as dez virgens e os talentos em Mat. 24: 45-25: 30). (2) A tensão escatológica “já, mas ainda não” encorajou a igreja primitiva.

Embora Cristo não tenha retornado na primeira geração, a igreja primitiva viu sua primeira vinda como escatológica. Ou seja, a primeira vinda de Cristo inaugurou os sinais dos tempos e da era por vir (por exemplo, anticristo, grande tribulação, apostasia, sublevação cósmica, chegada do Espírito). Porque os sinais dos tempos já estavam em movimento no primeiro século DC, a igreja do Novo Testamento focou sua atenção mais no Filho do que nos sinais. O que ficou na história foi apenas a vindoura intensificação e culminação daqueles sinais dos tempos que já foram iniciados e, assim, garantiram o retorno de Cristo. Assim, a igreja primitiva parecia ver a segunda vinda de Cristo como um epílogo adequado para sua primeira vinda.

Esses termos temporais, então, indicam que a salvação e o tempo do fim já amanheceram para o crente. No entanto, a mensagem salvífica de 13: 11-12a ocorre no contexto da época presente; daí a ênfase de Paulo em 13: 12b-14 sobre a necessidade de os cristãos viverem vidas santas. É claro que, para o apóstolo, a escatologia forma a base da ética cristã. Conseqüentemente, duas ordens gerais são emitidas: Os cristãos devem deixar as obras das trevas e vestir as armas da luz. Este respectivo derramamento da injustiça e o uso da justiça refletem a luta contínua que os crentes enfrentam porque vivem entre as duas épocas. A metáfora do conflito entre as trevas e a luz traz à mente a batalha escatológica entre os injustos e os justos imaginada na literatura de Qumran (1QM 1.1, 8-14; 13. 5-16; ver também 1QS 1.9-10; 3,24-25; 4,7-13), bem como 1 Tessalonicenses 5: 1-9.

[261]

Além disso, 13: 11-14 não deve ser isolado da discussão anterior sobre 13: 8-10, pois o primeiro se refere ao mandamento do amor no último: faça isso (cumprir a lei pelo amor), sabendo que o eschaton amanheceu (13: 11-14). Essa conexão é importante porque fornece a lógica abrangente de 13: 8-14, que é que Paulo está respondendo à polêmica de seus oponentes judaizantes. A liberdade da lei não leva a uma vida licenciosa; antes, o amor cristão sozinho fornece vitória sobre a carne (11:14). Esse entendimento acentua o fato de que, para o cristão, a lei foi extinta e agora é substituída pelo amor. A Torá, portanto, não governa a experiência cristã; antes, é a estipulação de amor da nova aliança que o faz.

Percepções Teológicas Várias verdades baseadas em Romanos 13: 8-14 impactam o Cristão. Primeiro, a única dívida que o crente tem é amar a Deus e aos outros. A ordem de Paulo em 13: 8-10 não pode ser entendida como proibindo, em nosso tempo, o uso (prudente) de cartões de crédito, hipotecas e assim por diante. Em vez disso, enfatiza que amar os outros é uma obrigação contínua para os crentes. Em segundo lugar, o cristão está sob o amor, não a lei. Mas, como mostra o Sermão da Montanha, amar os outros é mais exigente e radical do que a própria Torá. Somente o poder do Espírito Santo pode realizar tal comportamento. Terceiro, o poder de amar está disponível para o cristão porque a era por vir, a nova aliança e o reino de Deus (todos os conceitos semelhantes) surgiram. Assim, os cristãos amam os outros (13: 8-10) e a Deus, agradando-o com vidas santas (13: 11-14).

Ensinando o Texto

Eu usaria o título desta unidade, "Ética e Escatologia", e o esboço de acompanhamento para ensinar ou pregar Romanos 13: 8-14. O ponto básico a ser feito é que a escatologia - o alvorecer da era por vir - dá aos cristãos o poder de amar a Deus e aos outros e, portanto, a força para não abraçar uma mentalidade escapista relativa a esta época. Com relação à ética, observei acima que 13: 8-10 indica que viver uma vida de amor a Deus e aos outros cumpre a lei do Antigo Testamento e até excede seus requisitos. Portanto, não há espaço para licenciosidade na vida cristã ou para uma atitude arrogante em relação ao pecado. E o poder de viver uma vida sobrenatural de amor nasceu na pessoa de Cristo, que por seu Espírito habita em seu povo (13: 11-14). No entanto, também podemos olhar novamente para os comentários de Paulo sobre ética e escatologia de uma perspectiva ligeiramente diferente. A ética obviamente se concentra no aqui e agora, enquanto a escatologia encontra seu cumprimento final no retorno de Cristo. Supondo que seja esse o caso, também podemos detectar que 13: 8-14 oferece um equilíbrio saudável para a vida e a eternidade das seguintes maneiras.

Se nós, como cristãos, nos concentrarmos apenas na ética - o aqui e agora - tentando trazer a utopia para a terra apenas através do voto, justiça social, transformando o estruturas da sociedade com o evangelho, e assim por diante, então provavelmente teremos uma grande decepção. Teólogos têm tentado fazer isso por séculos, desde aqueles que primeiro legalizaram o Cristianismo, aos Cruzados da Idade Média, aos teonomistas do século XX, aos teólogos da libertação do passado e do presente. E todos eles, sem exceção, falharam em suas louváveis tentativas de inaugurar o reino de Deus por meio do esforço humano. O que é necessário aqui é o humilde reconhecimento de que somente o próprio Deus trará seu reino a este planeta.

Mas, por outro lado, se a igreja perder de vista sua vocação divina de ser o sal e a luz da terra, tornando-se obcecada com a data da segunda vinda ou outros fenômenos escatológicos, ela se tornará tão celestial que será nenhum bem terreno. Portanto, Paulo oferece precisamente o equilíbrio certo para a igreja em 13: 8-14: ela deve se concentrar em pregar o evangelho e amar os outros (ética), o tempo todo sabendo que a resolução final aguarda o retorno de Jesus Cristo (escatologia).

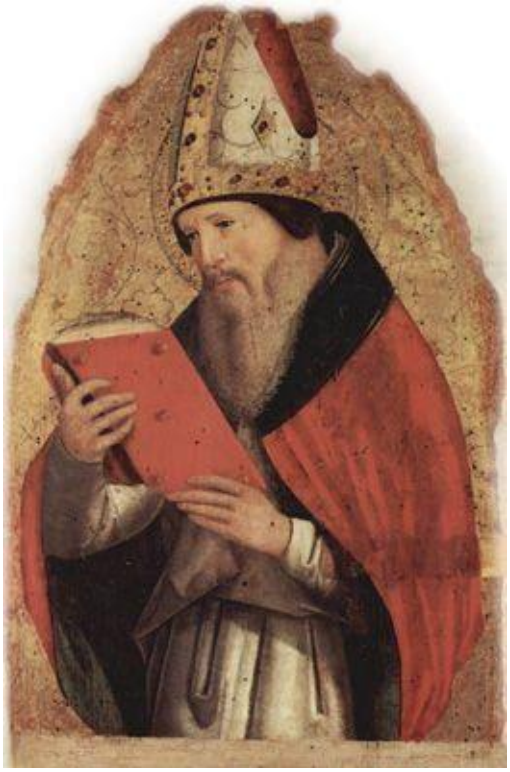
Ilustrando o Texto

Nossa dívida contínua é amar os outros.

Literatura: Os Miseráveis, de Victor Hugo.Em uma cena bem conhecida desse romance (1862), que foi transformada em uma peça da Broadway e adaptada para o cinema, o condenado fugitivo Jean Valjean é acolhido pelo bispo Myriel e recebe dignidade e abrigo. No entanto, Valjean rouba os talheres do bispo e foge. Quando ele é capturado, o bispo protege Valjean, dizendo que ele havia dado os talheres para ele e de fato se perguntou por que Valjean havia deixado os castiçais. Este ato de amor muda profundamente a vida de Valjean para sempre, e ele se torna uma grande força de amor e generosidade para o resto de sua vida.

Compreendendo a escatologia, devemos parar de pecar e nos comportarmos decentemente.

História: Em seu livro magistral sobre a escatologia do Novo Testamento, Cristo e o tempo, Oscar Cullmann comparou a primeira e a segunda vinda de Cristo ao Dia D e ao Dia VE da Segunda Guerra Mundial. Assim como o Dia D marcou o início do fim para os exércitos do Eixo, também a morte e ressurreição de Jesus sinalizou a invasão vitoriosa da era pelo reino de Deus. Mesmo depois do Dia D, no entanto, houve outro ano de guerra e morte antes da vitória final. Da mesma forma, mesmo após o triunfo da ressurreição de Jesus, a guerra espiritual continuará a ser o destino do povo de Deus até a parusia. O resultado da batalha, entretanto, não está em dúvida; o cristão está do lado do vencedor.



Agostinho de Hipona (354-430 DC), um dos maiores teólogos de todos os tempos, foi profundamente influenciado pela carta de Paulo aos Romanos. A pintura mostrada aqui é de Antonello da Messina (1472-73 DC).

Pais da Igreja: Agostinho, em seu Confissões (397-98 DC), revela como ele experimentou sua conversão a Cristo meditando em Romanos 13: 13-14 (Conf. 8.12.29). O desafio de Paulo de se revestir do Senhor Jesus Cristo e não fazer a provisão para a carne (a natureza pecaminosa) deu poder a Agostinho para romper com sua imoralidade passada e entregar sua vida a Cristo e seu reino.

“Fraco e forte” deve se dar bem

Grande ideia

Romanos 14: 1-15: 13 forma uma unidade em si mesma, contendo o apelo de Paulo para que os cristãos romanos se entendessem - especificamente, que os fracos e os fortes na fé aceitassem um ao outro em Cristo. Romanos 14: 1-12 começa a discussão com uma exortação dupla (vv. 1-3, 10-12) baseada em uma explicação teológica (vv. 4-9).

Temas principais de Romanos 14: 1-12

Cristãos fortes e fracos em Roma são aceitos em Cristo e, portanto, devem aceitar uns aos outros.
Os cristãos fortes e fracos em Roma são responsáveis perante Cristo.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto No passado, alguns estudiosos argumentaram que Romanos 14: 1-15: 13 é um material parenético que Paulo inclui em sua carta neste ponto, mas que não tem conexão real com as igrejas em Roma.

[~~262~~] De acordo com essa visão, Paulo reescreve e generaliza suas instruções anteriores em 1 Coríntios 8: 1-11: 1 em Romanos 14: 1-15: 13.

[~~263~~]Para ter certeza, há semelhanças entre Romanos 14: 1-15: 13 e 1 Coríntios 8: 1-11: 1: ambos se dirigem aos “fracos” (na fé); ambos centram-se na controvérsia sobre se os cristãos devem se abster de certos



-
-

alimentos; ambos admoestam os crentes em suas decisões a respeito desse assunto de não se tornarem pedra de tropeço para seus irmãos.[264]

A maioria dos intérpretes hoje argumenta que Romanos 14: 1-15: 13 se concentra em um
situação divisiva nas congregações romanas - seja comer carne, beber vinho, observar certos dias como santos - com Paulo finalmente respondendo: "Amai-vos uns aos outros". Este tema de amar os outros tem dominado a discussão de Paulo desde 12: 9. Além disso, diferenças significativas entre Romanos 14: 1-15: 13 e

1 Coríntios 8: 1-11: 1 indica que Paulo adaptou seu material parenético no último para se aplicar a uma situação específica no primeiro. Por exemplo, ao contrário

1 Coríntios 8: 1-11: 1, Romanos 14: 1-15: 13 não faz nenhuma menção à idolatria ou comer carne dedicada a divindades pagãs no templo, que são as questões-chave abordadas em 1 Coríntios 8: 1-11: 1 . Portanto, parece claro que Romanos 14: 1-15: 13 fala sobre um assunto específico nas igrejas romanas.

Romanos 14: 1-15: 13, a maioria dos comentaristas reconhece, divide-se em quatro seções: 14: 1-12; 14: 13-23; 15: 1-6; 15: 7-13. Romanos 14: 1-12, como Douglas Moo observa, é quiástico na estrutura:
[265]

A exortação à unidade (14: 1-3)
B A teologia para a unidade (14: 4-9)

UMA′ A exortação à unidade (14: 10-12)

Seguirei essa divisão na seção "Insights interpretativos" abaixo.

Antecedentes Históricos e CulturaisO pano de fundo chave para Romanos 14: 1-15: 13 é a identificação do forte e do fraco na fé. Como esse pano de fundo domina toda a seção de Romanos, devo apresentar aqui uma discussão extensa dessa identificação.

Moo delineia convenientemente seis categorias possíveis de identificação do fraco e do forte:

1. Os "fracos" eram principalmente cristãos gentios que se abstinham de carne (e talvez vinho), particularmente em certos dias "rápidos", sob a influência de certas religiões pagãs.

2. Os "fracos" eram cristãos, talvez judeus e gentios, que praticava um estilo de vida ascético por razões que não podemos determinar.

3. Os "fracos" eram principalmente cristãos judeus que observavam certas práticas

derivado da lei mosaica por uma preocupação em estabelecer a justiça diante de Deus.

4. Os "fracos" eram principalmente cristãos judeus que seguiam um sectário programa ascético como meio de expressar sua piedade. Este programa pode ter sido produto de tendências sincréticas.
5. Os "fracos" eram principalmente cristãos judeus que, como alguns dos Os coríntios acreditavam que era errado comer carne que se vendia no mercado e provavelmente estava contaminada pela idolatria.
6. Os "fracos" eram principalmente cristãos judeus que se abstinham de certos tipos de alimentos e observava certos dias de contínua lealdade ao Lei mosaica.



Restos do mercado de dois andares que fazia parte do fórum de Trajano em Roma (início do século II dC). Escritórios administrativos e lojas teriam ocupado esta área.

Moo, seguindo CEB Cranfield,[~~266~~] opta pela sexta visão, com a qual concordo. Moo apresenta quatro evidências em apoio a essa afirmação. Em primeiro lugar, a disputa entre os fracos na fé e os fortes (14: 1-15: 13) corresponde a

as diferenças entre judeus e gentios (veja Rom. 1: 18-4: 22; 9-11; 15: 14-33). Em segundo lugar, a origem judaica da posição dos fracos pode ser vista claramente no termo

koinos (“Impuro” [14:14]), que se tornou uma forma semitécnica de proibir certos alimentos sob a lei mosaica (ver Marcos 7: 2, 5; Atos 10:14).

[267] É provavelmente sob essa luz que devemos entender as referências ao abstenção de carne e vinho (14: 3, 6b, 14b, 21) junto com a observância de dias especiais (14: 6) por parte dos fracos na fé.
[268]Essas considerações eliminam efetivamente a primeira, a segunda e a quarta opções acima. Terceiro, o apelo de Paulo para que ambos os fracos e fortes aceitassem um ao outro indica que os fracos não estavam propagando visões antitéticas ao evangelho, como estava sendo feito pelos judaizantes, para quem Paulo reservou sua crítica mais contundente (ver Rom. 1:18 -3: 31). Este ponto refuta a terceira opção acima. Quarto, a falta de menção de “comida sacrificada aos ídolos” (cf. 1 Cor. 8: 1) fala contra a quinta opção acima. Assim, chegamos à sexta opção como a identificação preferida. Os fracos na fé eram em grande parte cristãos judeus que se sentiam obrigados a manter os aspectos rituais da lei,

[269] enquanto os fortes na fé eram em sua maioria gentios (e cristãos judeus, como Paulo) que não sentiam tal compulsão, porque perceberam que o papel da lei terminava na cruz.

Percepções interpretativas 14: 1-3Aceite aquele cuja fé é fraca. . . pois Deus os aceitou.Em 14: 1-3, Paulo dá a primeira de duas exortações encontradas em 14: 1-12: Os cristãos devem aceitar uns aos outros assim como Deus os aceitou. Os versos 1-3 desdobram essa exortação em afirmações paralelas:

O forte na fé (vv. 1-2)

Os fracos na fé (v. 2b)
Os fortes na fé (v. 3a) Os fracos na fé (v. 3b)

Para os fortes na fé - aqueles em sua maioria cristãos gentios mais alguns judeus Cristãos como Paulo, que comiam carne - Paulo oferece o desafio de receber os fracos na fé, mas não com o propósito de brigar com eles para menosprezá-los (14: 1-2a). Em 14: 3a, Paulo reafirma a exortação: os fortes na fé não devem desprezar ou menosprezar os cristãos que evitam a carne não kosher. Da mesma forma, 14: 2b e 14: 3b admoestam os fracos na fé a não julgarem os que comem alimentos não kosher. Tal atitude de julgamento traz à mente a atitude condescendente dos judeus para com os gentios no capítulo 2. Em vez disso, ambos os grupos devem aceitar um ao outro plena e incondicionalmente porque sua fé, forte ou fraca, está em Cristo e, portanto, Deus aceita ambas as partes.

[270]



Fragmento da tampa do sarcófago mostrando uma cena de banquete do Cemitério da Via Anapo, em Roma (280-300 DC). Nessas passagens, Paulo diz aos crentes em Roma que eles devem amar e aceitar uns aos outros, independentemente de suas convicções individuais sobre o que é apropriado comer e beber.

14: 4-9Quem é você para julgar o servo de outra pessoa? . . viver ou morrer, nós pertencem ao Senhor. Nesses versículos, Paulo fornece o fundamento teológico de por que os dois grupos em Roma deveriam aceitar um ao outro: ambos são responsáveis perante Deus e Cristo.

[271]O versículo 4 afirma explicitamente a lógica teológica: nem os fortes nem os fracos têm o direito de julgar um ao outro, uma vez que ambos são servos, tendo o Senhor como seu senhor. Somente ele tem a prerrogativa de julgar, e ele dará poderes a cada grupo para ser aceito (implícito) no dia do julgamento.

Os versos 5-6 especificam a situação em Roma: cada indivíduo toma uma decisão pessoal em matéria de carne, dias especiais e vinho, visto que tanto os fortes como os fracos tomam suas respectivas posições perante e em agradecimento a Deus.

Os versos 7-9 afirmam que os cristãos não vivem nem morrem apenas para si mesmos. Em vez disso, visto que Jesus Cristo morreu e ressuscitou, os cristãos vivem e morrem para Cristo seu Senhor.

14: 10-12 cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus. Os versículos 10-12 voltam à exortação dada em 14: 1-3: Paulo repreende os fracos por julgarem seus companheiros crentes (14: 10a) e os fortes por desprezar seus companheiros crentes.

(14: 10b). Não deveria ser assim, porque ambos comparecerão ao tribunal de Deus.
[272] Paulo reforça o fato de que todos estarão diante de Deus em julgamento citando Isaías 45:23 LXX: “Todo joelho se dobrará e toda língua confessará a Deus” (cf. Fp 2:11).

[273]Paulo conclui sua exortação com o lembrete de que todos prestarão contas de suas vidas a Deus. Portanto, duas razões surgem em 14: 1-

12 quanto a por que o fraco e o forte devem aceitar-se mutuamente: primeiro, Deus e Cristo aceitaram a ambos; segundo, ambos são responsáveis perante Deus e Cristo.

Percepções Teológicas Romanos 14: 1-12 trata de "coisas duvidosas" ou "cinza áreas ”, coisas que não são questões fundamentais da fé cristã, mas sim são questões de liberdade cristã. Portanto, para os fracos e os fortes na fé, Paulo dá duas exortações. Primeiro, porque ambos são aceitos por Deus, ambos devem ser bem-vindos como irmãos na fé. Em segundo lugar, porque ambos respondem perante Deus, em questões não essenciais nenhum dos lados tem o direito de julgar o ponto de vista do outro.

Ensinando o Texto

Uma boa abordagem para comunicar Romanos 14: 1-12 é apresentar alguns questões não essenciais contemporâneas em uma tentativa de compreender a situação que Paulo abordou nas igrejas romanas. (Questões não essenciais são preocupações que são importantes, mas não se relacionam diretamente com os fundamentos da fé cristã; esses fundamentos incluem a justificação pela fé, a divindade de Cristo, a volta de Cristo, o nascimento virginal de Cristo e a inspiração da Bíblia) Depois, mostre de 14: 1-12 os dois princípios que Paulo oferece aos cristãos que lidam com “coisas duvidosas”: porque todos os cristãos são aceitáveis e prestam contas a Deus, os cristãos devem amar seus irmãos, mesmo quando discordam em assuntos não essenciais. O teólogo luterano Rupertus Meldenius (1582-1651) apresentou a melhor solução: no essencial, que haja unidade; nas coisas não essenciais, que haja liberdade; em todas as coisas haja caridade.

Aqui está uma lista de alguns dos problemas não essenciais que a igreja enfrenta hoje: comprimento do cabelo para homens, tatuagens, bebidas alcoólicas, tabaco, formas apropriadas de entretenimento, tipos de música em cultos de adoração, ordenação de mulheres para o ministério pastoral, dízimo ou proporcional dar, quer os dons mais espetaculares do Espírito estejam operando hoje ou não, o governo da igreja, o modo de batismo, quer a Ceia do Senhor e o batismo sejam sacramentais ou não. Em todos esses Romanos 14: 1-12 deve ser trazido à discussão.

No entanto, uma advertência deve ser adicionada a essa discussão. Não estamos falando sobre

questões que a Bíblia claramente condena. Isto é, algumas coisas que estão sendo debatidas no mundo ocidental moderno não podem ser perdoadas se desejamos viver uma vida baseada na Bíblia. Talvez o assunto mais polêmico debatido hoje em algumas igrejas seja a homossexualidade e, relacionado a isso, o casamento do mesmo sexo. Freqüentemente, aqueles que apóiam o estilo de vida homossexual dizem que a mesma Bíblia que condena tal prática também apóia a escravidão e a discriminação contra as mulheres. Portanto, argumenta-se que, para ser consistente, não se pode ter as duas coisas - apelando para a Bíblia contra uma causa (homossexualidade), mas ignorando seu apoio a outras (escravidão e discriminação contra as mulheres). William Webb escreveu um livro explicando por que as Escrituras proíbem o comportamento homossexual, mas não devem ser usadas para tolerar a escravidão e negar a ordenação de mulheres.

[274]A resposta de Webb é essencialmente que, embora a Bíblia rejeite claramente a homossexualidade, ela é ambígua em relação à escravidão e à desigualdade das mulheres. E é o povo de Deus que, seguindo a trajetória do ensino bíblico, percebe que a semente foi lançada por Paulo para o eventual derrube dessas duas últimas injustiças.

Ilustrando o Texto

Tanto os cristãos fortes quanto os fracos devem ser bem-vindos como irmãos na fé.

Literatura: O progresso do peregrino, por John Bunyan. Na parte 1, seção 8 do O progresso do peregrino
(1678), Esperançoso e Cristão ouvem a história de um “homem bom” chamado Pequena-Fé que mora na cidade de Sincero. Ele é muito perturbado por três irmãos, Faint-Heart, Mistrust e Guilt, que tentam roubá-lo e até batem em sua cabeça. Mesmo assim, a Grã-Graça, da cidade

de Good-Confidence, o ajuda a se levantar. Claramente, Little-Faith sempre sentirá seus problemas profundamente; no entanto, ele não se afastou do céu. Em sua versão anotada deste livro clássico, Warren Wiersbe comenta: “Este é um dos nomes favoritos de nosso Senhor para seus discípulos

..... Veja Mateus 8:26; 14:31; 16: 8 ... Deus honra até mesmo um pouco de fé. Nem todos os cristãos são grandes vencedores. ”[275]

Citar: Vida juntos, de Dietrich Bonhoeffer.Este pequeno livro é o relato da experiência do Pastor Bonhoeffer (1906-45) da comunidade cristã, a história do seminário subterrâneo conduzido durante os anos nazistas, mostrando como a vida juntos em Cristo pode ser continuada em famílias e em grupos. Bonhoeffer escreve,

> Deus não quer que eu molde a outra pessoa conforme a imagem que me parece boa, isto é, à minha própria imagem; antes, em sua própria liberdade de mim, Deus fez essa pessoa à sua imagem. Nunca poderei saber de antemão como a imagem de Deus deveria aparecer nos outros
>
> .....Fortes e fracos, sábios e tolos, talentosos ou não, piedosos ou ímpios, os diversos indivíduos na comunidade são

não mais incentivos para falar, julgar e condenar e, portanto, desculpas para a autojustificação. Eles são antes motivo de regozijo um no outro e de servir um ao outro. Cada membro do

comunidade recebe seu lugar particular . Em uma comunidade cristã, tudo depende de se cada indivíduo é um elo indispensável na cadeia inquebrável ..... Todo cristão

a comunidade deve perceber que não apenas os fracos precisam dos fortes, mas também que os fortes não podem existir sem os fracos. A eliminação dos fracos é a morte da comunhão.[~~276~~]

Os cristãos devem amar uns aos outros, mesmo quando temos perspectivas diferentes.

Filme: Banquete de Babette.Este filme dinamarquês vencedor do Oscar (1987) é baseado na história com o mesmo título de Isak Dinesen (1885-1962). Nesta bela história, o tema do amor extravagante e sacrificial é central. Babette, uma chef proeminente de Paris, chega à costa desolada da Jutlândia, escapando de um levante político no qual seu marido e filho foram mortos. Ela implora a duas irmãs, Martine e Philippa, que presidem uma igreja envelhecida e decrépita, que a contratem como serva, e ela dá tudo para livrar essas pessoas de sua religião pobre e sem amor, de viverem com pobreza, brigarem entre si enquanto reivindicam fé . Depois de catorze anos como cozinheira, um dia ela ganha uma considerável soma de dinheiro na loteria e opta por gastá-la em um suntuoso banquete para a comunidade. Ela convida este grupo "escolhido congelado" para uma refeição pródiga para saborear a alegria da abundância da vida. Babette os persegue de sua escuridão para um caminho melhor, de amor um pelo outro, de alegria.

Romanos 14: 13-

Cristãos fortes e fracos: O novo e as antigas alianças

Grande ideia Os cristãos em Roma que são fortes na fé devem, por limitando sua própria liberdade, ame os cristãos que são fracos na fé. Em outras palavras, os cristãos que estão vivendo na nova aliança devem amar os cristãos que estão vivendo como eles estão na velha aliança.

- Temas principais de Romanos 14: 13-23

- Os cristãos que são fortes na fé estão desfrutando das bênçãos da nova
- aliança.
  Os cristãos que são fracos na fé estão vivendo como na velha aliança.
  Os fortes na fé devem amar os fracos na fé, não ostentando sua liberdade cristã de comer carne, beber vinho e não observar os dias judaicos de celebração, incluindo o sábado.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 14: 13-23 continua as instruções de Paulo para o fortes e fracos na fé em Roma, concentrando-se na necessidade dos cristãos

forte na fé para amar os cristãos fracos na fé. Eles deveriam fazer isso por limitando sua própria liberdade em Cristo e por não ostentar essa liberdade no igrejas em Roma. O esboço de Douglas Moo de 14: 13-23 é bom, observando uma estrutura quiástica que lembra 14: 1-12:

> Uma exortação aos fortes na fé: Não façam tropeçar os fracos (14: 13-16)
>
> > B Base da exortação: O reino de Deus é mais do que comida e bebida (14: 17-18)
>
> UMA′ Exortação aos fortes na fé: Não façam tropeçar os fracos (14: 19-23)[277]

Antecedentes Históricos e CulturaisTrês informações básicas são vitais para a compreensão de Romanos 14: 13-23: a linguagem da aliança, o reino de Deus (e esses dois primeiros são quase sinônimos) e a tradição de Jesus. O primeiro deles exigirá uma discussão considerável, mas lançará muita luz sobre esta passagem.

1. Vários termos-chave em Romanos 14: 13-23 estão enraizados no Segundo Templo As convicções do Judaísmo sobre a antiga aliança (para mais informações sobre esses termos, consulte a barra lateral): “pedra de tropeço” (o substantivo proskomma[vv. 13, 20]; o verbo proskoptō[v. 21]) e “obstáculo” (Skandalon[v. 13]); “Impuro” (koinos[v. 14]) versus "limpo" (Katharos[v. 20]); "destruir" (Apollymi[v. 15]) e os termos relacionados "causar luto" (lypeō[v. 15]) e “destruir” (Katyō[v. 20]); “Blasfemar” (blasphēmeō[v. 16]) e “bom” (agathos[v. 16]); “Construindo” (oikodomē [v. 19]); para não mencionar os requisitos rituais para evitar a carne não kosher e o vinho dedicado às divindades pagãs (v. 21). Todas essas palavras se relacionam com a adesão do antigo judaísmo à lei alimentar para ser santo diante de Deus e participar de sua aliança. Comer alimentos impuros, ao contrário, era quebrar as estipulações do convênio e sofrer suas maldições.

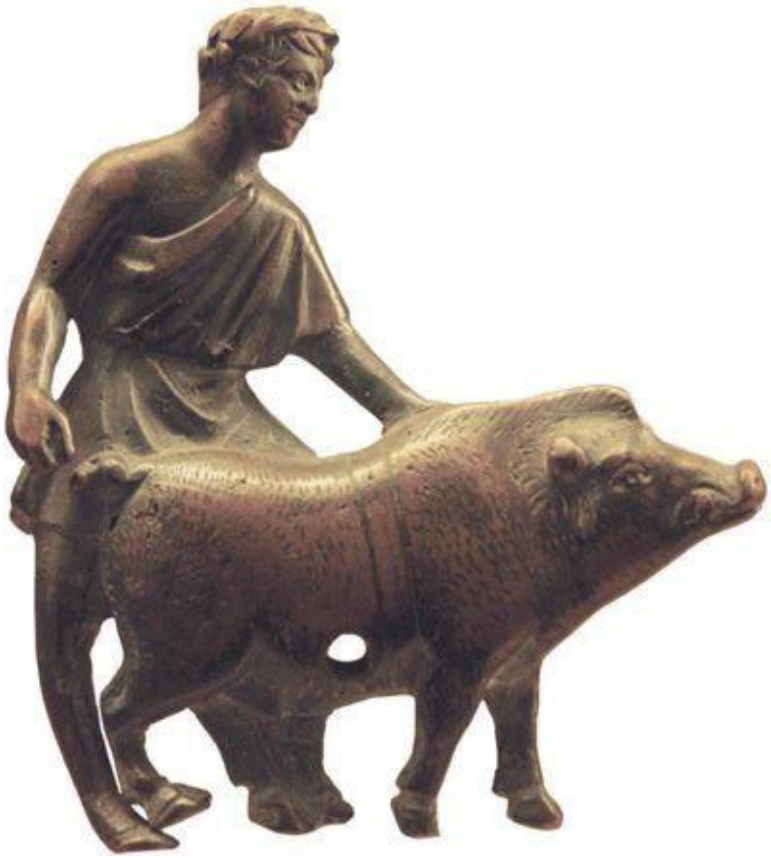
2. Paulo se refere ao reino de Deus em Romanos 14:17 (em outro lugar em 1 Coríntios 4:20; Colossenses 1:13 [reino do filho de Deus]; 1 Tes. 2:12 com referência ao aspecto “já” , e em 1 Cor. 6: 9, 10; 15:24, 50; Gal. 5:21; Ef. 5: 5 [reino de Cristo e Deus]; Col. 4:11; 1 Tes. 2:12; 2 Tessalonicenses 1: 5; 2 Timóteo 4: 1, 18 com referência ao aspecto “ainda não”). Romanos

14:17 descreve o reino como justiça, paz e alegria no Espírito Santo, que são as bênçãos da nova aliança.

3. A tradição de Jesus também sustenta Romanos 14: 13-23:

Romanos 14: 13-23	Evangelhos Sinópticos

Não julgue (v. 13)	Matt. 7: 1; Lucas 6:37
Impuro (v. 14)	Marcos 7:15
O reino de Deus (v. 17)	105 vezes nos Evangelhos Sinópticos
O reino de Deus e comer / beber (v. 17)	Lucas 22:30; veja também Matt. 6:25; 11: 18-19; João 6:54
Alegria (v. 17)	Matt. 5:12
Todas as coisas limpas (v. 20)	Marcos 7:19



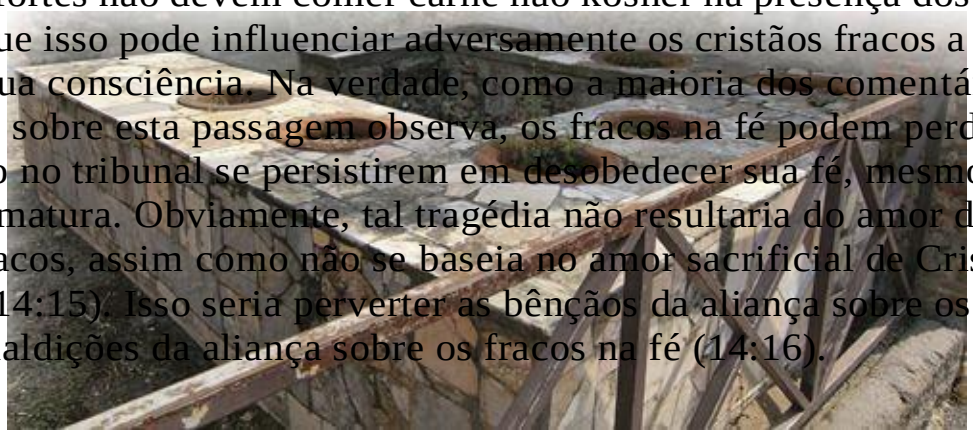
Um dos animais sacrificados pelos romanos para fins religiosos foi o porco. A carne de porco também era uma das carnes que gostavam de comer. Este relevo romano de bronze do primeiro ao segundo século DC mostra um javali decorado para o sacrifício com uma larga fita ao redor de sua barriga. Segundo a lei judaica, o porco era considerado "impuro" e nunca seria comido ou usado para sacrifício.

Percepções interpretativas 14: 13-16não colocar nenhum obstáculo. . . no caminho de um irmão ou irmã.

Ao começar minha interpretação de 14: 13-23, pode ser útil reunir com antecedência a argumentação desses versículos, levando em consideração a seção "Antecedentes históricos e culturais". Eu faço isso fazendo três declarações. Primeiro, está claro que Jesus e agora Paulo descartam as leis alimentares como meio de guardar e permanecer no convênio. Em vez disso, o

o reino de Deus amanheceu e, com ele, a nova aliança, que é feita pela fé somente em Cristo. Em termos de 14: 13-23, pode-se dizer, então, que os crentes fortes na fé estão na nova aliança e estão vivendo como ela desfrutando da justiça, paz e alegria do reino de Deus. Essas pessoas desfrutam das bênçãos da nova aliança (14:22). Em segundo lugar, os crentes fracos na fé estão na nova aliança (Paulo os chama de "irmãos e irmãs" em 14:13, 15, 21), mas sua adesão às leis dietéticas indica que estão vivendo como na antiga aliança . Terceiro, Paulo desafia os fortes na fé a demonstrar a ética da nova aliança - amor - para com seus irmãos mais fracos.

O versículo 13 tem um jogo com a palavra "juiz" (Krinō)[278] Paulo diz a eles para não “julgarem” uns aos outros para “julgar” isto: que eles não façam um irmão crente tropeçar. O foco de 14:13, e de fato toda a seção de 14: 13-23, está no crente que é forte na fé, não usando a liberdade em relação às leis dietéticas como uma pedra de tropeço para o crente fraco que se sente compelido a observar o distinção limpa / impura. Embora Paulo fique do lado dos fortes porque Cristo aboliu as leis alimentares (compare 14: 14a com Marcos 7:15; cf. Atos 10:15; 11: 9; 15: 9), ele desafia os fortes a considerar as convicções dos fraco nesse assunto (14: 14b). Assim, os crentes fortes não devem comer carne não kosher na presença dos fracos na fé, porque isso pode influenciar adversamente os cristãos fracos a comerem contra sua consciência. Na verdade, como a maioria dos comentários recentes sobre esta passagem observa, os fracos na fé podem perder a salvação no tribunal se persistirem em desobedecer sua fé, mesmo que sua fé seja imatura. Obviamente, tal tragédia não resultaria do amor dos fortes pelos fracos, assim como não se baseia no amor sacrificial de Cristo pelos fracos (14:15). Isso seria perverter as bênçãos da aliança sobre os fortes na fé em maldições da aliança sobre os fracos na fé (14:16).



Os residentes de classe baixa de Roma, que teriam incluído muitos na

público, vivia em prédios de apartamentos que não possuíam cozinhas internas. A culinária seria feita ao ar livre ou, mais freqüentemente, os alimentos seriam comprados de vendedores. Este termopólio preservado em Pompéia funcionava de maneira semelhante ao nosso moderno restaurante de fast food. Frascos para comida ou bebida faziam parte da estrutura do balcão, e os clientes compravam sua refeição e ficavam para comê-la. Isso pode explicar a discussão de Paulo sobre as escolhas alimentares, visto que comer dessa maneira não seria um assunto privado.

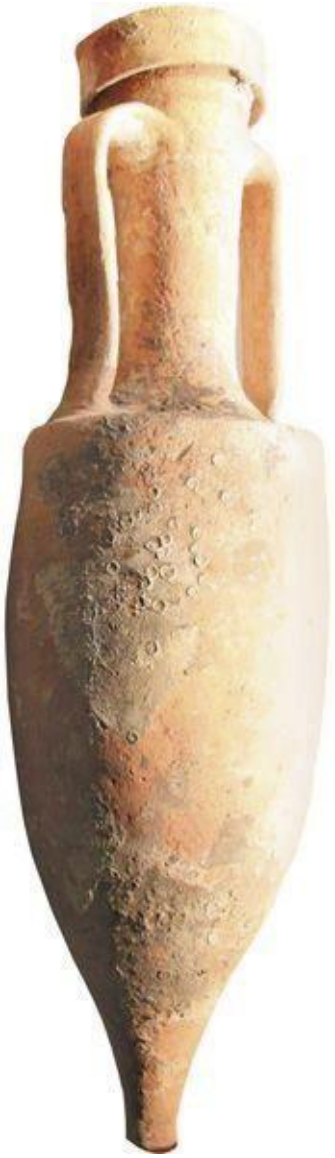
14: 17-18o reino de Deus é. . . justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Os versos 17-18 fornecem o fundamento teológico por trás da exortação de Paulo aos fortes: o que realmente importa para Deus não é se alguém come ou bebe, mas o reino de Deus. Vimos anteriormente que Paulo usa a tradição de Jesus para falar do amanhecer do reino de Deus. O reino de Deus é o reino de Deus no coração de seu povo. Ele é seu rei e eles são seus súditos. Portanto, o reino de Deus envolve serviço a Deus e aos outros, neste caso serviço aos fracos na fé, colocando limites à própria liberdade. Isso é o que agrada a Deus e aos outros (14:18).

Paulo usa três substantivos - “justiça”, “paz” e “alegria” - para caracterizar as bênçãos do reino de Deus, todas as quais procedem do Espírito Santo (cf. Rom. 5: 1-5). “Justiça” é a justiça imputada de Deus ao pecador pela fé em Cristo, que traz paz com Deus e alegria escatológica. O Espírito é aquele que une o crente a Cristo e sua justiça (cf. Rom. 8: 1-16). Portanto, justiça, paz e alegria no Espírito são bênçãos da nova aliança (14:17).

14: 19-23 faça o que leva à paz e à edificação mútua.Com 14: 17-18 como base teológica, Paulo retoma sua exortação aos fortes na fé em 14: 19-23. Os versículos 19-20a desafiam os fortes a unificar a igreja fazendo todos os esforços para trazer paz e edificação em seu relacionamento com os fracos na fé. Do contrário, os fortes ostentando sua liberdade diante dos fracos destruirão a igreja por causa da questão da comida, que é espiritual

não essencial.

Os versículos 20b-21 expandem a exortação de Paulo ao declarar que a liberdade de comer carne e beber vinho pode fazer com que os fracos tropecem e caiam na fé. Portanto, o forte deve limitar sua liberdade.



Uma ânfora da Itália usada para transportar e armazenar vinho (primeiro século AC). Este desenho de cerâmica, com o pé ou base pontiagudo, permitia que os potes fossem armazenados na vertical, empurrando-os em solo fofo ou colocando-os em prateleiras com orifícios. O vinho era provavelmente a bebida mais comum na região do Mediterrâneo. Também era usado por culturas pagãs como uma oferenda de libação aos deuses. Em Romanos 14:21, Paulo diz: "É melhor não comer carne, nem beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa que faça cair o teu irmão ou irmã."

O versículo 23, entretanto, encoraja os fortes na fé a desfrutar sua liberdade em Cristo, mas a fazê-lo em particular ou pelo menos não na presença de crentes fracos. Ao praticar a liberdade de comer carne e beber

vinho, os fortes na fé podem desfrutar da aprovação e bênção de Deus e, portanto, da nova aliança.

O versículo 22 contém dois princípios, um sobre os fracos na fé e outro

em relação a todos os crentes. Os fracos na fé não devem comer carne e beber vinho se acreditarem que, ao fazê-lo, infringem as leis dietéticas do pacto. Ir contra sua consciência os condena agora e, finalmente, no dia do julgamento diante de Deus. Em outras palavras, é melhor para os fracos na fé não desfrutarem atualmente da liberdade da nova aliança do que deixar de permanecer nessa aliança. O segundo princípio se dirige a todos os crentes: toda a vida deve ser vivida pela fé, pois não fazer isso é pecado. Na verdade, a fé é o meio de justificação, santificação e glorificação.

Terminologia da Aliança em Romanos 14: 13-23

Muitos dos termos-chave que Paulo usa em Romanos 14: 13-23 estão enraizados na aliança do Antigo Testamento.[uma]
Proskomma (“Pedra de tropeço”) é encontrada no Antigo Testamento (LXX) e no Judaísmo do Segundo Templo em conexão com a idolatria do antigo Israel (Êxodo 23:33; 34:12; Jer. 3: 3), como é
Skandalon
(“Obstáculo”) (Juízes 2: 3; 8:27; Salmos 106: 36 [105: 36 LXX]; Oséias 4:17; Sb 14:11). Skandalon está especificamente relacionado com a idolatria de comer alimentos gentios (Jdt 12: 2;
Pss. Sol. 4,23).

Koinos(“Impuro, profano”) é usado na LXX para refletir as preocupações com a pureza das leis dietéticas que acompanharam a postura dos Macabeus e pós-Macabeus contra o Helenismo. Assim, 1 Macabeus 1:47, 62 descreve os israelitas fiéis como aqueles que se recusaram a comer “impuros” (koinos) Comida. Essa preocupação é correspondida em outra parte da preocupação do Judaísmo em manter as leis de pureza (Juízes 12: 1-2; Jub. 3,8-14;Pss. Sol.8,12, 22; 1QS 3.5; CD 12.19-20), uma preocupação mantida especialmente pelos fariseus e essênios. Assim, “limpo” (Katharos) é o oposto de comida impura (não kosher) (Gênesis 7: 2-3, 8; 8:20; Lev. 4:12; 6:11 [6: 4 LXX]; 7:19; Esdras 6:20; Mal. 1:11; Jdt. 12: 9; 1 Macc. 1:48;Pss. Sol. 8,12, 22; Deixar. Aris. 166; T. Levi15,1; Philo,Espec. Leis4.106; cf. Marcos 7:19; Atos 10:15; 11: 9).

James Dunn afirma que "destruir" (Apollymi) está enraizado em Deuteronômio em relação ao destino dos israelitas infiéis, cujo julgamento divino os remove da aliança com Yahweh. Dunn lê os termos relacionados em Romanos 14: 13-21, "causar pesar" (lypeō) e "destruir" (Katyō), sob uma luz semelhante.

Para as nuances da aliança de "blasfêmia" (blasphēmeō) e bom" (agathos), nos voltamos novamente para Dunn, que observa que os termos se referem a maldições e bênçãos da aliança, respectivamente.
[b]

Finalmente, “construindo” (oikodomē) é um conceito favorito no livro de Jeremias, onde o julgamento de Deus sobre Israel ao enviá-los ao cativeiro babilônico é descrito como "demolição" e a restauração futura de Israel (na nova aliança) é descrita, usando o verbo

relacionado oikodomeō, como a "edificação" de Deus (Jer. 12:16; 31: 4, 28 [38: 4, 28 LXX]; 33: 7 [40: 7 LXX]; 42:10 [49:10 LXX]; 45: 4 [51:34 LXX]).

[uma]Para uma discussão desses termos e referências em relação ao seu cenário de aliança, consulte Dunn, Romanos 9-16, 817-29.

[b]Dunn, Romanos 9-16, 821.

Percepções TeológicasVárias verdades emergem de Romanos 14: 13-23. Primeiro, os cristãos mais maduros podem muito bem precisar limitar sua liberdade em Cristo por causa dos cristãos mais fracos e pela unidade da igreja. Em segundo lugar, embora este seja

portanto, não precisa significar que cristãos fortes devam viver em escravidão aos caprichos dos outros. Limitar a liberdade tem limites razoáveis. Terceiro, de qualquer maneira - forte ou fraco na fé - a vida cristã é uma caminhada de fé.

Ensinando o Texto

Existem duas boas maneiras de ensinar / pregar Romanos 14: 13-23. Pode-se seguir o esquema dado acima: exortação aos fortes (14: 13-16); base teológica no reino de Deus (14: 17-18); exortação aos fortes (14.19-23). Pode-se também seguir uma ordem lógica ao cobrir esses versículos: (1) Os fortes na fé desfrutam das bênçãos da nova aliança. (2) Os fracos na fé estão na nova aliança, mas vivem como na velha aliança. (3) Os fortes na fé devem demonstrar para os fracos na fé a ética da nova aliança: o amor. De qualquer forma, o título desta unidade - "Cristãos Fortes e Fracos: A Nova e a Antiga Alianças" - pode servir como o título da lição ou sermão desta passagem.

Também podemos comparar os fortes na fé hoje com aqueles que se sentem confortáveis com o uso responsável de bebidas alcoólicas, ou que se sentem à vontade para usar para a igreja o que quiserem, ou que preferem um culto amigo do buscador. Mas ao adorar com crentes que se sentem desconfortáveis com os assuntos anteriores, o forte pode precisar renunciar a uma taça de vinho, ou se vestir de maneira diferente, ou adicionar um toque mais tradicional à adoração. Meu pai morreu por causa do alcoolismo. Conseqüentemente, eu não bebo nenhuma bebida alcoólica. Alguns de meus colegas ministeriais, por outro lado, sentem-se confortáveis em beber com responsabilidade. No entanto, quando estão comigo, são suficientemente atenciosos para não beberem. Nesse caso, eu seria o cristão fraco na fé, e eles seriam os fortes na fé, limitando sua liberdade na minha presença.

Ilustrando o Texto

Cristãos maduros devem limitar sua liberdade para os fracos e para a unidade da igreja.

Citar: Martin Luther. Em sua bela peça "Um Tratado sobre a Liberdade Cristã", Lutero escreve o seguinte:

> Embora o cristão seja assim livre de todas as obras, ele deve nesta liberdade esvaziar-se, tomar sobre si a forma de um servo, ser feito à semelhança dos homens, ser encontrado na moda como um homem e servir , ajude e de todas as maneiras trate com seu próximo, visto que ele vê que Deus por meio de Cristo tratou e ainda trata consigo mesmo. E isso ele deve fazer livremente, sem levar em conta nada, exceto

aprovação divina.[279]

A consciência de cada cristão deve ser o guia para o que é certo ou errado.

Literatura: The Screwtape Letters, por CS Lewis.Na Carta XIII desta famosa peça satírica (1941), Screwtape, um demônio sênior, aconselha o jovem Absinto, um tentador júnior, a fazer o cristão desistir de todos os "gostos e aversões" em vez, é claro, de pensar sobre o que é certo ou errado. Ele deve fazer com que o cristão se afaste das preferências pessoais, tornando-se neutro. Screwtape continua,

> Eu mesmo levaria isso muito longe. Eu estabeleceria como regra erradicar de meu paciente qualquer gosto pessoal forte que não fosse realmente um pecado, mesmo que fosse algo bastante trivial, como gostar de críquete do condado ou colecionar selos ou beber chocolate. Essas coisas, eu garanto a você, nada têm de virtude nelas; mas há uma espécie de inocência, humildade e esquecimento de si mesmo que desconfio. O homem que verdadeira e desinteressadamente desfruta de qualquer coisa no mundo, por si mesma, e sem se importar com o que outras pessoas dizem sobre isso, está, por esse mesmo fato, armado contra
>
> alguns de nossos modos de ataque mais sutis.[280]

Esta seção pode ser feita como um diálogo dramático antes da mensagem.

Embora os cristãos sejam chamados a abster-se sacrificialmente de desfrutar de alguns
coisas para o bem de nossos irmãos e irmãs mais fracos, isso não deve obscurecer a verdade mais profunda de que Deus criou essas (e muitas outras coisas agradáveis) como boas (veja Rom. 14:16).

A Unidade dos Fortes e Fracos e a Nova Aliança

Grande ideia Paulo conclui seu desafio para os fortes e fracos Cristãos em Roma, que começou no capítulo 14. Aqui ele desafia os fortes e os fracos a viverem em unidade, afirmando assim a presença da nova aliança.

Temas principais de Romanos 15: 1-13

Os cristãos fortes na fé em Roma são desafiados por Paulo a limitar sua liberdade por causa de seus irmãos mais fracos.
Tanto fortes quanto fracos são desafiados por Paulo a aceitarem um ao outro.
A unidade de forte (cristão gentio) e fraco (cristão judeu) é a prova de que a promessa do Antigo Testamento da nova aliança está presente em Cristo.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 15: 1-13 conclui o desafio de Paulo iniciado em 14: 1 para que os cristãos fortes e fracos sejam unificados. O tema da nova

aliança continua a dominar a discussão. Conseqüentemente, descrevo Romanos 15: 1-13 assim:



-
-
-

1. A unidade do forte e do fraco como ilustração da nova aliança (15: 1-6)

uma. A exortação ao forte (15: 1-2)

b. A justificativa para a exortação (15: 3-4)

eu. O sacrifício de Cristo (15: 3)

ii. O testemunho do Antigo Testamento (15: 4)

c. A unidade do forte e do fraco (15: 5-6)

2. Cristo e o cumprimento das profecias do Antigo Testamento de judeus e gentios na nova aliança (15: 7-13)

uma. A exortação aos fortes e fracos (15: 7a)

b. A glória resultante para Deus (15: 7b)

c. As bênçãos da nova aliança (15: 8-13)

Antecedentes Históricos e Culturais Como muitos comentários bem reconhecem, as profecias do Antigo Testamento sobre a vinda da nova aliança são o pano de fundo chave que informa Romanos 15: 1-13. [281]Tal pano de fundo explica os seguintes termos: "encorajamento", "esperança", "verdade", "misericórdia", "promessas" aos "patriarcas", "alegria" e "paz", junto com a catena dos textos do Antigo Testamento que Paulo cita em 15: 9-12. Eu agora faço um breve comentário sobre cada um deles.

Primeiro, "encorajamento" (15: 4, 5) é a palavra paraklēsis, o termo famoso em Isaías 40 e seguintes (LXX; na forma do verbo parakaleō) que se refere à futura restauração de Israel e à nova aliança.

Em segundo lugar, “esperança” (Elpis), como vimos em 5: 1-5, também alude à esperança de restauração de Israel e à nova aliança. Mas aqui em 15: 1-13 “esperança” é uma propriedade dos gentios porque eles também compartilham da nova aliança do povo de Deus. Isso está em contraste com os gentios antes de Cristo, que estavam fora da aliança com Deus e, portanto, não tinham esperança (ver Efésios 2: 12-13).

Terceiro, "verdade" e "misericórdia" (15: 8-9) se combinam para trazer à mente hesed, A fidelidade de Deus à sua aliança com Israel no Antigo Testamento.

Quarto, as “promessas” do Antigo Testamento aos “patriarcas” (15: 8) consistem na mesma aliança / nova aliança abraâmica.[282]

Quinto, 15: 9-12 baseia-se em quatro textos do Antigo Testamento que predizem que a nova aliança (ou a restauração de Israel) unificará judeus e gentios em seu louvor a Deus (2 Sam. 22:50 // Sal. 18:49 ; Deut. 32:43; Sal. 117: 1; Isa. 11:10). E isso agora está sendo cumprido em Cristo.

Sexto, “alegria” e “paz” descrevem algumas das bênçãos da chegada da nova aliança (lembre-se dos comentários em Rom. 14:17 para a primeira e em 5: 1-5

para o último em relação a estes dois termos).

Percepções interpretativas 15: 1-2 Nós, que somos fortes, devemos suportar as falhas dos fracos.
Os versículos 1-6 têm como tema a unidade dos fortes e fracos como uma ilustração da nova aliança. Acabamos de notar a influência da nova aliança em 15: 1-13 como um todo. Os versos 1-2 fornecem o primeiro passo em direção à unidade dos fortes e fracos em Roma. Os fortes devem suportar as fraquezas dos que não são fortes. O forte (

Hoi Dynatoi) são, como em Gálatas 6: 2, para suportar (
bastazō) as cargas (fraquezas) dos fracos (Hoi Adynatoi), como Jesus calibre (bastazō) nossas doenças (Mt 8:17). Em outras palavras, os fortes na fé (Paulo se inclui nesta categoria) devem ter cuidado para não permitir que sua liberdade em relação à lei ritual machuque os fracos na fé. À luz do que Paulo disse desde 14: 1 e o que ele dirá até 15:13, podemos resumir as duas categorias de forte e fraco desta forma:

Forte na fé	Fraco na Fé
Gentios	judeus
Não observe a lei ritual	Observe a lei

Os fortes devem ser sensíveis aos fracos (Paulo os chama de "nossos vizinhos" [15: 2]) como um ato de abnegação que edificará os crentes judeus cujos escrúpulos não permitirão que descartem a lei ritual.

15: 3 Pois até mesmo Cristo não agradou a si mesmo. A justificativa para tal a exortação aos fortes é que Cristo se sacrificou pelos outros. Citando Salmo 69: 9, Paulo aplica esse texto a Cristo. Cristo aceitou as reprovações amontoadas sobre Deus pelos pecadores. O Salmo 69 é aplicado à paixão de Cristo no Novo Testamento (Mat. 27:34, 48; Marcos 15:23, 36; Lucas 23:36; João 2:17; 15:25; 19:29; Atos 1: 20; Rom. 11: 9-10), então é apropriado que Paulo cite isso neste contexto. Assim como Cristo estava disposto a ser desprezado pela honra de Deus, também os fortes deveriam abandonar sua liberdade pelos fracos.

15: 4 por meio da perseverança ensinada nas Escrituras e do encorajamento que elas fornecem, podemos ter esperança.

Paulo ainda apela ao Antigo Testamento como um todo para motivar os fortes a serem sensíveis aos fracos. Paulo acreditava que o Antigo Testamento deu testemunho de Cristo e de sua igreja (veja, por exemplo, 1 Cor. 10: 1-11). Aqui Paulo diz que as Escrituras produzem “perseverança” e “encorajamento” (ou “conforto”) e, portanto, “esperança” para os crentes. À luz do tema da nova aliança que informa "encorajamento" e "esperança", sugiro que Paulo tem o

história de Israel em mente aqui (cf. novamente 1 Cor. 10: 1-11): O pecado e o exílio de Israel
("resistência," hipomon) dará lugar à restauração ("incentivo, conforto," paraklēsis) e, portanto, esperança (Elpis) Mas esta mensagem do a restauração de Israel inclui gentios (ver 15: 9-12 a seguir). Relembrando a falta de esperança que os gentios suportaram porque estavam fora do pacto (veja novamente Ef. 2: 11-13), podemos traçar Romanos 15: 4 desta forma:

Antes de Cristo	Em Cristo
Os gentios estavam no exílio porque estavam fora da aliança e sem esperança.	Os gentios estão na nova aliança e tenha esperança.

Podemos, assim, resumir 15: 3-4 dizendo que, uma vez que a morte sacrificial de Cristo trouxe os gentios à nova aliança, o mínimo que os fortes na fé em Roma (gentios) podem fazer é se sacrificar por seus irmãos e irmãs cristãos judeus fracos lá em Roma.



Antes de Cristo ser sentenciado à crucificação, ele foi açoitado e ridicularizado pelos soldados romanos. Ele suportou esses insultos mesmo sendo o Messias. Estas estatuetas de mármore do século XIV DC retratam o açoitamento de Cristo.

15: 5-6 Que o Deus que dá perseverança e encorajamento lhe dê o

mesma atitude de espírito.Os versos 5-6 exortam os fortes e os fracos em Roma a serem um com o outro. Ambos estavam em pecado e exílio, mas agora foram restaurados por Cristo e feitos para serem participantes da nova aliança (observe novamente os termos “perseverança” e “encorajamento”). Essa unidade trará glória a Deus. E tal unidade de judeus e gentios trazendo glória a Deus, como 15: 7-12 deixará claro, ilustrará que Deus é fiel às suas promessas de aliança do Antigo Testamento.

15: 8-12para que as promessas feitas aos patriarcas fossem confirmadas. . . . para que os gentios glorifiquem a Deus.Os versículos 8-12 mostram que Cristo cumpriu as profecias do Antigo Testamento que judeus e gentios compartilharão juntos na nova aliança. Paulo afirma sua tese em 15: 8-9a, enquanto em 15: 9b-12 ele fornece a prova do Antigo Testamento. Os versículos 8-9a afirmam que Cristo cumpriu as promessas da aliança de Deus aos patriarcas, que incluíam em seu alcance a conversão dos gentios.

[283]De acordo com 15: 8, Jesus era um servo dos circuncisos (os judeus), pois nele Deus foi fiel à sua aliança com Abraão. Com respeito à referência à nova aliança, recorde meus comentários em 3: 21-4: 25 no sentido de que a morte e ressurreição de Jesus cumpriu a promessa da aliança de Deus de salvação para Abraão pela fé. Além disso, também observei nesse contexto que Paulo alinha a aliança abraâmica com a nova aliança, e isso em oposição à aliança mosaica. Os termos "verdade" (15: 8) e "misericórdia" (15: 9) lembram

hesed, o termo do Antigo Testamento para a fidelidade de Deus à sua aliança com Abraão e Israel. De acordo com 15: 9, a promessa de Deus a Abraão, bem como a nova aliança, inclui a salvação dos gentios e, conseqüentemente, seu louvor a Deus.

Os versos 9b-12, então, fornecem a prova do Antigo Testamento de que Cristo está cumprindo

A promessa de Deus de incluir judeus e gentios na nova aliança. Paulo se baseia em cinco versículos do Antigo Testamento:

Romanos	Antigo Testamento
Versículo	2 Samuel 22:50 // Salmo
Verso 10	Deuteronômio 32:43
Verso 11	Salmo 117: 1
Versículo	Isaías 11:10

Aqui, farei um breve comentário sobre esses textos do Antigo Testamento. As palavras de

2 Samuel 22:50 // Salmo 18:49 vem de um salmo de Davi em louvor a Deus pela vitória sobre os gentios. Como Douglas Moo aponta, Paulo interpreta o salmo tipologicamente de Cristo: Cristo conquistou os gentios ao convertê-los e incluí-los em seu governo messiânico.[284]

Como Thomas Schreiner observa, Deuteronômio 32:43 vem no final de

A canção de Moisés contra Israel contendo a ameaça das maldições da aliança. Mas essas maldições, prediz Moisés, conduzirão Israel e os gentios a Deus.[285]

O Salmo 117: 1 exorta os gentios a louvarem ao Senhor. Como Moo observa, a razão para tal louvor é que os gentios também experimentarão a fidelidade de Deus à sua aliança com Israel (Salmos 117: 2).[286]

Isaías 11:10 é a profecia do Messias, o "ramo" davídico que libertará Israel. Além disso, Isaías é famoso por sua predição de que os gentios serão convertidos a Yahweh no final dos tempos em conexão com a restauração de Israel (por exemplo, Isaías 2: 1-4; 12: 4-5; 17: 7-8; 19: 18-25). Para Paulo, Jesus é aquele ramo messiânico que está restaurando Israel e convertendo os gentios.

Estes cinco versículos que Paulo cita vêm da Torá (Deuteronômio 32:43), dos Profetas (2 Sam. 22:50; Isa. 11:10) e dos Escritos (Sal. 18:49; 117: 1), representando as três principais divisões da Bíblia Hebraica. E para Paulo, essas profecias do Antigo Testamento sobre a inclusão de judeus e gentios na nova aliança estão se concretizando em Cristo.

15:13Que o Deus da esperança os encha de toda a alegria e paz. . . pelo poder do Espírito Santo.

Encontramos algumas das palavras-chave neste versículo em 5: 1-5. "Esperança", "alegria", "paz" e "Espírito Santo" são todas bênçãos da nova aliança.

Havia muito em jogo, então, para os cristãos gentios (os fortes na fé) se darem bem com os cristãos judeus (os fracos na fé). Ao fazer isso, eles ilustraram que Deus estava cumprindo sua aliança no Antigo Testamento e agora na nova aliança.

Percepções Teológicas Romanos 14: 1-15: 13 é frequentemente entendido como lidando com adiaphora, "Coisas indiferentes" - isto é, coisas nem exigidas nem proibidas para os cristãos. Moo fornece três princípios teológicos úteis que emergem desses versos. Primeiro, Paulo era um realista; ele sabia que temos que lidar com as pessoas onde elas estão (no caso de 14: 1-15: 13, escrúpulos judeus sobre pureza ritual). Em segundo lugar, os cristãos que não se sentem obrigados pelos escrúpulos de seus irmãos e irmãs mais fracos devem, no entanto, estar dispostos a limitar sua liberdade por causa de seus irmãos na fé e de Cristo. Terceiro, os resultados financeiros de Paul em

adiaphora é a unidade da igreja.[287]

Ensinando o Texto

Eu seguiria um esboço um pouco diferente na pregação / ensino de Romanos

15: 1-13 do que o observado acima, fazendo de Cristo o ponto focal dos dois parágrafos: (1) Cristo como a base da unidade (vv. 1-6); (2) Cristo como o meio para a unidade (vv. 7-13).



Muitas das igrejas históricas de Roma foram construídas em locais de igrejas caseiras, lares onde judeus e gentios crentes se reuniam para ensino, comunhão, adoração e oração, e onde podiam celebrar a unidade que tinham em Cristo. As ruínas de casas romanas dos séculos II e III foram encontradas sob a igreja de Santi Giovanni e Paolo (mostrada aqui) no Monte Célio, em Roma. A inserção mostra uma área da casa decorada com temas cristãos e considerada um confessionário.

Os versos 1-6 mostram que, visto que o sacrifício de Cristo trouxe os gentios ao arranjo da nova aliança, eles precisam ser sensíveis aos seus irmãos cristãos judeus por causa de Cristo. Aqui eu acho que os crentes gentios precisam ser tolerantes com seus irmãos e irmãs cristãos judeus, afirmando a herança judaica deste último. Por exemplo, já há algum tempo na erudição bíblica, os estudiosos cristãos têm corretamente focado na literatura judaica do período do Segundo Templo - os Apócrifos, Pseudepígrafes, Manuscritos do Mar Morto e muito mais. Esta literatura é extremamente importante para uma compreensão adequada do Judaísmo antigo (e moderno), para não mencionar o Novo Testamento. De sua parte, os estudiosos judeus deram seus próprios passos em direção à reaproximação com o cristianismo com seu "movimento de recuperação de Jesus", que valoriza o judaísmo de Jesus. Além disso, no ambiente de adoração da igreja, os crentes gentios fariam bem em celebrar o Seder da Páscoa em conexão com os serviços da Sexta-Feira Santa, uma vez que esse

era o pano de fundo da instituição da Ceia do Senhor. Ou, pelo menos, os cristãos gentios podiam ocasionalmente frequentar congregações messiânicas

e apoiar os cultos de adoração realizados por seus irmãos e irmãs judeus. E os crentes judeus podem emular o sacrifício de Cristo não impondo sobre seus irmãos gentios a cultura judaica.

Os versos 7-13 enraízam a unidade cristã em Cristo. É por meio de Cristo que ambos judeus e gentios crentes têm acesso a Deus. Em última análise, a catena do Velho As profecias do Testamento sobre judeus e gentios adorando a Deus juntos, que Paulo usa nesses versículos, encontram seu cumprimento em Cristo. Aqui podemos aplicar um truísmo lamentando a divisão racial entre negros e brancos no culto cristão: a América nunca é tão segregada como durante o culto de domingo de manhã. Este ponto se relaciona com a questão que Paulo discute aqui: Cristãos judeus e gentios nunca são tão segregados como durante a adoração (não podemos nem mesmo dizer "domingo", já que as congregações messiânicas adoram no sábado). Mas, com certeza, esses dois grupos de pessoas precisam encontrar uma maneira de adorar a Deus juntos, pelo menos porque eles o farão diante do trono celestial um dia.

Ilustrando o Texto

Cristo é a base para a unidade entre cristãos fortes e fracos.

Instituição cultural:Os Alcoólicos Anônimos (AA) funcionam, escreve Philip Yancey, "em dois princípios: honestidade radical e dependência radical, os mesmos princípios expressos na Oração do Senhor, o resumo resumido de Jesus sobre a vida 'um dia de cada vez'". Muitos grupos de AA até mesmo recitar o Pai Nosso em suas reuniões. Os membros não podem dizer que estão "curados". Mesmo que não bebam por muitos anos, devem se identificar como alcoólatras, membros do mesmo grupo com base nos mesmos princípios e fraquezas originais. "Em AA", acrescenta Yancey, "o terreno é plano". Ele então cita Lewis Meyer, que o coloca da seguinte maneira:

> É o único lugar que conheço onde status nada significa. Ninguém engana ninguém. Todo mundo está aqui porque ele ou ela bagunçou sua vida e está tentando juntar as peças novamente
>
> ..... Já assisti a milhares de reuniões da igreja, reuniões de cabanas, reuniões da irmandade - mas nunca encontrei o tipo de amor que encontro em AA. Por uma pequena hora, os grandes e poderosos descem e os humildes sobem. O nivelamento resultante é o que as pessoas querem dizer quando usam a palavra fraternidade.

A analogia é apropriada; Assim como os membros de AA estão unidos pelo reconhecimento da fraqueza e necessidade, embora possam estar em diferentes estágios de crescimento e estabilidade, também os cristãos estão unidos por sua fé em Cristo.[~~288~~]

Cristo é o meio para a unidade entre cristãos fortes e fracos.

Livro Teológico: Vida juntos, por Dietrich Bonhoeffer. Poucos livros são melhor em descrever como deveria ser a vida da comunidade cristã. Neste livro, referido anteriormente (ver a seção "Ilustrando o Texto" na unidade em Rom. 14: 1-12), notas de Bonhoeffer,

> A luta que enfrentamos com nosso irmão em intercessão pode ser difícil, mas essa luta tem a promessa de que alcançará seu objetivo.
> .....Intercessão significa nada mais do que trazer nosso irmão à presença de Deus, vê-lo sob a cruz de Jesus como um pobre ser humano e pecador necessitado da graça
>
> .....Fazer intercessão significa conceder ao nosso irmão o mesmo direito que recebemos,
> a saber, estar diante de Cristo e compartilhar sua misericórdia.[~~289~~]

Paulo, o apóstolo da nova aliança com os gentios

Grande ideiaAqui, Paulo se apresenta como o apóstolo da nova aliança com os gentios. Duas idéias, portanto, informam este texto. Primeiro, Romanos 15: 14-16: 27 corresponde à cláusula do documento do formato da aliança. Em segundo lugar, Paulo é o apóstolo escatológico dos gentios que lhes oferece a adesão à nova aliança por meio da fé em Cristo.

Temas principais de Romanos 15: 14-21

Romanos 15: 14-16: 27 corresponde à cláusula do documento do formato da aliança.

Paulo é o apóstolo escatológico dos gentios. Isto é, seu ministério é para trazer a conversão dos gentios no tempo do fim. Esta missão está a caminho de ser cumprida.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoMuitos comentaristas argumentam corretamente que Romanos 15: 14-16: 27 completa a estrutura epistolar de Romanos. Assim, como as conclusões nas outras epístolas de Paulo, 15: 14-16: 27 contém, por exemplo, os planos de viagem de Paulo



-
-

(15: 14-29; cf. 1 Cor. 16: 1-9); seu pedido de oração (15: 30-32; cf. Ef 6: 18-20); um desejo de oração pela paz (15:33; cf. 2Co 13: 11c); menção de seus associados (16: 1-2; cf. Col. 4: 7-9); uma exortação para saudar uns aos outros (16: 3-15; cf. Fp 4:21); o “beijo santo” (16.16a; cf. 1Ts 5.26); uma advertência / exortação (16.17-19; cf. 2Co 13.12a); um desejo / promessa escatológica (16:20; cf. 1 Tes. 5:24); graça conclusiva (16: 20b; cf. 1 Tim. 6: 21b); saudações de seus associados

(16.16b, 21-23; cf. Filem. 23-24); doxologia (16: 25-27; cf. Fp 4:20).[290] Além disso, há muito que se observou que 15: 14-33 corresponde ao conteúdo de 1: 1-15, especialmente 1: 8-15, formando um inclusio para toda a carta (ver tabela 1).[291]

Meu esboço antecipa minhas descobertas na seção "Antecedentes históricos e culturais":

1. Romanos é a carta da nova aliança de Paulo; a cláusula do documento começa aqui (15: 14-15a)
2. O chamado de Paulo para ser o apóstolo escatológico dos gentios (15.15b-21)
   uma. O objeto do chamado de Paulo (15: 15b-19a)
   b. A área do chamado de Paulo (15: 19b)
   c. O princípio do chamado de Paulo (15: 20-21)

A maioria dos comentaristas vê 15: 14-21 como um parágrafo independente. Desse modo,
15: 14-21 se concentra nos planos de viagens anteriores de Paulo, enquanto
15: 22-23 se concentra nos planos de viagens futuras de Paulo.

Antecedentes Históricos e Culturais Duas idéias-chave formam o pano de fundo para Romanos 15: 14-21 e, de fato, para 15: 22-33 também.

1. Eu sugiro que 15: 14-21 é uma parte da cláusula do documento da fórmula da aliança (15: 14-16: 27). A cláusula do documento do convênio (ver Deuteronômio 31: 9, 24-26) exigia que o documento fosse guardado em um lugar sagrado (tabernáculo ou templo de Jerusalém) onde seria seguro. Deuteronômio 31: 10-13 especificava que aquele documento fosse trazido do lugar sagrado e lido a cada sete anos antes que Israel renovasse seu compromisso com a aliança de Yahweh. Josué 8: 30-35 e 24: 1-27 declarou

que a cerimônia deveria ser renovada com Israel (anualmente?). Os documentos fundamentais dos Manuscritos do Mar Morto (

Documento de Damasco [CD] e Regra da Comunidade [1QS]) provavelmente foram lidos na cerimônia anual de renovação do pacto dos essênios (?).

Acho que Paulo vê sua carta a Roma como um documento da nova aliança a ser lido para a igreja romana por Febe (16: 1-22). O objetivo da leitura era lembrar os cristãos romanos (principalmente gentios) de sua obrigação para com os novos

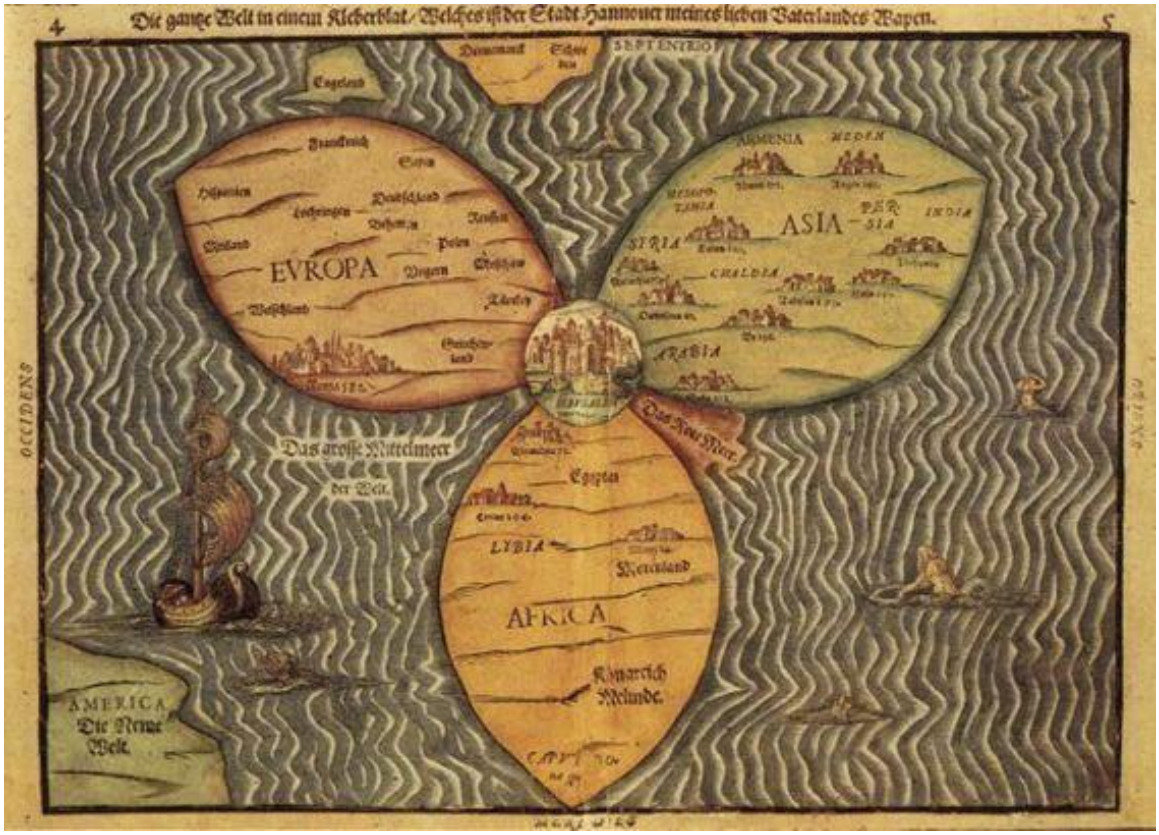
pacto. Três detalhes em 15: 14-21 sugerem esta tese.

(a) A solenidade da carta aos Romanos não é mero protocolo, mas antes demonstra que a carta deve ser reconhecida pelo que é: a palavra autorizada de Deus por meio de Paulo que incumbe a audiência de Paulo em Roma (15:14 -15).

(b) A linguagem metafórica de Paulo de ser um sacerdote do Antigo Testamento cujo evangelismo dos gentios é uma oferta sacrificial a Deus (15:16) - isto é, a obediência dos gentios (15:18) - lembra a aceitação de Israel do aliança com o Senhor. Lembre-se de como Moisés aspergiu o sangue do sacrifício sobre Israel para decretar a aceitação do povo dos termos dessa aliança (Êxodo 24: 1-8; cf. Rom. 12: 1-2). Ou considere como os sacerdotes leram as bênçãos e maldições sobre Israel no monte Gerizim e no monte Ebal (Deuteronômio 28-30).

(c) Como Robert Funk reconheceu há muito tempo, 15: 14-16: 27 deve ser identificado de forma crítica como a "parusia apostólica" de Paulo. Ou seja, as cartas de Paulo eram mais do que um substituto para sua presença; eles transmitiam misticamente sua presença à igreja - daí, "parousia" apostólica ("vinda" ou "presença").
[292] Para nossos propósitos, a carta de Paulo aos Romanos transmite sua presença quando é lida para os cristãos romanos, o que aumenta a solenidade da leitura.

Como Moisés e os sacerdotes no Antigo Testamento, Paulo "lê" sua carta da aliança aos romanos, lembrando-os de suas obrigações para com a nova aliança. Isso funciona como a cláusula do documento. Esses três detalhes sugerem que 15: 14-16: 27 corresponde à cláusula do documento da fórmula da aliança.



Este é um mapa do mundo com Jerusalém no centro, criado por Heinrich Bünting para seu livro, Itinerarium Sacrae Scripturae, publicado pela primeira vez em 1581 DC. Fornece um visual interessante para ilustrar a visão escatológica de Paulo de que nos últimos dias os gentios irão a Jerusalém como uma oferta aceitável a Deus.

2. A segunda informação de fundo é a natureza escatológica do apostolado de Paulo; isto é, o ministério de Paulo aos gentios é para trazer a conversão deles no tempo do fim. Sete detalhes em 15: 14-21 indicam isso.

(a) Roger Aus mostrou de forma convincente que 11:25 e 15:16 retratam o ministério de Paulo como refletindo o motivo escatológico da peregrinação, de acordo com o qual os gentios nos últimos dias irão a Jerusalém para adorar a Deus (veja também a seção “Visões Interpretativas” para Rom. 11: 25-32). Aus argumenta que 11:25 e 15:16 são baseados em Isaías 66: 19-20, onde Deus proclama que nos últimos dias enviará o remanescente judeu nas nações para declarar aos gentios a glória de Deus. Assim, Paulo percebe que ele, como membro do remanescente cristão judeu, é chamado por Deus nos últimos dias para convocar os gentios a entrar em Jerusalém para adorar a Deus.

[293]Como veremos na próxima unidade, 15: 25-27 dá continuidade a esse tema. A coleta de Paulo das igrejas gentílicas para os santos pobres em Jerusalém será as primícias dessa peregrinação.

(b) O apostolado de Paulo como o catalisador para trazer o fim dos tempos a conversão dos gentios informa sua palavra "cumprir" (plēroō [NIV: “totalmente proclamar ”]) em 15:19; ele usou uma palavra da mesma raiz em 11:25 para a "plenitude" (plērōma) dos gentios.

(c) A referência de Paulo à "obediência dos gentios" em 15:18 (cf. 1: 5; 16:26) se encaixa perfeitamente com o conceito de que Paulo se vê como uma figura central na história da salvação, cuja missão aos gentios irá inaugurar o tempo do fim.

(d) A linguagem de Paulo em 15:16 sobre os gentios serem uma oferta de sacrifício a Deus representa, como Douglas Moo observa, a transformação escatológica do ministério de culto do Antigo Testamento em que os sacrifícios de animais são substituídos por cristãos obedientes (cf. Rom. 12: 1) e o louvor que eles oferecem a Deus (Hebreus 13:15) no templo dos crentes da nova aliança (1 Coríntios 6:19; 1 Pedro 2: 5).
[294] O ministério de Paulo aos gentios está efetuando essa transformação.

(e) O poder de Paulo para cumprir sua missão não é outro senão o dom do Espírito Santo para o tempo do fim, que realiza sinais e maravilhas (milagres) por meio de Paulo para converter os gentios (compare Rm 15:19 com Atos 2: 22, 43; 4:30; 5:12; 14: 3; 15:12; 2 Cor. 12:12; 2 Tess. 2: 9; Heb. 2: 4).

(f) Como Robert Jewett demonstrou, o evangelismo de Paulo aos gentios de De Jerusalém a Ilírico (15:19) segue o arco em mapas antigos que datam de pelo menos 79 DC (veja a foto e a discussão na unidade em Rom. 1: 8-15 acima). Esses mapas percorriam o arco de Jerusalém ao Ilírico (noroeste da Macedônia) a Roma, a metade do arco, à Espanha, o final do arco. Para Jewett, isso significa que Paulo acreditava que foi chamado para evangelizar os gentios em todo o mundo: de Jerusalém a Roma, o centro do mundo, à Espanha, o fim do mundo. Quando isso fosse cumprido (veja Rom. 15: 25-29), Cristo então voltaria.

[295]

(g) Tudo isso é reforçado pela citação de Paulo de Isaías 52:15 em Romanos 15:21. Paulo prega Jesus, o Servo Sofredor, aos gentios. Assim,

a implantação pioneira de igrejas gentias por Paulo estava cumprindo a profecia de Isaías de que no tempo do fim os gentios viriam ao Senhor.

Esses sete detalhes tornam provável que Paulo acreditava que Deus o havia chamado para pregar o evangelho aos gentios a fim de trazer a conversão das nações no tempo do fim.

Percepções interpretativas 15: 14-15a*vocês mesmos são. . . competente para instruir um ao outro. No entanto, escrevi para você com bastante ousadia.*

Argumentei acima que 15: 14-

16:27 corresponde à cláusula do documento do formato do pacto. Os versos 15: 14-15a iniciam esse recurso, combinando o tato de Paulo e sua autoridade como apóstolo dos gentios. Em 15:14, Paulo cumprimenta os cristãos romanos por seu conhecimento espiritual do evangelho e seu encorajamento mútuo, mas em 15: 15a ele mostra sua autoridade por ter escrito uma carta ousada aos romanos. Em outras palavras, os cristãos romanos são membros da comunidade da nova aliança. Portanto, com uma linguagem que lembra a renovação de Israel da cerimônia da aliança, Paulo está admoestando os cristãos romanos a aceitarem de novo e de novo a obrigação dessa aliança, que é a santidade (ver 15:16).

15: 15b-21 a graça que Deus me deu para ser um ministro de Cristo Jesus para os gentios.

Os versículos 15b-21 destacam o chamado de Paulo para ser o apóstolo que é o catalisador para a conversão dos gentios no tempo do fim, como observamos acima. Assumindo esse pano de fundo, vemos que Paulo faz três pontos sobre seu chamado de Deus para ser o apóstolo dos gentios: o objeto (15: 15b-19a); a área (15: 19b); e o princípio (15: 20-21).

O objetivo do chamado de Paulo pela graça de Deus para ser um apóstolo é o Gentios (15: 15b-19a). Notamos anteriormente que Paulo se compara ao sacerdote do Antigo Testamento, com seu evangelismo dos gentios sendo como uma oferta de sacrifício a Deus (15:16). Paulo aqui se refere às igrejas gentias que ele estabeleceu durante o curso de suas três viagens missionárias. Esses gentios convertidos agora vivem vidas separadas para Deus. Paulo dá toda a glória a Deus pelo poder do Espírito operando por meio dele para ganhar os gentios para Cristo (15:17). Na verdade, Paulo não se gloriará pelos resultados de seu ministério; ele dará toda a glória a Cristo por trabalhar por meio dele para realizar a conversão dos gentios no tempo do fim - isto é, a obediência dos gentios (15:18). Os sinais e maravilhas realizados por Paulo no poder do Espírito constituem um dos sinais do tempo do fim que os últimos dias surgiram.

A área do ministério de Paulo às nações abrangia o mundo: de Jerusalém para Ilírico (15: 19b) para (esperançosamente) Roma e então para a Espanha, o fim do mundo então conhecido (15: 25-27). Embora nem as cartas de Paulo nem o livro de Atos se refiram especificamente ao seu ministério no Ilírico, sua missão na Macedônia teria feito fronteira com essa área. Mencionei anteriormente que a palavra "cumprir" (

plēroō) em 15.19b (cf. 11.25) conota a plenitude da conversão dos gentios a Cristo. Paulo acreditava que seu serviço de Jerusalém ao Ilírico o colocava no caminho certo para converter as nações e, assim, acelerar a parusia.

Os versículos 20-21 explicam o princípio do chamado de Paulo. Ele foi um pioneiro do evangelho. Ele, portanto, não duplicou os esforços de outros apóstolos em áreas já alcançadas para Cristo. Pode ser que devamos entender Paulo dizer aqui

que ele estendeu a mão para os gentios enquanto deixava Pedro e os outros apóstolos para estender a mão para os judeus (ver Gal. 2: 7-8). Paulo enraíza seu chamado aos gentios em Isaías 52:15. Como o Servo Sofredor, Paulo proclamará a bondade do evangelho da restauração espiritual (ver Isaías 52: 7) aos gentios (então Isaías 52:15).

Percepções TeológicasPelo menos três verdades marcantes surgem em Romanos 15: 14-21. Primeiro, somente a graça de Deus poderia transformar Paulo, o zelota da tradição farisaica, no apóstolo dos gentios (cf. Gl 1.13-16). É necessária essa mesma graça hoje para transformar um fanático religioso em um discípulo compassivo de Jesus. Em segundo lugar, Paulo reconheceu bem que não era o seu poder que ministrava tão eficazmente aos gentios, mas sim o milagroso poder de Cristo pelo Espírito que

realizou tais sinais e maravilhas por meio dele. Terceiro, o iminente a expectativa da parusia motivou Paulo a evangelizar as nações. Nós hoje, sem dúvida mais próximos desse acontecimento, deveríamos estar ainda mais motivados para ganhar o mundo para Cristo.

Ensinando o Texto

Gostaria de pregar / ensinar Romanos 15: 14-21, primeiro explicando o texto usando o esboço seguido acima: as observações iniciais de Paulo sobre a cláusula do documento (vv. 14-15a); O chamado de Paulo (vv. 15b-21). E há uma conexão entre esses dois pontos. Quanto mais os cristãos são sérios sobre serem membros da nova aliança, mais eles se empenharão em evangelizar o mundo. E essa conexão é ainda mais notável porque tanto Jesus quanto Paulo acreditavam que quanto mais cedo os cristãos evangelizarem o mundo, mais cedo ocorrerá a parusia (para Jesus, veja Marcos 13:10; para Paulo, veja Rom. 15: 14-33). Seria eficaz para os pastores simularem a leitura de Romanos em sua primeira audiência, lendo a carta de Paulo em sua totalidade durante um culto de adoração e, em seguida, pedindo à congregação para aceitar novamente e novamente as estipulações da carta de Paulo da nova aliança. Essas estipulações incluiriam uma renovação do compromisso com a justificação pela fé, santidade de estilo de vida, serviço aos outros, amor pelos irmãos na fé e um mundo vigilante, e evangelização dos perdidos. Um dos melhores fins de semana que já experimentei foi anos

atrás, quando nossa igreja hospedou uma equipe especializada em treinar membros da igreja para compartilhar sua fé com os perdidos. Passamos as noites de quinta e sexta sendo treinados para essa tarefa, e então cerca de trezentos de nós cobrimos nossa comunidade durante todo o sábado, indo de porta em porta com tato e gentileza, compartilhando o evangelho com quem quisesse ouvir. Então, naquela noite, tivemos um culto de celebração na igreja para relatar os resultados. Foi celestial. Houve Um dos melhores fins de semana que já experimentei foi anos atrás, quando nossa igreja hospedou uma equipe especializada em treinar membros da igreja para compartilhar sua fé com os perdidos. Passamos as noites de quinta e sexta sendo treinados para essa tarefa, e então cerca de trezentos de nós cobrimos nossa comunidade durante todo o sábado, indo de porta em porta com tato e gentileza, compartilhando o evangelho com quem quisesse ouvir. Então, naquela noite, tivemos um culto de celebração na igreja para relatar os resultados. Foi celestial. Houve Um dos melhores fins de semana que já experimentei foi anos atrás, quando nossa igreja hospedou uma equipe especializada em treinar membros da igreja para compartilhar sua fé com os perdidos. Passamos as noites de quinta e sexta sendo treinados para essa tarefa, e então cerca de trezentos de nós cobrimos nossa comunidade durante todo o sábado, indo de porta em porta com tato e gentileza, compartilhando o evangelho com quem quisesse ouvir. Então, naquela noite, tivemos um culto de celebração na igreja para relatar os resultados. Foi celestial. Houve Então, naquela noite, tivemos um culto de celebração na igreja para relatar os resultados. Foi celestial. Houve Então, naquela noite, tivemos um culto de celebração na igreja para relatar os resultados. Foi celestial. Houve

algo estimulante sobre assumir o compromisso de sair e compartilhar o Evangelho. Evangelismo de porta em porta não é necessariamente um método para todas as igrejas e para todos os tempos, mas para nós, a solenidade do compromisso resultou em um derramamento alegre do Espírito sobre sua igreja. É de se perguntar se Romanos não teria um efeito semelhante hoje.

Ilustrando o Texto

Somente o poder miraculoso de Deus tornou o ministério de Paulo eficaz.

Filme: O Lado Cego.Este filme (2009) é baseado na história verídica do jogador de futebol americano Michael Oher, do Baltimore Ravens. Michael veio de uma casa problemática. Seu pai estava freqüentemente na prisão e eventualmente foi assassinado lá. A mãe dele era viciada em crack e cocaína. Michael foi colocado em um orfanato aos sete anos de idade. Tendo frequentado onze escolas diferentes durante seus primeiros nove anos como estudante, alternando entre lares adotivos e sem-teto, ele não teve endereço fixo até os dezesseis anos. Os Tuohys, uma família cristã, acolheram Michael e cuidaram dele, eventualmente adotando-o. Depois de contratar um tutor para ele, mais tarde eles o enviaram para a Briarcrest Christian School. Na entrada do campus está inscrita esta frase: “Com Deus tudo é possível.

Livro: Para acabar com todas as guerras, por Ernest Gordon. Este livro, relançado em conjunção com o filme de mesmo nome (2001), é uma reimpressão de Pelo Vale do Kwai
(1963), a narrativa de Gordon de seu tempo em um campo de prisioneiros de guerra japonês durante a Segunda Guerra Mundial. Companheiros cativos praticando João 15:13 começaram uma reação em cadeia entre os prisioneiros de guerra forçados a construir a ferrovia Birmânia-Tailândia. “Nossa regeneração, desencadeada por atos conspícuos de auto-sacrifício,

havia começado

..... Estava começando a perceber para todos nós - oficiais e outras patentes - que a lei da selva é

não é a lei para o homem Estávamos vendo por nós mesmos o forte contraste entre as forças que fizeram para a vida e aquelas que fizeram para a morte Amor, heroísmo, auto-sacrifício, simpatia, misericórdia, integridade e fé criativa. . . eram a essência da vida. ”[296]Mais tarde, Gordon diz: “Por meio de nossas leituras e discussões, gradualmente passamos a conhecer Jesus. Ele era um de nós

.....Compreendemos que o amor expresso de forma tão suprema em Jesus era. . . centrado no outro ao invés de egocêntrico, maior do que todas as leis dos homens. ”
[297]

Esperar a vinda iminente de Cristo deve nos motivar ao evangelismo.

Organização Cristã: Voz dos Mártires. Dando ajuda ao nosso cristão irmãos e irmãs que sofrem sob regimes totalitários, a Voz dos Mártires (VOM) traz esperança para muitos. O que pode ser surpreendente para o leitor do site da VOM é o chamado consistente que os cristãos perseguidos sentem para contar as boas novas de Jesus Cristo a todos, incluindo seus captores.[298]

Coleção de Paulo para Jerusalém e missão na Espanha

Grande ideia Paulo provavelmente acredita que entregar a coleção dos gentios aos santos pobres em Jerusalém e então evangelizar a Espanha catalisará o retorno de Cristo.

Temas principais de Romanos 15: 22-29

A coleta de Paulo das ofertas dos gentios para os cristãos judeus foi o início da peregrinação do tempo do fim dos gentios a Jerusalém para adorar a Deus.

A evangelização de Paulo na Espanha marcou o avanço do evangelho até o fim do mundo então conhecido, o que precipitaria a parusia.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 15: 22-29 conclui a discussão de Paulo sobre seus planos de viagem. Em 15: 14-21 Paulo discutiu o trabalho missionário passado, enquanto em 15: 22-29 ele revelou planos de missões futuras: coletar a oferta dos gentios para ser entregue a Jerusalém e então

viajar para a Espanha para evangelizar os gentios lá. Em 15: 30-33, Paulo pede à congregação romana que ore para que sua coleção



-
-

dos gentios terá sucesso. Nesta unidade, examinamos 15: 22-29 e seu contorno quiástico:

O plano de Paulo de visitar a Espanha (15: 22-24)
B Coleção de Paulo para os gentios (15: 25-27) A′ O plano de Paulo de visitar a Espanha (15: 28-29)

Antecedentes Históricos e Culturais1. A primeira peça de material de fundo é a coleção de Paulo das igrejas gentílicas para cristãos judeus em Jerusalém. Esta coleção foi o foco principal na terceira viagem missionária de Paulo (ver 1 Cor. 16: 1-2; 2 Cor. 8-9).

[299]Nessa viagem, Paulo recebeu uma coleção de dinheiro das províncias romanas da Macedônia (moderna Grécia do norte, Macedônia e sul da Albânia / Macedônia) e Acaia (a maior parte da Grécia moderna). As igrejas paulinas nessas províncias incluíam as congregações em Filipos, Tessalônica, Beréia e Corinto. É possível que os destinatários da coleção - os pobres cristãos judeus em Jerusalém - fossem pobres por duas razões: o excesso de recursos entusiasmados do fundo comum nos primeiros dias da igreja (Atos 2: 44-45; 4: 34- 37), e a fome que envolveu Jerusalém em 48 DC (Atos 11: 27-30). Três motivações impulsionaram a coleta de Paulo para Jerusalém. Primeiro, Paulo acreditava que os cristãos gentios deveriam ajudar seus irmãos cristãos judeus em tempos de necessidade. Depois de tudo, Os cristãos judeus primeiro enviaram as bênçãos espirituais do evangelho aos gentios e, portanto, os cristãos gentios agora devem retribuir com as bênçãos materiais (Rom. 15: 25-27). Em segundo lugar, Paulo concordou anteriormente com os apóstolos de Jerusalém em estarem alertas às necessidades dos pobres cristãos judeus (Gl 2:10). Na verdade, dar esmolas aos pobres era uma expressão da fidelidade de alguém à aliança com Yahweh (Sir. 29:12; 40:24; Tob. 4:10; 12: 9; 14: 10-11; Atos 10: 4, 31; 24:17). Terceiro, Paulo chama esta coleção de 10; 12: 9; 14: 10-11; Atos 10: 4, 31; 24:17). Terceiro, Paulo chama esta coleção de 10; 12: 9; 14: 10-11; Atos 10: 4, 31; 24:17). Terceiro, Paulo chama esta coleção de

Koinōniaem Romanos 15:26 (NVI: “contribuição”) e em 1 Coríntios 8: 4; 9:13, que sugere a união espiritual de cristãos judeus e gentios. E isso é algo que os fortes e os fracos em Roma precisam ouvir. Na verdade, para Paulo, a coleta entre as igrejas gentias que iam para Jerusalém era o cumprimento inicial da peregrinação escatológica dos gentios a Jerusalém para adorar a Deus. Em outras palavras, a coleta foi um sinal da conversão dos gentios no tempo do fim, que Paulo esperava que fosse o catalisador para a conversão de Israel a Jesus.

2. A segunda informação de fundo é o plano de Paulo para evangelizar a Espanha. Por que Espanha? Por três motivos. Em primeiro lugar, a Espanha era o limite mais ocidental do mundo então conhecido, completando o arco de evangelização para o início de Paulo

em Jerusalém, mudando-se para o Ilírico, e então, com sorte, indo para Roma e depois para a Espanha. Em segundo lugar, a Espanha, como sugeriu Robert Jewett, era um lugar onde Paulo queria ir a fim de avançar em território não alcançado pelos judeus ou pelo próprio evangelho.

[300]Terceiro, combinando os dois pontos anteriores, Roger Aus, ligando Romanos 11: 25-27; 15:16, 24, 25-27, afirma que Paulo entendeu a Espanha como o Társis de Isaías 66:19. Somente quando Paulo trouxe representantes cristãos da Espanha (15:16, 24) para Jerusalém como parte de sua empresa de coleta (15: 25-27) o "número total" dos gentios entrará (compare 11:25 com 15: 19, 29) e o grande final de 11: 25-27 se desenrola.

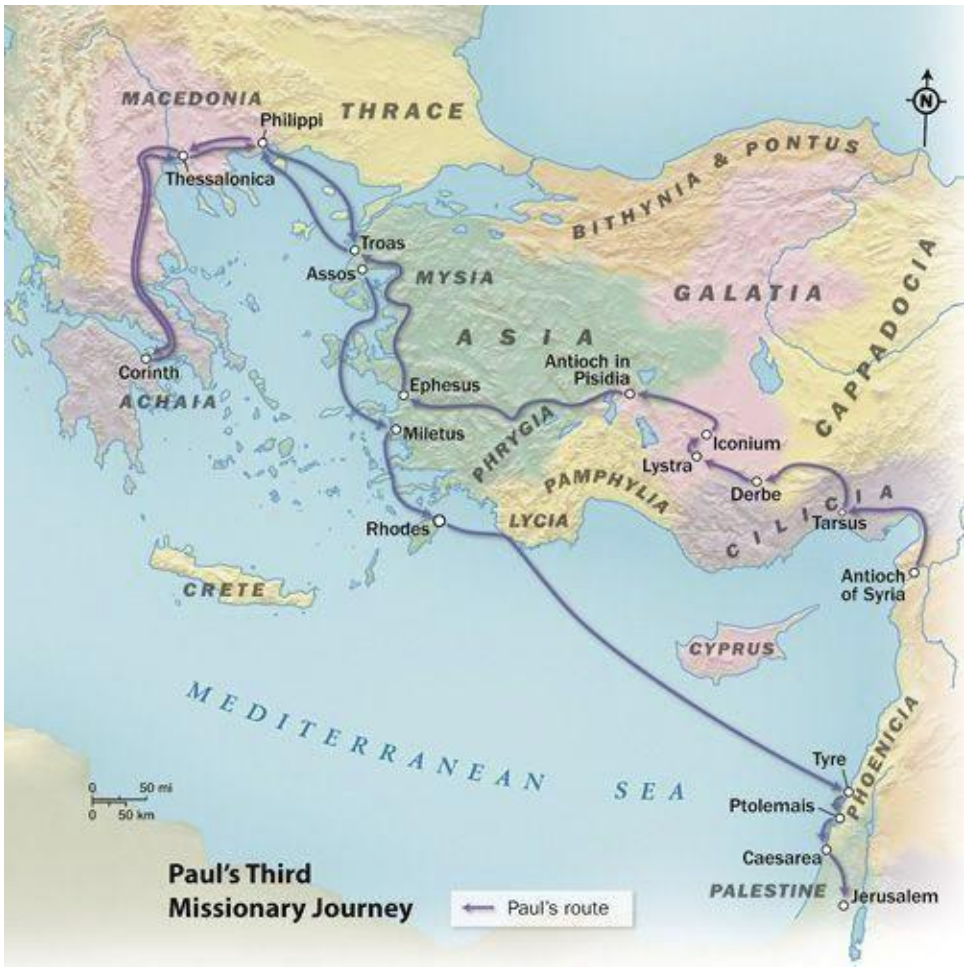
[301] Relacionado a isso está a probabilidade de que Paulo veja uma coleção de gentios espalhada de Jerusalém até a Espanha, o fim do mundo, como cumprindo a expectativa judaica de que a riqueza das nações fluiria para Jerusalém no final da história em associação com a restauração de Israel (Isa. 45:14; 60: 5-17; 61: 6; Miq. 4:13; Tob. 13:11; 1QM 12.13-15).

[302] Paulo esperava que isso provocasse ciúme em Israel para aceitar Jesus como seu Messias (11: 13-14) e, assim, desencadear a parusia.

[303]

Em conclusão, embora as cartas de Paulo não mencionem sua visita à Espanha, 1 clemente 5.7 (final do primeiro século DC) diz que ele atingiu os "limites mais distantes do oeste", o que provavelmente se refere a esta missão na Espanha.

Percepções interpretativas 15: 22-23 Há muitos anos que desejo visitá-lo. Os versículos 22-23 explicam por que Paulo não pôde visitar Roma até agora: ele estava ocupado ganhando gentios para Cristo e estabelecendo igrejas de Jerusalém ao Ilírico (lembre-se de minha discussão de 15: 14-21). Agora que esse trabalho pioneiro está concluído, o apóstolo dos gentios volta seus olhos para Roma, a capital do mundo e o centro do mundo.



15:24 Espero vê-lo durante a passagem e ter a sua ajuda em minha jornada.

Aqui, Paulo relata que deseja visitar Roma a fim de obter o apoio espiritual e financeiro necessário para evangelizar os gentios na Espanha. O verbo

propempō (NIV: “ajudar”) era um termo técnico para apoio missionário (ver Atos 15: 3; 20:38; 21: 5; 1 Cor. 6: 6, 11; 2 Cor. 1:16; Tito 3:13;

3 João 6). Paulo não mencionou tal apoio no início de sua carta (1.10-13), provavelmente porque ele queria explicar seu evangelho e, assim, construir um relacionamento por meio da carta a uma igreja que ele não estabeleceu. Como mencionei em uma nota anterior, não vejo razão para que uma parte do apoio financeiro que Paulo buscou da congregação romana não incluísse ajuda para a viagem para a Espanha e uma contribuição romana para a oferta dos gentios para os cristãos judeus em Jerusalém. Essa demonstração de unidade de judeus e gentios em Jerusalém e Roma era parte integrante do desafio de Paulo aos cristãos em Roma.

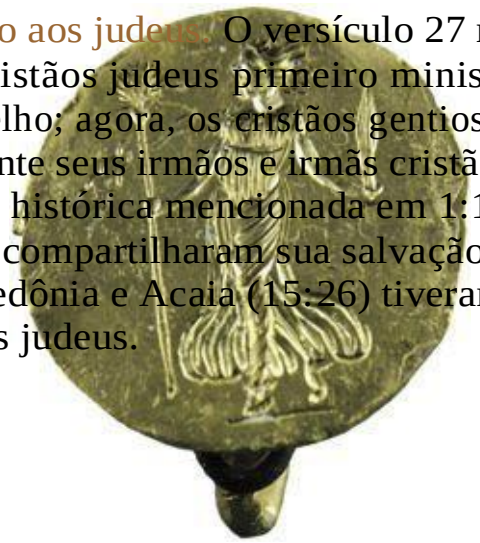
15: 25-26Estou a caminho de Jerusalém. . . para dar uma contribuição pelos pobres entre o povo do Senhor.

Os versos 25-26 explicam a intenção de Paulo de levar a

Oferta dos gentios a Jerusalém. A frase ptōchous tōn hagiōn pode ser tomada tanto financeiramente, indicando pessoas empobrecidas entre o povo do Senhor em Jerusalém (então a NVI), ou espiritualmente, indicando Cristãos Judeus como um todo, com "pobre" se referindo à sua humildade e dependência de Deus (cf. Sl 69: 32; 72: 2;

Pss. Sol.5,2, 11; 10,6; 15,1; 18,2; 1QpHab 12,3, 6, 10; 1QM 11,9, 13; 4T171 2,10; CD 19,9; cf. também Atos 2: 44-45; 4: 34-37). No entanto, ambas as visões podem funcionar aqui em 15:26. Muitos dos cristãos judeus (os santos, os pobres) eram economicamente pobres por causa da fome de 48 DC.

15:27 eles devem isso aos judeus. O versículo 27 revela o ímpeto para os gentios Oferta dos cristãos. Cristãos judeus primeiro ministraram a eles espiritualmente por enviando-lhes o evangelho; agora, os cristãos gentios precisam retribuir apoiando financeiramente seus irmãos e irmãs cristãos judeus. Este versículo também atesta a ordem histórica mencionada em 1:16: o judeu primeiro. Assim como os judeus compartilharam sua salvação com os gentios, as igrejas gentias na Macedônia e Acaia (15:26) tiveram o prazer de dar à coleção para os cristãos judeus.



Aqui é mostrado um anel de sinete grego do segundo ao terceiro século aC. Anéis como esse e selos eram usados para fazer impressões em argila para afirmar a autenticidade ou autoridade por trás de itens como cartas, proclamações ou

mercadorias comerciais. Paulo usa essa imagem para comunicar sua entrega pessoal da coleção monetária a Jerusalém.

15: 28-29depois de ter concluído esta tarefa e ter certeza de que eles receberam esta contribuição. . . Eu virei na medida completa da bênção de Cristo.

Depois de entregar com segurança a oferta dos gentios em Jerusalém, Paulo planeja navegar para Roma e de lá para a Espanha. Duas frases aqui pedem comentários. O primeiro, "selou este fruto para eles" (15:28 [NVI: "certifique-se de que eles têm

recebeu esta contribuição ”]), é proveniente do mundo comercial da época de Paulo. Os comerciantes frequentemente selavam seus sacos de mercadorias para serem comercializados fechando o saco na parte superior e colocando o selo / impressão de seu anel na cera sobre ele. Essa prática garantiu a entrega segura da mercadoria. Paulo, sem dúvida, quer dizer com a frase que ele, junto com representantes designados das igrejas, acompanhará a oferta a Jerusalém para garantir sua chegada segura.

A segunda frase, "a plenitude da bênção de Cristo" (15:29 [NVI: "a plena medida da bênção de Cristo"]), indica que a coleta dos gentios do leste de Roma e logo do oeste de Roma para a Espanha simboliza que a “plenitude dos gentios” veio para o reino de Deus e o evangelho (ver 11: 25-27) e as bênçãos do novo convênio. E tal oferta apresentada em Jerusalém, Paulo espera, desencadeará a conversão de Israel a Cristo e à parusia. Assim, a oferta dos gentios dos macedônios e aqueus serão as primícias dos demais que virão de Roma e da Espanha.

Percepções TeológicasTrês percepções emergem de Romanos 15: 22-29 que se aplicam aos cristãos hoje. Primeiro, os cristãos devem se unir às outras duas religiões abraâmicas - o judaísmo e o islamismo - dando esmolas aos pobres em geral. Em segundo lugar, mais do que isso, os cristãos devem honrar sua ancestralidade judaica doando aos judeus que estão sofrendo economicamente hoje - digamos, na Rússia. Embora a coleção de Paulo fosse principalmente para cristãos judeus, o cristianismo deve sua recepção do evangelho aos judeus em geral e aos judeus messiânicos em particular. Terceiro, como observamos na última unidade, os cristãos podem muito bem apressar o retorno de Cristo financiando em todo o mundo

missões.

Ensinando o Texto

Ao ensinar / pregar Romanos 15: 22-29, eu dividiria esse texto em suas duas partes constituintes: a viagem de Paulo a Roma / Espanha (vv. 22-24, 28-29) e a coleção de Paulo dos gentios para os cristãos judeus em Jerusalém (vv. 25-27). O primeiro ponto deve motivar os crentes contemporâneos a se esforçarem para alcançar o mundo para Cristo, apoiando financeiramente missões, se não indo eles mesmos, pelo menos por um curto período de tempo. Eu fiz o último e estava muito melhor com isso.

Em segundo lugar, os cristãos devem sempre ser sensíveis às necessidades financeiras dos outros. Na verdade, o cristianismo tem um histórico maravilhoso de doações aos que sofrem, o que pode explicar por que os Estados Unidos são uma das nações mais humanitárias do mundo. Mas podemos ser mais específicos em relação ao segundo ponto e dizer que as igrejas gentias deveriam fazer doações para missões cristãs judaicas

sua principal prioridade? Aqui devemos exercer um equilíbrio razoável. Assim, por um lado, os crentes gentios devem sua vida espiritual ao povo judeu e, portanto, devem orar pela paz de Jerusalém. Além disso, eu, pelo menos, apóio o direito de Israel de estar em sua terra. Além disso, os judeus certamente merecem quaisquer desculpas profundas que receberam e continuarão a receber pelo Holocausto, perpetrado contra eles enquanto muitos na igreja fizeram vista grossa.



Não há muitas informações sobre a igreja primitiva na Espanha. Um incidente registrado é o martírio do bispo Fructuosus e dois diáconos em Tarragona, Espanha, durante o reinado do imperador Valeriano (253-60 DC). Eles foram queimados na fogueira dentro do anfiteatro romano (foto aqui). No século VI, uma basílica cristã foi construída no centro do anfiteatro para honrar sua corajosa posição por Cristo. Seus restos mortais também são visíveis.

No entanto, pode-se ver o quão rápido o apreço espiritual por Israel pode tornar-se um compromisso político com Israel. E onde a igreja traça o limite neste assunto? Assim, por exemplo, alguns cristãos estão convencidos de que Jesus, em seu retorno, estabelecerá seu reino milenar em Jerusalém,

quando os sacrifícios do Antigo Testamento serão retomados e todas as nações serão obrigadas a se curvar diante de Israel. Esses mesmos crentes bem-intencionados, sem dúvida, são os que não encontram falhas em Israel hoje em suas negociações com os palestinos, nem mesmo na construção contínua e mesmo flagrante na Cisjordânia e além, que quase certamente será o catalisador para o próximo guerra entre judeus e árabes.

Sem dúvida, são questões delicadas para as quais não há solução simples. O

O único ponto que desejo enfatizar aqui é que a igreja precisa mostrar algum equilíbrio adequado entre mostrar apreço e apoio ao povo judeu e amar todos os povos do mundo por amor a Jesus.

Ilustrando o Texto

Devemos sair para alcançar o mundo para Cristo ou fornecer apoio para enviar outros.

Ministérios Cristãos: Prison Fellowship demonstrou com sucesso como
As organizações cristãs podem trabalhar em colaboração em vez de competição, começando a Operação Linha de Partida, uma afiliação de trinta e sete ministérios que trabalham juntos no evangelismo na prisão. Depois que o presidente da Prison Fellowship, Mark Earley, chegou a um acordo com a liderança da Convenção Batista Nacional Progressiva (PNBC), a Prison Fellowship começou a realizar e financiar sessões de treinamento nas reuniões de pastores da PNBC, também fornecendo recursos de ensino para o ministério da prisão. Em uma ocasião, um capelão da prisão do condado de Allegheny, na Pensilvânia, descreveu como a Prison Fellowship o ajudou a estabelecer um programa com seus materiais. A reincidência diminuiu significativamente.

[304]

História verdadeira: Durante uma de suas primeiras visitas a Londres, Billy Graham foi
confrontado por um padre local que casualmente rejeitou todo o esforço da cruzada. “Meu jovem”, disse o padre, “não aprovo o seu estilo de evangelismo”. “Tenho certeza de que o que estou fazendo não é perfeito”, respondeu Graham. “Mas eu gosto do evangelismo que estou fazendo melhor do que o evangelismo que você não está fazendo.”

[305]

Os cristãos devem sempre ser sensíveis às necessidades financeiras dos outros.

Biografia Cristã: Thomas Traherne. Traherne (1637-74) foi um escritor religioso e poeta inglês

, conhecido particularmente por seu Séculos de mediações. Em uma versão contemporânea de seus princípios,

Acordando no céu, David Buresh escreve que “O desejo de riquezas foi removido de si mesmo muito cedo. Ele frequentemente protestava. . . ele não conseguia entender um centavo de benefício que deveria receber. . . a menos que seja dado. ” Seu princípio era "às vezes pode acontecer que desprezar o mundo em toda a sua massa fosse tão aceitável a Deus quanto primeiro obtê-lo com solicitude e cuidado, e depois vendê-lo em instituições de caridade específicas".

[306]

Maldições para os incrédulos, bênçãos para os crentes

Grande ideia

Paulo identifica dois grupos de judeus: judeus desobedientes, sobre os quais caem as maldições da aliança, e judeus crentes (e gentios), sobre os quais repousam as bênçãos da aliança. Paulo espera que os judeus crentes em Jerusalém não permitam que seus parentes descrentes os afetem adversamente em relação ao recebimento da oferta dos gentios.

Temas principais de Romanos 15: 30-33

A Trindade está envolvida na oração do crente.
Paulo enfrentou muita oposição de judeus descrentes, oposição que ele temia que faria com que os cristãos de Jerusalém não aceitassem a oferta dos gentios.

Paulo espera visitar a congregação romana e orar pela paz de Deus sobre eles.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 15: 30-33 conclui a discussão de Paulo sobre seus planos de viagem (15: 14-33) e contém dois pontos:



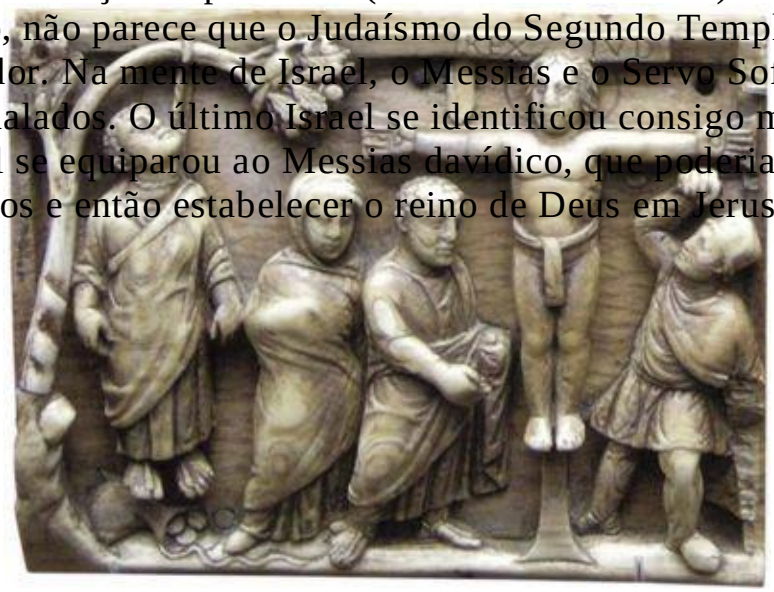
-
-

-

1. A oração de Paulo para que a coleta dos gentios seja aceita pelos Igreja de Jerusalém (15: 30-31)
2. O desejo de Paulo de que a paz repousasse sobre os cristãos romanos (15: 32-33)

Antecedentes Históricos e Culturais As principais informações básicas a respeito de Romanos 15: 30-33 se relaciona com a natureza da oposição de Paulo, "o incrédulos na Judéia "(15:31). Aqui, eu resumo quatro razões entrelaçadas que explicam por que os judeus não-cristãos se opuseram a Paulo. Veremos ao longo do caminho que Paulo orou para que tal oposição não abalasse a perspectiva da igreja de Jerusalém contra ele e a coleta dos gentios. Conto com algumas das outras cartas de Paulo, além de Romanos, para compor um perfil de seus oponentes.

Primeiro, os judeus não cristãos ficaram escandalizados com a mensagem da cruz de Paulo (1 Cor. 1: 18-25; Gál. 6: 12-16). Para eles, um Messias crucificado é amaldiçoado por Deus (Deuteronômio 21:23). Relacionado a esta convicção, não parece que o Judaísmo do Segundo Templo esperava um Messias sofredor. Na mente de Israel, o Messias e o Servo Sofredor não deviam ser igualados. O último Israel se identificou consigo mesmo, mas o primeiro Israel se equiparou ao Messias davídico, que poderia libertar Israel de seus inimigos e então estabelecer o reino de Deus em Jerusalém.



Até o século VI DC, as imagens de Cristo na cruz eram muito raras. Esta placa de marfim de cerca de 425 DC é uma das primeiras cenas de crucificação. Para os judeus, "todo aquele que for pendurado em uma vara está sob a maldição de Deus" (Deuteronômio 21:23).

Em segundo lugar, os judeus incrédulos se opuseram a Paulo porque acreditavam que ele
menosprezou a lei de Moisés. Declarações de Paulo em Romanos de que a lei incita

pecado (por exemplo, 3:20; 4:15; 5: 12-14; 7: 8-11) e que a Torá foi concluída (10: 4) judeus não-cristãos alarmados. Atos 21: 20-21 relata como os judeus ficaram perturbados com relatos de que Paulo ensinou aos judeus que eles deveriam "se afastar de Moisés, dizendo-lhes para não circuncidar seus filhos nem viver de acordo com os costumes [judeus]".

Terceiro, o sucesso de Paulo entre os tementes a Deus agravou o problema. Os tementes a Deus eram gentios que passaram a acreditar em Deus, viviam de acordo com o resumo de Noé da Torá e adoravam nas sinagogas (veja a seção "Antecedentes Históricos e Culturais" na unidade em Rom. 2: 25-29). Mas o evangelho livre de leis de Paulo atraiu muito os tementes a Deus (cf. Atos 13:16, 26, 43, 50; 16:14; 17: 4, 17; 18: 7).

~~[307]~~Além disso, como Irina Levinskaya demonstrou, a conversão em massa dos tementes a Deus ao evangelho sem lei de Paulo diminuiu o apoio dos judeus nas cidades que Paulo evangelizou. Conseqüentemente, os judeus perderam influência política nessas cidades quando os tementes a Deus não mais se aliaram aos judeus.

~~[308]~~

Quarto, Paulo tinha bons motivos para se preocupar com o fato de os judeus incrédulos em

A Judéia (Rom. 15: 21a) pode afetar adversamente a recepção da igreja de Jerusalém da oferta dos gentios (Rom. 15: 31b) porque, como Robert Jewett demonstrou, os judaizantes no final dos anos 40 e início dos anos 50 montaram uma campanha para obter cristãos Gentios circuncidados para que a igreja de Jerusalém não fosse perseguida pelo movimento zelote. O movimento zelote foi uma ala do judaísmo que tentou purificar a terra de Israel da impureza gentia, incluindo a presença de seus ocupantes romanos. De fato, o movimento zelote conseguiu incitar a Primeira Revolta Judaica contra Roma em 66 DC.

[309]É significativo que Lucas menciona a oferta dos gentios apenas uma vez em Atos, em defesa de Paulo perante Félix, governador romano da Judéia (24:17). O silêncio virtual de Lucas sobre a aceitação da oferta dos gentios pela igreja de Jerusalém não é um bom presságio para uma resposta positiva. Essa suspeita é reforçada pelo relatório de Josefo (

JW 2.409-10) que o que tornou a Primeira Revolta Judaica inevitável foi a decisão do sacerdócio de Jerusalém de não mais aceitar presentes ou sacrifícios de estrangeiros.

Essas quatro razões entrelaçadas constroem um perfil dos oponentes judeus de Paulo.

Eles eram zelotes palestinos pressionando os judaizantes (professando ser judeus Cristãos) para fazer cumprir toda a Torá em judeus e gentios. Isso estava fadado a colidir com o evangelho livre de leis de Paulo. Haveria muito para a liderança da igreja de Jerusalém ponderar antes de aceitar a coleta de Paulo dos gentios - daí sua solicitação da congregação romana para orar por ele em sua luta (Rom. 15: 30-31).

Percepções interpretativas 15: 30-31Rezar . . . que a contribuição que dou para Jerusalém pode ser recebida favoravelmente. Dois pontos surgem em 15: 30-33: o de Paulo
oração para que a coleta dos gentios seja aceita pela igreja de Jerusalém (vv. 30-31); O desejo de Paulo de que a paz repousasse sobre os cristãos romanos (vv. 32-33). O primeiro ponto se refere às maldições da aliança, especialmente ao rótulo de Paulo "os incrédulos na Judéia". O segundo ponto baseia-se nas bênçãos da aliança, especialmente na declaração de Paulo “O Deus de paz seja com todos vocês. Um homem." Essas duas - maldições e bênçãos da aliança - serão reveladas em meus comentários subsequentes.

Começo com três observações por volta das 15:30. Em primeiro lugar, Paul insiste (parakaleō) os cristãos romanos a orar por ele, um apelo profundamente arraigado do apóstolo. Em segundo lugar, Paulo precisa de oração intercessória porque está lutando contra os judeus incrédulos (15:31). O termo grego por trás de "luta" (sinagōnizomai) é atlético, até militar, sinalizando que Paul estava na luta da sua vida. De fato, Atos 20: 3 e 23: 12-22 mencionam que os judeus falharam duas vezes em suas tentativas de assassinar Paulo. Terceiro, a Trindade estava envolvida na oração de Paulo: “por nosso Senhor Jesus Cristo” (a base da oração de Paulo); “Pelo amor do Espírito” (o meio da oração de Paulo); “A Deus” (objeto da oração de Paulo).

Já discuti o contexto histórico de 15:31, então aqui eu observo que o rótulo de Paulo para seus oponentes, "incrédulos na Judéia" (literalmente, "os desobedientes na Judéia"), está ligado à sua descrição de judeus hostis aos seus mensagem em

1 Tessalonicenses 2: 14-16:

> Pois vocês, irmãos e irmãs, se tornaram imitadores das igrejas de Deus na Judéia, que estão em Cristo Jesus: vocês sofreram de seu próprio povo as mesmas coisas que aquelas igrejas sofreram dos judeus que mataram o Senhor Jesus e os profetas e também nos expulsaram. Eles desagradam a Deus e são hostis a todos em seus esforços para nos impedir de falar aos gentios para que eles sejam salvos. Desta forma, eles sempre amontoam seus pecados até o limite. A ira de Deus finalmente desceu sobre eles.



Esta foto mostra uma parte da Via Appia, ou Via Appia, perto da cidade de Roma. Era uma das principais vias de acesso a Roma e foi aquela pela qual Paulo viajou quando finalmente visitou a cidade. A construção foi iniciada em 312 aC, e quando a estrada foi concluída, ela percorreu mais de 360 milhas até o porto de Brundisium (Brindisi), no Mar Adriático.

É comumente reconhecido pelos intérpretes paulinos que 1 Tessalonicenses 2: 14-16 transmite a crença de Paulo de que os judeus descrentes estavam sob as maldições da aliança porque rejeitaram o evangelho e tentaram impedir os gentios de aceitá-lo. Portanto, o rótulo conciso de Paulo em Romanos 15:31, “os desobedientes na Judéia”, é um pequeno script para 1 Tessalonicenses 2: 14-16 e sua declaração das maldições da aliança sobre tais indivíduos.

15: 32-33 O Deus da paz esteja com todos vocês.Em 15:32 o tom do parágrafo muda. Paulo agora espera visitar as igrejas romanas após sua viagem a Jerusalém para entregar a oferta dos gentios. E sua visita lá será ainda mais alegre se a igreja de Jerusalém realmente aceitar esse presente.

Paulo então conclui 15: 30-33 oferecendo uma bênção sobre os cristãos romanos: “O Deus de paz seja com todos vocês. Um homem." Jewett capta com perspicácia a nuance da aliança dessa bênção:

> A típica conclusão judaica de uma bênção ou maldição fornece a pontuação final desta perícope. Em Deut. 27: 15-26, por exemplo, cada uma das doze maldições é seguida por um "amém". O "amém" em Rom. 15:33 tinha uma função semelhante ao uso anterior na carta (1:25), convidando o público de Romanos
>
> para adicionar sua concordância por uma resposta litúrgica ao que Paulo acabou de dizer. [310]

Portanto, parece que a bênção de Paulo em 15:33 sobre os cristãos romanos espera que Deus derramará as bênçãos da nova aliança, incluindo a paz, sobre sua audiência. E sua resposta "Amém" confirma essa bênção, visto que eles crêem no evangelho livre de leis de Paulo.

Percepções Teológicas Pelo menos quatro verdades de Romanos 15: 30-33 se aplicam a
crentes em Cristo hoje. Primeiro, toda a Trindade está envolvida na oração cristã. Em segundo lugar, os cristãos não devem se surpreender se sua mensagem de um evangelho sem lei encontrar oposição, especialmente em setores religiosos. Isso é apenas para confirmar que, como Paulo diria, as maldições da aliança repousam sobre esses incrédulos. Terceiro, a bênção da paz de Deus da nova aliança repousa sobre os cristãos. Quarto, os cristãos precisam orar uns pelos outros em sua guerra espiritual sagrada contra os inimigos da cruz.

Ensinando o Texto

Posso imaginar três lições / sermões baseados em uma unidade tão breve como Romanos 15: 30-33. Primeiro, pode-se ensinar / pregar sobre o tópico "A Trindade e a Oração" comparando 15:30 com 8: 26-30 (a Trindade também está lá). Em segundo lugar, pode-se pregar / ensinar uma mensagem intitulada "Espere oposição ao Evangelho", com base em 15:31. A seção "Antecedentes históricos e culturais" neste capítulo pode iluminar 15:31 nessa tarefa. Terceiro, com base em 15:32, pode-se ensinar / pregar uma mensagem intitulada "Diga Amém às Suas Bênçãos!" Aqui, pode-se desenvolver o conceito de paz com Deus via 5: 1.

Eu escolho focar nesta seção na segunda possibilidade: oposição ao Evangelho. Eu dou uma aula sobre Romanos no tópico “The Top Cinco heresias no Novo Testamento. ” Primeiro, existe o Judaizer. Este indivíduo ensinou que a salvação é baseada na fé em Cristo mais obediência à lei de Moisés, especialmente simbolizada na submissão ao rito da circuncisão (o sinal da Torá). Como observamos ao longo desta obra sobre Romanos, Paulo refuta tal noção, argumentando, em vez disso, que a justificação diante de Deus é baseada unicamente na fé em Cristo à parte das obras da lei (caps. 1-5). Em segundo lugar, existe o antinomiano, também refutado por Paulo em Romanos (caps. 6-8).

O ensino antinomiano distorceu a mensagem da graça de Paulo para uma vida licenciosa. Seu lema era "Vamos pecar para que a graça aumente!" A falsa suposição que motivava tal ensino era que não importa como os cristãos vivem suas vidas, algo que Paulo discordaria. Terceiro, o entusiasta ensinou que a era vindoura chegou completamente. Portanto, o crente já ressuscitou para o céu (espiritualmente) e agora vive como os anjos. Paulo rebate essa noção ingênua em 1–2 Coríntios. Quarto, gnósticos (de

gnōsis, “Conhecimento”) viam o espírito como bom e o corpo físico como mau, no modo dualista platônico. Eles negaram a ressurreição do corpo, optando pela imortalidade apenas da alma. Embora uma teologia gnóstica não tivesse se desenvolvido totalmente no primeiro século, formas incipientes de tal pensamento podem ser discernidas nos oponentes de Paulo em 1 Coríntios 15. Quinto, outra forma inicial de gnosticismo era o docetismo, que negava que Jesus Cristo fosse verdadeiramente humano. As epístolas de João se opõem a esse erro, que negou a encarnação e expiação de Jesus.

Ilustrando o Texto

Toda a Trindade está envolvida na oração do crente.

Ano Cristão:O Dia de Todos os Santos, comemorado em 1º de novembro, é importante no calendário cristão. O clímax da história cristã encontra-se aqui, melhor exposto em João 17:21: “Para que todos sejam um, Pai, assim como tu estás em mim e eu em ti.” Como diz James Houston: “Toda a verdadeira educação teológica resulta em comunidade, uma comunidade expressiva do Deus triúno de amor, fluindo naturalmente do estado de estar aberto ao mistério da Trindade.”

[311]

O crente deve ser corajoso em face da oposição ao evangelho.

História da Igreja:Policarpo fora discípulo do apóstolo João e era um ancião reverenciado da igreja primitiva. Oferecendo a Policarpo a oportunidade de escapar da morte, o procônsul romano implorou a ele: "Amaldiçoe a Cristo e eu o libertarei." Policarpo respondeu: “Oitenta e seis anos eu o servi. Ele nunca me fez mal. Como então posso blasfemar contra meu Rei que me salvou? " (

Mart. Pol.
9.3). Da mesma forma, Blandina, uma jovem escrava, inspirou outros com sua coragem:

> Após a flagelação, após as feras, após o assento de assar, ela foi finalmente envolvida em uma rede, e lançado diante de um touro. E tendo sido arremessada pelo animal, mas não sentindo nada do que estava acontecendo com ela, por conta de sua esperança e firme apego ao que havia sido confiado a
>
> ela e sua comunhão com Cristo, ela também foi sacrificada. (Eusébio, Hist. eccl. 5.1.56)[312]



Esta é uma reprodução de uma parte do Procissão dos Santos Mártiresmosaico da Basílica de Sant'Apollinare Nuovo em Ravenna, Itália. Criado por volta de 560 DC, representa vinte e cinco mártires. Mostrados aqui da esquerda para a direita estão Demetrius, Polycarp, Vincent, Pancras e Chrysogonus.

Os crentes devem orar uns pelos outros no meio da guerra espiritual.

Citar: JC Ryle. Ryle (1816-1900), primeiro bispo anglicano de Liverpool, foi frequentemente descrito como um homem que achava a oração tão natural quanto respirar. No livro dele Um Chamado à Oração, ele escreve,

> Recomendo a vocês a importância da intercessão em nossas orações. Somos todos egoístas por natureza, e nosso egoísmo tende a se apegar a nós, mesmo quando somos convertidos ..... Devemos nos incitar a citar outros nomes além do nosso diante do trono da graça. Devemos tentar ouvir em nossos corações o mundo inteiro. . . os pagãos, os judeus, os católicos romanos, o corpo dos verdadeiros crentes. . . o país a que pertencemos, a família em que vivemos, os amigos e parentes que somos
>
> conectado com.[~~[313]~~]

Citar: James Houston.James Houston (nascido em 1922), um fundador original e o primeiro diretor do Regent College, diz: “Devoção é o sopro do relacionamento, um antídoto para o veneno ímpio da psicanálise secular. A oração torna-se entrelaçada com o desejo de ser habitada pelo Espírito Santo conforme nos relacionamos com os outros

..... Descobri que é impossível separar a oração da amizade. ”[314]

Paulo, Phoebe, Patrocínio e Espanha

Grande ideia

Febe, a patrona de Paulo, entregará a carta do pacto de Paulo e fará com que seja lida aos cristãos romanos. A autoridade de Phoebe como patrona e diaconisa reforçará a solenidade da leitura. Os cristãos romanos deveriam responder à carta de Paulo oferecendo hospitalidade a Febe e juntando seus recursos aos dela para lançar a missão de Paulo na Espanha.

Temas principais de Romanos 16: 1-2

Febe, padroeira de Paulo e diaconisa na igreja de Cencréia, entregará a carta a Roma.
Dado este papel, a supervisão de Febe da leitura do pacto de Paulo carta às congregações romanas acrescentará solenidade à sua apresentação.
Os cristãos romanos precisarão responder da mesma maneira - dando as boas-vindas a Febe e comprometendo-se com a missão de Paulo na Espanha.

Entendendo o Texto

O Texto em ContextoRomanos 16: 1-2 continua a cláusula do documento da carta da aliança de Paulo aos cristãos romanos (15: 14-16: 27). Romanos 16: 1-27 divide-se em cinco unidades:



-
-
-

1. A missão de Phoebe e Paul na Espanha (16: 1-2)
2. Saudações de Paulo a cerca de trinta e seis cristãos romanos (16: 3-16)
3. A advertência de Paulo sobre o falso ensino (16.17-20)
4. Saudações aos cristãos romanos dos colegas de trabalho de Paulo (16: 21-23)
5. A doxologia final de Paulo (16: 25-27)[315]

Antecedentes Históricos e Culturais 1. Thomas Schreiner observa que as cartas de recomendação eram comuns no mundo antigo porque os viajantes muitas vezes eram desconhecidos e precisavam de hospitalidade e, portanto, de apoio para continuar seus negócios ou ministério (cf. Atos 18:27; 2 Cor. 3: 1; 4: 2; 5:12; 10:12; 12:11; 3 João 9-10; 1 Macc. 12:43; 2 Macc. 9:25). [316] Da literatura greco-romana, Robert Jewett fornece o seguinte exemplo:

> Fulano de tal, que está transmitindo esta carta a você, foi testado por nós e é amado por sua confiabilidade. Você se sairá bem se o considerar digno de aprovação, tanto por mim quanto por ele e, na verdade, por você. Pois você não se arrependerá se lhe confiar, da maneira que desejar, palavras ou assuntos confidenciais. Na verdade, você também vai elogiá-lo para os outros quando perceber como é útil
>
> ele pode estar em tudo.[317]

Chan-Hie Kim mostra que essas cartas de recomendação incluem um introdução e uma lista de credenciais do portador, e a ação desejada por parte do destinatário. [318]Esses três componentes ocorrem em Romanos 16: 1-2: introdução de Febe (v. 1a); As credenciais de Phoebe (vv. 1b, 2b); A ação desejada de Febe (e de Paulo) por parte dos destinatários da carta cristã romana (v. 2a). Em minha análise de 16: 1-2 a seguir, usarei este esboço de três pontos.

2. É amplamente aceito que a palavra prostatis, descrevendo o papel de Phoebe em 16: 2b, é um termo técnico para "patrono".[319]Um patrono era uma pessoa rica da classe alta da sociedade romana que doava seus meios para uma causa por uma cidade ou povo, incluindo edifícios cívicos, esforços humanitários e causas religiosas. Em troca, os destinatários de tal benefício dedicariam, por exemplo, um edifício a esse patrono em agradecimento pela contribuição.

[320] Homens e mulheres funcionavam como patronos no mundo romano. [321]É claro que Febe atuou como patrona de Paulo e de outros também (16: 2b). Muito provavelmente, Febe ajudou no mínimo Paulo pagando a Tertius, o escriba profissional de Paulo (16:22), para copiar a carta aos romanos, viajar a Roma e lê-la para eles, com a presença de Febe na leitura como imprimatur de Paulo na ocasião. Mais especificamente, a tarefa de Febe de entregar a carta de Romanos e lê-la tinha o objetivo de angariar apoio dos cristãos romanos para a missão de Paulo à Espanha.



A guilda dos cheios na cidade de Pompéia dedicou esta estátua ao seu patrono, Eumachia. Ela era uma mulher rica que financiou a construção de um grande edifício público no fórum de Pompéia. Ser patrono era uma atividade digna para mulheres romanas abastadas, e muitas estavam envolvidas em projetos públicos. O patrocínio pessoal, como Phoebe fornece a Paulo, ocorria, mas era menos comum.

3. Em 16: 1, Febe é chamada de "diácono" (diakonos), o que me leva a discutir, brevemente, a estrutura de liderança da igreja primitiva. Embora alguns digam que

diakonos em 16: 1 é simplesmente o termo geral para “servo”, a maioria dos comentaristas vê o termo como uma indicação do ofício de diácono (cf. Fp 1: 1;

1 Tim. 3: 8, 12; veja também Ign. Eph.2,1; Ign. Magn. 6.1). Schreiner lista três razões para isso: (a) 1 Timóteo 3:11 provavelmente identifica as mulheres como diáconos;

(b) a designação “diácono da igreja em Cencréia” (Rom. 16: 1) indica que se pretende um ofício; assim como (c) o uso da palavra masculina diakonos.

Assim, o ofício de diácono na igreja primitiva parece ter incluído ambos homens e mulheres. Este último veio a ser conhecido mais tarde como diaconisas. O outro cargo de liderança na igreja primitiva era o de presbítero (veja, por exemplo, 1 Tim. 3: 1-7; 1 Pedro 5: 1-4).

Filipenses 1: 1-2 menciona os ofícios de presbítero e diácono na igreja primitiva. Além disso, é claro que o presbítero também era chamado de "bispo / superintendente" (Fp 1: 1;

1 Tim. 3: 1), e que alguns presbíteros estavam ensinando presbíteros / pastores (Atos 20: 17-31;
1 animal de estimação. 5: 1-4). Em outras palavras, na igreja primitiva "presbítero", "bispo" e "pastor" eram o mesmo. Somente no segundo século é que o episcopado monárquico (um bispo que preside várias igrejas em uma região) surgiu na noção posterior de sucessão apostólica. É debatido se as mulheres serviam ou não como presbíteras na igreja primitiva, embora Romanos 16: 7 possa lançar luz sobre esse assunto, como veremos mais tarde.

4. Em 16: 1, Paulo usa a palavra "igreja" pela primeira vez em Romanos. A palavra do Novo Testamento para "igreja" é
ekklēsia, que significa "ajuntamento, congregação, assembléia". No grego clássico, o termo era usado quase exclusivamente para reuniões políticas. Em particular, em Atenas, a palavra significava a reunião dos cidadãos com o propósito de conduzir os negócios da cidade. Além disso,

ekklēsia
referia-se apenas à reunião propriamente dita, não aos próprios cidadãos. Quando o povo não estava reunido, não era considerado o
ekklēsia. O Novo Testamento registra alguns exemplos desse uso secular do termo (Atos 19:32, 41). O pano de fundo mais importante do termo

ekklēsia é a LXX, que usa a palavra em um sentido religioso cerca de cem vezes, quase sempre como uma tradução da palavra hebraica

qahal. Em Deuteronômio, qahal
refere-se especialmente às reuniões sagradas de Israel, uma vez que está ligada ao convênio. Da mesma forma,
ekklēsia, embora carregue uma conotação secular em grego, tem um forte senso religioso à luz da LXX.

No Novo Testamento, ekklēsia é usado para se referir à comunidade de Deus

pessoas 109 vezes (de 114 ocorrências do termo). Embora a palavra ocorra em apenas duas passagens do Evangelho (Mt 16:18; 18:17), é de especial importância em Atos (23x) e nos escritos paulinos (46x). É encontrado vinte vezes no Apocalipse e em casos isolados em Tiago e Hebreus. Três conclusões gerais podem ser tiradas desse uso. Primeiro,

ekklēsia(tanto no singular quanto no plural) se aplica predominantemente a uma assembléia local daqueles que professam fé e fidelidade a Cristo. Segundo,

ekklēsia designa a igreja universal (Atos 8: 3; 9:31; 1 Cor. 12:28; 15: 9; especialmente nas cartas paulinas posteriores, Ef. 1: 22-23; Colossenses 1:18).

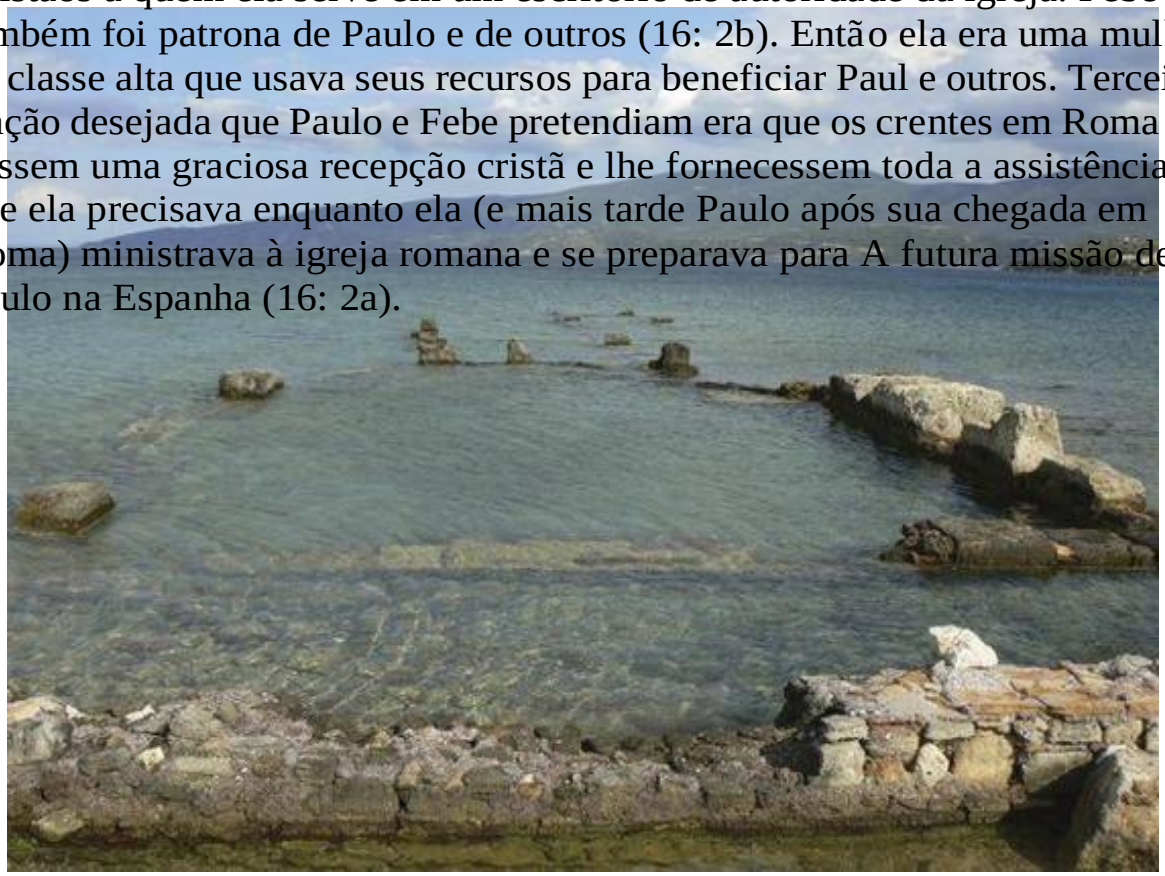
Terceiro, o ekklēsia é Deusescongregação (por exemplo, 1 Cor. 1: 2; 2 Cor. 1: 1). Provavelmente devemos deduzir a partir desses dois primeiros pontos que a igreja universal se manifesta na congregação local.

Percepções interpretativas 16: 1-2Recomendo a vocês nossa irmã Phoebe, diácona da igreja. . . Eu peço que você a receba.

Seguimos os três componentes de uma antiga carta de recomendação observada acima: introdução, credenciais, desejados

açao. Primeiro, Paulo apresenta Febe (16: 1a), a provável portadora da carta aos Romanos. Phoebe sem dúvida era uma gentia; seu homônimo é a deusa grega Phoebe, avó de Apolo e Ártemis. Mas, ao contrário da deusa, Phoebe é uma irmã no Senhor. Em segundo lugar, Paulo fornece as credenciais de Phoebe. Ela é diácona (diaconisa) na igreja de Cencréia (16: 1b). Cencreia era uma cidade portuária de Corinto no Golfo Sarônico. Esta é uma indicação de que Paulo escreveu a carta de Romanos de Corinto. Além disso, esta é a primeira vez que Paulo usa a palavra "igreja" (

ekklēsia) em Romanos. Assim, Febe deve ser bem recebida pelos romanos Cristãos a quem ela serve em um escritório de autoridade da igreja. Febe também foi patrona de Paulo e de outros (16: 2b). Então ela era uma mulher de classe alta que usava seus recursos para beneficiar Paul e outros. Terceiro, a ação desejada que Paulo e Febe pretendiam era que os crentes em Roma lhe dessem uma graciosa recepção cristã e lhe fornecessem toda a assistência de que ela precisava enquanto ela (e mais tarde Paulo após sua chegada em Roma) ministrava à igreja romana e se preparava para A futura missão de Paulo na Espanha (16: 2a).



Cencreia era a cidade portuária oriental de Corinto. Aqui, são mostrados os restos de uma basílica cristã primitiva (cerca do século IV dC), agora submersa. Mais adiante, os arqueólogos também localizaram os restos do Santuário de Ísis e fundações de armazéns

que estaria em uso durante o tempo de Paulo.

Percepções TeológicasDuas verdades prendem o leitor de Romanos 16: 1-2. Primeiro, o
O evangelho valoriza mulheres e homens igualmente. Na verdade, Jesus elevou o status de
mulheres comparadas à sociedade greco-romana e até mesmo à religião judaica. Em segundo lugar, toda igreja deve estar envolvida com missões, tanto nacional quanto internacionalmente.

Ensinando o Texto

Se alguém vai dedicar uma lição inteira ou sermão a uma unidade tão curta como Romanos 16: 1-2, o esboço de três pontos dado acima pode ser usado. Pode-se também usar o material de fundo histórico para falar sobre cartas de recomendação, patrocínio e estrutura de liderança da igreja primitiva. E acho que o título desta unidade, “Paul, Phoebe, Patronage, and Spain,” funciona bem. Mas aqui ofereço algum material de base do Novo Testamento para ajudar o leitor a compreender a possível estrutura de liderança na igreja primitiva, visto que Febe serviu nessa função na igreja de Cencréia. Como mencionei antes, aprendemos em Filipenses 1: 2 e nas Epístolas Pastorais que havia principalmente dois ofícios de liderança na igreja primitiva: presbítero e diácono. (Aparentemente, os apóstolos não estavam confinados a uma igreja.) Da primeira posição, pode-se deduzir de textos como Atos 20:17, 28; 1 Pedro 5: 1-5 que “bispo, ”“ Pastor ”e“ presbítero ”provavelmente se referiam à mesma pessoa. O cargo de episcopado monárquico (um bispo presidindo várias igrejas) não surgiu até o início do segundo século. De acordo com as Epístolas Pastorais, aparentemente vários presbíteros lideravam uma igreja local, e esses presbíteros parecem ter sido divididos em presbíteros “ensinadores” e “governantes”. Também aprendemos com esses textos que mais de um diácono servia em uma igreja local. Também é possível que as diaconisas (as esposas dos diáconos?) Ajudassem os diáconos como líderes servos na igreja (além de Rom. 16: 1, veja 1 Tim. 3: 8-13). aparentemente, vários presbíteros lideravam uma igreja local, e esses presbíteros parecem ter sido divididos em presbíteros “ensinadores” e “governantes”. Também aprendemos com esses textos que mais de um diácono servia em uma igreja local. Também é possível que as diaconisas (as esposas dos diáconos?) Ajudassem os diáconos como líderes servos na igreja (além de Rom. 16: 1, veja 1 Tim. 3: 8-13). aparentemente, vários presbíteros lideravam uma igreja local, e esses presbíteros parecem ter

sido divididos em presbíteros “ensinadores” e “governantes”. Também aprendemos com esses textos que mais de um diácono servia em uma igreja local. Também é possível que as diaconisas (as esposas dos diáconos?) Ajudassem os diáconos como líderes servos na igreja (além de Rom. 16: 1, veja 1 Tim. 3: 8-13).

Também podemos notar aqui a ordem de adoração na igreja primitiva, especialmente porque parece ter emprestado a ordem de adoração do serviço da sinagoga. Isso é mostrado na tabela 1.[323]

Ilustrando o Texto

O evangelho valoriza homens e mulheres igualmente.

História da Igreja:Catherine Booth (1829-90), co-fundadora do Exército de Salvação, teve um poderoso ministério de pregação na Inglaterra numa época em que as mulheres não falavam nas reuniões de adultos. Ela disse: “Se a Palavra de Deus proíbe o ministério feminino, perguntaríamos como é que tantas das mais devotadas servas do Senhor se sentiram constrangidas pelo Espírito Santo a exercê-lo? . . . A Palavra e o Espírito não podem se contradizer. ” Livro de Booth

Ministério Femininonão é apenas um reflexo das ideias feministas da época. Em vez disso, ela a baseou

argumento sobre o que ela acreditava que a Bíblia dizia sobre a igualdade absoluta de homens e mulheres diante de Deus.[324]

História da Igreja:Catarina de Siena (1347-80), freira católica, teóloga e filósofa, começou um ministério ativo aos pobres, doentes e presos de Siena. Quando uma onda de peste atingiu sua cidade natal em 1374, a maioria das pessoas fugiu, mas ela e seus seguidores ficaram para cuidar dos doentes e enterrar os mortos. Dizia-se que ela trabalhava incansavelmente dia e noite, curando todos aqueles que os médicos consideravam sem esperança; alguns até afirmaram que ela ressuscitou os mortos. Mais tarde, ela procurou erradicar a corrupção da Igreja, chegando a escrever ao papa para exortá-lo a voltar da França a Roma e resolver os problemas: “Responda ao Espírito Santo, que está chamando você! Eu te digo: Venha! Venha! Venha! Não espere o tempo, porque o tempo não está esperando por você. ”

[325]



O túmulo de Santa Catarina de Siena, mostrado aqui, encontra-se sob o altar-mor da Basílica de Santa Maria sopra Minerva, em Roma.

Cada igreja deve estar envolvida com missões, tanto nacionais quanto internacionais.

Missões da Igreja: Aqui estão algumas perguntas que as igrejas deveriam fazer: (1) Os recursos da missão são usados para manter igrejas locais ou para plantar novas? (2) O apoio cria dependência doentia ou encoraja a iniciativa da igreja nacional? (3) Os líderes da igreja nacional são eticamente, moralmente e espiritualmente responsáveis para com outros líderes da igreja nacional que entendem sua cultura?

(4) Os missionários são eticamente, moralmente e espiritualmente responsáveis para com os companheiros no campo, líderes da igreja nacional e líderes da igreja de sua congregação ou agência de envio? (5) Os líderes nacionais apoiados esperam ser apoiados por seu próprio povo em um futuro próximo? (6) Os líderes nacionais são apoiados em um nível consistente com a economia local ou no nível econômico dos membros da igreja que apóia?

~~[326]~~

História verdadeira: As pessoas sempre tentaram encontrar uma variedade de maneiras de cumprir

A ordem de Jesus de que amemos nosso próximo. Um casal, Saji e Priya Mathi, cavou banheiros para pacientes infectados pelo HIV, indivíduos considerados sem esperança na cidade de Hyderabad, Índia, onde o casal trabalha. “Consideramos essas ações de amor como uma das melhores oportunidades de mostrar o amor de Deus por eles”, disse o marido. Ele relatou que com o tempo as pessoas vão querer saber sobre o Deus que ele adora. “Alguns dizem que é um trabalho sujo, mas não é um trabalho sujo maravilhoso.” Os banheiros são um imperativo por causa da relação do HIV com o sistema imunológico; cada um custa cerca de US $ 217 para ser construído.
~~[327]~~

Saudações de Paulo às Igrejas Romanas

Grande ideia

Romanos 16: 3-16 não é uma conclusão anticlimática para Paulo
carta de aliança aos cristãos romanos. As trinta e seis pessoas que Paulo cumprimenta aqui revelam um tesouro de informações sobre o cristianismo primitivo em Roma: níveis socioeconômicos, locais de culto, igualitarismo e unidade em Cristo. Portanto, as saudações de Paulo nesses versículos não são de pouca importância.

Temas principais de Romanos 16: 3-16

As saudações de Paulo têm pelo menos dois propósitos: (1) transmitir o amor de Paulo
afeto para com os colegas de ministério e para homenagear os crentes estimados em Roma que ele não conheceu; e (2) comunicar às igrejas romanas que não conhecem Paulo que seus líderes apóiam totalmente seu apostolado e assim devem fazer suas congregações.

Paulo oferece uma janela que oferece uma visão fascinante do cristianismo do primeiro século em Roma.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 16: 3-16 é semelhante a outras saudações que concluem as cartas de Paulo (veja 1 Cor. 16: 15-20; Fp. 4: 21-22; Col. 4: 10-17; Filem. 23-24), exceto que Romanos contém o maior número de nomes pessoais.



-
-

Romanos 16: 3-16 divide-se em três divisões: saudações à missão de Paulo colegas de trabalho no passado que agora residem em Roma (vv. 3-10a, 12-13); saudações aos cristãos romanos que Paulo não conhece (vv. 10b-11, 14-15); saudações com o beijo santo (v. 16).

Antecedentes Históricos e Culturais 1. Estudiosos clássicos trabalharam para descobrir a estrutura socioeconômica do cristianismo romano. [328] John Gager identificou cinco níveis de estrutura socioeconômica romana, listados aqui da classe mais baixa à mais alta: escravos, libertos e libertas (os escravos nascidos que mais tarde obtiveram a liberdade), plebeus (cidadãos romanos nascidos livres), classe equestre (cavaleiros; figuras políticas romanas , líderes militares, etc.) e senadores (a aristocracia romana) (ver tabela 1 abaixo).

[329]Com base na excelente análise de Robert Jewett dos trinta e seis nomes que Paulo menciona em 16: 3-16 (incluindo ele mesmo), podemos classificá-los da seguinte maneira: Paulo era um cidadão romano não rico e livre, como provavelmente Rufus; Phoebe e Priscilla provavelmente eram ricas (patronas), cidadãs romanas livres; o resto eram escravos ou libertos e libertas, incluindo Áquila. Parece difícil distinguir se esses nomes eram os de escravos ou libertos e libertas, mas de qualquer forma, eles estavam nos degraus mais baixos da escada da sociedade romana.

[330]

Essa evidência parece confirmar o que os estudiosos do Novo Testamento têm dito há anos: o Cristianismo primitivo foi um movimento principalmente das classes mais baixas da sociedade romana, embora houvesse exceções importantes.

2. Os primeiros cristãos em Roma e em todo o império se reuniam em igrejas caseiras.

[331] Os cristãos que podiam pagar casas abriram suas casas para a adoração. Da igreja doméstica escavada em Dura-Europos, aprendemos que uma igreja doméstica típica pode acomodar cerca de cinquenta fiéis. Portanto, aqueles anfitriões de igrejas domésticas, como Priscila e Áquila, provavelmente eram patrocinadores ricos do movimento cristão. Jewett forneceu uma análise magistral das cinco congregações na Roma do primeiro século às quais Paulo escreveu, mostrando que apenas o local de culto de Priscila e Áquila ficava na parte mais rica de Roma; as outras quatro eram igrejas em cortiços localizadas nas áreas mais pobres. Tratava-se de complexos de apartamentos acima de empresas. De acordo com Jewett, as cinco congregações se reuniam da seguinte forma: (1) na igreja doméstica de Priscila e Áquila (16: 5a) e nas igrejas cortiços de (2) aqueles entre os escravos de Adrônico (16: 10b), (3) aqueles entre os escravos de Narciso (16: 11b),

[332] Isso também mostra que o cristianismo romano na época de Paulo era principalmente de
as classes mais baixas.



Estes são os restos escavados da igreja doméstica em Dura-Europos, datada de DC 235. A sala da extrema direita servia como sala de reuniões. Uma sala de batistério também foi desenterrada, revelando obras de arte cristãs que atualmente são nosso retrato mais antigo de Jesus. Cristãos de todo o Império Romano se reuniam em pequenas igrejas domésticas locais para adoração e oração.

3. Saudações de Paulo às mulheres nas igrejas de Roma (Priscila [Prisca], Maria [Miriam], Junia, [333] Trifena e Trifosa [irmãs?], Persis, a mãe de Rufus e Julia) revelam que as mulheres estavam profundamente envolvidas no ministério.

Percepções interpretativas 16: 3-5aCumprimente Priscila e Áquila. . . também a igreja que se reúne em sua casa.
Paulo faz quatro comentários sobre a equipe de marido e mulher de Priscila e Áquila. (1) Eles são colaboradores de Paulo em Cristo (16: 3). "Colega de trabalho" (

sinergias) significa que eles estavam envolvidos no ministério com Paulo. Então o casal se tornou cristão antes de conhecer Paulo, mas eles se

juntaram a ele na proclamação do evangelho. (2) Eles arriscaram suas vidas por Paulo (16: 4). Paulo nunca especifica como eles fizeram isso, mas talvez eles tenham intercedido por ele quando o

o motim estourou em Éfeso (veja Atos 19: 23-41; 1 Cor. 15:32; 2 Cor. 1: 8-11). (3) Tanto Paulo quanto suas igrejas gentias estão em débito com o casal (16: 4). Esse detalhe pode ter sido devido aos recursos do casal para o ministério de Paulo aos gentios. (4) Eles hospedam uma igreja doméstica em Roma (16: 5a).

16: 5b Cumprimente meu querido amigo Epenetus.Em seguida, Paulo cumprimenta Epeneto. Provavelmente Epeneto foi um liberto que foi um dos primeiros convertidos a Cristo na Ásia, talvez em conexão com o ministério de Priscila, Áquila e Paulo em Éfeso (ver Atos 18: 18-19: 20). Jewett afirma que Epeneto tornou-se associado à família de Priscila e Áquila, mudando-se para Roma com eles e unindo-se à sua igreja doméstica.

[334]

16: 6-7Cumprimente Maria. . . Andronicus e Junia. . . Eles são excelentes entre os apóstolos.As três pessoas mencionadas nesses versículos eram judias: Maria (Miriam), Andronicus e Junia (s). Os dois últimos Paulo chama de "parentes" (

singênese), que significa "companheiros judeus" (NIV) ou "compatriotas". “Maria / Miriam” (v. 6) era o nome da irmã de Moisés (Êxodo 15:20). Visto que a comunidade judaica em Roma começou principalmente como prisioneiros de guerra escravos trazidos da Judéia para Roma em 62 aC, Miriam era escrava ou liberta. A fase técnica “trabalhou [

Kopiaō] para você ”indica que ela trabalhou como missionária.[335]

Tem havido um grande debate sobre se Junia (s) era um homem ou uma mulher. Mas o caso de “Junia”, um nome feminino, é muito mais forte do que o de “Junias”, um nome masculino. Aqueles que optam pelo último argumentam que “Junias” é uma contração de “Junianus”. No entanto, “Junias” como uma contração de “Junianus” não é encontrado em nenhum lugar da literatura grega, e até o século XIII a visão dominante da igreja era que a pessoa em questão era uma mulher. Assim, Júnia e Adrônico provavelmente eram uma equipe de marido e mulher para o evangelho, que ou eram escravos ou haviam obtido sua liberdade. Esses dois Paulo chama de “destacados entre os apóstolos”. Além disso, eles se tornaram cristãos antes de Paulo se converter.

O significado de “apóstolos” também é muito debatido. Thomas Schreiner e Douglas Moo argumenta que o termo não é o técnico para os doze apóstolos. [336] James Dunn e Robert Jewett não discordam necessariamente, argumentando que Paulo, Andrônico e Júnia pertenciam ao grupo de apóstolos (maior que doze discípulos / apóstolos) que foram nomeados apóstolos pelo Cristo ressuscitado (ver 1 Cor. 15: 7). Portanto, este casal tinha um alto status espiritual, assim como Paulo, em pregando o evangelho.[337] Dunn e Jewett aparentemente estão corretos, pois em Romanos 16: 7a Paulo elogia Andrônico e Júnia por terem sido presos com ele. Provavelmente foi porque eles, como ele, pregaram o evangelho como testemunhas oculares de Jesus ressuscitado.

16: 8-10aCumprimente Ampliatus, meu caro amigo no Senhor. . . Cumprimente Urbanus. . . Stachys. . . Apeles.

Aqui, Paulo cumprimenta outras pessoas em Roma. Ampliatus, a maioria concorda, é Ampliatus, o escravo de Domitila, cujo nome aparece duas vezes nas catacumbas de Domitila em Roma. Domitila veio de uma família senatorial, mas foi exilada como cristã durante o reinado de Domiciano (81-96 DC). Urbanus provavelmente foi um liberto de origem romana que também foi colega de trabalho de Paulo no passado. Stachys sem dúvida era de origem escrava, talvez agora um liberto. Seu nome grego sugere isso, já que tanto judeus quanto gregos apareceram pela primeira vez em Roma como escravos. Ele também era querido por Paulo no ministério.



Apeles também tem um nome grego, sugerindo sua condição de escravo ou liberto. O fato de Paulo saber que Apeles é honrado porque foi obediente ao Senhor durante um período de provação sugere que os dois homens também serviram ao Senhor juntos no passado.

Os cristãos em Roma estavam amplamente concentrados na região Transtiberina (lar de uma grande população judia) e ao longo da Via Appia perto da Porta Capena, duas áreas pantanosas onde viviam as populações mais pobres. O Monte Aventino, lar de muitos aristocratas, foi provavelmente a localização da igreja de Priscila e Áquila.

16: 10b-11 Saudar . . . a casa de Aristóbulo. . . Herodion. . . a

família de Narciso.Em 16: 10b, Paulo cumprimenta os que estão na casa de Aristóbulo. Aristóbulo pode muito bem ter sido neto de Herodes, o Grande (falecido em 4 aC). Aristóbulo foi levado como refém com seu irmão Herodes Agripa a Roma. Este Aristóbulo foi treinado com o futuro imperador Cláudio. Aristóbulo posteriormente protestou contra a ação do então imperador Calígula, que decretou que sua estátua deveria ser colocada no templo de Jerusalém (Josefo,

Formiga.18,273-76). Após a morte de Aristóbulo (cerca de 45 DC), sua família foi absorvida pela casa de seu amigo Cláudio, agora imperador. Assim, os da casa de Aristóbulo provavelmente eram escravos cristãos ou libertos que constituíam uma igreja cortiça.

[338]

Paulo cumprimenta Herodion, um cristão judeu. Se Aristóbulo era da família herodiana, também era o homem chamado “Herodião”. Pode ser que Paulo o mencione logo após sua referência à família de Aristóbulo porque Herodião também é um escravo ou liberto que adora naquela mesma igreja cortiça.

Em 16: 11b, Paulo cumprimenta os da família de Narciso que estão no Senhor. Como Aristóbulo, Narciso não é considerado cristão; antes, aqueles de suas famílias são cristãos. Narciso pode muito bem ter sido o influente liberto do imperador Cláudio (Suetônio,

Claudius28). Portanto, aqueles escravos cristãos ou libertos e libertas de Narciso pareciam constituir uma terceira igreja em Roma, outra igreja cortiça. Esses cristãos e outros crentes como eles demonstram que o evangelho fez profundas incursões na casa de César (cf. Fp 4:22).

16:12Cumprimente Trifena e Trifosa. . . Persis.Em 16:12, Paulo cumprimenta três mulheres cristãs. Trifena e Trifosa provavelmente eram irmãs, devido a seus nomes semelhantes e a união próxima entre elas refletida em "e". Eles, junto com Persis, outra mulher cristã, provavelmente eram de origem escrava. O louvor de Paulo por sua obra no Senhor provavelmente se originou de seu ministério com ele nas províncias do leste.

16:13Cumprimente Rufus. . . e sua mãe.Rufus e sua mãe eram cristãos judeus. Há muito tempo, JB Lightfoot defendeu a teoria plausível de que Rufus e seu irmão (ver Marcos 15:21) eram filhos de Simão de Cirene, que foi forçado a carregar a cruz de Jesus.

[339]O fato de Paulo chamar Rufus de “escolhido no Senhor” pode ser porque seu pai ajudou Jesus a carregar a cruz. Este Rufus tinha uma ligação direta com o Jesus histórico. Além disso, a mãe de Rufus tratou Paulo como um filho na fé. Por seu serviço fiel ao Senhor e a ele, Paulo os honra.

16: 14-15Cumprimente Asyncritus, Phlegon, Hermes, Patrobas, Hermas. . . Philologus, Julia, Nereus. . . Olympas.Os versículos 14-15 contêm saudações de Paulo às duas últimas igrejas de cortiços. Paulo cumprimenta cinco indivíduos que aparentemente eram os líderes de outra igreja de cortiços: Asyncritus, Phlegon, Hermes, Patrobas, Hermas e os irmãos com eles. Paulo não saúda esses indivíduos pessoalmente. Jewett observa que todos os cinco desses homens tinham nomes de escravos e podem ter se tornado libertos. Isso ocorre porque seus nomes são gregos.

[340] Portanto, é provável que eles liderassem uma congregação de escravos que se reuniam em um
apartamento de cortiço.

O versículo 15 contém a saudação de Paulo a uma quinta congregação em Roma (a quarta igreja do cortiço), os "santos" (
hagioi) com Filólogo e Júlia (talvez outro time de marido e mulher) e Nereu e sua irmã. Esses indivíduos eram presumivelmente os líderes da congregação e, sem dúvida, escravos ou libertos.

[341]Curiosamente, dois desses líderes eram mulheres - Julia e a irmã de Nereus - novamente mostrando a natureza igualitária da igreja primitiva. Mesmo que Paulo chamasse os cristãos judeus de "santos" (

hagioi[NIV: “o povo do Senhor”]) em Romanos 15:25; 1 Coríntios 16: 1; 2 Coríntios 8: 4; e 9:12, o termo pode incluir cristãos gentios também (como em Romanos 1: 7, uma referência a todos os cristãos, gentios e judeus). Os nomes gregos aqui em v.

15 também pode apontar nessa direção.

16:16 Saudai uns aos outros com um beijo sagrado.Paulo instrui os cristãos romanos a se cumprimentarem com um beijo santo. Cumprimentar os outros com um beijo não romântico era costume no mundo greco-romano (ver, por exemplo, Eurípides,

Andr.416-17; Pseudo-Lucian,
Como em.17) e no judaísmo (ver Gênesis 27:26; Lucas 7:45; Atos 20:37). Mas Jewett observa que em nenhum lugar da tradição greco-romana ou do

judaísmo a santidade está ligada a um beijo, como Paulo afirma sobre o beijo cristão aqui.

[342]

O beijo sagrado entre os cristãos foi um sinal de afeto familiar e unidade em Cristo.

Percepções TeológicasVários insights teológicos vêm à tona em Romanos 16: 3-16. Primeiro, o princípio igualitário de Paulo - a igualdade dos cristãos porque estão em Cristo - tão belamente declarado em Gálatas 3:28 é mostrado concretamente aqui. Em Cristo, judeu e gentio, escravo e livre, homem e mulher são um. Em segundo lugar, Paulo não era solitário em seu ministério. Ele tinha muitos colegas de trabalho na divulgação do evangelho. Terceiro, os cristãos devem honrar e edificar outros cristãos, como Paulo fez, porque todos são colaboradores no evangelho.

Ensinando o Texto

Ao ensinar este texto, pode-se dividi-lo de acordo com os cinco romanos congregações, comentando sobre cada um deles. Mas talvez uma discussão mais detalhada das cinco ordens romanas da sociedade possa ser bem aproveitada no ensino dos antecedentes desses versículos. Eles são exibidos na tabela 1.

Tabela 1: As cinco ordens romanas da sociedade

Nome	Número	Descrição	Religião
Senador	Restrito a seis cem por césar	Classe alta; corpo dirigente; critério hereditário de ser nascidos livres e patrícios	Conservador; Greco-romana panteão de deuses
Equestre (cavaleiros)	Ilimitado; designadas por César; fundo de ser líderes militares e então administradores	Classe alta; nascido livre; controladores de negócios romanos, indústria; não hereditário	Religiões de mistério (da Exército); Culto imperial romano
Plebeu	Muitos (várias centenas mil em roma sozinho)	Classe baixa / alta; nascido livre; financeiramente deprimido; escravos tomaram sobre seus empregos, deixando	Religiões de mistério; aberto para novo religiões por causa de finanças dificuldades e muito tempo livre;
Libertos	80 por cento do Cidadania romana	Classe média; ex-escravos libertados por manumissão; algum social	Religiões de mistério e o Culto imperial romano
Escravos	Aproximadamente 30 por cento do população dos romanos Império	Uma coisa / propriedade; vários obteve liberdade e se juntou ao trabalhadores; poderia estar bem	Aberto ao Cristianismo, especialmente quando comparado com os três primeiros níveis da sociedade, como os

Ilustrando o Texto

Os cristãos devem afirmar uns aos outros na unidade de Cristo.

Cultura: A cultura universitária, especialmente as visões de mundo dos professores, influencia mentes jovens. Kenneth Badley, professor da George Fox University, diz:

> Os alunos vivem em uma posição vulnerável. Eles devem enfrentar os desafios do mundo do pensamento, embora presumindo que não exista nenhum conflito entre a verdade nele e a verdade das Escrituras. Presumivelmente, eles fazem isso com a ajuda de Deus, mas, como eu descrevi, eles o farão sem qualquer estrutura social de apoio

.....Podemos ajudar nossos alunos ficando ao lado deles em meio a suas tensões. Quando

> o que fazemos, mudamos o locus de integração ao convidá-los implicitamente a continuar suas lutas, não sozinhos, mas dentro da relativa segurança da comunidade de fé.[343]

A metáfora do corpo usada por Paulo indica uma unidade de comunidade, e o a igreja é um dos melhores lugares "para receber o tipo de ensino que incentiva e aprofunda a fé".[344]

Os cristãos devem unir todas as etnias, gêneros e grupos socioeconômicos.

Testemunho pessoal:Eu (Marvin) assisti recentemente ao funeral do pai de um de meus orientadores alunos. O serviço foi comovente e triunfante. Era óbvio que Jeff viveu uma vida cristã em vista da diversidade do corpo de Cristo. Mais de quinhentas pessoas compareceram ao seu serviço memorial. Eles representavam diferentes grupos étnicos: homens e mulheres, ricos e pobres, altamente educados ou não. Durante sua vida, Jeff tocou cada um dos presentes no culto com seu testemunho do Senhor. Eu me senti como se estivesse no céu juntando-me à adoração de "todas as nações, tribos, povos e línguas" (Apocalipse 7: 9). Saí daquele dia pensando no quanto a igreja deveria imitar o exemplo de Jeff de estender a mão para os outros.

Maldições para os Falsos Professores, Bênçãos para os Cristãos Romanos

Grande ideia Enquanto Paulo se aproximava da conclusão de sua carta aos Romanos, ele
ambos emitem uma advertência sobre os falsos mestres que podem invadir as congregações romanas e elogia os cristãos romanos por sua obediência ao evangelho. À primeira pertencem as maldições da aliança, mas à última pertencem as bênçãos da aliança.

Temas principais de Romanos 16: 17-20

Falsos mestres estão a caminho para enganar as congregações romanas, por isso Paulo avisa os cristãos romanos.
Mas os cristãos romanos são obedientes ao Senhor e, portanto, são abençoados por ele.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 16: 17-20 abruptamente pontua o calor de Paulo saudações às igrejas romanas. Isso levou alguns a teorizar que esses versículos são uma interpolação posterior adicionada a Romanos após a morte de Paulo. Robert Jewett, por exemplo, sugere que a escola que produziu as Epístolas Pastorais (com seus



-
-

ênfase na forte doutrina como remédio para o falso ensino) colocaram esses versículos em sua localização atual.[345] No entanto, aqueles de nós que aceitam a autoria paulina das Epístolas Pastorais não têm problema com a ênfase em 16: 17-20 na sã doutrina como prevenção para ser enganado por falsos ensinos.

Além disso, Paulo emite advertências abruptas semelhantes no final de algumas de suas outras cartas (1 Coríntios 16:22; Gl 6: 12-17; Fp 3: 2-4: 1).[346]Além disso, como veremos, 16: 17-20 mais uma vez toca no tema das maldições e bênçãos da aliança que governou grande parte da carta aos Romanos. O primeiro se aplica aos judaizantes e o último aos cristãos romanos.

Os versículos 17-20 facilmente se dividem em dois pontos, ambos, eu sugiro, influenciados pelo tema da aliança:

1. Maldições da aliança sobre os judaizantes (16: 17-18)
2. Bênçãos da aliança sobre os cristãos romanos (16: 19-20)

Antecedentes Históricos e Culturais 1. Os comentadores identificam o falso professores em 16: 17-20 com libertinos gentios ou judaizantes. A palavra-chave nesta discussão é Koilia(“Barriga” [NIV: “apetites”]) em 16:18. Uma geração atrás, era comum apontar para o referente dessa palavra como libertinos gnósticos, cuja moral e apetites descontrolados governavam seu estilo de vida. Gnosticismo (de gnōsis, “Conhecimento”) ofereceu a “percepção especial” de que o corpo é mau e apenas a alma é boa; portanto, pode-se entregar o corpo à licenciosidade, porque o físico não afeta a alma. Hoje, a maioria dos estudiosos rejeita a afirmação de que o gnosticismo se desenvolveu no primeiro século; em vez disso, os estudiosos paulinos de hoje acreditam que o gnosticismo não surgiu como um sistema religioso totalmente desenvolvido até o segundo século, muito depois da escrita de Romanos.

Um caso muito melhor pode ser feito que o foco dos falsos mestres em sua "barriga" (Koilia) é uma referência aos judaizantes, aqueles cristãos professos que propagaram a noção de que a salvação é baseada na fé em Cristo mais nas obras da lei. Na verdade, esse grupo seguiu os passos de Paulo (ver 2 Coríntios; Gálatas; Fil. 3; cf. Atos 15: 1-35). A “barriga”, então, é uma alusão à ênfase dos judaizantes nas leis dietéticas como um meio de ser ritualmente

limpo diante de Deus. Na verdade, encontramos esses judaizantes em Romanos.

[347] Assim, os falsos mestres que Paulo tem em mente em 16: 17-19 provavelmente são os judaizantes.



A imagem que Paulo usa em Romanos 16:20 de esmagar adversários sob os pés pode ser vista nesta estátua de Adriano, imperador romano de 117 a 138 DC. Adriano venceu (observe a coroa de louros em sua cabeça) sobre um inimigo de Roma com o pé nas costas de um bárbaro caído.

2. O pano de fundo do Antigo Testamento para 16:20, "O Deus de paz em breve esmagar Satanás sob seus pés ", é Gênesis 3:15, conhecido como o protoevangelion- isto é, a primeira ocorrência do evangelho. Lá, Deus promete que a semente da mulher esmagará a cabeça da serpente. Dois comentários estão em ordem aqui. Em primeiro lugar, esta promessa de Gênesis 3:15 torna-se no Judaísmo e no Cristianismo apocalíptico em orientação: o Messias virá e esmagará Satanás no tempo do fim (ver, por exemplo,

T. Levi18,12 para o judaísmo; Apocalipse 12:17 para o Cristianismo). Para Paulo, Jesus é o Messias, e ele logo esmagará Satanás na parusia. Em segundo lugar, Gênesis 3:15 tem uma perspectiva deuteronômica. Assim, as maldições da aliança de Deuteronômio 28: 15-68 informam Gênesis 3:15. Assim como Deus amaldiçoou a serpente e exilou Adão e Eva do jardim, Deus amaldiçoará Israel por quebrar sua aliança e os enviará ao exílio.

(Assumimos aqui que o autor do Pentateuco [Moisés] conhecia o fim do Pentateuco desde o seu início e

assim percebi que a história anterior de Gênesis foi influenciada pela história posterior de Deuteronômio.) Assim, para Paulo, os falsos mestres, inspirados pela serpente / Satanás, estão sob as maldições da aliança. Mas, em contraste, os obedientes cristãos romanos estão sob as bênçãos da nova aliança do Messias. De fato, os dois caminhos diversos delineados em 16: 17-20, o da obediência e bênção (o "bem") e o outro da desobediência e maldição (o "mal") (16:19), trazem distintamente à mente o Tradição de "duas vias" começando em Deuteronômio 30: 15-20. O caminho da desobediência leva às maldições da aliança; o caminho da obediência leva às bênçãos do convênio.

Percepções interpretativas 16: 17-18 cuidado com aqueles que causam divisões e colocam obstáculos em seu caminho.

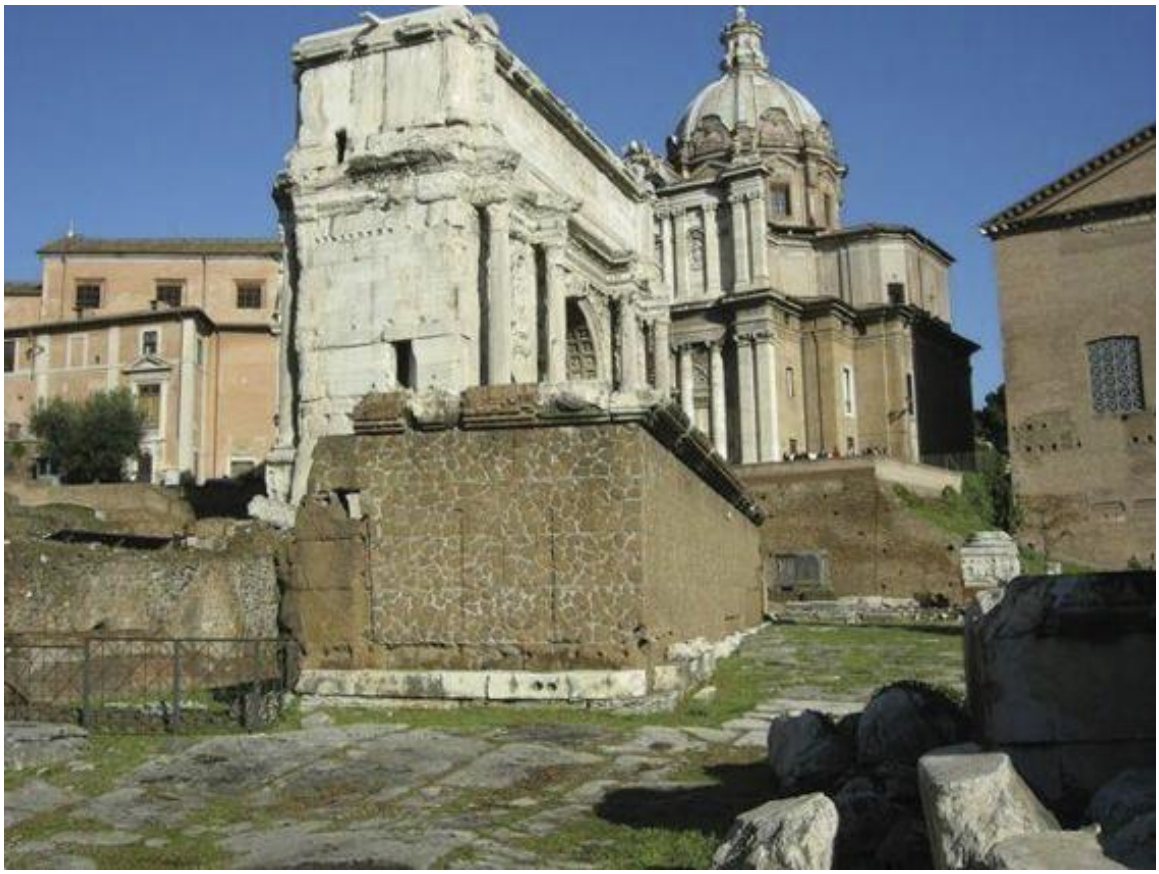
Paulo "exorta" (parakaleō[cf. 12: 1]) os cristãos romanos para "tomar cuidado" (
skopeō) para os falsos mestres (os judaizantes). Paulo então oferece quatro características desses indivíduos. Primeiro, eles causam divisões (uma obra da carne [ver Gl 5:20]) na igreja (16: 17a). Em segundo lugar, os falsos mestres colocam "obstáculos" (

Skandalon[cf. 9:33; 11: 9; 14:13]) no caminho do ensino que os cristãos romanos aprenderam. O ensinamento" (
didachē) é a verdade do evangelho que os crentes romanos receberam muito antes de Paulo escrever sua carta a eles (16: 17b). Terceiro, os falsos mestres não servem a Jesus, o Senhor, mas sim aos seus próprios apetites (16.18a). Notamos acima que

Koilia("Apetites" ou "barriga") provavelmente alude à mensagem dos judaizantes de que os cristãos devem guardar toda a lei de Moisés, incluindo as leis dietéticas (cf. Col. 2: 16-17, 20-23; Fp 3:18 -19). Quarto, os judaizantes persuadem os desavisados por meio de palavras suaves e lisonjas (16: 18b). Tal "engano" (

exapataōé uma forma intensiva da palavra usada por Satanás em Gênesis

3:13 LXX [cf. ROM. 7:11]) é inspirado por Satanás.



Paulo descreve os falsos mestres como usando “conversa suave e lisonja” para enganar (Rom. 16:18). Os residentes de Roma estavam acostumados a ouvir palavras suaves. O estudo e a execução da oratória eram levados muito a sério, e existiam escolas de retórica para treinamento. O

contio,ou reunião pública, foi uma oportunidade importante para os palestrantes se dirigirem ao público em geral. Na maioria das vezes, essas reuniões eram convocadas antes ou depois da votação no prédio do senado, ou Cúria, que ficava no Fórum Romano. Adjacente à Cúria estava a Rostra, ou plataforma do orador, em torno da qual as multidões se reuniam e onde os oradores podiam ser vistos e ouvidos enquanto faziam seus discursos geralmente bem preparados. Esta foto do Fórum Romano mostra a Rostra reconstruída com a Cúria apenas visível no lado direito da imagem.

16: 19-20 O Deus da paz logo esmagará Satanás sob seus pés.Em contraste com os falsos mestres, Paulo afirma em 16:19 que os cristãos romanos são bem conhecidos por sua obediência ao evangelho (cf. 1: 5; 16:26). E Paulo quer que eles persistam em tal obediência ao evangelho (o “bom”) e não sejam enganados pelos falsos mestres (o “mal”). Na verdade, Deus em breve

conquistará os emissários de Satanás na parousia de Cristo, e os cristãos romanos participarão dessa vitória. O versículo 20 resume 16: 17-20: os crentes romanos desfrutam de paz agora e da vitória depois (bênçãos da aliança) porque são obedientes ao evangelho; mas os falsos mestres, que desobedecem à estipulação da fé, adicionando o

lei para a salvação, estão sob as maldições da aliança.

Percepções TeológicasDuas verdades confrontam o leitor de Romanos 16: 17-20. Primeiro, o falso ensino é uma realidade sempre presente. Satanás é um mestre em “ajustar” a verdade do evangelho, acrescentando a lei aqui, subtraindo a santidade ali. Mas esse “ajuste” corrompe o evangelho. Portanto, os cristãos devem estar vigilantes para resistir a qualquer invasão de falsa doutrina na igreja. Em segundo lugar, a melhor maneira de os cristãos resistirem ao falso ensino é conhecer bem a verdade do evangelho.

Ensinando o Texto

Um sermão ou lição baseado em Romanos 16: 17-20 pode ser intitulado "Fique o Curso ”e faça referência a ser fiel à verdade do evangelho. O
O esboço duplo acima pode ser seguido usando estas duas legendas: (1) Distorção do evangelho por falsos mestres (vv. 17-18); (2) Fidelidade ao evangelho pelos verdadeiros cristãos (vv. 19-20).

Com relação ao primeiro ponto, um poema e duas ilustrações poderosas vêm à mente sobre a distorção do evangelho que os falsos mestres trazem. O primeiro, uma rima:

> Johnny era filho de um químico, mas Johnny não é
> mais. O que Johnny pensou foi H_2O era $H_2TÃO_4$!

Aliança e a mentalidade do antigo judeu

Aqui, exploro um pensamento que há muito tempo considerava sobre os judaizantes e o judaísmo do Segundo Templo como um todo. Embora essa ideia seja de orientação psicológica, acredito que pode ajudar a nós, modernos, especialmente aqueles de nós que somos gentios, a entender melhor a motivação por trás da atitude em relação à lei que Paulo critica. Na verdade, se essa teoria estiver correta, também ajudará o leitor moderno a apreciar melhor o que motivou a crítica de Paulo à própria lei.

Coloquemo-nos no lugar do judeu típico por volta do primeiro século DC. Tal pessoa terá ouvido repetidamente da Bíblia Hebraica a história de Israel: pecado, exílio e restauração. Deus prometeu que se Israel obedecesse à Torá, ele derramaria as bênçãos da aliança sobre eles, incluindo colheita abundante, proteção contra inimigos e longa vida na terra. Mas se Israel desobedecesse à lei de Deus, as maldições da aliança seriam seu destino - seca e fome, derrota nas mãos dos inimigos e exílio. E foi assim que Israel pecou contra a lei e, conseqüentemente, foi derrotado pelos assírios, babilônios, sírios, egípcios e agora pelos romanos.

Não é difícil entender a mentalidade dos antigos judeus em tudo isso: Deus disse que se eles retornassem a ele obedecendo seriamente a sua lei, ele os restauraria à sua terra e ao seu Deus. Se eu fosse um judeu vivendo nessas circunstâncias, então certamente eu, como a maioria dos outros judeus, teria raciocinado algo assim: posso ter falhado em seguir a Torá no passado, mas você pode ter certeza de que isso não acontecerá novamente, porque desta vez vou obedecer à lei na enésima medida! E isso eu

pense, é o que os antigos judeus fizeram. Eles tentaram obedecer à lei em seu grau máximo para garantir o favor de Deus.

O leitor agora verá a possível dinâmica psicológica em ação no Judaísmo do Segundo Templo: alguns judeus, compreensivelmente, tornaram-se obsessivo-compulsivos em sua perspectiva em relação à Torá. Eles sentiram que tinham que acertar, com rituais e tudo, para mais uma vez experimentar as bênçãos de Deus. Olhar para o judaísmo antigo sob essa luz deve suscitar muita compaixão e sensibilidade dos leitores modernos. A parte de Paulo em tudo isso, como um bom terapeuta levando seu paciente à realidade, foi apontar para a graça de Deus como o fator libertador de uma mentalidade tão obsessiva.

Johnny pensou que estava bebendo água, quando na verdade bebeu ácido sulfúrico, um produto químico mortal! Johnny estava sinceramente errado. Pode-se pensar aqui nos seguidores de Jim Jones no final dos anos 1970, que foram desencaminhados pela distorção do evangelho pregado por aquele ministro. Os seguidores de Jones - cerca de mil deles - se mudaram da Califórnia com o orador dinâmico para as selvas da Guiana, onde beberam um veneno mortal sob seu comando em vez de enfrentar as autoridades. Essa congregação estava sinceramente errada, sendo enganada por um falso mestre.

O segundo ponto da lição seria incentivar os ouvintes a serem fiéis ao evangelho. Como Paulo disse, devemos combater o bom combate, terminar a carreira e manter a fé (2 Timóteo 4: 7). O resultado para Paulo, e para todos os crentes que são fiéis à sã doutrina bíblica, é uma coroa de justiça na volta do Senhor (2 Timóteo 4: 8). Quando penso em pregadores fiéis do evangelho modernos, o falecido WA Criswell vem à mente. Criswell sempre será lembrado como um pregador fiel do evangelho e da Bíblia. Ele fez pregação expositiva quando a exposição bíblica não estava em voga, como está em muitos círculos evangélicos hoje. Quando Criswell começou seu ministério na Primeira Igreja Batista de Dallas, ele decidiu pregar através dos livros da Bíblia. Demorou muitos anos (1948-63), mas Criswell terminou “o Livro” de capa a capa.

A bolsa de estudos de Criswell foi bombada em seu ministério de pregação. Ele deu o melhor de suas capacidades intelectuais para fazer um estudo completo e apresentar o texto das Escrituras para seu povo por mais de setenta anos. Criswell sempre aconselhou os jovens pastores a fazer o que ele fazia: reservar suas manhãs para um estudo profundo da Palavra de Deus. Ele usava as tardes e as noites para fazer o trabalho da igreja, mas suas manhãs eram sempre reservadas para o tempo com Deus. Criswell estudou as Escrituras nas línguas originais e utilizou uma vasta biblioteca que incluía obras teológicas, comentários bíblicos, dicionários teológicos, volumes de estudos de palavras, biografias e livros históricos, obras de poesia e literatura conhecida, dissertações e teses e muito mais.

Os pregadores e professores desta geração podem aprender muito com a fidelidade do Dr. Criswell ao evangelho.

Ilustrando o Texto

O falso ensino é uma realidade sempre presente.

Citar: George Orwell. Em seu prefácio não publicado para Fazenda de animais (1945) Orwell escreveu,

> Em qualquer momento existe uma ortodoxia, um corpo de ideias que se presume que tudo bem pensando que as pessoas aceitarão sem questionar. Não é exatamente proibido dizer isso, aquilo ou aquilo, mas "não é feito" dizê-lo ..... Qualquer um que desafie a ortodoxia prevalecente será silenciado com surpreendente eficácia. Uma opinião genuinamente fora de moda quase nunca recebe um
>
> audiência imparcial, seja na imprensa popular ou em periódicos sofisticados.[~~348~~]

Este pequeno romance é uma parábola satírica que mostra a maneira sutil como as pessoas são enganadas e depois enganam as outras.

Citar: Irineu.O pai da igreja, Irineu (ca. 115-202 DC?) Escreveu: “O erro, de fato, nunca é apresentado em sua deformidade nua, para que, sendo assim exposto, não seja imediatamente detectado. Mas é astuciosamente adornado com um vestido atraente, de modo que, por sua forma externa, pareça aos inexperientes. . . mais verdadeiro do que a própria verdade ”(Haer. 1.2).[~~349~~]



Os cristãos romanos teriam suas crenças desafiadas em muitas frentes. Além de uma miríade de deuses romanos e sua adoração ritual apoiada pelo estado, várias religiões misteriosas estavam surgindo e atraindo convertidos. O culto de Serápis (a variação romana do culto de Ísis), o culto de Cibele (a deusa retratada aqui) e o culto de Mitras estavam ganhando popularidade nessa época. Pode ter sido mais fácil, entretanto, para os cristãos de Roma rejeitar essas falsas religiões do que resistir aos falsos mestres mais sutis dentro da igreja. Paulo adverte os crentes contra esses criadores de problemas. A estátua de Cibele é de Nicéia, século II DC.

A melhor maneira de resistir ao falso ensino é conhecer bem a verdade do evangelho.

Citar: Franz Kafka.O ensaísta e educador George Steiner (n. 1929) quer ler livros que operem sobre seus afetos: “Ler a grande literatura como se ela não tivesse sobre nós um desígnio urgente. . . é fazer pouco mais do que inserir entradas no catálogo de um bibliotecário ”. Ele então cita uma carta que o renomado romancista Franz Kafka (1883-1924) escreveu aos 20 anos de idade:

> Se o livro que estamos lendo não nos acorda, como com um punho martelando em nosso crânio, por que então o lemos? . . . O que devemos ter são aqueles livros que vêm sobre nós como azar e nos angustiam profundamente, como a morte de alguém que amamos
>
> .....Um livro deve ser um machado de gelo para quebrar o mar congelado por dentro
> nós.[~~[350]~~]

Kafka não estava escrevendo sobre a Bíblia, mas esta certamente é uma descrição poderosa de como a Palavra de Deus opera em nós quando a conhecemos.

Citar: Michel de Montaigne. Um ensaísta renascentista altamente influente, Montaigne (1533-92) escreveu: “Perseguir a verdade é propriamente nosso negócio, e seremos indesculpáveis se continuarmos a caça impertinentemente e mal; deixar de compreendê-lo é outra coisa, pois nascemos para indagar a verdade: pertence a um poder maior possuí-la; não está, como disse Demócrito, escondido no fundo das profundezas, mas antes elevado a uma altura infinita no conhecimento divino ”.

[351]

Saudações aos cristãos romanos dos colegas de trabalho de Paulo em Corinto

Grande ideia Paulo conclui a seção de saudações de sua carta enviando saudações calorosas de seus colegas de trabalho em Corinto às congregações romanas. Sem dúvida, alguns desses colegas de trabalho haviam se reunido em Corinto para acompanhar Paulo enquanto ele levava a coleta dos gentios para a igreja de Jerusalém. Além disso, suas saudações a Roma constituíram sua aprovação da próxima missão paulina a Roma e à Espanha.

Temas principais de Romanos 16: 21-23

Paulo estava bem conectado com os cristãos a leste de Roma.
A cooperação de cristãos judeus e cristãos gentios como a de Paulo colegas de trabalho e em sua coleção para a igreja matriz em Jerusalém modelaram a unidade que Paulo desejava para os crentes romanos.
Os colegas de trabalho de Paulo também apoiaram seu evangelho e seus planos de visitar Roma e a Espanha.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Romanos 16: 21-23 retoma as saudações de Paulo após o

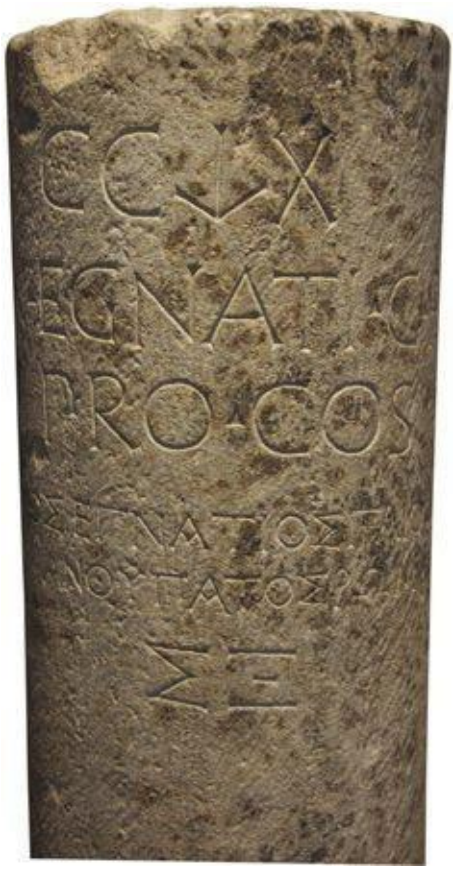


-
-
-

aviso emitido em 16: 17-20. Portanto, esses versículos constituem o encerramento da carta aos Romanos. Meu resumo desses versículos examinará os colegas de trabalho de Paulo que enviam saudações aos cristãos romanos, começando com Timóteo, depois Lúcio, Jasão e Sosípatro e, finalmente, Tertius, Gaius, Erasto e Quartus.

Antecedentes Históricos e Culturais1. O provérbio "Todos os caminhos levam a Roma" não era um exagero. Os romanos construíram estradas (chamadas
viae [plural de através da]) que perduram até os dias de hoje, caminhos que facilitaram muito a divulgação do evangelho. Em seu auge, o sistema de estradas romanas se estendia por 53 mil milhas e continha aproximadamente 372 ligações. Essas estradas serviam aos propósitos militares, comerciais e políticos de Roma. As estradas, construídas por engenheiros romanos,

consistia em entulho, cascalho e pedra como a camada inferior (projetada para permitir água para passar sem se transformar em lama), outra camada de pedra e, em seguida, concreto como a camada superficial. Marcos foram colocados a cada 1.620 jardas. As estações intermediárias pontilhavam as estradas romanas a cada quinze a dezoito milhas. Augusto fundou o sistema postal. A correspondência era entregue em carroça e cavalo, mas também a cavalo e cavaleiro para entrega especial. Os mapas eram difíceis de encontrar, então os viajantes seguiam um itinerário listando as cidades em uma determinada estrada. Mas essas estradas não eram gratuitas. Pedágios e impostos de importação e exportação ajudaram a financiar a construção e manutenção das estradas romanas. Paulo teria percorrido uma das vias públicas mais famosas do império, a Via Egnatia, a estrada que ligava a Ásia Menor, a Europa e a Itália. Paulo utilizou essa estrada em suas viagens à Macedônia e Acaia. Em sua viagem a Roma, quando chegou à Itália,



Este marco romano do rio Gallikos na Via Egnatia tem inscrições em latim e grego que fornecem a milhagem de Dirrachium, na costa oeste da Macedônia, até o rio Gallikos, perto de Thessaloniki, como 260 milhas. Como Dirráquio estava do outro lado do Mar Adriático de Brundísio, os viajantes podiam ir de Roma a Bizâncio (hoje Istambul, Turquia) usando a Via Appia, uma travessia marítima, e a Via Egnatia.

2. Romanos 16:22 registra que Paulo usou um secretário - um amanuense - para escrever a carta aos romanos. Tertius era um escriba profissional (provavelmente pago por Phoebe). Um autor escreve sobre o antigo secretário,

> Evidentemente, as secretárias foram usadas em todo o espectro da vida pública, das secretárias reais às secretárias do mercado. Eles eram uma parte vital da estrutura administrativa do mundo greco-romano, como pode ser visto pela burocracia no Egito romano. Do "escritório central" em Alexandria, com suas hordas de secretários que mantinham a contabilidade e os registros principais, havia uma estrutura hierárquica de secretários que ia até o secretário local da aldeia. Os secretários eram essenciais para o funcionamento do governo romano. Eles eram os mantenedores dos registros

para a burocracia maciça.[352]

O estudo de E. Randolph Richards sobre a escrita de cartas antigas mostra que havia um continuum de quanta contribuição os amanuenses tinham na composição de uma carta,

passando de pouco controle (ditado), para algum controle (taquigrafia), para controle completo (compositor). [353] Dada a importância da carta de Paulo aos Romanos, sem dúvida ele a ditou, deixando a Tertius muito pouco controle sobre sua composição.

Que materiais foram utilizados nas cartas antigas? Caneta e tinta eram grampos da escrita antiga. Muitas vezes, as canetas eram cortadas de um pequeno junco que florescia nas margens do Rio Nilo. Uma ponta da palheta foi cortada em uma ponta. A ponta foi cortada com uma pequena fenda, lembrando uma caneta de pena de tempos mais recentes. A tinta foi basicamente padronizada no primeiro século DC. Havia dois tipos de tinta: vermelha e preta. A tinta vermelha foi preparada misturando ocre com gelatina, goma e

cera de abelha. A tinta preta foi preparada a partir do preto da lâmpada ou carvão moído misturado com goma arábica. O ponto fraco da tinta preta era que não era à prova d'água. Conseqüentemente, a escrita com tinta preta pode ser apagada pelo contato com água.

Vários materiais de escrita eram usados pelos antigos: óstraca (cerâmica quebrada), argila, tábuas de madeira, pergaminho (pele de animal) e papiro (feito de junco, cuja medula interna foi extraída e cortada em tiras, que foram dispostas em camadas laterais lado a lado e, em seguida, em ângulos retos), rolos ou rolos (pergaminho individual ou folhas de papiro costuradas juntas).
[354]

Richards fornece três detalhes intrigantes sobre a carta de Paulo aos romanos: teria custado aproximadamente $ 2.275 (na moeda moderna); o tempo de viagem para entregar uma carta de Corinto a Roma por mar teria sido de cerca de dez dias; a mesma carta levaria cerca de dois meses para viajar por terra de Corinto a Roma.

[355]

3. A última ocorrência em Romanos da palavra "igreja" (ekklēsia), em 16:23, nos dá a oportunidade de dar uma olhada no conteúdo trinitário do culto na igreja primitiva:

1. Messiânico - o Filho
    uma. Jesus é o Messias (2 Sam. 7; Sal. 110; Isa. 53)
    b. Jesus é Deus (hinos cristológicos, Rom. 1: 3-4; Fil. 2: 5-11; Col. 1: 15-20; 1 Tim. 3:16; Ap. 5, provavelmente cantados para Jesus em adoração)
2. Carismático - o Espírito Santo
    uma. O Espírito como dom escatológico (Atos 2)
    b. Adoração guiada pelo Espírito (1 Cor. 14; 1 Tes. 5: 16-20)
3. Profético - o Pai
    uma. Adoração em resposta ao ato salvador de Deus na morte e ressurreição de Cristo (Rom. 1: 3-4)
    b. Adoração como a antecipação do céu (Ap. 1)

Percepções interpretativas 16: 21-23Timothy. . . Lucius, Jason e Sosipater. . . Tertius. . . Gaius. . . Erasto. . . Quartus envia saudações
.[356]Paulo envia saudações às igrejas romanas de cerca de oito de seus colegas de trabalho que se reuniram em Corinto. Timóteo tornou-se parte da equipe missionária de Paulo em sua segunda viagem (Atos 16: 1-3) e foi o colega mais próximo de Paulo (cf. Atos 19:22;

1 Cor. 4:17; 16:10; 2 Cor. 1: 1,19; Phil. 1: 1; 2: 19-24; Colossenses 1: 1; 1 Tes. 1: 1; 3: 2, 6; 2 Tes. 1: 1; 1 Tim. 1: 2, 18; 6:20; 2 Tim. 1: 2; Philem. 1). A mãe de Timóteo era judia, mas seu pai era grego (Atos 16: 1).

Lucius, Jason e Sosipater eram cristãos judeus que serviram com Paulo (ele os chama de seus "parentes" [singênese], significando “companheiros judeus” [NIV] ou “compatriotas”). Lucius (
Loukios) não parece ser Lúcio de Cirene (Atos 13: 1), nem é Lucas (cujo nome Paulo se escreve como
Loukas; e Lucas era um gentio [ver Colossenses 4: 10-14]). Jason provavelmente é o homem citado em Atos 17: 5-7, 9, e Sosípatro é provavelmente o Sopater de Beréia mencionado em Atos 20: 4. Sem dúvida, esses três colegas de trabalho se encontraram em Corinto para ajudar Paulo a levar a coleta dos gentios para Jerusalém.

Tertius era o secretário a quem Paulo ditava Romanos, e provavelmente ele era o amanuense de Phoebe. Além disso, a saudação de Tertius, “Eu, Tertius,. . . saúda você no Senhor ”, indica que ele era um cristão.

Gaius pode muito bem ter sido o Gaius de 1 Coríntios 1:14. Gaio ofereceu hospitalidade a Paulo e a muitos outros missionários cristãos itinerantes. Alguns pensam que Gaius hospedou a igreja de Corinto em sua casa.

Erasto pode muito bem ser o mencionado em Atos 19:22 e 2 Timóteo 4:20. Aqui, Paulo o identifica como o diretor de obras públicas em Corinto. Uma inscrição encontrada em Corinto por arqueólogos em 1929 diz: “Erasto, em troca do edilato, lançou o pavimento às suas próprias custas” (veja a foto). Essa inscrição reflete o antigo costume de um funcionário público eleito expressar seu apreço aos cidadãos de sua cidade ao contribuir com algo de volta para aquela cidade, neste caso pavimentando uma rua. Um edil era um diretor público encarregado das obras da cidade. O grego

oikonomos era um equivalente do latim Ediles.[357]



A inscrição de Erasto

Robert Jewett argumenta plausivelmente que Quartus era irmão de Erasto (a maioria traduções renderizar Kouartos ho adelphoscomo “nosso irmão Quartus” ou “Quartus, um irmão”). Nesse caso, Paulo terá iniciado e concluído suas saudações aos cristãos romanos com nomes de pessoas da alta sociedade (Febe [16: 1] e Erasto e Quartus [16:23]).[358]

Três temas principais, como observamos acima, regem Romanos 16: 21-23. Primeiro, Paulo estava bem conectado em seu ministério, como indicam os oito nomes nesses versículos (para não mencionar os trinta e seis que ele citou anteriormente). Em segundo lugar, alguns dos oito homens sem dúvida estavam em Corinto com o propósito de ajudar Paulo enquanto ele levava a oferta dos gentios para Jerusalém. Este gesto de cristãos judeus levando a oferta dos gentios a Jerusalém era um símbolo da unidade cristã que Paulo queria que os romanos imitassem. Terceiro, os colegas de trabalho de Paulo no leste o apoiaram em seus planos de visitar Roma e evangelizar a Espanha. Sua influência social e autoridade espiritual, Paulo esperava, acrescentariam peso ao seu pedido às congregações romanas para também apoiarem sua pregação do evangelho lá e no exterior. E se Clemente de Roma (

1 Clem. 5), Actus Petri Vercellenses (caps. 1-3), e o Cânon Muratoriano (linhas 34-39) estão corretos, Paulo realmente realizou seu sonho de pregar o evangelho na Espanha.

Percepções Teológicas Duas verdades simples são impressionantes a respeito de Romanos 16: 21-
23. Primeiro, o evangelho era transcultural. Abrangia judeus e gentios, romanos e gregos, bárbaros e civilizados. Ele faz o mesmo hoje em nosso mundo pluralista, independentemente da cultura. Em segundo lugar, o evangelho era contracultural. Unificou escravos e livres, ricos e pobres, homens e mulheres, poderosos e fracos. A cultura romana, na qual o nascimento determinava o status e deixava muito pouco espaço para a mobilidade social, não era páreo para o evangelho igualitário de Jesus Cristo.

Ensinando o Texto

Talvez a melhor maneira de ensinar / pregar Romanos 16: 21-23 seja simplesmente expor
sobre cada um dos oito nomes que Paulo menciona e, em seguida, conclua com os dois insights teológicos que acabei de apresentar. Mas aqui eu acho que pode ser esclarecedor fornecer um itinerário da missão de Paulo após seu primeiro cativeiro em Roma. Aqueles que assumem a autoria paulina em alguma medida para as Epístolas Pastorais (1-2 Timóteo e Tito) tipicamente imaginam o seguinte cenário. Após sua prisão domiciliar em Roma (Atos 28), Paulo foi solto (62 DC). Depois disso, ele provavelmente começou uma quarta viagem missionária, que se parecia com o seguinte:

Anos	Localizaç	Escritura	Comentários
62-64	Espanha	ROM. 15:24, 28 (cf. 1 Clem.5; Eusébio, Hist. eccl.2.22.1-3; Muratorian	
64-65	Creta	Tito 1: 5	Paulo deixou Tito aqui como seu representante na igreja.
65	Mileto	2 Tim. 4:20	
66	Colossos	Philem. 22	
66	Éfeso	1 Tim. 1: 3	Paulo colocou Timóteo no comando da igreja aqui.
66	Philippi	Phil. 2: 23-24; 1 Tim. 1:	Paulo escreveu 1 Timóteo e Tito aqui.
66-67	Nicopolis	Tito 3:12	
67-68	Roma		Aqui Paulo foi preso em 67 e martirizado em 67/68, antes do qual ele escreveu 2 Timóteo. Luke pode ter ajudado Paulo para escrever 2 Timóteo (ver 2 Timóteo 4:11),

Ilustrando o Texto

O evangelho foi e é transcultural.

Citar: Tom Cruise. O astro de cinema Tom Cruise discutiu a unidade humana naquilo que aprendeu durante as filmagens O último Samurai, uma ode à antiga classe de guerreiros do Japão. Ele disse,

Uma das melhores coisas de ser ator e o que faço é poder viajar para todos esses lugares. Eu consigo aprender sobre as pessoas, e isso é a coisa mais agradável para mim, aprender a história de outras pessoas e como elas vivem em seu dia a dia. Além disso, você encontra um terreno comum, embora o

a língua é diferente e sua cultura é diferente. Você encontra esse terreno comum de alegria, felicidade, dor. E é a humanidade que realmente lhe dá uma sensação de - uau, estamos todos juntos nessa coisa.

[359]

Livro Teológico: Servidão intercultural, por Elmer. Neste livro, o missionário Duane Elmer observa as diferenças entre os países e enfatiza para os cristãos que a comunicação intercultural e contextualização precisa encontrar um terreno comum. Ele escreve: “Muitos missionários podem ser como eu: bem intencionados, dedicados e com vontade de servir, mas também ingênuos e com alguma negação sobre o que significa servir em

outra cultura. A realidade é que muitos de nós queremos servir a partir de nosso próprio contexto cultural. Ou seja, acreditamos que a servidão em todos os outros lugares provavelmente se parece com o que é em nossa própria cultura. ”

~~[360]~~

O evangelho era e é contracultural.

Livro Teológico: O mesmo tipo de diferente que eu, de Ron Hall e Denver Moore, com Lynn Vincent.
Este livro pode fazer alguém rir e chorar, reacendendo o fogo para servir aos outros em nome de Cristo. Ele conta as histórias de uma amizade muito improvável entre Ron Hall, um rico negociante de arte, e Denver Moore, um pobre sem-teto, e Debbie Hall, que os uniu. Os dois homens tornam-se amigos por meio da mensagem do evangelho, ajudando um ao outro a ajudar os outros. Em um volume de acompanhamento,

Que diferença isso faz ?, os dois homens contam mais histórias sobre cristãos que trazem esperança e cura ao fazerem a diferença em seu mundo para Cristo.

Citar: Timothy Keller. No livro dele Deuses falsificados, pastor e autor Keller diz,

> A religião [no antigo mundo do Oriente Próximo] era uma forma de controle social. O princípio operacional da religião é: se você vive uma vida boa, os deuses ou Deus terão que abençoá-lo e dar-lhe prosperidade. Era natural, então, supor que as pessoas mais bem-sucedidas na sociedade eram as mais próximas de Deus. Eles seriam aqueles que poderiam obter o que quisessem de Deus. É por isso que a religião tradicional sempre espera que os deuses trabalhem por meio do sucesso, não por meio
>
> o estranho e os fracassos.[~~361~~]

Literatura: O idiota, de Fyodor Dostoevsky.Classificado como uma das brilhantes realizações de Dostoiévski na era de ouro da literatura russa, este romance (1869) nos apresenta o Príncipe Myshkin, que pretendia ser a imagem de um homem bom, com semelhança a Cristo em sua total humildade e bondade para com as pessoas. Ele é contracultural, uma ironia e um paradoxo para a sociedade moderna tão distorcida que atos de simples bondade são desprezados como atos de idiotice. Na disposição de Myshkin de sofrer pelo bem dos outros, ele é literalmente um "tolo por Cristo". Dentro

uma cena particularmente evocativa do romance, a história de Marie, Prince Myshkin aceita silenciosamente o ridículo de que é um idiota. Myshkin domina o romance, mostrando o desejo de oferecer às pessoas uma alternativa às paixões violentas e aos conflitos da Rússia do século XIX. O romance foi adaptado para filmes, óperas e peças de teatro, e o próprio livro também apareceu em filmes ao longo dos anos em mesas de centro, sendo referido e lido por vários personagens dos filmes.

The Doxology

Grande ideiaEsta doxologia conclui a carta da nova aliança de Paulo às igrejas romanas. Paulo louva a Deus por dar a ele o evangelho de Jesus Cristo, que proclama o mistério da conversão das nações no tempo do fim.

Temas principais de Romanos 16: 25-27

O evangelho é a proclamação de Jesus Cristo.
Este evangelho é revelado nas Escrituras e dado a Paulo.
Este evangelho contém o mistério da conversão dos gentios no tempo do fim.

Entendendo o Texto

O Texto em Contexto Muitos estudiosos acreditam que Romanos 16: 25-27 não foi escrito por Paulo, mas foi adicionado a Romanos após a morte de Paulo. Eles apontam para quatro razões principais para esta teoria de interpolação. [362]Primeiro, Paulo em nenhum outro lugar fecha suas cartas com uma doxologia. Em segundo lugar, há palavras em 16: 25-27 que Paulo não usa em outro lugar: “proclamação de Jesus Cristo” e “comando do Deus eterno”. Terceiro, a doxologia em 16: 25-27 parece ser supersessionista. Apenas os gentios são mencionados, indicando que Israel não está mais no plano de

Deus de



-
-
-

salvação. Quarto, a doxologia ocorre em alguns manuscritos gregos após 14:23, em outros após 15:32 e em outros ainda após 16:23.

No entanto, esses argumentos podem ser respondidos em favor da autenticidade da doxologia. Para o primeiro e quarto argumentos, pode-se dizer que os manuscritos contendo esta doxologia neste ponto são muito fortes (Papiro 46, Codex Sinaiticus, Codex Vaticanus). Para o segundo argumento, pode-se dizer que a linguagem supostamente não paulina da doxologia romana é semelhante a Efésios, Colossenses e as Epístolas Pastorais. Para o terceiro argumento, pode-se dizer que 16: 25-27 forma um

inclusiocom 1: 1-7; ambos enfocam o ministério de Paulo aos gentios, mas não precisam excluir os planos futuros de Deus para a salvação de Israel. Portanto, acredito que a doxologia foi colocada em sua localização atual por Paulo.

Como acabamos de notar, 16: 25-27 forma um inclusio com 1: 1-7, centrado em três temas:

1. O evangelho é sobre Jesus Cristo (compare 16: 25a com 1: 1-4).
2. Este evangelho é proclamado nas Escrituras do Antigo Testamento (compare 16: 25b-26 com 1: 2).
3. Este evangelho dado a Paulo revela o mistério da conversão do tempo do fim de os gentios (compare 1: 5-7 com 16: 26b).

Antecedentes Históricos e Culturais As seguintes informações básicas para a interpretação de 16: 25-27 também podem ser aplicadas à carta como um todo.

1. A última pesquisa sobre Romanos revela que a carta de Paulo contém uma mensagem anti-imperial. Das inúmeras coisas que poderiam ser ditas sobre isso, menciono três. Primeiro, o termo “evangelho” logo no início foi

aplicado a César Augusto como o salvador do mundo. Assim, a famosa inscrição de Priene (datada de cerca de 9 aC) sobre Augusto diz:

> Providência. . . criada . . . o bem mais perfeito para nossas vidas. . . enchendo-o [Augusto] de virtude para o benefício da humanidade, enviando a nós e aos que vieram depois de nós um salvador que pôs fim à guerra e estabeleceu todas as coisas. . . e considerando que o aniversário do deus [ie, Augusto] marcou para o mundo
>
> o começo das boas novas [euangelion] através de sua vinda. . .[363]

Paulo responde com a afirmação de que o verdadeiro evangelho diz respeito a Jesus Cristo.

Em segundo lugar, a adoração imperial (confessando que César é um deus) estava em ascensão nas províncias romanas no primeiro século devido a Gaio (37-41 DC), Nero

(54-68 DC), e mais tarde Domiciano (81-96 DC). Mas Paulo desafia os cristãos romanos a confessar que Jesus, não César, é o Senhor (Rom. 10: 9).



A frente deste altar dedicado ao sol retrata a cabeça de Nero rodeada de raios de sol. Desde a época de Júlio César, os imperadores romanos se ligavam aos deuses e aceitavam a adoração de si mesmos como deuses. Nos antigos escritos romanos, temos exemplos de imperadores sendo rotulados de "senhor", "salvador", "benfeitor" e "deus". Estátuas e templos foram erguidos em sua homenagem. Quando Nero chegou ao poder, ele deificou Cláudio, o imperador antes dele. Durante seu reinado, Nero se identificou com Apolo e o sol.

Terceiro, Paulo está, afinal, escrevendo para as igrejas em Roma, a capital do Império. E Paulo podia esperar que sua carta aos Romanos acabaria por significar o fim do sentimento anticristão do Império Romano, de uma forma irônica. O apoio de que Paulo precisava dos cristãos romanos para lançar sua missão na Espanha traria a conversão de todo o número dos gentios, a restauração de Israel e a parusia. O impacto real da carta de Paulo a Roma sem dúvida contribuiu para a decisão do imperador Constantino de

adotar o cristianismo.

[364]

2. A linguagem de Paulo em 16: 25-27 sobre o mistério do antigo ser revelado a ele nos escritos proféticos é muito semelhante ao peshermétodo de interpretação usado nos Manuscritos do Mar Morto. O Pesharim (por exemplo, Pesher Isaiah, Pesher Hosea, Pesher Habakkuk) afirmam que Deus revelou o mistério das Escrituras do Antigo Testamento ao Mestre da Justiça, que então fundou a Comunidade Essênia, a comunidade da nova aliança do tempo do fim.

3. Falando da nova aliança, o encerramento litúrgico da doxologia de Paulo em 16: 25-27 exige que a audiência que ouça a leitura de Romanos responda "Amém". Ou seja, "Nós concordamos e aceitamos os termos da nova aliança".

[365]

Percepções interpretativas 16: 25-27Agora para ele. . . o único Deus sábio seja a glória para sempre por meio de Jesus Cristo! Um homem. Paulo faz três pontos em 16: 25-27, que correspondem aos três pontos feitos em 1: 1-7.

Primeiro, o conteúdo do evangelho é Jesus Cristo (levando Iēsou Christou como um genitivo objetivo). Paulo define este evangelho como a "proclamação" (kērygma) de Jesus Cristo (compare 16: 25a com 1: 1-4). CH Dodd há muito tempo identificou os componentes do

kērygmado livro de Atos. Ele observou que havia pelo menos cinco aspectos do tempo do fim na vida, morte e ressurreição de Jesus: (1) em Jesus, a era messiânica amanheceu (Atos 2:16; 3:18, 24), em seu ministério, a morte e ressurreição (Atos 2:23); (2) por sua ressurreição, Jesus foi exaltado à destra de Deus como a cabeça messiânica do novo povo de Deus (Atos 2: 33-36; 3:13); (3) o Espírito Santo é o sinal da presença do eschaton, bem como a prova de que Jesus atualmente reina no céu em poder e glória (Atos 2:33);

(4) a era messiânica em breve alcançará sua consumação no retorno de Cristo (Atos 3:21); (5) um convite é sempre feito para que as pessoas recebam a Cristo e a vida da era por vir (Atos 2: 38-39).[366] Paulo sem dúvida conhecia e concordou com esses componentes, mas, como veremos, ele acrescentou mais um item ao
kērygma conforme revelado a ele por Deus.

Em segundo lugar, este evangelho de Jesus Cristo foi proclamado no Antigo Testamento (“os escritos proféticos” [compare 16: 25b-26a com 1: 2). Como mencionei acima, Paulo se via como um vidente apocalíptico a quem Deus havia revelado os mistérios do Antigo Testamento até então desconhecidos. Na verdade, "revelação" (

apocalipsis) e “mistério” (
mistério) são termos escatológicos. Mistérios do tempo do fim expressos nas profecias do Antigo Testamento estavam agora sendo trazidos à luz por Deus por meio do vidente apocalíptico, neste caso Paulo. Lembre-se do

pesherhermenêutica empregada pelo Mestre da Justiça nos Manuscritos do Mar Morto. Duas palavras semelhantes são usadas por Paulo: “revelar” (

Faneroō) e “dar a conhecer” (gnōrizō) Essa iluminação espiritual veio de Deus.

Terceiro, 16: 26b explica o conteúdo do mistério que Deus revelou a Paulo.

Os gentios, por meio de Cristo, são parte do povo de Deus. Esta verdade não era clara no Antigo Testamento (cf. Ef 3: 3-6, 9; Colossenses 1: 26-27). Mas duas profecias do Antigo Testamento previam de alguma forma a conversão dos gentios no tempo do fim. Essas são a aliança abraâmica (Gênesis 12: 1-3) e as predições dos profetas das nações fluindo para Jerusalém para adorar a Deus (por exemplo, Isa. 45:15; 60: 15-17; Miq. 4:13). Paulo começou Romanos exatamente com essa esperança (1: 5-7). Este é o detalhe adicionado ao

kērygmaque Paulo contribui para o evangelho de Jesus Cristo. Com isso, Paulo deu uma volta completa em sua carta aos Romanos. Ele é o apóstolo da graça cuja missão escatológica era ganhar o mundo gentio para Cristo e, assim, ser o catalisador para a parusia. Por esta razão, Paulo exclama: "Ao único Deus sábio seja a glória para sempre por Jesus Cristo!" Nós, como os cristãos romanos, devemos responder: "Amém!"

Percepções TeológicasVárias verdades nos encontram em Romanos 16: 25-27. Primeiro, a história é "sua história". O plano de salvação de Deus pode ser traçado no Antigo Testamento; ele despertou o interesse dos judeus no Judaísmo do Segundo Templo e foi totalmente revelado no Novo Testamento no evangelho de Jesus Cristo. E esse plano culminará na volta de Cristo. Em segundo lugar, o evangelho é para todos - judeus e gentios. Onde estaríamos no Ocidente sem a mensagem do evangelho de Paulo? Há uma grande possibilidade de que, sem a missão de Paulo aos gentios, o evangelho poderia ter sido amplamente restrito aos judeus na Palestina. Terceiro, por um lado, o cronograma de Paulo de chegar à Espanha (o que, creio, ele fez) e ganhar os gentios para precipitar a parusia não foi cumprido; mas, por outro lado, o evangelho de Paulo alcançou os gentios muito além da Espanha,



Esta placa de prata com o monograma chi-rho faz parte do tesouro de Water Newton datado do quarto século DC. Water Newton era a antiga cidade romana de Durobrivae na Grã-Bretanha. A descoberta de muitos itens de prata com este cristão primitivo O símbolo mostra que o evangelho de Paulo alcançou os gentios não apenas na Espanha, a extremidade ocidental do Império Romano, mas na Grã-Bretanha, a fronteira norte das conquistas de Roma.

Ensinando o Texto

Uma boa maneira de abordar Romanos 16: 25-27 é cobrir os três pontos que eu identificados ali, comparando-os com Romanos 1: 1-7. Isso pode ser feito por meio de um gráfico, conforme a tabela 1, e um resumo desse material. Isso trará uma sensação de encerramento a esta mensagem maravilhosa da carta de Paulo aos Romanos.

Tabela 1: Uma comparação entre Romanos 16: 25-27 e 1: 1-7

Meu evangelho = pregação do evangelho (16:25)	O evangelho de Deus a respeito de Jesus Cristo
Revelação do mistério agora manifestado em Escritura / profetas (16:26)	Prometido nos profetas das Escrituras (1: 1-4)
Obediência de fé das nações (16:26)	Obediência da fé dos gentios (1: 5)

Primeiro, Paulo pregou as boas novas (evangelho) da verdadeira restauração de Israel,

que é que Jesus, o Messias, fornece a maneira correta de estar em paz com Deus - a justificação pela fé. Essa restauração não se restringe à terra de Israel ou ao povo judeu, mas está aberta ao mundo inteiro e a todos os grupos de pessoas. Em outras palavras, Deus por meio de Cristo reina no coração de seu povo. Em segundo lugar, essas boas novas de restauração foram preditas no Antigo Testamento, mas agora se tornaram claras na proclamação de Cristo por Paulo. Encontra-se aqui o laço que une o Antigo e o Novo Testamento. Ou seja, a nova aliança

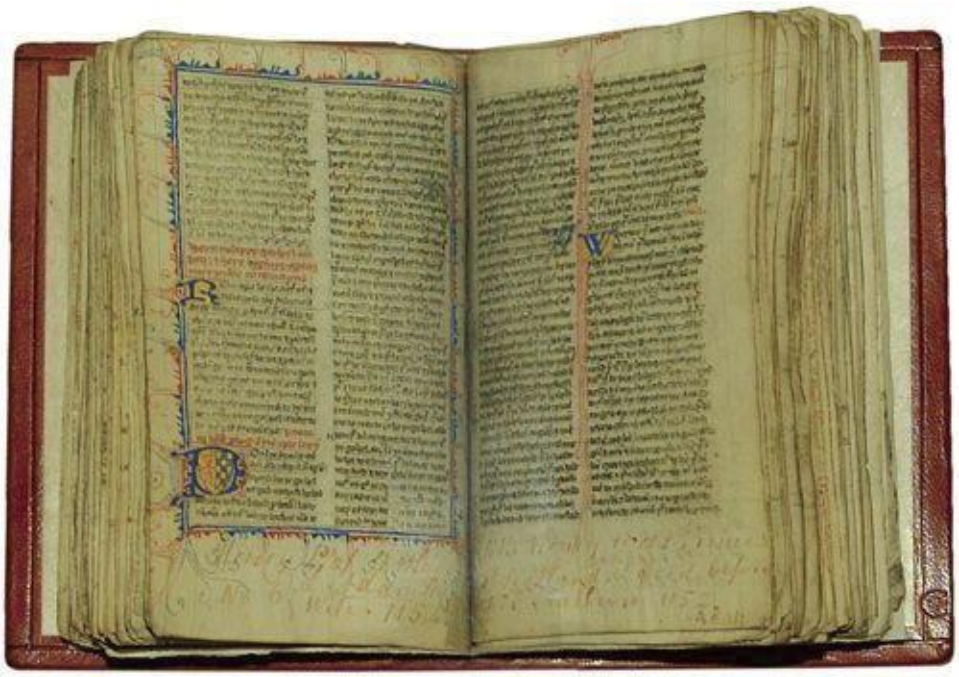
prometido no primeiro é cumprido no último. Terceiro, os gentios especialmente aceitaram o evangelho. O compromisso deles com Cristo é a obediência das nações no tempo do fim, esperada no Antigo Testamento. Junto com os cristãos judeus, eles formam o único povo de Deus baseado na fé.

Ilustrando o Texto

A história é sua história.

História da Igreja: Por causa de seu desejo de ver a Bíblia traduzida para o linguagem de seu povo, John Wycliffe é geralmente considerado o primeiro grande Reformador inglês. Isso, e sua denúncia à Igreja Católica de sua época, levaram à sua expulsão de seu posto em Oxford em 1381. Ele morreu após um derrame em 1384 e foi enterrado, mas não por muito tempo. No Concílio de Constança em 1415, Wycliffe foi condenado pelo Papa Martin V, e foi ordenado que os restos mortais de Wycliffe fossem exumados e queimados. Mas foi Wycliffe quem riu por último. O historiador da Igreja Thomas Fuller escreveu: “Para a cidade de Lutterworth eles vêm,. . . pegue o que sobrou da sepultura e queime até virar cinzas e jogue-o no Swift, um riacho vizinho que passa por perto. Assim, este riacho transportou suas cinzas para Avon, Avon para Severn, Severn para os mares estreitos, eles para o oceano principal; e assim as cinzas de Wicliffe são o emblema de sua doutrina, que agora está espalhada por todo o mundo ”.

[367]



Cópia da tradução de John Wycliffe da Bíblia da Vulgata latina para o inglês, final do século XIV DC

O evangelho é para todos - judeus, gentios,

qualquer um. Citar: John Stott.

> É ele quem abre os olhos dos nossos corações e esses olhos e corações pertencem aos jovens e aos velhos, latinos e anglo-saxões, africanos, asiáticos e americanos, masculinos e femininos, poéticos e prosaicos. É este "magnífico e intrincado mosaico da humanidade" (para usar uma frase do Dr. Donald McGavran) que o Espírito Santo usa para revelar cada vez mais a partir das Escrituras a sabedoria multicolorida de
>
> Deus.[~~368~~]

O evangelho alcançou muito além da Espanha, o interesse específico de Paulo.

Biografia: James Yen (1893-1990) conheceu o Senhor na China rural através da influência da China Inland Mission. Ele foi discipulado por um trabalhador cristão da YMCA e profundamente afetado pela situação dos pobres e analfabetos chineses. Yen obteve seu diploma de graduação em Yale e, em seguida, seu mestrado em Princeton. Após seu retorno à China em 1921, Yen se tornou um líder do Movimento de Educação de Massa, no qual milhares de intelectuais chineses, muitos deles cristãos, ensinavam alfabetização às massas nas áreas rurais. Ele fundou o Instituto Internacional de Reconstrução Rural, e em 1950

Revista vidalistou-o como uma das dez pessoas mais importantes do mundo na época. Ele morreu em 1990 na cidade de Nova York, tendo afetado a vida de 50 milhões de chineses e milhões em todo o mundo, embora fosse virtualmente desconhecido em outras partes do

mundo.[369]

Notas

Introdução aos Romanos

[1] Para saber mais sobre essas pessoas, veja abaixo em "A Importância de Romanos na História da Igreja". Para uma discussão mais aprofundada da Velha e da Nova Perspectivas sobre Paulo, veja o comentário sobre Romanos 3: 9-20.

[2] Sobre a questão de como deve ser chamada a experiência de Paulo na estrada para Damasco, veja o comentário em Romanos 1: 1-7.

[3] Veja a discussão abaixo em "O Propósito de Romanos".

[4] Para documentação e bibliografia que lida com esses três argumentos e os contra-argumentos tradicionais, veja a introdução em Pate, Fim dos tempos, 34-40.

[5] As principais obras do FC Baur são Paulo, o Apóstolo de Jesus Cristo e A história da igreja nos primeiros três séculos.

[6] O leitor pode seguir essas teorias na introdução a Pate, Fim dos tempos. As religiões de mistério gregas eram cultos religiosos secretos que afirmavam que ritos como o batismo e refeições sagradas unificavam o adorador com Ísis, Cibele ou outras divindades gregas. O misticismo helenístico, segundo o qual o adorador era considerado deificado, era um fenômeno mais geral que permeou a espiritualidade greco-romana. O gnosticismo foi uma aberração do cristianismo do segundo ao terceiro século que, no bom estilo platônico, menosprezava o corpo, mas exaltava a alma. Pode-se ver o dualismo antropológico de Platão nisso: a matéria é má, e o espírito / alma sozinho é bom. Uma forma incipiente de gnosticismo conhecida como docetismo (Cristo era divino, mas apenas parecia ser humano) é refutada pelas epístolas joaninas.

[7] O trabalho clássico sobre o assunto é o de Martin Hengel Judaísmo e Helenismo.

[8] Para uma documentação completa deste ponto, consulte Pate, Fim dos tempos, e as obras aí citadas.

[9] A defesa clássica dessa abordagem é a de George Ladd Uma teologia do Novo Testamento (1974), atualizado por Donald A. Hagner (1993).

[10] "Prefácio aos Escritos em Latim",

336-37. [

11] Diário de Wesley, 24 de maio de 1738. [

12] Veja Moo, Epístola aos Romanos, 4.

[13] Veja Atos 10: 2, 22; 13: 6, 26; 16:14; 17:17; 18: 7; para uma discussão mais aprofundada, consulte Pate, Reverso da maldição, 326-30.

[14] O trabalho de NT Wright, especialmente O Novo Testamento e o Povo de Deus e Jesus e a Vitória de Deus, alertou os estudiosos da Bíblia que a história de Israel está difundida na literatura do Judaísmo do Segundo Templo e no Novo Testamento. Comentários sobre Romanos por Douglas Moo (Epístola aos Romanos) e Thomas Schreiner (Romanos) abordaram este assunto em relação a Romanos 1: 16-17. Muito mais poderia ser dito, entretanto, sobre como a história de Israel afeta Romanos 1: 16-17 e, na verdade, todo o livro de Romanos; veja minha teoria abaixo em "The Genre / Outline of Romans".

[15] Robert Jewett (Romanos) mostrou de forma convincente que a missão à Espanha foi a mais importante na missão de Paulo

mente quando escreveu Romanos. Concordo com Jewett na maior parte, exceto que, em minha opinião, ele se concentrou muito pouco no status escatológico da missão de Paulo à Espanha via Roma; veja minhas observações no comentário sobre Romanos 15: 22-29.

[16] Moo, Romanos, 22. Deve-se notar, no entanto, que ao contrário do que estou argumentando aqui, Moo não vê a missão de Paulo à Espanha como o propósito abrangente para a escrita de Romanos.

[17] Citado em Boadt, Lendo o Antigo Testamento, 179. Para estudos sobre a relação entre os tratados suserano-vassalo e o Antigo Testamento, ver Mendenhall, "Covenant Forms in Israelite Tradition"; Kline, Tratado do Grande Rei.

Romanos 1: 1-7

[18] O NIV revisado (2011) traduz corretamente horisthentoscomo "nomeado" em vez de "declarado" (NIV 1984); neste ponto, veja Moo,
Epístola aos Romanos, 47-48, e a bibliografia lá; cf. Schreiner,
Romanos, 41-42.

[19] Sobre o quarto ponto, veja a discussão convincente em Wright, Novo Testamento e o Povo de Deus, 320-34.

[20] Brooks, "What Life Asks of Us." [

21] Spurgeon, Toda graça, 54.

[22] Citado em Barclay, Carta aos romanos, 23.

Romanos 1: 8-15

[23] A frase "a obediência da fé" é bastante positiva porque se aplica à promessa do Antigo Testamento da conversão dos gentios no tempo do fim, exceto que, de acordo com Paulo, as nações gentias serão salvas pela fé somente em Cristo. No entanto, alguns comentaristas sustentam que a frase é negativa, porque Paulo está criticando o nomismo da aliança (veja a barra lateral para Rom. 2: 17-24), ou que a frase se refere às leis de Noé.

[24] Jewett, Romanos, 130.

[25] Jewett, Romanos, 130-32; cf. 74-79.

[26] Dowley, Manual de Eerdmans para a História do Cristianismo,
364. [27] Wangerin, Ragman e outros gritos de fé, 57. [
28] Wangerin, Ragman e outros gritos de fé, 62.

Romanos 1: 16-17

[29] Schreiner, Romanos, 58-59.

[30] Para o desenho e a discussão, veja abaixo em "Ilustrando o Texto"; veja também Ferguson,Antecedentes do Cristianismo Primitivo, 476.

[31] Veja Moo, Epístola aos Romanos, 63-89; Schreiner, Romanos, 66-69; Wright, O que são paulo Realmente dito, 95-107. Parece que sou o primeiro autor a enraizar "não envergonhado" e "revelado" na promessa de Isaías da restauração de Israel.

[32] Veja as discussões e bibliografias em Moo, Epístola aos Romanos, 70-75, 79-91; Schreiner,Romanos, 63-70; Dunn, Romanos 1-8, 40-43; Jewett, Romanos, 141-44.

[33] EP Sanders chamou isso de "nomismo pactual" em seu livro Paulo e o judaísmo palestino. Ao fazer isso, Sanders iniciou o movimento agora conhecido como a Nova Perspectiva de Paulo. Vou interagir com essa escola de pensamento mais tarde no comentário; veja particularmente os comentários sobre Romanos 3: 9-20.

Romanos 1: 18-32

[34] Para obter a documentação desse ponto, consulte Wright, “Adam in Pauline Christology”. [35] Veja Dunn, Romanos 1-8, 172-73.

[36] Dunn, Romanos 1-8, 64.

[37] Para obter mais documentação, consulte Dunn, Romanos 1-8, 67. [38] Veja Moo, Epístola aos Romanos, 118-19.

Romanos 2: 1-11

[39] Veja Dunn, Romanos 1-8, 82.

[40] Dunn, Romanos 1-8, 84. Como Paulo reconcilia as idéias em Romanos 2: 1-11 de que as obras são a base para a avaliação de Deus de onde uma pessoa passa a eternidade e que tentar encontrar mérito antes que Deus traga o julgamento será discutido abaixo.

[41] As obras de NT Wright, que argumentam que Israel sabia que, embora tivessem sido restaurados para sua terra desde 536 aC, eles ainda estavam no "exílio", como evidenciado por sírios, egípcios e agora romanos ocupação daquela terra, convenceu muitos (ver Wright, O Novo Testamento e o Povo de Deus e Jesus e a Vitória de Deus)

[42] A maioria dos comentaristas percebe esse quiasma; aqui estou seguindo o arranjo em Moo, Epístola aos Romanos, 135.

Romanos 2: 12-16

[43] Veja Stowers, Diatribe e a Carta de Paulo aos Romanos.

[44] Veja Agostinho, Julian 4.3.25;Spir. Deixar.26,43; Barth, Romanos, 136; Cranfield,

Romanos, 1: 156-63. Romanos 2: 17-24

[45] Veja Stowers, Diatribe e a Carta de Paulo aos Romanos, 112. [46] Veja Pate, Reverso da maldição, parte 1.

[47] A recente maioria dos intérpretes paulinos concorda que em Romanos Paulo está neutralizando o nomismo da aliança, embora os indivíduos discordem sobre se o nomismo da aliança é legalista ou não. James Dunn e outros tendem a pensar que não, e afirmam que Paulo não está criticando a lei em si, mas o uso da lei como um marco nacional para excluir os gentios do pacto. Outros, como Douglas Moo, pensam que Paulo está criticando o nomismo da aliança como sendo legalista e argumentam ainda que “obras da lei” se referem à lei de Moisés. Eu concordo com Moo. Veja minha discussão sobre Romanos 3:20 e “as obras da lei” a seguir.

[48] A palavra Kauchaomai (“Vangloriar-se”) pode ser positivo se a vanglória de alguém está em Deus (Rom. 5: 2, 3, 11).

[49] Ver Garlington, “IEPOΣYΛEIN and the Idolatry of Israel,” 39-40. Garlington baseia sua opinião em duas evidências. Primeiro, hierosyleōpode ser traduzido em geral como "cometer sacrilégio". Em segundo lugar, Paulo acusa o judeu de se gabar da lei de Moisés. Mesmo se a opinião de Garlington não se sustentar, minha sugestão abaixo na última das seis ironias é viável: a adesão contínua do judeu à lei desde a vinda de Cristo é idólatra. Moo discute as três possibilidades acima, optando pela primeira (

Epístola aos Romanos
, 164).

[50] Veja, por exemplo, Moo, Epístola aos Romanos, 164-65; Schreiner, Romanos,

133-34. Romanos 2: 25-29

[51] Veja a documentação em Moore, Judaísmo nos primeiros séculos, 1: 323-35.

[52] Para o argumento de que as bênçãos e maldições da aliança de Deuteronômio 27-30 estão subjacentes a Romanos 2: 25-29, e mesmo a toda Romanos 2, veja Ito, “Romanos 2”.

[53] Lloyd Gaston (Paulo e a Torá) popularizou essa visão pela primeira vez entre alguns

estudiosos paulinos. Romanos 3: 1-8

[54] Moo, Epístola aos Romanos, 182-83 (embora Moo não mencione o cenário de maldição / bênção do oráculo de Balaão que estou observando aqui).

Romanos 3: 9-20

[55] Para obter uma amostra do trabalho desses autores dedicados à defesa da Nova Perspectiva de Paulo, consulte Sanders, Paulo e o judaísmo palestino; Dunn, Romanos 1-8; Wright, O que São Paulo realmente disse. Para refutações, consulte Moo, "Excursus: Paul, 'Works of the Law,' and First-Century Judaism," em Epístola aos Romanos, 211-17; Pate, Reverso da maldição; Gathercole, Onde está se gabando?

[56] Moo, Epístola aos Romanos, 212.

[57] Moo, Epístola aos Romanos,

206. Romanos 3: 21-26

[58] Os escritos podem ainda não ter sido claramente delineados na época do Novo Testamento. Esta é uma questão debatida.

[59] Para duas obras focadas neste ensino nas cartas de Paulo, ver Pate, Adam Christology e Glória de Adão
.

[60] Para uma discussão adicional, consulte “Informações adicionais”

após esta unidade.Informações Adicionais

[61] Hilastērion é a tradução grega do hebraico Kapporet, que significa literalmente “realização de expiação”, mas tradicionalmente é traduzido como “propiciatório” (NVI: “capa de expiação”). No Antigo Testamento, o Dia da Expiação é yom hakkippurim, e hoje a festa judaica é Yom Kippur.

[62] Dodd, Bíblia e os gregos; Morris, Pregação Apostólica.

[63] Morris, Pregação Apostólica, 144-213.

[64] Veja Schreiner, Romanos,

189. [

65] Schreiner, Romanos, 189-91.

[66] Para uma excelente discussão deste assunto, consulte Jewett, Romanos,

270, 286, 289. Romanos 3: 27-31

[67] Veja Gathercole, Onde está se gabando ?,216-51. Gathercole fez este trabalho / dissertação sob a supervisão de James DG Dunn e chegou a discordar da Nova Perspectiva de Paulo que Dunn defende.

[68] Minha tradução de 3: 27-28 é ligeiramente diferente da NIV aqui, com a intenção de revelar melhor as duas nuances do uso de nomosaí: “Onde, então, está a ostentação? Ele está excluído. Com base em qual princípio [nomos]? De obras? Não, mas no princípio [nomos] da fé .....uma pessoa é justificada pela fé sem as obras da lei [nomos]. ”

[69] Veja a defesa de Dunn (Romanos 1-8, 185-86) desta posição, que geralmente é a posição da Nova Perspectiva sobre Paulo.

[70] Veja a defesa de Moo (Epístola aos Romanos, 249-50) desta posição, que geralmente é a posição da perspectiva tradicional de Paulo.

[71] Paulo começa 3:29 com uma partícula grega contrastiva (ē) para mostrar que ele está oferecendo um novo contraste entre a lei e a fé.

[72] Thielicke, Exercício para jovens teólogos,

16-17. Informações Adicionais

[73] Para uma discussão dessas construções, consulte Pate, Fim dos tempos e Reverso da

maldição. Romanos 4: 1-8

[74] Para Gênesis 15: 6; 17, veja, por exemplo, Sir. 44: 19-20;m. Ned.3,11; para Gênesis 15: 6; 22, ver, por exemplo, 1 Macc. 2:52; comparar Jub. 23,10 com Jub.17,15-18,19; 19,8; Vejom. 'Abot5,3; Philo, Abraham191-99; Josefo, Formiga. 1.223-25; 1.233-336; LAB40,2; 4 Macc. 14:20; CD 3.2-4; Tiago 2: 21-24. Essas referências são citadas em Schreiner, Romanos, 215-16. Há muito debate se Paulo e Tiago (2: 21-24) estão ou não divididos neste assunto.

[75] Veja a discussão de Romanos 4 ao longo desta linha de interpretação em Sanders, Paulo, a Lei e o Povo Judeu, 33-35; Dunn, Romanos 1-8, 204; Wright, Novo Testamento e o Povo de Deus, 192.

[76] Essas referências são citadas em Dunn, Romanos 1-8, 204-5.

[77] Os protestantes, com base em Romanos 4 e outros textos paulinos, afirmam (com razão, eu acredito) que a fé não é uma obra.

[78] Barclay, Carta aos romanos, 75-76.

Romanos 4: 9-17a

[79] Veja Jewett, Romanos, 324.

[80] Ver Str-B 3: 211; cf. Dunn, Romanos 1-8, 210.

[81] Para uma discussão útil desta perspectiva dos profetas do Antigo Testamento, consulte Pate et al., História de israel , 102.

[82] Veja Dunn, Romanos 1-8, 213.

[83] Veja Cranfield, Romanos, 1: 234; Käsemann, Romanos, 114.

[84] Ver Str-B 3: 203; veja também Moo, Epístola aos Romanos, 268, onde ele observa que Paulo reinterpreta Gênesis 17: 11 - circuncisão como o sinal da aliança - em Romanos 4: 10-11 para dizer que a circuncisão é um “sinal”, evitando assim a tendência dos contemporâneos judeus de Paulo de identificar esta aliança com a lei mosaica; cf. Dunn, Romanos 1-8, 232

[85] Romanos 4:12 se refere aos cristãos judeus. Eles também andam nas pegadas da fé de Abraão, tendo colocado sua confiança em Cristo. Compare Romanos 4: 11b-12 com Gálatas 3: 6-9.

[86] Para esta abordagem de 4: 13-15, veja Dunn, Romanos 1-8, 214-15.

[87] “John Wesley (1703-1791),” em Kerr e Mulder, Conversões famosas,

54-60. Romanos 4: 17b-25

[88] Muitos comentaristas debatem como 4: 17b está relacionado ao seu contexto. Muito provavelmente, é uma declaração transitória no sentido de que liga a paternidade de Abraão (4: 16b-17a) à fé de Abraão (4: 18-22).

[89] Gênesis 17:17, que diz que Abraão riu da ideia de que ele e Sara poderiam ter um filho, parece contradizer a declaração de Paulo em Romanos 4: 19-20 de que a fé de Abraão não enfraqueceu. Mas

embora Abraão tenha tido lapsos ao longo do caminho, o teor geral de sua vida foi a crença no promessas de Deus. Outra tensão entre a história abraâmica e a narrativa de Paulo aqui em Romanos 4: 17b-22 é que Abraão teve mais seis filhos com Quetura (Gn 25: 1-2). Como poderia ser isso se Abraão era impotente? A resposta provavelmente é que o poder procriador que Deus concedeu a Abraão continuou após a morte de Sara.

[90] Moo (Epístola aos Romanos, 285n83) e Schreiner (Romanos, 238) tomar enedynamōthē como ativo (Abraão "cresceu forte na fé") ao invés de um verdadeiro passivo ("foi fortalecido"), como Cranfield (
Romanos, 1: 248) e Morris (Romanos, 212). Concordo que o verbo deve ser traduzido como passivo.

[91] As palavras Hois Mellei Logizesthai ("A quem [a justiça] será creditada [por Deus]") em 4:24 apresentar três interpretações possíveis: (1) Paulo está falando da justificação futura diante de Deus no dia final (então Dunn, Romanos 1-8, 223); (2) Paulo está declarando que o crente é justificado no presente (compare 4:25 com 5: 1) (então Moo, Epístola aos Romanos, 295); (3) Paulo está dizendo que Gênesis 15: 6 foi escrito com Abraão e o cristão em vista (4: 23-24a), de modo que no futuro (da perspectiva de Gênesis 15: 6) o cristão será justificado (então Schreiner, Romanos, 242). Schreiner parece ter o melhor argumento, embora a terceira visão também possa incluir a segunda, como o próprio Schreiner sugere.

[92] Observe que em 4:25 Paulo pode muito bem estar citando um credo cristão primitivo, como fez em 1: 3-4 e talvez em 3: 25-26. Há uma discussão gramatical sobre a preposição
dia, usado duas vezes em 4:25 para criar declarações paralelas: "quem foi entregue
dia [por causa] dos nossos pecados "e" quem foi ressuscitado dia[?] nossa justificativa. " A questão é se o segundo
diatambém deve ser traduzido como "porque" (sentido causal) ou como "com vistas a" (sentido final). Parece que o sentido causal é o significado de Paulo para ambos os usos de
diaaqui. Esta tradução, no entanto, não precisa significar que a ressurreição é a única causa de nossa justificação, visto que em 5: 9 Paulo pode dizer que somos "justificados pelo sangue [de Jesus]". Em vez disso, Paulo está garantindo ao seu leitor em 4:25 que a prova de nossa

a justificação é a ressurreição de Jesus.

[93] Citado em Moo, Epístola aos Romanos,

284. Romanos 5: 1-4

[94] Veja as pesquisas em Dunn, Romanos 1-8, 242-44; Moo, Epístola aos Romanos, 290-95; Schreiner,Romanos, 245-49.

[95] Veja Moo, Epístola aos Romanos,

292. [96] Veja Pate, Glória de Adão.

[97] Pate, Glória de Adão.

[98] É debatido se em 5: 1 o texto deve ser lido como "nós temos" (echomen, um indicativo) ou como "vamos ter" (
echomen, um subjuntivo). Embora a evidência do manuscrito seja muito mais forte para a última leitura, a maioria dos comentaristas argumenta que o contexto - segurança diante de Deus - apóia a primeira leitura.

[99] Para este ponto, consulte Dunn, Romanos 1-8, 248.

[100] Dunn, Romanos 1-8, 255.

[101] Eu tentei expressar este ponto aqui e acima para não ficar enredado (ainda) no controvérsia entre Calvinismo e Arminianismo. O primeiro defende a perseverança dos santos (uma vez salvos, sempre salvos), enquanto o último acredita que os cristãos podem perder sua salvação por causa do pecado intencional. Mas ambos os lados concordam que em Cristo o crente está eternamente seguro. Teremos oportunidade de entrar neste conflito um pouco mais quando examinarmos Romanos 9 e a questão da eleição divina.

Romanos 5: 12-14

[102] H. Wheeler Robinson defendeu esta abordagem que o pensamento hebraico antigo focava solidariedade corporativa, não no indivíduo como na cultura ocidental moderna. A cultura africana também pensa em termos de solidariedade entre os humanos. Tive um professor americano que já havia morado na África por um tempo. Ele disse à nossa classe que só depois de se mudar para a África e absorver o senso de comunidade promovido lá é que ele se sentiu verdadeiramente humano, pois a cultura ocidental, com seu individualismo, havia drenado sua vida. JW Rogerson ("Concepção Hebraica de Personalidade Corporativa") criticou o conceito de personalidade corporativa, argumentando que isso implica que existe apenas uma personalidade entre o indivíduo e o grupo representado. Essa crítica é útil, mas não é necessário, portanto, rejeitar o próprio conceito. Tanto o indivíduo quanto os membros do grupo têm suas respectivas personalidades, mas isso não nega a realidade de que a ação do representante impacta o grupo. Basta pensar aqui em qualquer sociedade que tenha um sistema representativo de governança.

[103] A NIV coloca um travessão no final de 5:12 porque Paulo provavelmente interrompe sua frase nesse ponto apenas para retomá-la em 5:18. A interrupção, 5: 13-17, serve para expandir a natureza da transgressão de Adão em contraste com a obediência de Cristo.

[104] Dunn, Romanos 1-8, 379. Devemos também notar a este respeito que Gênesis prenuncia a história de Israel: pecado, exílio, restauração. Assim, Adão pecou contra a Torá no jardim, e o resultado disso foi o exílio e a morte. Mas a promessa a Abraão de que ele seria o pai de Israel foi vista como a restauração. Veja "O Pentateuco", em Pate et al.,
História de israel, 29-49.

[105] Então, Wright, "Adam in Pauline Christology", 372. Wright mostra que esse conceito já está latente no próprio Gênesis.

[106] Pate, Reverso da maldição, 304.

[107] Em Romanos 7: 7, Paulo afirma que a lei é santa e boa, mas o problema final é o pecado. Mas 5: 13-14 parece estar em alguma tensão com essa perspectiva.

[108] O título "último Adão" vem de 1 Coríntios 15:45, onde Paulo chama Cristo de "último [eschatos] Adam. "

[109] O "vindouro" era um título messiânico aplicado a Jesus (ver Mat. 11: 3; Lucas 7:20; João 4:25).Romanos 5: 15-21

[110] A palavra "tipo" (erros de digitação) denota aquelas pessoas, instituições ou eventos do Antigo Testamento que têm a função divinamente pretendida de prefigurar a era escatológica inaugurada por Cristo; daí a palavra "tipologia".

[111] Que eu saiba, muitos comentaristas não perceberam isso inclusio e o padrão que ele projeta em 5: 15-19.

[112] Jewett, Romanos, 381.

[113] Aqui vemos a interação entre a escolha individual de cada ser humano de pecar (5:16) e a solidariedade corporativa da humanidade com o pecado de Adão (5: 12-14, 17-21).

[114] Para obter a documentação, consulte Wright, “Adam in Pauline Christology”.

[115] Há um debate se o verbo kathistēmiem 5:19 significa "fazer" ou "nomear". O primeiro tem conotações éticas, enquanto a segunda é legal em nuances: Cristo nos torna justos ou nos declara assim? À luz do contexto de 5: 15-19, "fazer" deve ser preferido, pois assim como Paulo pensa que a velha humanidade é pecadora (não apenas declarada pecadora), assim também é a nova humanidade justa (não apenas declarada justa)

Romanos 6: 1-7

[116] A palavra grega para "santificação" é hagiasmos (o adjetivo hagiossignifica “santo”). O termo se originou em Êxodo 19: 5-6, onde Israel é rotulado como "povo santo" de Deus. Mais tarde, o judaísmo usou o termo para se referir à herança do reino messiânico pelo povo eleito de Deus (Dn 7: 18-19;Pss. Sol.17). Assim, a nomenclatura aplicada ao Novo Testamento se refere à igreja como o novo povo de Deus que é separado para propósitos sagrados divinos.

[117] A pergunta de Paulo em 6: 1, "Continuaremos pecando para que a graça aumente?" em essência, é perguntar: "A santificação necessariamente flui da justificação?"

[118] Embora os temas da morte e da vida de Cristo / cristãos estejam presentes em 6: 3-5 e 6: 6-10, a morte recebe um pouco mais de atenção do que a vida na primeira, enquanto a vida recebe um pouco mais de atenção do que a morte na segunda .

[119] É muito debatido se Paulo sentiu que o batismo por imersão simboliza a morte, sepultamento e ressurreição do crente com Cristo. Tenho a tendência de pensar que Paulo tinha isso em mente aqui.

[120] O enterro é o selo da morte.

[121] Nos tempos do Novo Testamento, porque o batismo acontecia logo após a conversão de uma pessoa a Cristo pela fé, os dois - fé e batismo - iam juntos (ver Atos 2:38; 8: 31-38; Tito 3: 5; 1 Ped. 3: 20-21), mas a fé precedeu o batismo.

[122] Dunn, Romanos 1-8, 316. Ver, por exemplo, Êxodo 16: 4; Levítico 18: 3-4; Deuteronômio 28: 9; Josué 22: 5; Jeremias 44:23; Ezequiel 5: 6-7; Daniel 9:10; Miquéias 4: 2, onde halak (“Caminhar”) é usado.

[123] Sobre este ponto, veja Moo, Epístola aos Romanos, 366n71. Para kainotēs e termos relacionados como um referência para a nova aliança nos escritos de Paulo, veja Romanos 7: 6; 1 Coríntios 11:25; 2 Coríntios 3: 6.

[124] A maioria dos comentaristas tomam dedikaiōtai, um tempo perfeito do verbo dikaioō, como significado “Entregue” em vez de ter o significado estritamente forense que transmitiu até este ponto em Romanos.

Informações Adicionais

[125] Embora o assunto seja debatido, a maioria dos estudiosos dos Manuscritos do Mar Morto pensa que os essênios os escreveram. Para uma discussão mais aprofundada sobre os essênios e sua comunidade religiosa, consulte Pate,Comunidades dos Últimos Dias.

[126] Para a defesa desta afirmação, ver Pate, Comunidades dos Últimos Dias,

81-82. [127] Reitzenstein, Religiões de mistério helenísticas; Bousset, Kyrios

Christos.

[128] Para uma discussão mais aprofundada dessas críticas, bem como bibliografia sobre o assunto, consulte Pate, Fim dos tempos, 27-28.

Romanos 6: 8-14

[129] Mais uma vez, a Nova Perspectiva sobre Paulo reduziria a "lei" aqui a marcadores sociais judeus (Dunn, Romanos 1-8, 340), mas é claro que Paulo tem em mente a totalidade do código Mosaico.

Romanos 6: 15-23

[130] Para uma discussão mais aprofundada, consulte Pate, Fim dos tempos, 198-203; Gager, “Religion and Social Class.”

[131] Jewett, Romanos, 415. Ambos os versículos do Antigo Testamento registram Israel

reunindo-se aos pés do Monte Sinai para receber a lei enquanto o trovão e o fogo divinos giravam acima do topo da montanha.

[132] Schreiner, Romanos, 334.

[133] Gagnon, “Coração de Cera”; cf. Schreiner, Romanos, 336.

[134] Veja Gagnon, “Heart of Wax”; Käsemann, Romanos, 181; cf. Schreiner, Romanos, 336.

[135] Para uma discussão útil de 6: 19a, consulte Moo, Epístola aos Romanos, 403-4.

[136] Alguns comentaristas colocam o ponto de interrogação em 6:21 após carregar ("Então"), que produz o a seguinte redação: “Que fruto, então, você colheu daquelas coisas? Você agora tem vergonha dessas coisas, pois o resultado dessas coisas é a morte "(por exemplo, Moo, Epístola aos Romanos, 423). Eu acho que Schreiner (
Romanos, 338-39) tem um argumento melhor, entretanto, optando pela pontuação seguida na NIV, pois a tradução anterior implicaria que os cristãos romanos agora estão envergonhados de seu antigo pecado porque o resultado é a morte. Parece estranho que a vergonha presente se baseie na morte futura.

[137] Jewett, Romanos, 426.

[138] Observe que Paulo não se esqueceu de que a vitória dos crentes sobre o pecado e o governo no novo domínio é baseada no fato de que eles estão unidos à morte e ressurreição de Cristo. Eles estão “em Cristo” (6:23).

[139] Luther, Bondage of the Will, 245.

Romanos 7: 1-12

[140] Para mais discussão e documentação, consulte Dunn, Romanos 1-8,

360. Romanos 7: 13-25

[141] Para uma excelente defesa dessa visão, consulte Dunn, Romanos 1-8, 387-99; Cranfield, Romanos, 1: 342-47, 355-70.

[142] Veja Deissmann, Paulo, 92; WD Davies, Paulo e o judaísmo rabínico, 498.

[143] Este entendimento de Romanos 7: 13-15 foi popularizado por Kümmel, Römer 7; esta abordagem também é adotada por Jewett, Romanos, 459-73.

[144] Moo, Epístola aos Romanos, 447-48.

[145] Dunn, Romanos 1-8, 387-99. Deve-se notar que nem todos que veem nomos aqui, como a lei mosaica assume a nova perspectiva de Paulo.

[146] John Donne, "Holy Sonnet XIV", em Eitel, Tesouro da Poesia Cristã,

152. Romanos 8: 1-17

[147] Veja Cranfield, Romanos, 1: 397.

[148] A edição de 1984 da NIV tem “me libertado” em 8: 2, mas a melhor leitura é “libertado” (então Codex Sinaiticus e Codex Vaticanus), que a revisão NIV usa.

[149] Veja Dunn, Romanos 1-8, 416-17; Schreiner, Romanos, 399.

[150] Em 8:10, uma tradução alternativa para “o Espírito vivifica” é “seu espírito está vivo” (NIV mg.). A maioria dos comentaristas concorda que o “espírito” aqui é o Espírito Santo.

[151] Scott, Adoção como filhos de Deus.

[152] Tenho ouvido crianças pequenas nas ruas de Jerusalém chamarem seu pai

de "Abba". [153] Thorpe, Baladas, 22.

Romanos 8: 18-30

[154] Veja Pate, Fim dos tempos, 113.

[155] Veja Pate, Fim dos tempos, 114-15.

[156] Quem sujeitou a criação à maldição foi Deus, por causa do pecado de Adão.

[157] Gênesis 3:15 é considerado a primeira promessa de um Messias na Bíblia, daí o título protoevangelion("Primeiro evangelho"). Paulo certamente aplica Gênesis 3:15 a Cristo, a semente da mulher que esmagou a cabeça da serpente / Satanás (ver Rom. 16:20).

[158] A adoção de crentes já começou (8:15), mas ainda não está completa (8:23).

[159] Existem várias maneiras de traduzir 8:28 (veja a NIV mg.), E também há uma leitura variante nos manuscritos gregos. O debate envolve basicamente se "Deus trabalha" ou "todas as coisas funcionam". Mas a questão é discutível, uma vez que de qualquer forma é Deus quem está fazendo as coisas funcionarem para o benefício dos crentes.

Romanos 8: 31-39

[160] Veja a discussão em Moo, Epístola aos Romanos, 541. [161] Moo, Epístola aos Romanos, 541n29.

[162] Para uma discussão mais aprofundada, consulte Pate, Glória de Adão. [163] Schreiner, Romanos, 466-67.

Romanos 9: 1-5

[164] Dunn, Romanos 9-16, 519. Acrescentei as bênçãos e maldições da aliança ao esboço de Dunn e também delineei os versículos.

[165] As duas últimas referências foram sugeridas por meu colega Douglas Nikolaishen. [166] Dunn, Romanos 9-16, 526.

[167] Essas referências são citadas em Dunn, Romanos 9-16, 526. Romanos 9: 6-29

[168] O texto grego é ainda mais específico: henos koitēn(= uma concepção). Moo (Epístola aos Romanos, 570) traduz-se como "um ato sexual".

[169] Alguns comentaristas consideram esta descrição como um reflexo da linguagem semítica, por meio da qual uma qualidade é descrita em termos de seu oposto.

[170] Há um debate sobre 9:22. É concessivo (embora Deus esperou pacientemente que Israel se arrependesse, eles não se arrependeram e, portanto, julgou aquela nação) ou causal (Deus esperou que os pecados de Israel se tornassem maduros de modo aele poderia desencadear sua ira sobre eles)? Eu opto pela nuance concessiva, mas a tradução causal ainda confirma minha afirmação de que a metáfora do criador / oleiro e da criação / argila ocorre no contexto do pecado e julgamento de Israel (maldições da aliança).

[171] Ironside, Atos, 80-81.

[172] Sproul, Santidade de deus, 124-26. Romanos 9: 30-10: 5

[173] Romanos 9:33 aplica Isaías 8:14; 28:16 para Cristo. Os judeus tentaram obter justiça por meio da lei, em vez de confiar em Cristo. Ao fazer isso, eles tropeçaram em Cristo e na justiça da fé. Veja também Romanos 10:11; 1 Pedro 2: 6-8.

[174] Dunn, Romanos 9-16, 581-83, 587-88, 593-95; cf. Howard, "Cristo, o Fim da Lei", 333-37; Badenas, Cristo, o Fim da Lei.

[175] Schreiner, Lei e seu cumprimento, 106. [176] Schreiner, Lei e seu cumprimento, 106-9.

[177] Veja, por exemplo, Howard, “Cristo, o Fim da Lei”, 335-37; Badenas, Cristo, o Fim da Lei, 118-25; GN Davies, Fé e Obediência em Romanos, 189-200.

[178] Schreiner, Lei e seu cumprimento, 109-12.

[179] A tentativa de Cranfield (Romanos, 2: 521-22) interpretar Romanos 10: 5 como referindo-se a Cristo como aquele que faz a lei e vive não é convincente.

[180] Rydelnik, “Jewish People and Salvation,” 447.

[181] Rydelnik, "Jewish People and Salvation", 448,

451. [182] Dostoievshy, Os Irmãos Karavazov, 255.

Informações Adicionais

[183] Scott, "Paul's Use of Deuteronomic Tradition", 659-65; compare Bell, Provocado ao Ciúme. Veja também Steck, Israel und das gewaltsame Geschick der Propheten.

[184] Os exemplos incluem Simeão e Levi (Jdt. 9: 2-4; Jub. 30.5-20, referindo-se a Gen. 34), Finéias (Num. 25: 10-13; Sir. 45: 23-24; 1 Macc. 2:54; 4 Macc. 18:12), Elias (Sir. 48: 1-2; 1 Macc. 2:58), Matatias (1 Macc. 2: 19-26; Josefo,
Formiga. 12,271), e, uma vez, Saulo / Paulo (Atos 9: 1-4; Gal. 1: 13-14; Fp 3: 4b-6).

[185] Para uma discussão mais aprofundada, consulte Dunn, Romanos 9-16, 586-87.

[186] Sobre o significado de "rescisão", consulte Schreiner, Lei e seu cumprimento, 134-36; Bruce, "Paulo e a Lei de Moisés." Para uma defesa do significado de "meta", com apelo aos pais da igreja em apoio, consulte Cranfield,

Romanos, 2: 515-20; veja também Badenas, Cristo, o Fim da Lei; Rhyne, A fé estabelece a lei
, 103-4. Para uma visualização híbrida, consulte, por exemplo, Dunn, Romanos 9-16, 589; Leenhardt, Romanos, 266.

[187] Para um tratamento da evidência lexical que leva a esta conclusão, consulte Badenas, Cristo, o Fim da Lei, 38-80.

[188] Compare isso com um entendimento semelhante do verbo katalambanōem 1 Coríntios 9:24; Filipenses 3:12.

[189] Então, Badenas, Cristo, o Fim da Lei, 114-15; agora também Thielman, Paulo e a Lei, 207-8.

[190] Veja Schreiner, Lei e seu cumprimento, 134-36; cf. 133n26; veja também, surpreendentemente, Dunn,Romanos 9-16, 589-91, 597. O único texto em que o significado indiscutivelmente é “meta” é 1 Timóteo 1: 5.

Romanos 10: 6-21

[191] Para discussão e documentação, consulte Pate, Reverso da maldição.

[192] Para obter mais documentação e discussão, consulte Pate, Comunidades dos Últimos Dias, 85-106.

[193] Romanos 10: 9 coloca a confissão pela boca antes de crer no coração apenas porque essa é a ordem em Deuteronômio 30:14 (“a palavra ... está em sua boca e em seu coração”). Mas Romanos 10:10 fornece a ordem teológica correta de salvação: acredite e então confesse.

[194] Colson, “From Every Tribe, Tongue, and

Nation.” [

195] Tucker, De Jerusalém a Irian Jaya, 80-84. [

196] Mattingly, "Hitchens, Hitchens and God, Too."

Romanos 11: 1-10

[197] Não está claro aqui se Paulo pensa que os gentios são parte do remanescente, embora certamente sejam parte da verdadeira restauração de Israel.

[198] Paulo se baseia na divisão tripla do Antigo Testamento para mostrar a integridade da

julgamento. Além disso, Paulo se baseia nos três textos do Antigo Testamento - Deuteronômio 29: 4; Isaías 29:10; Salmo 69: 22-23 - aparentemente porque eles fazem referência a não ser capaz de ver.

[199] As referências à mesa de armadilha e as costas curvadas no Salmo 69: 22-23 provavelmente não deveriam significar nada mais do que Israel experimentaria o julgamento.

[200] Feinberg, Israel em destaque, 184-85.

Romanos 11: 11-24

[201] Ver Ramsay, "The Olive-Tree and the Wild-Olive". Os textos antigos citados são Columela,Ferrugem.5.9.16; Palladius, Insit. 53-54.

[202] Paulo nunca afirma por que foi necessário que Israel rejeitasse a Cristo antes que os gentios viessem a Cristo, mas talvez ele sentisse que se Israel tivesse aceitado Jesus como seu Messias quando ele estava na terra, então a salvação se concentraria em Jerusalém em vez de ir para o mundo gentio. . Mas isso é apenas hipotético porque, obviamente, Israel rejeitou o Jesus histórico.

[203] Dunn, Romanos 9-16, 658-59.

[204] Não há espaço aqui para a visão dispensacionalista mais antiga de que a Bíblia fala de dois povos de Deus: Israel no Antigo Testamento e a igreja no Novo Testamento. Em vez disso, há apenas um povo de Deus - uma árvore - judeus e gentios cujas vidas são baseadas na fé. Veja minha discussão adicional sobre dispensacionalismo e pacto em relação a 11: 25-27.

[205] Paulo quer dizer aqui que um cristão genuíno pode perder a salvação? Calvinistas dizem não; Os arminianos dizem que sim. De qualquer forma, a advertência de Paulo em 11:21 não deve ser brincadeira.

[206] Parece claro por tudo isso que Paulo acreditava que apenas o remanescente no Antigo Testamento e os judeus crentes na era do Novo Testamento foram salvos.

[207] Plantinga, Não é do jeito que deveria ser, 165n22.

Romanos 11: 25-32

[208] Veja Cranfield, Romanos, 2: 576-77; Dunn, Romanos 9-16, 681. A maioria dos comentadores modernos concorda com esta interpretação.

[209] Bruce, Romanos, 222; Barrett, Romanos, 223.

[210] Típico desta interpretação é a exegese de Berkouwer, Retorno de cristo, 335-49.

[211] Veja Sanday e Headlam, Romanos, 335.

[212] Longenecker, "Different Answers to Different Issues," 97.

[213] A analogia moderna da reunificação da Alemanha após a queda do Muro de Berlim pode ser útil para nos ajudar a compreender o sentido do conceito de Paulo de um Israel unificado.

[214] Alguns manuscritos gregos não têm a palavra "agora" (nyn) aqui; outros o substituem por "mais tarde" (histerona)

[215] É claro a partir disso que o Sonderweg(caminho separado) visão da salvação de Israel está equivocada. Ou seja, Paulo não conhece nada aqui de duas alianças: a antiga aliança da lei para Israel e a nova aliança do evangelho para os gentios. Em vez disso, judeus e gentios são salvos da mesma maneira: fé somente em Cristo.

[216] O'Connor, Mistério e maneiras, 40-42.

Romanos 11: 33-36

[217] Para as duas primeiras influências, consulte Johnson, Tradições apocalípticas e de sabedoria, 166-73; Pate,Reverso da maldição, 252-60.

[218] Hanson, Interpretação das Escrituras, 85.

[219] Pate, Reverso da maldição, 252-60.

[220] Muitos comentaristas pensam que a doxologia de Paulo em Romanos 11:36 é apenas para Deus, mas outros argumentaram que Paulo inclui Cristo na doxologia (ver Pate, Reverso da maldição, 253-55), por pelo menos duas razões. Primeiro, a linguagem de 11:36 é aplicada a Cristo em outros textos de Paulo: “riquezas” (Fp 4:19; Colossenses 1:27); “Sabedoria” (1 Cor. 1: 21-24, 30); “Conhecimento” (1 Cor. 8: 3; Gal. 4: 9); “Dele, por ele e para ele” (1 Cor. 8: 6; Col. 1: 16-17). Em segundo lugar, o contexto de 11:36 é Cristo. Tudo isso é para dizer que a doxologia a Deus em 11:36 envolve Cristo como o meio para culminar o plano divino da história da salvação.

[221] Citação em Kotulak, “Ciência Sériamente Estranha”.

Romanos 12: 1-2

[222] Dunn, Romanos 9-16, 715.

[223] Moo, Epístola aos Romanos, 758.

[224] Os comentaristas regularmente notam a conexão entre 12: 1-2 e 1: 21-25, mas sem especificar a teologia de Adão que sustenta 12: 1-2.

[225] Para a filosofia grega, especialmente o estoicismo, veja, por exemplo, Epicteto, Disco.1.6.20-21; para o judaísmo helenístico, veja especialmente T. Levi3,6; Philo,Espec. Leis 1.277.

Romanos 12: 3-8

[226] Alguns entendem metroncomo o padrão de fé, ou seja, o evangelho. Mas “medida” ou “quantidade” é a tradução preferida.

[227] Pistas analógicas ("Proporção de fé" [12: 6]) é paralelo a metron pisteōs (“Medida de fé” [12: 3]).

[228] Veja Schreiner, Romanos, 658.

[229] Wangerin, Ragman e outros gritos de fé, 29-31.

[230] Dickinson, Poemas Selecionados, 9-10.

Informações Adicionais

[231] Schweizer, “σῶμα, ”1024-44.

[232] Veja Dunn, Romanos 9-16, 723.

[233] Knox, São Paulo, 161.

[234] melhor, Um Corpo em Cristo, 83.

[235] Cerfaux, Teologia de São Paulo, 263-65.

[236] Para uma crítica da teoria de que Paulo foi influenciado pelas religiões de mistério, consulte Best, Um Corpo em Cristo, 87-89; Wagner, Batismo paulino; veja especialmente a crítica devastadora de Wedderburn, Batismo e Ressurreição.

[237] Bultmann, Teologia do Novo Testamento, 1: 178-79. [238] Dunn, Romanos 9-16, 723-24.
[239] WD Davies, Paulo e o judaísmo rabínico, 53-57.

[240] WD Davies, Paulo e o judaísmo rabínico, 57.

[241] Wedderburn, Batismo e Ressurreição, 350-56. Wedderburn também responde de forma convincente a críticas à teoria hebraica da personalidade corporativa. Para mais discussão, veja Pate, Fim dos tempos, 170-72

Romanos 12: 9-21

[242] Veja Sirach 7:34 (Rom. 12:15); Provérbios 3: 7 e Isaías 5:21 (v. 16); Provérbios 3: 4 e 5: 8 (v. 17); Levítico 19:18 e Deuteronômio 32:35 (v. 19); Provérbios 25: 21-22 (v. 20); e Testamento de benjamin4,3 (v. 21). Veja também Dunn, Romanos 9-16, 738.

[243] Veja Mateus 5:44 e Lucas 6: 27-28 (Rom. 12:14); Lucas 6: 27-36 (v. 17); e Lucas 6: 27-36 (v. 21).

[244] O verbo assumido em 12: 9 é o comando para "deixar o amor ser sincero". Outras vezes, em 12: 9-21, o particípio e o infinitivo são usados para expressar comandos, enquanto ainda outras vezes um imperativo é usado. Esse uso de particípios, infinitivos e imperativos cria uma cadeia rápida de admoestações em 12: 9-21.

[245] O phil- a raiz é usada dessa forma tanto pelo Novo Testamento quanto por outros escritores antigos (1Ts 4: 9; Hb 13: 1; 1 Pedro 1:22; 2 Pedro 1: 7; 1 Clem. 47,5; 48,1; Philo, Abraham 168, 198; Moisés 1.150; Spec. Leis 2.240).

[246] Dunn, Romanos 9-16, 744. [247] NPNF[1], 11: 507.

[248] Em 12: 16a Paulo usa o verbo phroneō duas vezes (“pensam” o mesmo um em relação ao outro), e então em 12: 16b o adjetivo phronimos (não “pense” de maneira arrogante ou presunçosa).

[249] Alguns traduzem tapeinoiscomo neutro (= “tarefas servis”). Mas o fato de tapeinoisé masculino (= “pessoas humildes”) em todas as outras partes do Novo Testamento (Mat. 11:29; Lucas 1:52; 2 Cor. 7: 6; 10: 1; Tiago 1: 9; 4: 6; 1 Ped. 5: 5) inclina a balança em direção à forma masculina. Veja Schreiner, Romanos, 668.

[250] O contexto de 12:19 sugere que é Deusesira que está sendo considerada.

[251] Harnack, Missão e Expansão do Cristianismo, 181-249.

Romanos 13: 1-7

[252] A tradução tradicional de psiqueé “alma”, mas por este termo Paulo quer dizer a pessoa inteira. [253] Cullmann, Estado no Novo Testamento, 55-70; cf. Piscadela, Nomeando os Poderes, 45-47. [254] Veja Sherwin-White, Sociedade Romana e Direito Romano, 8-11.

Romanos 13: 8-14

[255] Veja a bibliografia em Dunn, Romanos 9-16, 790-91. [256] Lövestam, Vigília espiritual, 10-27, 34-35.

[257] Além disso, Lövestam cita 1 Enoch10,5; 92,4-5; 108,11; 1QS 1.9; 2,16; 3,13; 1QM 1.1; 2 Baruch18,2; 48,50. Esses textos também evidenciam uma leitura apocalíptica da tradição deuteronomista.

[258] Moo, Epístola aos Romanos, 817.

[259] Para esta visão, veja Schreiner, Romanos,690-95. [260] Veja Dunn, Romanos 9-16, 775, 781. [261] Veja Pate, Fim dos tempos, 117-18.

[262] Veja, principalmente, Sanday e Headlam, Romanos, 399-403. [263] Sanday e Headlam, Romanos, 399-403.

[264] Veja a lista de semelhanças em Schreiner, Romanos, 704-5. [265] Veja Moo, Epístola aos Romanos, 827-28. [266] Moo, Romanos, 829-30; Cranfield, Romanos, 2: 694-97.

[267] Moo (Romanos, 852n14) observa o paralelismo entre koinos (impuro) e Akathartos(impuro) em Marcos 7: 2, 5; Atos 10:14 (cf. Atos 10:15, 28; 11: 8, 9; Hb 10:29). O verbo cognato koinoō conota a mesma nuance consistentemente no Novo Testamento (Mat. 15:11, 18, 20; Marcos 7:15, 18, 20, 23; Atos 10:15; 11:19; 21:28; Heb. 9:13) .

[268] Com relação à abstenção de carne e vinho, judeus escrupulosos às vezes evitavam toda carne em ambientes onde eles não podiam ter certeza de sua pureza kosher (ver Dan. 1: 8; 10: 3; Tob. 1: 10-12; Jdt. 12: 2, 19; Add. Esth. 14:17; Jos. Asen.7,1; 8,5; Josefo, Vida 14), enquanto o vinho era evitado porque era oferecido como uma libação aos deuses (ver Dan. 1: 3-16; 10: 3; Add. Esth. 14:17; T. Reub. 1,10; T. Jud. 15,4; Jos. Asen. 8,5;m. 'Abod. Zar.2,3; 5). Com relação à observância de dias especiais, obviamente a lei mosaica estipulava a observância do sábado semanal, bem como dos principais festivais religiosos.

[269] Os fracos também podem ter incluído gentios tementes a Deus. Escritores romanos notaram a popularidade de tanto o sábado quanto as leis alimentares judaicas, mesmo entre os gentios (ver Juvenal, Sentado.14,9b-10b; Horace, Sentado. 1.9.67-72; Ovid, Cura219-20). Também é possível que alguns dos tementes a Deus pertencessem aos "fortes" na fé.

[270] Krinō ("Julgar") e as palavras derivadas dela desempenham um papel central em Romanos 14: diacrise (v. 1); Krinō (vv. 3, 4, 5 [2x], 10, 13 [2x], 22); diakrinō (v. 23); katakrinō(v. 23). Paulo também se inclui na categoria "forte na fé", outra indicação de que ele acreditava que a lei não mais incumbia aos cristãos.

[271] Kyrios é outra palavra-chave em 14: 1-12: às vezes indica Deus (vv. 4, 6 [3x], 11), e outras vezes Cristo (vv. 8 [3x], 9 [kyrieuō]), embora os estudiosos debatam quais versículos se referem a quais. Isso indica que Paulo coloca Cristo em pé de igualdade com Deus.

[272] Moo (Epístola aos Romanos, 846n104) observa que bēma denota uma cena secular de julgamento (Mat. 27:19; João 19:13; Atos 7: 5; 12:21; 18:12, 16, 17), e que Paulo é o único autor do Novo Testamento que usa o termo teologicamente do tribunal de Deus (em 2 Coríntios 5:10 é o tribunal de Cristo).

[273] "Tão certo quanto eu vivo" não ocorre na passagem de Isaías, mas ocorre vinte e duas vezes na LXX, então Paulo pode não ter tido nenhum texto particular do Antigo Testamento em mente para essa frase.

[274] Webb, Escravos, mulheres e homossexuais.

[275] Wiersbe, "Progresso do Peregrino" anotado, 142. [276] Bonhoeffer, Vida juntos, 93-94.

[277] Moo, Epístola aos Romanos, 849-50.

[278] Krinōe palavras cognatas ocorrem cinco vezes nesses versículos (14:13 [2x], 22, 23 [2x]). [279] Lutero, "Tratado sobre a Liberdade Cristã", 251.

[280] Lewis, The Screwtape Letters,

69. Romanos 15: 1-13

[281] Veja, por exemplo, Moo, Epístola aos Romanos, 869, 874, 878; Schreiner, Romanos, 745, 755-56,

758; Dunn, Romanos 9-16, 840, 845, 847, 850.

[282] Lembre-se de minha observação anterior em Romanos 3-4 de que Paulo conecta positivamente a aliança abraâmica e a nova aliança, mas os distancia da aliança mosaica.

[283] 3. Para uma defesa da visão de que 15: 8a introduz essas duas declarações paralelas, consulte Moo, Epístola aos Romanos, 876.

[284] Moo, Epístola aos Romanos, 878-79. [285] Schreiner, Romanos, 758.

[286] Moo, Epístola aos Romanos, 879.

[287] Moo, Epístola aos Romanos, 881-84.

[288] Yancey, O que há de tão incrível em Grace ?,275-76. [289] Bonhoeffer, Vida juntos, 86.

Romanos 15: 14-21

[290] Moo, Epístola aos Romanos, 884.

[291] Veja Moo, Epístola aos Romanos, 886. Esses paralelos já foram notados por João Crisóstomo, Hom. ROM. 29

[292] Funk, "Apostólica Parousia, "251.

[293] Aus, "Paul's Travel Plans," 251-52. [294] Moo, Epístola aos Romanos, 891. [295] Jewett, Romanos, 912-15.

[296] Gordon, Para acabar com todas as guerras, 103-6. [297] Gordon, Para acabar com todas as guerras, 117-18. [298] http://www.persecution.com.

Romanos 15: 22-29

[299] Para um excelente estudo sobre o assunto, consulte Nickle, A coleção. [300] Jewett, Romanos, 74-77.

[301] Aus, "Paul's Travel Plans".

[302] Veja Dunn, Romanos 9-16, 874.

[303] É absurdo objetar à leitura escatológica de Aus da coleção de Paulo dos gentios, dizendo que a oferta dos gentios não são os próprios gentios, pois um (a coleção) era a extensão do outro (os gentios). Além disso, embora Paulo não torne isso explícito, ele parece sugerir que os cristãos romanos e logo os gentios recém-evangelizados na Espanha também deveriam contribuir para a oferta dos gentios aos santos em Jerusalém.

[304] Colson, "A Perfect (Cultural) Storm." [305] Mattingly, "Memory Eternal". [306] Traherne, Acordando no céu, 228.

Romanos 15: 30-33

[307] Atos usa dois termos semelhantes para esses gentios: “temente a Deus” e “adorador de Deus”. [308] Levinskaya, Livro de Atos.

[309] Jewett, “Agitadores e a Congregação da Galácia”; cf. Jewett, Romanos, 936-37. [310] Jewett, Romanos, 939-40.

[311] Houston, Exilados alegres, 175.

[312] Veja Trafton, “Dying to Be Faithful”. [313] Ryle, Um Chamado à Oração, 73. [314] Houston, Exilados alegres, 135.

Romanos 16: 1-2

[315] O versículo 24 é provavelmente uma adição posterior ao teste de Romanos, por duas razões: (1) os únicos manuscritos gregos que contêm esta bênção são pobres testemunhas (por exemplo, D, F, G); (2) uma vez que a doxologia nos vv. 25-27 é provavelmente uma parte do original, a natureza secundária da bênção no v. 24 seria assim confirmada.

[316] Schreiner, Romanos, 786. [317] Jewett, Romanos, 943.

[318] Kim, Forma e Estrutura, 126.

[319] Para esta discussão sobre patrocínio, consulte Jewett, Romanos, 89-91.

[320] Para uma extensa documentação do sistema de mecenato romano, consulte Winter, Busque o bem-estar da cidade.

[321] Para comprovar isso a partir de evidências arqueológicas, consulte a bibliografia em Jewett, Romanos, 947.

[322] Schreiner, Romanos, 787.

[323] Veja o excelente estudo sobre este e muito mais sobre a herança judaica da igreja primitiva em Skarsaune, Sombra do templo. As referências a Efésios são minhas próprias sugestões.

[324] História Cristã, “Catherine Booth”.

[325] História Cristã, “Catarina de Siena”.

[326] Van Rheenen, “Money and Mi $$ ion $ (revisitado).” [327] Olmsted, “A Wonderful Dirty Job.”

Romanos 16: 3-16

[328] Os estudos de Peter Lampe foram inestimáveis para esta pesquisa. Veja Lampe, “Cristãos Romanos”;De Paulo a Valentinus.

[329] Gager, “Religion and Social Class.” [330] Jewett, Romanos, 954-74.

[331] Para o estudo inovador que destaca a importância da adoração em igrejas domésticas entre os primeiros cristãos, consulte Filson, “Significance of Early House Churches”.

[332] Jewett, Romanos, 953; veja também 62-69.

[333] Veja a discussão sobre o nome “Junia” abaixo. [334] Jewett, Romanos, 959-60.

[335] Veja Harnack, “Kopos. ”

[336] Schreiner, Romanos, 796; Moo, Epístola aos Romanos, 924.

[337] Dunn, Romanos 9-16, 894-95; Jewett, Romanos, 961-62. [338] Então, Jewett, Romanos, 966.

[339] Lightfoot, "Caesar's Household", 174. [340] Jewett, Romanos, 969-71.

[341] Jewett, Romanos, 971-72. [342] Jewett, Romanos, 973.

[343] Badley, "Community of Faith," 292-93.

[344] Eckel, "Eu amo esses caras". Citação de Hart, Guia do Aluno, 48. Romanos 16: 17-20

[345] Jewett, Romanos, 981-88.

[346] Com relação aos Filipenses, parece que Paulo está prestes a terminar a carta em 3: 1, mas então ele imediatamente começa uma diatribe contra os falsos mestres.

[347] A ênfase dos judaizantes nas leis dietéticas difere daquela dos fracos cristãos judeus em 14: 1-15: 13, pois os últimos não prescreviam as leis dietéticas como meio de salvação, enquanto os primeiros o faziam.

[348] Orwell, "The Freedom of the Press". [349] ANF 1: 315.

[350] Steiner, Leitor, 36.

[351] Montaigne, Ensaios, 4:41. Romanos 16: 21-23

[352] Richards, Paulo e a Escrita de uma Carta do Primeiro Século, 60.

[353] Richards, Paulo e a Escrita de uma Carta do Primeiro Século, 64-80.

[354] Richards, Paulo e a Escrita de uma Carta do Primeiro Século, 47-58.

[355] Richards, Paulo e a Escrita de uma Carta do Primeiro Século, 165, 169, 199.

[356] Alguns textos gregos ocidentais (uma família de textos que exibem um pouco de liberdade ao fazer mudanças, omissões e inserções), como D, F e G, incluem 16:24, que é uma bênção semelhante à de 16:20, "a graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vocês." Mas as primeiras e melhores testemunhas textuais o omitem, assim como a vasta maioria dos críticos de texto. Eu concordo com a opinião da maioria aqui.

[357] Veja Jewett, Romanos, 981.

[358] Jewett, Romanos, 983-84.

[359] Smithey, "O Último Samurai".

[360] Elmer, Servidão intercultural, 16-17.

[361] Keller, Deuses falsificados, 84.

Romanos 16: 25-27

[362] Para uma defesa da teoria de interpolação, consulte Jewett, Romanos, 997-1002. [363] Tradução de Lewis e Reinhold, Civilização romana, 2:64. [

364] Para uma leitura anti-imperialista recente de Romanos, veja Wright, Paulo, 25-27.

[365] Dunn, Romanos 9-16, 913.
[366] Dodd, Pregação Apostólica, 38-45.
[367] Fuller, História da Igreja da Grã-Bretanha, 424. [368] Stott, Cristianismo autêntico, 132.
[369] Wilberforce Academy, “Students Making a Difference.”

Bibliografia

Recursos Recomendados

Cranfield, CEB Um comentário crítico e exegético sobre a epístola aos romanos. 2 vols. Comentário crítico internacional. Edimburgo: T&T Clark, 1975-77.

Dunn, James DG Romanos 1-8. Comentário Bíblico Word 38A. Dallas: Word,

1988. ———. Romanos 9-16.Comentário Bíblico Word 38B. Dallas: Word,

1988. Jewett, Robert.

Romanos. Hermeneia. Minneapolis: Fortaleza, 2007.

Moo, Douglas J. A Epístola aos Romanos. Novo Comentário Internacional sobre o Novo Testamento. Grande Rapids: Eerdmans, 1996.

Pate, C. Marvin. O fim dos tempos chegou: a teologia de Paulo. Grand Rapids: Zondervan, 1995.

———. O reverso da maldição: Paulo, sabedoria e a lei. Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament 114/2. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000.

Schreiner, Thomas R. Romanos. Comentário Exegético de Baker sobre o Novo Testamento. Grand Rapids: Baker Acadêmico, 2008.

Outros trabalhos

Aus, Roger D. “Os Planos de Viagem de Paulo para a Espanha e o 'Número Total dos Gentios' de Rom. XI 25. ” Novum Testamentum 21 (1979): 232-62.

Badenas, R. Cristo, o Fim da Lei: Romanos 10: 4 na Perspectiva Paulina. Jornal para o estudo do Novo Testamento: Suplemento Série 10. Sheffield: JSOT Press, 1985.

Badley, Kenneth R. “A Comunidade de Fé como o Locus de Integração de Aprendizagem de Fé.” Dentro Vivo para Deus: Estudos em espiritualidade apresentados a James Houston, editado por JI Packer e Loren Wilkinson, 286-95. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1992.

Barclay, William. A Carta aos Romanos.3ª ed. Nova Bíblia de estudo diário. Louisville: Westminster John Knox, 2002.

Barrett, CK Um Comentário sobre a Epístola aos Romanos. Comentários do Novo Testamento de Harper. Novo York: Harper & Row, 1957.

Barth, Karl. A Epístola aos Romanos.Traduzido por Edwyn C. Hoskins. Londres: Oxford University Press, 1933.

Baur, FC A história da igreja nos primeiros três séculos. Traduzido por Allan Menzies. 2 vols. 3ª ed.
Londres: Williams & Norgate, 1878-79.

———. Paulo, o Apóstolo de Jesus Cristo: Sua Vida e Obras, Suas Epístolas e Ensinamentos. Editado por Eduard Zeller. Traduzido por Allan Menzies et al. 2 vols. 2ª ed. Londres: Williams & Norgate, 1873-75.

Beale, GK A Erosão da Inerrância no Evangelicalismo: Respondendo a Novos Desafios à Bíblia
Autoridade. Wheaton, IL: Crossway, 2008.

Bell, Richard H. Provocado ao ciúme: a origem e o propósito do motivo do ciúme em Romanos 9-11.
Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament 2/63. Tübingen: Mohr Siebeck, 1994.

Berkouwer, GC O retorno de cristo. Editado por Marlin J. Van Elderen. Traduzido por James
Van Oosterom. Grand Rapids: Eerdmans, 1972.

Atenciosamente, Ernest. Um Corpo em Cristo: Um Estudo da Relação da Igreja com Cristo nas Epístolas do
Apóstolo paulo. Londres: SPCK, 1955.

Boadt, Lawrence T. Lendo o Antigo Testamento: uma introdução. Nova York: Paulist Press, 1984. Bonhoeffer, Dietrich.
Vida juntos. Traduzido por John W. Doberstein. Nova York: Harper, 1954.

Bousset, Wilhelm. Kyrios Christos: Uma História da Crença em Cristo desde o Início do Cristianismo até
Irineu. Traduzido por John E. Steely. Nashville: Abingdon, 1970.

Bowker, John. Os Targums e a Literatura Rabínica: Uma Introdução às Interpretações Judaicas de
Escritura. Londres: Cambridge University Press, 1969.

Brooks, David. "O que a vida nos pede." New York Times, 26 de janeiro de 2009.
http://www.nytimes.com/2009/01/27/opinion/27brooks.html.

Bruce, FF A Epístola de Paulo aos Romanos: Uma Introdução e Comentário. Novo Testamento Tyndale
Comentários. Grand Rapids: Eerdmans, 1963.

———. "Paulo e a Lei de Moisés." Boletim da Biblioteca John Rylands 57 (1975): 259-79.

Bultmann, Rudolf. Teologia do Novo Testamento. Traduzido por Kendrick Grobel. 2 vols. Nova york:
Scribner, 1951-55.

Cerfaux, Lucien. A Igreja na Teologia de São Paulo. Traduzido por Geoffrey Webb e Adrian Walker.
Nova York: Herder & Herder, 1959.

História Cristã. "Catherine Booth: Pregadora Compelente e Co-fundadora do Exército de Salvação."
http://www.christianitytoday.com/ch/131christians/activists/catherinebooth.html.

———. "Catarina de Siena: Ativista Mística e Política."
http://www.ctlibrary.com/ch/131christians/innertravelers/catherinesiena.html.

Colson, Chuck. "De cada tribo, língua e nação: o legado de Ralph Winter." Ponto de Interrupção Comentário, 1 ° de junho de 2009.
http://www.breakpoint.org/commentaries/1801-from-every-tribe-tongue-and-nação.

———. "Uma tempestade (cultural) perfeita: como a igreja deveria responder." Comentário do Ponto de Interrupção, 8 de maio, 2009 http://www.breakpoint.org/commentaries/1819-a-perfect-cultural-storm.

Cullmann, Oscar. O Estado no Novo Testamento. Nova York: Harper & Row, 1956.

Davies, Glenn N. Fé e Obediência em Romanos: Um Estudo em Romanos 1-4. Jornal para o estudo do Novo Testamento: Suplemento Série 39. Sheffield: JSOT Press, 1990.

Davies, WD Paulo e o Judaísmo Rabínico: Alguns Elementos Rabínicos na Teologia Paulina. Londres: SPCK, 1948.

Deissmann, Adolf. Paul: Um Estudo em História Social e Religiosa. Traduzido por William E. Wilson. Reprint, New York: Harper, 1972.

Dibelius, Martin. Uma nova abordagem do Novo Testamento e da literatura cristã primitiva. Nova york: Scribner, 1936.

———. James. Revisado por Heinrich Greeven. Editado por Helmut Koester. Traduzido por Michael A.

Williams. Hermeneia. Filadélfia: Fortaleza, 1976.

Dickinson, Emily. Poemas selecionados. Nova York: Dover, 1990.

Dodd, CH A pregação apostólica e seus desenvolvimentos. Nova York: Harper,

1944. ———. A bíblia e os gregos. Londres: Hodder & Stoughton, 1935.

Dostoiévski, Fiodor. Os irmãos Karamozov. Traduzido por Richard Pevear e Larissa Volokhonsky.

Nova York: Farrar, Straus & Giraux, 1990.

Dowley, Tim, ed. Manual de Eerdmans para a História do Cristianismo. Grand Rapids, Eerdmans, 1977. Dunn, James DG "Once More, Pistis Christou. " Dentro Artigos do Seminário da Sociedade de Literatura Bíblica de 1991,

editado por Eugene H. Lovering Jr., 730-44. Atlanta: Scholars Press, 1991.

Eckel, Mark. "Eu amo esses caras." Warp and Woof (blog), 31 de março de 2009.

http://warpandwoof.org/uncategorized/474/.

Eitel, Lorraine, et al., Eds. O Tesouro da Poesia Cristã. Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 1982.

Elmer, Duane. Servidão intercultural: Servindo ao mundo com humildade cristã. Downers Grove, IL:

InterVarsity, 2006.

Feinberg, Charles Lee. Israel em destaque. Chicago: Moody, 1975.

Ferguson, Everett. Antecedentes do Cristianismo Primitivo. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

Filson, FV "The Significance of Early House Churches." Journal of Biblical Literature 58 (1939): 105-12

Fuller, Thomas. A História da Igreja na Grã-Bretanha: desde o nascimento de Jesus Cristo até o ano de 1648.Vol. 2

Oxford: Oxford University Press, 1845.

Funk, Robert. "O Apostólico Parousia:Forma e significado. " Dentro História Cristã e Interpretação:

Estudos Apresentados a John Knox, editado por WR Farmer, CFD Moule e RR Niebuhr, 249-68. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

Gager, John. "Religião e classe social no início do Império Romano." Dentro As Catacumbas e o Coliseu: o Império Romano como cenário do cristianismo primitivo, editado por Stephen Benko e John J. O'Rourke, 99-120. Valley Forge, PA: Judson, 1971.

Gagnon, RAJ "Heart of Wax and a Teaching That Stamps: ΤΥΠΟΣ ΔΙΔΑΧΗΣ (Rom. 6: 17b) Uma vez

Mais." Journal of Biblical Literature 112 (1993): 667-87.

Garlington, Don B. "ΙΕΡΟΣΥΛΕΙΝ e a Idolatria de Israel (Romanos 2:22)." Estudos do Novo Testamento 36

(1990): 142-51.

Gaston, Lloyd. Paulo e a Torá. Vancouver: University of British Columbia Press, 1987.

Gathercole, Simon J.Onde está se gabando? Soteriologia Judaica Primitiva e a Resposta de Paulo em Romanos 1-5.

Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

Gordon, Ernest. Para acabar com todas as guerras. Grand Rapids: Zondervan, 2002.

Guernsey, Lisa. "Recompensas sob um microscópio." New York Times, 2 de março de 2009.

http://www.nytimes.com/2009/03/03/health/03rewa.html?pagewanted=all.

Hall, Ron e Denver Moore, com Lynn Vincent. O mesmo tipo de diferente que eu: um escravo moderno, um

Negociante de arte internacional e a mulher improvável que os unia. Nashville: Thomas Nelson, 2006.

———.Que diferença isso faz? Histórias de esperança e cura. Nashville: Thomas Nelson, 2009.
Hanson, AT A interpretação das Escrituras no Novo Testamento. Londres: SPCK, 1980. Harnack, Adolf von. “
Kopos (kopian, hoi kopiōntes) im frühchristlichen Sprachgebrauch. ” Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft 27 (1928): 1-10.
———. A missão e expansão do cristianismo nos primeiros três séculos. Vol. 1. Traduzido e

editado por James Moffatt. Nova York: Putnam, 1904.

Hart, Darryl G. Guia do aluno para estudos religiosos. Wilmington, DE: ISI Books, 2005.

Hays, Richard B. Ecos das Escrituras nas Cartas de Paulo. New Haven: Yale University Press, 1989.

———. A Fé de Jesus Cristo: Uma Investigação da Subestrutura Narrativa de Gálatas 3: 1-4: 11. Society of Biblical Literature Dissertation Series 56. Chico, CA: Scholars Press, 1983.

Hengel, Martin. Judaísmo e helenismo: estudos em seu encontro na Palestina durante o início Período helenístico. Traduzido por John Bowden. 2 vols. Filadélfia: Fortaleza, 1974.

———. O Filho de Deus: A Origem da Cristologia e a História da Religião Judaico-Helenística. Traduzido por John Bowden. Filadélfia: Fortaleza, 1979.

Houston, James. Joyful Exiles: Life in Christ on the Dangerous Edge of Things. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2006.

Howard, GE "Cristo, o Fim da Lei: O Significado de Romanos 10: 4 e segs." Journal of Biblical Literatura 88 (1969): 331-37.

Ironside, HA Atos. Comentário expositivo Ironside. Grand Rapids: Kregel, 2007.

Ito, Akio. "Romanos 2: Uma Leitura Deuteronomista." Jornal para o estudo do Novo Testamento 59 (1995): 21-37.

Jewett, Robert. "Os Agitadores e a Congregação da Galácia." Estudos do Novo Testamento 17 (1971): 198-212.

Johnson, E. Elizabeth. A função das tradições apocalípticas e de sabedoria em Romanos 9-11. Sociedade de Biblical Literature Dissertation Series 109. Atlanta: Scholars Press, 1989.

Käsemann, Ernst. Comentário sobre Romanos.Traduzido e editado por Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.

Keller, Timothy. Deuses falsificados: as promessas vazias de dinheiro, sexo e poder e a única esperança Aquilo importa. Nova York: Dutton, 2009.

Kennard, Douglas W. Messias Jesus: Cristologia em seu dia e nosso. Nova York: Peter Lang, 2007.

Kerr, Hugh T. e John M. Mulder, eds. Conversões famosas: a experiência cristã. Grand Rapids: Eerdmans, 1983.

Kim, Chan-Hie. Forma e estrutura da carta de recomendação grega familiar. Sociedade Bíblica Literature Dissertation Series 4. Missoula, MT: Scholars Press, 1972.

Klauck, Josef. Cartas Antigas e o Novo Testamento: Um Guia para o Contexto e Exegese. Traduzido e editado por Daniel P. Bailey. Waco: Baylor University Press, 2006.

Kline, Meredith G. Tratado do Grande Rei: A Estrutura da Aliança de Deuteronômio. Grand Rapids: Eerdmans, 1963.

Knox, Wilfred L. São Paulo e a Igreja dos Gentios. Cambridge: University Press, 1939.

Kotulak, Ronald. "Ciência Seriamente Estranha: Dimensões Ocultas, Partículas Fantasmas — Viagem no Tempo— Estão entre as atividades de alta energia do Fermilab. Chicago Tribune Magazine, 11 de janeiro de 2004. http://articles.chicagotribune.com/2004-01-11/features/0401110472_1_extra-dimensões-tevatron-cern.

Kümmel, Werner Georg. Römer 7 und die Bekehrung des Paulus. Untersuchungen zum Neuen Testament.
Leipzig: JC Hinrichs, 1929.
Ladd, George. Uma teologia do Novo Testamento. Revisado por Donald A. Hagner. Grand Rapids: Eerdmans,
1993.
Lampe, Peter. De Paulo a Valentino: Cristãos em Roma nos primeiros dois séculos. Editado por
Marshall D. Johnson. Traduzido por Michael Steinhauser. Minneapolis: Fortress, 2003.
———. “Os Cristãos Romanos de Romanos 16.” Dentro The Romans Debate, editado por Karl P. Donfried, 216-

330. Rev. ed. Peabody, MA: Hendrickson, 1991.

Leenhardt, Franz J. Epístola aos Romanos: Um Comentário. Traduzido por Harold Knight. Londres:
Lutterworth, 1961.

Levinskaya, Irina. O livro de atos em seu cenário de diáspora. Grand Rapids: Eerdmans,

1996. Lewis, CS The Screwtape Letters. Uhrichsville, OH: Barbour, 1990.

Lewis, Naphtali e Meyer Reinhold, eds. Civilização Romana: Leituras Selecionadas. 2 vols. Nova york:
Harper & Row, 1955-66.

Lightfoot, JB "Casa de César". Dentro Epístola de São Paulo aos Filipenses, 169-76. 2ª ed. Londres:
Macmillan, 1869.

Longenecker, Bruce W. “Diferentes Respostas para Diferentes Questões: Israel, os Gentios e a História da Salvação em
Romanos 9-11. ” Jornal para o estudo do Novo Testamento 36 (1989): 95-123.

Lövestam, Evald. Vigília espiritual no Novo Testamento. Traduzido por WF Salisbury. Lunds universitets årsskrift 55/3. Lund: Gleerup, 1963.

Luther, Martin. A escravidão da vontade. Vol. 33 de Obras de Lutero. Editado por Philip S. Watson. Traduzido
por Philip S. Watson em colaboração com Benjamin Drewery. Filadélfia: Fortaleza, 1972.

———. “Prefácio à edição completa dos escritos latinos de Lutero.” Em vol. 34 de Obras de Lutero, traduzido por Lewis W. Spitz Jr., editado por Lewis W. Spitz, 323-38. Filadélfia: Muhlenberg,

1960. ———. “Um Tratado sobre a Liberdade Cristã.” Dentro Três tratados, traduzido por CM Jacobs, ATW
Steinhaeuser e WA Lambert, 251-90. Filadélfia: Muhlenberg, 1947.

Mattingly, Terry. “Hitchens, Hitchens e Deus também.”http://www.tmatt.net/2010/03/29/hitchens-hitchens-
e deus também.

———. “Memory Eternal, Robert E. Webber.”http://www.tmatt.net/2007/05/02/memory-eternal-robert-e-
webber.

Mendenhall, GE “Covenant Forms in Israelite Tradition.” Arqueólogo Bíblico17 (1954): 3,

50-76. Montaigne, Michel de. Ensaios de Montaigne. Editado por William Carew Hazlitt.

Traduzido por Charles
Algodão. 4 vols. Nova York: Scribner, 1902.

Moo, Douglas J. Romanos.Comentário do aplicativo NIV. Grand Rapids: Zondervan, 2000.

Moore, George F. Judaísmo nos primeiros séculos da era cristã: a era dos Tannaim. 2 vols.
Reprint, New York: Schocken, 1971.

Morris, Leon. A Pregação Apostólica da Cruz. Grand Rapids: Eerdmans, 1965.

———. A Epístola aos Romanos. Comentário do Pilar do Novo Testamento. Grand Rapids: Eerdmans, 1988.

Nanos, Mark D. O mistério de Romanos: o contexto judaico da carta de Paulo. Minneapolis: Fortress,

1996. Nickle, Keith F.

The Collection: A Study in Paul's Strategy. Estudos em Teologia Bíblica 48. Londres:
SCM, 1966.

O'Connor, Flannery. Mystery and Manners: Occasional Prosa.Editado por Sally e Robert Fitzgerald. Novo
York: Farrar, Straus & Giroux, 1969.

Olmsted, Elizabeth. “Um trabalho sujo maravilhoso.”http://www.ywam.org/News-Stories/news/A-Wonderful-Trabalho sujo.

Orwell, George. “A liberdade de imprensa.” Online em “Orwell's Preface to Fazenda de animais. ” http://home.iprimus.com.au/korob/orwell.html.

Pate, C. Marvin. A Cristologia de Adão como a Subestrutura Exegética e Teológica de 2 Coríntios 4: 7-

5:21. Lanham, MD: University Press of America, 1991.

———. Comunidades dos Últimos Dias: Os Manuscritos do Mar Morto, o Novo Testamento e a Restauração de Israel. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000.

———. A Glória de Adão e as Aflições dos Justos: O Sofrimento Paulino em Contexto. Lewiston, NY: Mellen Biblical Press, 1993.

Pate, C. Marvin, J. Scott Duvall, J. Daniel Hays, E. Randolph Richards, W. Dennis Tucker Jr. e Preben Vang. A História de Israel: Uma Teologia Bíblica. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004.

Plantinga, Cornelius, Jr. Não é da maneira que deveria ser: um breviário do pecado. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

Ramsay, WM "The Olive-Tree and the Wild-Olive." Páginas 219-50 em Pauline e outros estudos no início História Cristã. Londres: Hodder & Stoughton, 1908.

Reitzenstein, Richard. Religiões de mistério helenísticas: suas idéias básicas e significado. Traduzido por John E. Steely. Pittsburgh: Pickwick, 1978.

Rhyne, C. Thomas. A fé estabelece a lei. Série de dissertações da Sociedade de Literatura Bíblica 55. Chico, CA: Scholars Press, 1981.

Richards, E. Randolph. Paulo e a redação de cartas do primeiro século: secretários, composição e coleção. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004.

Ripley, Amanda. "Deveriam as crianças ser subornadas para se sair bem na escola?" Tempo, 8 de abril de 2010. http://www.time.com/time/nation/article/0, 8599,1978589,00.html.

Rogerson, JW "The Hebrew Conception of Corporate Personality: A Reexamination." Diário de Estudos Teológicos 21 (1970): 1-16.

Rydelnik, Michael. "O Povo Judeu e a Salvação." Bibliotheca sacra166 (2008): 447-62.

Ryle, JC Um Chamado à Oração. Grand Rapids: Baker Books, 1976.

Sanday, William e Arthur C. Headlam. Um comentário crítico e exegético sobre a epístola ao Romanos. 5ª ed. Comentário crítico internacional. Edimburgo: T&T Clark, 1899.

Sanders, EP Paulo, a Lei e o Povo Judeu. Filadélfia: Fortaleza, 1983.

———. Paulo e o judaísmo palestino: uma comparação de padrões de religião. Filadélfia: Fortaleza, 1977. Schreiner, Thomas R.

A Lei e Seu Cumprimento. Uma Teologia Paulina do Direito. Grand Rapids: Baker Academic, 1993.

Schweizer, Eduard. "Σῶμα. " Em vol. 7 de Dicionário Teológico do Novo Testamento, editado por Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, traduzido por Geoffrey W. Bromiley, 1024-94. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

Scott, James M. Adoção como Filhos de Deus: Uma Investigação Exegética no Fundo de ΥΙΟΘΕΣΙΑ no Pauline Corpus. Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament 2/48. Tübingen: Mohr Siebeck, 1992.

———. "O uso da tradição deuteronômica por Paulo". Journal of Biblical Literature 112 (1993): 645-65.

Sherwin-White, AN Sociedade Romana e Direito Romano no Novo Testamento. Oxford: Clarendon, 1963. Skarsaune, Oskar. Na sombra do templo: influências judaicas no cristianismo primitivo. Downers
Grove, IL: InterVarsity, 2002.
Smithey, Cole. “O Último Samurai: Uma Entrevista Exclusiva com Tom Cruise.”http: //www.review-
mag.com/archive/560-569/562/Ncruise.htm.
Sproul, RC A santidade de deus. Rev. ed. Carol Stream, IL: Tyndale,
1998. Spurgeon, Charles Haddon. Toda graça. Chicago: Moody, 2010.
Steck, Odil Hannes. Israel und das gewaltsame Geschick der Propheten: Untersuchungen zur

Überlieferung des deuteronomistischen Geschichtsbildes im Alten Testament, Spätjudentum und Urchristentum. Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament 23. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1967.

Steiner, George. George Steiner: A Reader. Nova York: Oxford University Press, 1984.

Stendahl, Krister. "O Apóstolo Paulo e a Consciência Introspectiva do Ocidente." Harvard Teológico
Análise 56 (1963): 199-215.

Stott, John. Cristianismo autêntico: Dos escritos de John Stott. Editado por Timothy Dudley-Smith.
Downers Grove, IL: InterVarstiy, 1995.

Stowers, Stanley K. A Diatribe e a Carta de Paulo aos Romanos. Sociedade de Literatura Bíblica
Dissertation Series 57. Chico, CA: Scholars Press, 1981.

Thielicke, Helmut. Um pequeno exercício para jovens teólogos. Traduzido por Charles L. Taylor. Reimprimir,
Grand Rapids: Eerdmans, 1997.

Thielman, Frank. Paulo e a Lei: Uma abordagem contextual. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994.

Thorpe, Rose Hartwick. Baladas animadas, incluindo "Curfew Must Not Ring To-night". Boston: D. Lothrop,
1887.

Trafton, Jennifer. "Morrer para ser fiel: a perseguição trouxe o melhor e o pior no início Cristãos. " http://www.christianitytoday.com/ch/news/2008/jan10.html.

Traherne, Thomas. Acordando no céu. Editado por David Buresh. Spencerville, MD: Hesed, 2002.

Tucker, Ruth. De Jerusalém a Irian Jaya: Uma História Biográfica das Missões Cristãs. Grand Rapids:
Zondervan, 1983.

Van Rheenen, Gailyn. "MR # 13: Money and Mi $$ ion $ (Revisited): Combating Paternalism."
Missiology.org (blog), 12 de janeiro de 2001. http://missiology.org/?p=247.

Wagner, Gunter. O Batismo Paulino e os Mistérios Pagãos: O Problema da Doutrina Paulina de Batismo em Romanos VI.1-11, à luz de seus "paralelos" religio-históricos.Traduzido por JP Smith. Edimburgo: Oliver & Boyd, 1967.

Wangerin, Walter, Jr. Ragman e outros gritos de fé. San Francisco: Harper & Row, 1984.

Webb, William J. Escravos, mulheres e homossexuais: explorando a hermenêutica da análise cultural.
Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001.

Wedderburn, AJM Batismo e ressurreição: estudos de teologia paulina contra seu greco-romano Fundo. Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament 44. Tübingen: Mohr Siebeck, 1987.

Branco, EB A trombeta do cisne. Nova York: Harper Trophy, 1970.

Wiersbe, Warren. O "Progresso do Peregrino" anotado.Chicago: Moody,

1980. Wilberforce Academy. "Alunos fazendo a diferença."
http://www.wilberforceacademy.org/difference.html.

Wink, Walter. Nomeando os poderes: a linguagem do poder no Novo Testamento. Filadélfia: Fortaleza,
1984.

Inverno, Bruce. Busque o bem-estar da cidade: cristãos como benfeitores e cidadãos. Carlisle: Paternoster,
1994.

Wright, NT "Adam in Pauline Christology." Dentro O Clímax da Aliança: Cristo e a Lei em Teologia paulina, 18-40. Minneapolis: Fortress, 1991.

———. Jesus e a Vitória de Deus. Vol. 2 de Origens Cristãs e a Questão de Deus. Minneapolis: Fortaleza, 1996.

———. O Novo Testamento e o Povo de Deus. Vol. 1 de Origens Cristãs e a Questão de Deus.

Minneapolis: Fortress, 1992.

———. Paul: In Fresh Perspective. Minneapolis: Fortress, 2005.

———. O que São Paulo realmente disse: Paulo de Tarso foi o verdadeiro fundador do cristianismo? Grand Rapids: Eerdmans, 1997.

Yancey, Philip. O que há de tão incrível em Grace? Grand Rapids: Zondervan, 1997.

Créditos de imagem

Salvo indicação em contrário, as fotos, ilustrações e mapas são copyright © Baker Photo Archive.

O Baker Photo Archive reconhece a permissão das seguintes instituições e indivíduos. Foto na página 117© Baker Photo Archive. Cortesia do Museu Altes, Berlim, Alemanha.

Fotos em 35, 276© Baker Photo Archive. Cortesia da Antikensammlung, Berlim, Alemanha.

Fotos nas páginas 5, 8 (2 ×), 17, 29, 38, 54, 112, 152, 169, 213, 258, 273, 329 © Baker Photo Archive.
Cortesia do British Museum, Londres, Inglaterra.

Foto na página 87© Baker Photo Archive. Cortesia da Coleção de Antiguidades Clássicas, Berlim,
Alemanha.

Foto na página 255© Baker Photo Archive. Cortesia do Museu Eretz, Tel Aviv, Israel.

Foto na página 248© Baker Photo Archive. Cortesia do Ministério de Antiguidades da Grécia e do
Museu Arqueológico da Antiga Corinto, Grécia.

Fotos nas páginas 24, 78, 164, 321© Baker Photo Archive. Cortesia do Ministério de Antiguidades da Grécia
e o Museu Arqueológico de Thessaloniki, Grécia.

Foto na página 60© Baker Photo Archive. Cortesia do Holyland Hotel. Reprodução da cidade de
Jerusalém na época do Segundo Templo, localizado nas dependências do Holyland Hotel, em Jerusalém,
2001. Local atual: Museu de Israel, Jerusalém.

Foto na página 227© Baker Photo Archive. Cortesia do Ministério de Antiguidades da Jordânia e do
Museu Arqueológico de Amã.

Fotos nas páginas 229, 280© Baker Photo Archive. Cortesia do Musée du Louvre; Autorização de
fotógrafo et de filmer. Louvre, Paris, França.

Foto na página 53© Baker Photo Archive. Cortesia do Museu Nacional de Arqueologia da Espanha,
Madrid.

Fotos nas páginas 42, 118© Baker Photo Archive. Cortesia do Museu Pergamon, Berlim.

Foto na página 330© Baker Photo Archive. Cortesia de Sola Scriptura: a coleção Van Kampen em
exposição na Holy Land Experience, Orlando, Flórida.

Foto na página 80 © Baker Photo Archive / Timothy Ladwig.

Foto na página 2© Baker Photo Archive. Cortesia do Ministério de Antiguidades da Turquia e Antalya
Museu, Turquia.

Fotos nas páginas 14, 105, 201, 319são © Baker Photo Archive. Cortesia do Ministério turco da
Antiguidades e o Museu Arqueológico de Istambul.

Fotos nas páginas 10, 74, 124, 155, 176, 269© Baker Photo Archive. Cortesia do Museu do Vaticano.Créditos de imagem adicionais

Foto na página 135© AJ Alfieri-Crispin, CC-by-sa-2.0. Foto na página 307 © Anthony Majanlahti, CC-by-2.0.

Foto na página 230 © Arnold Dekker / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0.

Foto na página 294 © Bernard Gagnon / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0.

Foto na página 21 © Calidius / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0, cortesia de Antikensammlung, Berlim.

Foto na página 108© Cappella della Sacra Sindone, Duomo, Torino, Itália / The Bridgeman Art Library. Foto na página 218 © Chixoy / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0.

Foto na página 233 cortesia da NASA.

Foto na página 303 © Dennis Taylor, CC-by-2.0.

Foto na página 36© Dr. James C. Martin e o Museu de Israel. Coleção do Museu de Israel, Jerusalém, e cortesia da Autoridade de Antiguidades de Israel, exibida no Museu de Israel, Jerusalém. Fotos na página 41© Dr. James C. Martin e o Museu de Israel (Museu Rockefeller). Coleção do Museu de Israel, Jerusalém, e cortesia da Autoridade de Antiguidades de Israel, exibido no Rockefeller Museu, Jerusalém.

Foto na página 262© Dr. James C. Martin e o Museu de Israel (Santuário do Livro). Coleção do Museu de Israel, Jeruslaem e cortesia da Autoridade de Antiguidades de Israel, exibido no Santuário do Livro, Museu de Israel, Jerusalém.

Foto na página 315© G.dallorto / Wikimedia Commons, cortesia do Museu de Arqueologia de Istambul. Foto na página 161 © Ijon / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0.

Foto na página 194© Itzhak Baum / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0. Foto na página 215© Jaimrsilva / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0. Foto na página 130 © Jebulon / Wikimedia Commons.

Fotos nas páginas 256, 274 © Jensens / Wikimedia Commons.

Foto na página 244 © Jürgen Howaldt / Wikimedia Commons, CC-by-sa-2.0, cortesia de Bremen Museu da Catedral, Alemanha.

Fotos nas páginas 47, 62, 68, 133, 138, 144, 206, 256, 261, 305 © Kim Walton.

Foto na página 8© Kim Walton. Cortesia do British Museum, Londres, Inglaterra. Foto na página 220© Kim Walton. Cortesia do Museu Chora.

Foto na página 327© Kim Walton. Cortesia do Museu Nacional de Arqueologia de Florença, exibido no Monte Palatino, Roma.

Foto na página 127© Konrad Kurzacz / Wikimedia Commons, CC-by-sa 3.0. Foto na página 162© Kurt Wichmann / Wikimedia Commons, CC-by-3.0. Foto na página 282 © Lalupa / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0.

Fotos nas páginas 96, 235, 250© Marie-Lan Nguyen / Wikimedia Commons. Cortesia do Musée du Louvre; Autorisation de Photographer et de Filmer. Louvre, Paris, França.

Fotos nas páginas 105, 156 © Marie-Lan Nguyen / Wikimedia Commons, cortesia do Musée National du Moyen Âge.

Foto na página 179© Marie-Lan Nguyen / Wikimedia Commons. Cortesia do Museu do Vaticano. Foto na página 293© Marie-Lan Nguyen / Wikimedia Commons, CC-by-3.0. Foto na página
309 © Marsyas / Wikimedia Commons, CC-by-3.0.
Foto na página 23 © Osterreichische Nationalbibliothek, Viena, Áustria / The Bridgeman Art Library.

Foto na página 51 © Roland zh / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0, cortesia do Kunsthaus Zürich,
Suíça.

Foto na página 316 © Sailko / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0.

Foto na página 297 © Sailko / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0, cortesia do Museu Britânico,
Londres, Inglaterra.

Foto na página 120 © Sailko / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0, cortesia do Museum der Bildenden
Kuenste, Leipzig, Alemanha.

Foto na página 94 © San Vitale, Ravenna, Itália / Biblioteca de Arte Bridgeman.

Foto na página 241 © Shakko / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0, cortesia do Museu Pushkin,
Moscou.

Foto na página 141© Teqoah / Wikimedia Commons,

CC-by-sa-3.0. Foto na página

158© TheLeopards / Wikimedia Commons. Foto na página

209© US Center for World Mission. Foto na página

115© William Brigham / Arquivos do Estado do Havaí. Foto na

página

282 © www.RomeCabs.com, CC-by-sa 2.0.

Fotos nas páginas 170, 173, 242, 265, 301 © The Yorck Project / Wikimedia Commons.

Fotos nas páginas 33, 103, 143, 180, 192, 286 © Zev Radovan / www.BibleLandPictures.com.

Contribuidores

Editores Gerais

Mark L. Strauss

John H. Walton

Editor Associado, Ilustrando o Texto

Rosalie de Rosset (com Mark Eckel) Desenvolvimento de série

Jack Kuhatschek

Brian Vos
Editor de Projeto

James Korsmo
Design de interiores

Brian Brunsting
Conteúdo Visual

Kim Walton
Direção da capa

Paula Gibson

Michael Cook

Índice de Assuntos

Abraham, 92-97, 123, 187, 214, 218-19, 227. Veja também aliança: abraâmica
filhos de (pela fé), 88, 98-103, 191
fé de, 84, 92-96, 98-109, 281, 335-36
pai dos judeus, 18, 84, 92-95, 100, 186, 191, 211 na interpretação judaica, 92-93, 95-96, 98-99, 178 e Sarah, 94, 105, 106, 108, 109, 186, 335
Atos, 3-5, 9, 83, 227, 244, 250, 288, 296-98, 304, 306, 322-23, 328, 341
Adão, 101, 111-13, 235, 339. Veja tambémmorte: e Adão; Jesus Cristo: como o último Adão
e Eva, 35, 74, 78, 122, 124-26, 130, 154, 156, 157, 159, 176, 315
queda do, 5, 35, 36, 74, 78, 122, 125-26, 130, 155-57
e Jesus Cristo, 99, 111, 122, 123, 125, 128-32, 154, 246-47, 336 e a lei, 123-25, 130-31, 154-59, 336
pecado de, 36, 78, 111, 122-25, 128-32, 154, 157, 159, 174, 176, 336, 338 idades, dois, 4-6, 135-37, 142, 146, 160-65, 175, 176, 181, 262
idade por vir, 5-6, 19, 25, 77, 113, 118, 130, 135-37, 142, 161-64, 166, 167, 172-77, 181, 234-37, 241, 254, 260-64, 300, 328
essa idade, 5-6, 19, 77, 111, 118, 136, 137, 143, 154, 158, 161-64, 167, 172-77, 181, 234-37, 254, 260, 261, 263, 264
antinomianismo, 13, 64, 66, 67, 170, 300 anti-semitismo, 31, 63, 217-20
apocalipticismo, 52, 141, 145, 174, 218, 226, 228, 229, 315, 328
Judaico, 5, 145, 172, 173, 181, 223, 227, 228, 246, 260-61
Arminianismo, 175, 193-94, 336, 339. Veja também expiação eleitoral, 67, 77-82, 104-7, 116, 140, 142, 178-79, 181, 186, 194, 206, 300, 335
Agostinho, 1, 6-7, 71, 109, 119-21, 123-24, 152, 159, 242, 265 Augusto, 2, 12, 17, 68, 112, 162, 169, 320, 327
batismo, 59, 101, 135-36, 138, 140-41, 143, 206, 260-61, 270, 309, 333, 337 Barth, Karl, 1, 7, 57, 189, 194
bênção, 11, 18, 20, 24, 67, 85, 89, 93, 99, 130, 217, 219, 250, 290, 306. Veja também aliança: bênçãos

e maldições; nova aliança: bênçãos do corpo de Cristo, 25, 234, 240-44, 246-47
Bonhoeffer, Dietrich, 177, 188-89, 271, 283

Calvin, 71, 109, 123-24
Calvinismo, 108, 175, 193-94, 262, 336, 339. Veja também igreja eleitoral, 2-4, 9, 13, 111, 118-20, 132, 144,
146, 175, 181, 184, 187, 202, 220, 222-25, 232, 244, 247, 255, 259, 264-65, 275-76, 280, 282, 285-
87, 290-94, 309, 316-17, 337. Veja tambémcorpo de Cristo; igreja doméstica; Roma: igrejas em
cedo, 4, 25, 82, 118, 140-41, 214, 231, 242, 243, 246, 248-52, 263, 303-6, 312, 322, 333, 339, 341
moderno, 26, 67, 102, 243, 251, 257, 270, 276, 289, 294-95, 305, 307 circuncisão, 2, 10, 55, 58-62, 72, 74, 85, 93, 94, 98, 100-103, 198, 299
como sinal da aliança, 40, 48, 52, 53, 58, 59, 64, 66, 100, 101, 335
coleção para a igreja de Jerusalém, 9, 24, 26, 225, 286, 290-98, 320-23, 341 consciência, 35, 37, 46-51, 71, 185, 208, 222, 254, 257, 274, 275
Corinth, 9-10, 183, 249, 267, 290, 305, 320-25
pacto. Veja tambémIsrael: e a aliança; nova aliança
Abraâmico, 85, 88, 91, 92, 98-103, 107, 169, 187, 191, 206, 279, 281, 328, 341 apelar para testemunhas, 13-15, 141, 234-37
bênçãos e maldições, 13-15, 32, 41, 43, 58, 61-63, 65-66, 110, 111, 128, 129, 141, 168, 184-213, 229-30, 261, 274, 275, 285, 296- 301, 314-19, 334, 338 (Veja tambémbênção; maldição) Davídico, 101, 187
cláusula de documento, 13-15, 141, 284-88, 302
prólogo histórico, 13-15, 28, 31, 141, 230
marcadores, 31, 61, 72, 74-75, 85, 87, 93, 198, 334, 337
Mosaico, 15, 40, 85, 88, 90-93, 98-103, 107, 206, 281, 341 Noahic, 35, 36, 40, 101
velho, 2, 15, 52, 53, 62, 70, 73, 76-79, 84, 87-90, 92, 101, 122-25, 128, 130-32, 134, 135, 137, 150, 151, 154, 156, 158, 167-69, 174, 175, 184, 230, 236, 250, 272-77, 339
Antigo Testamento, 31, 40, 41, 52, 186, 240, 275
preâmbulo, 13-17, 22, 28, 141, 230
renovação, 15, 140, 185, 225, 235, 238, 285, 287
sinal de, 40, 48, 52, 53, 58, 59, 64, 66, 101, 335
estipulações, 13-15, 34, 35, 40-43, 52, 53, 58, 62, 64, 66, 70, 73, 76-78, 87, 88, 101, 110, 118, 123-25, 129, 130, 141, 175, 188, 205, 230, 240, 248, 250, 260, 264, 273, 288, 317
estrutura, 14-16, 28, 111, 141, 168, 202
nomismo pactual, 52-53, 55, 72, 74, 90, 334
Cruz, 2, 32, 33, 52, 57, 73, 76, 79, 114, 132, 138, 268, 296, 299, 312

A morte de Jesus Cristo no, 67, 77, 79-81, 120, 129-33, 137, 142, 152, 194, 198, 206, 297 crucificação, 2, 29, 32, 109, 121, 132, 136, 137, 220, 280, 296, 297
xingamento, 174, 176, 250, 262, 315, 338. Veja tambémaliança: bênçãos e maldições; Israel: maldições sobre

pactual, 64-75, 122-27, 273, 281, 299, 338

David, 18-19, 45, 65, 66, 94, 96, 97, 99, 101, 187, 212, 227, 281

Pergaminhos do Mar Morto. Ver Morte de Qumran, 6, 135, 137, 180-82, 200, 250, 256, 257. Veja também Jesus Cristo:

morte de; pecado: e morte

e Adam, 122-25, 128-32, 157, 336

e a lei, 122, 128-29, 132, 134, 143, 148-52, 154-58, 160-64, 167-68

Tradição deuteronômica, 130, 196, 197, 202, 205, 212, 261, 340

Deuteronômio, 14-16, 41, 43, 65, 85, 129-30, 140, 150, 187, 205-7, 212, 275, 281, 285, 304, 315-16,

334, 339

diatribe, 2, 46-48, 52, 58, 64, 342

dispensacionalismo, 90, 101, 222, 225,

339 Domiciano, 248, 253, 310, 327

doxologia, 8, 184, 228, 230, 284, 302, 326-31, 339, 341

Dunn, James, 41, 72, 74, 116, 124, 136-37, 163, 184, 198, 218, 235, 246, 250, 262, 275, 310, 334, 335,

338

eleição, 42, 108, 145, 175, 191, 193-94, 200, 225,

336 Elijah, 210-11, 213, 214, 338

Efésios, 8, 83, 144, 145, 149, 240, 243, 306, 326, 341

Éfeso, 8-9, 150, 309, 310, 324

escatologia, 4-6, 25, 36, 78, 112-13, 116, 118, 125, 135, 141, 181, 205, 247, 260-65, 274, 322, 328,

336

e a idade por vir, 77, 131, 161, 163, 234, 236, 241, 264

e conversão dos gentios, 18, 19, 25, 225, 286, 291, 341

e a missão apostólica de Paulo, 11, 22, 284-86, 329, 333

vida eterna, 6, 31, 41, 43, 54, 129, 131-32, 148-49, 151

ética, 13, 38-39, 51, 151, 235, 237, 248-53, 256, 260-65, 274, 276, 337

Véspera. Ver Adão: e Eva no exílio, 30, 52, 64, 73, 76, 130, 185, 197, 207, 210-15, 225, 228, 315, 336

Babilônico, 11, 28, 29, 42-43, 49, 54, 55, 82, 186, 213

como julgamento, 34-36, 42-43, 79, 205,

212, 229

Ocupação romana como, 42-43, 54-55, 212,

334 êxodo, 28, 30, 55, 82, 192

fé, 20, 23, 94-97, 104-9, 114, 122, 138-39, 146, 152, 175, 180, 194, 241-44, 266-69, 272-76, 279-

81, 330, 337, 340

e a aliança, 52-53, 55, 72, 85, 87, 90, 92-93, 101, 188, 317

dos gentios, 26, 48-49, 58-59, 61, 62, 90, 99, 193, 196, 197, 202, 207, 219, 224, 329

em Jesus Cristo, 2-4, 6, 10, 11, 13, 15, 23, 26, 29, 31-32, 34, 48-50, 58-62, 73, 76-79, 85-86, 89, 90, 99- 103, 109-12, 129, 131, 137, 188, 193, 196-99, 202, 206, 207, 219, 222, 229, 230, 261, 273, 274, 284, 299-300, 315, 339

de judeus, 5, 11, 12, 102, 201, 219, 222
e justificativa, 4, 6, 26, 28, 31-32, 43-44, 50, 60, 75, 81, 84-101, 103-5, 107, 110, 112, 143, 149, 170, 196-97, 270, 275, 288, 300, 329, 335
e a lei, 55, 59-60, 86, 90-91, 98, 188, 196-201, 206, 261, 335
e a nova aliança, 61, 73, 76-78, 84, 87-89, 92, 107, 110, 112, 137, 230, 273, 284
e obediência, 19, 21-27, 105, 129, 150-51, 199-200, 207, 217, 329, 334
e retidão, 7, 11, 30-31, 34, 50, 67, 72, 76, 95, 100-102, 109, 110, 131, 185, 196-99, 204-9, 338
e salvação, 4, 13, 26, 31, 32, 62, 78-80, 88, 90, 102, 108, 132, 199, 229, 263, 281, 299, 315, 334
e funciona, 44, 93, 96, 100, 102, 104-5, 107-8, 149, 151, 188, 197, 219, 300, 335 carne, 6, 7, 60, 63, 111, 185, 187, 263, 316
e a lei, 71, 167-68, 170, 260-61
pecaminoso, 19, 162, 164, 168, 261, 265
vs. Espírito, 18-19, 145, 162, 167-68
Gálatas, 3, 4, 74, 79, 125, 131, 149, 167, 199, 279, 312
Gênese, 18, 36, 59, 92-96, 99-102, 105, 109, 122, 130, 154, 156-57, 179, 212, 227, 315, 335, 336, 338 Gentios, 34-39, 46-51, 75, 98, 118, 140, 184, 201, 275, 304, 309-10, 314, 317, 322, 323. Veja também
coleta para a igreja de Jerusalém; obediência de fé; pecado: dos gentios
Cristão, 10, 12, 13, 15, 19, 20, 24, 48, 49, 55, 58-63, 100-103, 150, 166, 168-69, 196, 197, 200, 205, 216, 219, 224, 230, 267, 268, 279, 281-83, 285, 290-92, 296, 297, 312, 321
Conversão de, 2, 11, 13, 15-19, 22, 23, 25, 28-31, 34, 55, 61, 76, 78, 99, 102, 150, 200, 207, 210, 214, 216-18, 220, 222, 223, 225, 226, 230, 280, 281, 285-88, 291, 326-28, 334
bênçãos da aliança e, 166, 185, 188, 190-97, 200, 204, 205, 207, 230, 296
plenitude de, 22, 222-24, 286, 288, 291, 293, 327
Temente a Deus, 10, 59, 140, 155, 297, 340
e judeus, 2, 11, 16, 18, 20, 25, 26, 28, 29, 35, 40, 41, 43, 44, 46, 48, 52, 54, 55, 60, 64-66, 70-73, 86- 88, 90, 92, 93, 99-102, 191-93, 198-200, 202, 207, 215, 216, 218-26, 229, 250-51, 267, 268, 278-83, 292, 294, 297, 299, 312, 321, 326, 329, 339
julgamento sobre, 37, 40, 41, 46, 48, 190-93
e a lei, 10, 34-36, 40, 46-50, 54, 62, 70, 73, 80, 90, 131, 202, 297
misericórdia, 190-93, 216, 217, 222, 223, 226, 229, 237
obediência de, 8, 22-27, 60, 61, 90, 150-51, 207, 217, 285, 286, 288, 329, 330, 334
e restauração de Israel, 11, 19, 58-63, 77-79, 168, 193, 207, 218, 225, 280, 339

salvação de, 13, 26, 28, 62, 90, 92, 102, 197-98, 217, 218, 227, 281
Gezerah Shawah, 92, 93, 95, 96, 100
Deus. Veja tambémgraça; amor; Misericórdia; revelação; justiça: de Deus; sabedoria: de Deus
justiça de, 43, 64, 66, 78-80, 190-93, 217, 219, 226, 229
fidelidade de, 15-16, 30-31, 41, 48, 64-69, 72, 79, 111, 116, 118, 141, 184, 211, 216, 279-81

presciência de, 173, 175, 181, 194, 200
glória de, 78, 104, 105, 107, 110-13, 145, 173, 187, 230, 231, 241, 286 bondade de, 39, 44, 45, 66, 158
santidade de, 38, 50, 66, 76, 80
imparcialidade de, 40-41, 43, 44, 46, 48
julgamento de, 38, 40-43, 48, 73, 76-78, 192, 251, 261, 275, 341 (Veja tambémGentios: julgamento sobre; Israel: julgamento sobre; dia do julgamento)
justiça de, 20, 36, 37, 66, 79, 192, 251
desligar, 11, 28-31, 35, 77, 105, 211
ira de, 20, 34, 36-43, 48, 76, 77, 81-83, 101, 119, 190-94, 229, 338, 340
Evangelho, 26, 28-34, 50, 56, 125, 149, 216, 251, 264, 268, 305, 311, 314, 316-18, 323-24, 339
e fé, 31, 34, 43-44, 107-8, 204, 339
e os gentios, 24, 29, 204-5, 207, 290, 292, 293, 330
de Jesus Cristo, 2, 6, 16-21, 25, 28, 29, 73, 102, 107, 207, 208, 230, 326-29 e os judeus, 16, 29, 60, 73, 204-5, 207, 217, 225-27, 250, 293, 299, 329 e a lei, 73, 86-87, 91, 131, 157, 226, 297-99
e o Velho Testamento, 2-3, 11, 13, 16-20, 23, 30, 34, 85, 93, 102, 315, 326-29
e Paul, 2, 6, 12, 13, 16, 17, 22, 23, 25, 28-29, 32, 43, 67, 261, 287-88, 291-92, 321, 323, 329 pregação de, 2, 16, 22, 23, 25, 28-29, 32, 199, 208, 243, 248, 250, 265, 287, 289, 291, 309-10, 312, 320, 323, 329
escopo de, 20, 22, 25, 207, 220, 291, 323, 329
graça, 16, 19, 26, 44, 82, 94-97, 103, 105, 108, 145, 185, 189, 194, 210, 215, 217,

graça (contínuo) 231-32, 283-84, 287, 288, 329
comum, 47, 50, 71, 73
e a aliança, 74, 85, 102, 112, 132, 134, 206, 222 como um presente de Deus, 129, 130, 149, 241-43
evangelho de, 12, 20, 73, 91, 102
e Jesus Cristo, 12-13, 20, 63, 73, 102, 131, 132, 148-50, 231
e a lei, 67, 74, 90, 91, 130, 131, 135, 136, 143, 148, 149, 154, 317 e retidão, 92, 128-32, 143, 148-52
e funciona, 63, 72, 91, 107, 211
Habacuque, 11, 28, 30, 31, 205, 328
hesed, 111, 116, 118, 279, 281
Regras de interpretação de Hillel, 92, 93, 95, 116. Veja também Gezerah Shawah; qal wahomer
santidade, 18-20, 38, 50, 66, 76, 80, 103, 149-52, 156, 164, 218, 287, 288, 312, 317. Veja também santificação Holocausto, o, 126-27, 172, 174, 177, 182-83, 188-89, 200-201, 219-21, 249, 294

Espírito Santo, 19, 144-45, 160, 166-68, 185, 187-88, 207, 249, 263, 289, 328
presentes de, 23, 234, 240-46, 270
orientação de, 139, 175, 177, 237
habitação de, 6, 48-49, 58-59, 61, 62, 86, 111, 116, 118, 145, 151, 164, 167, 168, 170, 174, 187, 264, 301
intercessão de, 172-76, 179
e a lei, 58, 60-61, 162, 168
e a nova aliança, 59, 61, 111, 154, 156, 158, 166-77, 235, 273-75, 281
desligar, 60, 61, 67, 153, 163, 164, 167, 238, 262, 264, 281, 287-88
e a Trindade, 117-21, 298, 322
homossexualidade, 37-39, 270
ter esperança, 95-96, 106, 130, 158, 167, 172, 207, 213, 249, 261
escatológico, 78, 168, 169, 174, 181
e a nova aliança, 59, 110-16, 122, 278-81, 299
igreja doméstica, 10, 155, 282, 309-10, 342
idolatria, 28, 29, 35-37, 41-43, 52, 54-56, 125, 159, 185, 186, 252, 266, 267, 275 Illyricum, 22-23, 287, 288, 291
inclusio, 8, 16, 19, 22, 52, 54, 106, 113, 128, 129, 134, 143, 148, 149, 151, 172, 176, 178, 204, 248, 262, 284, 285, 326, 336
Isaac, 105, 186, 187, 191, 194
sacrifício de, 93, 94, 178, 179
Isaías, livro de, 3, 17, 54, 70, 72-73, 179, 186, 193, 197, 205, 212, 225, 226, 228-29, 261, 269, 281, 286-88, 291, 338, 341. Veja também Servo Sofredor
restauração de Israel em, 11, 16, 18, 28, 30, 207, 278, 334
Israel, 13, 89, 100, 111, 125, 131, 136, 157, 170, 232, 251, 294. Veja tambémexílio; êxodo; Gentios: e Judeus; Judeus; Messias: rejeição de; pecado: de Israel
antigo, 14, 28, 53, 65, 67, 79, 116, 118, 125, 129, 188, 275
benção, 11, 18, 85, 129, 130, 184-91, 212, 219
conversão ao Messias, 25, 210, 212, 215-18, 220, 223-26, 291, 293, 329
e a aliança, 15, 35, 42, 52-53, 55, 58-60, 63-66, 72-73, 75, 78, 79, 87, 93, 107, 111, 118, 184-89, 205, 212, 213, 219, 235, 238, 240, 278-81, 285, 287, 304, 315, 317, 339
maldições, 61, 62, 64-70, 129, 141, 184-97, 202, 204, 210, 212, 229-30, 296, 299, 315
desobediência de, 15, 52, 53, 55, 60, 129, 157, 202, 204, 212, 214, 229
A fidelidade de Deus para, 30, 41, 65, 66, 79, 118, 184, 211, 216, 279, 281
dureza de coração, 41, 211-12, 222-24
espero que, 43, 99, 102, 168, 214

idolatria de, 35-37, 41-43, 54, 55, 125, 157,
275 ciúme de, 200, 216-18, 220, 231, 291
julgamento sobre, 34-36, 40-43, 46, 48, 49, 58, 66, 80, 190-93, 205, 212, 229, 261, 275, 338, 339

terra de, 2, 99, 101, 202, 297, 329
e a lei, 26, 34, 35, 40, 43-44, 47, 48, 50, 52-55, 58-59, 62, 64-66, 70, 72, 73, 80, 86-88, 90, 101, 107, 111, 125, 129-30, 137, 155, 157-58, 163, 188, 196-98, 202, 206, 212, 214, 228, 229, 240, 317, 334, 337, 338
misericórdia, 190-92, 216-17, 219, 222-23, 226, 227, 229, 235, 237
como povo de Deus, 20, 58, 60, 63, 73, 111, 175, 181, 185, 187, 193, 194, 219, 220, 225, 337, 339 promete, 18, 31, 48, 62, 65, 66, 111, 150, 181, 184, 187, 190-91, 207, 214
e os profetas, 28-29, 41, 42, 54, 63, 205, 212, 213, 240
relacionamento com Deus, 15, 28, 31, 53, 58, 59, 175, 186, 216-17, 226
arrependimento de, 29, 66, 111, 193, 202, 205, 229, 261, 338
restauração de, 11, 15-19, 22-23, 25, 28-31, 34, 58-63, 66, 76-82, 98-99, 102, 111, 150, 166, 168-69, 174, 184-86, 193, 200, 207, 210, 212, 217, 218, 222, 223, 225, 226, 230, 261, 275, 278-81, 291, 327, 329-30, 334, 339

salvação de, 15, 26, 28-30, 62, 79, 90, 118, 193, 198-99, 218, 220, 224-25, 261, 326, 339 como filho de Deus, 19, 166, 168, 175, 181, 187, 193
espiritual, 190-91, 193, 210-16, 224-25
historia de, 11, 28-30, 34-46, 48, 49, 52-57, 61, 66, 92-97, 99, 111, 157, 261, 280, 317, 333, 336 descrença de, 15, 48, 58-63, 80, 184, 199-200, 205, 216-17, 219, 220, 225, 297-99

Jerusalém, 2, 10, 20, 23, 41, 73, 136, 138, 143, 206, 220, 221, 224, 255, 287-88, 339. Veja também coleção
para a igreja de Jerusalém
igreja em, 296-99, 320-21
destruição de, 42, 185-86, 223
Cristãos Judeus em, 24, 290-93, 296-97, 321
peregrinação de gentios para, 11, 223, 225, 286, 291, 328-29

Jesus Cristo. Veja tambémcrucificação; Messias; ressurreição: de Jesus Cristo
obra expiatória de, 67, 77-80, 104-7, 140, 142, 178-79, 181, 186, 194, 206, 300
morte de, 5, 20, 28, 32, 56, 67, 76-83, 104-7, 109, 111, 116-20, 129-38, 140-43, 148, 152, 165, 167, 169, 172, 181, 186, 194, 198, 206, 208, 265, 280-81, 297, 322, 328, 337
primeira vinda de, 6, 25, 36, 61, 166, 176, 199, 263, 265, 334
histórico, 18, 109, 140, 312, 339
como o último Adam, 122, 123, 125, 128, 129, 131, 132, 134, 236, 242, 336 (Veja também Adão: e Jesus Cristo)
ressuscitado, 2, 18, 19, 153, 157, 310
sacrifício de, 76-80, 116, 118-19, 153, 167, 171, 178-79, 235, 278-80, 282 como Salvador, 20, 25, 38, 96, 187, 194, 220, 238
segunda vinda de, 6, 17, 25, 26, 137, 142, 170, 173, 174, 176, 218, 225, 226, 229, 263-65, 270, 290, 293, 328-29 (Veja também parusia)
como filho de Deus, 15, 18-19, 38, 108, 117, 119-20, 153, 167, 175, 179, 182, 231-32 união com, 111, 134-38, 142-45, 148, 154-56, 158, 168
Jewett, Robert, 22-25, 130, 150, 151, 287, 291, 297, 299, 302, 308-10, 312, 314, 323, 333 Cristãos Judeus, 100-102, 135-36, 191, 196, 294, 310-12, 322, 335
em Jerusalém, 24, 290-93, 296-97, 321
como o remanescente, 78, 211, 214, 224, 225
em Roma, 10, 12-13, 19, 24, 34, 37, 47, 67, 87, 219, 250-51, 280, 311
unidade com os cristãos gentios, 10, 12, 20, 24-26, 103, 219, 224, 225, 250-51, 279, 282-83, 291-92, 312, 321, 323, 330, 339
fraco na fé, 10, 267-68, 279-82, 342
Judeus, 11, 28-29, 41, 44, 47, 54-56, 60-62, 70, 77, 79, 92, 98, 99, 105, 140, 180, 185, 211, 255, 280, 288, 292, 317, 335, 340. Veja tambémanti-semitismo; Holocausto, o; Israel; Roma: judeus em
gabando-se de, 52-53, 55, 84-85, 334
desobediência à Torá, 34, 40, 46, 48, 49, 59, 60, 62, 72, 73, 296 e o evangelho, 16, 29, 73, 204-5, 207, 217, 250, 293, 329
nome significa "elogio", 53, 55, 61, 63
nacionalismo de, 55, 60, 86, 93, 101, 103, 198, 202
não cristão, 10, 48-49, 55, 58-63, 80, 188, 196, 197, 200, 219, 220, 296-99
remanescente de, 78, 185, 190-93, 195, 197, 205, 210-14, 216, 218, 223-25, 232, 286, 339 Judaizantes, 4, 90, 131, 150, 261, 263, 268, 297, 299, 314-17, 342
dia do julgamento, 40-41, 44, 46, 49-51, 61-63, 84, 86, 89, 119, 170, 261, 268, 275
justiça, 95, 182, 195. Veja também Deus: justiça de
social, 41-43, 240, 257, 264

justificação, 20, 31, 49-50, 58, 72, 76, 79, 81, 82, 105, 107-9, 110, 112-14, 116-17, 119, 129, 131,
132, 170, 173, 175, 178-83, 206, 336. Veja também fé: e justificação
como bênção da aliança, 166-67, 169, 178, 198, 234,
237 Fim do tempo, 6, 71-72, 89, 166, 336
pela fé, 4, 6, 26, 28, 50, 75, 84-93, 97-101, 103-5, 110, 112, 143, 149, 270, 288,
329 e a lei, 47, 50, 196, 211
e santificação, 21, 26, 134-35, 138, 139, 143, 234, 237, 238, 275, 337 e
funciona, 4, 70-71, 92-94, 104, 149, 151, 158, 197

Reino de Deus, 2, 5, 6, 25, 101, 118, 130, 145, 163, 164, 223, 237, 263-65, 272-74, 276, 293, 296 lei. Veja tambémlei de Moisés; obras da lei
natural, 34-37, 40, 46-51, 61, 70, 73
Noahic, 35-37, 40, 47, 48, 59, 61, 70, 73, 90, 140, 297,
334 Antigo Testamento, 17, 80, 164, 260-61, 264
lei de Moisés, 10, 37, 47, 50, 52-53, 71, 73-75, 80, 84-88, 98, 101, 137, 141, 154, 154, 155, 158, 229, 267-
68, 296, 334, 335, 337, 340
e a aliança, 31, 35, 53, 62, 78, 87-88, 123-25, 230, 240
desobediência a, 48, 58, 59, 99, 102, 125, 161, 202
e fé em Cristo, 2, 15, 34, 73, 77-79, 85, 88, 110, 197-98, 230, 299
obediência a, 4, 11, 26, 31, 35, 49, 86, 125, 170, 197, 205, 299, 316
e pecado, 55, 87, 99, 102, 123-25, 129, 148-49, 151, 157, 162, 163
letras, antigas, 7-8, 13, 16-17, 248, 293, 302-5, 321-22. Veja também Paul: cartas de Lewis, CS, 39, 51,
69, 75, 81, 89, 109, 201, 215, 238-39, 245, 277
amor, 2, 56, 187, 221, 225, 241
para Deus, 20, 118, 167, 175, 248-49, 251-52, 264
de Deus, 20, 37, 38, 67, 77, 81, 111, 114, 116-20, 178-80, 182-83, 191, 300 (Veja também hesed) de Jesus Cristo, 178-83, 260-64, 274
e a nova aliança, 110-11, 116-22, 248-53, 260-62, 264, 272, 274, 276
para os outros, 167, 248-52, 254, 260, 262, 264, 266, 270, 272-74, 288,
307 e a Trindade, 116-21, 298, 300

Luther, Martin, 1, 7, 26, 32, 33, 56, 71, 76, 91, 102, 103, 121, 152, 164,
277 Macedônia, 9, 287, 288, 290, 292, 293, 320, 321
Marcion, 7, 20, 56, 77, 81
mē genoito, 65, 66, 136, 150, 156, 191
Misericórdia, 26, 36, 76, 151, 182, 185, 243-44, 278, 279, 281
de Deus, 7, 42-44, 56, 190-95, 206, 216-17, 222-27, 229, 231,
234-38 e ira, 190-92, 194, 229
Messias, 19, 25, 31, 187-88, 200, 214, 218, 232, 281, 296,
338
vindo de, 5, 59, 130, 174, 181, 242, 315

Jesus como, 10, 20, 40, 42, 46, 52, 56, 60, 61, 107, 164, 186, 187, 210, 216-17, 220, 223, 225, 230, 231, 291, 315, 322, 329, 339
rejeição de, 46, 186, 192, 198, 199, 207, 210-13, 216, 217, 223, 225, 226, 230, 339 missões, 67, 208-9, 234, 243, 250, 293, 294, 305, 307, 310, 323-25
Moo, Douglas, 12, 37, 65, 72, 73, 123, 235, 262, 266, 267, 272, 281-82, 286, 310, 333-36, 338, 340, 341
Moisés, 2, 18, 32, 124-25, 157, 186, 191, 192, 194, 206, 212, 235, 281, 285, 297, 315. Veja também
aliança: Mosaico; lei do mistério de Moisés, 217, 228, 326, 328, 329
de Deus, 25, 222-27, 232
religiões de mistério, 5, 135, 140-41, 223, 246, 313, 319, 333, 340 Nero, 3, 112, 113, 224, 248-49, 255, 258, 327
nova aliança, 16, 30, 49, 62, 73, 76-78, 84-85, 87-89, 92-93, 101, 102, 107, 108, 272, 278-89, 326, 330, 337, 341
bênçãos de, 110-22, 128-39, 142-48, 166-72, 178, 181, 186-88, 200, 207, 234, 273, 275, 276, 278, 279, 281, 293, 299, 315
comunidade de, 240-45, 287, 328
ética de, 235, 237, 248-53, 261, 262, 274, 276
e a velha aliança, 15, 77-79, 84, 88, 89, 128, 135, 137, 150, 151, 156, 158, 174, 276, 339
participantes em, 48, 55, 58-60, 63, 140, 175, 184, 260, 280
e a restauração de Israel, 61, 77, 166, 174, 225, 275, 278, 279
estipulação de, 73, 76-78, 88, 110, 230, 248, 250, 260, 264, 288 termos de, 141, 235, 237, 328
testemunhas de, 234-39
nova criação, 111, 173-76, 223
nova humanidade, 111, 122-23, 125, 128-133, 247, 337
Nova Perspectiva sobre Paulo, 1, 55, 60, 72, 75, 84, 87, 90-91, 93, 101, 107, 163, 262, 333-35, 337
Noé. Veraliança: Noahic; lei: obediência da fé noéica, 19, 21-27, 150-51, 199, 200, 207, 217, 329, 334
Antigo Testamento. Veja tambémaliança: Antigo Testamento; evangelho: e o Antigo Testamento; profetas, antigos Testamento; sacrifício: Antigo Testamento
como as Escrituras Judaicas, 17, 56, 91-93, 280, 328, 329
Lei, Profetas, Escritos, 17, 18, 76-77, 95, 211-12, 281, 328, 335
dupla promessa em, 16-19, 22-23, 25, 28, 29
parusia, 25, 142, 173, 176, 218, 225, 229, 234, 235, 259, 263, 265, 285, 288, 291, 293, 315, 316, 327, 329
Epístolas Pastorais, 3, 306, 314, 324, 326
patriarcas, 93, 100, 186-88, 216, 218-19, 225, 278-80 Paulo. Veja também Nova Perspectiva sobre Paulo
como vidente apocalíptico, 228-29, 328

como apóstolo dos gentios, 1, 2, 11, 16, 17, 19, 20, 24, 25, 37, 38, 58, 100, 185, 218, 219, 241, 284-89, 291, 310, 326, 329
chamada de, 2, 18, 19, 22, 284, 287, 288
Conversão de, 2, 18, 19, 63, 73, 160, 202 morte de, 3-4, 8, 68, 258, 314, 326
encontro com Jesus ressuscitado, 2, 18, 19, 157, 310, 333
Herança judaica de, 1-2, 5, 12-13, 20, 168, 185-86, 202, 211, 214, 215, 268, 286, 322
cartas de, 3-4, 7, 9-10, 13, 16-17, 20, 62, 79, 81, 83, 90, 137, 202, 224, 231, 240, 249, 250, 284, 285, 288, 291, 296, 304, 308, 314, 326, 335, 337
viagens missionárias de, 8-9, 27, 287-88, 290, 292, 322, 324
missão para a Espanha, 3, 11-12, 17, 22, 24-25, 288, 290-95, 302-3, 305, 320-21, 323, 324, 327, 329, 333

como um rabino, 2, 93, 95, 160, 202
viagens de, 2-3, 10, 22, 24, 28, 284-85, 290-92, 296-99, 320-21, 323 julgamentos e cativeiro de, 3, 179, 297, 310, 324
Paz, 5, 16, 43, 103, 167, 177, 251, 275, 284, 294, 296-99, 315-17
Com Deus, 1, 7, 20, 80, 110-14, 274, 299, 329
e a nova aliança, 110-16, 122, 273-75, 278-79, 281, 299, 317 de Roma (pax romana), 2, 17, 112
Peter, 1, 3, 4, 10, 257-59, 288
Filipenses, 2, 4, 63, 198, 199, 249, 304, 306, 338, 342
Febe, 9, 285, 302-8, 321-23
Pilgrim's Progress, The, 57, 121, 139, 171, 270
predestinação, 173, 175, 194. Veja tambémeleição; Deus: presciência dos profetas, Antigo Testamento, 3, 18, 28-29, 40-42, 54, 63, 98-100, 108, 166, 167, 174,

profetas (contínuo) 193, 202, 205, 212-13, 222, 226, 232, 240, 278, 280, 281, 283, 287, 328-29, 335 Salmos, 65-66, 70, 72, 73, 92, 95-96, 99-100, 102, 179, 180, 212, 279, 281, 339
qal wahomer, 73, 93, 95, 116, 119, 129-31, 179, 217-19
Qumran, 135, 140, 202, 227, 262-63, 337
e a aliança, 112, 141, 205, 275, 285, 328
judaísmo rabínico, 55, 92-93, 95, 99, 100, 116, 135, 137, 140, 150, 155, 157, 228, 246 remanescente. Ver Judeus: remanescente da ressurreição, 166-69, 218, 300
dos crentes, 111, 114, 137, 142, 168, 170, 173-74, 176, 181 de Israel, 19, 111, 168, 181
de Jesus Cristo, 5, 18-19, 28, 32, 104-9, 118, 132, 134, 136-38, 141-45, 148, 153, 156, 168, 169, 172, 181, 206, 208, 231, 265, 281, 322, 328, 336, 337

revelação, 32, 36, 46, 49, 65-66, 73, 81, 172, 214, 231-32, 243, 328-29
natural, 37-38, 47, 207, 208
especial, 47, 48, 72, 208
justiça, 5, 6, 74, 76-81, 83, 94-96, 100-102, 107, 109, 112-13, 130, 134, 139, 145, 146, 148-53, 156, 174, 196-99, 204-9, 263, 273-75, 318. Veja também fé: e justiça
de Deus, 7, 11, 26, 28, 30-32, 34, 56, 66, 67, 72, 73, 76-80, 86-88, 96, 102, 131, 197-99, 205, 206
de Jesus Cristo, 50, 67, 96, 129, 137, 168, 274-75 e a lei, 196-97, 199, 205, 206, 267, 338 e vida, 128-29, 131, 132, 143, 148-52, 156 e funciona, 1, 101, 158, 198, 199
Cristãos Romanos, 7, 9, 10, 23-25, 150-51, 248, 255, 256, 266, 285, 287, 296, 298, 299, 305, 308-9, 312, 314-19, 329, 337. Veja tambémRoma: Cristãos gentios em; Roma: Cristãos Judeus em
O desafio ético de Paul para, 234, 236, 260, 292, 327
Saudações de Paulo para, 16, 302, 308, 310, 320-25
e apoio para o ministério de Paulo, 11-12, 17, 22, 26, 303, 327, 341 fraco e forte, 267-69, 272, 278-80, 291
Império Romano, 1-2, 12, 17, 22, 29, 32, 112, 149-50, 202, 207, 248, 255, 258, 287, 297-98, 313, 320-22, 327, 329
Roma, 47, 112, 113, 152, 179, 197, 236, 253, 256, 261, 267, 282, 298, 311, 316
igrejas em, 7, 10-13, 19, 20, 59, 254, 255, 258, 266, 270, 272, 285, 299, 305, 308-14, 322, 326-27
destino dos romanos, 1, 8, 9, 16, 20, 285, 303, 327
Cristãos gentios em, 10, 12, 13, 20, 23, 24, 59, 219, 280-83, 285, 292
Cristãos Judeus em, 10, 12-13, 19, 24, 34, 37, 47, 67, 87, 219, 250-51, 280, 311 Judeus em, 9, 10, 180, 310, 311
A visita de Paul a, 8, 10-12, 24, 28, 285, 291-93, 305, 320-21, 323, 324 sacrifício, 5, 94, 234-40, 248, 254, 255, 268, 273
de Jesus Cristo, 76-80, 116, 118-19, 153, 167, 171, 178-79, 235, 278-80, 282 Antigo Testamento, 76, 77, 79, 82-83, 116, 167, 235-36, 285-87, 294
salvação, 7, 11, 21, 28-32, 53, 118, 135, 141, 151-52, 173, 179, 186, 193-94, 197-99, 204-8, 220, 226, 261-63, 274, 336, 339, 342
pela fé, 4, 13, 31, 32, 90, 102, 108, 199, 281, 299, 315
O plano de Deus de, 56, 88, 213, 228-33, 326, 329
pela graça, 80, 96-97, 107, 211-14
e a lei, 17, 32, 77, 80, 101, 317
e funciona, 55, 88-91, 96-97, 101, 206, 315

história da salvação, 28, 56, 164, 190, 191, 226, 228-32, 237, 286, 339 santificação, 96, 149, 151-52, 235, 337

e justificativa, 21, 26, 134-35, 138-39, 143, 234, 237, 238, 275
Sanders, EP, 55, 72, 74, 334
Sarah. Ver Abraham: e Sarah Schreiner, Thomas, 28, 82, 150, 181, 198, 199, 281, 302, 303, 310, 333,
336, 337
segunda vinda. VerJesus Cristo: segunda vinda de; parousia Judaísmo do Segundo Templo, 41-42, 61, 71, 72,
74-76, 92, 93, 98, 99, 112, 122, 124, 130, 157, 166, 169, 196, 204, 272, 275, 296, 317, 329
literatura de, 5, 19, 36, 52, 84, 282, 333
pecado, 5-6, 37-38, 51, 54-55, 57, 73, 77, 82-83, 95-96, 125-26, 134-39, 142-43, 145, 146, 154, 178, 181,
185-86, 194, 264, 275
e morte, 122-23, 128, 132, 134, 135, 143, 148-52, 156, 157, 160, 162-64, 167-68,
337 e exílio, 42, 54, 58, 61-62, 65-66, 99, 111, 150, 193, 261, 280, 317, 336
perdão de, 79, 81, 96, 99-100, 150
dos gentios, 35, 41, 43-49, 79, 226
e graça, 13, 64, 66, 131, 134-35, 149-51, 300, 337
de Israel, 11, 28, 34-35, 40-44, 49, 54-56, 61-62, 65-66, 70-71, 79, 81, 82, 98-99, 111,
116, 123, 131, 150, 186, 193, 205, 217-18, 226, 235, 240, 261, 280, 317, 338
Jesus Cristo morreu por, 20, 32, 82, 104, 107, 116-20, 137, 142, 152-53, 165, 167
e julgamento, 34, 36, 42, 50, 66-67
e a lei, 32, 49, 55-56, 70-71, 73-74, 87, 102, 122-25, 128-29, 132, 134, 143, 148-49,
151-52, 156, 160-64, 167- 68, 199, 226, 261, 296
desligar, 71-72, 75, 136, 161, 163
e retidão, 143, 148, 150, 151
natureza pecaminosa, 56, 74, 123-24, 129, 158, 160-62, 167,
168, 261, 265 escravidão, 18, 24, 78, 148-51, 164, 252, 270,
308-13, 323
para a lei, 62, 149, 154-60
para o pecado, 70, 111, 134, 135, 149-51,
160, 164 soberania, divina, 108, 190-95, 200,
212
Espanha, 3, 11-12, 17, 22-25, 53, 287-88, 290-95, 302-7, 320-21, 323-24, 327, 329, 333, 341. Veja também
Paulo: missão aos dons espirituais na Espanha. Ver Espírito Santo: dons do estoicismo, 2, 35-37, 47, 52, 181, 229, 246,
339
Sofrimento, 107, 110-14, 174-75, 180, 296
e glória, 112, 166, 172-76, 181
de Jesus Cristo, 32, 116, 165, 169, 173
Servo Sofredor, 17-18, 107, 131, 207, 287, 288, 296
sinagoga, 10, 59, 71, 88, 135-36, 155, 197, 297, 306
têmpora, 13, 14, 53, 55, 111, 286

Jerusalém, 5, 54, 56, 60, 71, 167, 186-88, 201, 218, 224, 255, 257, 285, 311 pagão, 9, 54, 62, 112, 231, 236, 266, 327
Dez Mandamentos, 15, 55, 57, 67, 262

Torá. Ver lei de Moisés depravação total da humanidade, 70-73, 152, 194 Trajano, 12, 144, 253, 267
Tradição de “duas vias”, 15, 43, 129, 248-49, 315-16 sabedoria, 228, 243, 248, 339
de Deus, 32, 204-6, 210, 228-32, 242
e a lei, 54, 198, 204, 206, 229, 231
pré-existente, 206, 228, 229, 231
obras da lei, 4, 6, 11, 55, 61, 63, 70-72, 74-75, 84-86, 90-91, 99-101, 149, 151, 197, 230, 300, 315, 334
Wright, NT, 72, 75, 333, 334, 336

AN ESSENTIAL COMMENTARY FOR PASTORS

The Teach the Text Commentary Series gives pastors the best of biblical scholarship and presents the information needed to move seamlessly from the meaning of the text to its effective communication. By keeping the discussion in each carefully selected preaching unit to six pages of focused commentary, the volumes allow pastors to quickly grasp the most important information. Each unit of the commentary includes the big idea and key themes of the passage; sections dedicated to understanding, teaching, and illustrating the text; and full-color illustrations, maps, and photos.

C. Marvin Pate's volume on the book of Romans will inform and inspire pastors to make Paul's vital message to the Christians in Rome both understandable in its context and applicable to our lives today.

"Few commentaries help the reader move beyond study to thoughtful application, and fewer still move beyond application to teaching. That's why I am thrilled with the Teach the Text Commentary Series from Baker. Pastors and teachers are going to love this series. I highly recommend it."

—**GEORGE H. GUTHRIE**, Benjamin W. Perry Professor of Bible, Union University, Jackson, TN

"Teach the Text is the kind of commentary I have looked for for a long time. It deals with the kinds of questions that busy pastors have to ask and answer in order to preach the Scriptures every week. I commend it to those of you who are in that kind of ministry."

—**HADDON ROBINSON**, Harold John Ockenga Professor of Preaching, Gordon-Conwell Theological Seminary

"Pastors, communicators, and fellow Bible teachers, shove some books over and make room on your shelves. The Teach the Text Commentary Series was specifically envisioned with us in the lens and emphasizes precisely what matters most: communicating the heart of the authoritative text itself. Here is the best of biblical scholarship made accessible, applicable, and relevant to life right here on the hot pavement where we need it most."

—**BETH MOORE**, author and teacher

C. Marvin Pate (PhD, Marquette University) is chair of the department of Christian theology and Elma Cobb Professor of Christian Theology at Ouachita Baptist University and pastor of DeGray Baptist Church. He is the author, coauthor, or editor of many books, including *The Writings of John*, *The Story of Israel*, and *The End of the Age Has Come: A Theology of Paul*.

Cover design: LUCAS Art & Design
Cover image of ancient theater in Ephesus © Carsten Gierer/Design Pics/Corbis

BakerBooks
a division of Baker Publishing Group